

BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN FOLLETT

O MESTRE DO *THRILLER* ROMÂNTICO
DAILY TELEGRAPH

NOITE SOBRE AS ÁGUAS



 EDITORIAL PRESENÇA



BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN FOLLETT

O MESTRE DO *THRILLER* ROMÂNTICO
DAILY TELEGRAPH

NOITE SOBRE AS ÁGUAS



 EDITORIAL PRESENÇA

KEN
FOLLETT

NOITE SOBRE
AS ÁGUAS

Tradução de
Isabel Nunes e Helena Sobral

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Night over Water*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1991 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Arcangel*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

4.^a edição em papel, Lisboa, março, 2018

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

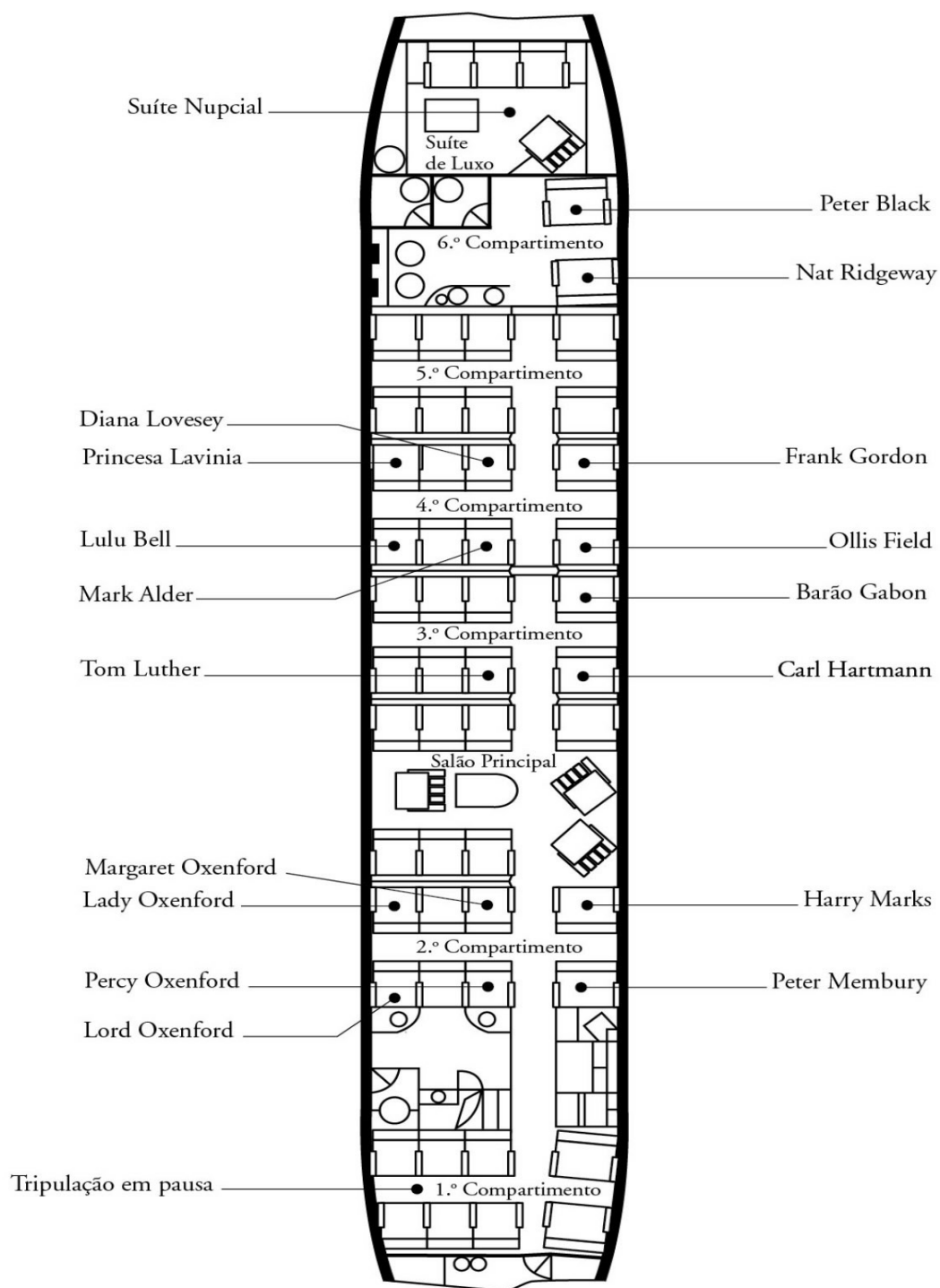
info@presenca.pt

www.presenca.pt

À minha irmã Hannah, com amor

PLANTA DO DEQUE DE PASSAGEIROS

CLASSE DE LUXO DAS LINHAS AÉREAS DA PAN AMERICAN



NOTA DO AUTOR

O primeiro serviço aéreo de passageiros entre os EUA e a Europa foi iniciado pela Pan American no verão de 1939. Durou apenas algumas semanas, pois o serviço foi limitado quando Hitler invadiu a Polónia.

Este romance é a história de um último voo imaginário que se realizou alguns dias depois de ter sido declarada a Segunda Guerra Mundial. O voo, os passageiros e a tripulação são todos personagens de ficção. O avião, porém, é real.



PARTE UM

Inglaterra

CAPÍTULO UM

Era o avião mais romântico jamais construído.

Às doze e trinta do dia em que a guerra foi declarada, de pé na doca de Southampton, Tom Luther perscrutava o céu, à espera do avião, o coração cheio de ânsia e de temor. Sem cessar, cantarolava baixinho uns compassos de Beethoven: o primeiro andamento do concerto do *Imperador*, uma melodia estimulante e apropriadamente bélica.

Cercava-o uma multidão de mirones: entusiastas da aviação com binóculos, rapazinhos e curiosos. Luther calculava que aquela devia ser a nona vez que o hidroavião da Pan American amarava no estuário de Southampton, mas a novidade mantinha-se. O avião era tão fascinante, tão esplêndido, que as pessoas se juntavam para o ver, mesmo naquele dia em que o seu país entrara em guerra. Ao lado, na mesma doca, encontravam-se dois magníficos transatlânticos que se agigantavam sobre as cabeças das pessoas, mas os hotéis flutuantes tinham perdido a magia: toda a gente mirava o céu.

Contudo, enquanto esperavam, falavam da guerra nos mais variados sotaques ingleses. As crianças mostravam-se entusiasmadas pelo que viam, os homens falavam em tom baixo, bem informados, sobre tanques e artilharia, as mulheres pareciam preocupadas. Luther era americano e esperava que o seu país não se envolvesse na guerra: a América não tinha nada a ver com aquilo. Além disso, dos nazis podia dizer-se que eram duros com os comunistas.

Luther era empresário, fabricante de tecidos de lã. A dada altura, tivera muitos problemas com os vermelhos nas suas fábricas. Estivera à mercê deles, e eles quase o haviam arruinado. Continuava a sentir amargura em relação a isso. A loja de roupa de homem do pai entrara em falência por causa dos judeus que se instalaram na zona e lhe fizeram concorrência, e depois a sua empresa, a Luther

Woolens, fora ameaçada pelos comunas, judeus na sua maioria! Então, Luther conheceu Ray Patriarca, e a sua vida mudara. A gente de Patriarca sabia como lidar com os comunistas. Houve alguns acidentes. Um tipo exaltado ficou com a mão presa num tear. Um sindicalista morreu por atropelamento e subsequente fuga do condutor. Dois homens que se haviam queixado de infrações aos regulamentos de segurança meteram-se numa luta num bar e acabaram no hospital. Uma agitadora retirou a queixa que tinha interposto contra a fábrica quando a sua casa ardeu completamente. Foram apenas necessárias algumas semanas; desde então não houve mais problemas. Patriarca sabia o mesmo que Hitler: a forma de lidar com os comunistas era esmagá-los como baratas. Luther bateu com o pé no chão, ainda a cantarolar o concerto de Beethoven.

Uma lancha saiu da doca dos hidroaviões, a Imperial Airways, do outro lado do estuário do Hythe, e fez umas quantas passagens na zona de amaregem, em busca de detritos flutuantes. Da multidão ouviu-se um murmúrio ansioso: o avião devia estar a chegar.

O primeiro a avistá-lo foi um rapazinho com umas botas novas e grandes. Não tinha binóculos, mas a visão dos seus onze anos era melhor que a das lentes. — Ali vem ele! — guinchou. — Ali vem o *Clipper*! — E apontou para sudoeste. Todos olharam nessa direção. Ao início, Luther só conseguia distinguir uma forma vaga que podia ser um pássaro, mas logo os contornos se delinearam, e um zumbido de excitação espalhou-se no seio da multidão, à medida que as pessoas diziam umas às outras que o rapaz tinha razão.

Toda a gente lhe chamava *Clipper*, mas tecnicamente era um *Boeing B-314*. A Pan American encomendara à Boeing a construção de um avião capaz de transportar passageiros através do oceano Atlântico num ambiente de luxo, e o resultado era aquele: enorme, majestoso, incrivelmente potente, um palácio voador. A companhia recebera seis e encomendara outros seis. Em conforto e elegância, eram semelhantes aos fabulosos transatlânticos que aportavam em Southampton, mas os navios levavam quatro ou cinco dias a atravessar o Atlântico, ao passo que o *Clipper* conseguia fazer a

viagem em vinte e cinco a trinta horas.

Fazia lembrar uma baleia alada, pensou Luther quando o avião se aproximou. Tinha um grande focinho embotado à semelhança das baleias, uma fuselagem maciça e uma cauda que afunilava e que culminava em dois estabilizadores iguais, montados ao alto. Os enormes motores estavam montados nas asas, por baixo das quais havia um par de robustas asas de flutuação que serviam para estabilizar o aparelho quando poisado na água. O fundo do avião possuía um gume afiado como o dos cascos dos navios rápidos.

Em breve Luther distinguia as grandes janelas retangulares em duas filas irregulares, que assinalavam os deques superior e inferior. Viajara para Inglaterra no *Clipper*, exatamente uma semana antes, e, assim, a configuração era-lhe familiar. O deque superior compreendia a cabina de voo e o porão das bagagens, e o inferior destinava-se aos passageiros. Em vez de filas de cadeiras, existiam diversas salas com sofás. À hora das refeições, o salão principal servia de sala de jantar, e à noite os sofás convertiam-se em camas.

Tudo fora concebido para isolar os passageiros do mundo e do tempo para lá das janelas. Havia tapetes grossos, iluminação suave, veludos, cores calmantes e estofos espessos. O isolamento à prova de som reduzia o rugido dos potentes motores a um zumbido distante e tranquilizador. O comandante exibia uma autoridade calma, a tripulação aprumada e elegante nos seus uniformes da Pan American, os comissários sempre atenciosos. Todos os desejos eram atendidos: havia bebida e comida permanentemente; o que quer que se desejasse aparecia como que por magia, no momento exato — as cortinas das camas corridas à hora de dormir, morangos frescos ao pequeno-almoço. O mundo exterior começava a parecer irreal, como um filme projetado nas janelas e o interior do avião transformado no universo.

Um tal conforto não saía barato. O preço da viagem de ida e volta era de 675 dólares, metade do preço de uma casa pequena. Os passageiros eram membros da realeza, estrelas de cinema, presidentes de grandes companhias e chefes de Estado de pequenos países.

Tom Luther não era nenhuma daquelas coisas. Era rico, mas trabalhara muito pelo seu dinheiro e normalmente não o teria desbaratado em luxos. Contudo, precisara de se familiarizar com o avião. Haviam-lhe pedido que realizasse um trabalho perigoso para um homem poderoso, mesmo muito poderoso. Não seria pago, mas um tal homem dever-lhe um favor era melhor que dinheiro.

Talvez tudo viesse ainda a ser cancelado: Luther esperava por uma mensagem que lhe desse a luz verde final. Em parte, sentia-se ansioso por despachar aquilo; por outro lado, tinha esperança de não ter de o fazer.

O avião desceu de lado, a cauda mais baixa do que o nariz. Estava agora muito próximo, e Luther ficou de novo impressionado pelas suas dimensões tremendas. Sabia que tinha 109 pés de comprimento e 152 de envergadura, mas estas medidas eram apenas números até se ver, de facto, a coisa a flutuar pelo ar.

Por instantes, parecia não estar a voar mas a cair e iria despenhar-se no mar como uma pedra e afundar-se. Depois, pareceu pairar, mesmo acima da superfície, como se suspenso de um fio, por um longo momento de *suspense*. Tocou, por fim, na água, deslizando pela crista das ondas e levantando salpicos, qual pedra roçando a água e erguendo pequenas explosões de espuma. Todavia, no estuário abrigado havia pouca ondulação e, um momento mais tarde, com uma irrupção de espuma que fazia lembrar o fumo de uma bomba, o casco mergulhou na água.

Rasgou a superfície, abrindo um sulco branco no verde e lançando pelo ar jatos iguais de ambos os lados. Luther pensou num pato a poisar num lago com as asas abertas e as patas dobradas. O casco afundou-se mais, fazendo aumentar as cortinas de espuma em forma de vela que se erguiam para a direita e para a esquerda, e depois começou a inclinar-se para a frente. A espuma aumentou à medida que o hidroavião se nivelava, submergindo o bojo cada vez mais. Depois, por fim, afocinhou. A velocidade reduziu-se de súbito, a espuma passou a um leve fluxo, e o avião velejou como o navio que realmente era, calmamente, como se nunca se tivesse atrevido a

desejar o céu.

Luther deu-se conta de que estivera a sustentar a respiração e soltou-a num longo suspiro de alívio. Recomeçou a cantarolar.

O avião deslizou para o seu ancoradouro, onde Luther desembarcara havia uma semana. A doca era uma jangada especialmente concebida, com dois pontões iguais. Em poucos minutos, os cabos seriam amarrados a espeques na frente e na traseira do avião, e este seria puxado por um guincho, de revés, para o lugar de atracagem entre os pontões. Em seguida, os privilegiados passageiros surgiriam, saindo pela porta para a superfície larga da asa de flutuação, depois para a jangada e daí pela prancha de embarque até terra.

Luther deu meia-volta e deteve-se de súbito. Junto a si estava uma pessoa que nunca vira: um homem de cerca da sua altura, envergando um fato cinzento-escuro e um chapéu de coco, qual funcionário a caminho do emprego. Luther ia a continuar, mas olhou de novo. O rosto por baixo do chapéu não era o de um funcionário. O homem tinha uma testa alta, olhos azul-vivo, um queixo comprido e uma boca fina e cruel. Era mais velho que ele, com cerca de quarenta anos, mas tinha ombros largos e parecia em forma. Tinha um ar atraente e perigoso. Mirou-o fixamente nos olhos.

Luther parou de cantarolar.

O homem disse: — Sou Henry Faber.

— Tom Luther.

— Tenho uma mensagem para si.

O coração de Luther deu um salto. Tentou ocultar o entusiasmo e falou no mesmo tom entrecortado do outro. — Ótimo. Diga.

— O homem por quem está tão interessado embarcará neste avião na quarta-feira, quando partir para Nova Iorque.

— Tem a certeza?

O homem mirou-o com dureza e não respondeu.

Luther assentiu, sisudo. Portanto, o trabalho era para valer. Pelo menos, terminara o *suspense*. — Obrigado — agradeceu.

— Há mais.

— Estou à escuta.

— A segunda parte da mensagem é: não nos desiluda.

Luther inspirou fundo. — Diga-lhes para não se preocuparem — respondeu com mais confiança do que na verdade sentia. — O tipo poderá sair de Southampton mas nunca chegará a Nova Iorque.

A Imperial Airways tinha as suas instalações para os hidroaviões do outro lado do estuário, em frente às docas de Southampton. Os seus mecânicos davam assistência ao *Clipper*, supervisionados pelo engenheiro de voo da Pan American. Naquela viagem o engenheiro era Eddie Deakin.

Era uma grande tarefa, mas tinham três dias. Depois de os passageiros desembarcarem no ancoradouro 108, o *Clipper* deslocou-se para Hythe, do outro lado. Aí, na água, foi manobrado para cima de uma plataforma rolante, depois içado para um plano inclinado e rebocado, fazendo lembrar uma baleia equilibrada num carrinho de bebé, até a um enorme hangar verde.

O voo transatlântico era uma tarefa dura para os motores. Na etapa mais longa, da Terra Nova à Irlanda, o avião estava no ar durante nove horas e, na viagem de regresso, com o vento pela frente, a mesma rota durava dezasseis horas e meia. Hora após hora, o combustível fluía, as velas lançavam faíscas, os catorze cilindros em cada um dos enormes motores bombeavam, incansáveis, para cima e para baixo, e os hélices de quinze pés golpeavam nuvens, chuva e temporais.

Para Eddie, era esse o encanto da engenharia. Era maravilhoso, era espantoso que os homens conseguissem construir motores que funcionassem com perfeição e precisão, hora após hora. Havia tantas coisas que podiam ter corrido mal, tantas peças móveis que tinham de ser fabricadas na perfeição e meticulosamente montadas para que não quebrassem, escorregassem, ficassem encravadas ou simplesmente gastarem-se, enquanto eles levavam um avião de quarenta e uma toneladas através de milhares de milhas¹.

Na quarta-feira de manhã, o *Clipper* estaria pronto para o voltar a

fazer.

Em navegação aérea e naval, as distâncias são expressas em milhas (sistema imperial britânico). Nesta tradução foi decidido manter este sistema em todas as outras circunstâncias que aqui ocorrem. (NT)

CAPÍTULO DOIS

O dia em que estalou a guerra era um agradável domingo de fim de verão, ameno e soalheiro.

Alguns minutos antes de a notícia ser transmitida na telefonia, - Margaret Oxenford encontrava-se no exterior da ampla mansão de tijolo que era a sua casa de família, a suar ligeiramente de casaco e chapéu, furiosa por ser obrigada a ir à igreja. Do outro lado da aldeia, o sino solitário do campanário tocava num tom monótono.

Margaret odiava a igreja, mas o pai não a deixava faltar ao serviço, embora tivesse dezanove anos, idade suficiente para saber o que queria em relação à religião. Cerca de um ano antes, ganhara coragem para lhe dizer que não queria ir, mas ele recusara-se a ouvir. Margaret dissera-lhe: «Não acha que é hipócrita da minha parte ir à igreja quando não acredito em Deus?» O pai retorquira: «Não seja ridícula.» Derrotada e furiosa, dissera à mãe que, quando fosse maior, nunca mais iria à igreja. A mãe respondera-lhe: «Isso é decisão do seu marido, querida.» No que lhes dizia respeito, a discussão terminara, mas, desde então, Margaret fervera de ressentimento todos os domingos de manhã.

A irmã e o irmão saíram de casa. Elizabeth tinha vinte e um anos. Era alta e deselegante e nada bonita. Em tempos, as duas irmãs sabiam tudo uma da outra. Tinham estado praticamente sempre juntas durante anos, pois nunca tinham frequentado a escola, recebendo uma educação negligente em casa dada por precetoras e tutores. Tinham sempre partilhado os segredos uma da outra, mas ultimamente haviam-se afastado. Na adolescência, Elizabeth abraçara os valores rígidos e tradicionais dos pais: era ultraconservadora, apoiava fervorosamente a realeza, cega a novas ideias e hostil à mudança. Margaret escolhera o caminho oposto. Era feminista, socialista, interessava-se por *jazz*, pintura cubista e verso branco. Elizabeth achava que Margaret era desleal à família ao adotar ideias radicais. A parvoíce da irmã irritava Margaret, mas também

tinha pena de já não serem amigas. Não tinha muitas amigas íntimas.

Percy tinha catorze anos. Não era nem contra nem a favor das ideias radicais, mas era naturalmente travesso e simpatizava com a rebeldia de Margaret. Ambos vítimas da tirania do pai, davam um ao outro compreensão e apoio, e Margaret adorava-o.

A mãe e o pai saíram um momento depois. O pai pusera uma horrorosa gravata cor de laranja e verde. Era praticamente daltónico, mas fora decerto a mãe a comprá-la. Ela era ruiva, tinha olhos verdes da cor do mar e uma pele clara e macia, e o laranja e o verde faziam-na parecer radiosa. Contudo, o pai tinha cabelo preto e o rosto ruborizado. Nele, aquela gravata parecia um aviso contra algo perigoso.

Elizabeth era parecida com o pai, de cabelos escuros e feições irregulares. Margaret tinha o tom de pele da mãe; teria gostado de um lenço da seda da gravata do pai. Percy mudava tão rapidamente que ninguém podia dizer a quem acabaria por sair.

Percorreram o longo caminho de acesso até à aldeiazinha, do lado de fora dos portões. O pai era dono da maioria das casas e de todas as terras aráveis por milhas em redor. Nada fizera para merecer uma tal riqueza: uma série de casamentos no início do século XIX unira as três maiores famílias de proprietários de terras do condado, e o enorme património daí resultante fora passado intacto de geração em geração.

Caminharam pela rua da aldeia e atravessaram o relvado até à igreja de pedra cinzenta. Entraram em procissão: o pai e a mãe primeiro, Margaret atrás com Elizabeth e Percy a fechar a fila. Os aldeões da congregação levaram a mão à testa enquanto os Oxenford percorriam a coxia até ao banco da família. Os lavradores mais ricos, que arrendavam a sua terra ao pai, inclinaram a cabeça numa vénia respeitosa; e a classe média, o Dr. Rowan, o coronel Smythe e Sir Alfred, assentiu atenciosamente. Aquele ritual medieval ridículo fazia Margaret encolher-se de vergonha sempre que tinha lugar. Todos os homens deviam ser iguais perante Deus, não era? Apetecia-lhe gritar: «O meu pai não é melhor do que qualquer de vós

e muito pior que a maioria!» Talvez um dia viesse a ter coragem. Se fizesse uma cena na igreja, talvez não fosse forçada a voltar, mas tinha demasiado medo daquilo que o pai poderia fazer.

No momento em que entravam no banco, com os olhares de todos sobre eles, Percy disse num sonoro sussurro teatral: — Bela gravata, pai! — Margaret reprimiu uma gargalhada e foi dominada por um ataque de riso. Ela e Percy sentaram-se rapidamente e esconderam o rosto, fingindo rezar, até o ataque passar. Depois disso, Margaret sentiu-se melhor.

O vigário pregou um sermão sobre o filho pródigo. Margaret pensou que o velho pateta podia ter escolhido um tema mais relevante para o que enchia o pensamento de todos: a probabilidade de uma guerra. O primeiro-ministro enviara um ultimato a Hitler, que o Führer ignorara, e esperava-se uma declaração de guerra a qualquer momento.

Margaret temia a guerra. Um rapaz que amava morrera na Guerra Civil de Espanha. Fora havia pouco mais de um ano, mas, por vezes, ainda chorava à noite. Para ela, a guerra significava que milhares de outras raparigas conheceriam a dor que ela própria sofrera. Essa ideia era quase insuportável.

Porém, outra parte de si desejava a guerra. Havia anos que tinha uma opinião muito própria sobre a cobardia da Grã-Bretanha durante a guerra civil. O seu país ficara parado, a observar, enquanto o governo socialista eleito era derrubado por um gangue de rufias, armados por Hitler e por Mussolini. Centenas de rapazes idealistas vindos de toda a Europa tinham ido para Espanha lutar pela democracia. Faltavam-lhes, todavia, armas, e os governos democráticos do mundo haviam-se recusado a fornecê-las; assim, os rapazes tinham perdido a vida, e pessoas como Margaret haviam-se sentido furiosas, impotentes e envergonhadas. Se a Grã-Bretanha resistisse agora aos fascistas, poderia voltar a sentir-se orgulhosa do seu país.

Havia outra razão pela qual o seu coração pulsava perante a possibilidade da guerra. Significaria decerto o fim da vida limitada e

sufocante que vivia com os pais. Sentia-se aborrecida, confinada e frustrada pelos seus rituais inalteráveis e pela vida social sem sentido. Ansiava por escapar e ter a sua própria vida, mas parecia-lhe impossível: era menor, não tinha dinheiro e não havia um trabalho que soubesse desempenhar. Mas, pensava avidamente para consigo, numa guerra tudo seria decerto diferente.

Lera fascinada como, na última guerra, as mulheres tinham vestido calças e ido trabalhar nas fábricas. Presentemente, havia divisões femininas do Exército, da Marinha e da Força Aérea. Margaret sonhava oferecer-se como voluntária do Serviço Auxiliar Terrestre, o exército feminino. Um dos poucos conhecimentos práticos que possuía era saber conduzir. O motorista do pai, Digby, ensinara-a no *Rolls*, e Ian, o rapaz que morrera, deixara-a guiar a sua moto. Sabia até manusear um barco a motor, pois o pai tinha um pequeno iate em Nice. O SAT necessitava de condutores de ambulâncias e de estafetas. Via-se de uniforme e capacete, montada numa moto, levando relatórios urgentes de um campo de batalha para outro a alta velocidade, com uma fotografia de Ian no bolso do peito do casaco de caqui. Tinha a certeza de que podia ser corajosa se lhe dessem a oportunidade.

Na verdade, a guerra foi declarada durante o serviço, como descobriram mais tarde. Houve até um aviso de ataque aéreo passavam vinte e oito minutos das onze, a meio do sermão, mas não chegou à aldeia e, de qualquer modo, foi falso. Assim, a família Oxenford voltou para casa sem saber que estavam em guerra com a Alemanha.

Percy queria pegar numa espingarda e ir caçar coelhos. Todos sabiam disparar: era um passatempo familiar, quase uma obsessão. Claro que o pai recusou o pedido de Percy, pois aos domingos não se davam tiros. O rapaz ficou desapontado, mas obedeceu. Embora fosse muito endiabrado, ainda não era suficientemente homem para desafiar o pai abertamente.

Margaret adorava as travessuras do irmão, que era o único raio de sol na escuridão da sua vida. Desejava muitas vezes conseguir fazer

troça do pai como Percy, e rir-se por trás das suas costas, mas ficava demasiado zangada para piadas.

Em casa ficaram espantados ao ver uma criada descalça a regar as plantas da entrada. O pai não a reconheceu e perguntou bruscamente: — Quem é você?

A mãe respondeu no seu suave sotaque americano: — Chama-se Jenkis e começou esta semana.

A rapariga fez uma mesura.

O pai prosseguiu: — E onde diabo estão os sapatos dela?

Uma expressão desconfiada passou pelo rosto dela e lançou a Percy um olhar acusador. — Por favor, Vossa Senhoria, foi o jovem Lord Isley. — Percy era conde de Isley. — Disse-me que as criadas de fora devem andar descalças ao domingo em sinal de respeito.

A mãe suspirou, e o pai soltou um resmungo exagerado. Margaret não conteve uma gargalhadinha. Era o truque favorito de Percy: informar as criadas novas de regras da casa imaginárias. Conseguia dizer as coisas mais ridículas com a expressão mais séria, e a família tinha uma tal reputação de excentricidade que as pessoas acreditavam no que quer que fosse.

Percy fazia Margaret rir-se muitas vezes, mas naquele momento ela teve pena da pobre criada, ali de pé, descalça, sentindo-se uma idiota.

— Vai calçar os sapatos — ordenou-lhe a mãe.

Margaret acrescentou: — E nunca acredites em Lord Isley.

Tiraram os chapéus e dirigiram-se à saleta da manhã. Margaret puxou o cabelo a Percy e sibilou: — Foi uma maldade. — Percy limitou-se a sorrir, era incorrigível. Dissera uma vez ao vigário que o pai morrera com um ataque do coração durante a noite, e a aldeia em peso vestiu-se de luto antes de descobrirem que não era verdade.

O pai ligou a telefonia, e foi então que ouviram as notícias: a Grã-Bretanha declarara guerra à Alemanha.

Margaret sentiu uma espécie de alegria louca crescer-lhe no peito, como a excitação de guiar demasiado depressa ou de trepar até ao cimo de uma árvore grande. Já não valia a pena torturarem-se com a

questão: ia haver tragédias e perdas, dor e sofrimento, mas essas coisas não podiam agora ser evitadas; os dados estavam lançados e só lhes restava lutar. Essa ideia fez com que o coração lhe batesse mais depressa. Tudo seria diferente. As convenções sociais seriam abandonadas, as mulheres juntar-se-iam à luta, as barreiras entre as classes quebrar-se-iam, e todos trabalhariam em conjunto. Conseguia já sentir o sabor da liberdade. E estariam em guerra contra os fascistas, os mesmos que haviam morto o pobre Ian e milhares de outros rapazes na flor da idade. Margaret não se considerava uma pessoa rancorosa, mas quando pensava em lutar contra os nazis, sentia-se vingativa, um sentimento desconhecido, assustador e empolgante.

O pai ficou furioso. Era um homem corpulento e de rosto ruborizado e, quando se zangava, parecia sempre que ia rebentar. — Maldito seja o Chamberlain! — bradou. — Raios partam a porcaria do homem!

— Algernon, por favor — pediu a mãe, censurando a linguagem imoderada.

O pai fora um dos fundadores da União Britânica de Fascistas. Nessa altura era uma pessoa diferente: não só mais novo, mas também mais magro, mais bem-parecido e menos irritável. Encantara as pessoas e ganhara a sua lealdade. Escrevera um livro controverso chamado *Homens Mestiços: A Ameaça da Poluição Racial*, que defendia como a sociedade degenerara desde que os brancos começaram a cruzar-se com judeus, asiáticos, orientais e até pretos. Correspondera-se com Adolfo Hitler, que considerava ser o maior estadista desde Napoleão. Houvera ali em casa grandes festas todos os fins de semana, com políticos, por vezes estadistas estrangeiros e — numa ocasião inesquecível — o rei. As discussões estendiam-se noite dentro, o mordomo a trazer da cave mais brande e os criados de libré a bocejarem no vestíbulo. Durante a Depressão, o pai esperara que o país o chamasse para o salvar na sua hora difícil e lhe pedisse que fosse primeiro-ministro num governo de reconstrução nacional. Todavia, o pedido nunca veio. As festas de fim de semana tornaram-

se mais pequenas e espaçadas; os convidados mais distintos arranjaram forma de se dissociarem publicamente da União Britânica de Fascistas, e o pai transformou-se num homem amargo e desiludido. O seu charme desapareceu juntamente com a autoconfiança, e o ressentimento, o tédio e a bebida arruinaram-lhe as belas feições. O seu intelecto nunca fora grande coisa: Margaret lera o livro dele e ficara chocada ao ver que não só estava errado como era uma tolice.

Nos anos mais recentes, o seu programa político resumira-se a uma ideia obsessiva: a Grã-Bretanha e a Alemanha deviam unir-se contra a União Soviética. Defendera isso em artigos de revistas e cartas para os jornais e nas ocasiões cada vez mais raras em que era convidado para falar em encontros políticos e sociedades universitárias de debates. Em desafio, agarrava-se àquela ideia à medida que os acontecimentos na Europa tornavam a sua política cada vez mais irrealista. Com a declaração de guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, as suas esperanças foram finalmente destruídas, e Margaret encontrou no seu coração um pouco de piedade por ele, entre todas as outras emoções tumultuosas.

— A Grã-Bretanha e a Alemanha vão exterminar-se mutuamente e deixar a Europa ser dominada pelo comunismo ateu! — afirmou o pai.

A referência ao ateísmo recordou a Margaret o facto de ser obrigada a ir à igreja e declarou: — Não me importo, sou ateia.

— Não pode ser, querida, a menina pertence à Igreja Anglicana — respondeu a mãe.

Margaret não pôde deixar de se rir. Elizabeth, quase a chorar, perguntou-lhe: — Como podes rir-te? É uma tragédia!

A irmã era uma grande admiradora dos nazis. Falava alemão — ambas falavam, graças a uma precetora alemã que durara mais que a maioria — e fora diversas vezes a Berlim, onde jantara duas vezes com o próprio Führer. Margaret suspeitava que os nazis eram uns snobes que gostavam de desfrutar da aprovação de uma aristocrata inglesa.

Então, Margaret virou-se para Elizabeth e disse: — Chegou a hora

de enfrentar aqueles rufias.

— Não são rufias — afirmou Elizabeth, indignada. — São arianos orgulhosos, fortes e de raça pura, e é uma tragédia que o nosso país esteja em guerra com eles. O pai tem razão, os brancos vão exterminar-se, e o mundo ficará para os mestiços e os judeus.

Margaret não tinha paciência para aquele tipo de disparates. — Não há nada de errado com os judeus! — afirmou ardentemente.

O pai ergueu um dedo. — Não há nada de errado com um judeu... *no seu lugar.*

— Que é sob a bota do vosso... do vosso sistema fascista. — Estivera prestes a dizer «o vosso sistema obsceno», mas ficou subitamente receosa e reprimiu o insulto. Era perigoso fazer com que o pai se zangasse demais.

A irmã ripostou: — E, no teu sistema bolchevique, os judeus é que estão no poleiro!

— Não sou bolchevique, sou socialista.

Percy imitou o sotaque da mãe: — Não pode ser, querida, a menina pertence à Igreja Anglicana.

Margaret riu-se contra vontade e, mais uma vez, o seu riso enfureceu a irmã. Elizabeth disse com amargura: — Só queres destruir tudo o que é belo e puro para te rires mais tarde.

Aquilo nem merecia resposta, mas Margaret queria fazer valer o seu argumento. Virou-se para o pai e disse: — Bom, concordo consigo em relação ao Neville Chamberlain. Piorou imenso a nossa posição militar ao deixar os fascistas controlarem a Espanha. Agora o inimigo tanto está a oeste como a leste.

— O Chamberlain não deixou os fascistas controlar a Espanha — afirmou o pai. — A Grã-Bretanha fez um pacto de não-intervenção com a Alemanha, a Itália e a França. Limitámo-nos a cumprir a nossa palavra.

Aquilo era de uma hipocrisia total, e ele sabia-o. Margaret sentiu-se corar de indignação. — Nós cumprimos a nossa palavra enquanto os italianos e os alemães quebraram a deles! — protestou. — Assim, os fascistas receberam armas e os democratas ficaram com nada... só

com heróis.

Fez-se um momento de silêncio embaraçoso.

A mãe declarou: — Lamento muito que o Ian tenha morrido, querida, mas era uma má influência para si.

De súbito, Margaret só lhe apetecia chorar.

Ian Rochdale fora a melhor coisa que lhe acontecera, e a dor da sua morte ainda a deixava sem ar.

Durante anos dançara nos bailes da temporada de caça com jovens frívolos, membros da pequena aristocracia rural, rapazes que não tinham nada na cabeça a não ser beber e caçar, e desesperara de alguma vez encontrar um homem da sua idade que a interessasse. Ian entrara na sua vida como a luz da razão e, desde a sua morte, vivia na escuridão.

Frequentava o último ano em Oxford. Margaret teria adorado ir para a universidade, mas não tinha hipóteses de ser admitida: nunca frequentara a escola. Contudo, lera muito — não havia mais nada para fazer — e ficara encantada por encontrar alguém como ela, alguém que gostava de falar sobre ideias. Era o único homem que lhe explicava as coisas sem ares de condescendência; nunca conhecera ninguém com um pensamento tão lúcido. Tinha uma paciência infinita durante as discussões e não possuía qualquer vaidade intelectual: nunca fingia compreender quando não era o caso. Ela adorou-o desde o primeiro momento.

Durante muito tempo não pensou naquilo como amor. Todavia, um dia ele confessara-o, desajeitado e cheio de vergonha, lutando por encontrar as palavras certas, nada habitual nele: «Acho que me devo ter apaixonado por ti. Será que vai estragar tudo?» E, então, ela percebeu, cheia de alegria, que também estava apaixonada.

Ian mudou a sua vida. Foi como se tivesse ido viver para outro país, onde tudo era diferente: a paisagem, o clima, as pessoas, a comida. Tudo lhe dava prazer. As limitações e as irritações de viver com os pais vieram a parecer-lhe quase sem importância.

Mesmo depois de ele se alistar na Brigada Internacional e ter ido para Espanha lutar pelo governo socialista eleito contra os rebeldes

fascistas, continuou a iluminar a sua vida. Sentia orgulho nele porque tivera a coragem das suas convicções e estava pronto a arriscar a vida pela causa em que acreditava. Por vezes, recebia uma carta dele. Uma vez mandou-lhe um poema. Depois veio a mensagem que dizia que ele morrera, feito em pedaços ao ser atingido em cheio por um obus, e Margaret pensou que a sua vida terminara.

— Uma má influência — repetiu com amargura. — Sim. Ensinou-me a questionar os dogmas, a não acreditar em mentiras, a odiar a ignorância e a desprezar a hipocrisia. Em consequência disso, mal me posso integrar na sociedade civilizada.

O pai, a mãe e Elizabeth começaram todos a falar ao mesmo tempo, calando-se de seguida porque não se conseguia ouvir qualquer deles; Percy falou no silêncio que se fez subitamente: — Falando de judeus — disse —, encontrei uma fotografia curiosa na cave, numa daquelas malas velhas de Stamford.

Era uma cidade no Connecticut, onde vivia a família da mãe. Percy tirou do bolso da camisa uma fotografia desbotada e vincada, em tons de sépia. — Tive uma bisavó chamada Ruth Glencarry, não tive?

A mãe respondeu: — Sim... era a mãe da minha mãe. Porquê, querido, o que é que encontrou?

Percy deu a fotografia ao pai, e os outros juntaram-se em volta dele para a verem. Mostrava uma imagem de uma rua numa cidade americana, provavelmente Nova Iorque, cerca de setenta anos antes. Em primeiro plano via-se um judeu com cerca de trinta anos, de barba preta, trajando a roupa grosseira de um trabalhador e um chapéu. Estava parado ao lado de uma carroça com umaamoladeira. Viam-se claramente na carroça as palavras «Reuben Fishbein — Amolador». Ao lado do homem havia uma rapariga de cerca de dez anos com um vestido de algodão surrado e botas grossas.

O pai perguntou: — O que é isto, Percy? Quem são estes misérraveis?

— Vire-a — disse Percy.

O pai assim fez. Nas costas estava escrito: «Ruthie Glencarry, nome de solteira Fishbein, aos 10 anos.»

Margaret olhou para o pai, que parecia totalmente horrorizado.

Percy prosseguiu: — É interessante que o avô da mãe tenha casado com a filha de um judeu itinerante, um amolador, mas dizem que na América é assim.

— Isto é impossível! — bradou o pai, mas a voz tremia-lhe, e Margaret calculou que ele pensava que era mesmo muito possível.

Percy continuou, jovial: — Seja como for, a linha de descendência judaica é através da mulher, logo, como a minha bisavó era judia, isso faz de mim judeu.

O pai empalidecera, a mãe parecia confusa, a testa levemente - enrugada.

— Espero bem que os alemães não ganhem esta guerra. Não me vão deixar ir ao cinema, e a mãe terá de coser estrelas amarelas em todos os vestidos de baile.

Aquilo soava demasiado bem para ser verdade. Margaret analisou atentamente as palavras escritas nas costas da fotografia, e a verdade veio ao de cima. — Percy! — exclamou, deliciada. — É a *tua* letra!

— Não, não é nada! — negou Percy.

Todos, porém, viam que assim era. Margaret riu-se com gosto. Percy encontrara algures aquela velha fotografia de uma rapariga judia e falsificara a inscrição para enganar o pai, o qual caíra no engodo, o que não era para admirar: devia ser o derradeiro pesadelo de qualquer racista descobrir que a sua ascendência era mista. Era muito bem feito.

— Bah! — exclamou o pai, atirando com a fotografia para cima de uma mesa.

— Percy, francamente — disse a mãe num tom magoado. Podiam ter dito mais coisas, mas naquele momento a porta abriu-se e Bates, o mordomo mal-humorado, anunciou: — O almoço está servido, *milady*.

Saíram da saleta da manhã e atravessaram o vestíbulo até à pequena sala de jantar. Haveria rosbife demasiado passado, como sempre aos domingos. A mãe comeria uma salada: nunca ingeria

alimentos cozinhados, pois acreditava que o calor destruía as qualidades dos alimentos.

O pai deu graças e sentaram-se. Bates ofereceu à mãe o salmão fumado. Alimentos fumados, em pickles ou conservados de outra forma não faziam mal, segundo a sua teoria.

— É claro que só há uma coisa a fazer — comentou a mãe, enquanto se servia do prato que lhe estendiam. Falou no tom informal de quem se limita a chamar a atenção para o que é óbvio. — Temos de ir todos viver na América até que acabe esta tolice de guerra.

Fez-se um momento de silêncio chocado.

Margaret, horrorizada, exclamou: — Não!

A mãe declarou: — Bom, acho que já tivemos brigas suficientes por hoje. Por favor, deixe-nos almoçar em paz e harmonia.

— Não! — repetiu Margaret. Estava quase sem fala de indignação. — Não podem... não podem fazer isso, é... é... — Queria insurgir-se, acusá-los de traição e cobardia, gritar o seu desprezo e o seu desafio bem alto, mas as palavras falharam-lhe e só conseguiu dizer: — Não é justo!

Mesmo isso foi demais. O pai interveio: — Se não consegue estar calada, é melhor sair.

Margaret levou o guardanapo à boca para abafar um soluço, afastou a cadeira e fugiu da sala.

É claro que andavam a planear aquilo havia meses.

Percy foi ao quarto de Margaret depois do almoço e contou-lhe os pormenores. A casa seria fechada, a mobília coberta com lençóis e os criados despedidos. As terras seriam entregues nas mãos do gerente de negócios do pai, que receberia as rendas. O dinheiro acumular-se-ia no banco; não podia ser enviado para a América por causa das regras de controlo de câmbios do tempo de guerra. Venderiam os cavalos, os cobertores seriam resguardados com bolas de naftalina, as pratas trancadas.

Elizabeth, Margaret e Percy deviam aprontar uma mala cada um. O resto da bagagem seria enviada por uma companhia de mudanças. O

pai reservara bilhetes para todos no *Clipper* da Pan American e partiriam na quarta-feira.

Percy estava louco de entusiasmo. Já andara de avião uma ou duas vezes, mas o *Clipper* era diferente. O avião era enorme e opulento: os jornais tinham publicado imensos artigos quando o serviço fora inaugurado, havia poucas semanas. O voo para Nova Iorque levava vinte e nove horas, e todos se deitavam à noite a sobrevoar o Atlântico.

Era de uma conveniência repugnante, pensou Margaret, que partissem num luxo indulgente quando iam deixar os compatriotas destituídos, com dificuldades e em guerra.

Percy foi-se embora para fazer a sua mala, e Margaret ficou deitada na cama, a olhar para o teto, amargamente desapontada, a ferver de raiva, a chorar de frustração, impotente para fazer o que quer que fosse pelo seu destino.

Permaneceu no quarto até à hora de deitar.

Na segunda de manhã, estava ela ainda na cama, a mãe foi ao seu quarto. Margaret sentou-se e lançou-lhe um olhar hostil. A mãe sentou-se ao tocador e olhou para Margaret através do espelho. — Por favor, não arranje problemas com o pai por causa disto — pediu.

Margaret percebeu que a mãe estava nervosa. Noutras circunstâncias, talvez isso a fizesse suavizar o tom de voz, mas estava demasiado irritada para sentir pena. — É uma cobardia tão grande! — bradou.

A mãe empalideceu. — Não estamos a ser cobardes.

— Mas fugir do nosso país quando começa uma guerra!

— Não temos escolha. Temos de ir.

Margaret estava perplexa. — Porquê?

A mãe deixou de olhar para o espelho, virou-se e olhou diretamente para ela. — Se não, prendem o seu pai.

Margaret foi apanhada completamente de surpresa. — Como é que podem fazer isso? Não é crime ser-se fascista.

— Têm poderes de emergência. E isso tem importância? Um simpatizante no Ministério do Interior avisou-nos. O pai será preso se

ainda estiver em Inglaterra no final da semana.

Margaret mal podia acreditar que quisessem pôr o pai na prisão como se fosse ladrão. Sentiu-se tola: não pensara nas diferenças que a guerra traria à vida de todos os dias.

— Mas não nos deixam levar dinheiro connosco — afirmou a mãe amargamente. — Lá se vai o sentido de jogo limpo dos britânicos.

A última coisa que interessava a Margaret era o dinheiro. Toda a sua vida estava suspensa. Sentiu um acesso súbito de bravura e decidiu-se a contar a verdade à mãe. Antes de ter tempo de perder a coragem, inspirou fundo e declarou: — Mãe, eu não quero ir convosco.

A mãe não mostrou qualquer surpresa. Talvez até tivesse esperado algo do género. No tom vago e brando que usava quando tentava evitar uma discussão, disse: — Tem de vir, querida.

— A *mim* não me vão prender. Posso ir viver com a tia Martha ou até com a prima Catherine. Não quer falar ao pai?

De súbito, a mãe pareceu-lhe muito intensa, o que não era nada próprio dela. — Dei-a à luz com dor e sofrimento e não vou deixá-la arriscar a vida se o puder evitar.

Por um momento, Margaret ficou desconcertada com a emoção crua da mãe. Depois protestou: — Eu devia ter uma palavra a dizer... trata-se da minha vida!

A mãe suspirou e voltou a falar no seu tom lânguido. — O que eu e a menina pensamos não faz diferença nenhuma. O seu pai não a deixa ficar, digamos nós o que dissermos.

A passividade dela aborreceu Margaret, e decidiu-se a agir. — Vou pedir-lhe diretamente.

— Era melhor não — disse a mãe, agora com um tom implorativo na voz. — Isto já é suficientemente duro para ele. Sabe, o seu pai adora a Inglaterra. Noutras circunstâncias, estaria a telefonar para o Ministério da Guerra a tentar arranjar trabalho. Tem o coração despedaçado.

— Então, e o meu?

— Para si não é a mesma coisa. A menina é nova, tem a vida pela

frente. Para ele, é o fim de qualquer esperança.

— Não tenho culpa de ele ser fascista — retorquiu Margaret com brusquidão.

A mãe levantou-se. — Tive esperança de que fosse mais gentil — disse baixinho e saiu.

Margaret sentia-se simultaneamente culpada e indignada. Era tão injusto! O pai desprezara as suas opiniões desde que ela começara a tê-las, e agora que os acontecimentos mostravam que ele não tinha razão, pediam-lhe compreensão.

Suspirou. A mãe era linda, excêntrica e vaga. Nascera rica e determinada. As suas excentricidades eram o resultado de uma vontade forte, sem uma instrução que a ajudasse a discriminar entre o bom senso e a falta dele. O carácter vago era a forma de uma mulher forte lidar com o domínio masculino: não lhe era permitido confrontar o marido, portanto a única forma de escapar ao seu controlo era fingir que não o compreendia. Margaret amava a mãe e olhava as suas peculiaridades com uma tolerância carinhosa, mas estava determinada a não ser como ela, apesar da parecença física entre ambas. Se os outros se recusavam a educá-la, podia muito bem educar-se a si própria. E preferia ser uma solteirona do que casar-se com um porco qualquer que pensasse ter o direito de mandar nela como se fosse uma criada.

Por vezes desejava ter uma relação diferente com a mãe. Queria confiar nela, merecer a sua compreensão, pedir-lhe conselhos. Podiam ser aliadas, lutando juntas pela liberdade contra um mundo que queria tratá-las como ornamentos. A mãe, porém, desistira dessa luta havia muito e queria que Margaret fizesse o mesmo. Isso não ia acontecer. Margaret iria ser ela própria: estava absolutamente decidida. Mas como?

Durante todo o dia de segunda-feira foi incapaz de comer. Bebeu inúmeras chávenas de chá, enquanto os criados tratavam de fechar a casa. Na terça-feira, quando a mãe percebeu que Margaret não ia fazer a mala, disse à nova criada, Jenkins, para o fazer. É claro que Jenkins não sabia o que emalar, e Margaret teve de a ajudar; assim,

a mãe levou a sua avante, como era habitual.

Margaret disse à rapariga: — Foi má sorte termos decidido fechar a casa na semana a seguir de teres começado a trabalhar aqui.

— Agora não vai haver falta de trabalho, *m'lady* — respondeu - Jenkins. — O nosso pai diz que em tempo de guerra não há desemprego.

— Que vais fazer? Trabalhar numa fábrica?

— Vou alistar-me. Disseram na telefonia que dezassete mil mulheres se alistaram no SAT ontem. Há filas em frente de todas as câmaras do país, vi uma fotografia no jornal.

— Que sorte a tua — comentou Margaret, desmoralizada. — A única coisa para a qual me vou pôr na fila é um avião para a América.

— A menina tem de fazer o que o senhor marquês quer — disse Jenkins.

— O que é que o teu pai diz de tu te alistares?

— Não lhe vou contar, vou só fazê-lo.

— E se ele te mandar sair?

— Não pode. Tenho dezoito anos. Depois de nos alistarmos, pronto. Desde que se tenha idade não há nada que os nossos pais possam fazer.

Margaret ficou espantada. — Tens a certeza?

— Claro. Toda a gente sabe.

— Eu não sabia — retorquiu Margaret, pensativa.

Jenkins levou a mala de Margaret para o vestíbulo. Iam sair na quarta-feira de manhã, muito cedo. Ao ver as malas alinhadas, - Margaret deu-se conta de que ia passar a guerra no Connecticut, a não ser que fizesse alguma coisa para além de amuar. Apesar do pedido da mãe para não arranjar problemas, tinha de confrontar o pai.

Só de pensar nisso ficou nervosa. Regressou ao quarto para se - acalmar e refletir no que diria. Tinha de estar calma. As lágrimas não o comoveriam, e a raiva só provocaria desprezo. Devia parecer sensata, responsável, madura. Não devia ripostar, pois isso deixá-lo-ia furioso e depois ele assustava-a tanto que ela seria incapaz de continuar.

Como devia começar? «Acho que tenho o direito de dizer algo sobre o meu futuro.»

Não, não servia. O pai responderia: «Eu sou responsável por si, portanto sou eu a decidir.»

Talvez devesse começar dizendo: «Posso falar consigo sobre a ida para a América?»

Provavelmente ele diria: «Não há nada a discutir.»

A primeira frase teria de ser tão inofensiva que nem mesmo ele a conseguisse rejeitar. Decidiu que iria tentar: «Posso perguntar-lhe uma coisa?» O pai teria de concordar.

E depois?

Como poderia abordar o assunto sem provocar uma das suas fúrias horríveis? Podia dizer: «O pai esteve no Exército na última guerra, não foi?» Ela sabia que lutara em França. Depois perguntaria: «A mãe esteve envolvida?» Também sabia a resposta; a mãe fora enfermeira voluntária em Londres, tratando de oficiais americanos feridos. Por fim, terminaria: «Ambos serviram os vossos países, por isso sei que vai compreender por que motivo quero fazer o mesmo.» Opor-se àquele argumento seria certamente difícil.

Se ao menos ele admitisse o princípio, achava que conseguiria lidar com as outras objeções. Podia viver com familiares até se alistar, o que levaria uns dias. Tinha dezanove anos: muitas raparigas da sua idade trabalhavam a tempo inteiro havia seis anos. Tinha idade para se casar, guiar um automóvel e ser presa. Não havia razão para não lhe ser permitido ficar em Inglaterra.

Aquilo fazia sentido. Agora só precisava de coragem.

O pai devia estar no escritório com o gerente de negócios. Margaret saiu do quarto e, no patamar em frente da porta, sentiu-se de súbito fraca de medo. O pai ficava furioso quando se lhe opunham. As suas raivas eram terríveis, e os castigos cruéis. Quando tinha onze anos, tinha-a obrigado a ficar de pé a um canto do escritório, virada para a parede, durante um dia inteiro depois de ela ter sido mal-educada com um convidado. Tirara-lhe o ursinho de peluche como castigo por fazer chichi na cama com sete anos; uma vez,

numa fúria, atirara um gato pela janela do primeiro andar. O que faria agora quando lhe dissesse que queria ficar em Inglaterra e lutar contra os nazis?

Obrigou-se a descer as escadas, mas, à medida que se aproximava do escritório, o medo crescia. Imaginava-o a ficar zangado, o rosto a avermelhar-se, os olhos salientes, e sentiu-se aterrorizada. Tentou acalmar o bater rápido do coração, perguntando a si própria se, de facto, havia algo a temer. O pai já não podia partir-lhe o coração tirando-lhe o ursinho de peluche, mas, bem lá no fundo, sabia que ele conseguiria ainda arranjar forma de ela desejar estar morta.

Em frente à porta do escritório, a tremer, viu a governanta a atravessar o vestíbulo, o vestido de seda preta a rocegar. Mrs. Allen governava o pessoal feminino da casa com severidade, mas com as crianças sempre se mostrara indulgente. Gostava da família e lamentava que se fossem embora: para ela, era o fim de uma forma de vida. Lançou a Margaret um sorriso lacrimoso.

Ao olhar para ela, veio-lhe de súbito uma ideia de fazer parar o coração.

Surgiu-lhe no espírito todo um plano de fuga completo. Iria pedir dinheiro emprestado a Mrs. Allen, sair de casa imediatamente, apanhar o comboio das 4h55 para Londres, passar a noite no apartamento da prima Catherine e alistar-se no SAT logo de manhã. Quando o pai a encontrasse, seria tarde demais.

O plano era tão simples e tão ousado que mal podia acreditar que fosse possível. Todavia, antes de poder pensar duas vezes, deu consigo a dizer: — Oh, Mrs. Allen, importa-se de me dar algum dinheiro? Tenho de fazer umas compras de última hora e não quero incomodar o pai, está tão ocupado.

Mrs. Allen não hesitou. — Claro, *milady*. De quanto precisa?

Margaret não sabia quanto custava o bilhete de comboio para Londres, pois nunca comprara o seu próprio bilhete. Ao acaso, disse: — Oh, uma libra deve ser suficiente. — Pensava: *Estou mesmo a fazer isto?*

Mrs. Allen tirou duas notas de dez xelins do porta-moedas. Provavelmente ter-lhe-ia entregado todas as suas poupanças, se lhas pedisse.

Margaret pegou no dinheiro com os dedos a tremer. *Pode ser o meu bilhete para a liberdade*, pensou e, apesar de assustada, uma chamazinha de esperança jubilante ardeu-lhe no peito.

Mrs. Allen, pensando que ela estava nervosa por ir emigrar, apertou-lhe a mão. — É um dia triste, Lady Margaret — afirmou. — Um dia triste para todos nós. — Desapareceu nas traseiras da casa a abanar, desanimada, a cabeça grisalha.

Margaret olhou em seu redor, agitada. Não avistou ninguém. O coração adejava-lhe como um pássaro aprisionado, e respirava em curtas arfadas. Sabia que, se hesitasse, perderia a coragem e não se atrevia a esperar o suficiente para ir buscar um casaco. Com o dinheiro na mão, saiu pela porta da frente.

A estação ficava a duas milhas, na aldeia seguinte. A cada passo que dava, Margaret esperava ouvir o ronronar do *Rolls-Royce* do pai atrás de si. Todavia, como poderia ele saber o que ela tinha feito? Era improvável que dessem pela falta dela antes do jantar e, se dessem, partiriam do princípio de que fora às compras, como dissera a Mrs. Allen. Mesmo assim, o receio era como uma febre incessante.

Chegou à estação muito a tempo, comprou o bilhete — tinha mais do que o dinheiro suficiente — e sentou-se na sala de espera das senhoras, a olhar para os ponteiros do grande relógio da parede.

O comboio estava atrasado.

Chegaram as quatro e cinquenta e cinco, depois as cinco horas, depois as cinco e cinco. Por essa altura, Margaret estava tão assustada que lhe apetecia desistir e voltar para casa, só para fugir à tensão.

O comboio chegou passavam catorze minutos das cinco, e o pai ainda não aparecera.

Margaret subiu para a carruagem com o coração na boca.

Ficou junto da janela, a olhar para a barreira dos bilhetes, à espera de o ver chegar no último minuto e a apanhá-la.

Por fim, o comboio moveu-se.

Mal podia acreditar que estava a fugir.

O comboio aumentou de velocidade, e sentiu o coração tremer levemente de exaltação. Poucos segundos depois, deixava a estação. Margaret viu a aldeia ficar para trás, e o seu coração transbordou de orgulho. Conseguira... fugira!

De súbito, sentiu uma fraqueza nos joelhos. Olhou em redor em busca de um lugar e deu-se conta de que o comboio estava cheio. Os lugares estavam todos ocupados, mesmo na carruagem da primeira classe, e havia soldados sentados no chão. Continuou de pé.

A sua euforia não diminuiu, embora a viagem fosse, de acordo com os padrões normais, um pesadelo. Em cada estação, entravam mais pessoas que entupiam as carruagens. O comboio ficou retido durante três horas às portas de Reading. Tinham retirado todas as lâmpadas por causa do *blackout* e, assim, depois de cair a noite, o comboio ficou em total escuridão, à exceção do clarão ocasional da lanterna do guarda, enquanto patrulhava, escolhendo o caminho por cima de passageiros sentados ou deitados no chão. Quando Margaret já não conseguiu ficar mais tempo de pé, também ela se sentou no chão. Aquele tipo de coisa já não tinha importância, disse a si própria. Ia sujar o vestido, mas no dia seguinte vestiria um uniforme. Era tudo diferente: estavam em guerra.

Margaret interrogou-se se o pai já teria dado pela falta dela, se descobrira que apanhara o comboio e vinha a guiar a toda a velocidade para Londres para a interceptar na estação de Paddington. Conseguiu arranjar um táxi na escuridão cavernosa da estação, que a levou para Bayswater, usando apenas as luzes de presença. O condutor usou uma lanterna para lhe iluminar o caminho até ao edifício de apartamentos onde Catherine vivia.

As janelas estavam todas tapadas, mas na entrada a luz brilhava. O porteiro saía de serviço — era quase meia-noite —, mas Margaret sabia o caminho. Subiu as escadas e tocou à campainha.

Não houve resposta.

O seu coração esmoreceu.

Tocou de novo, mas sabia que não valia a pena: o apartamento era pequeno, e a campainha tocava alto. Catherine não estava em casa.

Não era surpreendente: Catherine vivia com os pais em Kent e usava o apartamento como um *pied-à-terre*, uma segunda casa. A vida social de Londres cessara, claro, e, assim, Catherine não teria razão para estar ali. Não pensara nisso.

Não ficou frustrada, mas sim um tanto desapontada. Estava ansiosa por se sentar junto de Catherine, a beber cacau e a partilhar com ela os pormenores da sua grande aventura. Isso, porém, teria de esperar. Pensou no que fazer em seguida. Tinha vários familiares em Londres, mas se fosse ter com eles, telefonavam ao pai. Catherine teria conspirado com ela de boa vontade, mas não podia confiar nos outros parentes.

Então, recordou-se de que a tia Martha não tinha telefone.

Na verdade, era sua tia-avó, uma solteirona rabugenta com cerca de setenta anos. Vivia a menos de uma milha de distância. Àquela hora estaria a dormir profundamente e ficaria furiosa por ser acordada, mas não se podia evitar. O mais importante era que a tia não teria forma de alertar o pai quanto ao paradeiro dela.

Voltou a descer as escadas e chegou à rua, dando consigo envolta numa escuridão total.

O *blackout* era bastante assustador. Ficou parada à porta e olhou em volta, os olhos bem abertos e observadores, sem nada enxergar. Sentiu uma estranha sensação na barriga, como se estivesse tonta.

Fechou os olhos e imaginou como era o percurso familiar. Atrás de si ficava Ovington House, onde Catherine vivia. Normalmente haveria luzes em várias janelas e o brilho do candeeiro por cima da porta. À sua esquerda, na esquina, existia uma pequena igreja cujo pórtico estava sempre bem iluminado. Ao longo do passeio erguiam-se candeeiros, cada um dos quais devia lançar um pequeno círculo de luz, e a rua devia estar iluminada pelos faróis dos autocarros, dos táxis e dos carros.

Abriu de novo os olhos e não viu nada.

Era enervante. Por momentos, imaginou que não havia nada em

seu redor: a rua desaparecera, e ela estava num limbo, a cair no vazio. Sentiu-se subitamente enjoada. Depois controlou-se e visualizou o caminho para casa da tia Martha.

Daqui sigo para leste, pensou, e corto à esquerda na segunda esquina; a casa da tia Martha fica ao fundo desse quarteirão. Deve ser fácil, mesmo no escuro.

Ansiava por algum alívio: um táxi iluminado, uma Lua cheia, um polícia prestável. Passado um momento, o seu desejo foi concedido: apareceu um carro a andar lentamente, as luzes laterais fracas, como os olhos de um gato na pesada escuridão, e de súbito conseguiu ver o lancil do passeio até à esquina.

Começou a andar.

O carro afastou-se, as luzes vermelhas traseiras enfraquecendo na escuridão. Margaret pensou que estava ainda a três ou quatro passos da esquina quando tropeçou no lancil. Atravessou a rua e encontrou o passeio do outro lado sem cair, o que a encorajou. Caminhou com mais confiança.

De súbito, bateu-lhe algo na cara com tanta violência que a dor foi lancinante.

Gritou de dor e invadiu-a um medo repentino. Por momentos um pânico cego dominou-a, dando-lhe vontade de se virar e correr, mas acalmou-se com esforço. Levou a mão à face e massajou onde lhe doía. Que diabo acontecera? Que haveria ao nível do rosto no meio do passeio que a pudesse atingir? Estendeu ambas as mãos e, quase de imediato, sentiu algo. Encolheu os braços, receosa, mas logo cerrou os dentes e estendeu de novo as mãos. Tocou numa coisa fria, dura e redonda, como uma forma de tartes gigante a flutuar no meio do ar. Continuando a explorar, apalpou uma coluna redonda com um buraco retangular e uma tampa que sobressaía. Quando percebeu o que era, riu-se apesar da face dorida. Fora atacada por um marco do correio.

Tateando, deu a volta e passou a caminhar com ambas as mãos estendidas na sua frente.

Passado um tempo, voltou a tropeçar no lancil. Recuperou o

equilíbrio, sentindo-se aliviada: chegara à rua da tia Martha. Virou para a esquerda.

Ocorreu-lhe que a tia Martha talvez não ouvisse a campainha da porta. Vivia sozinha, não havendo mais ninguém que atendesse. Se isso acontecesse, Margaret teria de regressar ao prédio de Catherine e dormir no corredor. Dormir no chão não era problema, mas horrorizava-a caminhar de novo no *blackout*. Talvez se enroscasse simplesmente à porta da tia, à espera do nascer do dia.

A pequena casa da tia Martha situava-se ao fundo de um longo quarteirão. Caminhou devagar. A cidade estava escura, mas não silenciosa, conseguindo ouvir um ou outro carro ao longe. Os cães ladravam quando passava pelas suas portas, e um casal de gatos miava alto, sem dar por ela. Uma vez, ouviu o tinido musical de uma festa tardia. Um pouco mais à frente, reparou nos gritos abafados de uma discussão conjugal, por trás das cortinas do *blackout*. Deu consigo a desejar estar dentro de uma casa, com candeeiros, uma lareira e um bule de chá.

O quarteirão pareceu-lhe mais longo do que se lembrava. Contudo, não podia ter-se enganado: virara à esquerda na segunda transversal. Apesar disso, a suspeita de que estava perdida aumentava inexoravelmente. Perdera o sentido do tempo: estaria a andar ao longo daquele quarteirão durante cinco minutos, vinte, duas horas ou toda a noite? De súbito, deixou de ter a certeza de que haveria casas ali perto. Podia encontrar-se no meio de Hyde Park, tendo ultrapassado a entrada por puro acaso. Começou a sentir que havia criaturas em sua volta na escuridão, observando-a com a visão noturna dos gatos, à espera de que se enfiasse no meio delas para a poderem agarrar. Sentiu um grito formar-se no fundo da garganta e controlou-o.

Obrigou-se a pensar. Onde se poderia ter enganado? Sabia que havia uma transversal quando tropeçou num lancil. Recordou-se, porém, que, para além das transversais principais, havia pequenas vielas e *mews*². Talvez tivesse virado numa delas, podendo já ter caminhado uma milha ou mais na direção errada.

Tentou reavivar a sensação estonteante de excitação e triunfo que sentira no comboio, mas ela desaparecera, e agora restava apenas a solidão e o medo.

Decidiu parar e ficar imóvel. Nada de mal lhe poderia acontecer.

Então, surgiu um automóvel.

As fracas luzes de presença iluminavam muito pouco, mas, em comparação com a escuridão total anterior, parecia a luz do dia. Viu que estava, de facto, parada no meio da rua e correu para o passeio para se afastar da trajetória do automóvel. Encontrava-se numa praça que lhe era vagamente familiar. O carro passou por ela e virou na esquina, e ela correu atrás dele, na esperança de ver um ponto de referência que lhe dissesse onde estava. Ao chegar à esquina, viu o carro ao fundo de uma rua curta e estreita com pequenas lojas, uma das quais era de uma modista de chapéus de que a mãe era cliente. Deu-se conta de que estava a poucas jardas de Marble Arch.

Teve vontade de chorar de alívio.

Na esquina seguinte, esperou por outro carro que iluminasse o caminho e seguiu para Mayfair.

Alguns minutos mais tarde, encontrava-se diante do Hotel Claridge. O edifício estava evidentemente às escuras, mas ela conseguiu localizar a porta e perguntou a si própria se devia entrar.

Achava que não tinha dinheiro suficiente para pagar um quarto, mas recordou-se de que as pessoas não pagavam a conta do hotel até saírem. Podia pedir um quarto por duas noites, sair no dia seguinte como quem conta regressar mais tarde, alistar-se no SAT e depois telefonar ao hotel e dizer-lhes que mandassem a conta ao advogado do pai.

Inspirou fundo e empurrou a porta.

Como a maior parte dos edifícios públicos abertos à noite, o hotel instalara uma porta dupla, como uma câmara de ar, para que as pessoas pudessem entrar e sair sem que as luzes interiores se vissem lá fora. Margaret deixou a porta exterior fechar-se, passou pela segunda porta e viu-se no átrio do hotel, agradavelmente iluminado. Sentiu uma onda de alívio tremenda. Aquilo era a

normalidade, o pesadelo terminara.

Um jovem porteiro passava pelo sono na recepção. Margaret tossiu, e ele acordou, espantado e confuso. Margaret disse-lhe:

— Preciso de um quarto.

— A esta hora da noite? — balbuciou o rapaz.

— Fui apanhada no *blackout* — explicou ela. — Agora não posso voltar para casa.

O homem começou a pensar com mais clareza. — Não tem - bagagem?

— Não — retorquiu Margaret num tom de culpa. Depois ocorreu-lhe uma ideia. — É claro que não... Não *planeei* ficar retida.

O porteiro observou-a com um ar bastante estranho. Certamente que não a ia recusar, pensou Margaret. Ele engoliu em seco, esfregou o rosto e fingiu consultar um livro. Que se passava com o homem? Tomando uma decisão, ele fechou o livro e disse: — Estamos cheios.

— Oh, vá lá, devem ter *alguma coisa*...

— Teve uma discussão com o seu velhote, não foi? — disse ele, piscando-lhe o olho.

Margaret mal podia acreditar que aquilo estava a acontecer. — Não posso ir para casa — repetiu, uma vez que era óbvio que o homem não a tinha compreendido da primeira vez.

— Nada posso fazer quanto a isso — respondeu ele. E, com um súbito acesso de presença de espírito, acrescentou: — Deite as culpas ao Hitler.

O porteiro era bastante novo. — Onde está o seu supervisor? — perguntou ela.

Ele pareceu ofendido. — Estou ao serviço até às seis.

Margaret olhou em redor. — Resta-me sentar no salão até ser de manhã — declarou.

— Não pode fazer isso! — exclamou ele com um ar assustado. — Uma jovem sozinha, sem bagagem, a passar a noite no salão? O meu emprego vale mais do que isso.

— Não sou uma *jovem* — retorquiu ela, zangada. — Sou Lady

Margaret Oxenford. — Detestava usar o título mas estava desesperada.

Todavia, não deu resultado. O porteiro lançou-lhe um olhar duro e insolente e disse: — Ah sim?

Margaret estava prestes a gritar com ele quando viu o seu reflexo no vidro da porta e se apercebeu de que tinha um olho negro. Além disso, as suas mãos estavam um nojo e o vestido rasgado. Recordou-se de que fora de encontro a um marco do correio e estivera sentada no chão de um comboio. Não admirava que o porteiro não lhe arranjasse um quarto. Disse, desesperada: — Mas não pode mandar-me embora para o *blackout*!

— Nada mais posso fazer! — foi a resposta dele.

Margaret pensou qual seria a reação dele se ela simplesmente se sentasse e se recusasse a mexer-se. Era isso que lhe apetecia: estava exausta e fraca devido à tensão. Contudo, já passara por tanto que não lhe restava energia para um confronto. Além disso, era tarde e estavam sozinhos; não fazia ideia do que o homem poderia fazer se lhe desse uma desculpa para lhe pôr as mãos em cima.

Fatigada, virou-lhe as costas e saiu, amargamente desapontada.

Enquanto se afastava do hotel, desejou ter dado mais luta. Por que razão as suas intenções eram sempre mais firmes que as ações? Agora que cedera, sentia-se suficientemente furiosa para enfrentar o porteiro. Estava quase pronta a voltar para trás, mas continuou a andar: parecia-lhe mais fácil.

Não tinha para onde ir. Não seria capaz de encontrar de novo o edifício de Catherine e não conseguira dar com a casa da tia Martha; não podia confiar noutros familiares e estava demasiado suja para conseguir um quarto de hotel.

Restava-lhe andar às voltas até que amanhecesse. O tempo estava bom: não chovia, o ar noturno apenas ligeiramente frio. Se continuasse a andar, nem sequer sentiria o frio. Agora conseguia ver por onde ia. Havia bastantes luzes do trânsito no West End, e passava um carro a cada um ou dois minutos. Ouvia música e ruído vindos dos clubes noturnos e, de vez em quando, avistava pessoas

da sua classe, as mulheres com vestidos lindíssimos e os homens de casaca, a chegar a casa, depois de uma festa, nos seus automóveis conduzidos por motorista. Numa rua, e o que lhe pareceu bastante curioso, viu outras três mulheres solitárias: uma de pé a uma porta, outra encostada a um candeeiro e uma sentada num carro. Estavam todas a fumar e pareciam esperar por pessoas. Margaret perguntou-se se eram o que a mãe chamava «mulheres caídas».

Começou a ficar cansada. Calçava ainda os leves sapatos de trazer por casa que tinha quando fugira. Num impulso, sentou-se na soleira de uma porta, descalçou os sapatos e massajou os pés doridos.

Ao olhar para cima, conseguiu distinguir a forma vaga dos edifícios do outro lado da rua. Estaria finalmente a amanhecer? Talvez encontrasse um café de trabalhadores que abrisse cedo. Podia pedir o pequeno-almoço e esperar aí até abrirem os postos de recrutamento. Não comia praticamente nada havia dois dias, e a ideia de *bacon* com ovos fez-lhe crescer água na boca.

De súbito, viu um rosto branco a pairar no ar na sua frente e soltou um gritinho de medo. O rosto aproximou-se, e viu um homem ainda novo de casaca, que lhe disse: — Olá, minha linda!

Margaret pôs-se de pé num ápice. Odiava bêbedos, pareciam tão pouco dignos. — Por favor, vá-se embora — pediu. Tentou falar com firmeza, mas não evitou um tremor na voz.

Ele cambaleou e aproximou-se mais. — Então, dá-me lá um beijo.

— Certamente que não! — exclamou ela, horrorizada. Deu um passo atrás, tropeçou e deixou cair os sapatos. Sem saber bem porquê, a perda dos sapatos fê-la sentir-se irremediavelmente vulnerável. Virou-se, curvando-se para os apanhar. O homem riu-se como um idiota e depois, para horror da jovem, sentiu a mão dele entre as coxas, apalpando-a com uma falta de jeito penosa. Margaret endireitou-se instantaneamente sem encontrar os sapatos e afastou-se dele. Virando-se e enfrentando-o, gritou-lhe: — Afaste-se de mim!

Ele riu-se e respondeu: — Isso mesmo, continua, gosto de um pouco de resistência. — Com uma agilidade surpreendente, agarrou-

a pelos ombros e puxou-a para si. O hálito alcoolizado atingiu-a no rosto como um nevoeiro nauseabundo e, de súbito, o homem beijava-a na boca.

Foi indescritivelmente nojento, e ela sentiu-se enjoada, mas o abraço dele era tão forte que ela mal podia respirar, muito menos protestar. Margaret contorceu-se sem resultado, enquanto ele a babava toda. Depois, tirou uma mão do ombro para lhe agarrar um seio, que apertou com uma força brutal, fazendo-a ofegar de dor. Todavia, como ele lhe largara o ombro, ela conseguiu felizmente virar-se um pouco e afastar-se dele, começando a gritar.

Gritou alto e durante muito tempo.

Ouvia-o ao de leve a dizer numa voz preocupada: — Está bem, está bem, não fiques assim, não te queria fazer mal. — Mas ela estava demasiado assustada para mostrar bom senso e continuou a gritar. Da escuridão surgiram rostos: um peão com roupa de trabalho, uma «mulher caída», de cigarro e de mala, e uma cabeça a uma janela na casa atrás deles. O bêbedo desapareceu na noite, e Margaret parou de gritar e começou a chorar. Depois ouviu-se o som de botas que corriam, o feixe de luz abafado de uma lanterna e o capacete de um polícia.

Este iluminou o rosto de Margaret.

A mulher resmungou: — Ela não é das nossas, Steve.

O polícia chamado Steve perguntou: — Como se chama, menina?

— Margaret Oxenford.

O homem com roupa de trabalho explicou: — Um dândi tomou-a por uma pega, foi isso que aconteceu. — Satisfeito, afastou-se.

O polícia inquiriu: — E será *Lady* Margaret Oxenford?

Margaret fungou, infelicíssima, e assentiu.

— Bem te disse que não era uma das nossas — rematou a mulher. Com aquelas palavras, deu uma passa no cigarro, lançou fora a beata, pisou-a e desapareceu.

— A menina vem comigo, *milady*, agora vai ficar bem — declarou o polícia.

Margaret limpou o rosto com a manga. O polícia ofereceu-lhe o

braço, que ela aceitou, e, iluminando o passeio em frente dela com a lanterna, começaram a caminhar.

Passado um momento, Margaret estremeceu e disse: — Que homem horrível!

O polícia mostrou-se brusco e pouco compreensivo: — Não posso culpá-lo — respondeu em tom vivo. — Esta rua é a mais mal-afamada de Londres. É justo pensar que uma rapariga sozinha aqui, a esta hora da noite, é uma «dama da noite».

Margaret calculou que ele tinha razão, embora lhe parecesse muito injusto.

O familiar candeeiro azul das esquadras da polícia surgiu à luz da alvorada, e o polícia afirmou: — Vai tomar uma bela chávena de chá e sente-se logo melhor.

Entraram. Atrás de um balcão, encontravam-se dois polícias, um de meia-idade e atarracado e o outro jovem e magro. De cada lado da sala via-se um simples banco de madeira encostado à parede. Havia apenas mais outra pessoa: uma mulher pálida de lenço na cabeça e chinelos, sentada num dos bancos, à espera, cansada e paciente.

O salvador de Margaret indicou-lhe o banco oposto, dizendo: — Sente-se aí um bocadinho. — Ela obedeceu. O polícia aproximou-se do balcão e falou com o homem mais velho. — Sargento, é Lady - Margaret Oxenford. Teve um mau encontro com um bêbedo em - Bolting Lane.

— Calculo que tenha pensado que ela andava na vida.

A variedade de eufemismos sobre a prostituição deixava-a espantada. Parecia que as pessoas odiavam chamar-lhe aquilo que era e tinham de se lhe referir indiretamente. Ela própria só soubera daquilo de uma forma muito vaga e, na verdade, não acreditara muito que existisse até àquela noite. Todavia, não houvera nada de vago nas intenções do jovem de casaca.

O sargento olhou para Margaret, interessado, e disse algo em voz baixa que ela não conseguiu ouvir. Steve assentiu e desapareceu nas traseiras.

Margaret deu-se conta de que deixara os sapatos na soleira da

porta e que agora havia buracos nos pés das suas meias altas. Começou a ficar preocupada: não podia certamente aparecer no posto de recrutamento naquele estado. Talvez pudessem voltar atrás e ir buscar os sapatos quando fosse dia, mas talvez já não estivessem lá. E também precisava urgentemente de se lavar e de um vestido limpo. Seria uma tristeza ser recusada no SAT depois de tudo aquilo. Contudo, onde poderia ir arranjar-se? De manhã nem sequer a casa da tia Martha seria segura, pois o pai podia lá aparecer à sua procura. Certamente que todo o plano não iria cair por terra por causa de um par de sapatos, pensou, angustiada.

O seu polícia voltou com chá numa caneca de barro grossa. Estava fraco e tinha demasiado açúcar, mas Margaret foi-o bebendo, agradecida. O chá restaurou-lhe a determinação. Ia conseguir ultrapassar os problemas. Ir-se-ia embora assim que terminasse o chá; dirigir-se-ia a um bairro pobre e encontraria uma loja que vendesse roupa barata — ainda tinha uns xelins. Comprava um vestido, um par de sandálias e um conjunto de roupa interior limpa. Iria a um balneário público, lavar-se e mudar de roupa. Depois, estaria pronta para o Exército.

Enquanto traçava aquele plano, ouviu-se ruído no exterior da porta, e um grupo de jovens entrou de rompante. Estavam bem vestidos, alguns de casaca e outros de fato. Margaret percebeu que arrastavam com eles um companheiro renitente. Um dos homens começou a gritar com o sargento atrás do balcão.

Este interrompeu-o. — Muito bem, muito bem, acalmem-se! — ordenou num tom autoritário. — Sabem, agora não estão no campo de rãguebi... isto é uma esquadra da polícia. — O ruído abateu um pouco, mas não o suficiente para o sargento. — Se não se comportarem, enfio-vos a todos na porcaria das celas — gritou. — E agora toca a CALAR.

Calaram-se e soltaram o prisioneiro, que ficou parado com ar enfadado. O sargento apontou para um dos homens, um tipo de cabelo escuro com cerca da idade de Margaret. — Muito bem... você. Conte lá a que se deve esta balbúrdia toda.

O jovem indicou o prisioneiro. — Este canalha levou a minha irmã a um restaurante e depois pisejou-se sem pagar! — explicou, indignado. Falava com o sotaque das classes altas, e o seu rosto era vagamente familiar a Margaret, que esperou que ele não a reconhecesse. Seria demasiado humilhante se as pessoas soubessem que ela tivera de ser salva por um polícia depois de ter fugido de casa.

Um rapaz mais novo de fato listrado acrescentou: — Ele chama-se Harry Marks e devia ser preso.

Margaret olhou-o com interesse. Era incrivelmente bem-parecido, com vinte e dois ou vinte e três anos, de cabelo louro e feições regulares. Embora estivesse bastante amarrotado, usava o *smoking* assertado com uma elegância natural. Olhou em seu redor com ar de desprezo e disse: — Estes tipos estão bêbedos.

O jovem de fato listrado explodiu: — Nós podemos estar bêbedos, mas ele é um ordinário... e um ladrão. Olhe o que lhe encontramos no bolso. — E atirou qualquer coisa para cima do balcão. — Estes botões de punho foram roubados no início da noite, a Sir Simon Monkford.

— Muito bem — disse o sargento. — Portanto, acusa-o de obter vantagem pecuniária através de fraude, refiro-me a não ter pago a conta do restaurante, e de roubo. Mais alguma coisa?

O jovem do fato listrado riu-se com desdém e disse: — Não lhe chega?

O sargento apontou-lhe o lápis. — É melhor lembrar-se de onde está, filho. Pode ter nascido em berço de ouro, mas isto é uma esquadra da polícia e, se não falar educadamente, passa o resto da noite numa cela.

O jovem ficou com ar de tolo e nada mais disse.

O sargento voltou a centrar a atenção no que falara primeiro. — Bom, pode fornecer os detalhes de ambas as acusações? Preciso do nome e morada do restaurante, o nome e morada da sua irmã e ainda o nome e morada do dono dos botões de punho.

— Sim, posso dizer-lhe tudo isso. O restaurante...

— Ótimo! O senhor fica aqui. — Apontando para o acusado,

ordenou-lhe: — Sente-se. — Depois fez um gesto com a mão para o grupo de jovens. — Os restantes podem ir-se embora.

Pareceram todos perplexos. A sua grande aventura terminara num anticlímax, e, por momentos, ninguém se mexeu.

O sargento repetiu: — Vá lá, raspem-se, todos.

Margaret nunca ouvira tanto calão num só dia.

Os rapazes saíram a resmungar. O rapaz do fato listrado comentou: — Traz-se um criminoso à justiça e é-se tratado como se se fosse o próprio! — Mas já saía antes de terminar a frase.

O sargento começou a interrogar o rapaz de cabelo escuro e a tomar notas. Harry Marks ficou ao lado dele por uns momentos e depois virou-se, impaciente. Avistou Margaret, lançou-lhe um sorriso alegre e sentou-se ao lado dela. Perguntou: — Tudo bem, moça? O que 'tás a fazer aqui a esta hora da noite?

Margaret ficou confusa. O rapaz parecia ter-se transformado. Os modos arrogantes e o discurso refinado desapareceram, e falou com o mesmo sotaque do sargento. Por momentos, ela ficou demasiado surpreendida para responder.

Harry lançou um olhar avaliador à porta, como se estivesse a pensar dar uma corrida; depois olhou para o balcão e viu o polícia mais novo, que ainda não dissera uma palavra, a mirá-lo, alerta. Desistiu aparentemente da ideia de uma fuga e voltou-se de novo para Margaret. — Quem te pôs o olho negro? O teu velho?

Margaret recuperou a voz e explicou: — Perdi-me no *blackout* e fui de encontro a um marco do correio.

Foi a vez dele de se surpreender. Tomara-a por uma rapariga da classe trabalhadora. Agora, ao ouvi-la falar, percebeu o seu erro. Sem pestanejar, regressou à personagem anterior. — Não me diga, que má sorte incrível!

Margaret estava fascinada. Qual seria o seu eu verdadeiro? Cheirava a água-de-colónia, o cabelo estava bem cortado, embora um tudo-nada comprido, e vestia um *smoking* azul-escuro à moda de Eduardo VIII, com meias de seda e sapatos de verniz. As peças de joalharia eram de boa qualidade: botões com diamantes na camisa,

com botões de punho a condizer, um relógio de ouro com correia preta de pele de crocodilo e um anel de sinete no dedo mindinho da mão esquerda. As mãos eram grandes e fortes, mas as unhas estavam impecavelmente limpas.

Em voz baixa, perguntou-lhe: — Saiu mesmo do restaurante sem pagar?

Ele mirou-a, apreciador, e pareceu decidir-se. — Na verdade, saí — admitiu num tom conspirativo.

— Mas porquê?

— Porque, se ouvisse por mais um minuto a Rebecca Maugham-Flint a falar dos seus malditos cavalos, não devia ser capaz de resistir à ânsia de a agarrar pela garganta e estrangulá-la.

Margaret soltou uma risada. Conhecia Rebecca Maugham-Flint, uma rapariga grande e sem graça, filha de um general, que herdara os modos enérgicos e a voz de comando do pai. — Estou mesmo a ver — disse. Era difícil imaginar uma companhia para jantar mais inadequada para o atraente Mr. Marks.

O polícia de nome Steve apareceu e pegou na caneca de chá já vazia. — Sente-se melhor, Lady Margaret?

Pelo canto do olho, viu a reação de Harry Marks ao seu título. — Muito melhor, obrigada — agradeceu. Por momentos, enquanto falava com Harry, esquecera os seus próprios problemas, mas então lembrou-se de tudo o que tinha para fazer. — Foi muito amável — prosseguiu. — Agora vou deixá-lo para tratar de coisas mais importantes.

— Não precisa de se apressar — respondeu o polícia. — O seu pai, o marquês, está a caminho para a vir buscar.

O coração de Margaret parou de bater. Como era possível? Ficara tão convencida de que estava em segurança, mas subestimara o pai! Agora sentia-se tão assustada como quando caminhara pela estrada até à estação. Ele viera atrás dela, a caminho naquele preciso minuto! Ficou a tremer. — Como é que ele sabe onde eu estou? — perguntou numa voz aguda e tensa.

O jovem polícia parecia orgulhoso. — A sua descrição circulou

ontem à noite, já tarde, e eu li-a quando entrei ao serviço. No *blackout* não a reconheci, mas recordava-me do nome. As ordens são para informar o marquês de imediato. Assim que a trouxe para aqui telefonei-lhe.

Margaret levantou-se, o coração a palpar descontroladamente. — Não vou esperar por ele — declarou. — Já é de dia.

O polícia pareceu ansioso. — Só um minuto — pediu, nervoso, virando-se para o balcão. — Sargento, a senhora não quer esperar pelo pai.

Harry Marks disse a Margaret: — Não a podem obrigar a ficar. Na sua idade, fugir de casa não é crime. Se quiser ir, é só sair.

Margaret estava apavorada, não fossem eles arranjar uma desculpa para a reter.

O sargento levantou-se e deu a volta ao balcão. — Ele tem toda a razão — afirmou. — Pode-se ir embora quando quiser.

— Oh, obrigada — agradeceu ela.

O sargento sorriu. — Mas a menina não tem sapatos, e as suas meias estão cheias de buracos. Se tem de se ir embora antes de o seu pai chegar, pelo menos deixe-nos chamar um táxi.

Margaret pensou um pouco. Havião telefonado ao pai assim que ela chegara à esquadra, mas isso fora havia menos de uma hora. O pai não devia certamente chegar antes de uma hora ou mais. — Está bem — disse ao amável sargento. — Obrigada.

O homem abriu uma porta que dava para a sala. — Fica mais confortável aqui, enquanto espera pelo táxi. — E acendeu a luz.

Margaret teria preferido continuar a conversar com o fascinante Harry Marks, mas não quis recusar a oferta amável do sargento, especialmente depois de ele ter cedido. — Obrigada — repetiu.

Ao encaminhar-se para a porta, ouviu Harry dizer: — Mas que grande disparate.

Entrou na pequena sala, onde havia umas quantas cadeiras baratas e um banco, uma lâmpada pendurada do teto e uma janela com grades. Não fazia ideia por que motivo o sargento pensava que aquilo era mais confortável que a entrada e virou-se para lho dizer.

A porta fechou-se-lhe na cara, e um pressentimento de tragédia encheu-lhe o coração de pavor. Atirou-se à porta e agarrou a maçaneta. Nesse instante, o medo súbito foi confirmado ao ouvir uma chave girar na fechadura. Furiosa, chocalhou a maçaneta, mas a porta não se abriu.

Deixou-se cair, desesperada, a cabeça encostada à madeira.

Do lado de fora, ouviu um riso baixo, e depois a voz de Harry, abafada mas compreensível, a dizer: — Seu canalha!

A voz do sargento deixara de ser amável. — Cala a matraca — ordenou rudemente.

— Sabe muito bem que não tem esse direito.

— O pai dela é um tal dum marquês, e não preciso de mais direitos.

E nada mais foi dito.

Amarga, Margaret percebeu que perdera. A sua grande fuga falhara. Fora traída exatamente pelas pessoas que pensava estarem a ajudá-la. Fora livre por um tempo, mas agora tudo terminara. Não iria alistar-se no SAT, pensou, infeliz, iria embarcar no *Clipper* da Pan American e voar para Nova Iorque, a fugir da guerra. Depois de tudo por que passara, o seu destino não mudara. Parecia-lhe uma profunda injustiça.

Após um longo momento, afastou-se da porta e deu uns passos até à janela. Viu um pátio vazio e uma parede de tijolo. Ficou ali de pé, derrotada e impotente, a olhar por entre as grades a luz do dia que clareava, à espera do pai.

Eddie Deakin deu uma vista de olhos final ao *Clipper* da Pan American. Os quatro motores *Wright Cyclone* de mil e quinhentos cavalos brilhavam de óleo. Cada motor tinha a altura de um homem. As cinquenta e seis velas tinham sido substituídas. Num impulso, tirou um calibrador do bolso do fato-macaco e fê-lo deslizar para o interior de um suporte de motor, entre a borracha e o metal, para testar a união. A vibração constante do longo voo exercia uma tensão tremenda no adesivo, mas o calibrador não entrava nem um quarto

de polegada. Os suportes aguentavam.

Fechou a escotilha e desceu a escada de portaló. Enquanto o avião voltava a ser lentamente movido para a água, iria tirar o fato-macaco, lavar-se e vestir o uniforme preto de voo da Pan American.

Ao sair da doca, o sol brilhava, e Eddie subiu a colina em direção ao hotel onde a tripulação ficava durante a escala. Tinha orgulho no avião e no seu trabalho. As tripulações do *Clipper* constituíam uma elite, os melhores homens ao serviço da companhia, pois o novo serviço transatlântico era a rota mais prestigiante. Poderia dizer durante toda a sua vida que voara sobre o Atlântico nos primeiros tempos.

Planeava, porém, abandonar a companhia em breve. Tinha trinta anos, casara havia um ano, e Carol-Ann estava grávida. Voar estava bem para um homem solteiro, mas não ia passar a vida longe da mulher e dos filhos. Poupara dinheiro e tinha quase o suficiente para montar um negócio. Tinha a opção sobre um local em Bangor, no Maine, que daria um aeródromo perfeito. Faria a revisão a aviões e venderia combustível e, mais tarde ou mais cedo, talvez possuísse um aeroplano para alugar. Em segredo, sonhava talvez um dia vir a ser dono de uma companhia aérea, à imagem do pioneiro Juan Trippe, fundador da Pan American.

Chegou ao jardim do Hotel Langdown Lawn. Era uma sorte para a tripulação haver um hotel tão agradável a pouco mais de uma milha do complexo da Imperial Airways. Era uma típica casa de campo inglesa dirigida por um casal simpático, que encantava toda a gente e servia chá no relvado nas tardes de sol.

Entrou. No vestíbulo encontrou o seu engenheiro-adjunto, Desmond Finn, conhecido inevitavelmente por Mickey³, e que lhe lembrava a personagem Jimmy Olsen das histórias aos quadrinhos do Super-Homem. Era um tipo sempre bem-disposto com um sorriso aberto e a propensão de adorar Eddie como um herói, o que ele achava embaraçoso. Estava a falar ao telefone e, ao ver Eddie, disse: — Oh, espere, está cheio de sorte, ele acabou de entrar. — Passou o auscultador a Eddie e disse: — Um telefonema para ti. — Depois

subiu as escadas, educado, deixando Eddie a sós.

Este atendeu: — Está?

— É Edward Deakin?

Eddie franziu o sobrolho. A voz era-lhe desconhecida, e ninguém lhe chamava Edward. Respondeu: — Sim, sou Eddie Deakin. Quem é o senhor?

— Espere, tenho a sua mulher em linha.

O seu coração deu um salto. Por que motivo estaria Carol-Ann a telefonar-lhe dos Estados Unidos? Passava-se alguma coisa.

Passado um momento, ouviu a voz dela. — Eddie?

— Olá, querida, que foi?

Ela rebentou em lágrimas.

Veio-lhe à ideia toda uma série de explicações horríveis: a casa ardera, alguém morrera, ela magoara-se num acidente qualquer, tivera um aborto espontâneo...

— Carol-Ann, acalma-te, estás bem?

Ela falou por entre os soluços. — Não... estou... ferida...

— Então, que foi? — perguntou, receoso. — Que aconteceu? Tenta contar-me, querida.

— Vieram uns homens... à nossa casa.

O pavor deixou-o gelado. — Que homens? Que fizeram?

— Obrigaram-me a entrar num carro.

— Santo Deus, quem são eles? — A raiva era como uma dor no peito, e teve de lutar para respirar. — Magoaram-te?

— Estou bem... mas, Eddie... estou tão assustada.

Ele ficou sem saber o que dizer e vieram-lhe aos lábios demasiadas perguntas. Tinham ido a sua casa uns homens que obrigaram Carol-Ann a entrar num carro! Que estava a acontecer? Por fim, articulou: — Mas porquê?

— Não me querem dizer.

— Que disseram eles?

— Eddie, tens de fazer o que eles querem, é tudo quanto sei.

Apesar da raiva e do medo, Eddie ouviu a voz do pai a dizer: «Nunca assines um cheque em branco.» Mesmo assim, não hesitou.

— Eu faço, mas que...

— Promete!

— Prometo!

— Graças a Deus.

— Quando é que aconteceu isso?

— Há umas duas horas.

— Onde estás agora?

— Estamos numa casa não muito longe... — As palavras transformaram-se num grito de choque.

— Carol-Ann! Que se passa? Estás bem?

Não houve resposta. Furioso, assustado e impotente, Eddie apertou o auscultador até os nós dos dedos ficarem brancos.

Então, ouviu de novo a voz do mesmo homem. — Escute-me com muita atenção, Edward.

— Não, você é que me escuta, seu monte de merda! — vociferou ele. — Se a magoar, eu mato-o, juro por Deus. Vou descobri-lo nem que leve a vida toda e, quando o encontrar, seu miserável, arranco-lhe a cabeça do pescoço com as minhas próprias mãos. Percebeu bem?

Houve um momento de hesitação, como se o homem do outro lado da linha não esperasse uma tirada daquelas. Depois disse: — Não se arme em duro, está demasiado longe. — Parecia um pouco abalado, mas tinha razão, Eddie nada podia fazer. O homem prosseguiu: — Agora, preste atenção.

Eddie controlou-se com esforço.

— Vai receber as suas instruções no avião de um homem chamado Tom Luther.

No avião! Que queria dizer aquilo? Seria aquele Tom Luther um passageiro ou o quê? Eddie perguntou: — Mas o que é que querem que eu faça?

— Cale-se. O Luther diz-lhe. E é melhor seguir as ordens dele à risca se quiser voltar a ver a sua mulher.

— Como é que eu sei...

— E mais uma coisa. Não chame a polícia, não lhe servirá de

nada. Mas, se o fizer, eu fodo-a só por maldade.

— Seu canalha, eu...

A linha caiu.

Uma rua com pequenos apartamentos remodelados a partir de antigos estábulos.
(NT)

Nome tipicamente irlandês. (NT)

CAPÍTULO TRÊS

Não havia homem mais afortunado que Harry Marks.

A mãe sempre lho dissera, e, embora o pai tivesse morrido na Grande Guerra, teve a sorte de ter uma mãe forte e capaz de o educar. Limpava escritórios como ganha-pão e, durante toda a Depressão, nunca ficara sem trabalho. Viviam num prédio modesto em Battersea, com uma torneira de água fria em cada patamar e casas de banho exteriores, mas estavam rodeados de bons vizinhos, pessoas que se ajudavam umas às outras em tempos difíceis. Harry tinha um jeito especial para escapar a sarilhos. Quando, na escola, os rapazes eram açoitados, a vara do professor partia-se mesmo antes de chegar a sua vez. Podia cair debaixo de um cavalo com carroça e conseguir que passassem por cima dele sem lhe tocarem.

Foi o seu amor por joias que fez dele um ladrão.

Na adolescência adorava passear pelas opulentas ruas comerciais do West End e olhar as montras dos joalheiros. Ficava arrebatado pelos diamantes e outras pedras preciosas que cintilavam sobre veludo preto sob as luzes resplandecentes. Gostava deles pela sua beleza, mas também porque simbolizavam um tipo de vida sobre o qual lera nos livros, uma vida de grandes casas de campo com enormes relvados, onde raparigas bonitas chamadas Lady Penelope e Jessica Chumley jogavam ténis durante toda a tarde e iam tomar chá ainda ofegantes.

Fora aprendiz de um joalheiro, mas sentira-se aborrecido e irrequieto e desistira passados seis meses. Reparar correias de relógio partidas e alargar alianças para mulheres gordas não tinha qualquer fascínio. Todavia, aprendera a diferença entre um rubi e uma granada, entre uma pérola verdadeira e outra de cultura, e entre um moderno diamante de lapidação brilhante e outro de lapidação antiga do século XIX. Descobrira também a diferença entre um engaste apropriado e um deselegante, entre um desenho gracioso e uma peça de ostentação sem gosto. Esta capacidade de ver as

diferenças estimulava ainda mais a sua paixão por joias belas e o desejo pelo estilo de vida que as acompanhava.

Acabou por arranjar forma de satisfazer ambos os desejos, usando raparigas como Rebecca Maugham-Flint.

Conhecera-a em Ascot. Costumava aliciar raparigas ricas em corridas de cavalos. O ar livre e as multidões tornavam-lhe possível pairar entre dois grupos de jovens que frequentavam as corridas de tal forma que toda a gente pensava que fazia parte do outro grupo. Rebecca era uma rapariga alta com um nariz grande, muito mal vestida num vestido de malha franzido e um chapéu à Robin Hood com uma pena. Nenhum dos jovens presentes lhe prestava qualquer atenção, e ela sentiu-se pateticamente grata a Harry por falar com ela.

Harry não aprofundou de imediato aquele conhecimento, pois era melhor não parecer ansioso. Todavia, quando, mais tarde, a encontrou numa galeria de arte, a jovem cumprimentou-o como um velho amigo e apresentou-o à mãe.

Claro que as raparigas como Rebecca não costumavam ir sem uma companhia feminina a cinemas ou a restaurantes com rapazes; só as empregadas das lojas e das fábricas o faziam. Assim, perante os pais, fingiam sempre que iam sair com um grupo de amigos e, para que batesse certo, começavam normalmente a noite numa festa. Em seguida, podiam sair discretamente em pares, o que era ideal para Harry: uma vez que não fazia oficialmente a «corte» a Rebecca, os pais dela não viam necessidade de investigar as suas origens e nunca questionavam as histórias vagas que ele contava sobre uma casa de campo no Yorkshire, um colégio de pouca importância na Escócia, uma mãe inválida que vivia no Sul de França e uma possível comissão na Força Aérea Britânica.

Descobriu que na alta sociedade as histórias vagas eram comuns. Eram contadas por rapazes que não queriam admitir serem desesperadamente pobres ou terem por pais uns bêbedos sem remédio ou que vinham de famílias que se haviam desgraçado por causa de um escândalo. Ninguém se dava ao trabalho de forçar um

tipo antes de ele dar sinais de uma ligação séria a uma jovem bem-nascida.

Harry andara a sair com Rebecca desta forma vaga havia três semanas. Ela conseguira que fosse convidado para uma festa de fim de semana em Kent, onde jogara críquete e roubara dinheiro aos donos da casa, que tinham ficado tão envergonhados que não comunicaram o roubo com medo de ofender os convidados. Ela levava-o também a diversos bailes, onde Harry roubara carteiras e esvaziara malas de senhora. Para além disso, quando ia a casa dos pais dela, apropriara-se de pequenas quantias de dinheiro, alguns talheres de prata e três pregadeiras vitorianas muito interessantes, cuja falta a mãe ainda não notara.

Na sua opinião, não havia nada de imoral naquelas atividades. As pessoas que roubava não mereciam a sua fortuna, a maioria nunca trabalhara um dia durante toda a vida. Os poucos que se viam forçados a ter um emprego usavam as suas ligações das escolas privadas para conseguir sinecuras muito bem pagas: eram diplomatas, presidentes de companhias, juízes ou deputados conservadores. Roubá-los era como matar nazis: um serviço público, não um crime.

Fazia aquilo havia dois anos e sabia que não podia durar para sempre. O mundo das classes altas inglesas era grande mas limitado, alguém acabaria por o descobrir mais cedo ou mais tarde. A guerra chegara no momento em que Harry estava pronto para procurar uma forma de vida diferente.

Não ia, porém, alistar-se no Exército como um soldado raso. Má comida, roupas ásperas, perseguições e disciplina militar não eram para ele, e o verde-azeitona assentava-lhe mal. Contudo, o azul da Força Aérea condizia com os seus olhos, e facilmente se imaginava como piloto. Portanto, ia ser oficial na RAF. Ainda não descobrira como, mas iria conseguir: era assim a sua sorte.

Entretanto, decidira usar Rebecca para entrar em mais uma casa rica antes de a deixar.

Iniciaram a noite numa receção em Belgravia, na casa de Sir

Simon Monkford, um editor abastado.

Passara algum tempo com a Honorável Lydia Moss, a filha obesa de um duque escocês. Desajeitada e solitária, era mesmo o tipo de rapariga mais vulnerável ao seu charme, e ele encantou-a durante vinte minutos mais ou menos por hábito. Depois, conversou um pouco com Rebecca, para a manter agradada. Em seguida achou que chegara a altura de dar o seu golpe.

Pediou desculpa e saiu da sala. A festa decorria no grande salão do primeiro andar, e, ao atravessar o patamar e deslizar escada acima, sentiu o ímpeto excitante da adrenalina que o invadia sempre quando estava prestes a dar um golpe. O facto de saber que ia roubar os seus anfitriões, arriscar-se a ser apanhado em flagrante e ser denunciado como uma fraude, enchia-o de medo e de estímulo.

Chegou ao andar de cima e seguiu o corredor até à parte da frente da casa. Pensou que provavelmente a porta mais afastada daria para o quarto de casal. Abriu-a e viu um grande quarto com cortinas num padrão de flores e uma colcha cor-de-rosa. Ia a entrar quando se abriu outra porta e uma voz bradou, num desafio: — Ei!

Harry virou-se, a tensão a deixá-lo mais nervoso. Viu um homem de cerca da sua idade sair para o corredor e olhá-lo, curioso.

As palavras certas vieram-lhe aos lábios, como sempre que precisava. — Ah, é aí? — perguntou.

— O quê?

— A casa de banho? É aí?

O rosto do jovem desanuviou-se. — Oh, estou a ver. Você procura a porta verde na outra ponta do corredor.

— Obrigadíssimo.

— De nada.

Harry caminhou ao longo do corredor. — Bela casa! — comentou.

— É, não é? — O homem desceu a escadaria e desapareceu.

Harry permitiu-se um sorriso de satisfação. As pessoas eram tão crédulas.

Voltou para trás e entrou no quarto cor-de-rosa. Como habitual, havia um conjunto de divisões. A cor indicava que aquele era o quarto

de Lady Monkford, e uma vista de olhos rápida mostrou-lhe uma pequena sala de vestir num dos lados, igualmente decorada a rosa, um quarto contíguo, mais pequeno, com cadeiras de pele verde e papel de parede às riscas, ao qual se seguia a sala de vestir de um cavalheiro. Harry ficara a saber que era frequente os casais das classes altas dormirem separados, e ainda não decidira se isso se devia a serem menos lascivos que a classe trabalhadora ou porque se sentiam obrigados a dar uso a todas as inúmeras divisões das suas vastas casas.

O quarto de vestir de Sir Simon estava mobilado com um pesado guarda-fatos de mogno com cómoda a condizer. Abriu a gaveta de cima desta e ali, dentro de uma pequena caixa de joias em pele, viu um sortido de botões de camisa, esticadores de colarinho e botões de punho, não meticulosamente arrumados, mas sim espalhados ao acaso. A maior parte era bastante vulgar, mas o olhar experiente de Harry brilhou ao ver um par encantador de botões de punho de ouro cravejado de pequenos rubis. Guardou-os no bolso. Ao lado da caixa de joias havia uma carteira de pele macia que continha cerca de cinquenta libras em notas de cinco. Tirou vinte libras e sentiu-se satisfeito consigo próprio. *Fácil*, pensou. A maioria das pessoas necessitaria de dois meses de trabalho árduo numa fábrica suja para ganhar aquela quantia.

Nunca roubava tudo. Tirar apenas uns poucos itens criava a dúvida. As pessoas pensavam que talvez as joias se tivessem extraviado ou se tinham enganado quanto à quantia que tinham na carteira e hesitavam em denunciar o roubo.

Fechou a gaveta e passou ao quarto de Lady Monkford. Esteve tentado a sair com o vantajoso material que já conseguira, mas decidiu arriscar mais uns minutos. De modo geral, as mulheres tinham joias melhores que os maridos. Talvez Lady Monkford tivesse safiras, uma pedra que Harry adorava.

Estava uma bela noite, e havia uma janela aberta de par em par. Espreitou e viu uma pequena varanda com uma balaustrada de ferro forjado. Entrou rapidamente no quarto de vestir e sentou-se ao

toucador. Abriu todas as gavetas e deu com diversas caixas e bandejas de joias. Começou a vasculhar rapidamente, enquanto escutava com cautela o som da porta a abrir-se.

Lady Monkford não tinha bom gosto. Era uma mulher bonita que lhe parecera bastante fútil, e ela ou o marido escolhiam joias vistosas de baixo valor. As pérolas não diziam umas com as outras, as pregadeiras eram grandes e feias, os brincos desajeitados e as pulseiras espalhafatosas. Ficou desiludido.

Hesitava em levar um pingente quase bonito quando ouviu abrir-se a porta do quarto.

Imobilizou-se, o estômago apertado, pensando rapidamente.

A única porta para sair do quarto de vestir dava para o quarto. Havia uma pequena janela, mas estava firmemente fechada, e era provável que não a conseguisse abrir com rapidez e em silêncio. Pensou se teria tempo de se esconder no guarda-fatos.

Do sítio onde estava não via bem a porta do quarto. Ouviu-a fechar-se de novo, seguindo-se uma tosse feminina e passos leves sobre a carpete. Inclinou-se para o espelho e descobriu que podia ver o quarto. Lady Monkford entrara e dirigia-se ao quarto de vestir. Nem sequer tinha tempo de fechar as gavetas.

Com a respiração acelerada, sentiu-se tenso de medo, mas já vivera situações daquelas. Esperou mais um momento, obrigando-se a respirar com regularidade para acalmar a mente. Depois agiu.

Levantou-se, atravessou a porta que dava para o quarto em passo rápido e exclamou: — Ora esta!

Lady Monkford estacou no meio do aposento. Levou a mão à boca e soltou um gritinho.

Uma cortina florida adejou na brisa que entrava pela janela aberta, e Harry sentiu-se inspirado.

— Ora esta! — repetiu num tom de espanto deliberado. — Acabei de ver alguém saltar da janela.

Ela recuperou a voz. — Que quer dizer? — perguntou. — E que faz no meu quarto?

Desempenhando o seu papel, Harry foi até à janela e olhou para

fora. — Já se foi! — exclamou.

— Por favor explique-se!

Harry inspirou fundo, como quem quer ordenar as ideias. Lady Monkford tinha cerca de quarenta anos e era uma mulher nervosa no seu vestido de seda verde. Se não se descontrolasse, conseguiria lidar com ela. Cativante, sorriu e adotou a atitude de um jovem jogador de rãguebi vigoroso — um tipo que lhe devia ser familiar — e começou a enganá-la.

— Foi a coisa mais estranha que já vi — disse ele. — Estava no corredor quando um sujeito de aspeto estranho espreitou deste quarto. Avistou-me e voltou a enfiar-se cá dentro. Eu sabia que era o seu quarto porque eu próprio abrira a porta quando andava à procura da casa de banho. Perguntei-me o que andaria o tipo a fazer, não parecia um dos seus criados e não era certamente um convidado. Por isso vim perguntar-lhe, mas, quando abri a porta, ele saltou pela janela. — Em seguida, para justificar as gavetas abertas do toucador, acrescentou: — Acabei de ir ver o seu quarto de vestir e receio bem não haver dúvida de que andava atrás das suas joias.

Foi espantoso, disse para si próprio com admiração. *Devia vir nas notícias*.

Ela levou a mão à testa. — Oh, que coisa horrível — desabafou em voz fraca.

— É melhor sentar-se — aconselhou Harry, solícito, ajudando-a até uma pequena cadeira cor-de-rosa.

— Imagine-se! — exclamou ela. — Se não o tivesse espantado, o sujeito estaria aqui quando eu entrei! Acho que vou desmaiar. — Agarrou a mão de Harry e apertou-a. — Estou-lhe tão grata.

Harry abafou um sorriso. Voltara a safar-se.

Fez um plano rápido. Não queria que ela fizesse espalhafato. O ideal seria Lady Monkford ficar calada sobre o assunto. — Escute, não conte à Rebecca o que aconteceu, está bem? — disse para começar. — Ela tem uma disposição nervosa, e uma coisa destas pode deixá-la em baixo durante semanas.

— A mim também — disse ela. — Semanas! — Estava demasiado

enervada para pensar que Rebecca, enérgica e musculada, não era bem o género de ter uma disposição nervosa.

— Provavelmente vai ter de chamar a polícia e tudo isso, mas vai estragar a festa — continuou ele.

— Oh, não... isso seria terrível. *Temos* mesmo de os chamar?

— Bem... — Harry ocultou a sua satisfação. — Tudo depende do que o sujeito roubou. Porque não dá uma olhada?

— Oh, meu Deus, claro, é melhor.

Harry apertou-lhe a mão para a encorajar e ajudou-a a levantar-se. Entraram no quarto de vestir, e ela soltou uma exclamação ao ver todas as gavetas abertas. Ele levou-a até à cadeira, onde ela se sentou, começando a examinar as joias. Passado um momento, declarou: — Acho que não deve ter levado muito.

— Talvez eu o tenha surpreendido antes de ele começar — sugeriu Harry.

Ela continuou a vasculhar entre os colares, as pulseiras e as prega-deiras. — Acho que deve ter sido isso — disse ela. — O Harry é maravilhoso.

— Se não ficou sem nada, não precisa de contar a ninguém.

— Exceto a Sir Simon, claro — contrapôs ela.

— Claro — respondeu ele, embora tivesse tido esperanças de assim não ser. — Pode contar-lhe depois da festa. Assim, pelo menos não lhe estraga a noite.

— Que boa ideia — aceitou ela, agradecida.

Aquilo era muito satisfatório, e Harry ficou profundamente aliviado. Decidiu afastar-se enquanto estava com vantagem. — É melhor eu descer — anunciou. — Deixo-a a recuperar o fôlego. — Curvou-se rapidamente e beijou-a na face. Ela foi apanhada de surpresa e corou. Ele sussurrou-lhe ao ouvido: — Acho que é muito corajosa. — E com isso saiu.

Pensou que as mulheres de meia-idade eram ainda mais fáceis que as filhas. No corredor vazio viu o seu reflexo num espelho e parou para ajeitar o laço, sorrindo, triunfante, à sua imagem. — És um diabo, Harold — murmurou.

A festa estava a chegar ao fim e, quando Harry entrou na sala, Rebecca disse-lhe, irritada: — Onde estiveste?

— A falar com a nossa anfitriã — retorquiu. — Desculpa. Vamos embora?

Saiu da casa com os botões de punho do anfitrião e vinte libras no bolso.

Apanharam um táxi em Belgrave Square e seguiram para um restaurante em Piccadilly. Harry adorava bons restaurantes: os guardanapos bem engomados, os copos cintilantes, os menus em francês e os criados atenciosos davam-lhe uma profunda sensação de bem-estar. O pai nunca vira o interior de um lugar daqueles, mas a mãe talvez, se tivesse vindo limpá-lo. Mandou vir uma garrafa de champanhe, consultando a lista cuidadosamente e escolhendo uma colheita que sabia ser boa mas não rara, de modo a que o preço não fosse demasiado alto.

Quando começara a levar raparigas a restaurantes cometera alguns erros, mas aprendia depressa. Um truque útil era deixar o menu fechado e dizer: «Gostaria de um linguado, será que têm?» O criado abria o menu e indicava-lhe onde dizia *Sole meunière*, *Les goujons de sole avec sauce tartare* e *Sole grillé*. Ao vê-lo hesitar era provável que dissesse: «Os *goujons* estão muito bons, senhor.» Em breve aprendera o nome francês de todos os pratos básicos. Reparara também que era vulgar as pessoas que frequentavam aqueles lugares perguntarem ao criado o que era um prato específico: os ingleses ricos não sabiam necessariamente francês. A partir de então, fez questão de perguntar a tradução de um prato sempre que comia num restaurante chique e agora sabia ler um menu melhor que a maioria dos rapazes ricos da sua idade. O vinho também não era problema. Os *sommeliers* costumavam ficar satisfeitos por lhes pedirem uma recomendação e não esperavam que um jovem conhecesse todos os *châteaux* e comunas e as diferentes colheitas.

Nos restaurantes, como na vida, o truque era parecer à vontade, em especial quando não se estava.

O champanhe que escolheu era bom, mas naquela noite havia

qualquer coisa errada na sua disposição, e depressa descobriu que o problema era Rebecca. Não parava de pensar como seria maravilhoso levar uma rapariga bonita a um lugar daqueles. Saía sempre com raparigas sem atrativos: feias, gordas, com borbulhas, idiotas. Era fácil travar conhecimento com elas e depois, uma vez caídas por ele, ansiavam por julgá-lo pelas aparências, relutantes em questioná-lo não o fossem perder. Como estratégia para entrar em casas abastadas não tinha igual. O senão era ter de passar todo o seu tempo com raparigas de quem não gostava. Um dia, talvez...

Naquela noite, Rebecca estava amuada. Sentia-se descontente com algo. Talvez depois de sair com Harry regularmente durante três semanas se perguntasse por que motivo ele ainda não tentara «ir demasiado longe», o que para ela significava tocar-lhe nos seios. A verdade é que Harry não podia fingir desejá-la. Podia encantá-la, cortejá-la, fazê-la rir e levá-la a amá-lo, mas não conseguia desejá-la. Numa ocasião atroz, dera consigo num celeiro com uma rapariga magrinha e deprimida decidida a perder a virgindade; tentara obrigar-se, mas o seu corpo recusara a cooperar, e ainda se sentia envergonhado sempre que pensava nisso.

A sua experiência sexual ocorrera principalmente com raparigas da sua classe, e nenhum desses relacionamentos perdurara. Só tivera um caso amoroso muito satisfatório. Aos dezoito anos, fora engatado desavergonhadamente em Bond Street por uma mulher mais velha e enfadada, casada com um solicitador atarefado, e haviam sido amantes durante dois anos. Aprendera muito com Marjorie: sobre fazer amor, que ela lhe ensinava cheia de entusiasmo; sobre os modos das classes altas, que ele apanhava furtivamente; e sobre poesia, que eles liam e discutiam juntos na cama. Harry gostara muito dela. Marjorie acabara o caso de repente e de forma brutal, quando o marido descobriu que ela tinha um amante (nunca soube quem era). Desde então, Harry vira-os a ambos diversas vezes, mas a mulher olhava-o como se ele não estivesse ali, o que ele achava uma crueldade. Ela significara muito para ele e parecera gostar também dele. Teria grande força de vontade ou seria apenas insensível?

Provavelmente nunca saberia.

O champanhe e a boa comida não contribuíram para melhorar a disposição nem de Harry nem de Rebecca. Começou a sentir-se impaciente. Planeava deixá-la devagarinho após aquela noite, mas de súbito não conseguiu suportar a ideia de passar nem sequer o resto da noite com ela. Desejou não ter desperdiçado dinheiro num jantar com ela. Olhou o rosto rabugento, sem maquilhagem, esmagado sob um chapeuzinho tolo com uma pena, e começou a odiá-la.

Quando terminaram a sobremesa, mandou vir café e foi aos lavabos. O bengaleiro ficava mesmo ao lado do lavabo dos homens, perto da porta de saída, e não era visível da mesa. Harry foi acometido por um impulso irresistível. Recolheu o chapéu, deu uma gorjeta ao empregado e escapuliu-se do restaurante.

A noite estava amena. O *blackout* tornava-a muito escura, mas ele conhecia bem o West End e havia semáforos que indicavam o caminho, para além do brilho fraco das luzes de presença dos carros. Sentia-se como se o tivessem deixado sair da escola. Livrara-se de Rebecca, poupara sete ou oito libras e dera a si próprio uma noite de folga, tudo com um golpe de inspiração.

Os teatros, cinemas e salões de baile tinham sido encerrados pelo governo «até que a escala do ataque alemão sobre a Grã-Bretanha fosse avaliada», disseram eles. Todavia, os clubes noturnos funcionavam sempre à margem da lei e havia ainda muitos abertos, se se soubesse onde procurar. Pouco depois, Harry instalava-se confortavelmente a uma mesa de uma cave do Soho, bebericando uísque. Ia ouvindo uma banda de *jazz* americana de primeira qualidade e contemplando a ideia de se atirar à rapariga dos cigarros.

Ainda pensava nisso quando o irmão de Rebecca entrou.

Na manhã seguinte estava sentado numa cela na cave do tribunal, deprimido e cheio de remorsos, à espera de ser levado perante o magistrado. Estava metido num grande sarilho.

Sair do restaurante assim fora uma idiotice. Rebecca não era do tipo de engolir o orgulho e pagar a conta discretamente. Fizera um

escândalo, o gerente chamara a polícia, a família fora arrastada... Foi exatamente o tipo de agitação que Harry costumava ter todo o cuidado em evitar. Mesmo assim, ter-se-ia desenvencilhado, não fosse a incrível má sorte de dar de caras com o irmão de Rebecca umas duas horas depois.

Encontrava-se numa cela grande na companhia de mais quinze ou vinte outros prisioneiros que iam ser levados ao juiz naquela manhã. Não havia janelas, e a cela estava cheia de fumo de tabaco. Harry não seria julgado já, seria apenas uma audição preliminar.

Acabaria certamente por ser condenado, pois as provas contra ele eram inquestionáveis. O chefe de mesa confirmaria a história de Rebecca, e Sir Simon identificaria os botões de punho como seus.

Era, porém, pior que isso. Harry fora interrogado por um inspetor do Departamento de Investigação Criminal. O homem usava o uniforme dos detetives, um fato funcional de sarja, camisa branca e gravata preta, um colete sem corrente de relógio e botas usadas e muito engraxadas. Era um polícia experiente de mente arguta e modos cautelosos. Dissera-lhe: «Nos últimos dois ou três anos temos recebido relatórios ocasionais de casas abastadas sobre joias *perdidas*. Não *roubadas*, claro. Apenas desaparecidas. Pulseiras, brincos, pingentes, botões de camisa... Os implicados têm a certeza de que as peças não podem ter sido roubadas, porque as únicas pessoas que tinham tido a oportunidade de as levar teriam sido os seus próprios convidados. A única razão pela qual comunicaram o facto é desejarem reclamá-las se aparecerem algures.»

Durante todo o interrogatório, Harry mantivera a boca fechada, mas por dentro sentia-se enjoado. Tivera a certeza de que a sua carreira passara completamente despercebida até então. Ficou chocado ao saber o oposto: andavam atrás dele havia algum tempo.

O inspetor abriu uma pasta grossa. «O duque de Dorset, uma caixa de bombons de prata georgiana e uma caixa de rapé lacada, também georgiana. Mrs. Harry Jaspers, uma pulseira de pérolas com fecho de rubi, da Tiffany. A Contessa di Malvoli, um pingente de diamantes *art déco* com um fio de prata. Este homem tem bom gosto.» E o inspetor

olhou intencionalmente para os botões de diamantes da camisa do *smoking* de Harry.

Este deu-se conta de que a pasta devia conter pormenores de dezenas de crimes cometidos por si. Percebeu também que acabaria por ser condenado de pelo menos alguns. Aquele inspetor perspicaz juntara todos os factos básicos e ser-lhe-ia fácil juntar testemunhas que dissessem que Harry estivera em cada um dos lugares na altura do roubo. Mais cedo ou mais tarde passariam busca ao seu alojamento e à casa da mãe. A maior parte das joias tinha sido despachada, mas guardara algumas peças: os botões de diamantes em que o detetive reparara tinham sido tirados a um bêbedo que dormia num baile em Grosvenor Square, e a mãe tinha uma pregadeira que ele colhera habilmente do peito de uma condessa numa festa de casamento num jardim do Surrey. E, depois, como iria responder quando lhe perguntassem de que vivia?

Ia a caminho de um longo período na prisão. E, quando saísse, seria recrutado para o Exército, o que era mais ou menos a mesma coisa. Essa ideia fez-lhe gelar o sangue.

Recusou-se resolutamente a abrir a boca, mesmo quando o inspetor o agarrou pelas lapelas do *smoking* e o atirou contra a parede, contudo, o silêncio não o iria salvar. A lei tinha o tempo do seu lado.

Restava-lhe apenas uma hipótese de liberdade. Teria de convencer os magistrados a darem-lhe fiança e depois desaparecer. De súbito, ansiou por liberdade, como se estivesse preso havia anos e não horas.

Desaparecer não iria ser simples, mas a alternativa fazia-o estremecer.

Ao roubar os ricos, acostumara-se ao seu estilo de vida. Levantava-se tarde, bebia café de uma chávena de porcelana, usava belas roupas e comia em restaurantes caros. Continuava a gostar de voltar às suas raízes, de beber no *pub* com velhos amigos ou de levar a mãe ao Odeon. Todavia, a ideia da prisão era insuportável: as roupas sujas, a comida horrível, a total falta de privacidade e, pior que

tudo, o tédio incessante de uma existência sem qualquer objetivo.

Com um arrepio de asco, concentrou-se no problema de conseguir a fiança.

É claro que a polícia se ia opor, mas seriam os magistrados a tomar a decisão. Harry nunca comparecera em tribunal, mas, nas ruas onde crescera, as pessoas sabiam essas coisas, tal como sabiam quem tinha direito a uma casa camarária e como se varriam chaminés. Só em julgamentos de assassínios é que a fiança era automaticamente recusada. Noutros casos, ficava ao critério dos magistrados. Normalmente faziam o que a polícia pedia, mas nem sempre. Por vezes, era possível dar-lhes a volta, com um advogado esperto ou com um réu com uma história sentimental sobre uma criança doente. Por vezes, se o promotor público fosse um tanto arrogante, concediam a fiança só para afirmar a sua independência. Teria de arranjar algum dinheiro, provavelmente vinte e cinco ou cinquenta libras, o que não era problema. Tinha muito dinheiro. Haviam-no autorizado a fazer um telefonema, e ele telefonara para o quiosque dos jornais, na esquina da rua onde a mãe vivia, e pedira a Bernie, o dono, para mandar um dos jornaleiros ir buscar a mãe. Quando ela, por fim, chegou, Harry disse-lhe onde encontrar o seu dinheiro.

— Vão dar-me a fiança, mãe — afirmou ele, petulante.

— Eu sei, filho — respondera a mãe. — Sempre tiveste sorte.

Mas se não tivesse...

Já me safei de situações complicadas, disse a si próprio, animado.

Mas não tão complicadas.

Um guarda bradou: — Marks!

Harry levantou-se. Não planeara o que ia dizer, costumava improvisar no momento. Todavia, por uma vez, desejava ter alguma coisa preparada. *Vamos lá acabar com isto*, pensou, nervoso. Abotoou o casaco, ajeitou o laço e endireitou o quadradinho de linho branco do bolso do casaco. Esfregou o queixo e desejou que o tivessem deixado barbear-se. No último minuto, o gérmen de uma história surgiu-lhe na mente, e tirou os botões de punho da camisa,

enfiando-os no bolso.

Abriram o portão, e Harry saiu.

Levaram-no por uma escada de cimento que dava para o banco dos réus, no meio do tribunal. Na sua frente ficavam os lugares dos advogados, todos vazios, o funcionário dos magistrados, um advogado licenciado, atrás da sua secretária, e o coletivo dos juízes, com três magistrados não profissionais.

Santo Deus, pensou Harry, *espero que os sacanas me deixem sair.*

De um dos lados da galeria de imprensa, via-se um jovem repórter com um caderno de notas. Harry virou-se e olhou para o fundo do tribunal. Aí, nos lugares públicos, avistou a mãe, com o seu casaco melhor e um chapéu novo. A mãe deu uma pancadinha sugestiva no bolso, que Harry interpretou em como tinha o dinheiro para a fiança. Para seu horror, viu que usava a pregadeira que ele roubara à condessa de Eyer.

Virou-se para a frente e agarrou a balaustrada para impedir as mãos de tremerem. O promotor público, um inspetor da polícia calvo com um grande nariz, dizia: — O número três da vossa lista, Meritíssimos. Roubo de vinte libras em dinheiro e um par de botões de punho de ouro com o valor de quinze guinéus, propriedade de Sir Simon Monkford, e o facto de ter obtido uma vantagem pecuniária por meio de fraude no restaurante Saint Raphael, em Piccadilly. A polícia pede prisão preventiva porque está a investigar mais crimes que envolvem grandes somas de dinheiro.

Harry estudava os magistrados, alerta. De um lado estava um velhote de suíças brancas e colarinho engomado e, do outro, um sujeito com ar de militar, com uma gravata do regimento. Ambos o olharam com desprezo, e calculou que acreditavam que toda a gente que aparecia diante deles devia ser culpada de alguma coisa. Sentiu-se desesperado. Depois disse a si próprio que um preconceito idiota podia ser rapidamente transformado em credulidade igualmente idiota. Era melhor que não fossem demasiado espertos, se queria enfiar-lhes o barrete. O presidente, ao meio, era o único que realmente contava. Era um homem de meia-idade de bigode grisalho,

fato cinzento e um ar de cansado da vida que sugeria que, no seu tempo, ouvira mais histórias inacreditáveis e desculpas plausíveis do que gostava de se recordar. Era aquele a quem devia prestar atenção, pensou Harry, ansioso.

O presidente perguntou-lhe: — Vai pedir fiança?

Ele fingiu estar confuso. — Oh! Deus santíssimo! Acho que sim. Sim... sim, vou.

Os três magistrados endireitaram-se e começaram a prestar atenção ao ouvirem o seu sotaque de classe alta. Harry gozou o efeito. Tinha orgulho na sua capacidade de confundir as expectativas sociais das pessoas. A reação dos magistrados encorajou-o. *Consigo enganá-los*, pensou. *Aposto que sim*.

O presidente perguntou: — Bem, o que tem a dizer em sua defesa?

Harry escutou atentamente o sotaque do presidente, tentando identificar a classe social com precisão. Decidiu que pertencia à classe média instruída, talvez um farmacêutico ou um gerente de banco. Devia ser astuto, mas teria o hábito de se submeter às classes altas.

Harry ensaiou uma expressão de embaraço e adotou o tom de um aluno a dirigir-se ao diretor da escola. — Receio que tenha havido uma confusão terrível, Excelência — começou. O interesse dos magistrados aumentou, e remexeram-se nos assentos, inclinando-se para a frente, interessados. Viam bem que não ia ser um caso rotineiro e ficavam gratos pelo alívio do tédio habitual. Harry prosseguiu: — Para dizer a verdade, ontem, alguns dos rapazes beberam demasiado porto no bar do Carlton Club, e foi isso que causou tudo. — Interrompeu-se, como se nada mais tivesse a dizer, e olhou, esperançado, para os juízes.

O magistrado militar exclamou: — O Carlton Club! — A sua expressão dizia que não era frequente membros daquela respeitável instituição aparecerem em tribunal.

Harry perguntou-se se teria ido demasiado longe. Talvez se recusassem a acreditar que era membro. Continuou apressadamente: — É extremamente embaraçoso, mas eu vou *de imediato* pedir

desculpa aos envolvidos e esclarecer tudo sem demora... — Fingiu lembrar-se de súbito de que trajava *smoking*. — Isto é, assim que mudar de roupa.

O mais velho perguntou: — Está a dizer que não *tencionava* levar vinte libras e um par de botões de punho?

Falou num tom de incredulidade, mas, mesmo assim, era bom sinal que lhe estivessem a fazer perguntas. Significava que não rejeitavam a sua história sem mais nem menos. Se não tivessem acreditado numa palavra do que dissera, não se dariam ao trabalho de o contestar com pormenores. Animou-se: talvez viesse a ser libertado!

Prosseguiu: — A verdade é que pedi os botões de punho emprestados... saí sem os meus. — Ergueu os braços para mostrar os punhos desapertados da camisa que espreitavam das mangas do casaco. Os botões de punho estavam guardados no bolso.

O sujeito mais velho perguntou: — Então, e as vinte libras?

Era uma pergunta mais difícil, como Harry compreendeu, ansioso. Não se lembrou de nenhuma desculpa plausível. Podemos esquecer-nos dos botões de punho e pedir emprestados os de outra pessoa, mas levar dinheiro sem permissão era o mesmo que roubar. Sentia-se à beira do pânico quando a inspiração o salvou uma vez mais. — Estou convencido de que Sir Simon talvez estivesse enganado sobre a quantia que tinha na carteira. — Baixou a voz, como se quisesse dizer algo aos magistrados que o povo presente no tribunal não devesse ouvir. — Ele é horivelmente rico, Excelência.

O presidente comentou: — Não enriqueceu esquecendo-se de quanto dinheiro tinha. — Uma onda de riso soltou-se das pessoas no tribunal. Um pouco de humor podia ser um sinal encorajador, mas o presidente não esboçou qualquer sorriso, pois não fora sua intenção ter graça. *É gerente de um banco*, pensou Harry. *Com o dinheiro não se brinca*. O magistrado prosseguiu: — E por que razão não pagou a conta do restaurante?

— Bem, lamento imenso essa questão. Tive uma discussão tremenda com... com a minha convidada. — Absteve-se claramente de dizer com quem jantara, pois, entre os alunos dos colégios

privados, ficava mal mencionar o nome de uma mulher, e os magistrados deviam saber isso. — Receio bem ter saído furioso e esqueci-me completamente da conta.

O presidente olhou por cima dos óculos e fixou nele um olhar duro. Harry achou que tinha tido um deslize, e o coração fraquejou-lhe. Que dissera ele? Ocorreu-lhe que exibira uma atitude indiferente perante uma dívida, o que era normal entre as classes altas mas um pecado mortal para o gerente de um banco. O pânico invadiu-o, e sentiu que estava prestes a perder tudo por um pequeno erro de julgamento. Disse sem pensar: — Foi terrivelmente irresponsável da minha parte, Excelência, mas vou lá à hora do almoço e faço contas, claro. Isto é, se me deixar ir.

Não sabia dizer se o juiz afrouxara. — Portanto, está a dizer-me que, quando nos tiver dado as suas explicações, é provável que as queixas contra si sejam retiradas?

Harry decidiu que devia prevenir-se contra o facto de parecer ter uma resposta espertalhona para todas as questões. Baixou a cabeça e compôs um ar idiota. — Calculo que mereço totalmente se as pessoas se recusarem a retirar as queixas.

— Provavelmente sim — disse o presidente num tom sério.

Seu velho caquético, pensou Harry, sabendo, porém, que aquele tipo de coisa, embora humilhante, era boa para o seu caso. Quanto mais o repreendessem, menos provável era que o enviassem de novo para a prisão.

— Deseja acrescentar alguma coisa? — perguntou o presidente.

Em voz baixa, Harry respondeu: — Só que estou tremendamente envergonhado, Excelência.

— Hum. — O magistrado resmungou, cético, mas o militar assentiu em aprovação.

Os três magistrados deliberaram em sussurros por algum tempo. Passado um momento, Harry deu-se conta de que estava a sustentar a respiração e obrigou-se a respirar. A ideia de que todo o seu futuro estivesse nas mãos daqueles trastes era insuportável. Queria que se apressassem e tomassem uma decisão; logo depois, quando eles

assentiram em uníssonos, desejou que adiassem aquele momento horrível.

O presidente ergueu o olhar. — Espero que uma noite nas celas lhe tenha ensinado uma lição — declarou.

Oh, meu Deus, acho que me vai deixar ir, pensou Harry. Engoliu em seco e afirmou: — Sem dúvida, Excelência. Não desejo voltar lá nunca mais.

— Certifique-se disso.

Fez-se outra pausa, e depois o presidente desviou o olhar e dirigiu-se ao tribunal: — Não vou afirmar que acreditamos em tudo o que ouvimos, mas achamos que a prisão preventiva não se aplica a este caso.

Uma onda de alívio inundou Harry, e as pernas fraquejaram-lhe.

O presidente concluiu: — Sete dias de prisão suspensa. Cinquenta libras de fiança.

Harry estava livre.

Via agora as ruas com outros olhos, como se tivesse estado anos na prisão e não algumas horas.

Londres preparava-se para a guerra. Dezenas de enormes balões prateados flutuavam no céu, bem alto, para bloquear os aviões alemães. As lojas e os edifícios públicos estavam rodeados de sacos de areia para os proteger dos danos causados pelas bombas. Havia novos abrigos antiaéreos nos parques, e toda a gente trazia consigo uma máscara de gás. As pessoas sentiam que podiam ser eliminadas a qualquer momento, o que fazia com que deixassem cair as reservas e conversassem amavelmente com desconhecidos.

Harry não se recordava da Grande Guerra, pois tinha dois anos quando terminara. Em rapazinho, pensava que «a Guerra» era um lugar, uma vez que todos lhe diziam «o teu pai morreu na Guerra», tal como lhe diziam «vai brincar no Parque, não caias ao Rio, a mãe vai ao *Pub*». Mais tarde, quando já tinha idade para compreender o que tinha perdido, qualquer menção da guerra era-lhe dolorosa. Com Marjorie, a mulher do solicitador que fora sua amante por dois anos,

lera a poesia da Grande Guerra e, por um tempo, declarara-se pacifista. Depois vira os Camisas Negras a marchar em Londres e os rostos assustados dos velhos judeus a observá-los, tendo decidido que valia a pena travar algumas guerras. Nos últimos anos sentira-se enojado com a forma como o governo britânico fazia de conta que não via o que se passava na Alemanha, só porque tinham esperança de que Hitler destruísse a União Soviética. Contudo, agora que a guerra fora declarada, só pensava nos rapazinhos que viveriam, tal como ele, com um buraco nas suas vidas que deveria ter sido ocupado por um pai.

Os bombardeiros, porém, ainda não tinham vindo, e o dia estava soalheiro.

Decidiu não ir ao seu alojamento. A polícia devia estar furiosa por ter conseguido a fiança e deviam querer voltar a prendê-lo à primeira oportunidade. Era melhor manter-se escondido por um tempo. Todavia, quanto tempo teria de passar a olhar por cima do ombro? Conseguiria escapar à polícia para sempre? E, se não, que iria fazer?

Apanhou o autocarro com a mãe. De momento, iria para casa dela em Battersea.

A mãe parecia triste. Sabia como ele ganhava a vida, embora nunca tivessem falado disso. Agora disse pensativamente: — Nunca pude dar-te nada.

— A senhora deu-me tudo, mãe — protestou ele.

— Não, não dei, senão porque precisarias de roubar?

Harry não tinha resposta para aquela pergunta.

Quando saíram do autocarro, foi ao quiosque dos jornais, agradeceu a Bernie ter chamado a mãe para vir ao telefone e comprou o *Daily Express*. O cabeçalho apregoava: «Polacos bombardeiam Berlim.» Ao sair, viu um polícia de giro a circular de bicicleta ao longo da rua e sentiu por momentos um pânico idiota. Quase se virou para fugir, mas controlou-se e disse a si próprio que eles mandavam sempre duas pessoas quando queriam prender alguém.

Não posso viver assim, pensou.

Dirigiram-se ao prédio da mãe e subiram a escada de pedra até ao quarto andar. A mãe pôs a chaleira ao lume e disse: — Engomei o teu fato azul, podes vesti-lo. — Ela continuava a tratar da roupa dele, cosendo botões e passajando as meias de seda. Harry foi ao quarto, tirou a mala de debaixo da cama e contou o dinheiro.

Após dois anos a roubar, tinha duzentas e quarenta e sete libras. *Devo ter fanado quatro vezes mais, pensou. Em que é que terei gasto o resto?*

Possuía também um passaporte americano.

Folheou-o pensativamente. Recordou-se de o ter encontrado numa escrivaninha na casa de um diplomata em Kensington. Reparara que o nome do dono era Harold e que a fotografia era um tanto parecida com ele, por isso enfiou-o no bolso.

A América, pensou.

Sabia imitar um sotaque americano. Na verdade, sabia algo que a maioria dos britânicos desconhecia: que havia diversos sotaques americanos diferentes, alguns dos quais eram mais chiques que outros. A palavra «Boston», por exemplo. As pessoas de Boston diziam «Baston», as de Nova Iorque «Bawston». Quanto mais inglês fosse o som, mais classe alta se era na América... e havia milhões de raparigas americanas ricas à espera de que as namorcassem.

Pelo contrário, no seu país nada havia para ele para além da prisão e do Exército.

Tinha passaporte e um punhado de dinheiro. Tinha um fato limpo no guarda-fatos da mãe e podia comprar umas camisas e uma mala. Southampton distava setenta e cinco milhas.

Podia partir naquele mesmo dia.

Era como um sonho.

A mãe chamou-o à realidade, falando da cozinha. — Harry, queres uma sanduíche de *bacon*?

— Sim, por favor.

Foi até à cozinha e sentou-se à mesa. A mãe pôs-lhe a sanduíche na frente, mas ele não lhe pegou. — Vamos para a América, mãe — disse.

Ela desatou a rir. — Eu? Na América? Está-se mesmo a ver!

— Estou a falar a sério. Eu vou.

Ela compôs um ar sério. — Não é para mim, filho. Sou demasiado velha para emigrar.

— Mas vai haver guerra.

— Vivi aqui durante uma guerra, uma greve geral e uma Depressão. — Olhou em seu redor para a cozinha minúscula. — Não é muito mas é o que eu conheço.

Harry não esperara realmente que ela concordasse, mas, agora que a mãe o dissera, sentiu-se desmoralizado. A mãe era tudo o que tinha.

— E o que é que farás por lá? — perguntou ela.

— Está preocupada com os meus roubos?

— Roubar acaba sempre da mesma maneira. Nunca conheci nenhum larápio que não fosse engaiolado mais cedo ou mais tarde.

Harry disse-lhe: — Gostava de me alistar na Força Aérea e aprender a pilotar.

— E deixavam-te?

— Lá na América não querem saber se somos da classe trabalhadora desde que tenhamos miolos.

A mãe pareceu-lhe mais animada. Sentou-se e bebeu o chá enquanto Harry comia a sanduíche de *bacon*. Depois de acabar, tirou o dinheiro e contou cinquenta libras.

— Para que é isso? — perguntou ela. Era uma quantia igual à que ganhava em dois anos a limpar escritórios.

— Pode vir a ser útil — disse ele. — Aceite, mãe. Quero que fique com ele.

Ela pegou no dinheiro. — Então, vais-te mesmo embora?

— Vou pedir a moto emprestada ao Sid Brennan, sigo hoje para Southampton e embarco num navio.

Ela estendeu o braço através da mesa e pegou-lhe na mão.

— Boa sorte, filho.

Ele apertou-lhe a mão suavemente. — Eu mando-lhe mais dinheiro da América.

— Não é preciso, a não ser que não te faça falta. Preferia que me escrevesse uma carta de vez em quando, para eu saber como vais.

— Sim, eu escrevo.

Os olhos da mãe encheram-se de lágrimas. — Volta e vem ver a tua velhota um dia, está bem?

Ele apertou-lhe a mão. — Claro que sim, mãe. Eu volto.

Harry mirou-se no espelho do barbeiro. O fato azul, que lhe custara treze libras em Savile Row, ficava-lhe a matar e condizia com os seus olhos azuis. O colarinho mole da nova camisa tinha um ar americano. O barbeiro escovou os ombros acolchoados do casaco assertado, Harry deu-lhe uma gorjeta e saiu.

Da cave, subiu a escadaria de mármore e chegou ao átrio requintado do Hotel South-Western. Abarrotava de pessoas. Era o ponto de partida para a maioria das travessias transatlânticas, e milhares de pessoas tentavam sair de Inglaterra.

Harry descobrira isso mesmo ao tentar comprar um beliche num transatlântico. Todos os navios estavam completos havia semanas. Algumas das linhas tinham fechado os escritórios para não desperdiçar o tempo dos empregados a recusar pessoas. Por um momento, pareceu-lhe impossível. Estava prestes a desistir e a começar a pensar noutro plano quando um agente de viagens mencionara o *Clipper* da Pan American.

Lera sobre o *Clipper* nos jornais. O serviço tivera início no verão. Podia voar-se para Nova Iorque em menos de trinta horas, em vez de quatro ou cinco dias num navio. Contudo, um bilhete de ida custava noventa libras. Noventa libras! Quase se podia comprar um carro novo com essa quantia.

Harry gastara-as. Era uma loucura, mas agora que tomara a decisão de ir, pagaria qualquer preço para sair do país. E o avião era de um luxo sedutor: seria champanhe todo o caminho até Nova Iorque. Era o tipo de extravagância louca que Harry adorava.

Já não dava um salto de cada vez que via um chui. Não havia forma de a polícia de Southampton saber dele. Todavia, nunca tinha

andado de avião e agora sentia-se nervoso.

Verificou as horas no relógio de pulso, um *Patek Philippe* que roubara numa coudelaria real. Tinha tempo para uma chávena de café rápida para acalmar o estômago. Entrou no salão.

Enquanto saboreava o café, entrou uma mulher espantosamente bela. Era uma loura perfeita e usava um vestido cintura de vespa de seda creme, com bolas de um laranja-avermelhado. Tinha trinta e poucos anos, cerca de dez anos mais velha que ele, o que não o impediu de lhe sorrir quando cruzou o olhar com ela.

Ela sentou-se à mesa contígua, de lado para Harry, que estudou a forma como a seda se lhe ajustava ao peito e lhe cobria os joelhos. Os sapatos eram cremes e tinha um chapéu de palha; pousou uma pequena carteira sobre a mesa.

Passado um momento, juntou-se-lhe um homem de *blazer*. Ao ouvi-los falar, Harry descobriu que ela era inglesa, mas ele era americano. Escutou atentamente, aperfeiçoando o seu sotaque. Ela chamava-se Diana, e o homem Mark. Viu-o tocar no braço dela, ao que ela se inclinou para ele. Estavam apaixonados e só se viam um ao outro, era como se o salão estivesse vazio.

Sentiu uma pontada de inveja.

Desviou o olhar, sentindo-se ainda enjoado. Estava prestes a voar através do Atlântico e parecia-lhe um longo caminho sem terra por baixo. Nunca compreendera o princípio das viagens aéreas: os hélices giravam, giravam sem parar, então como é que o avião subia?

Enquanto escutava Mark e Diana, praticou mostrar-se despreocupado. Não queria que os outros passageiros do *Clipper* soubessem que estava nervoso. *Sou Harry Vandenpost, pensou, um jovem americano abastado que regressa a casa devido à guerra na Europa* (pronunciado Yurru-p). *Neste momento não tenho emprego, mas calculo que tenha de assentar em breve. O meu pai tem investimentos. A minha mãe, paz à sua alma, era inglesa e frequentei lá a escola. Não fui para a universidade, nunca gostei de marrar.* (Os americanos diriam marrar? Não tinha a certeza.) *Passei tanto tempo em Inglaterra que apanhei uma parte das expressões locais. Claro*

que já andei de avião algumas vezes, mas este é o meu primeiro voo através do Atlântico. Estou mesmo ansioso.

Quando acabou o café já não estava praticamente nada assustado.

Eddie Deakin desligou o telefone e olhou em volta da entrada: estava vazia. Ninguém ouvira. Ficou a olhar para o aparelho que o mergulhara num horror, odiando-o, como se pudesse acabar com o pesadelo despedaçando-o. Depois virou-se lentamente.

Quem eram eles? Para onde tinham levado Carol-Ann? Por que motivo a tinham raptado? Que podiam querer dele? As perguntas zumbiam-lhe na cabeça como moscas dentro de um frasco. Tentou pensar e forçou-se a analisar uma pergunta de cada vez.

Quem *eram* eles? Poderiam ser simples lunáticos? Não. Estavam demasiado bem organizados; loucos talvez pudessem conseguir realizar um rapto, mas fora preciso um planeamento cuidadoso para descobrir onde Eddie estaria imediatamente a seguir ao rapto e levá-lo a falar ao telefone com Carol-Ann no momento exato. Então, eram lógicos, mas estavam preparados para violar a lei. Talvez fossem uns anarquistas quaisquer, mas era mais provável estar a lidar com gângsteres.

Para onde teriam levado a mulher? Ela dissera que estava numa casa, que podia pertencer a um dos raptadores, mas era mais provável que se tivessem apoderado ou arrendado uma casa vazia num local isolado. Carol-Ann dissera que aquilo acontecera havia umas duas horas, portanto a casa não podia distar mais de sessenta ou setenta milhas de Bangor.

Por que motivo a haviam raptado? Queriam algo dele, algo que ele não daria voluntariamente, algo que não faria por dinheiro, algo, calculou, que quereria recusar-lhes. Mas o quê? Não tinha dinheiro, não sabia segredos e não tinha ninguém sob o seu poder.

Tinha de ser alguma coisa a ver com o *Clipper*.

Eles tinham dito que receberia as instruções a bordo do *Clipper* de um homem de nome Tom Luther. Estaria Luther a trabalhar para alguém que queria pormenores da construção e do funcionamento do

avião? Talvez outra companhia aérea ou um país estrangeiro? Era possível. Os alemães ou os japoneses podiam ter esperança de construir uma cópia para usar como bombardeiro. Todavia, tinha de haver formas mais fáceis de arranjar os projetos. Centenas de pessoas, talvez milhares, podiam dar essa informação: empregados da Pan American, empregados da Boeing, até os mecânicos da Imperial Airways que faziam a revisão dos motores ali, em Hythe. Não era necessário raptar ninguém. Que diabo, as revistas tinham publicado detalhes técnicos mais que suficientes.

Queria alguém roubar o avião? Era difícil de imaginar.

A explicação mais provável era que queriam a cooperação de Eddie para traficar algo ou alguém para os Estados Unidos.

Bem, não sabia nem conseguia imaginar mais nada. Que iria fazer?

Era um cidadão cumpridor da lei e vítima de um crime e desejava desesperadamente chamar a polícia.

Sentia-se, porém, aterrorizado.

Nunca estivera tão assustado na sua vida. Na infância, o pai e o Diabo assustavam-no, mas desde então nada o deixara realmente petrificado. Naquele momento, sentia-se impotente e transido de medo. Sentia-se mesmo paralisado: por um momento, não conseguiu sequer mover-se.

Pensou na polícia.

Estava em Inglaterra, não valia a pena falar com os polícias da terra nas suas bicicletas. Contudo, podia tentar ligar ao xerife do condado na América, ou à polícia estadual do Maine, ou até para o FBI, e levá-los a começarem a busca de uma casa isolada que tivesse sido recentemente alugada por um homem...

«Não chame a polícia, não lhe servirá de nada», dissera a voz ao telefone. «Mas, se o fizer, eu fodo-a só por maldade.»

Eddie acreditava nele. A voz maldosa do homem deixara transparecer uma ânsia, talvez como se esperasse uma desculpa para a violar. Com o ventre redondo e os seios inchados, a mulher tinha um aspeto apetecível e sensual que...

Cerrou o punho, mas não havia mais nada que esmurrar senão a parede. Com um gemido de desespero, saiu pela porta da frente, - abalado. Sem ver para onde ia, atravessou o relvado e chegou a um pequeno bosque, onde parou, encostando a testa contra a casca enrugada de um carvalho.

Eddie era um homem simples. Nascera numa quinta a algumas milhas de Bangor. O pai era um lavrador pobre, que possuía uns acres de batatal, umas quantas galinhas, uma vaca e uma horta. A Nova Inglaterra não era um bom lugar para se ser pobre: os invernos eram longos e terrivelmente frios. A mãe e o pai acreditavam que tudo acontecia por vontade de Deus. Mesmo quando a sua irmã, ainda bebé, apanhara pneumonia e morrera, o pai dissera que Deus tinha um propósito, «demasiado profundo para nós compreendermos». Nesse tempo, tinha o devaneio de encontrar tesouros enterrados nos bosques: a arca de pirata com ferragens, a abarrotar de ouro e pedras preciosas, como nas histórias. Na sua fantasia, levava uma moeda de ouro a Bangor e comprava grandes camas confortáveis, uma carga de lenha, loiça bonita para a mãe, casacos de carneira para toda a família, bifos grossos e uma geleira cheia de gelado e um ananás. A casa deprimente e delapidada transformava-se num lugar de calor, conforto e felicidade.

Nunca encontrou um tesouro enterrado, mas recebeu instrução, caminhando as seis milhas para a escola todos os dias. E gostava, porque a sala de aula era mais quente que a sua casa, e Mrs. Maple estimava-o, pois ele perguntava sempre como funcionavam as coisas.

Anos mais tarde foi a professora que escreveu ao seu congressista, que lhe conseguiu uma oportunidade de fazer o exame de admissão em Annapolis.

Achou que a Academia Naval era o paraíso. Havia cobertores e boas roupas e toda a comida que se conseguia comer; nunca imaginara tal abundância. O duro regime físico era fácil; a conversa fiada não era pior do que as que ouvira toda a vida na igreja, e a praxe não passava de um tormento insignificante, comparada com as tarefas que o pai lhe dava.

Foi em Annapolis que se apercebeu pela primeira vez de como os outros o viam. Ficou a saber que era sério, tenaz, inflexível e que trabalhava duramente. Embora fosse magro, os rufias raramente embirravam com ele, pois os seus olhos tinham uma expressão que os afastava. As pessoas gostavam dele porque podiam confiar que fazia o que prometera, mas nunca alguém usou o seu ombro para chorar.

Ficou surpreendido por ser elogiado pela sua capacidade de trabalho. Tanto a mãe como o pai lhe haviam ensinado que se podia alcançar o que se desejava trabalhando para isso, e Eddie nunca imaginara a vida de outra forma. Mesmo assim, o cumprimento agradava-lhe. A expressão mais elogiosa do pai fora tratar alguém por «pastor», a palavra de gíria que no Maine significava trabalhador esforçado.

Recebeu uma divisa e foi escolhido para aprender a pilotar - hidroaviões. Em comparação com a sua casa, Annapolis fora confortável, mas a Marinha americana era positivamente um luxo. Conseguiu enviar dinheiro aos pais para arranjam o telhado e comprarem um fogão novo.

Estava havia quatro anos na Marinha quando a mãe morreu, seguida pelo pai cinco meses mais tarde. Os poucos acres de terra foram incorporados na quinta dos vizinhos, mas Eddie conseguiu comprar a casa e o bosque por uma pechincha. Demitiu-se da Marinha e arranjou um emprego bem pago na Pan American Airways System.

Entre os voos, trabalhava na velha casa, instalando canalização e eletricidade e um esquentador, fazendo ele próprio o trabalho e pagando os materiais do seu salário de engenheiro. Comprou aquecedores elétricos para os quartos, um rádio e até um telefone. Depois, encontrou Carol-Ann. Pensou que em breve a casa se encheria do riso das crianças e que o seu sonho se tornaria realidade.

Pelo contrário, transformara-se num pesadelo.

CAPÍTULO QUATRO

As primeiras palavras que Mark Alder disse a Diana Lovesey foram: «Meu Deus, você é a coisinha mais linda que vi hoje.»

As pessoas diziam-lhe constantemente aquele tipo de coisas. Era bonita e animada e gostava de se vestir bem. Naquela noite usava um vestido comprido turquesa com pequenas lapelas, um corpete pregueado e mangas curtas apanhadas no cotovelo. Sabia que estava maravilhosa.

Encontrava-se no Hotel Midland, em Manchester, num jantar dançante. Não sabia bem se era a Câmara de Comércio, a «noite das senhoras» dos mações ou uma angariação de fundos para a Cruz Vermelha: em todas as funções daquele género apareciam as mesmas pessoas. Dançara com a maior parte dos associados de negócios do marido, Mervyn, que lhe tinham pisado os dedos e apertado demais; os olhares das respetivas mulheres pareciam punhais lançados na sua direção. Era estranho, pensou Diana, que, quando um homem fazia figura de tolo por causa de uma rapariga bonita, a mulher odiava sempre a rapariga e não o homem. A verdade é que Diana não tinha interesse por nenhum dos maridos delas, pomposos e a cheirar a uísque.

Escandalizara-os a todos e envergonhara o marido ao ensinar o vice-presidente da Câmara a dançar o *jitterbug*, uma dança popular americana. Naquele momento sentiu necessidade de fazer uma pausa e foi até ao bar do hotel com a desculpa de comprar cigarros.

Ele encontrava-se lá sozinho, a beber um pequeno conhaque, e olhou para ela como se Diana tivesse trazido a luz do Sol consigo. Era um homem baixo e bem-cuidado com um sorriso travesso e sotaque americano. O comentário parecia espontâneo e tinha modos encantadores e, assim, ela lançou-lhe um sorriso radiante, mas não falou. Comprou cigarros, bebeu um copo de água gelada e regressou ao baile.

Ele deve ter perguntado ao *barman* quem ela era e descobriu a

morada, pois, no dia seguinte, ela recebeu uma nota da parte dele, escrita no papel timbrado do Hotel Midland.

Na verdade, era um poema.

Começava assim:

*Cravada no coração de um sorriso a imagem
Na fantasia cinzelada para todo o sempre,
Nem a dor, o tempo ou a mágoa podem manchar.*

Os versos fizeram-na chorar.

Chorou por tudo o que almejava e nunca conseguira alcançar. - Chorou porque vivia numa cidade industrial suja, com um marido que detestava fazer férias. Chorou porque o poema era a única coisa amável e romântica que lhe acontecera nos últimos cinco anos. E chorou porque já não estava apaixonada por Mervyn.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

O dia seguinte era um domingo, e Diana foi à cidade na segunda-feira. Normalmente teria ido primeiro à Boots para trocar o livro na Biblioteca Itinerante e depois comprava um bilhete que combinava almoço e filme por dois xelins e seis dinheiros no cinema Paramount, em Oxford Street. Após o filme, teria dado uma volta pelos armazéns Lewis e Finnigan e comprado fitas ou guardanapos ou presentes para as filhas da irmã. Poderia ir a uma das pequenas lojas na Shambles para comprar um queijo exótico ou um presunto especial para Mervyn. Depois, apanharia o comboio de regresso a Altrincham, o subúrbio onde vivia, a tempo do jantar.

Naquele dia, tomou café no bar do Hotel Midland, almoçou no restaurante alemão na cave do hotel e bebeu o chá da tarde no salão. Contudo, não viu o homem encantador com sotaque americano.

Regressou a casa desgostosa. Aquilo era ridículo, disse a si própria. Vira-o por menos de um minuto, e nunca haviam trocado uma única palavra! Parecia-lhe que ele simbolizava tudo o que faltava na sua vida, mas, se o voltasse a ver, iria certamente descobrir que ele era boçal, louco, doente, malcheiroso ou tudo aquilo junto.

Saiu do comboio e percorreu a rua de grandes moradias

suburbanas onde vivia. Ao aproximar-se de casa, ficou chocada e aturdida ao vê-lo caminhar na sua direção, observando a casa e fingindo uma curiosidade trivial.

Corou violentamente, e o coração acelerou-lhe. Também ele ficou espantado. Parou, mas ela continuou a andar. Então, ao passar por ele, disse-lhe: — Venha ter comigo à Biblioteca Central amanhã de manhã!

Não esperava que lhe respondesse, mas, como ficaria a saber mais tarde, ele tinha um espírito rápido e divertido e disse imediatamente: — Em que secção?

A biblioteca era grande, embora não tão grande que duas pessoas levassem muito tempo a encontrar-se. Todavia, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça: — Biologia. — E ele riu-se.

Diana entrou em casa com aquele riso nos ouvidos: uma gargalhada calorosa, descontraída e deliciada, o riso de um homem que amava a vida e se sentia bem consigo próprio.

A casa estava vazia. Mrs. Rollins, que fazia os trabalhos domésticos, já saíra, e Mervyn ainda não chegara. Sentou-se na cozinha, moderna e higiénica, e entregou-se a pensamentos antiquados e pouco higiénicos sobre o seu divertido poeta americano.

Na manhã seguinte, deu com ele sentado a uma mesa sob um aviso que dizia SILÊNCIO. Quando ela disse «Olá», ele levou um dedo aos lábios, apontou para uma cadeira e escreveu-lhe uma nota, que dizia: «Adoro o seu chapéu.»

Ela trazia um chapelinho que fazia lembrar um vaso virado ao contrário com aba e usava-o inclinado para um lado, quase cobrindo o olho esquerdo. Era a moda do momento, embora poucas mulheres em Manchester tivessem coragem de a seguir.

Tirou uma caneta da mala e escreveu por baixo: «A si não ficava bem.»

«Mas os meus gerânios ficariam perfeitos nele», escreveu ele.

Ela soltou uma risada, e ele disse: — Chiu!

Diana pensou: *Será doido ou apenas divertido?*

Ela escreveu: «Adoro o seu poema.»

E ele respondeu: «Adoro-a a si.»

É louco, pensou, mas os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Escreveu: «Nem sequer sei o seu nome!»

Ele passou-lhe um cartão de visita. Chamava-se Mark Alder e vivia em Los Angeles.

Na Califórnia!

Ainda cedo, foram almoçar a um restaurante VOL — vegetais, ovos e leite — porque ela tinha a certeza de não encontrar lá o marido: não entraria num restaurante vegetariano nem que fosse arrastado. Depois, como era terça-feira, havia um concerto ao meio-dia no Houldsworth Hall, em Deansgate, com a famosa Orquestra Hallé da cidade e o seu novo maestro, Malcolm Sargent. Diana sentia-se orgulhosa por a sua cidade poder oferecer uma tal surpresa a um visitante.

Nesse dia ficou a saber que Mark escrevia argumentos de comédia para espetáculos radiofónicos. Nunca ouvira falar das pessoas para quem escrevia, mas ele assegurou-lhe que eram famosas: Jack Benny, Fred Allen, Amos 'n' Andy. Também era dono de uma estação de rádio. Usava um *blazer* de caxemira e gozava umas férias longas, em busca das suas raízes: a família era originalmente de Liverpool, a cidade portuária a algumas milhas de Manchester. Não era muito mais alto que ela e tinha mais ou menos a sua idade, os olhos cor de avelã e algumas sardas.

E era delicioso.

Era inteligente, divertido e encantador. Tinha boas maneiras, as unhas limpas e roupas bem-cuidadas. Gostava de Mozart mas também conhecia Louis Armstrong. Acima de tudo, gostava de Diana.

Era estranho como havia poucos homens que gostassem verdadeiramente de mulheres, pensou ela. Os homens que conhecia adulavam-na, tentavam apalpá-la, sugeriam encontros discretos quando Mervyn estava de costas voltadas e, por vezes, se estivessem completamente embriagados, declaravam-lhe o seu amor. Todavia, não gostavam dela a sério: a conversa não passava de gracejos, nunca a escutavam e nada sabiam sobre ela. Mark era

bastante diferente, como ela veio a descobrir durante os dias e as semanas que se seguiram.

No dia a seguir ao encontro na biblioteca, ele alugou um carro e foram até à costa, onde comeram sanduíches numa praia ventosa e se beijaram a coberto das dunas.

Ele tinha uma suíte no Midland, mas não podiam encontrar-se lá, uma vez que Diana era demasiado conhecida. Se fosse vista a subir as escadas após o almoço, a notícia teria dado a volta à cidade pela hora do chá. Contudo, o espírito inventivo de Mark arranjou uma solução. Foram de carro até à cidade costeira de Lytham St. Anne, levaram uma mala e registaram-se num hotel como Mr. e Mrs. Alder. Almoçaram e foram para a cama.

Fazer amor com Mark era tão divertido!

Da primeira vez, ele fez uma pantomina a tentar despir-se em silêncio absoluto, e ela rira-se tanto que deixou de se sentir tímida ao tirar a própria roupa. Não se preocupou em saber se ele iria gostar dela, era óbvio que a adorava. Não se sentiu nervosa por ele ser tão amável.

Passaram a tarde na cama e depois pagaram a conta e saíram, dizendo que tinham mudado de ideias sobre ficar. Mark pagou a noite para não haver ressentimentos. Deixou-a numa estação a uma paragem depois de Altrincham, e ela chegou a casa de comboio como se tivesse passado a tarde em Manchester.

Fizeram assim durante todo aquele verão maravilhoso.

Ele devia voltar para os Estados Unidos no princípio de agosto para trabalhar num novo espetáculo, mas ficou e escreveu uma série de peças sobre um americano de férias na Grã-Bretanha, enviando os argumentos todas as semanas pelo novo serviço de correio aéreo operado pela Pan American.

Apesar daquela advertência em como o tempo se estava a esgotar, Diana conseguiu não pensar muito no futuro. Claro que Mark voltaria para casa um dia, mas ainda ali estaria no dia seguinte, e ela não queria olhar muito para além disso. Era como a guerra: todos sabiam que seria horrível, mas ninguém sabia dizer quando começaria e, até

isso acontecer, nada havia a fazer a não ser continuar e tentar divertir-se.

No dia a seguir ao início da guerra, ele disse-lhe que ia para casa.

Diana estava sentada na cama com as cobertas puxadas para cima até debaixo do busto, deixando os seios à mostra; Mark gostava de a ver sentada assim. Achava os seios dela maravilhosos, embora ela os achasse demasiado grandes.

Travavam uma conversa séria. A Inglaterra declarara guerra à Alemanha, e até os amantes felizes tinham de falar disso. Diana seguira o medonho conflito na China durante todo o ano, e a ideia de uma guerra na Europa enchia-a de pavor. Tal como os fascistas em Espanha, os japoneses não tinham escrúpulos em lançar bombas sobre mulheres e crianças, e a carnificina em Chungking e Ichang fora repugnante.

Fez a Mark a pergunta que pairava em todas as mentes. — O que achas que vai acontecer?

Exceccionalmente, a resposta dele não foi divertida. — Acho que vai ser horrível — declarou com solenidade. — Penso que a Europa vai ficar devastada. Talvez este país sobreviva por ser uma ilha. Espero que sim.

— Oh! — exclamou Diana. De súbito, ficou assustada. Os britânicos não diziam coisas daquelas. Os jornais estavam cheios de conversa bélica, e Mervyn estava positivamente ansioso pela guerra. Contudo, Mark era um estranho, e a sua opinião, transmitida naquele tom de voz descontraído, tipicamente americano, soava muitíssimo realista. Iriam cair bombas sobre Manchester?

Lembrou-se de algo que Mervyn dissera e repetiu-o. — A América vai ter de entrar na guerra mais cedo ou mais tarde.

Mark chocou-a ao afirmar: — Santo Deus, espero que não. Isto é uma querela europeia, não tem nada a ver connosco. Sou capaz de perceber por que motivo a Grã-Bretanha declarou guerra, mas macacos me mordam se quero ver americanos a morrer na defesa da porra da Polónia.

Ela nunca o ouvira praguejar assim. Por vezes sussurrava-lhe

obscenidades ao ouvido enquanto faziam amor, mas isso era diferente. Agora parecia zangado. Ela pensou que talvez estivesse um tanto assustado. Sabia que o marido estava, mostrando-o sob a forma de um otimismo excessivo. O medo de Mark revelava-se sob a forma de isolacionismo e pragas.

Ela sentia-se consternada com a atitude dele, mas conseguia ver o seu ponto de vista: por que motivo haveriam os americanos de ir para a guerra pela Polónia ou até pela Europa? — Então, e eu? — perguntou, num tom que pretendia leviano. — Não ias gostar que fosse violada por nazis louros de botas de cano, pois não? — Não teve muita graça, e arrependeu-se de imediato.

Foi então que ele tirou um envelope da mala e lho entregou.

Ela tirou de lá um bilhete e observou-o. De súbito, ficou aterrorizada. — Vais para casa! — bradou. Era o fim do mundo.

Com ar solene, ele disse simplesmente: — Há dois bilhetes.

Diana pensou que o coração lhe ia parar. — Dois bilhetes — repetiu inexpressivamente. Sentiu-se desorientada e estranhamente assustada.

Ele sentou-se na cama a seu lado e pegou-lhe na mão. Ela sabia o que ele ia dizer e estava simultaneamente emocionada e aterrada.

— Vem comigo, Diana — pediu ele. — Vem para Nova Iorque comigo. Depois vamos a Reno e divorcias-te. Em seguida vamos para a Califórnia e casamo-nos. Amo-te.

Andar de avião. Mal conseguia imaginar o que seria voar através do oceano Atlântico, essas coisas faziam parte dos contos de fadas.

Para Nova Iorque. Nova Iorque era um sonho de arranha-céus e clubes noturnos, gângsteres e milionários, herdeiras famosas e carros enormes.

E divorcias-te. E ver-se livre de Mervyn!

Em seguida vamos para a Califórnia. Onde se faziam os filmes, e as laranjas cresciam nas árvores, e o sol brilhava todo o dia.

E casamo-nos. E ter Mark sempre consigo, todos os dias e todas as noites.

Não conseguia falar.

Mark declarou: — Podíamos ter filhos.

Diana tinha vontade de chorar.

— Pede-me outra vez — sussurrou.

Ele assim fez. — Amo-te. Casas comigo e dás-me filhos?

— Oh, sim — disse ela, sentindo-se como se já estivesse no ar. — Sim, sim, sim.

Tinha de contar a Mervyn naquela noite.

Era uma segunda-feira e na terça teria de viajar com Mark para Southampton. O *Clipper* partia na quarta-feira às duas da tarde.

Na segunda-feira à tarde, ao chegar a casa, sentia-se como se flutuasse, mas, assim que entrou, a sua euforia evaporou-se.

Como é que lhe ia contar?

A casa era bonita, uma moradia grande e nova, branca com telhado vermelho. Tinha quatro quartos, três dos quais quase não eram usados, uma bela casa de banho moderna e uma cozinha com todas as engenhocas mais recentes. Agora que a ia deixar, contemplou-a com um afeto nostálgico: fora o seu lar durante cinco anos.

Era ela própria quem preparava as refeições de Mervyn. Mrs. Rollins fazia as limpezas e tratava da roupa, e, se Diana não cozinhasse, nada teria para fazer. Além disso, Mervyn, que no fundo não passava de um rapaz da classe operária, gostava que a mulher lhe servisse as refeições quando chegava a casa. Até chamava «chá» ao jantar, acompanhando-o com chá, embora fosse sempre algo de substancial — salsichas ou bife ou empada de carne. Para ele, o jantar era servido nos hotéis. Em casa, chamava-se chá.

Que iria ela dizer?

Naquele dia, o marido iria comer carnes frias que tinham sobrado do assado de domingo. Diana pôs um avental e começou a cortar batatas para fritar. Ao pensar em como Mervyn iria ficar zangado, as mãos tremeram-lhe, e cortou o dedo com a faca dos legumes.

Tentou controlar-se enquanto lavava a ferida com água fria, a secava com uma toalha e a envolvia numa ligadura. *De que tenho eu*

medo?, perguntou a si própria. *Ele não me vai matar. Não pode impedir-me, tenho mais de vinte e um anos, e vivemos num país livre.*

Esse pensamento não a acalmou.

Pôs a mesa e lavou a alface. Embora Mervyn trabalhasse muito, chegava quase sempre a casa à mesma hora. Dizia: «De que vale ser patrão se tenho de ficar a trabalhar quando todos vão para casa?» Era engenheiro e tinha uma fábrica que produzia todo o tipo de rotores, desde pequenas ventoinhas para arrefecimento de sistemas até enormes hélices para transatlânticos. Sempre tivera sucesso — era um bom homem de negócios —, mas saíra-lhe a sorte grande ao começar a fabricar hélices para aviões. O seu passatempo era voar, e tinha um pequeno avião, um *Tiger Moth*, num aeródromo fora da cidade. Quando o governo começou a reforçar a Força Aérea, havia dois ou três anos, muito poucas pessoas sabiam fazer hélices curvos com uma precisão matemática, mas Mervyn era uma delas. Desde então, o negócio florescera.

Diana era a sua segunda mulher. A primeira deixara-o havia sete anos e fugira com outro homem, levando os dois filhos. Mervyn divorciara-se dela o mais rapidamente possível e pedira Diana em casamento assim que o divórcio se oficializou. Ela tinha então vinte e oito anos e ele trinta e oito. Era atraente, másculo e próspero e adorava-a. O seu presente de casamento fora um colar de diamantes.

Umas semanas antes, no quinto aniversário do casamento, oferecera-lhe uma máquina de costura.

Ao refletir, Diana viu que a máquina de costura fora a última gota. Tivera esperança de receber um carro só para si; sabia conduzir, e Mervyn podia dar-se a esse luxo. Ao ver a máquina de costura, sentiu que atingira o limite. Viviam juntos havia cinco anos, e ele nunca reparara que ela nunca costurava.

Sabia que o marido a amava, mas não a *via*. Na sua ideia, havia apenas uma pessoa designada por «mulher». Era bonita, desempenhava o seu papel social adequadamente, punha-lhe a comida na mesa e estava sempre pronta na cama. Que mais devia uma mulher fazer? Nunca a consultava sobre nada. Uma vez que ela

não fazia negócios nem era engenheira, nunca lhe ocorreu que tivesse cérebro. Falava com os homens da fábrica com mais seriedade do que falava com ela. No seu mundo, os homens queriam carros e as mulheres máquinas de costura.

Contudo, era um homem inteligente. Filho de um torneiro mecânico, frequentara o liceu e estudara física na Universidade de Manchester. Tivera a oportunidade de prosseguir os estudos em Cambridge e tirar o mestrado, mas não era do tipo acadêmico e arranjou emprego no departamento de projetos de uma grande firma de engenharia. Continuava a acompanhar os desenvolvimentos na física e conversava horas sem fim com o pai — mas nunca com Diana, claro — sobre átomos e radiação e fissão nuclear.

Infelizmente Diana não percebia nada de física. Sabia muito sobre música e literatura e um pouco de história, mas Mervyn não se interessava muito por cultura, embora gostasse de cinema e música de dança. Assim, não tinham assunto de conversa.

Talvez tivesse sido diferente se houvesse filhos, mas Mervyn já tinha dois da primeira mulher e não queria mais. Diana dispusera-se a amá-los, mas nunca teve oportunidade: a mãe envenenara-lhes o espírito contra ela, fingindo que fora ela a provocar o fim do casamento. A sua irmã, que vivia em Liverpool, tinha duas gêmeas com o cabelo apanhado em totós, e Diana enchia-as de amor maternal.

la ter saudades delas.

Mervyn apreciava uma vida social intensa com os homens de negócios e políticos mais importantes da cidade e, durante um tempo, Diana gostou de ser sua anfitriã. Sempre adorara roupas bonitas, e ficavam-lhe bem. Todavia, a vida tinha de ser algo mais que isso.

Houve um período em que desempenhara o papel da mulher não-conformista da sociedade de Manchester — fumava charutos, vestia-se com extravagância, falava de amor livre e de comunismo. Agradara-lhe chocar as matronas, mas Manchester não era um lugar muito conservador, e Mervyn e os amigos eram liberais, e, assim, ela não causou grande agitação.

Sentia-se descontente, mas interrogava-se se teria esse direito. A maior parte das mulheres achava que era afortunada: tinha um marido sério, de confiança e generoso, uma bela casa e imensos amigos. Dizia a si própria que devia ser feliz, mas não o era... e depois aparecera Mark.

Ouviu o carro de Mervyn parar na rua. Era um ruído familiar, mas naquela noite pareceu-lhe agourento, como o rosnar de um animal perigoso.

Pôs a frigideira sobre o fogão a gás com a mão a tremer.

Mervyn entrou na cozinha.

Era tão bonito que lhe tirava a respiração. O cabelo mostrava agora uns fios grisalhos, o que só o fazia parecer mais distinto. Era alto e não engordara como a maioria dos seus amigos. Não era vaidoso, mas Diana fazia com que usasse fatos escuros bem cortados e camisas brancas dispendiosas, porque gostava que ele parecesse tão bem-sucedido como na realidade era.

Sentia-se aterrada, não fosse ele ler a culpa no seu rosto e exigir saber o que se passava.

Beijou-a na boca. Cheia de vergonha, ela retribuiu-lhe o beijo. Por vezes, ele abraçava-a e enfiava-lhe a mão entre as nádegas, e sentiam-se então cheios de ardor, indo depressa para o quarto e deixando a comida queimar-se. Isso, porém, já não acontecia com tanta frequência e aquele dia não foi exceção, graças a Deus.

Ele despiu o casaco e o colete, tirou a gravata e o colarinho e enrolou as mangas; em seguida lavou as mãos e o rosto no lava-loiça. Tinha ombros largos e braços musculados.

Não se apercebera de que se passava alguma coisa. Obviamente que não, ele não a *via*, ela estava apenas ali, como a mesa da cozinha. Diana não precisava de se preocupar, ele não saberia nada até ela lhe contar.

Não lhe conto ainda, pensou.

Enquanto as batatas fritavam, pôs manteiga no pão e fez um bule de chá. Sentia-se ainda abalada, mas escondeu-o. Mervyn leu o *Manchester Evening News* e mal olhou para ela.

— Tenho um raio de um agitador na fábrica — declarou quando ela lhe pôs o prato na frente.

Quero lá saber, pensou Diana, perturbada. Não tenho mais nada a ver contigo.

Então, porque te fiz o jantar?

— É de Londres, de Battersea, e acho que é comunista. Seja como for, anda a pedir um aumento para trabalhar com a nova máquina perfuradora. De facto, não é descabido, mas eu orçamentei a encomenda baseado nos antigos preços, por isso ele vai ter de aceitar.

Diana ganhou coragem e afirmou: — Tenho uma coisa para te dizer. — Logo desejou ardentemente poder voltar atrás, mas era demasiado tarde.

— Que te aconteceu ao dedo? — perguntou ele, reparando na - ligadura.

Aquela pergunta normal deixou-a sem ar. — Nada — respondeu, deixando-se cair na cadeira. — Cortei-me a descascar as batatas. — E pegou na faca e no garfo.

Mervyn comeu com apetite. — Devia ser mais cuidadoso com quem contrato, mas o problema é que hoje em dia é difícil encontrar bons fabricantes de ferramentas.

Não estava à espera que ela respondesse quando falava de trabalho. Se Diana fizesse uma sugestão, ele lançava-lhe um olhar irritado, como se ela tivesse falado fora da sua vez. Encontrava-se ali para o ouvir.

Enquanto ele falava da nova perfuradora e do comunista de Battersea, ela recordou-se do dia do casamento. Nessa altura, a mãe ainda estava viva. Tinham-se casado em Manchester, e o copo-d'água tivera lugar no Hotel Midland. De fraque, Mervyn era o homem mais bonito de Inglaterra, e Diana pensara que seria para sempre. A ideia de que o casamento poderia não durar nunca lhe passou pela cabeça. Antes dele, nunca conhecera uma pessoa divorciada. Recordando-se de como se sentira então, teve vontade de chorar.

Também sabia que Mervyn iria ficar despedaçado com a partida

dela, pois não fazia ideia do que lhe ia no espírito. O facto de a primeira mulher o ter abandonado exactamente da mesma forma tornava tudo ainda pior. Iria sentir-se desesperado, mas primeiro ficaria furioso.

Ele acabou a carne e serviu-se de outra chávena de chá. — Não comeste muito — comentou. De facto, ela não comera nada.

— Comi muito ao almoço — retorquiu ela.

— Aonde foste?

Aquela pergunta inocente fê-la entrar em pânico. Comera sanduíches na cama, na companhia de Mark, num hotel em Blackpool, e não conseguia pensar numa mentira plausível. Vieram-lhe à memória os nomes dos principais restaurantes de Manchester, mas era possível que Mervyn tivesse almoçado num deles. Após uma pausa difícil, ela disse: — Ao café Waldorf. — Havia vários cafés Waldorf, pois era uma cadeia de restaurantes económicos onde se podia pedir bife com batatas fritas por um xelim e nove dinheiros.

Mervyn não lhe perguntou a qual.

Ela tirou os pratos e levantou-se. Tinha os joelhos tão fracos que receava cair, mas conseguiu chegar ao lava-loiça. — Queres um doce?

— Sim, por favor.

Ela foi à despensa e trouxe uma lata de peras e outra de leite condensado. Abriu as latas e levou a sobremesa para a mesa.

Ao vê-lo a comer as peras enlatadas, foi invadida pela consciência do horror do que estava prestes a fazer. Parecia-lhe demolidor e sem perdão. Tal como a guerra que aí vinha iria destruir tudo. A vida que ela e Mervyn tinham criado juntos naquela casa, naquela cidade, ficaria arruinada.

Percebeu de súbito que não o podia fazer.

Mervyn pousou a colher e olhou para o relógio de bolso. — Sete e meia... vamos ouvir as notícias.

— Não posso... não posso — disse Diana em voz alta.

— O quê?

— Não posso — repetiu ela. Iria acabar com tudo. Iria falar com

Mark agora e dizer-lhe que mudara de ideias, que afinal não ia fugir com ele.

— Por que motivo não podes ouvir a telefonia? — perguntou Mervyn, impaciente.

Diana ficou a olhar para ele, tentada a contar-lhe toda a verdade, mas também não teve coragem. — Tenho de sair — declarou. Procurou, desesperada, uma desculpa. — A Doris Williams está no hospital, e eu devia visitá-la.

— Quem é a Doris Williams, por amor de Deus?

Tal pessoa não existia. — Tu conheceste-a — disse Diana, improvisando desenfreadamente. — Foi operada.

— Não me lembro dela — respondeu o marido, mas não mostrou suspeitas. Tinha má memória para conhecimentos casuais.

Inspirada, Diana perguntou: — Queres vir comigo?

— Santo Deus, não! — disse ele, como ela esperava.

— Então, levo o carro.

— Não guies demasiado depressa no *blackout*. — Ele levantou-se e foi até à sala, onde estava a telefonia.

Diana ficou a olhar para ele um instante. *Nunca saberá como estive perto de o deixar*, pensou com uma certa tristeza.

Pôs um chapéu e saiu com o casaco no braço. O carro pegou à primeira, graças a Deus. Manobrou para a saída e virou para Manchester.

A viagem foi um pesadelo. Tinha muita pressa, mas teve de avançar lentamente, porque os faróis dianteiros estavam semitapados e só conseguia ver umas jardas à sua frente; além disso, a visão toldara-se-lhe pois não conseguia parar de chorar. Se não conhecesse bem a estrada, teria provavelmente tido um acidente.

A distância era inferior a dez milhas, mas levou-lhe mais de uma hora.

Quando por fim parou o carro em frente ao Midland, estava exausta. Ficou quieta por um momento, tentando recompor-se. Tirou o pó de arroz e empoou o rosto para esconder os sinais das lágrimas.

Sabia que Mark iria ficar destroçado mas que aguentaria. Em breve

haveria de olhar para aquilo como um romance de verão. Era menos cruel terminar um caso amoroso breve e apaixonado do que acabar com um casamento de cinco anos. Ela e Mark haveriam sempre de recordar com ternura o verão de 1939...

Debulhou-se de novo em lágrimas.

Passado um momento, decidiu que não valia a pena ficar ali sentada a pensar. Tinha de entrar e terminar com aquilo de vez. Retocou de novo a maquilhagem e saiu do carro.

Atravessou o átrio do hotel e subiu a escada sem parar na receção. Sabia o número do quarto de Mark. É claro que era um escândalo uma mulher sozinha ir ao quarto de um homem solteiro, mas tinha de arriscar. A alternativa seria falar com ele no salão ou no bar, e era impensável dar-lhe aquele tipo de notícia num lugar público. Não olhou em seu redor, não sabendo, portanto, se fora vista por alguém conhecido.

Bateu à porta, rezando para que ele estivesse. E se tivesse decidido ir a um restaurante ou ao cinema? Não houve resposta, e voltou a bater com mais força. Como poderia ir ao cinema numa altura daquelas?

Depois ouviu a sua voz. — Sim?

Diana bateu de novo e disse: — Sou eu!

Ouviu passos rápidos, a porta abriu-se de rompante e lá estava Mark com um ar espantado. Sorriu, feliz, puxou-a para dentro, fechou a porta e abraçou-a.

Diana sentia-se agora tão desleal para com ele como sucedera com Mervyn. Beijou-o com uma sensação de culpa, e o calor familiar do desejo ardeu-lhe nas veias; contudo, afastou-se dele e declarou: — Não posso ir contigo.

Ele empalideceu: — Não digas isso.

Ela olhou em volta do quarto e viu que ele estava a fazer as malas. O guarda-fatos e as gavetas estavam abertos, as malas no chão e viam-se por todo o lado camisas dobradas, montes ordenados de roupa interior e sapatos guardados em sacos. Mark era tão arrumado. — Não posso ir — repetiu.

Ele pegou-lhe na mão e puxou-a para dentro do quarto. Sentaram-se na cama. Mark parecia destruído. — Não estás a falar a sério.

— O Mervyn ama-me, e estamos juntos há cinco anos. Não lhe posso fazer isto.

— Então e eu?

Diana olhou para ele. Trazia vestida uma camisola rosa-velho com um laço, calças de flanela azul-cinza e sapatos de pele fina. Estava irresistível. — Ambos me amam — declarou ela. — Mas ele é meu marido.

— Ambos te amamos, mas eu *gosto* de ti — corrigiu Mark.

— Achas que ele não gosta de mim?

— Acho que nem te conhece. Escuta, tenho trinta e cinco anos, já estive apaixonado, uma vez tive um caso que durou seis anos. Nunca me casei, mas tenho uma certa experiência. *Sei* que isto está certo, nunca senti tanta certeza. És linda, divertida, pouco convencional, inteligente e adoras fazer amor. Eu sou giro, divertido, pouco convencional, inteligente e apetece-me fazer amor contigo já...

— Não — disse ela, mas sem convicção.

Ele puxou-a para si devagarinho e beijaram-se.

— Fomos feitos um para o outro — murmurou ele. — Lembras-te de escrevermos notas um ao outro por baixo do aviso de «Silêncio»? Percebeste logo o jogo, sem explicações. As outras mulheres pensam que sou maluco, mas tu gostas de mim assim.

Era verdade, pensou Diana; quando fazia coisas estranhas, como fumar cachimbo, sair sem cuequinhas ou ir a uma reunião de fascistas e tocar o alarme de incêndio, Mervyn ficava aborrecido, ao passo que Mark se ria, deliciado.

Ele afagou-lhe o cabelo e depois a face. Lentamente, o pânico diminuiu e começou a sentir-se mais calma. Pousou a cabeça no ombro dele e deixou que os seus lábios lhe roçassem a pele macia do pescoço. Sentiu as pontas dos dedos dele na perna, por baixo do vestido, afagando-lhe a parte interior da coxa, onde terminavam as meias. Não era aquilo que devia acontecer, pensou ela debilmente.

Ele empurrou-a ao de leve para trás, e o chapéu caiu-lhe. — Isto é

errado — insistiu ela em voz frouxa. Ele beijou-a na boca, beliscando-lhe os lábios ao de leve com os seus. Ela sentiu os dedos dele através da seda fina das cuequinhas e estremeceu de prazer. Passado um momento, a mão dele penetrou dentro dela.

Ele sabia exatamente o que fazer.

Um dia, no início do verão, estavam eles deitados nus numa cama de hotel, com o som das ondas a entrar pelas janelas abertas, ele dissera: «Mostra-me o que fazes quando te tocas.»

Ela ficara envergonhada e fingira não perceber. «Que queres dizer?»

«Tu sabes. Quando te tocas. Mostra-me. Depois fico a saber do que tu gostas.»

«Eu não faço isso», mentiu ela.

«Bem, quando eras rapariga, antes de te casares, deves tê-lo feito, toda a gente o faz. Mostra-me o que costumavas fazer.»

Ela ia recusar, mas depois pensou como seria sensual. «Queres que me estimule... lá em baixo... enquanto tu olhas?», perguntou, a voz densa de desejo.

Ele fizera um sorriso matreiro e assentira.

«Queres dizer... até ao fim?»

«Até ao fim.»

«Não sou capaz», respondera, mas fizera-o.

Naquele momento, os dedos dele tocaram-lhe, experientes, exatamente nos pontos certos, com o mesmo movimento familiar e a pressão certa. Ela fechou os olhos e entregou-se àquela sensação.

Passado um pouco, começou a gemer baixinho e a erguer e a baixar as ancas ritmicamente. Sentia o calor do hálito dele no rosto à medida que ele se inclinava mais sobre o seu corpo. Então, no momento em que ela ia perder o controlo, ele pediu, insistente: — Olha para mim.

Diana abriu os olhos. Ele continuou a acariciá-la exatamente da mesma forma, só que um pouco mais rápido. — Não feches os olhos — insistiu ele. Fitá-lo enquanto ele fazia aquilo era de uma intimidade chocante, uma espécie de hipernudez. Era como se ele pudesse ver

tudo e saber tudo sobre ela, e sentiu uma liberdade vibrante, porque nada tinha a esconder. Veio o clímax, e ela esforçou-se por não desviar o olhar, enquanto as suas ancas tremiam, o seu rosto se contorcia e ela arfava com os espasmos de prazer que lhe sacudiam o corpo. Ele sorriu-lhe sempre e disse: — Amo-te, Diana, amo-te tanto.

No final, ela agarrou-se a ele, ofegante, a tremer de emoção, com a sensação de que nunca o queria largar. Teria chorado mas já não lhe restavam lágrimas.

Nunca chegou a contar a Mervyn.

O espírito inventivo de Mark encontrou uma solução, e ela ensaiou-a, enquanto guiava de regresso a casa, calma, controlada e decidida.

Mervyn estava de pijama e roupão, a fumar um cigarro e a ouvir música na telefonia.

— Foi uma visita longa como tudo — comentou ele brandamente.

Um tudo-nada nervosa, Diana respondeu. — Tive de guiar tremendamente devagar. — Engoliu em seco, inspirou fundo e disse: — Amanhã vou para fora.

O marido ficou levemente surpreendido. — Para onde?

— Gostava de visitar a Thea e ver as gémeas. Quero ter a certeza de que está bem e não faço ideia de quando terei outra oportunidade. Os horários dos comboios já não são certos, e o racionamento da gasolina começa para a semana.

Ele assentiu o seu acordo. — Sim, tens razão. É melhor ir agora, enquanto podes.

— Vou subir e fazer a mala.

— Faz uma para mim, está bem?

Por um terrível momento, Diana pensou que o marido queria ir com ela. — Para quê? — perguntou, horrorizada.

— Não vou dormir numa casa vazia — explicou ele. — Amanhã à noite fico no Reform Club. Voltas na quarta-feira?

— Sim, na quarta — mentiu ela.

— Muito bem.

Diana subiu a escada. Enquanto punha a roupa interior e as meias dele numa pequena mala, pensou: *É a última vez que lhe faço isto.* Dobrou uma camisa branca e escolheu uma gravata cinzento-prateada: as cores escuras condiziam com o seu cabelo escuro e olhos castanhos. Sentia-se aliviada por ele ter aceitado a sua história, mas também um tanto frustrada, como se houvesse algo que deixara por fazer. Embora tivesse muito medo de o confrontar, queria explicar-lhe por que motivo o deixava. Precisava de lhe dizer que ele a desiludira, que se tornara dominador e insensível, que já não a tratava com carinho como em tempos. Todavia, agora nunca lhe diria essas coisas e sentiu-se estranhamente desapontada.

Fechou a mala dele e começou a guardar maquilhagem e artigos de higiene no seu *nécessaire*. Pareceu-lhe uma forma esquisita de terminar cinco anos de casamento, a guardar meias, pasta de dentes e creme de rosto.

Passado um momento, o marido veio para cima. As malas estavam prontas, e ela vestira a camisa de noite mais feia e sentara-se em frente do espelho do toucador, a tirar a maquilhagem. Ele aproximou-se por trás e agarrou-lhe os seios.

Oh, não, pensou ela, esta noite não, por favor.

Embora estivesse horrorizada, o seu corpo reagiu de imediato, e ela corou de culpa. Os dedos de Mervyn apertaram-lhe os mamilos inchados, e ela arquejou de prazer e de desespero. Ele pegou-lhe nas mãos e fê-la levantar-se. Ela seguiu-o, impotente, enquanto ele a levava para a cama. Mervyn apagou a luz e deitaram-se numa escuridão total. Ele montou-a de imediato e fez amor com ela com uma espécie de desespero furioso, quase como se soubesse que ela ia deixá-lo e nada havia que ele pudesse fazer. O corpo dela traiu-a, e Diana vibrou de prazer e vergonha. Percebeu, mortificada, que iria atingir o orgasmo com dois homens em duas horas, e tentou impedir-se, mas não conseguiu.

Ao vir-se, chorou.

Felizmente, Mervyn não reparou.

Sentada no elegante salão do Hotel South-Western na manhã de quarta-feira, à espera de um táxi para a levar, a ela e a Mark, até ao ancoradouro 108 nas docas de Southampton a fim de embarcar no *Clipper* da Pan American, Diana sentia-se triunfante e livre.

Toda a gente na sala estava a olhar para ela ou a tentar não o fazer. Um homem bem-parecido de fato azul, que devia ser pelo menos dez anos mais novo que ela, fitava-a de um modo particularmente intenso. Ela, porém, estava habituada. Acontecia sempre quando estava bonita, e naquele dia estava maravilhosa. O vestido de seda creme às bolinhas era fresco, estival e deslumbrante. Os sapatos beges combinavam bem, e o chapéu de palha completava o conjunto na perfeição. O batom e o verniz eram laranja-vermelhado, como as bolas do vestido. Pensara usar sapatos vermelhos, mas decidiu que teriam um aspeto ordinário.

Diana adorava viajar: fazer e desfazer as malas, conhecer novas pessoas, ser mimada, apapricada e empanturrada de champanhe e comida e ver novos lugares. Andar de avião deixava-a nervosa, mas atravessar o Atlântico era a viagem mais deslumbrante de todas, pois do outro lado ficava a América. Estava ansiosa por chegar. A sua visão da cidade era a de uma espectadora de cinema: via-se num apartamento *art déco* cheio de janelas e de espelhos, uma criada de uniforme a ajudá-la a vestir um casaco de peles branco e um comprido carro preto na rua, com o motor ligado e um motorista de cor à espera de a levar a um clube noturno, onde ela pediria um *martini* muito seco e dançaria ao som de uma banda de *jazz* onde cantava Bing Crosby. Sabia que era uma fantasia, mas estava ansiosa por descobrir a verdade.

Sentia-se dividida por deixar a Grã-Bretanha quando a guerra estava a começar. Parecia-lhe uma cobardia, mas sentia-se empolgada por ir.

Conhecia muitos judeus. Manchester tinha uma grande comunidade judaica, que plantara mil árvores em Nazaré. Os seus amigos judeus observavam o progresso dos acontecimentos na Europa com medo e temor. E não eram só os judeus: os fascistas

odiavam as pessoas de cor, os ciganos e os homossexuais e todos os que discordassem do fascismo. Diana tinha um tio homossexual que fora sempre bondoso com ela e a tratara como filha.

Era velha demais para se alistar, mas provavelmente devia ficar em Manchester e fazer trabalho voluntário, enrolando ligaduras para a Cruz Vermelha...

Era uma fantasia ainda mais improvável do que dançar ao som de Bing Crosby. Não era do tipo de enrolar ligaduras, a austeridade e os uniformes não condiziam com ela.

Todavia, nada disso era importante. A única coisa que contava era estar apaixonada. Iria para onde Mark estivesse. Tê-lo-ia seguido para o meio de uma batalha se necessário. Iam casar-se e ter filhos. Ele ia para casa, e ela acompanhava-o.

Iria sentir a falta das sobrinhas. Perguntou-se quanto tempo passaria até voltar a vê-las. Da próxima vez talvez estivessem crescidas, usassem perfume e sutiã em vez de soquetes e totós.

Mas talvez tivesse as suas próprias filhas...

Estava encantada por viajar no *Clipper*. Lera tudo sobre o avião no *Manchester Guardian*, sem imaginar que um dia iria mesmo voar nele. Chegar a Nova Iorque em pouco mais de um dia parecia um milagre.

Escrevera uma nota a Mervyn. Não continha nada daquilo que lhe queria dizer, não explicava como ele perdera o amor dela lenta e inexoravelmente através da falta de atenção e da indiferença; nem sequer dizia que Mark era maravilhoso. *Querido Mervyn, escrevera, vou deixar-te. Sinto que te tornaste frio comigo e apaixonei-me por outra pessoa. Quando leres isto, estaremos na América. Lamento magoar-te, mas a culpa é em parte tua.* Não se lembrou de uma forma apropriada de terminar — não podia escrever «tua» ou «com amor» —, portanto assinou apenas *Diana*.

A princípio, tencionara deixar a nota em casa, na mesa da cozinha. Depois, ficou obcecada com a possibilidade de ele mudar de planos e, em vez de ficar no clube na noite de terça-feira, ir para casa, ver a nota e arranjar-lhes sarilhos antes de ela e Mark terem saído do país.

Assim, acabara por lhe enviar pelo correio para a fábrica, onde chegaria naquele dia.

Olhou para o relógio de pulso (um presente de Mervyn, que gostava que ela fosse pontual). Conhecia a sua rotina: passava a maior parte da manhã nas oficinas da fábrica, por volta do meio-dia subia ao seu gabinete para ver o correio, antes de ir almoçar. Assinalara o envelope com «Pessoal» para a secretária não o abrir. Estaria na sua secretária numa pilha de faturas, encomendas, cartas e memorandos. Devia estar a lê-la naquele momento. Essa ideia fê-la sentir-se culpada e triste, mas igualmente aliviada por se encontrar a duzentas milhas de distância.

— Chegou o nosso táxi — anunciou Mark.

Diana sentiu-se um tanto nervosa. Atravessar o Atlântico de avião!

— São horas de irmos — disse ele.

Ela controlou a ansiedade. Pousou a chávena de café, levantou-se e lançou-lhe o seu sorriso mais alegre. — Sim — afirmou, feliz. — São horas de voar.

Eddie fora sempre tímido com as raparigas.

Quando se formara em Annapolis, ainda era virgem. Durante a missão em Pearl Harbor frequentara prostitutas, e essa experiência deixara-lhe uma sensação de nojo de si próprio. Após sair da Marinha vivera como um solitário, indo até um bar não muito distante sempre que sentia necessidade de companhia. Carol-Ann era hospedeira de terra e trabalhava na companhia em Port Washington, o terminal de Nova Iorque dos hidroaviões. Era uma loura bronzeada com olhos azuis, e Eddie nunca se teria atrevido a convidá-la para sair. Um dia, porém, um jovem operador de rádio deu-lhe dois bilhetes para *Life with Father* na Broadway e, quando ele disse que não tinha ninguém para levar, o operador virou-se para a mesa do lado e perguntou a Carol-Ann se ela queria ir.

«Ayuh», respondeu ela, e Eddie apercebeu-se de que ela vinha da sua região.

Mais tarde veio a saber que, nessa altura, se sentia desespera-

damente só. Era uma rapariga do campo, e os modos sofisticados dos nova-iorquinos tornavam-na ansiosa e tensa. Era sensual, mas não sabia o que fazer quando os homens tomavam liberdades e, assim, por vergonha, rejeitava esses avanços, indignada. O seu nervosismo fez-lhe ganhar uma reputação de frigidez, e era raro convidarem-na para sair.

Na altura, porém, Eddie não sabia nada disso. Sentiu-se como um rei ao levá-la de braço dado. Convidou-a para jantar e mais tarde acompanhou-a ao apartamento de táxi. À porta, agradeceu-lhe pela agradável noite e ganhou coragem para a beijar na face, momento em que ela se desfez em lágrimas e disse que ele era o primeiro homem decente que conhecera em Nova Iorque. Antes de saber o que estava a dizer, convidou-a para outro encontro.

Foi nesse segundo encontro que se apaixonou por ela. Foram a Coney Island numa sexta-feira de julho com muito calor, e ela vestia calças brancas e uma blusa azul-céu. Eddie percebeu para seu grande espanto que, na realidade, ela se sentia orgulhosa de ser vista a caminhar ao lado dele. Comeram gelado, andaram numa montanha-russa chamada o Ciclone, compraram chapéus ridículos, deram as mãos e revelaram segredos íntimos sem importância. Ao levá-la a casa, Eddie disse-lhe francamente que nunca se sentira tão feliz em toda a sua vida, e ela deixou-o espantado ao confessar-lhe que ela também não.

Em breve começou a negligenciar a casa da quinta e a passar todas as folgas em Nova Iorque, dormindo no sofá de um colega engenheiro, que se mostrou surpreendido mas animador. Carol-Ann levou-o a Bristol, no New Hampshire, a conhecer os pais, duas pessoas de meia-idade, baixas e magras, pobres e trabalhadoras. Fizeram-no lembrar-se dos seus próprios pais, mas sem a implacável religião. Mal acreditavam que tinham criado uma filha tão bonita, e Eddie compreendeu o que sentiam, pois ele próprio tinha dificuldade em crer que uma rapariga daquelas se pudesse ter apaixonado por ele.

Pensou em quanto a amava, ali parado no jardim do Hotel

Langdown Lawn, a fitar a casca do carvalho. Estava a viver um pesadelo, um daqueles sonhos infernais em que começamos por nos sentir felizes e seguros, e depois pensamos, num acesso de especulação inútil, na pior coisa que podia suceder; de súbito, isso está mesmo a acontecer, a pior coisa do mundo está a acontecer, na verdade, imparável e aterradora, e nada há que possamos fazer.

O que tornava tudo ainda mais terrível era o facto de terem discutido mesmo antes de ele partir, tendo-se separado sem fazerem as pazes.

Ela estava sentada no sofá com uma camisa de ganga que lhe pertencia e pouco mais, as pernas compridas e bronzeadas esticadas na sua frente, o belo cabelo louro espalhado nos ombros como um xaile. Lia uma revista. Habitualmente, os seus seios eram pequenos, mas nos últimos tempos tinham inchado. Sentiu um desejo intenso de lhes tocar e pensou: *Porque não?* Assim, enfiou a mão dentro da camisa e tocou-lhe nos mamilos. Ela olhou para ele e sorriu-lhe com ternura, continuando depois a sua leitura.

Ele beijou-lhe o topo da cabeça e sentou-se a seu lado. Ela deixara-o espantado logo desde o início. A princípio, mostraram-se ambos tímidos, mas pouco depois de regressarem da lua de mel e começarem a viver juntos ali, na velha casa da quinta, ela ficara totalmente desinibida.

Primeiro, queria fazer amor com a luz acesa. Eddie sentia-se pouco à vontade, mas consentiu e até gostou, embora se sentisse envergonhado. Depois, reparou que ela não trancava a porta quando tomava banho. Sentiu-se, então, idiota por o fazer e começou a imitá-la; um dia ela entrou toda nua e enfiou-se na banheira com ele! Eddie nunca se sentira tão embaraçado na vida. Nenhuma mulher o havia visto nu desde os seus quatro anos. Ficou com uma grande ereção só de a ver lavar as axilas e cobriu o pénis com uma toalha até ela lhe tirar, a rir-se.

Carol-Ann começou a andar pela casa em vários estádios de nudez. Naquele momento, até se poderia dizer que estava demasiado vestida para os seus padrões: só se via um pequeno triângulo de

algodão no topo das pernas, onde a camisa não cobria bem as cuequinhas. Normalmente era muito pior. Ele podia estar a fazer café na cozinha, e ela entrava, envergando apenas a roupa interior, e começava a torrar o pão. Ou ele estava a barbear-se, e ela aparecia de cuecas, sem sutiã, e lavava os dentes assim mesmo. Ou entrava no quarto completamente nua com o pequeno-almoço dele num tabuleiro. Eddie interrogou-se se ela seria «demasiado sexual», tinha ouvido pessoas a usarem esse termo. No entanto, também gostava que ela fosse assim. Gostava mesmo muito. Nunca sonhara vir a ter uma mulher linda que andasse pela sua casa sem roupa. Achava-se afortunado.

Viver com ela durante um ano mudara-o. Tornara-se tão desinibido que passava nu do quarto para a casa de banho; por vezes nem vestia o pijama antes de se deitar e certa vez fizera sexo com ela na sala, ali mesmo naquele sofá.

Continuava a pensar se haveria alguma coisa de psicologicamente anormal naquele tipo de comportamento, mas decidira que não interessava: ele e Carol-Ann podiam fazer tudo o que lhes agradasse. Ao aceitar esse facto, sentiu-se como um pássaro fora da gaiola. Era incrível, era maravilhoso, era como estar no céu.

Sentou-se a seu lado sem falar, desfrutando apenas estar junto dela e cheirar a brisa leve que vinha dos bosques e entrava pelas janelas abertas. Tinha a mala feita e iria partir daí a poucos minutos para Port Washington. Carol-Ann saíra da Pan American — não podia viver no Maine e trabalhar em Nova Iorque — e arranjava emprego numa loja em Bangor. Eddie queria falar com ela sobre isso antes de se ir embora.

A mulher ergueu o olhar da revista *Life* e perguntou:

— O que foi?

— Eu não disse nada.

— Mas vais dizer, não vais?

Ele fez um sorriso largo. — Como é que sabias?

— Eddie, sabes que eu ouço quando o teu cérebro está a trabalhar. O que é?

Ele pousou a mão grande e áspera na barriga dela e sentiu o ligeiro inchaço. — Quero que deixes de trabalhar.

— É demasiado cedo...

— Não faz mal, temos dinheiro para isso. E quero que tomes conta de ti a sério.

— Eu vou tomar conta de mim. Deixo de trabalhar quando sentir necessidade.

Ele sentiu-se magoado. — Pensei que ficavas contente. Queres continuar porquê?

— Porque precisamos do dinheiro e tenho de ter alguma coisa para fazer.

— Já te disse, ficamos bem.

— Eu aborrecia-me.

— A maior parte das esposas não trabalha.

Ela ergueu a voz. — Eddie, porque estás a tentar amarrar-me?

Não era isso que ele queria e a sugestão enfureceu-o. Perguntou-lhe: — Porque estás tão determinada em contrariar-me?

— Não te estou a contrariar! Só não quero ficar aqui sentada como um ajudante de estivador!

— Não tens coisas para fazer?

— O quê?

— Tricotar roupa de bebé, fazer conservas, dormir a sesta...

Ela mostrou-se desdenhosa: — Oh, por amor de Deus...

— O que é que isso tem de mal, santo Deus? — perguntou ele, zangado.

— Vai haver muito tempo para isso tudo quando o bebé chegar. Gostava de gozar as minhas últimas semanas de liberdade.

Eddie sentiu-se humilhado, mas não sabia bem como acontecera. Queria sair dali. Olhou para o relógio. — Tenho de ir apanhar o comboio.

Carol-Ann mostrou-se triste. — Não te zangues — pediu num tom conciliatório.

Ele, porém, estava mesmo zangado. — Acho que simplesmente não te compreendo — declarou com irritação.

— Detesto estar fechada.

— Estava a tentar ser simpático. — Levantou-se e foi à cozinha, onde o casaco do uniforme estava pendurado. Sentia-se idiota e como que apanhado em falso. Quisera fazer uma coisa generosa e ela vira-a como uma imposição.

Ela trouxe a mala do quarto e entregou-lha depois de ele vestir o casaco. Ergueu o rosto e ele beijou-a ao de leve.

— Não saias zangado comigo — pediu ela.

Mas ele assim fez.

E agora encontrava-se num jardim de um país estrangeiro, a milhares de milhas da mulher, o coração pesado como chumbo, a pensar se voltaria a ver a sua Carol-Ann.

CAPÍTULO CINCO

Pela primeira vez na vida, Nancy Lenehan estava a engordar.

Na suíte do Hotel Adelphi, em Liverpool, ao lado de um amontoado de bagagem que aguardava para ser levada a bordo do SS *Oriana*, mirou-se ao espelho, horrorizada.

Não era nem bonita nem desengraçada, mas as feições eram harmoniosas — nariz direito, cabelo escuro liso e um queixo bonito — e parecia atraente quando se vestia com aprumo, o que acontecia a maior parte das vezes. Naquele dia envergava um levíssimo fato de flanela de Paquin, cor de cereja, com uma blusa de seda cinzenta. Segundo os ditames da moda, o casaco cingia-lhe a cintura, e fora isso que lhe revelara que estava a ganhar peso. Quando o abotoou, formou-se uma prega ligeira mas inconfundível, e os botões de baixo ficaram a repuxar.

Só havia uma explicação possível para tal. As dimensões da cintura do casaco eram inferiores às de Mrs. Lenehan.

Seria provavelmente o resultado de ter almoçado e jantado em todos os melhores restaurantes de Paris ao longo do mês de agosto. Suspirou. Faria dieta durante toda a travessia transatlântica. Ao chegar a Nova Iorque, teria recuperado a sua figura.

Nunca havia feito dieta. A perspectiva não a assustava: não era gluttona, embora apreciasse boa comida. O que a preocupava era desconfiar de que se tratava de um indício da idade.

Fazia quarenta anos naquele dia.

Sempre fora esguia e parecia bem em indumentárias bem-feitas e dispendiosas. Detestara a moda das roupas drapeadas de cintura descaída dos anos vinte e tinha-se regozijado com o regresso das cinturas marcadas. Passava muito tempo e gastava muito dinheiro em compras e apreciava cada momento. Por vezes desculpava-se com o facto de ter de parecer bem pois estava no negócio da moda, mas, na verdade, fazia-o por puro prazer.

O pai tinha aberto uma fábrica de calçado em Brockton, nos

arredores de Boston, no Massachusetts, em 1899, o ano em que Nancy nasceu. Mandava vir sapatos de alta qualidade de Londres e fazia cópias baratas; em seguida fazia das imitações um argumento de venda. Nos anúncios apresentava-se um sapato londrino de vinte e nove dólares ao lado de uma imitação de dez dólares da Black's e perguntava-se: «Consegue ver a diferença?» Era um homem trabalhador e foi bem-sucedido e durante a Grande Guerra ganhou o primeiro dos contratos militares que ainda serviam de base ao negócio.

Durante os anos vinte desenvolveu uma rede de lojas, situadas na sua maioria na Nova Inglaterra, que vendiam apenas o seu calçado. Quando a Depressão deflagrou, reduziu o número de modelos de mil para cinquenta e introduziu um preço fixo de seis dólares e sessenta cêntimos para todos eles, qualquer que fosse o seu estilo. A audácia teve os seus frutos, e os lucros da Black's aumentaram, ao passo que todos os concorrentes abriam falência.

Costumava dizer que tanto custava fazer sapatos de má qualidade como de boa e que não havia motivo para os trabalhadores andarem mal calçados. Numa altura em que os pobres compravam sapatos com solas de cartão que se gastavam em meia dúzia de dias, as botas da Black's eram baratas e duravam muito. O pai tinha orgulho nisso, e Nancy também. Para ela, as botas de qualidade que a família produzia justificavam a casa grandiosa de Back Bay em que a família habitava, o grande *Packard* com motorista, as festas e as roupas bonitas e os criados. A jovem não era como alguns dos filhos de famílias ricas que consideravam a riqueza herdada como um dado adquirido.

Quem lhe dera que o irmão pensasse o mesmo.

Peter tinha trinta e oito anos. Quando o pai morrera, cinco anos antes, tinha-lhes deixado a ambos partes iguais da empresa, quarenta por cento a cada um. A tia Tilly, a irmã do pai, recebera dez por cento, e os restantes dez foram para Danny Riley, o seu velho advogado de má reputação.

Nancy sempre tinha partido do princípio de que seria ela a tomar o

lugar do pai quando ele morresse. Ele sempre a favorecera. Não era habitual ser uma mulher a gerir uma empresa, mas não era completamente inédito, particularmente na indústria do vestuário.

O pai tinha um adjunto competente, Nat Ridgeway, que era o seu braço-direito e que deixou bem claro que pensava ser o homem certo para o lugar de presidente da Black's Boots.

Peter, porém, desejava-o igualmente e era ele o filho. Nancy sempre se sentira culpada por ser a preferida do pai. Peter sentir-se-ia humilhado e amargamente desiludido se não herdasse o cargo do pai. Nancy não teve coragem de lidar com um golpe tão pesado e concordou que o irmão assumisse o lugar. Detinham ambos oitenta por cento das ações, portanto, estando de acordo, conseguiam o que queriam.

Nat Ridgeway pediu a demissão e foi trabalhar para a General Textiles, em Nova Iorque. Foi uma perda para o negócio, mas, de uma outra forma, foi uma perda para Nancy. Nat e Nancy tinham começado a namorar imediatamente antes da morte do pai.

Ela não saía com ninguém desde a morte do marido, Sean — não o desejara —, mas Nat escolhera o momento propício, pois após cinco anos começava a sentir que a vida era apenas trabalho sem qualquer divertimento e estava pronta para um pouco de romance. Tinham tido alguns jantares sossegados e uma ou duas idas ao teatro, e ela despedira-se com um beijo bastante carinhoso. Contudo, não haviam ido mais além do que isso quando a crise estalou e, quando Nat abandonou a empresa, o romance terminou igualmente, deixando Nancy com o sentimento de ter sido enganada.

Desde então, ele subira muitíssimo na General Textiles e era agora presidente da empresa. Também se tinha casado com uma bonita loura, dez anos mais nova que Nancy.

Pelo contrário, Peter não se saía bem. A verdade é que não estava à altura do cargo. Nos cinco anos em que estivera à frente do negócio, a empresa descera a pique. As lojas já não davam lucro, mantinham-se apenas no limiar da rentabilidade. Peter tinha aberto uma requintada sapataria na Quinta Avenida, em Nova Iorque, que

vendia sapatos de mulher caríssimos, o que lhe tomava todo o tempo e atenção disponíveis — mas que perdia dinheiro.

Era apenas a fábrica que, gerida por Nancy, fazia dinheiro. Em meados da década de trinta, à medida que a América emergia da Depressão, começara a fabricar sandálias baratas para mulher, abertas à frente, que se tornaram uma linha incrivelmente popular. Estava convencida de que, no que dizia respeito a calçado feminino, o futuro estava em produtos leves e coloridos, suficientemente baratos para serem descartados.

Poderia vender o dobro das unidades que produzia, se tivesse capacidade para as manufaturar. No entanto, os lucros eram consumidos pelas perdas de Peter, e nada restava para expandir.

Nancy sabia o que tinha de ser feito para salvar o negócio.

A cadeia de lojas teria de ser vendida, talvez aos seus gerentes, a fim de angariar fundos. O produto da venda seria usado para modernizar a fábrica e mudar para o estilo de produção com linhas de montagem que estava a ser introduzido em todas as mais modernas fábricas de manufatura de calçado. Peter teria de lhe entregar as rédeas e limitar-se a gerir a sua loja nova-iorquina, trabalhando dentro de um rigoroso controlo de custos.

Ela estava disposta a permitir que o irmão mantivesse o título de presidente e o prestígio que daí advinha e continuaria a subsidiar a loja dele com os lucros da fábrica, dentro de certos limites; contudo, ele teria de abdicar de qualquer poder de facto.

Nancy passara essas propostas a papel num relatório destinado exclusivamente a Peter, e ele prometera-lhe pensar no assunto. Ela dissera-lhe o mais suavemente que conseguira que não podiam continuar a permitir o declínio da fábrica e que, se ele não concordasse com o seu plano, ela teria de dirigir-se diretamente à administração — o que provocaria inevitavelmente o seu despedimento e a nomeação dela como presidente. Nancy esperava ansiosamente que ele ouvisse a razão. Se provocasse uma crise, decerto acabaria derrotado, e a divisão da família poderia nunca ser ultrapassada.

Até ao momento, Peter não tinha ficado ofendido. Parecia calmo, ponderado, cordial. Decidiram ir juntos a Paris. Peter comprou sapatos de moda para a sua loja, enquanto Nancy fez compras para si própria nos costureiros e ficou de olho nos gastos do irmão. Adorava a Europa, Paris em particular, e ansiava pela visita a Londres. Então foi declarada a guerra.

Decidiram regressar aos Estados Unidos imediatamente — tal como toda a gente, claro, e fora-lhes difícil arranjar uma passagem. Nancy acabou por conseguir bilhetes num navio com partida de Liverpool. Após uma longa viagem de comboio e de *ferry* de Paris, tinham chegado na véspera e deviam embarcar naquele mesmo dia.

Os preparativos ingleses para a guerra estavam a deixá-la enervada. Na véspera, da parte da tarde, um pacote viera ao seu quarto e instalara uma esmerada tela à prova de luz na janela. À noite, todas as janelas tinham de ser completamente escurecidas para a cidade não ser visível do ar. As vidraças exibiam fitas adesivas entrecruzadas para os estilhaços de vidro não voarem quando a cidade fosse bombardeada. Viam-se sacos de areia na frente do hotel e havia um abrigo antiaéreo subterrâneo nas traseiras.

Invadia-a o terror de que a América entrasse na guerra e os filhos, Liam e Hugh, fossem recrutados. Lembrava-se de o pai dizer que, quando Hitler chegasse ao poder, os nazis impediriam a Alemanha de se tornar comunista, e fora essa a última vez que ela pensara em Hitler. Tinha demasiado que fazer para se preocupar com a Europa. Não lhe interessavam a política internacional, o equilíbrio de forças, nem a emergência do fascismo: tais abstrações pareciam-lhe tolas quando comparadas com as vidas dos filhos. Os polacos, os austríacos, os judeus e os eslavos teriam de tomar conta de si mesmos. A sua função era tomar conta de Liam e de Hugh.

Não que eles precisassem muito. Nancy casara-se muito jovem e tivera os filhos imediatamente, portanto os rapazes já eram adultos. Liam era casado e vivia em Houston, e Hugh frequentava o último ano de Yale. Não se aplicava tanto quanto deveria, e ela ficara preocupada ao saber que tinha comprado um veloz automóvel

desportivo, mas o jovem já tinha passado a idade de escutar os conselhos maternos. Portanto, como não conseguiria mantê-los fora do Exército, não havia muito que lhe desse vontade de regressar.

Sabia que a guerra seria boa para o negócio. A América passaria por um período de crescimento económico, e as pessoas teriam mais dinheiro para comprar sapatos. Quer os EUA entrassem ou não na guerra, as forças militares seriam certamente ampliadas, e isso significaria maiores encomendas dos seus contratos governamentais. No fim de contas, pensava que as vendas duplicariam ou talvez triplicariam nos próximos dois ou três anos — mais uma razão para modernizar a fábrica.

Todavia, tudo isso se tornava insignificante perante a flagrante, terrível hipótese de os seus próprios filhos serem recrutados para lutar e serem feridos e talvez agonizarem num campo de batalha.

Um porteiro veio buscar as malas e interrompeu-lhe os pensamentos mórbidos. Ela perguntou-lhe se Peter já tinha despachado a sua bagagem. Num forte sotaque local que mal percebia, o homem disse que o irmão enviara as malas para o navio na véspera à noite.

Nancy dirigiu-se ao quarto dele para ver se estaria pronto. Quando bateu, quem lhe abriu a porta foi uma criada que lhe disse no mesmo sotaque gutural que ele havia partido na noite anterior.

Ficou perplexa. Tinham dado entrada no hotel juntos no dia anterior ao final da tarde. Ela tinha decidido jantar no quarto e deitar-se cedo, e Peter tinha dito que iria fazer o mesmo. Se mudara de planos, onde teria ido? Onde teria passado a noite? E onde estaria agora?

Desceu até a entrada do hotel para fazer uma chamada, mas não sabia bem a quem telefonar. Nem ela nem o irmão conheciam quem quer que fosse em Inglaterra. Liverpool ficava do outro lado do mar, em frente a Dublin: poderia ter ido para a Irlanda, para visitar o país de onde advinha a família Black. Esse fora o plano inicial. No entanto, Peter sabia que nunca poderia regressar a tempo da partida do navio.

Num impulso, deu à operadora o número da tia Tilly.

Fazer um telefonema de Inglaterra para a América era incerto. O

número de linhas não era suficiente, e por vezes esperava-se muito tempo. Num dia de sorte, poderia obter-se a chamada em poucos minutos, mas a qualidade do som era geralmente má e era preciso gritar.

Faltavam alguns minutos para as sete da manhã em Boston, mas a tia deveria estar acordada. Como muitas pessoas de idade, dormia pouco e acordava cedo. Era uma mulher com muita vivacidade.

No momento, as linhas não estavam ocupadas — talvez por ser ainda demasiado cedo para os empresários americanos estarem à secretária —, e o telefone da cabina tocou após cinco minutos apenas. Nancy pegou no auscultador e ouviu o familiar toque americano. Imaginou a tia Tilly, envergando o seu robe e os chinelos de pelo, a atravessar lentamente o soalho de madeira brilhante da cozinha e a encaminhar-se para o telefone preto do vestíbulo.

— Sim?

— Tia Tilly, é a Nancy.

— Deus meu, filha, estás bem?

— Estou ótima. Declararam guerra, mas ainda não começaram os tiroteios, pelo menos em Inglaterra. Soube dos rapazes?

— Estão os dois bem. Recebi um postal do Liam, de Palm Beach, que diz que a Jacqueline ainda é mais bonita bronzeada. O Hugh levou-me a dar uma volta no carro novo, que é muito jeitoso.

— E ele guia muito depressa?

— Comigo pareceu muito cuidadoso e recusou um *cocktail* porque diz que as pessoas não devem conduzir automóveis rápidos quando bebem.

— Isso dá-me um grande alívio.

— Muitos parabéns, minha querida! Que fazes tu em Inglaterra?

— Estou em Liverpool, prestes a apanhar um navio para Nova - Iorque, mas perdi-me do Peter. Por acaso não teve notícias dele?

— Claro que tive. Convocou uma reunião do conselho de administração para depois de amanhã bem cedo.

Nancy ficou confusa. — A tia está a dizer sexta-feira de manhã?

— Sim, querida, sexta-feira é depois de amanhã — confirmou Tilly

num tom de voz ofendido que implicava: «Não sou assim tão velha que não saiba que dia da semana é hoje.»

Nancy ficou perplexa. Qual seria o objetivo de marcar uma reunião se nem ela nem o próprio Peter estariam lá? Os outros diretores eram Tilly e Danny Riley, e eles nunca decidiriam nada sozinhos.

Aquilo mais parecia uma conspiração. Que estaria Peter a tramar?

— Qual é a ordem de trabalhos, tia?

— Estava agora a ver. — A tia Tilly leu em voz alta: — Para aprovar a venda da Black's Boots, Inc., à General Textiles, Inc., nos termos negociados pelo presidente.

— Meu Deus! — Foi um choque tão grande que Nancy se sentiu desfalecer. Peter estava a vender a empresa nas costas dela!

Por momentos ficou tão atordoada que não conseguiu falar. Depois, foi com esforço que disse numa voz trémula: — Não se importa de ler de novo, tia?

A tia Tilly repetiu o que dissera.

De súbito, Nancy sentiu-se gelar. Como é que Peter tinha tido a desfaçatez de fazer aquilo com ela? Quando é que teria negociado o acordo? Devia ter andado a trabalhar nele sub-repticiamente desde que ela lhe entregara o relatório confidencial. Enquanto fingia estar a ponderar a sua proposta, tinha andado de facto a conspirar contra ela.

Sempre soubera que o irmão era fraco, mas nunca supusera que fosse capaz de tal traição.

— Está lá, Nancy?

Engoliu em seco. — Estou sim. Apenas sem palavras. O Peter escondeu-me tudo isto.

— A sério? Isso não é nada justo.

— É óbvio que pretende que o plano seja aprovado enquanto estou fora... mas ele também não vai estar aí. Vamos apanhar o navio hoje... não chegaremos antes de cinco dias. — E, no entanto, ocorreu-lhe de repente, o irmão desaparecera...

— Mas agora não há um avião?

— O *Clipper*! — recordou-se ela: tinha vindo em todos os jornais.

Podia-se atravessar o Atlântico num dia. Seria isso que o irmão ia fazer?

— Exato, o *Clipper* — confirmou Tilly. — O Danny Riley diz que o Peter regressa no *Clipper* e que vem a tempo da reunião.

Nancy estava a ter dificuldade em assimilar a forma indecente como o irmão lhe mentira. Viajara com ela até Liverpool para a fazer pensar que ia apanhar o navio. Devia ter partido de novo, no momento em que se tinham separado no corredor do hotel, e conduzido durante a noite até Southampton para chegar a tempo do avião. Como é que podia ter passado todo aquele tempo com ela, a conversarem e a comerem juntos, a discutirem a viagem que se aproximava, quando andava a conspirar para a derrubar?

A tia Tilly sugeriu: — Porque é que não vens também no *Clipper*?

Seria demasiado tarde? Peter devia ter planeado tudo com muito cuidado. Teria pensado que ela iria fazer algumas perguntas quando descobrisse que ele não ia no navio e ter-se-ia certificado de que ela não o conseguia alcançar. Contudo, a sincronização não era um dos seus fortes, e poderia ter-lhe escapado qualquer coisa.

Ela mal ousava imaginar ter tal sorte.

— Vou tentar — disse com determinação súbita. — Adeus. — Desligou.

Ficou a pensar por um instante. Peter devia ter partido na véspera ao final do dia e viajado durante a noite. O voo do *Clipper* devia estar marcado para deixar Southampton naquele mesmo dia e chegar a Nova Iorque no dia seguinte, a tempo de o irmão estar em Boston para a reunião de sexta-feira. Mas a que horas partiria o avião? E conseguiria ela chegar a Southampton a horas?

Com o coração ao pé da boca, dirigiu-se à receção e perguntou ao chefe de portaria a que horas partia o *Clipper* da Pan American de Southampton.

— Já o perdeu, minha senhora — respondeu ele.

— Mas confirme a hora, por favor — teimou ela, tentando não mostrar a sua impaciência.

O homem tirou um horário e abriu-o. — Às duas da tarde.

Nancy viu as horas: era meio-dia.

O porteiro disse: — Não conseguia chegar a Southampton a tempo, mesmo que tivesse um avião privado à espera.

— Haverá algum avião? — insistiu ela.

O rosto do homem foi invadido pela expressão tolerante do empregado de hotel que faz a vontade a uma estrangeira tonta. — Há um aeródromo a cerca de dez milhas daqui. De um modo geral encontra-se um piloto que vos leve aonde quer que seja por um preço. Mas tem de lá chegar, encontrar o piloto, fazer a viagem, aterrar algures perto de Southampton e depois chegar até às docas. Acredite em mim, não é coisa que se faça em duas horas.

Ela virou-lhe as costas, frustrada.

Em negócios, não valia a pena ter ataques de fúria, fora algo que aprendera havia muito tempo. Quando as coisas corriam mal, tinha de encontrar-se um meio de as remediar. *Não consigo chegar a Boston a tempo*, refletiu ela, *portanto talvez eu consiga impedir a venda à distância.*

Voltou à cabina telefónica. Passava um pouco das sete em Nova Iorque. Patrick McBride, o seu advogado, deveria estar em casa. Deu o número à operadora.

Mac era o tipo de homem que o irmão deveria ter sido. Com a morte de Sean, interveio e tomou conta de tudo: o inquérito, o funeral, o testamento e as finanças pessoais de Nancy. Foi maravilhoso com os rapazes, levando-os a jogos, aparecendo para assistir às peças de teatro escolares e dando-lhes conselhos sobre a faculdade e a carreira. Em diversas ocasiões tinha conversado com eles sobre os factos da vida. Quando o pai de Nancy morreu, Mac aconselhou-a a não deixar que Peter assumisse o lugar de presidente; ela não seguiu o seu conselho, e os acontecimentos presentes tinham provado que Mac tinha razão. Sabia que estava mais ou menos apaixonado por ela. Todavia, não se tratava de um vínculo perigoso: Mac era católico devoto e fiel à sua mulher, baixa, rechonchuda, vulgar e leal. Nancy tinha por ele grande estima, mas não era o tipo de homem pelo qual poderia alguma vez apaixonar-se: era um homem brando, doce e

roliço, coroadado por uma calva. Ela sempre se sentira atraída por homens de personalidade forte com muito cabelo: pessoas como Nat Ridgeway.

Enquanto esperava pela ligação, teve tempo para refletir sobre a ironia da situação. O cúmplice de Peter era Nat Ridgeway, o antigo adjunto do pai e a sua antiga paixão, que havia abandonado a empresa — e a própria Nancy — porque não pudera ser patrão; e que, no presente, enquanto presidente da General Textiles, tentava reaver o controlo da Black's Boots.

Sabia que Nat tinha estado em Paris para ver as coleções, embora não o tivesse encontrado. Mas Peter devia ter tido reuniões com ele e ter fechado o negócio lá mesmo, enquanto fingia comprar sapatos inocentemente. Nancy não suspeitara de nada. Quando percebeu como tinha sido tão fácil de enganar, sentiu-se furiosa com Peter e com Nat — e sobretudo consigo mesma.

O telefone da cabina tocou e ela atendeu: estava com sorte com as chamadas.

Mac atendeu, de boca cheia do pequeno-almoço. — Hum?

— Mac, é a Nancy.

Engoliu rapidamente. — Graças a Deus que telefonaste, tenho andado à tua procura por toda a Europa. O Peter está a tentar...

— Eu sei, acabei de descobrir — interrompeu ela. — Quais são os termos do acordo?

— Uma ação da General Textiles, mais vinte e sete cêntimos, por cinco ações da Black's.

— Meu Deus, isso é dado!

— No que diz respeito aos teus ganhos, não é assim tão baixo...

— Mas o nosso valor patrimonial é muito mais elevado!

— Olha lá, não sou eu que estou a defrontar-te — retorquiu ele suavemente.

— Desculpa, Mac, só que estou furiosa.

— Eu percebo.

Ao fundo, Nancy ouviu as crianças a brigar. Tinha cinco, todas raparigas. Ouvia também um rádio a tocar e uma chaleira a apitar.

Passado um instante, ele prosseguiu: — Concordo que a oferta é demasiado baixa. Reflete o nível de lucro presente, mas ignora o valor patrimonial e o potencial futuro.

— Bem que podes dizê-lo.

— Há ainda mais uma coisa.

— Diz.

— O Peter manter-se-á a dirigir a operação da Black por cinco anos, mas para ti não há trabalho.

Nancy fechou os olhos. Aquela era a machadada final. Sentiu náuseas. O preguiçoso, o estúpido do irmão, a quem havia protegido e dado cobertura, ficaria; ela, que tinha mantido o negócio viável, seria expulsa. — Como é que ele me pôde fazer uma coisa destas? — interrogou-se. — É meu irmão!

— Lamento muito, Nan.

— Obrigada.

— Nunca confiei no Peter.

— O meu pai passou a vida a construir este negócio — lamentou-se ela. — Não podemos permitir que o Peter o destrua.

— Que queres que eu faça?

— Conseguimos impedi-lo?

— Se conseguisses chegar cá para a reunião da administração, acho que convencias a tua tia e o Danny Riley a recusar o acordo...

— Não consigo, esse é o meu problema. Não consegues tu convencê-los?

— Talvez pudesse, mas não serviria de nada, o Peter derrota-os na votação. Eles só detêm dez por cento cada, e ele tem quarenta.

— Não podes votar em meu nome?

— Não tenho uma procuração tua.

— E eu posso votar por telefone?

— É uma ideia interessante... Julgo que caberia à administração autorizá-lo, mas o Peter usava a sua maioria para o rejeitar.

Seguiu-se um silêncio enquanto ambos matavam a cabeça a pensar.

Durante a pausa, ocorreu-lhe a sua falta de maneiras e inquiriu: —

E a família, como é que vai?

— Neste momento, todos por lavar, por vestir, desalinhados. E a Betty está grávida.

Por momentos, esqueceu os seus problemas. — Estás a brincar!
— Pensara que não teriam mais filhos: a mais nova já tinha cinco anos. — Depois de todo este tempo!

— Pensei que já tinha descoberto a causa.

Nancy riu-se. — Olha lá, muitos parabéns!

— Obrigado, se bem que a Betty não esteja muito certa sobre a questão.

— Por que motivo? É mais nova que eu.

— Mas seis crianças são muitos filhos.

— Tens dinheiro para isso.

— Tenho... Tens a certeza de que não consegues apanhar esse avião?

Nancy suspirou. — Estou em Liverpool. Southampton fica a duzentas milhas, e o avião parte dentro de menos de duas horas. É impossível.

— Liverpool? Isso não é longe da Irlanda.

— Poupa-me lá o roteiro da viagem...

— Mas o *Clipper* faz escala na Irlanda.

O coração de Nancy teve um sobressalto. — Tens a certeza?

— Li no jornal.

Aquilo mudava tudo, apercebeu-se ela numa explosão de esperança. No fim de contas, talvez pudesse apanhar o avião! — Onde é que pousa? Em Dublin?

— Não, algures na costa oeste, esqueço-me do nome. Mas talvez ainda consigas.

— Vou ver e telefono-te mais tarde. Adeus.

— Olha, Nancy?

— O que é?

— Muitos parabéns.

Ela esboçou um sorriso para a parede da cabina. — Mac... és fantástico.

— Boa sorte.

— Adeus. — Desligou e regressou à receção. O chefe de portaria dirigiu-lhe um sorriso condescendente. Resistiu à tentação de o pôr no seu lugar: isso torná-lo-ia ainda menos diligente. — Creio que o *Clipper* faz uma paragem na Irlanda — declarou, forçando-se a soar amável.

— Exato, minha senhora. Em Foynes, no estuário do Shannon.

Apeteceu-lhe dizer: «Então por que motivo é que não me disse antes, seu idiota pomposo?» Ao invés, sorriu e perguntou: — A que horas?

O homem consultou o horário. — A amaragem está prevista para as três horas e meia e a descolagem para as quatro e meia.

— E consigo chegar lá a tempo?

O sorriso de tolerância desvaneceu-se, e pareceu olhá-la com mais respeito. — Não tinha pensado nisso — disse. — Num pequeno aeroplano é um voo de duas horas. Se arranjar um piloto, consegue.

O nível de tensão subiu mais um pouco. Aquilo começava a parecer uma possibilidade séria. — Pode arranjar-me um táxi para me levar ao aeródromo imediatamente?

Ele estalou os dedos a um pacote. — Um táxi para a senhora! — Virou-se para Nancy. — E as suas malas? — A bagagem encontrava-se agora empilhada no átrio. — Não consegue levar tudo num avião pequeno.

— Mande-as para o navio, por favor.

— Muito bem.

— Traga-me a conta o mais rápido possível.

— De imediato.

Nancy foi buscar a sua pequena mala de fim de semana à pilha de bagagem, onde tinha as coisas essenciais de *toilette*, a maquilhagem e uma muda de roupa interior. Abriu uma mala de viagem e escolheu uma blusa de seda azul-marinho lavada para o dia seguinte, uma camisa de noite e um roupão. No braço levava um casaco de caxemira cinzento-claro que tinha intenção de vestir no convés se o vento estivesse frio. Decidiu levá-lo: poderia necessitar dele para se

manter quente dentro do avião.

Fechou as malas.

— A sua conta, Mrs. Lenehan.

Rabiscou um cheque e entregou-lho com uma gorjeta.

— Muito amável da sua parte, Mrs. Lenehan. O táxi está à sua espera.

Saiu, apressada, e subiu para um pequeno automóvel britânico. O porteiro colocou-lhe a mala no assento a seu lado e deu as indicações ao motorista. Nancy acrescentou: — E vá o mais depressa que puder!

O automóvel atravessou o centro da cidade a uma velocidade lenta, exasperante. Impaciente, Nancy batia com a biqueira do sapato de camurça cinzento. O atraso era provocado por homens que pintavam listas brancas no meio da rua, nas curvas e em volta das árvores da beira da estrada. Irritada, interrogou-se sobre qual seria o propósito e depois imaginou que as riscas se destinavam a ajudar os motoristas durante o *blackout*.

O táxi aumentou de velocidade enquanto serpenteava pelos arredores e entrava no campo. Aí não se viam quaisquer preparativos para a guerra. Os alemães não bombardeariam os campos, a não ser por acidente. Nancy consultava o relógio amiúde. Já era quase meio-dia e meia. Se encontrasse um avião e um piloto, e o convencesse a levá-la, tudo sem qualquer demora, talvez levantasse voo à uma da tarde. O porteiro dissera que seriam duas horas de voo. Nesse caso, aterraria às três. Depois, claro que teria ainda de fazer o caminho do aeródromo até Foynes. Mas a distância não seria muito grande. Poderia chegar ainda com tempo. Haveria algum carro que a levasse até à doca? Tentou acalmar-se. Não valia a pena preocupar-se com tanta antecedência.

Ocorreu-lhe que o *Clipper* poderia estar lotado: todos os navios estavam cheios.

Afastou essa ideia do pensamento.

Estava prestes a perguntar ao motorista quanto mais tempo teriam pela frente quando, para seu alívio, o homem saiu da estrada e entrou

por um portão aberto. Enquanto o automóvel avançava aos solavancos pela erva, Nancy avistou um pequeno hangar em frente. Em redor, viam-se pequenos aviões de cores vivas presos à relva verde, como borboletas num tecido de veludo. Não havia falta de aeroplanos, notou, satisfeita. Mas também necessitava de um piloto, e não parecia haver ninguém nas imediações.

O motorista levou-a até à enorme porta do hangar.

— Espere por mim, por favor — pediu, enquanto saltava do táxi. Não queria ficar sem meio de transporte.

Apressou-se a entrar no hangar. Havia uns quatro aviões no interior, mas não se via ninguém. Regressou para a luz do Sol. Aquilo não poderia estar abandonado, decerto, pensou ansiosamente. Tinha de haver *alguém* por ali, pois, de outro modo, a porta estaria fechada à chave. Caminhou em redor do hangar para as traseiras e, por fim, viu três homens em volta de um avião.

A aeronave em si era deslumbrante. Fora toda pintada de amarelo-canário, com pequenos pneus amarelos que lhe fizeram lembrar os carros de brincar. Era um biplano, com as asas superiores e inferiores ligadas por montantes e cabos, e tinha um único motor no nariz. Ali estava com o hélice no ar e a cauda pousada no solo, como um cachorro a pedir para ser levado a passear.

Estava a ser abastecido. Um homem num fato-macaco cheio de óleo e um boné de tecido, no cimo de um pequeno escadote, deitava gasolina de uma lata num depósito na asa por cima do assento da frente. No solo, via-se um homem alto e bem-parecido, aproximadamente da mesma idade que Nancy, envergando um capacete de aviador e um casaco de cabedal, embrenhado na conversa com um homem num fato de *tweed*.

Nancy tossiu e disse: — Se faz favor.

Os dois homens miraram-na de relance, mas o homem alto continuou a falar, e ambos desviaram o olhar.

Não era um bom começo.

Nancy interveio: — Peço desculpa por incomodar. Pretendo fretar um avião.

O homem alto interrompeu a conversa para dizer: — Não posso ajudá-la.

— Trata-se de uma urgência — contrapôs ela.

— Não sou nenhum motorista de táxi, c'os diabos — retorquiu o homem e virou-lhe as costas mais uma vez.

Nancy ficou irritada o suficiente para exclamar: — Que motivo é que o senhor tem para ser tão mal-educado?

Isso fê-lo prestar atenção. Deitou-lhe um olhar perplexo e interessado, e Nancy reparou nas sobranceiras negras arqueadas. — Não tive intenção de ser malcriado — proferiu ele suavemente —, mas o meu avião não é para alugar e eu também não.

Em desespero, ela disse: — Por favor, não se ofenda, mas se é uma questão de dinheiro, eu pago-lhe bem...

Ficou ofendido: com uma expressão gelada, voltou-lhe as costas.

Nancy reparou que, debaixo do casaco de cabedal, o homem vestia um fato cinzento-escuro risca de giz, e os sapatos pretos Oxford eram autênticos, e não uma imitação barata como os que ela fabricava. Era óbvio que se tratava de um homem de negócios abastado que voava no seu próprio avião por gosto pessoal.

— Nesse caso, haverá mais alguém? — perguntou.

O mecânico ergueu o olhar do tanque de combustível e abanou a cabeça. — Hoje não está cá ninguém — informou.

O homem alto disse para o companheiro: — Não negoceio para perder dinheiro. Diz ao Seward que o que ele está a receber é o normal para este tipo de trabalho.

— O problema é que ele não deixa de ter razão, como sabe — retorquiu o outro, do fato de *tweed*.

— Eu sei. Diz-lhe que para a próxima negociamos um preço mais alto.

— Pode ser que isso não o satisfaça.

— Nesse caso, ele que me desapareça da frente e vá pentear - macacos.

A Nancy, frustradíssima, apetecia-lhe gritar. Ali estava um avião perfeito e um piloto, e nada do que pudesse dizer os levaria a

conduzi-la aonde precisava de ir. À beira das lágrimas, declarou: — Eu tenho *mesmo* de ir a Foynes!

O homem alto virou-se de novo. — A Foynes, foi o que disse?

— Foi.

— E porquê?

Pelo menos, tinha conseguido estabelecer diálogo. — Estou a tentar apanhar o *Clipper* da Pan American.

— Que engraçado — disse ele —, também eu.

As esperanças aumentaram mais uma vez. — Oh, meu Deus! — exclamou. — Vai para Foynes?

— Exato — confirmou, sombrio. — Ando atrás da minha mulher.

Apesar de toda a sua agitação, não deixou de ocorrer a Nancy que era estranho dizer uma coisa daquelas: para um homem confessar tal coisa, ou era muito fraco ou muito seguro de si mesmo. Examinou o avião. Parecia dispor de duas cabinas, uma atrás da outra. — O seu avião tem dois lugares? — quis saber, ansiosa.

Ele olhou-a de cima a baixo. — Sim — confirmou —, dois lugares.

— *Por favor*, leve-me consigo.

Ele hesitou, após o que encolheu os ombros. — Porque não?

Apeteceu-lhe desmaiar de alívio. — Oh, graças a Deus — disse. — Fico-lhe tão grata.

— Não tem de quê. — Estendeu-lhe uma mão grande. — Mervyn Lovesey. Muito prazer.

Apertaram as mãos. — Nancy Lenehan — retorquiu ela. — O prazer é todo meu, pode crer.

Eddie precisava de falar com alguém.

Teria de ser alguém em quem confiasse plenamente, alguém que soubesse guardar segredo.

A única pessoa com quem discutia coisas assim era Carol-Ann. Era a sua confidente. Aquilo nem com o pai discutiria, se ele fosse vivo: nunca gostara de mostrar-se vulnerável junto do pai. Haveria mais alguém em quem pudesse confiar?

Pensou no comandante Baker. Marvin Baker era o tipo de piloto de

que os passageiros gostavam: bem-parecido, de maxilar forte, confiante e assertivo. Eddie respeitava-o e também gostava dele. Porém, a lealdade de Baker era para com o avião e a segurança dos passageiros e era um fanático por regras. Insistiria de imediato em levar a história à polícia. Não lhe valia de nada.

Mais alguém?

Sim. Havia Steve Appleby.

Steve era filho de um lenhador do Oregon, um rapaz alto com músculos de ferro, um católico vindo de uma família paupérrima. Juntos haviam sido cadetes em Annapolis. Tinham ficado amigos desde o primeiro dia, na enorme messe pintada de branco. Enquanto os outros recrutas reclamavam por causa do rancho, Eddie limpou o prato. Ao levantar os olhos, viu que havia um outro cadete suficientemente pobre para achar a comida ótima: Steve. Havia trocado um olhar e perceberam-se perfeitamente.

Tinham sido companheiros na academia e, em seguida, estiveram estacionados em Pearl Harbor. Quando Steve se casou com Nella, Eddie foi o padrinho, e, no ano anterior, Steve tinha feito o mesmo por ele. Steve continuava na Marinha, estacionado nos estaleiros de Portsmouth, no New Hampshire. Agora não se viam com muita frequência, mas isso não tinha importância, pois a sua amizade era das que sobrevivia a longos períodos sem contacto. Não se escreviam a não ser que tivessem algo de específico para dizer. Quando calhava estarem ambos em Nova Iorque, jantavam juntos ou iam a um jogo de bola, e sentiam-se tão próximos como se se tivessem separado no dia anterior. Eddie ter-lhe-ia confiado a sua própria alma.

Steve era igualmente um grande «desenrasca». Um passe para o fim de semana, uma garrafa de bebida ilegal, um par de bilhetes para um grande jogo — arranjava-os quando mais ninguém conseguia.

Eddie decidiu tentar contactá-lo.

Sentiu-se um pouco melhor por ter tomado uma decisão. Apressou-se a regressar ao hotel.

Entrou no pequeno escritório e deu o número de telefone da base

naval à proprietária do hotel, após o que voltou para o quarto. Ela chamá-lo-ia quando a ligação fosse estabelecida.

Despiu o fato-macaco. Não queria estar na banheira quando ela viesse, portanto esfregou bem as mãos e lavou o rosto no quarto e, em seguida, vestiu uma camisa branca lavada e as calças do uniforme. Aquelas atividades de rotina acalmaram-no um pouco, mas continuou febrilmente ansioso. Não sabia o que Steve diria, mas seria um alívio tremendo partilhar o seu problema.

Estava a dar o nó da gravata quando a proprietária bateu à porta, mas desceu as escadas a correr e pegou no auscultador. Tinham ligado à operadora da central telefónica da base.

Fez o pedido: — Seria possível passar-me o Steve Appleby, por favor?

— Neste momento, o tenente Appleby não pode vir ao telefone — informou ela. Caiu-lhe o coração aos pés. Ela acrescentou: — Será que posso transmitir-lhe uma mensagem?

Ele prosseguiu: — Minha senhora, é urgente. Onde diabo é que ele está?

— Posso perguntar-lhe quem fala, senhor?

— Aqui é Eddie Deakin.

Ela abandonou o tom de formalidade de imediato. — Oh, olá, Eddie! Foi o padrinho de casamento dele, não foi? Eu sou a Laura Gross, já nos conhecemos. — Baixou o tom de voz num tom de cumplicidade. — Aqui entre nós, o Steve passou a noite fora da base.

Eddie resmungou interiormente. Steve estava a fazer o que não devia — e na altura errada. — Quando é que volta?

— Devia ter chegado antes do nascer do dia, mas ainda não apareceu.

Pior ainda — não só estava ausente como provavelmente também metido em sarilhos.

A operadora sugeriu: — Posso passar-lhe à Nella, que está na dactilografia.

— OK, obrigado. — Não podia confiar o seu segredo a Nella, claro, mas poderia descobrir algo mais sobre o paradeiro de Steve. Bateu

com o pé impacientemente enquanto aguardava pela ligação. Recordou Nella: uma rapariga calorosa, de rosto redondo, com longo cabelo encaracolado.

Por fim, ouviu-lhe a voz. — Está?

— Nella, é o Eddie Deakin.

— Olá, Eddie, onde é que estás?

— Estou a falar de Inglaterra. Nella, onde é que está o Steve?

— De Inglaterra? Deus meu! O Steve está, hum... não está contactável. — Pareceu hesitante ao acrescentar: — Passa-se alguma coisa?

— Hã-hã. Quando é que achas que o Steve volta?

— Esta manhã, talvez dentro de uma hora ou isso. Eddie, estás com uma voz abalada. O que foi? Estás metido nalgum sarilho?

— Talvez o Steve me pudesse telefonar para aqui, se chegar a tempo. — Deu-lhe o número de telefone do Langdown Lawn.

Ela repetiu o número. — Por favor, Eddie, não me vais dizer o que se passa?

— Não posso. Diz-lhe para me telefonar. Vou estar aqui ainda mais uma hora. Depois tenho de ir para o avião, voamos hoje para Nova Iorque.

— Como queiras — disse ela, cética. — Como vai a Carol-Ann?

— Agora tenho de ir — proferiu ele. — Adeus, Nella. — Desligou sem esperar pela resposta. Sabia que estava a ser mal-educado, mas estava demasiado enervado para se importar, com o estômago apertado.

Não sabendo o que fazer em seguida, subiu as escadas e foi para o quarto. Deixou a porta entreaberta para poder ouvir o telefone do vestíbulo e sentou-se na borda da cama de solteiro. Era a primeira vez que, desde criança, se sentia à beira das lágrimas. Enterrou a cabeça entre as mãos e murmurou: — O que é que eu vou fazer?

Lembrou-se do rapto dos Lindbergh. A história viera em todos os jornais, quando estava em Annapolis, sete anos antes. A criança tinha sido morta. — Ó Deus, protege a Carol-Ann — pediu em oração.

Não eram muitas as vezes em que rezava atualmente. As orações

não tinham valido de nada aos pais. Acreditava em ajudar-se a si próprio. Abanou a cabeça. Aquele não era o momento para regressar à religião. Tinha de refletir e de fazer algo.

Quem tinha raptado Carol-Ann queria-o dentro do avião, isso era bastante óbvio. Talvez isso fosse uma razão para não ir. Mas, se ficasse, nunca se encontraria com Tom Luther nem descobriria o que eles pretendiam. Poderia frustrar os seus planos, mas perderia a mínima hipótese de ganhar o controlo da situação.

Ergueu-se e abriu a pequena mala de viagem. Não conseguia pensar em mais nada exceto em Carol-Ann, mas guardou o estojo da barba, o pijama e a roupa suja mecanicamente. Penteou-se, desatento, e guardou as escovas.

Voltara a sentar-se quando o telefone tocou.

Saiu do quarto em duas passadas. Apressou-se escadas abaixo, mas alguém atendeu antes. Ao atravessar o átrio, ouviu a proprietária dizer: — A 4 de outubro? Deixe-me ver se temos vagas.

Voltou para trás, cabisbaixo. Disse para si próprio que, de qualquer forma, não havia nada que Steve pudesse fazer. Ninguém podia fazer nada. Alguém raptara Carol-Ann, e Eddie teria de fazer o que quer que eles quisessem para a reaver. Ninguém poderia libertá-lo do apuro em que estava.

Foi com o coração pesado que recordou novamente que tinham discutido na última vez em que tinham estado juntos. Quem lhe dera não ter dito nada. Além do mais, a propósito de quê é que eles tinham brigado? Jurou nunca mais discutir com a mulher se ela regressasse sã e salva.

Por que raio é que o maldito do telefone não toca?

Ouviu-se bater à porta, e Mickey entrou, de uniforme vestido e mala na mão. — Estás pronto? — inquiriu alegremente.

Eddie sentiu-se em pânico. — Não pode estar já na hora!

— Claro que está!

— Merda...

— O que se passa? Gostas assim tanto disto aqui? Queres ficar e lutar contra os alemães?

Eddie tinha de dar mais uns minutos a Steve. — Vai tu andando — disse a Mickey. — Já te apanho.

Mickey pareceu um pouco sentido por Eddie não querer ir com ele. Encolheu os ombros, disse um «Até já» e saiu.

Onde diabo anda o Steve Appleby?

Sentou-se e ficou de olhar perdido no papel de parede durante quinze minutos.

Por fim, pegou na mala e desceu as escadas lentamente, de olhar fixo no telefone, como se o aparelho fosse uma cascavel em pose de ataque. Parou no átrio, à espera de que tocasse.

O comandante Baker desceu e olhou-o com surpresa. — Está a ficar atrasado — proferiu. — O melhor é vir comigo no táxi. — O comandante gozava do privilégio de um táxi até ao hangar.

— Estou à espera de um telefonema — retorquiu Eddie.

A testa do comandante ensombrou-se com um arremedo de franzido. — Bom, agora não pode esperar mais. Vamos!

Por um instante, Eddie não se moveu. Então apercebeu-se de que aquilo era estúpido. Steve não ia telefonar, e Eddie tinha de estar no avião se queria fazer algo. Forçou-se a pegar na mala e a sair pela porta do hotel.

O táxi aguardava, e entraram ambos.

Eddie sabia que quase fora insubordinado. Não queria ofender Baker, que era um bom comandante e sempre o tratara bem. — Desculpe-me — proferiu. — Estava à espera de uma chamada dos Estados Unidos.

O comandante sorriu com indulgência. — C'os diabos, amanhã já lá está! — disse alegremente.

— Exato — concordou Eddie tristemente.

Estava por sua conta e risco.

PARTE DOIS

De Southampton a Foynes

CAPÍTULO SEIS

Enquanto o comboio rolava para sul por entre os pinhais do Surrey, em direção a Southampton, a irmã de Margaret Oxenford, Elizabeth, fez uma declaração chocante.

A família Oxenford seguia numa carruagem especial, reservada aos passageiros do *Clipper* da Pan American. Margaret estava de pé ao fundo da carruagem, sozinha, a olhar pela janela. O seu estado de espírito oscilava como louco entre um desespero profundo e uma animação crescente. Estava furiosa e infeliz por abandonar o seu país na sua hora mais negra, mas não conseguia deixar de se sentir encantada com a ideia de voar para a América.

A irmã afastou-se da família e foi ter com ela com um ar solene. Passado um momento de hesitação, disse: — Gosto muito de ti, Margaret.

Esta ficou comovida. Nos últimos anos, desde que passaram a ter idade para compreender a batalha de ideias que assolava o mundo, tinham optado por pontos de vista violentamente opostos e, devido a isso, haviam-se afastado. Margaret, porém, sentira a falta da proximidade da irmã, e esse afastamento entristecia-a. Seria maravilhoso se pudessem voltar a ser companheiras. — Também gosto muito de ti — respondeu, abraçando-a com força.

Passado um momento, Elizabeth declarou: — Eu não vou para a América.

Margaret soltou uma exclamação de espanto. — Como não?

— Vou simplesmente dizer à mãe e ao pai que não vou. Tenho vinte e um anos, não me podem obrigar.

Margaret não tinha a certeza se a irmã tinha razão, mas deixou passar. Tinha muitas mais perguntas. — Para onde vais?

— Para a Alemanha.

— Mas, Elizabeth! — exclamou Margaret, horrorizada. — Vais ser morta!

A irmã tinha um ar de desafio. — Sabes, não são só os socialistas

que estão dispostos a morrer por uma causa.

— Mas pelo nazismo!

— Não é apenas pelo fascismo — contrapôs Elizabeth, com uma estranha luz no olhar. — É por todos os brancos de sangue puro que correm o perigo de serem dominados pelos pretos e pelos mestiços. É pela raça humana.

Margaret sentiu-se revoltada. Já era mau perder a irmã, mas perdê-la por uma causa tão perniciosa! Não queria, porém, relembrar as velhas discussões políticas; estava mais preocupada com a segurança da irmã. — De que vais viver? — perguntou-lhe.

— Tenho dinheiro meu.

Margaret lembrou-se de que ambas herdavam dinheiro do avô quando fizessem vinte e um anos. Não era muito, mas talvez chegasse para viver.

Depois pensou noutra coisa. — Mas a tua bagagem foi despachada para Nova Iorque.

— Essas malas estão cheias de toalhas velhas. Preparei outras e enviei-as mais cedo, na segunda-feira.

Margaret ficou espantada. Elizabeth organizara tudo na perfeição e levara a cabo o seu esquema em absoluto segredo. Amargamente, refletiu como a sua tentativa de fuga fora impetuosa e mal planeada em comparação. *Enquanto eu amuava e me recusava a comer, pensou, a Elizabeth marcava passagem e enviava a bagagem com antecedência.* É claro que a irmã estava do lado certo dos vinte e um anos, ao passo que ela estava do errado, mas isso não contava tanto como um planeamento cuidadoso e uma execução fria. Teve vergonha de que a irmã, que era tão estúpida e estava tão errada sobre a política, se tivesse portado com muito mais inteligência.

De súbito, invadiu-a a ideia de como iria sentir a falta dela. Embora já não fossem grandes amigas, Elizabeth estava sempre presente. A maior parte do tempo discutiam e ridicularizavam as ideias uma da outra, mas Margaret iria também sentir falta disso. E continuavam a apoiar-se em momentos de aflição. Elizabeth sofria sempre muitas dores menstruais, e Margaret aconchegava-a na cama, levava-lhe

uma chávena de chocolate quente e a revista *Picture Post*. A irmã tivera muita pena quando Ian morrera, embora o censurasse, e fora um grande conforto. Lacrimosa, declarou: — Vou sentir imenso a tua falta.

— Não faças cenas — pediu Elizabeth, ansiosa. — Não quero que eles saibam já.

Margaret recompôs-se. — Quando é que lhes vais dizer?

— No último minuto. Consegues agir normalmente até lá?

— Está bem — disse, forçando um grande sorriso. — Vou ser tão horrível para ti como é costume.

— Oh, Margaret! — Elizabeth estava quase a chorar. Engoliu as lágrimas e disse: — Vai falar com eles enquanto eu me acalmo.

Margaret apertou a mão da irmã e voltou para o seu lugar.

A mãe folheava a *Vogue* e, de vez em quando, lia um ou outro parágrafo ao pai, sem se aperceber da sua total falta de interesse. — Estão a usar-se as rendas — citou, acrescentando: — Não reparei, e tu? — O facto de não obter resposta não a desencorajou absolutamente nada. — O branco é a cor chique número um. Bem, eu não gosto. O branco faz-me parecer um tanto biliosa.

O pai ostentava uma expressão de presunçoso insuportável. - Margaret sabia que estava satisfeito consigo próprio por ter reafirmado a sua autoridade parental e esmagado a sua revolta. Todavia, não sabia que a filha mais velha preparara uma bomba-relógio.

Teria Elizabeth coragem para levar aquilo até ao fim? Uma coisa era contar-lhe a ela e outra muito diferente contar ao pai. A irmã poderia perder a coragem no último minuto. Ela própria planeara uma confrontação com ele, mas no fim esquivara-se.

Mesmo que Elizabeth avançasse e contasse ao pai, não era certo conseguir escapar. Podia ter vinte e um anos e ser dona do seu próprio dinheiro, mas ele tinha uma vontade de ferro e era impiedoso quando se tratava de conseguir o que queria. Margaret tinha a certeza de que, se o pai conseguisse pensar num meio de impedir a irmã, fá-lo-ia. Em princípio, talvez não se importasse que ela se

juntasse ao lado fascista, mas ficaria furioso por ela se recusar a concordar com os seus planos para a família.

Margaret já tivera muitas daquelas lutas com o pai. Ele ficara furioso quando ela aprendera a conduzir sem a sua autorização e, ao descobrir que ela fora ouvir um discurso de Marie Stopes, a controversa pioneira da contraceção, ficara enraivecido. Nessas ocasiões, porém, ela só conseguira indo sem que ele soubesse. Nunca ganhara num conflito direto. Ele recusara deixá-la ir acampar numas férias, tinha ela dezasseis anos, com a prima Catherine e vários amigos dela, embora tudo fosse supervisionado por um vigário e a sua mulher. O pai levantara objeções porque haveria rapazes e raparigas juntos. A maior batalha travara-se sobre a ida para a escola. Ela implorara e suplicara, gritara e soluçara, amuara, mas ele fora implacável e cruel. «A escola é um desperdício nas raparigas», declarara. «Elas limitam-se a crescer e a casarem-se.»

Contudo, ele não poderia continuar a tyrannizar e a mandar nos filhos para sempre, pois não?

Margaret sentia-se inquieta. Levantou-se e caminhou ao longo da carruagem só para fazer alguma coisa. A maioria dos outros passageiros do *Clipper* parecia partilhar a sua ambivalência, meio entusiasmados e meio deprimidos. Quando entraram todos no comboio, na estação de Waterloo, houvera bastante conversa animada e muitos risos. Tinham entregado a bagagem na estação e houvera uma confusão com o baú de viagem da mãe, que excedia em muito o limite de peso. Ela, porém, ignorara alegremente tudo o que o pessoal da Pan American dissera, e o baú acabou por ser aceite. Um jovem de uniforme levava-lhes os bilhetes e acompanhara-os até à sua carruagem especial. Depois, à medida que Londres se afastava, os passageiros tinham-se aquietado, como se dissessem um adeus privado a um país que talvez não voltassem a ver.

Entre os passageiros contava-se uma estrela de cinema americana muito famosa, o que em parte explicava o entusiasmo partilhado em voz baixa. Chamava-se Lulu Bell. Percy estava agora sentado com ela, conversando como se a tivesse conhecido a vida toda. Também

Margaret quisera fazer o mesmo, mas não tivera coragem de se aproximar e começar a conversar. Percy era mais atrevido.

Ao vivo, Lulu Bell parecia mais velha do que no ecrã. Margaret calculou que teria trinta e muitos anos, embora continuasse a representar o papel de debutantes e recém-casadas. Mesmo assim, era bonita. Pequena e cheia de vida, fazia lembrar a Margaret um passarinho, um pardal ou uma carriça.

Sorriu-lhe, e Lulu disse: — O seu irmão mais novo tem-me mantido entretida.

— Espero que tenha sido bem-educado — retorquiu Margaret.

— Oh, claro. Tem estado a contar-me tudo sobre a vossa bisavó, Ruthie Fishbein. — A voz dela tornou-se solene, como se se referisse a um ato de heroísmo trágico. — Deve ter sido uma mulher *maravilhosa*.

Margaret ficou embaraçada. Era uma maldade Percy contar mentiras a estranhos. Que teria ele dito à pobre mulher? Sentindo-se perturbada, sorriu vagamente — um truque que aprendera com a mãe — e continuou.

Percy sempre fora travesso, mas ultimamente parecia estar a ficar mais ousado. Estava mais alto, a voz mais grossa, e as partidas de mau gosto raiavam o perigo. Continuava a ter medo do pai e só ia contra a autoridade parental se Margaret o apoiasse, mas parecia-lhe que o dia em que se revoltaria abertamente estava mais próximo. Como iria o pai lidar com isso? Poderia tyranizar um rapaz tão facilmente como o fazia às filhas? Margaret não tinha a certeza se seria bem o mesmo.

Ao fundo da carruagem via-se uma figura misteriosa que lhe pareceu vagamente familiar. Um homem alto e emotivo, com um olhar abrasador, destacava-se naquele grupo bem vestido e bem alimentado porque era magro como um palito e vestia um fato surrado de um tecido grosso e áspero. O cabelo estava cortado muito rente, como o de um prisioneiro. Parecia preocupado e tenso.

Ela fitou-o, e o olhar dele cruzou-se com o seu. De súbito, lembrou-se. Não se conheciam, mas ela vira a sua fotografia nos jornais:

tratava-se de Carl Hartmann, o socialista e cientista alemão. Decidindo ser ousada como o irmão, Margaret sentou-se em frente dele e apresentou-se. Adversário de Hitler havia muito, Hartmann tornara-se um herói para os jovens como ela pela sua bravura. Depois, havia cerca de um ano, desaparecera, e todos recearam o pior. Margaret partiu do princípio de que ele fugira da Alemanha. Tinha o aspeto de um homem que sofrera terrivelmente.

— O mundo inteiro tem-se perguntado o que lhe aconteceu — disse-lhe ela.

Ele retorquiu num inglês correto mas com um sotaque muito carregado.

— Fui colocado em prisão domiciliária, mas autorizaram-me a continuar o meu trabalho científico.

— E depois?

— Fugi — disse ele simplesmente. Apresentou-lhe o homem a seu lado. — Conhece o meu amigo barão Gabon?

Margaret ouvira falar dele. Philippe Gabon era um banqueiro francês que usava a sua imensa fortuna na promoção das causas judaicas, tais como o sionismo, o que o tornara impopular junto do governo britânico. Passava grande parte do tempo a viajar pelo mundo, a tentar convencer os países a receber refugiados judeus dos nazis. Era um homem baixo e roliço com uma barba bem aparada e trajava um elegante fato preto com um colete cinzento-rola e uma gravata prateada. Margaret calculou que fora ele a pagar o bilhete de Hartmann. Apertou-lhe a mão e voltou a concentrar-se no cientista.

— A sua fuga não foi noticiada pelos jornais — disse ela.

O barão Gabon explicou: — Tentámos mantê-la em segredo até o Carl se encontrar em segurança fora da Europa.

Aquilo parecia agourento, pensou Margaret. Era como se os nazis ainda o perseguissem. — O que vai fazer na América? — quis ela saber.

— Vou para Princeton, trabalhar no Departamento de Física — retorquiu Hartmann. Uma expressão amarga invadiu-lhe o rosto. — Não queria deixar o meu país, mas, se tivesse ficado, o meu trabalho

poderia ter contribuído para uma vitória nazi.

Margaret nada sabia sobre o trabalho dele, apenas que era cientista. — A sua coragem foi uma inspiração para tanta gente — afirmou ela. Estava a pensar em Ian, que traduzira os discursos de Hartmann, no tempo em que ainda lhe era permitido fazer discursos.

O elogio pareceu deixá-lo incomodado. — Quem me dera ter continuado — disse ele. — Lamento ter desistido.

O barão Gabon interrompeu: — Tu não desististe, Carl. Não te acuses. Fizeste a única coisa que podias.

Hartmann assentiu, e Margaret viu que, racionalmente, ele sabia bem que Gabon estava certo, mas no seu coração sentia que fora uma decepção para o seu país. Gostaria de dizer algo reconfortante, mas não sabia o quê. O seu dilema foi resolvido pelo funcionário da Pan American, que veio anunciar: — O almoço está pronto na carruagem-restaurant. Por favor, ocupem os vossos lugares.

Margaret levantou-se e disse: — É uma enorme honra conhecê-lo. Espero que possamos falar mais um pouco.

— Tenho a certeza que sim — retorquiu Hartmann, sorrindo pela primeira vez. — Vamos estar juntos durante três mil milhas.

Ela passou à carruagem-restaurant e sentou-se junto da família. O pai e a mãe estavam sentados de um lado da mesa, e os três filhos apertavam-se do outro, com Percy entre Margaret e Elizabeth. Margaret olhou de lado para a irmã. Quando iria ela deixar cair a sua bomba?

O criado serviu água, e o pai mandou vir uma garrafa de vinho branco do Reno. Elizabeth manteve-se em silêncio, a olhar pela janela. Margaret esperava, em *suspense*. A mãe sentiu a tensão e perguntou: — Que se passa convosco, meninas?

Margaret nada disse, e Elizabeth anunciou: — Tenho uma coisa importante a dizer-vos.

O criado trouxe um creme de cogumelos. Elizabeth interrompeu-se enquanto ele os servia. A mãe pediu uma salada.

Depois de ele se ir embora, a mãe perguntou: — O que é, querida?
Margaret susteve a respiração.

Elizabeth declarou: — Decidi não ir para a América.

— De que diabo estás a falar? — inquiriu o pai, irritado. — É claro que vais... estamos a caminho!

— Não, não vou apanhar o avião convosco — insistiu Elizabeth calmamente. Margaret observava-a com atenção. A sua voz manteve-se controlada, mas o seu rosto comprido e sem atractivos estava branco de tensão, e Margaret teve compaixão dela.

A mãe disse: — Não seja tola, Elizabeth, o pai comprou-lhe um bilhete.

— Talvez possamos obter um reembolso — alvitrou Percy.

— Cale-se, idiota — admoestou o pai.

Elizabeth afirmou: — Se tentarem forçar-me, recusarei entrar a bordo. Acho que vão descobrir que a companhia aérea não permitirá que me arrastem para bordo a espedaçar e aos gritos.

Como ela foi esperta, pensou Margaret. Apanhara o pai num momento vulnerável. Ele não a podia levar para bordo à força e não podia ficar para trás para lidar com o problema, porque as autoridades estavam prestes a prendê-lo por ser fascista.

O pai, porém, ainda não estava derrotado. Naquele momento, compreendeu que a filha falava a sério. Pousou a colher. — Que diabo imagina que faria se ficasse cá? — perguntou mordazmente. — Alistar-se no Exército, como a sua irmã imbecil queria fazer?

Margaret corou de raiva por lhe chamarem imbecil, mas mordeu a língua e não retorquiu, à espera de que Elizabeth o esmagasse.

— Irei para a Alemanha — declarou ela.

Por um momento, o choque deixou o pai silencioso.

— Querida, não acha que está a levar tudo isto demasiado longe? — perguntou a mãe.

Percy falou numa imitação precisa do pai: — É isto que acontece quando se deixa as raparigas discutir política — declarou, pomposo. — Culpo a tal Marie Stopes...

— Cala-te, Percy — disse Margaret, dando-lhe uma cotovelada nas costelas.

Ficaram em silêncio, enquanto o criado levava a sopa que ninguém

comera. *Ela conseguiu*, pensou Margaret. *Teve mesmo a coragem de o dizer. Agora, será que se safa?*

Margaret via que o pai já estava desconcertado. Fora-lhe fácil fazer pouco de Margaret por querer ficar e lutar contra os fascistas, mas era mais difícil de zombar de Elizabeth, porque ela estava do seu lado.

Contudo, as dúvidas morais nunca o incomodavam por muito tempo e, quando o criado se afastou, declarou: — Proíbo-o terminantemente. — Falou num tom definitivo, como se assim encerrasse a discussão.

Margaret olhou para Elizabeth. Como iria ela reagir? O pai nem se dava ao trabalho de discutir com ela.

Com uma gentileza surpreendente, Elizabeth disse: — Receio bem que não me possa proibir, querido pai. Tenho vinte e um anos e posso fazer o que me agradar.

— Não enquanto estiver dependente de mim — lembrou-lhe o pai.

— Então, terei de passar sem o seu apoio — afirmou ela. — Tenho um pequeno rendimento.

O pai bebeu o vinho muito depressa e disse: — Não o permitirei e mais nada.

A frase soou oca. Margaret começou a acreditar que a irmã iria mesmo conseguir. Não sabia se se deveria sentir contente com a ideia de Elizabeth derrotar o pai ou revoltada por ela se ir juntar aos fascistas.

Serviram-lhes linguado de Dover. Só Percy comeu. Elizabeth estava pálida de susto, mas os lábios revelavam determinação. Margaret não pôde deixar de admirar a sua força, embora desprezasse a missão da irmã.

— Se não vens para a América, porque é que entraste no comboio?

— Reservei uma passagem num navio que sai de Southampton.

— Não pode apanhar um navio para a Alemanha a partir deste país — afirmou o pai, triunfante.

Margaret ficou horrorizada. Claro que não podia. Teria Elizabeth

feito um deslize? Iria todo o seu plano por água abaixo por causa daquele pormenor?

A irmã mostrou-se serena. — Vou apanhar um navio para Lisboa — informou-os calmamente. — Transferi dinheiro para um banco de lá e tenho uma reserva num hotel.

— Sua traiçoeira! — bradou o pai, furioso. A sua voz soou alto, e um homem na mesa ao lado olhou para eles.

Elizabeth prosseguiu como se ele não tivesse falado. — Uma vez lá, poderei arranjar um navio que vá para a Alemanha.

— E depois? — perguntou a mãe.

— Tenho amigos em Berlim, mãe, sabe isso muito bem.

A mãe suspirou. — Sim, querida. — Parecia muito triste, e - Margaret viu que já aceitara o facto de Elizabeth se ir embora.

O pai afirmou em voz alta: — Também eu tenho amigos em Berlim.

Várias pessoas nas mesas próximas ergueram o olhar, e a mãe avisou: — Fale mais baixo, querido. Ouvimo-lo muito bem.

O pai continuou com mais calma. — Tenho amigos em Berlim que a põem a andar assim que chegar.

Margaret levou a mão à boca. É claro, o pai podia conseguir que os alemães expulsassem a irmã: num país fascista, o governo podia fazer tudo. Iria a fuga de Elizabeth acabar com um qualquer burocrata ignóbil numa cabina de controlo de passaportes a abanar rigidamente a cabeça e a recusar-lhe autorização para entrar?

— Eles não vão fazer isso — declarou Elizabeth.

— Veremos — retorquiu o pai, e, aos ouvidos de Margaret, pareceu inseguro de si próprio.

— Vão dar-me as boas-vindas, pai — disse Elizabeth, e o tom de cansaço na sua voz fê-la parecer mais convincente. — Vão fazer um comunicado à imprensa para dizer ao mundo que eu fugi de Inglaterra e me juntei ao lado deles, tal como os miseráveis jornais ingleses publicitam a deserção de judeus alemães eminentes.

Percy lembrou: — Espero que não descubram a história da avó Fishbein.

Elizabeth estava preparada para o ataque do pai, mas o humor

cruel do irmão escapou ao seu controlo. — Cala-te, criatura horrível! — exclamou e começou a chorar.

Mais uma vez o criado levou os pratos intactos. A seguir serviram costeletas de borrego com vegetais. O criado serviu o vinho, e a mãe deu um golinho, um sinal raro de como estava perturbada.

O pai começou a comer, atacando a carne com a faca e o garfo, e mastigando furiosamente. Margaret estudou-lhe o rosto e surpreendeu-se ao detetar um vestígio de desnorteamento sob a máscara de raiva. Era estranho vê-lo abalado: a sua arrogância costumava aguentar todas as crises. Estudando-lhe a expressão, começou a perceber que o mundo do pai se desmoronava. Aquela guerra era o fim das suas esperanças: quisera que os britânicos adotassem o fascismo sob a sua liderança, mas, ao invés, eles tinham declarado guerra àquela ideologia e haviam-no exilado.

Na verdade, haviam-no rejeitado em meados dos anos trinta, mas até àquele momento o pai conseguira fazer de conta que não percebera e fingia para si próprio que um dia viriam ter com ele na hora mais negra. Calculou que era por isso que ele era tão horrível: vivia uma mentira. O seu fervor pela causa transformara-se numa mania obsessiva, a sua confiança degenerara em bravata e, tendo falhado em tornar-se o ditador da Grã-Bretanha, ficara reduzido a tyrannizar os filhos. Contudo, agora já não podia ignorar a verdade. Ia deixar o seu país e talvez nunca fosse autorizado a regressar.

Além do mais, no momento em que as suas crenças políticas se desmoronavam inequivocamente, também os seus filhos se revoltavam. Percy fingia ser judeu, Margaret tentara fugir e agora até Elizabeth, a sua derradeira seguidora, o desafiava.

Pensara que ficaria grata por qualquer brecha na armadura do pai, mas, pelo contrário, sentia-se inquieta. O despotismo imutável fora uma constante da sua vida e a ideia de que ele pudesse ir-se completamente abaixo deixava-a perturbada. Tal como uma nação oprimida que enfrenta a hipótese de uma revolução, sentiu-se de súbito insegura.

Tentou comer, mas mal conseguia engolir. A mãe foi empurrando

um tomate à volta do prato, mas acabou por pousar o garfo. De súbito, perguntou: — Há algum rapaz de quem goste em Berlim, Elizabeth?

— Não — respondeu a filha, e Margaret acreditou nela. Mesmo assim, a pergunta da mãe fora perspicaz. Margaret sabia que, para a irmã, o apelo da Alemanha não era puramente ideológico. Havia algo nos soldados altos e louros, nos seus uniformes imaculados e botas militares brilhantes que encantava Elizabeth a um nível mais fundo. Ao passo que na sociedade londrina era considerada como uma rapariga vulgar e sem atrativos, oriunda de uma família excêntrica, em Berlim seria algo de especial: uma aristocrata inglesa, filha de um fascista pioneiro, uma estrangeira que admirava o nazismo alemão. A sua deserção no início da guerra torná-la-ia famosa: seria tratada com imenso respeito. Iria provavelmente apaixonar-se por um jovem oficial ou por um membro prometedor do partido, casariam e teriam filhos louros, que cresceriam a falar alemão.

A mãe insistiu: — O que vai fazer é tão perigoso, querida. Eu e o pai só estamos preocupados com a sua segurança.

Margaret perguntou a si própria se o pai estaria mesmo apreensivo com a segurança da irmã. A mãe estava sem qualquer dúvida, mas o pai sentia-se sobretudo zangado por lhe desobedecerem. Talvez sob a sua fúria houvesse também um vestígio de ternura. Ele nem sempre fora severo: Margaret lembrava-se de momentos de bondade e até de diversão no passado. Essa lembrança entristeceu-a.

Elizabeth respondeu: — Eu sei que é perigoso, mãe, mas é o meu futuro que está em jogo nesta guerra. Não quero viver num mundo dominado por financeiros judeus e sindicalistas comunistas sórdidos.

— Que chorrilho de disparates! — exclamou Margaret, mas ninguém a ouviu.

— Então vem connosco — pediu-lhe a mãe. — A América é um bom lugar.

— Wall Street é governada por judeus...

— Acho que isso é um exagero — respondeu a mãe com firmeza, evitando o olhar do pai. — É verdade que há demasiados judeus e

outros tipos desagradáveis no mundo americano dos negócios, mas as pessoas decentes são muitas mais. Lembre-se de que o seu avô era dono de um banco.

Percy disse: — É incrível como passámos de amoladores a banqueiros em apenas duas gerações. — Ninguém lhe ligou nenhuma.

A mãe prosseguiu: — Concordo com as suas opiniões, querida, sabe isso muito bem, mas acreditar numa coisa não quer dizer que tenha de se morrer por ela. Nenhuma causa vale tanto.

Margaret ficou chocada. A mãe dava a entender que não valia a pena morrer pela causa fascista, o que, aos olhos do pai, era quase uma blasfémia. Nunca vira a mãe a opor-se-lhe daquela forma. E via que também a irmã ficara surpreendida. Olharam ambas para o pai, que corou ao de leve e resmungou a sua desaprovação, mas a explosão que todos esperavam não aconteceu. E foi isso o mais chocante de tudo.

Serviram o café, e Margaret viu que tinham chegado aos arredores de Southampton. Em poucos minutos estariam na estação. Iria - Elizabeth avante?

O comboio abrandou.

A irmã disse ao criado: — Vou sair do comboio na estação principal. Importa-se de trazer a minha mala da outra carruagem? É de pele vermelha, e o nome é Lady Elizabeth Oxenford.

— Certamente, *milady*.

Casas de tijolo vermelho, típicas dos subúrbios, passavam pelas janelas da carruagem, quais fileiras de soldados. Margaret observava o pai. Ele permanecia em silêncio, mas o rosto estava retesado como um balão da raiva reprimida. A mãe pousou-lhe a mão no joelho e pediu: — Por favor, não faça uma cena, querido. — Ele não respondeu.

O comboio entrou na estação.

Elizabeth estava sentada à janela. Olhou para a irmã, e tanto ela como Percy se levantaram para a deixar passar, voltando a sentar-se.

O pai pôs-se igualmente de pé.

Os outros passageiros sentiam a tensão e observavam aquele pequeno quadro: Elizabeth e o pai encarando-se na coxia, enquanto o comboio parava.

Margaret pensou de novo que a irmã escolhera bem o momento. Naquelas circunstâncias, seria difícil ao pai usar a força; se tentasse, talvez até viesse a ser refreado por outros passageiros. Apesar disso, ela sentia-se doente de medo.

O rosto do pai estava rubro, os olhos protuberantes. Respirava pelo nariz com força. Elizabeth tremia, mas os lábios mantinham-se firmes.

O pai declarou: — Se sair deste comboio agora, não a quero voltar a ver.

— Não diga isso! — bradou Margaret, mas foi tarde demais. Fora proferido, e ele nunca voltaria atrás com a sua palavra.

A mãe começou a chorar.

Elizabeth limitou-se a dizer: — Adeus.

Margaret ergueu-se e lançou-lhe os braços ao pescoço. — Boa sorte! — sussurrou-lhe.

— Para ti também — disse a irmã, abraçando-a também.

Elizabeth beijou Percy na cara e depois inclinou-se, desajeitada, através da mesa e beijou o rosto da mãe, molhado de lágrimas. Por fim, olhou de novo para o pai e perguntou numa voz que tremia: — Quer dar um aperto de mão?

O rosto dele era uma máscara de ódio. — A minha filha morreu — declarou.

A mãe soltou um grito de angústia.

A carruagem mantinha-se em silêncio, como se todos soubessem que um drama familiar chegara ao seu final trágico.

Elizabeth deu meia-volta e afastou-se.

Margaret desejou poder pegar no pai e abaná-lo até os dentes lhe chocalharem. A sua obstinação inútil deixava-a lívida. Por que diabo não podia ele ceder por uma vez? Elizabeth era adulta, não era obrigada a obedecer aos pais pelo resto da vida! O pai não tinha o direito de a banir. Na sua raiva, dividira a família, por vingança e sem qualquer propósito. Naquele momento, odiou-o. Ao vê-lo ali de pé,

furioso e agressivo, teve vontade de lhe dizer que era um homem mau e injusto e estúpido, mas, como sempre em relação ao pai, mordeu os lábios e calou-se.

Elizabeth passou pela janela da carruagem, levando a sua mala vermelha. Olhou para todos eles, fez um sorriso lacrimoso e acenou ao de leve, hesitante, com a mão livre. A mãe começou a soluçar baixinho. Percy e Margaret acenaram-lhe também, mas o pai desviou o olhar. Depois Elizabeth desapareceu de vista.

O pai sentou-se, e Margaret imitou-o.

Soou um apito, e o comboio arrancou.

Viram Elizabeth de novo, à espera na fila para sair. Ela ergueu o olhar quando a carruagem passou, mas desta vez não houve nem sorriso nem adeus: parecia apenas triste e desalentada.

O comboio aumentou de velocidade, e ela desapareceu.

Margaret pensou se voltaria a ver a irmã.

A mãe limpava suavemente os olhos com um lençinho de linho, mas não era capaz de parar de chorar. Era raro perder a compostura, e Margaret não se lembrava de a ter visto chorar. Percy parecia abalado. Margaret sentia-se deprimida pela fixação idiota da irmã numa causa tão perversa, mas não podia, por outro lado, deixar de experimentar uma sensação de júbilo. Elizabeth conseguira: desafiara o pai e vencera. Enfrentara-o, derrotara-o e libertara-se.

Se Elizabeth conseguira, também ela conseguiria.

Sentiu o cheiro do mar. O comboio entrou nas docas e rolou ao longo da costa, avançando devagar e passando barracões, guindastes e transatlânticos. Apesar do desgosto de se ter separado da irmã, começou a sentir-se entusiasmada.

O comboio parou por trás de um edifício com a inscrição «Casa Imperial». Tratava-se de uma estrutura ultramoderna que fazia lembrar um navio: as esquinas eram arredondadas e o andar superior tinha uma enorme varanda, como se fosse um deque, com um corrimão branco em toda a volta.

Juntamente com os outros passageiros, os Oxenford foram buscar a bagagem de mão e saíram do comboio. Enquanto a bagagem de

porão era transferida do comboio para o avião, entraram todos na Casa Imperial para finalizar as formalidades da partida.

Margaret sentia-se estonteada: o mundo que a rodeava mudava rapidamente. Deixara a sua casa, o seu país estava em guerra, perdera a irmã e estava prestes a voar para a América. Desejava poder parar o relógio por um momento, a fim de tentar absorver tudo aquilo.

O pai explicou que Elizabeth não se juntaria à família, e um oficial da Pan American disse: — Não faz mal. Há aqui uma pessoa à espera, na esperança de comprar um bilhete devolvido. Eu trato disso.

Margaret reparou no professor Hartmann a um canto, a fumar um cigarro, olhando em redor com um olhar nervoso e desconfiado. Parecia ansioso e impaciente. *Foram pessoas como a minha irmã que o deixaram assim, pensou. Os fascistas perseguiram-no e transformaram-no numa pilha de nervos. Não o culpo por ter tanta pressa de deixar a Europa.*

Da sala de espera não se avistava o avião, por isso Percy afastou-se para arranjar uma posição melhor. Regressou cheio de informações. — A partida vai ser a horas, às duas — afirmou, e Margaret teve um arrepio de apreensão. O irmão prosseguiu: — Devemos levar uma hora e meia até à primeira escala, que é Foynes. A Irlanda segue a hora de verão, tal como a Grã-Bretanha, por isso devemos lá chegar às três e meia. Esperamos lá uma hora, enquanto reabastecem e finalizam o plano de voo. Levantamos voo outra vez às quatro e meia.

Margaret reparou que havia caras novas, pessoas que não se encontravam no comboio. Alguns passageiros deviam ter vindo diretamente para Southampton naquela manhã ou talvez tivessem pernoitado num hotel da cidade. Enquanto assim pensava, uma mulher lindíssima chegou num táxi. Era loura, com trinta e poucos anos e usava um vestido maravilhoso de seda creme com bolas vermelhas. Vinha acompanhada de um homem bastante comum mas sorridente, com um *blazer* de caxemira. Ficaram todos a olhar para

eles: pareciam tão felizes e encantadores.

Passados alguns minutos, o avião ficou pronto para o embarque.

Saíram pelas portas da frente da Casa Imperial, passando diretamente ao cais. O *Clipper* estava aí ancorado, subindo e descendo suavemente na água, o sol a refletir-se dos lados cor de prata.

Era *enorme*.

Margaret nunca vira um avião que fosse sequer metade daquele. Era alto como uma casa, com o comprimento de dois campos de ténis. Pintada no focinho que fazia lembrar uma baleia via-se uma grande bandeira americana. As asas ficavam alto, ao nível do topo da fuselagem. Quatro motores enormes incorporavam as asas, e os hélices pareciam ter cerca de quinze pés de largura.

Como podia uma coisa daquelas *voar*?

— Será muito leve? — interrogou-se ela em voz alta.

Percy ouviu-a. — Quarenta e uma toneladas — respondeu de imediato.

Seria como levantar voo numa casa.

Chegaram à beira do cais, onde uma prancha de embarque levava a uma doca flutuante. A mãe avançou cautelosamente, agarrando-se com força ao anteparo: parecia muito trémula, como se tivesse envelhecido vinte anos. O pai levava ambas as malas, pois a mãe nunca carregava nada, era um dos seus pontos fracos.

Da doca flutuante, uma prancha mais curta levava-os ao que parecia uma asa secundária curta, meio submersa na água. — Um hidroestabilizador — anunciou Percy, sabedor. — Também conhecido por asa de flutuação. Impede o avião de se inclinar para os lados dentro de água. — A superfície da asa de flutuação era ligeiramente curva, e Margaret pensou que poderia escorregar, mas tal não sucedeu. Estava agora na sombra da enorme asa, acima da sua cabeça. Gostaria de tocar numa das enormes pás do hélice, mas não conseguiria alcançá-la.

Havia uma porta na fuselagem mesmo sob a palavra American de Pan American Airways System. A jovem baixou a cabeça e entrou.

Em seguida desciam-se três degraus que levavam ao salão do avião.

Margaret deu consigo numa sala com cerca de doze pés quadrados, com uma luxuosa carpete castanho-avermelhada, paredes beges e cadeiras azuis, forradas num alegre padrão de estrelas. No teto viam-se lâmpadas circulares, e as grandes janelas eram quadradas, com persianas. As paredes e o teto eram direitos, em vez de curvarem, acompanhando a fuselagem: era mais como entrar numa casa do que embarcar num avião.

Daquela sala abriam-se duas portas. Alguns passageiros foram levados para a parte traseira do avião, e, olhando para lá, Margaret avistou uma série de salas com luxuosas carpetes, decoradas em suaves tons de bege e verde. Todavia, os lugares dos Oxenford ficavam na parte da frente. Um comissário baixo e roliço com um casaco branco apresentou-se como sendo Nicky e acompanhou-os ao compartimento seguinte.

Era um pouco mais pequeno que o outro e estava decorado num esquema de cores diferentes: carpete turquesa, paredes verde-pálidas e estofos beges. À direita de Margaret viam-se dois grandes divãs de três lugares, de frente um para o outro, com uma mesinha entre ambos, debaixo da janela. À esquerda, do outro lado da coxia, havia outro par de divãs, um pouco mais pequenos, com dois lugares.

Nicky indicou-lhes os lugares maiores, à direita. O pai e a mãe sentaram-se à janela, e Margaret e Percy junto da coxia, deixando dois lugares livres entre eles e quatro do outro lado da coxia. Margaret perguntou-se quem iria sentar-se junto deles. A mulher linda do vestido às bolas seria interessante. O mesmo com Lulu Bell, em especial se quisesse conversar sobre a avó Fishbein! O melhor de tudo seria Carl Hartmann.

Sentia o avião subir e descer com o leve movimento da água. O movimento era suave, apenas o suficiente para a lembrar de que se encontrava no mar. Decidiu que o avião era como um tapete mágico. Era impossível compreender como uns meros motores conseguiam fazê-lo voar, sendo muito mais fácil acreditar que seria levado pelos

ares pelo poder de um antigo encantamento.

Percy levantou-se. — Vou dar uma vista de olhos — declarou.

— Fique aqui — ordenou o pai. — Vai atrapalhar toda a gente se começar a andar por aí.

Percy sentou-se de imediato. O pai não perdera toda a sua autoridade.

A mãe empoeou o nariz. Deixara de chorar e já devia sentir-se melhor, concluiu Margaret.

Ouviu uma voz americana dizer: — Preferia sentar-me virado para a frente. — Ela ergueu o olhar. Nicky, o comissário, indicava o lugar a um homem do outro lado do compartimento. Margaret não via quem era, pois estava de costas voltadas para ela. Tinha cabelo louro e vestia um fato azul.

O comissário disse: — Não há problema, Mr. Vandenpost, fique com o lugar em frente.

O homem virou-se. Margaret observou-o com curiosidade, e os olhares de ambos cruzaram-se.

Ela ficou espantada ao reconhecê-lo.

Não era americano e não se chamava Mr. Vandenpost.

Os olhos azuis transmitiram-lhe um aviso, mas era tarde demais.

— Santo Deus! — exclamou ela sem pensar. — É o Harry Marks!

CAPÍTULO SETE

Momentos daqueles faziam sobressair o melhor de Harry Marks.

Depois de pagar fiança e escapar a um julgamento, de viajar com um passaporte roubado, sob um nome falso, e de se fingir americano, tinha o incrível azar de dar com uma rapariga que sabia que era um ladrão, o tinha ouvido falar com diferentes sotaques e o chamava pelo seu nome verdadeiro em voz alta.

Por instantes, ficou dominado por um pânico cego.

A visão terrível de tudo aquilo de que fugia apareceu-lhe à frente dos olhos: o julgamento e a prisão, seguidos da vida miserável de magala do Exército Britânico.

Então lembrou-se de que era um homem de sorte e sorriu.

A rapariga parecia completamente confusa. Esperou até que o nome dela lhe veio à memória.

Margaret. Lady Margaret Oxenford.

Ela olhava-o fixamente, espantada, demasiado surpresa para dizer o que quer que fosse, enquanto ele aguardava alguma inspiração.

— Harry Vandenpost é o meu nome — disse. — Mas a minha memória é melhor que a sua, aposto. É Margaret Oxenford, não é? Como vai?

— Estou ótima — retorquiu ela, aturdida. Estava mais confusa que ele. Deixá-lo-ia tomar conta da situação.

Ele estendeu a mão como que para a cumprimentar, ela fez o mesmo, e nesse momento veio-lhe uma inspiração. Em vez de lhe apertar a mão, no último instante curvou-se numa vénia antiquada; e quando a cabeça se aproximou dela, disse em voz baixa: — Faça de conta que nunca me viu na esquadra da polícia, e eu farei o mesmo.

Ergueu-se e olhou-a nos olhos. Reparou que eram de um invulgar tom de verde-escuro, bastante bonitos.

Por momentos, ela permaneceu confusa. Então o rosto animou-se-lhe, e Margaret esboçou um sorriso largo. Dera-se conta da pequena conspiração que ele lhe propunha e sentia-se agradada e intrigada.

— Claro, que tolíce a minha, Harry Vandenpost — proferiu.

Harry descontraíu-se, agradecido. *Sou o homem mais sortudo do mundo*, pensou.

Com um leve franzir de sobrelanceiras travesso, Margaret acrescentou: — A propósito, onde é que nos conhecemos?

Harry respondeu com toda a facilidade: — Foi no baile da Pippa Matchingham?

— Não, não fui.

Harry sabia muito pouco sobre Margaret. Viveria em Londres em plena temporada social ou esconder-se-ia no campo? Caçava, praticava tiro, apoiava obras de caridade, fazia campanha pelos direitos das mulheres, pintava aquarelas ou fazia experiências agrícolas na quinta do pai? Decidiu mencionar um dos grandes acontecimentos da temporada. — Nesse caso, devemos ter-nos conhecido em Ascot.

— Sim, claro que sim — anuiu ela.

Ele permitiu-se esboçar um ligeiro sorriso de satisfação. Já a transformara em sua cúmplice.

Margaret prosseguiu: — Mas creio que não terá conhecido a minha família. Mãe, posso apresentar-lhe Mr. Vandenpost, de...

— Pensilvânia — precipitou-se ele a dizer. Lamentou-o de imediato. Onde diabo é que ficava a Pensilvânia? Não fazia ideia.

— A minha mãe, Lady Oxenford, o meu pai, o marquês. E este é o meu irmão, Lord Isley.

Harry tinha ouvido falar de todos eles, claro: eram uma família famosa. Apertou-lhes a mão de uma forma muito amigável e vigorosa, que os Oxenford achariam ser tipicamente americana.

Lord Oxenford parecia exatamente o que era: um velho fascista mal-humorado que comia demais. Envergava um fato de *tweed* castanho e um colete com os botões prestes a rebentar e não tinha retirado o chapéu de feltro castanho da cabeça.

Harry dirigiu-se a Lady Oxenford. — É um enorme prazer conhecê-la, minha senhora. Tenho grande interesse por joalharia antiga e ouvi dizer que a senhora possui uma das melhores coleções do mundo.

— Oh, muito obrigada — retorquiu ela. — É uma das coisas que me interessam particularmente.

Ficou chocado ao ouvir-lhe o sotaque americano. O que sabia dela vinha-lhe da leitura cuidadosa das revistas de sociedade. Pensava que era britânica. Contudo, vieram-lhe vagamente à memória alguns rumores sobre os Oxenford. O marquês, como muitos aristocratas com propriedades extensas, quase fora à falência depois da guerra devido à queda mundial dos preços agrícolas. Alguns tinham vendido os latifúndios e ido viver para Nice ou para Florença, onde as suas fortunas em declínio lhes ofereciam um nível de vida mais alto. Algernon Oxenford, porém, casara-se com a herdeira de um banqueiro americano, e fora o dinheiro dela que lhe havia permitido continuar a viver ao estilo dos seus antepassados.

Aquilo queria dizer simplesmente que a representação de Harry teria de enganar uma americana genuína. Tinha de ser irrepreensível e teria de mantê-la nas próximas trinta horas.

Decidiu ser encantador com ela. Suspeitava que não fosse adversa a cumprimentos, especialmente quando vindos de jovens bem-parecidos. Examinou com atenção o alfinete preso ao peito do fato de viagem, cor de laranja escuro. Feito de esmeraldas, de safiras, de rubis e de diamantes, tinha a forma de uma borboleta que pousava num pé de roseira silvestre. Era extraordinariamente realista. Julgou tratar-se de uma joia francesa de cerca de 1880 e tentou adivinhar o seu autor. — O seu alfinete é de Oscar Massin?

— Tem toda a razão.

— É muito refinado.

— Mais uma vez, muito obrigada.

Era bastante bonita. Entendia por que motivo Oxenford se casara com ela, mas era mais difícil perceber porque se apaixonara ela. Talvez ele tivesse sido mais atraente vinte e cinco anos antes.

— Creio conhecer os Vandenpost de Filadélfia — aventou ela.

Caramba, espero que não, pensou Harry. Contudo, o tom fora bastante vago.

— A minha família são os Glencarry, de Stamford, no Connecticut.

— Não me diga! — retorquiu ele, fingindo-se impressionado. Continuava a pensar em Filadélfia. Tinha dito que era de Filadélfia ou da Pensilvânia? Não se lembrava. Talvez fossem o mesmo sítio. Pareciam soar bem juntos. Filadélfia, na Pensilvânia. Stamford, no Connecticut. Lembrava-se de que, quando se perguntava a um americano de onde vinha, ele dava sempre duas respostas. Houston, no Texas; São Francisco, na Califórnia. *Yeah*.

O rapaz disse: — Eu sou o Percy.

— Harry — respondeu ele, satisfeito por estar de regresso a terrenos conhecidos. O título de Percy era o chamado título de cortesia, que era usado pelo herdeiro até à morte do pai, momento a partir do qual se tornaria o marquês de Oxenford. A maioria daquelas pessoas era ridiculamente orgulhosa dos seus títulos estúpidos. Uma vez Harry havia conhecido um miúdo ranhoso de três anos que lhe tinha sido apresentado como o barão Portrail. No entanto, Percy não lhe parecia mal. Estava a informá-lo, de uma maneira cortês, de que não queria ser tratado formalmente.

Harry sentou-se. Estava virado para a frente, portanto Margaret era a próxima do outro lado da coxia estreita, e assim poderia conversar com ela sem os outros ouvirem. O avião estava tão silencioso como uma igreja. Todos pareciam bastante intimidados.

Tentou descontraí-lo. Ia ser uma viagem tensa. Margaret sabia a sua verdadeira identidade, e isso criava mais um enorme risco. Embora tivesse aceitado o seu subterfúgio, poderia mudar de opinião ou deixar escapar qualquer coisa sem querer. Harry não podia dar-se ao luxo de suscitar dúvidas. Se não lhe fizessem um inquérito rigoroso, passaria pela imigração dos Estados Unidos, mas, se acontecesse algo que os fizesse desconfiar e decidissem investigá-lo, rapidamente descobririam que estava a utilizar um passaporte roubado, e isso seria o fim.

Um outro passageiro foi conduzido ao lugar em frente. Era bastante alto e trazia um chapéu de coco e um fato cinzento-escuro de boa qualidade, mas que já tinha visto melhores dias. Houve algo nele que chamou a atenção de Harry, que observou o homem a despir o

sobretudo e a instalar-se no assento. Usava uns sapatos pretos fortes, bastante gastos, peúgas grossas de lã e um colete cor de vinho debaixo do casaco trespassado. O nó da gravata azul-escura parecia ter sido dado todos os dias no mesmo sítio durante uns dez anos.

Se eu não soubesse o preço de um bilhete neste palácio voador, refletiu Harry, jurava que aquele homem é um chui.

Ainda não era tarde demais para se levantar e sair do avião.

Ninguém o impediria. Podia simplesmente afastar-se e desaparecer.

Mas tinha pago noventa libras!

Além do mais, poderia levar-lhe semanas até conseguir uma outra passagem transatlântica e vir a ser detido enquanto esperava.

Pensou de novo como seria andar fugido em Inglaterra e, uma vez mais, afastou a ideia. Seria difícil em tempo de guerra, com toda a gente a bisbilhotar, à caça de espiões estrangeiros; e, mais importante ainda, a vida como fugitivo seria insuportável — a ficar em pensões baratas, a evitar a polícia, sempre em movimento.

O homem em frente dele, sendo polícia, não andava atrás dele decerto — de outro modo, não estaria sentado, a instalar-se confortavelmente para o voo. Não conseguiu imaginar o que fazia ele, mas, para já, afastou-o do pensamento e concentrou-se nos seus próprios problemas. Margaret era o fator de risco. Que poderia ele fazer para se proteger?

Ela entrara no seu jogo por espírito de diversão. No pé em que as coisas estavam, não podia confiar que o mantivesse. Todavia, aproximando-se dela, podia aumentar as suas probabilidades. Se ganhasse a sua simpatia, ela poderia começar a sentir uma noção de lealdade para com ele, levar a sua charada mais a sério e ter cuidado em não o trair.

Conhecer melhor Margaret Oxenford não seria uma tarefa desagradável. Estudou-a pelo canto do olho. Possuía a mesma coloração outonal e pálida que a mãe: cabelo ruivo, pele clara salpicada de algumas sardas e aqueles olhos verde-escuros

deslumbrantes. Não conseguia aperceber-se da sua figura, mas a barriga das pernas era esguia e os pés magros. Vestia um casaco leve cor de camelo bastante simples por cima de um vestido castanho-avermelhado. Embora as roupas fossem dispendiosas, não tinha o mesmo sentido de estilo da mãe: isso viria provavelmente com a idade e mais confiança. Não trazia qualquer joia de interesse, apenas um simples colar de pérolas de uma só volta. As feições eram corretas, regulares, e tinha um queixo decidido. Não pertencia ao seu tipo habitual — Harry escolhia sempre jovens com alguma fraqueza, pois era tão mais simples fazer-lhes a corte. Margaret era demasiado graciosa para ser fácil de conquistar. Ainda assim, parecia gostar dele, e isso era um bom princípio. Decidiu-se a conquistar-lhe o coração.

Nicky, o comissário, entrou no compartimento. Tratava-se de um homem efeminado, baixo e roliço de vinte e tal anos, e Harry pensou que era provável que fosse homossexual. Tinha reparado que muitos criados de mesa o eram. Nicky distribuiu uma folha datilografada com os nomes dos passageiros e da tripulação no voo daquela noite.

Harry estudou a lista com interesse. Conhecia o barão Gabon, o milionário sionista. O nome que se seguia, o professor Carl Hartmann, também lhe dizia qualquer coisa. Nunca ouvira falar na princesa Lavinia Bazarov, mas o nome sugeria uma russa fugida ao comunismo, e a sua presença naquele avião pressupunha que conseguira retirar pelo menos parte da sua fortuna do país. Tinha obviamente ouvido falar de Lulu Bell, a estrela de cinema. Ainda na semana anterior, tinha levado Rebecca Maugham-Flint a vê-la em *A Spy in Paris*, que estava a ser exibido no cinema Gaumont, na Avenida Shaftesbury. Como sempre, desempenhava o papel de uma jovem intrépida. Harry tinha muita curiosidade em conhecê-la.

Percy, que se sentava virado para a traseira do avião e conseguia ver o compartimento seguinte, informou: — Fecharam a porta.

Harry começou de novo a sentir-se nervoso.

Pela primeira vez, constatou que o avião subia e descia suavemente sobre a água.

Ouviu-se um ribombar surdo, como o tiroteio de uma batalha distante. Harry olhou pela janela, ansioso. Enquanto isso, o ruído aumentou, e um hélice começou a girar. Os motores estavam a arrancar. Ouviu o terceiro e o quarto a entrarem em funcionamento. Embora o ruído fosse abafado pelo isolamento acústico, sentia-se a vibração dos potentes motores, e a apreensão de Harry aumentou.

Na doca flutuante, um marinheiro desprendia as amarras da aeronave. Harry teve a sensação disparatada de fatalidade inevitável enquanto os cabos que o amarravam a terra eram despreocupadamente largados no mar.

Ficou embaraçado por ter medo, não quis que ninguém percebesse o que sentia e pegou num jornal, abriu-o e recostou-se de pernas cruzadas.

Margaret tocou-lhe no joelho. Não precisou de elevar a voz para se fazer ouvir: o isolamento acústico era espantoso. — Eu também estou apavorada — disse-lhe.

Harry ficou envergonhado. Pensava ter conseguido aparentar calma.

O avião pôs-se em movimento. Agarrou-se ao braço do assento, apertando-o com força; em seguida, forçou-se a largá-lo. Claro que ela sabia que estava apavorado. Devia estar tão branco como o jornal que fingia estar a ler.

Ela estava sentada, de joelhos bem juntos e mãos apertadas no colo. Parecia simultaneamente apreensiva e excitada, como se estivesse prestes a iniciar uma volta de montanha-russa. A face ruborizada, os olhos bem abertos e a boca ligeiramente aberta conferiam-lhe sensualidade. De novo, Harry interrogou-se como seria o seu corpo debaixo do casaco.

Observou os outros. O homem em frente dele apertava o cinto de segurança calmamente. Os pais de Margaret olhavam fixamente pelas janelas. Lady Oxenford parecia imperturbável, mas Lord Oxenford clareava a garganta ruidosamente sem cessar, um sinal claro de tensão. O jovem Percy estava tão entusiasmado que mal se sentava sossegado, mas não parecia nem um pouco assustado.

Harry olhava fixamente o jornal, mas não conseguia ler uma única palavra, portanto baixou-o e olhou pela janela. A grandiosa aeronave deslizava majestosamente na direção do estuário a que chamavam - Southampton Water. Viam-se os transatlânticos em fila ao longo do cais. Já estavam a alguma distância deles, e havia diversas embarcações entre ele e terra. *Agora já não posso sair*, pensou.

As águas tornaram-se revoltas à medida que a aeronave se aproximava do meio do estuário. Harry não costumava enjoar, mas sentiu-se verdadeiramente desconfortável quando o *Clipper* começou a cavalgar as ondas. O compartimento tinha a aparência de uma divisão numa casa, mas o movimento lembrou-lhe que estava a navegar numa frágil embarcação de alumínio fino.

O avião chegou ao meio do estuário, abrandou e começou a dar meia-volta. Abanava com a brisa, e Harry percebeu que estava a virar a favor do vento para descolar. Então pareceu fazer uma pausa, hesitando, oscilando um pouco para a frente e para trás com o vento e balançando para um lado e para o outro com as ondas, como se fosse um animal monstruoso a farejar o ar com o enorme focinho. O *suspense* foi quase demasiado: foi um esforço tremendo o de Harry para se controlar e não saltar do assento e gritar que o deixassem sair.

De súbito, ouviu-se um estrondo terrível, como o desabar de uma tempestade assustadora, quando os quatro motores foram levados à potência máxima. Harry soltou um grito de comoção, mas foi abafado. A aeronave pareceu assentar na água, como se se afundasse sob a pressão, mas, um momento mais tarde, acelerou.

Ganhou velocidade rapidamente, como um barco veloz, só que nenhum barco daquelas dimensões conseguiria ser tão rápido. A água esbranquiçada passava, célere, pelas janelas. O *Clipper* continuava a oscilar e a balançar com o movimento do mar. Harry queria fechar os olhos, mas tinha receio. Sentia-se em pânico. *Vou morrer*, ocorreu-lhe, histórico.

O *Clipper* continuou a acelerar. Harry jamais navegara a um tal ritmo sobre a água: não havia lanchas que atingissem aquela -

velocidade. Moviam-se a cinquenta, sessenta, setenta milhas por hora. A espuma do mar passava a voar pela janela, enevoando-lhe a vista. *Vamos afundar-nos, explodir ou bater em qualquer coisa*, pensou.

Sentiu-se uma nova vibração, como dentro de um automóvel que rodasse por cima de sulcos. O que seria aquilo? Harry teve a certeza de que havia algo de muito errado e de que o avião estava prestes a partir-se. Ocorreu-lhe que tinha começado a elevar-se e que a vibração era causada pelo embate nas ondas, como uma lancha rápida. Seria aquilo normal?

Subitamente, a água pareceu deixar de oferecer tanta resistência. Perscrutando através dos respingos, Harry viu que a superfície do mar parecia inclinada, e percebeu que o nariz do avião devia ter-se elevado no ar, embora ele não tivesse dado por isso. Ficou aterrorizado e teve ganas de vomitar. Engoliu com força.

A vibração alterou-se. Em vez de embater em sulcos, pareciam estar a saltar de onda em onda, como um seixo atirado rente à água. Os motores gritavam, e os hélices zurziam o ar. Parecia ser impossível, pensou Harry; talvez uma máquina tão grande não pudesse subir no ar; talvez só conseguisse cortar as ondas como um golfinho demasiado grande. Então, de súbito, sentiu que o avião se libertara. Avançava e subia no ar, e Harry sentiu que a água que refreava a aeronave ficava para trás, abaixo de si. A vista da janela clareou à medida que a espuma desaparecia, e viu o mar a diminuir enquanto o avião se erguia no ar. *C'os diabos, estamos a voar*, pensou; *este palácio enorme está mesmo a voar!*

Agora que estava no ar, o medo desapareceu e foi substituído por uma sensação tremenda de euforia. Era como se fosse pessoalmente responsável pelo facto de o avião ter conseguido descolar. Apetecia-lhe dar vivas. Olhando em redor, percebeu que todos sorriam de alívio. Ao tomar consciência das outras pessoas, percebeu que estava alagado em suor. Tirou um lenço de linho branco, disfarçadamente limpou o rosto e voltou a guardá-lo no bolso o mais rápido possível.

O avião continuava a subir. Harry viu a costa sul de Inglaterra desaparecer por baixo das pequenas e compactas asas de flutuação e, olhando em frente, avistou a ilha de Wight. Depois de algum tempo, o avião chegou à altitude de cruzeiro, e o roncar dos motores deu subitamente lugar a um zumbido baixo.

Nicky, o comissário, reapareceu no seu casaco branco e gravata preta. Não precisou de levantar a voz agora que os motores tinham desacelerado. — Deseja um *cocktail*, Mr. Vandenpost? — inquiriu.

É isso mesmo que me apetece, pensou Harry. — Um *scotch* duplo — retorquiu de imediato. Depois lembrou-se de que devia parecer americano. — Com gelo — acrescentou com o sotaque correto.

Nicky recebeu os pedidos dos Oxenford e desapareceu de seguida pela porta da frente.

Harry tamborilava, impaciente, no braço do assento. A alcatifa, o isolamento acústico, os assentos macios e os tons suaves faziam-no sentir-se numa cela almofadada, confortável, mas encurralado. Passados momentos, desapertou o cinto de segurança e levantou-se.

Seguiu em frente, na pegada do comissário, e passou o umbral. À sua esquerda via-se uma pequena copa, toda de aço inoxidável brilhante, onde Nicky preparava as bebidas. À direita, havia uma porta sinalizada «Lavabos dos Cavalheiros», que pressupôs ser o urinol. *Não me posso esquecer de lhe chamar o «john»*, lembrou-se ele, recordando o termo americano. Ao lado, via-se uma escada em caracol que subia ao andar de cima, que deveria ser a cabina de pilotagem. Em frente, havia um outro compartimento de passageiros, decorado com outras cores e ocupado por membros da tripulação de uniforme. Por instantes, interrogou-se por que motivo estariam ali, mas rapidamente se lembrou de que, num voo com a duração de quase trinta horas, os membros da tripulação tinham de descansar e de ser substituídos.

Regressou pelo caminho que fizera, passando pela copa, pelo seu próprio compartimento e pelo compartimento por onde tinham entrado a bordo. Depois dele, na direção da traseira, havia outros compartimentos com passageiros, decorados em paletas de cores

alternadas: ou tapetes turquesa com paredes verde-pálidas ou tapetes numa tonalidade de terracota com paredes beges. Havia alguns degraus entre os compartimentos, pois o casco do avião era curvo e o chão subia junto à cauda. Enquanto caminhava, foi acenando amigável e vagamente aos outros passageiros, exatamente como um jovem americano rico e autoconfiante faria.

O quarto compartimento dispunha de dois pequenos sofás de um lado e os «Lavabos das Senhoras» do outro — mais uma expressão fina para o mictório, sem dúvida. Ao lado da porta da casa de banho das senhoras, via-se uma escada vertical na parede que levava a um alçapão no teto. O corredor central que corria ao longo do avião terminava numa porta. Aquela seria a famosa suíte nupcial que tantos comentários suscitara na imprensa. Harry experimentou a porta: estava fechada à chave.

Caminhando, vagaroso, no sentido contrário, deitou mais um olhar aos companheiros de viagem.

Imaginou que o homem envergando elegantes roupas francesas devia ser o barão Gabon. Com ele estava um tipo nervoso que não usava peúgas, o que era muito estranho. Talvez se tratasse do professor Hartmann. Vestia um fato verdadeiramente horrível e parecia meio faminto.

Harry reconheceu Lulu Bell, mas sentiu-se chocado ao ver que parecia ter cerca de quarenta anos: imaginara-a com a idade que aparentava ter no cinema, que era próxima dos dezanove anos. Usava muitas joias modernas e de boa qualidade: brincos retangulares, pulseiras grandes e um alfinete de cristal de rocha, provavelmente da Boucheron.

Viu de novo a bela loura em quem reparara na sala de café do Hotel South-Western. Tinha tirado o chapéu de palha. Os olhos eram azuis e a pele clara. Ria-se de algo que o seu companheiro estava a dizer. Era óbvio que estava apaixonada por ele, se bem que não fosse muitíssimo bem-parecido. *Mas as mulheres gostam de um homem que as faça rir*, pensou.

A velhota com o pendente da Fabergé, de diamantes rosa, deveria

ser a princesa Lavinia. Tinha no rosto uma expressão imutável de desagrado, como uma batista num clube noturno.

O compartimento mais espaçoso através do qual tinham entrado a bordo estivera desocupado durante a descolagem, mas naquele momento era usado como sala de estar comum. Quatro ou cinco pessoas haviam-se mudado para lá, inclusive o homem alto que se sentava em frente de Harry. Alguns homens jogavam às cartas, e ocorreu-lhe que um jogador profissional poderia ganhar muito dinheiro numa viagem daquelas.

Regressou ao seu lugar e o comissário trouxe-lhe o *scotch*. — O avião parece semivazio — observou Harry.

Nicky abanou a cabeça. — Estamos completamente lotados.

Harry olhou em volta. — Mas há quatro lugares vagos neste compartimento e nos outros também.

— Sim, aqui temos dez lugares sentados nos voos diurnos. Mas só podem dormir seis. Irá ver quando prepararmos os beliches depois do jantar. No meio-tempo, desfrute do espaço.

Harry deu um pequeno gole. O comissário era perfeitamente educado e eficiente, mas não tão obsequioso como, digamos, um empregado de mesa num hotel de Londres. Interrogou-se se os criados de mesa americanos teriam uma atitude diferente. Tinha essa esperança. Nas suas incursões pelo estranho mundo da alta sociedade londrina, sempre achara um tanto degradante que se lhe curvassem servilmente e lhe chamassem «senhor» de cada vez que se virava.

Estava na altura de aprofundar a sua amizade com Margaret Oxenford, que bebericava uma taça de champanhe e folheava uma revista. Já namoriscara com dezenas de raparigas da mesma idade e posição social e entrou na sua rotina automaticamente. — Vive em Londres?

— Temos uma casa em Eaton Square, mas passamos a maior parte do tempo no campo — respondeu. — No Berkshire. O pai também tem um chalé de caça na Escócia. — O tom foi demasiado prosaico, como se achasse a pergunta desinteressante e quisesse

desembaraçar-se dela o mais depressa possível.

— Costumam caçar? — inquiriu Harry. Aquele era o estratagema habitual para iniciar uma conversa: a maioria das pessoas ricas fazia-o e adorava falar disso.

— Nem por isso — retorquiu ela. — Praticamos mais tiro.

— A Margaret costuma fazer *tiro*? — perguntou, surpreso: não era considerada uma atividade muito feminina.

— Quando me deixam.

— Suponho que deve ter imensos admiradores.

Ela virou o rosto para ele e perguntou num tom de voz mais baixo:

— Por que razão é que está a fazer-me todas estas perguntas estúpidas?

Harry ficou desconcertado e mal soube o que dizer. Fizera as mesmas perguntas a dezenas de raparigas e nenhuma reagira daquela maneira. — São estúpidas? — gaguejou.

— Você não se interessa onde vivo ou se caço ou não.

— Mas é disso que falam as pessoas da alta sociedade.

— Mas você não pertence à alta sociedade — contrapôs ela, sem rodeios.

— Raios me partam! — exclamou ele no seu sotaque natural. — Você não está com meias-medidas, pois não?

Ela riu-se. — Assim está melhor.

— Não consigo estar sempre a mudar de sotaque, fico confuso.

— Está bem. Eu aguento o sotaque americano se me prometer deixar-se de banalidades parvas.

— Obrigado, querida — agradeceu, regressando ao seu papel de Harry Vandenpost. *Não é fácil, ela*, pensou. Era uma rapariga que sabia bem o que queria. Mas isso tornava-a bem mais interessante.

— Você é mesmo bom — dizia ela. — Nunca desconfiaria que estava a fingir. Suponho que isso faça parte do seu *modus operandi*.

Ficava sempre confuso quando as pessoas falavam em latim. — Suponho que sim — proferiu, sem fazer a mínima ideia do que ela estava a dizer. Tinha de mudar de assunto. Perguntou a si próprio como poderia conquistá-la. Era claro que não podia namoriscar com

ela como fizera com todas as outras. Talvez fosse tipo médium, interessada em sessões e em necromancia. — Acredita em fantasmas? — arriscou.

Aquilo suscitou mais uma resposta brusca. — Por quem me toma? — proferiu, irritada. — E por que razão tem de mudar de assunto?

Com outra rapariga qualquer ter-se-ia rido, mas, sem saber porquê, ela incomodava-o. — Porque não sei latim — retorquiu, agreste.

— De que é que está a falar?

— Não sei o que significam as palavras como *modus andy*.

Por momentos, Margaret pareceu confusa e irritada, mas então a expressão suavizou-se-lhe e repetiu a expressão: — *Modus operandi*.

— Nunca estive na escola o tempo suficiente para aprender essas coisas — confessou.

O efeito que aquelas palavras tiveram nela foi surpreendente. Ruborizou-se, envergonhada, e disse: — Peço muita desculpa. Que falta de educação a minha.

Harry ficou espantado com a reviravolta. Muitos deles pareciam achar que era sua obrigação impingir-lhes a sua educação. Sentiu-se agrado por Margaret ter maneiras melhores que a maioria da sua classe. Sorriu-lhe e disse: — Está perdoada.

Ela surpreendeu-o de novo ao dizer: — Eu sei como é, porque também nunca tive uma educação como deve ser.

— Com todo o dinheiro que tem? — inquiriu, incrédulo.

Ela assentiu. — Sabe, nós nunca frequentámos a escola.

Harry ficou boquiaberto. Para os trabalhadores londrinos respeitáveis era uma vergonha não mandar os filhos à escola, quase tão mau como receber uma visita da polícia ou ser expulso por um meirinho. A maioria das crianças tinha de tirar um dia de folga quando as botas iam para o sapateiro, pois não possuía mais nenhum par e as mães sentiam-se embaraçadas com isso. — Mas as crianças têm de ir à escola, está na lei! — argumentou.

— Nós tínhamos aquelas precetoras estúpidas. É por isso que não posso ir para a universidade, não tenho habilitações. — Pareceu triste. — Acho que teria gostado da universidade.

— É inacreditável. Eu pensava que as pessoas ricas podiam fazer o que quisessem.

— Não com o meu pai.

— Então e o miúdo? — Harry fez um sinal na direção de Percy.

— Oh, esse está em Eton, claro — disse ela, ressentida. — Com os rapazes é diferente.

Harry ponderou. — Isso quer dizer — disse timidamente — que não concorda com o seu pai noutras coisas, como a política, por exemplo?

— Claro que não — respondeu ela com veemência. — Eu sou socialista.

Aquela poderia ser a chave para se aproximar dela, pensou ele. — Eu já pertenci ao Partido Comunista — declarou. Era verdade: aderira quando tinha dezasseis anos e saíra após três semanas. Ficou à espera da reação dela antes de decidir quanto lhe poderia contar.

Margaret animou-se de imediato. — Por que motivo saiu?

A verdade era que as reuniões políticas o aborreciam terrivelmente, mas dizê-lo poderia ser um erro. — É difícil dizer por palavras — tergiversou.

Devia ter antecipado que aquilo não lhe bastaria. — Deve saber por que razão se veio embora — insistiu ela, impaciente.

— Era demasiado parecido com a catequese, acho eu.

Ela soltou uma gargalhada. — Percebo exatamente o que quer dizer.

— De qualquer modo, acho que já fiz mais do que os comunistas a devolver a riqueza aos trabalhadores que a produziram.

— Como assim?

— Bom, liberto dinheiro de Mayfair e levo-o para Battersea.

— Isso quer dizer que só rouba aos ricos?

— Não vale a pena roubar os pobres, não têm dinheiro.

Ela riu-se de novo. — Mas certamente que não distribui o seu dinheiro mal ganho como o Robin Hood?

Ponderou o que lhe deveria dizer. Acreditaria nele se fingisse que roubava aos ricos para dar aos pobres? Apesar de inteligente,

Margaret também era ingênua — mas não tão ingênua. — Não sou uma obra de caridade — confessou, encolhendo os ombros. — Mas, às vezes, ajudo pessoas.

— Espantoso — comentou ela. Os olhos brilhavam-lhe de interesse e animação, e, nesse momento, parecia deslumbrante. — Julgo que sabia que havia pessoas como o Harry, mas conhecê-lo e conversar consigo é realmente extraordinário.

Não exageres, rapariga, pensou ele. Ficava nervoso com mulheres que se mostravam demasiado entusiasmadas com ele: tendiam a sentir-se mais ofendidas quando descobriam que ele era humano. — Não sou assim tão especial — declarou. — Apenas venho de um mundo que não conhece.

Ela deitou-lhe um olhar que dizia que ele *era* especial.

Decidiu que aquilo já avançara de mais. Estava na hora de mudar de assunto. — Está a deixar-me envergonhado — disse timidamente.

— Desculpe — apressou-se ela a dizer. Ficou a pensar um instante e depois acrescentou: — Por que razão é que vai para a América?

— Para fugir da Rebecca Maugham-Flint.

Ela riu-se. — Não, a sério.

Era como um *terrier* quando agarrava qualquer coisa, pensou ele: não largava. Era impossível de controlar, o que a tornava perigosa. — Tive de sair para não ir para a prisão — disse.

— E o que vai fazer quando chegar lá?

— Pensei em alistar-me na Força Aérea do Canadá. Gostava de aprender a pilotar.

— Que maravilha.

— E a Margaret? Porque vai para a América?

— Nós estamos a fugir — disse com repulsa.

— O que quer dizer com isso?

— Sabe que o meu pai é fascista?

Harry assentiu. — Li nos jornais.

— Bom, pensa que os nazis são maravilhosos e não quer lutar contra eles. Além disso, o governo punha-o na cadeia se ele ficasse.

— Então vai viver na América?

— A família da minha mãe é do Connecticut.

— E quanto tempo é que vai lá ficar?

— Os meus pais vão ficar pelo menos até ao final da guerra. Podem nunca voltar.

— Mas a Margaret não quer ir...

— Claro que não — declarou ela com vigor. — Eu quero ficar e lutar. O fascismo é a mais pura das maldades, e esta guerra é muito importante, e eu quero contribuir. — Começou a falar da Guerra Civil de Espanha, mas Harry não a escutava com atenção. Ocorrera-lhe uma ideia tão chocante que o coração lhe batia mais rápido e teve de fazer um esforço para manter uma expressão normal.

Quando as pessoas fogem de um país quando estala uma guerra, não deixam ficar os seus valores.

Era muito simples. Os camponeses conduziam os seus animais ao fugirem dos exércitos invasores, os judeus fugiam dos nazis com moedas de ouro cosidas dentro dos casacos. Depois de 1917, os aristocratas russos, como a princesa Lavinia, chegaram a todas as capitais da Europa agarrados aos ovos da Fabergé.

Lord Oxenford devia ter considerado a hipótese de nunca regressar. Além do mais, o governo introduzira controlos cambiais para evitar que as classes altas transferissem todo o seu dinheiro para o estrangeiro. Os Oxenford sabiam que poderiam nunca mais recuperar o que deixassem ficar. Era certo que haviam trazido todos os bens que podiam.

Levar uma fortuna em joias na bagagem era obviamente um pouco arriscado. Mas o que seria mais seguro? Enviá-la por encomenda postal? Mandá-la por mensageiro? Deixá-la ficar, provavelmente correndo o risco de vê-la confiscada por um governo vingativo, saqueada por um exército invasor ou até «libertada» numa revolução pós-guerra?

Não. Os Oxenford tinham as joias consigo.

Em especial, trariam o conjunto Delhi.

Aquela ideia deixou-o sem fôlego.

O conjunto Delhi era a peça central da famosa coleção de joalharia

antiga de Lady Oxenford. Feito de rubis e diamantes, consistia num colar com brincos a condizer e uma pulseira. Os rubis eram birmaneses, os mais preciosos, e enormes: haviam sido trazidos para Inglaterra no século XVIII pelo general Robert Clive, conhecido como Clive da Índia, e encastrados pelos joalheiros reais.

Dizia-se que o conjunto Delhi valia duzentas e cinquenta mil libras — mais dinheiro do que algum homem seria capaz de gastar.

E era quase certo que se encontrava naquele avião.

Nenhum profissional do roubo furtaria durante uma viagem de navio ou de avião: a lista de suspeitos era demasiado curta. Além disso, Harry fingia ser americano, viajava com um passaporte falso, fugia de um julgamento e estava sentado em frente a um polícia. Seria uma loucura tentar apanhar as joias, e sentiu-se trémulo só de pensar nos riscos que isso envolveria.

Por outro lado, nunca teria uma oportunidade daquelas. E, de súbito, precisava tanto das joias como de pão para a boca.

É claro que não conseguiria vender o conjunto por duzentas e cinquenta mil libras. Contudo, conseguiria cerca de um décimo do seu valor, digamos umas vinte e cinco mil, o que perfaria mais de cem mil dólares.

Em qualquer das moedas, era suficiente para viver o resto da vida.

A ideia de tanto dinheiro fazia-o salivar — mas as joias em si eram irresistíveis. Harry vira-as em fotografias. As pedras do colar, ordenadas por tamanho, estavam emparelhadas na perfeição; os diamantes faziam sobressair os rubis, como lágrimas na face de um bebé; e as peças mais pequenas, os brincos e a pulseira, tinham proporções perfeitas. O conjunto completo, no pescoço, nas orelhas e no pulso de uma mulher bonita, seria verdadeiramente deslumbrante.

Harry sabia que nunca mais estaria tão próximo de uma obra-prima daquelas. Jamais.

Tinha de roubá-la.

Os riscos eram assustadores — mas sempre fora um homem de sorte.

— Não acredito que me esteja a ouvir — declarou ela.

Harry fez um sorriso largo. — Desculpe. Foi qualquer coisa que a Margaret disse que me fez sonhar acordado.

— Eu sei — comentou ela. — E, pela sua expressão, estava a sonhar com alguém de quem gosta muito.

CAPÍTULO OITO

Nancy Lenehan esperava numa impaciência febril, enquanto o bonito avião amarelo de Mervyn Lovesey era aprontado para levantar voo. Ele dava instruções de última hora ao homem do fato de *tweed*, que parecia ser o capataz de uma fábrica sua. Nancy compreendeu que se debatia com problemas com os sindicatos, que ameaçavam fazer greve.

Ao terminar, virou-se para Nancy e disse: — Dou emprego a dezassete mecânicos e são todos uns desgraçados de uns individualistas.

— O que fabrica?

— Hélices — retorquiu ele, apontando para o avião. — Hélices para aviões, para navios, esse tipo de coisa. Tudo o que tem curvas complexas. Mas a parte de engenharia é a mais fácil. O que me atormenta é o fator humano. — Sorriu com condescendência e acrescentou: — No entanto, não creio que esteja interessada em problemas industriais.

— Estou, sim — disse ela. — Também dirijo uma fábrica.

Ele ficou desconcertado. — De que tipo?

— Produzo cinco mil e setecentos pares de sapatos por dia.

Mervyn ficou impressionado, mas parecia também que achava que ela lhe tinha levado a melhor, pois disse «Parabéns» num tom que misturava troça com admiração. Nancy calculou que o negócio dele era muito mais pequeno que o dela.

— Talvez deva dizer que *costumava* fazer sapatos — explicou ela, sentindo o sabor da bília na boca ao admiti-lo. — O meu irmão está a tentar vender o negócio nas minhas costas. — Por isso — acrescentou com um olhar ansioso ao avião — é que tenho de apanhar o *Clipper*.

— E vai apanhar — disse ele, cheio de confiança. — O meu *Tiger Moth* leva-nos lá com uma hora de avanço.

Nancy esperava do fundo do coração que ele tivesse razão.

O mecânico saltou do avião. — Tudo pronto, Mr. Lovesey.

Mervyn olhou para ela. — Arranja-lhe um capacete — pediu ao mecânico. — Ela não pode voar com aquele chapeuzinho ridículo.

Nancy ficou desconcertada pela súbita reversão aos anteriores modos bruscos. Era óbvio que ele não se importava de falar com ela enquanto não havia mais nada para fazer, mas assim que algo importante surgia, perdia o interesse. Não estava habituada a uma atitude tão informal por parte dos homens. Embora não fosse do tipo sedutor, era suficientemente atraente para chamar a atenção e emanava uma certa autoridade. Era frequente os homens mostrarem-se condescendentes, mas raramente a tratavam com a indiferença de Lovesey. Contudo, não ia protestar. Aguentaria muito mais que grosseria pela oportunidade de apanhar o traiçoeiro do irmão.

Estava muitíssimo curiosa em relação ao casamento dele. «Vou atrás da minha mulher», dissera ele, uma admissão surpreendentemente ingénua. Ela percebia por que motivo uma mulher o deixaria. Era muito atraente, mas só pensava em si próprio e era insensível, razão pela qual ser tão estranho ir atrás da mulher. Parecia ser do tipo demasiado orgulhoso, e Nancy teria calculado que ele dissesse: «Ela que vá para o inferno.» Talvez o tivesse julgado mal.

Perguntou-se como seria a mulher. Seria bonita? Sensual? Egoísta e mimada? Um ratinho assustado? Em breve saberia, se conseguissem apanhar o *Clipper*.

O mecânico trouxe-lhe um capacete, que ela pôs. Lovesey subiu a bordo, gritando por cima do ombro: — Ajuda-a a subir, está bem?

Mais educado que o patrão, o homem ajudou-a a vestir o casaco, dizendo: — Lá em cima faz muito frio, mesmo quando o sol brilha. — Depois içou-a, e ela trepou com dificuldade para o lugar de trás. Ele passou-lhe a pequena mala, e Nancy arrumou-a debaixo dos pés.

Enquanto o motor girava, ela apercebeu-se com um arrepio nervoso de que estava prestes a levantar voo com um estranho.

Tanto quanto sabia, Mervyn Lovesey podia ser um piloto totalmente incompetente, sem treino adequado e dono de um avião sem a

manutenção necessária. Até podia ser um traficante de carne branca, com a intenção de a vender a um bordel turco. Não, ela era demasiado velha para isso, mas não tinha razões para confiar nele. Sabia apenas que era inglês e dono de um aeroplano.

Nancy já andara de avião três vezes, mas sempre em aparelhos - maiores com cabinas fechadas. Nunca experimentara um velho biplano. Era como levantar voo num carro descapotável. Aceleraram pela pista com o ronco do motor nos ouvidos e o vento a fustigar-lhes os capacetes.

O avião comercial em que Nancy voara parecia erguer-se suavemente no ar, mas aquele elevou-se com um solavanco, qual cavalo de corrida a saltar uma vedação. Depois, Lovesey curvou tão acentuadamente que Nancy se agarrou com toda a sua força, com um medo incrível de cair apesar do cinto de segurança. Teria ele sequer licença para pilotar?

Ele endireitou o avião, que subiu rapidamente. O ato de voar parecia mais fácil de compreender, menos miraculoso do que o de um grande avião de passageiros. Nancy via as asas, respirava o ar, ouvia o uivo do pequeno motor e percebia como se mantinha no ar; sentia o hélice a bombear ar e o vento a levantar as largas asas de lona, da mesma forma como se sente um papagaio a voar quando se segura o cordel. Num avião fechado não existia aquela sensação.

Todavia, estar em contacto com a luta do pequeno avião para voar também lhe transmitiu uma sensação de ansiedade na boca do estômago. As asas não passavam de umas coisas frágeis de madeira e lona; o hélice podia emperrar ou partir-se ou cair. O vento a favor podia mudar, traiçoeiro, e virar-se contra eles; podia haver nevoeiro ou relâmpagos ou uma tempestade de granizo.

Tudo aquilo parecia, porém, bastante improvável, à medida que o avião subia na claridade do sol e virara corajosamente o nariz em direção à Irlanda. Parecia-lhe que montava o dorso de uma grande libélula amarela. Era assustador mas também empolgante, como andar na roda gigante de um parque de diversões.

Em breve deixavam para trás a costa de Inglaterra. Nancy permitiu-

se um leve momento de triunfo, enquanto rumavam para oeste sobre o mar. Em breve, Peter embarcaria no *Clipper* e, nesse momento, congratular-se-ia por ter sido mais astuto que a sua inteligente irmã mais velha. Contudo, o seu júbilo seria prematuro, pensou ela com uma satisfação raivosa. Ele ainda não lhe levava a melhor. Teria um enorme choque ao vê-la chegar a Foynes, e ela estava ansiosa por ver a expressão dele.

É claro que ainda tinha uma luta pela frente, mesmo depois de ter apanhado Peter. Não o iria derrotar só por aparecer na reunião da administração. Teria de convencer a tia Tilly e Danny Riley de que fariam melhor em se agarrarem às suas ações e ficarem do lado dela.

Queria denunciar o comportamento perverso do irmão perante todos, para que ficassem a saber como mentira à irmã e conspirara contra ela; queria esmagá-lo e humilhá-lo, mostrando a todos a víbora que ele era. Contudo, após refletir um momento, percebeu que não era a forma mais esperta de agir. Se revelasse a sua fúria e o seu ressentimento, iriam pensar que se opunha à fusão por razões puramente emocionais. Teria de falar friamente e com calma sobre as perspetivas futuras e agir como se o desacordo com Peter fosse apenas uma questão de negócios. Todos sabiam que ela era muito melhor administradora que o irmão.

Fosse como fosse, o seu raciocínio fazia todo o sentido. O preço que lhes ofereciam pelas ações baseava-se nos lucros da Black's, que eram baixos devido à má gestão de Peter. Nancy calculava que podiam obter mais fechando a empresa e liquidando todas as lojas. O melhor de tudo, porém, seria reestruturá-la segundo o seu plano e torná-la de novo lucrativa.

Existia uma outra razão para esperar: a guerra. A guerra era boa para os negócios em geral e em especial para companhias como a Black's, que fornecia material aos militares. Talvez os Estados Unidos não entrassem na guerra, mas haveria certamente um aumento de encomendas como medida de precaução. Assim, os lucros subiriam decerto. Sem dúvida que era por isso que Nat Ridgeway queria comprar a companhia.

Matutou na situação enquanto atravessam o mar da Irlanda, esboçando mentalmente o seu discurso. Ensaiou pontos-chave e frases, dizendo-os em voz alta, certa de que o vento levaria as palavras antes de chegarem aos ouvidos, tapados pelo capacete, de Mervyn Lovesey, a uma jarda de distância.

Ficou tão absorvida no discurso que mal notou a primeira vez que o motor se engasgou.

— A guerra na Europa duplicará o valor desta companhia em doze meses — dizia ela. — Se os Estados Unidos entrarem na guerra, o preço duplicará de novo...

Da segunda vez que aconteceu, Nancy foi arrancada ao seu devaneio. O ronco agudo e contínuo alterou-se momentaneamente, como o som de uma torneira com ar preso no cano. Normalizou-se e voltou a alterar-se, adotando um tom diferente, um som desigual e muito mais fraco que a deixou nervosa.

O avião começou a perder altitude.

— Que se passa? — gritou a plenos pulmões, mas não obteve resposta. Ou ele não a ouvia ou encontrava-se demasiado ocupado para responder.

O som do motor alterou-se de novo, tornando-se mais agudo, como se ele tivesse carregado no acelerador, e o avião endireitou-se.

Nancy ficou mais nervosa. Que se passava? O problema seria sério ou não? Desejava poder ver-lhe o rosto, mas ele mantinha-se resolutamente virado para a frente.

O som do motor deixara de ser constante. Por vezes parecia recuperar o potente ronco inicial, depois voltava a vacilar, de novo desigual. Assustada, Nancy espreitou para a frente, tentando detetar alguma alteração no girar do hélice, mas nada viu. Contudo, sempre que o motor se engasgava, o avião perdia um pouco de altitude.

Não conseguiu suportar mais a tensão. Desapertou o cinto de segurança, inclinou-se para a frente e bateu no ombro de Lovesey. Ele virou a cabeça de lado e ela gritou-lhe ao ouvido: — O que se passa?

— Não sei! — gritou ele em resposta.

Ela estava demasiado assustada para aceitar aquilo. — Que se passa? — insistiu.

— Acho que o motor perdeu um cilindro.

— Bem, quantos cilindros tem?

— Quatro.

De súbito, o avião desceu mais com um solavanco. Nancy sentou-se depressa e apertou o cinto. Sabia guiar e tinha a ideia de que um carro podia continuar com menos um cilindro. No entanto, o seu *Cadillac* tinha doze. Conseguiria um avião voar com três dos seus quatro cilindros? Aquela incerteza era uma tortura.

Estavam agora a perder altitude constante. Nancy calculava que o avião podia voar com três cilindros, mas não durante muito tempo. Quanto faltava para caírem no mar? Olhou ao longe e, para seu alívio, viu terra. Incapaz de se controlar, desapertou o cinto e falou de novo com Lovesey. — Conseguimos chegar a terra?

— Não sei! — gritou ele.

— Você não sabe nada! — gritou também ela. O medo transformou o seu grito num berro. Esforçou-se por se acalmar. — Qual a sua estimativa?

— Cale a boca e deixe-me concentrar!

Ela voltou a sentar-se. *Talvez morra agora*, pensou, e mais uma vez tentou controlar o pânico e obrigou-se a pensar com calma. *Ainda bem que criei os meus filhos antes disto acontecer*, disse para si própria. *Vai ser difícil para eles, em especial depois de perderem o pai num acidente de carro. Mas já são homens, altos e fortes, e nunca lhes faltará dinheiro. Vão ficar bem.*

Quem me dera ter tido outro amante. Faz quanto tempo? Dez anos! Não admira que me esteja a habituar. Mais valia ser freira. Devia ter ido para a cama com o Nat Ridgeway, teria sido bom.

Saíra um par de vezes com um outro homem, mesmo antes de partir para a Europa, um contabilista solteiro com cerca da sua idade, mas não desejava ter ido com ele para a cama. Era simpático mas fraco, como muitos dos homens que conhecia. Viam-na como uma mulher forte e queriam que tomasse conta deles. *Mas eu quero é*

alguém que tome conta de mim!, pensou.

Se sobreviver a isto, vou fazer tudo por ter outro amante antes de morrer.

Peter iria ganhar, o que era uma vergonha. O negócio era tudo o que restava do pai e agora seria absorvido e desapareceria na massa amorfa da General Textiles. O pai trabalhara arduamente toda a vida para erguer aquela companhia, e Peter destruíra-a em cinco anos de indolência e egoísmo.

Por vezes ainda sentia saudades do pai. Fora um homem tão esperto! Quando havia um problema, quer fosse uma crise económica grave, como a Depressão, ou um pequeno problema familiar, como um dos rapazes ter más notas na escola, o pai arranjava uma forma positiva e otimista de lidar com ele. Sempre fora bom em questões mecânicas, e as pessoas que construíam as grandes máquinas usadas no fabrico de calçado consultavam-no frequentemente antes de finalizarem um projeto. Nancy compreendia muito bem o processo de produção, mas a sua perícia era antecipar os estilos que o mercado iria querer e, desde que assumira o controlo da fábrica, tinham tido mais lucros com sapatos de mulher do que de homem. Nunca se sentira ofuscada pelo pai, como acontecia a Peter. Tinha apenas saudades dele.

De súbito, a ideia de que iria morrer pareceu-lhe ridícula e irreal. Seria como a cortina cair antes de terminar a peça, quando o ator principal estava no meio de um discurso: pura e simplesmente, as coisas não aconteciam assim. Por momentos, sentiu uma alegria irracional, confiante de que sobreviveria.

O avião continuou a perder altitude, mas a costa da Irlanda aproximava-se rapidamente. Em breve avistou campos verde-esmeralda e brejos acastanhados. A família Black tivera ali as suas origens, pensou com uma certa emoção.

Mesmo na sua frente, a cabeça e os ombros de Mervyn Lovesey começaram a mexer, como se se debatesse com os controlos. O estado de espírito de Nancy mudou de novo e começou a rezar. Fora criada como católica, mas não ia à missa desde a morte de Sean; na

verdade, a última vez que estivera dentro de uma igreja fora no seu funeral. Não sabia muito bem se era crente, mas naquele momento rezou ardentemente, pensando que, de qualquer modo, nada tinha a perder. Rezou o pai-nosso, depois pediu a Deus para a salvar para poder estar presente na vida de Hugh, pelo menos até ele se casar e assentar; e para poder ver os netos; e porque queria dar a volta ao negócio e continuar a dar emprego a todos aqueles homens e mulheres e fabricar bons sapatos para as pessoas comuns; e porque queria um pouco de felicidade para si própria. Sentiu subitamente que a sua vida fora apenas trabalho durante demasiado tempo.

Agora conseguia ver a crista branca das ondas. A mancha da costa que se aproximava transformou-se em ondas, praia, falésias e campos verdes. Perguntou-se, com um arrepio de medo, se seria capaz de nadar até terra, caso o avião caísse na água. Considerava-se uma boa nadadora, mas dar alegremente aos braços de um lado para o outro numa piscina era muito diferente de sobreviver no mar turbulento. A água estaria de gelar os ossos. Qual era a palavra que se usava quando as pessoas morriam de frio? Era isso mesmo, exposição ao frio. «O avião de Mrs. Lenehan caiu no mar da Irlanda e ela morreu de frio», diria o *Globe* de Boston. Tremeu dentro do seu casaco de caxemira.

Se o avião se despenhasse, provavelmente não viveria para sentir a temperatura da água. Pensou a que velocidade seguiriam. Voava a noventa milhas por hora, dissera-lhe Lovesey, mas agora perdia velocidade. Talvez cinquenta milhas. Sean embatera a cinquenta milhas por hora e morreria. Não, não fazia sentido especular até onde conseguiria nadar.

A costa aproximou-se. Talvez as suas orações tivessem sido ouvidas, pensou. Talvez o avião conseguisse chegar a terra. O som do motor não se deteriorara mais: continuava com o mesmo roncar agudo e desigual, num tom enraivecido, como o zumbir vingativo de uma vespa ferida. Começou, então, a preocupar-se com o local onde aterrariam, se lá chegassem. Um avião conseguia aterrar numa praia de areia? E numa de seixos? Consequia aterrar num campo, se não

fosse muito acidentado, mas e quanto a um brejo?

Infelizmente iria descobrir muito em breve.

A terra estava agora a um quarto de milha. Viu que a linha da costa era pedregosa e a ondulação grande. A praia parecia terrivelmente irregular, percebeu com um baque no coração: grandes calhaus afiados espalhavam-se por toda a área. Havia uma falésia baixa que se erguia até uma charneca com algumas ovelhas que pastavam. Estudou a charneca. Parecia plana, sem vedações e com poucas árvores. Talvez o avião pudesse aterrar ali. Não sabia se havia de ter esperança nisso ou se devia tentar preparar-se para morrer.

O avião amarelo continuou a voar corajosamente, sempre a perder altitude. O cheiro salgado do mar chegou-lhe ao nariz. Seria certamente melhor cair na água, pensou receosa, do que tentar aterrar naquela praia. Aquelas pedras aguçadas despedaçariam o frágil aviãozinho, juntamente com ela.

Esperava morrer depressa.

Quando a costa se encontrava a cem jardas, percebeu que o avião não ia cair na praia: estava ainda demasiado alto. Era óbvio que o objetivo de Lovesey era a pastagem no topo da falésia. Mas chegaria lá? Pareciam estar quase ao mesmo nível do topo e continuavam a perder altitude. Iam esmagar-se contra a falésia. Nancy tinha vontade de fechar os olhos, mas não se atrevia. Ao invés, fixou o olhar hipnoticamente na falésia que se aproximava cada vez mais depressa.

O motor uivava como um animal doente. O vento atirava-lhe espuma para o rosto. Na pastagem, as ovelhas espalhavam-se em todas as direções enquanto o avião descia sobre elas. Nancy apertou o rebordo do *cockpit* com tanta força que lhe doeram as mãos. Parecia que voavam direitinhos à berma da falésia, que se aproximava velozmente. *Vamos bater*, pensou. *É o fim*. Nesse momento uma rajada de vento fez subir o avião um bocadinho, e ela pensou que iam conseguir, mas o avião voltou a baixar. A berma da falésia ia arrancar as pequenas rodas amarelas dos suportes, pensou. Então, com a falésia a um segundo de distância, fechou os

olhos e gritou.

Por momentos nada aconteceu.

Depois, ouviu-se um baque, e Nancy foi atirada para a frente com força contra o cinto de segurança. Por instantes pensou que ia morrer, mas logo sentiu o avião levantar de novo. Parou de gritar e abriu os olhos.

Ainda estavam no ar, apenas a cerca de três pés da erva do topo da falésia. O avião deu um novo solavanco e desta vez ficou no chão. Nancy foi sacudida sem piedade, enquanto o aparelho vibrava sobre o solo irregular. Viu que iam direitos a uma moita de silvas e que podiam ainda embater. Então, Lovesey fez algo e o avião virou, evitando o perigo. As vibrações diminuíram, estavam a abrandar. Nancy mal podia acreditar que ainda estava viva. Vacilante, o avião parou.

O alívio invadiu-a como uma convulsão. Não conseguia parar de tremer e, por um momento, sentiu um arrepio de medo, seguido de uma onda de histeria a subir, e controlou-se. — Acabou — disse em voz alta. — Acabou, acabou, estou bem.

Na sua frente, Lovesey levantou-se e saiu do lugar com uma caixa de ferramentas na mão. Sem olhar para ela, saltou para o chão e deu a volta até à frente do avião; abriu o capô e espreitou lá para dentro.

Podia ter-me perguntado como estou, pensou Nancy.

Estranhamente, a rudeza do homem acalmou-a. Olhou em seu redor e viu que as ovelhas tinham voltado a pastar como se nada tivesse acontecido. Agora que o motor estava em silêncio, conseguia ouvir as ondas a quebrarem-se na praia. O sol brilhava, mas sentia um vento frio e húmido na face.

Ficou sentada e imóvel por algum tempo e, quando teve a certeza de que as suas pernas não se iriam abaixo, levantou-se e saiu com dificuldade do avião. Era a primeira vez na vida que punha os pés em solo irlandês, e a comoção quase a fez chorar. *É daqui que viemos, pensou, há tanto tempo. Oprimidos pelos ingleses, perseguidos pelos protestantes, mortos à fome pela doença da batata, aglomerámo-nos em navios de madeira e partimos da nossa pátria para um mundo*

novo.

E esta forma de voltar não podia ser mais irlandesa, continuou a pensar com um sorriso. *Quase morri a aterrar aqui.*

Chegava de sentimentalismo. Estava viva, mas poderia ainda apanhar o *Clipper*? Olhou para o relógio de pulso. Eram duas e um quarto. O *Clipper* acabara de levantar voo de Southampton. Chegaria a tempo a Foynes se aquele avião se dispusesse a voar e se ela conseguisse arranjar coragem para voltar a entrar nele.

Deu a volta até à parte da frente. Lovesey manejava uma grande chave-inglesa para desapertar uma porca. Nancy perguntou-lhe: — Consegue arranjá-lo?

Ele não ergueu o olhar. — Não sei.

— Qual é o problema?

— Não sei.

Era óbvio que voltara à sua disposição taciturna. Exasperada, Nancy comentou: — Pensei que você era engenheiro.

Aquilo picou-o. Olhou para ela e disse: — Estudei Matemática e Física. A minha especialidade é a resistência ao vento de curvas complexas. Não sou a porcaria de um mecânico de motores!

— Então talvez devêssemos ir buscar um.

— Não vai encontrar um na porcaria da Irlanda. Este país ainda está na Idade da Pedra.

— Só porque as pessoas foram esmagadas pela brutalidade dos ingleses durante tantos séculos!

Ele afastou a cabeça do interior do motor e endireitou-se. — Como é que passámos a discutir política?

— Nem sequer me perguntou se eu estava bem.

— Vejo muito bem que está.

— Você quase me matou!

— Salvei-lhe a vida.

O homem era impossível.

Olhou para o horizonte. A cerca de um quarto de milha havia uma fileira de sebes ou um muro que talvez delimitasse uma estrada, e um pouco mais adiante avistavam-se vários telhados de colmo baixos

que formavam um conjunto. Talvez pudesse arranjar um carro e guiar até Foynes. — Onde estamos? — perguntou. — E não me diga que não sabe.

Ele esboçou um sorriso aberto. Era a segunda ou terceira vez que ele a surpreendia ao não se mostrar tão maldisposto como parecia. — Acho que estamos a umas quantas milhas de Dublin.

Nancy decidiu que não ia ficar ali a vê-lo a mexericar no motor. — Vou à procura de ajuda.

Ele olhou-lhe para os pés. — Com esses sapatos não vai longe.

Já lhe mostro como é, pensou ela, zangada. Puxou a saia para cima e desprendeu rapidamente as meias altas. Ele ficou a olhar, chocado, e corou. Ela enrolou as meias até baixo e tirou-as em conjunto com os sapatos. Gostou de o embarçar. Enfiando os sapatos nos bolsos do casaco, anunciou: — Não me demoro. — E afastou-se, descalça.

Depois de lhe virar as costas, algumas jardas mais à frente, permitiu-se esboçar um grande sorriso. Ele ficara completamente pasmado. Era bem feito por ser tão condescendente.

O prazer de lhe ter levado a melhor em breve se dissipou. Os pés depressa ficaram molhados, frios e nojentos. As casas ficavam mais longe do que calculara, e nem sequer sabia o que ia fazer quando lá chegasse. Calculou que ia tentar arranjar uma boleia até Dublin. Era provável que Lovesey tivesse razão quanto à escassez de mecânicos na Irlanda.

Levou-lhe vinte minutos a chegar à primeira casa. Nas traseiras deu com uma mulher baixa, de socas, a cavar numa horta. Nancy chamou: — Olá!

A mulher olhou e soltou um grito de medo.

Nancy afirmou: — Tenho um problema no meu avião.

A mulher ficou a olhar para ela como se Nancy tivesse chegado do espaço sideral.

Deu-se conta de que devia ser uma visão um tanto estranha, descalça e com um casaco de caxemira. Na verdade, era difícil que uma criatura do espaço fosse mais chocante para uma mulher do

campo a cavar a sua horta do que uma mulher num avião. A camponesa estendeu a mão, hesitante, e tocou no casaco de Nancy, o que a deixou envergonhada: estava a tratá-la como uma deusa.

— Sou irlandesa — disse Nancy, esforçando-se por se tornar mais humana.

A mulher sorriu e abanou a cabeça, como se quisesse dizer: «A mim não me enganas tu.»

— Preciso de uma boleia para Dublin — explicou.

Aquilo já fazia sentido, e a mulher falou pela primeira vez: — Pois precisa! — respondeu. Era óbvio que o lugar de uma aparição como aquela era na cidade grande.

Nancy ficou aliviada ao ouvi-la falar inglês, pois receara que só falasse gaélico. — Fica muito longe?

— Consegue lá chegar numa hora e meia se tiver um bom pónei — disse a mulher numa cadência musical.

Não servia. O *Clipper* devia levantar voo de Foynes daí a duas horas, do outro lado do país. — Há aqui alguém que tenha um automóvel?

— Não.

— Bolas.

— Mas o ferreiro tem uma motocicleta. — Pronunciou a palavra de forma estranha.

— Isso já serve! — Em Dublin talvez arranjasse um carro que a levasse a Foynes. Não sabia bem a que distância ficava ou quanto tempo levaria a chegar, mas achava que tinha de tentar. — Onde está o ferreiro?

— Eu mostro-lhe — ofereceu-se a mulher, espetando a pá na terra.

Deram a volta à casa. A estrada não passava de um trilho lamacento, percebeu Nancy de coração pesado: numa superfície daquelas, uma motocicleta não podia avançar muito mais depressa do que um pónei.

Enquanto atravessavam o lugarejo, ocorreu-lhe outro problema. A motocicleta só podia levar um passageiro. Se arranjasse um carro, planeara regressar ao avião avariado para ir buscar Lovesey, mas

numa moto só cabia um... a não ser que o dono a vendesse; nesse caso, Lovesey podia guiar, e ela faria de pendura. Então, pensou ela entusiasmada, seriam capazes de cobrir todo o caminho até Foynes.

Caminharam até à última casa e dirigiram-se a um alpendre que servia de oficina. As esperanças de Nancy frustraram-se de imediato: o ferreiro trabalhava nas peças da motocicleta, espalhadas pelo chão de terra.

— Diabos me levem! — exclamou.

A mulher falou com o ferreiro em gaélico, e ele olhou para Nancy com uma expressão levemente divertida. Era muito novo, com o cabelo preto, os olhos azuis dos irlandeses e um bigode espesso. Assentiu e perguntou a Nancy: — Onde está o avião?

— A cerca de meia milha.

— Talvez eu deva ir dar-lhe uma vista de olhos.

— Percebe alguma coisa de aviões? — perguntou ela, cética.

Ele encolheu os ombros. — Os motores são sempre motores.

Se ele era capaz de desmontar uma motocicleta, talvez conseguisse arranjar o motor de um avião.

O ferreiro continuou: — Mas parece que já vou tarde demais.

Nancy franziu as sobrancelhas e depois ouviu o que ele já escutara: o som de um avião. Poderia ser o *Tiger Moth*? Correu para fora e olhou para o céu. Sem qualquer dúvida, o pequeno avião amarelo sobrevoava o lugarejo a baixa altitude.

Lovesey arranjara-o... e levantara voo sem esperar por ela!

Continuou a olhar para cima sem querer acreditar! Como podia ele fazer-lhe uma coisa daquelas? Até ainda tinha a sua mala!

O avião desceu sobre as casas, como que para trocar dela, e Nancy agitou o punho em direção ao céu. Lovesey disse-lhe adeus e voltou a subir.

Ela ficou a ver o avião afastar-se. O ferreiro e a camponesa continuavam a seu lado. — Ele vai-se embora sem a senhora — observou o rapaz.

— É um sacana sem coração.

— É seu marido?

— Certamente que não!

— Tanto melhor, cá pra mim.

Nancy sentiu-se mal. Naquele dia fora traída por dois homens. Haveria algo de errado com ela?, perguntou-se.

Pensou que mais valia desistir. Agora seria impossível apanhar o *Clipper*. Peter venderia a empresa a Nat Ridgeway, e a história acabava aí.

O avião inclinou-se e virou. Ela calculou que estivesse a definir a rota para Foynes. Lovesey iria apanhar a mulher foragida, mas Nancy esperava que ela recusasse voltar para ele.

Inesperadamente, o avião continuou a virar. Quando apontava para o lugarejo, endireitou-se. Qua fazia ele agora?

Aproximou-se, seguindo a linha do trilho de terra e perdendo altitude. Por que motivo voltara? À medida que o avião se aproximava, Nancy começou a perguntar-se se iria aterrar. Estaria o motor a falhar de novo?

O pequeno avião aterrou no trilho de terra e saltitou na direção das três pessoas em frente da casa do ferreiro.

Nancy quase desmaiou de alívio. Ele voltara para a vir buscar!

Com um estremeção, o avião parou. Mervyn gritou qualquer coisa que ela não percebeu. — O quê? — gritou.

Impaciente, ele chamou-a com a mão, e ela correu até ao aparelho. Ele inclinou-se para ela e gritou: — De que é que está à espera? Suba!

Ela olhou para o relógio. Era um quarto para as três. Ainda conseguiriam chegar a Foynes a tempo. O seu estado de espírito reanimou-se. *Ainda não estou acabada!*, pensou.

O jovem ferreiro aproximou-se com um brilhozinho nos olhos e gritou: — Deixe-me ajudá-la. — Fez um apoio com as mãos entrelaçadas, ela colocou lá o pé descalço e cheio de lama e ele içou-a. Nancy sentou-se com dificuldade.

O avião arrancou de imediato.

Uns segundos mais tarde, estavam no ar.

CAPÍTULO NOVE

A mulher de Mervyn Lovesey sentia-se felicíssima.

Muito assustada durante a descolagem do *Clipper*, agora Diana apenas sentia júbilo.

Nunca andara de avião. O marido nunca a tinha convidado a voar no seu pequeno aeroplano, apesar de ela ter passado dias a pintá-lo de um belo amarelo-vivo. Descobriu que, uma vez ultrapassado o nervosismo, era uma emoção inacreditável estar no ar àquela altitude, dentro de um aparelho que mais parecia um hotel de primeira classe com asas, enquanto contemplava as pastagens e os milheirais de Inglaterra, as estradas e as ferrovias, as casas, as igrejas e as fábricas lá em baixo. Sentia-se livre. Deixara Mervyn e fugira com Mark.

Na noite anterior, no Hotel South-Western, em Southampton, haviam-se registado como Mr. e Mrs. Alder e passado a sua primeira noite juntos. Tinham feito amor, adormecido e acordado pela manhã e feito amor de novo. Parecia um luxo depois de três meses de tardes breves e de beijos roubados.

Voar no *Clipper* era como viver num filme. A decoração era opulenta, as pessoas elegantes e os dois comissários discretamente eficientes, tudo acontecia no momento certo, como se de acordo com um guião, e viam-se rostos famosos por todo o lado. Havia o barão Gabon, o célebre sionista, sempre embrenhado em conversas intensas com o seu macilento companheiro de viagem. O marquês de Oxenford, o célebre fascista, encontrava-se a bordo com a sua bela esposa. A princesa Lavinia Bazarov, um dos pilares da sociedade parisiense, sentava-se no mesmo compartimento, no lugar à janela do divã de Diana.

Em frente da princesa, estava a estrela de cinema Lulu Bell. Diana vira imensos filmes com ela: *My Cousin Jake*, *Torment*, *The Secret Life*, *Helen of Troy* e muitos outros exibidos no cinema Paramount, em Oxford Street, em Manchester. A grande surpresa, contudo, era

que Mark a conhecia. Enquanto se instalavam nos seus lugares, uma estridente voz americana chamara em voz alta: «Mark! Mark Alder! És mesmo tu?», e Diana virara-se e vira uma mulher loura e baixa, qual canário, que se precipitava para ele.

Anos antes, tinham trabalhado ambos num programa de rádio em Chicago, antes de Lulu ser uma grande estrela. Mark apresentara-lhe Diana, e Lulu fora muito simpática, elogiando a sua beleza e dizendo que sorte ele tivera em conhecê-la. Mas estava claramente mais interessada em Mark, e tinham estado a conversar desde a descolagem, recordando os velhos tempos: dois jovens sem dinheiro, que viviam em pensões baratas e passavam as noites a beber álcool de contrabando.

Diana ficou surpreendida com a estatura baixa de Lulu. Nos filmes parecia mais alta. E mais nova. E na vida real percebia-se que, ao contrário de Diana, não tinha o cabelo louro, mas sim pintado. Todavia, exibia a personalidade dominadora e expansiva que demonstrava na maioria dos filmes. Ainda naquele preciso instante, continuava a ser o centro de todas as atenções. Embora estivesse a falar com Mark, todos os passageiros olhavam para ela: a princesa Lavinia no seu canto, Diana em frente a Mark e os dois homens do outro lado da coxia.

Estava a contar uma história sobre uma emissão de rádio em que um dos atores saíra, pensando que o seu papel havia terminado, quando, de facto, tinha uma fala mesmo no final. — Portanto eu disse a minha fala, que era: «Quem é que comeu o bolo de Páscoa?» E toda a gente olhou em volta, mas o George tinha desaparecido! E houve um *longo* silêncio. — Fez uma pausa de efeito teatral. Diana sorriu. O que *fariam* as pessoas quando as coisas corriam mal durante os programas radiofónicos? Ouvia muito rádio, mas não se lembrava de nada assim. Lulu retomou a história. — Então eu disse a minha fala outra vez: «Quem é que comeu o bolo de Páscoa?», e continuei... — Baixou o queixo e proferiu num tom de voz masculino rouco incrivelmente convincente: — «Eu acho que deve ter sido o gato.»

Seguiu-se uma gargalhada geral.

— E foi o fim do programa — concluiu.

Diana recordou um programa durante o qual um apresentador ficara tão chocado com qualquer coisa que tinha dito: «Porra!» — Uma vez ouvi um apresentador praguejar — disse.

Ia começar a contar o episódio, mas Mark interrompeu: — Ah, isso está sempre a acontecer. — E virou-se para Lulu, dizendo: — Lembras-te quando o Max Gifford disse que o Babe Ruth tinha bolas perfeitas e depois não conseguia parar de rir?

Mark e Lulu riram-se descontroladamente, e Diana sorriu, mas começou a sentir-se deixada de fora. Estava bastante mal habituada, pensou: durante os três meses em que Mark estivera sozinho numa cidade estranha, ela usufruía de toda a sua atenção. Era óbvio que isso não poderia continuar para sempre. De agora em diante, teria de habituar-se a partilhá-lo com outras pessoas. Voltou-se para a princesa Lavinia, sentada à sua direita, e inquiriu: — E a princesa, costuma ouvir telefonia?

A velha russa olhou por cima do fino nariz arqueado e retorquiu: — Acho uma atividade algo ordinária.

Não era a primeira anciã arrogante e snobe que Diana encontrava, e elas não a intimidavam. — Que surpreendente — comentou. — Ainda ontem à noite ligámos o aparelho para ouvir alguns quintetos de Beethoven.

— A música alemã é tão mecânica — ripostou a princesa.

Nada a satisfaria, decidiu Diana. Tinha pertencido à classe mais privilegiada e ociosa que o mundo jamais vira e pretendia que todos o soubessem, portanto fingia que tudo o que lhe ofereciam não era tão bom como aquilo a que estivera habituada. Iria ser um tédio.

O comissário designado para a traseira do avião, Davy, chegou para receber os pedidos dos *cocktails*. Era um jovem encantador, baixo e aprumado, de cabelo claro, que caminhava pela alcatifa num passo elástico. Diana pediu um *dry martini*. Não sabia o que era, mas lembrava-se de que, nos filmes, era uma bebida chique na América.

Observou os dois homens no outro lado do compartimento.

Olhavam ambos pelas janelas. Mais próximo dela, estava um jovem bem-parecido num fato um tanto berrante. Tinha os ombros largos, como um atleta, e ostentava diversos anéis. O tom de pele escuro levou Diana a interrogar-se se não seria sul-americano. Em frente dele, sentava-se um homem que parecia algo deslocado. O fato ficava-lhe largo, e o colarinho da camisa estava gasto e usado. Parecia não ter dinheiro para um bilhete no *Clipper*. A calva reluzia-lhe, brilhante. Os dois homens não falavam um para o outro nem se olhavam, mas Diana teve a certeza de que viajavam juntos.

Interrogou-se sobre o que faria Mervyn naquele momento. Já deveria certamente ter lido a sua nota. Poderia estar a chorar, pensou, sentindo-se culpada. Não, não era esse tipo de homem. O mais provável era estar furioso. Mas com quem é que se enraivecera? Com os pobres dos seus empregados, decerto. Desejava ter escrito uma nota mais amável ou, pelo menos, um pouco mais esclarecedora, mas sentira-se demasiado perturbada para o fazer. Era provável que telefonasse à irmã dela, Thea, imaginou. Deveria pensar que Thea sabia para onde ela fora. Contudo, a irmã nada sabia. Ficaria chocada com a notícia. Que diria às gémeas? A ideia incomodou Diana.

Davy regressou com as bebidas. Mark ergueu o copo a Lulu e, em seguida, a Diana — quase que por descarga de consciência, refletiu ela com amargura. Provou o *martini* e quase o cuspiu. — Oh! — exclamou. — Sabe a gim puro!

Toda a gente se riu. — É quase só gim, querida — elucidou-a Mark. — Nunca tinhas provado um *martini*?

Diana sentiu-se humilhada. Não fazia a menor ideia do que estava a pedir, como uma rapariga da escola num bar. Agora toda aquela gente cosmopolita pensava que não passava de uma provinciana ignorante.

Davy ofereceu: — Deixe-me trazer-lhe outra coisa, minha senhora.

— Nesse caso, uma taça de champanhe — anuiu, de mau humor.

— Trago de imediato.

Diana dirigiu-se a Mark, irritada. — Nunca tinha provado um *martini*

e pensei experimentar. Não há nada de mal nisso, pois não?

— Claro que não, querida — concordou ele e deu-lhe uma palmadinha no joelho.

A princesa Lavinia declarou: — Este brande é execrável, jovem. Traga-me um chá.

— De imediato, Vossa Alteza.

Diana decidiu ir aos lavabos. Ergueu-se, disse «Com licença» e passou pelo umbral em arco que levava à cauda do avião.

Atravessou um outro compartimento de passageiros idêntico ao que acabara de deixar e deu consigo na traseira do avião. Num dos lados, havia uma saleta com apenas duas pessoas e, no outro, uma porta com a tabuleta «Lavabos das Senhoras». Entrou.

A divisão animou-a. Era realmente muito bonita. Tinha um toucador simples com dois bancos estofados de cabedal turquesa, e as paredes eram forradas de tecido bege. Diana sentou-se para retocar a maquilhagem. Mark chamava-lhe «reescrever o rosto». No toucador à sua frente viam-se lenços de papel e creme de rosto cuidadosamente dispostos.

Todavia, quando se olhou ao espelho, o que viu foi uma mulher infeliz. Como uma nuvem, Lulu Bell viera bloquear o sol. Havia desviado a atenção de Mark e fizera com que ele a tratasse como se fosse um ligeiro incómodo. Claro que a idade de Lulu estava mais próxima da de Mark: ele tinha trinta e nove anos, e ela devia passar dos quarenta. Ela própria tinha apenas trinta e quatro. Seria que ele sabia quantos anos tinha Lulu? Os homens podiam ser muito néscios com coisas dessas.

O problema era que eles tinham tanto em comum: ambos no mundo do espetáculo, ambos americanos, ambos veteranos dos primeiros dias da rádio. Diana não fizera nada disso. Se se quisesse ser duro, poder-se-ia dizer que nunca fizera nada exceto pertencer à elite de uma cidade de província.

Iria ser sempre assim? Ela ia para o país dele. Dali em diante, ele conheceria tudo, ao passo que, para ela, tudo seria desconhecido. Ir-se-iam encontrar com os amigos dele, pois ela não tinha nenhuns na

América. Quantas vezes mais se ririam dela por desconhecer aquilo que todos sabiam, como o facto de um *dry martini* saber a nada exceto a gim gelado?

Interrogou-se que falta lhe faria o mundo previsível e confortável que havia deixado para trás, o mundo dos bailes de caridade e dos jantares maçónicos nos hotéis de Manchester, onde conhecia toda a gente e todas as bebidas e até todos os menus. Era enfadonho, mas era seguro.

Abanou a cabeça, afofando o cabelo e tornando-o mais atraente. Não ia pensar assim. *Naquele mundo, eu andava aborrecida de morte*, pensou; *ansiava por aventura e por emoção; e, agora que as tenho, vou apreciá-las*.

Decidiu esforçar-se por reconquistar a atenção de Mark. Que faria? Não queria confrontá-lo diretamente e dizer-lhe que estava sentida com o seu comportamento. Isso pareceria fraqueza. Talvez pagar-lhe na mesma moeda fosse a solução. Poderia conversar com alguém da maneira como ele falava com Lulu. Era provável que isso o fizesse ficar alerta e prestar atenção. Quem escolheria ela? O jovem bem-parecido do outro lado do corredor serviria muito bem. Era mais novo que Mark e mais encorpado. Devia fazer-lhe uns ciúmes de morte.

Aplicou um pequeno toque de perfume atrás das orelhas e entre os seios e saiu. Exagerou um pouco o balanço das ancas enquanto percorria o avião e deleitou-se com os olhares fixos e lascivos dos homens e com as miradas de admiração ou de inveja que as mulheres lhe deitavam. *Sou a mulher mais bonita do avião, e a Lulu Bell sabe*, pensou.

Ao chegar ao compartimento que ocupava, não tomou o seu lugar; virou para a esquerda e olhou pela janela por cima do ombro do jovem do fato às riscas. Ele esboçou-lhe um sorriso de boas-vindas.

Ela retribuiu e comentou: — Isto não é maravilhoso?

— É, não é? — retorquiu; mas ela reparou que deitava um olhar receoso ao homem sentado à sua frente, como se esperasse ser repreendido. Quase como se o outro fosse a sua escolta.

— Viajam os dois juntos?

O homem calvo respondeu secamente: — Pode-se dizer que somos sócios. — Depois pareceu lembrar-se das boas maneiras e estendeu-lhe a mão, apresentando-se: — Ollis Field.

— Diana Lovesey. — Apertou-lhe a mão, relutante. O homem tinha as unhas sujas. Então virou-se para o mais novo.

— Frank Gordon — proferiu ele.

Eram ambos americanos, mas as semelhanças terminavam aí. Frank Gordon vestia-se elegantemente, com um alfinete no colarinho e um lenço de seda no bolso do peito. Cheirava a água-de-colónia e usava um pouco de brilhantina no cabelo encaracolado. — Como se chama esta zona que estamos a sobrevoar agora? Ainda é Inglaterra? — quis saber.

Diana inclinou-se sobre ele e espreitou pela janela, deixando-o sentir o seu perfume. — Acho que deve ser o Devon — declarou, embora não soubesse de facto.

— Onde é que é? — perguntou o jovem.

Ela sentou-se a seu lado. — De Manchester — disse. Olhou de relance para Mark, viu-lhe a expressão de espanto no rosto e voltou-se de novo para Frank. — Fica no Noroeste de Inglaterra.

Em frente, Ollis Field acendeu um cigarro com um ar de reprovação. Diana cruzou as pernas.

Frank disse: — A minha família é de Itália.

O governo italiano era fascista. Espontaneamente, Diana perguntou: — Acha que a Itália vai entrar na guerra?

Frank abanou a cabeça. — O povo não quer a guerra.

— Acho que ninguém quer a guerra.

— Então por que razão é que as há?

Diana não sabia o que pensar dele. Era óbvio que tinha dinheiro, mas não parecia instruído. A maioria dos homens desejava avidamente explicar-lhe coisas, fazer alarde dos seus conhecimentos, quer ela quisesse ou não. Aquele não parecia ter essa vontade. Olhou para o companheiro e inquiriu: — E o senhor, o que pensa, Mr. Field?

— Sem opinião — resmungou ele.

Ela olhou de novo para Mark e ficou desapontada ao ver que estava, mais uma vez, embrenhado na conversa com Lulu e que se riam ambos como miúdos da escola. Sentiu-se desiludida. Que se passava com ele? Naquele momento, Mervyn já estaria pronto a esmurrar o nariz a Frank.

Virou o olhar para o jovem. Estava prestes a pedir-lhe que lhe falasse de si, mas percebeu de súbito que não conseguiria aguentar o tédio da resposta e calou-se. Nesse instante, Davy trazia-lhe o champanhe e um prato de tostas com caviar. Desalentada, aproveitou a oportunidade e regressou ao seu lugar.

Por algum tempo ficou a ouvir Mark e Lulu com ressentimento, mas depois deixou-se levar pelos pensamentos. Era disparatado arrelhar-se por causa de Lulu. Era consigo, Diana, que Mark estava comprometido. Apenas se comprazia em recordar velhos tempos. Não valia a pena preocupar-se com a ida para a América: a decisão fora tomada, os dados estavam lançados, Mervyn já tinha lido a sua mensagem. Era estúpido ter dúvidas por causa de uma loura oxigenada de quarenta e cinco anos como Lulu. Em breve ela dominaria os costumes americanos, as suas bebidas, os seus programas radiofónicos e as suas formas de estar. Em breve teria mais amigos que Mark: era assim que ela era, atraía as pessoas.

Começou a ansiar pela longa travessia do Atlântico. Quando tinha lido sobre o *Clipper* no *Manchester Guardian*, pensara que devia ser a viagem mais romântica do mundo. Da Irlanda até à Terra Nova eram quase duas mil milhas e demorava uma eternidade, qualquer coisa como dezassete horas. Dava tempo para jantar e ir para a cama e dormir toda a noite e levantar-se outra vez antes de o avião amarrar. A ideia de vestir a mesma roupa de dormir que usava com o marido parecia-lhe errada, mas não tivera tempo de fazer compras antes da viagem. Felizmente tinha um robe de seda *café au lait* lindo e um pijama cor de salmão novo. Não havia camas de casal a bordo, nem mesmo na suíte nupcial — Mark tinha confirmado —, mas o beliche dele seria por cima do seu. Era excitante e, ao mesmo tempo, assustador pensar em ir para a cama por cima do oceano e continuar

a voar, horas a fio, a centenas de milhas de terra. Os motores continuariam a trabalhar, quer ela dormisse ou não, mas ainda assim preocupava-a o facto de poderem falhar enquanto dormia.

Olhando de relance pela janela, viu que voavam por cima de água. Devia ser o mar da Irlanda. Dizia-se que os hidroaviões não podiam amarar em mar alto por causa da ondulação, mas a ela parecia-lhe que teriam mais hipóteses que os aviões terrestres.

Atravessaram algumas nuvens, e ela ficou sem ver nada. Passados uns minutos, o avião começou a estremecer. Os passageiros entreolharam-se e sorriram, nervosos, e o comissário deu uma volta, pedindo a todos que apertassem os cintos. Sem avistar terra, Diana sentiu-se inquieta. A princesa Lavinia apertava o braço do assento com toda a força, mas Mark e Lulu continuavam a conversar como se nada se passasse. Frank Gordon e Ollis Field pareciam calmos, mas ambos acenderam um cigarro, inspirando com força.

No momento em que Mark fazia a pergunta: «Que diabo é feito da Muriel Fairfield?», ouviu-se um ruído surdo, e o avião pareceu descer. Para Diana, foi como se o estômago lhe subisse à boca. Noutro compartimento, um passageiro gritou. No entanto, o avião endireitou-se, quase como se tivesse aterrado.

Lulu respondeu: — A Muriel casou-se com um milionário.

— A sério? — admirou-se Mark. — Mas ela era tão feia.

Diana exclamou: — Mark, estou com medo!

Ele voltou-se. — Foi só um poço de ar, querida. É normal.

— Mas parecia que íamos cair!

— Não vamos nada. Está sempre a acontecer.

Virou-se de novo para Lulu. Por um instante, Lulu ficou a olhar para ela, à espera de que dissesse algo, mas Diana desviou os olhos, furiosa com Mark.

Ele continuou: — Como é que a Muriel arranjou um milionário?

Lulu fez uma pausa. — Não sei, mas agora vivem em Hollywood, e ele financia filmes.

— Inacreditável!

Era mesmo inacreditável, pensou Diana. Quando se apanhasse sozinha com Mark, ia dizer-lhe das boas.

A sua falta de amabilidade assustou-a ainda mais. Ao cair da noite estariam sobre o oceano Atlântico, em vez de sobre o mar da Irlanda. Como é que ela se sentiria então? Imaginou o Atlântico como um enorme vazio monótono, frio e mortal, que se estendia por milhares de milhas. De acordo com o *Manchester Guardian*, a única coisa que se avistava eram icebergues. Se houvesse algumas ilhas para atenuar a paisagem, podia ser que Diana se sentisse menos nervosa. Era o completo vazio da imagem que era tão assustador: nada exceto o avião e a Lua e o mar revolto. De uma forma estranha, era como a sua ansiedade acerca da ida para a América: racionalmente sabia que não era perigoso, mas a paisagem era-lhe desconhecida e não existia um único ponto de referência que lhe fosse familiar.

Estava a ficar com os nervos à flor da pele. Tentou pensar noutras coisas. Ansiava pelo jantar de sete pratos, pois apreciava refeições longas e elegantes. Tregar para um beliche dar-lhe-ia um prazer infantil, como dormir numa tenda no jardim. E os estonteantes arranha-céus nova-iorquinos aguardavam-na do outro lado. Todavia, agora, o entusiasmo da viagem transformara-se em medo. Terminou o champanhe e pediu mais, mas não a acalmou. Queria a sensação de terra firme debaixo dos pés. Arrepiou-se, ao pensar em como a água devia estar gelada. Não havia nada que pudesse fazer para afastar o medo. Se estivesse só, teria escondido o rosto entre as mãos e fechado os olhos com força. Fixou um olhar maldoso em Mark e em Lulu, que conversavam animadamente, alheios ao seu tormento. Quase se sentiu tentada a fazer uma cena, a rebentar em lágrimas ou entrar em histerismo, mas engoliu em seco e manteve-se calma. Em breve o avião amararia em Foynes, e poderia sair e andar em terra firme.

Mas depois teria de regressar a bordo de novo para o longo voo transatlântico.

E essa era uma ideia que não conseguia suportar.

Mal posso passar uma hora assim, pensou. Como é que vou

aguentar a noite inteira? Vai dar cabo de mim.

Mas o que é que posso fazer?

Claro que ninguém ia obrigá-la a regressar ao avião em Foynes.

E se ninguém a forçava, achava que não ia conseguir.

Mas que faria eu?

Já sei.

Telefonava ao Mervyn.

Mal acreditava que o seu belo sonho podia terminar assim, mas sabia que era isso que ia acontecer.

Mark estava a ser devorado vivo à sua frente por uma mulher mais velha, de cabelo pintado e com demasiada maquilhagem, e ela ia telefonar a Mervyn e dizer-lhe: «Desculpa, foi um erro, quero voltar para casa.»

Sabia que ele lhe perdoaria. Sentir-se tão segura da reação dele deixava-a algo envergonhada. Ela magoara-o, mas, ainda assim, ele abraçá-la-ia e ficaria feliz com o seu regresso.

Mas não é isso que eu quero, disse para si, infelicíssima. Quero ir para a América e casar-me com o Mark e viver na Califórnia. Eu amo-o.

Não, era um sonho disparatado. Ela era Mrs. Lovesey, de Manchester, irmã de Thea e a tia Diana das gémeas, a rebelde muito pouco rebelde de Manchester. Nunca viveria numa casa com palmeiras no jardim e uma piscina. Era casada com um homem leal e rabugento, que se interessava mais pelo seu negócio do que por ela. A maioria das mulheres que conhecia encontrava-se exatamente na mesma situação, portanto devia ser o normal. Sentiam-se todas desiludidas, mas estavam melhor que as poucas que se tinham casado com perdulários ou bêbedos; portanto, tinham comiseração umas pelas outras, concordavam que poderia ser pior e gastavam o dinheiro ganho com esforço pelos maridos nos grandes armazéns e nos salões de beleza. Mas nunca iam para a Califórnia.

O avião mergulhou mais uma vez no vazio e depois endireitou-se como anteriormente. Diana teve de se concentrar muito para não vomitar. Todavia, por algum motivo, já não estava apavorada. Sabia o

que o futuro lhe guardava. Sentia-se segura.
Só lhe apetecia chorar.

CAPÍTULO DEZ

O engenheiro de voo Eddie Deakin pensava no *Clipper* como uma bola de sabão gigante, bela e frágil, que ele tinha de transportar cuidadosamente através do mar, enquanto, no interior, as pessoas se divertiam, sem se darem conta de como era fina a película que os separava da noite cortada pelo vento.

A viagem era mais perigosa do que eles imaginavam, pois a tecnologia do avião era nova e o céu noturno sobre o Atlântico território desconhecido, cheio de perigos inesperados. Apesar disso, Eddie sentia sempre com orgulho que a perícia do comandante, a tripulação dedicada e a segurança da engenharia americana os levariam para casa em segurança.

Naquela viagem, porém, sentia-se doente de medo.

Havia um Tom Luther na lista de passageiros. Eddie estivera sempre atento, olhando pelas janelas da cabina de pilotagem, enquanto os passageiros embarcavam, pensando qual deles seria responsável pelo rapto de Carol-Ann. Obviamente não podia adivinhar: era o grupo habitual, constituído por magnatas bem vestidos e bem alimentados, estrelas de cinema e aristocratas.

Durante um tempo, ao preparar-se para a descolagem, conseguira afastar os pensamentos que o torturavam e concentrar-se na tarefa que tinha entre mãos: verificar os instrumentos, aprontar os quatro enormes motores radiais, aquecê-los, ajustar a mistura de combustível e as persianas de refrigeração e controlar a velocidade dos motores. Todavia, depois de o avião alcançar a altitude de cruzeiro, ele tinha menos que fazer. Tinha de sincronizar as velocidades dos motores, regular a temperatura dos mesmos e ajustar a mistura de combustível; nessa altura, o seu trabalho consistia sobretudo em monitorizar os motores a fim de se certificar de que funcionavam normalmente. E o seu espírito começou de novo a divagar.

Tinha uma necessidade irracional de saber o que Carol-Ann trazia

vestido. Sentir-se-ia um pouco menos mal se a pudesse imaginar no seu casaco de carneira, abotoado e de cinto apertado, e de galochas, não porque pudesse ter frio — estava-se apenas em setembro —, mas sim para disfarçar a forma do seu corpo. Contudo, era mais provável que trouxesse o vestido sem mangas cor de alfazema de que ele gostava tanto e que exibia a sua figura exuberante. Durante as vinte e quatro horas seguintes, iria ficar fechada com um grupo de brutos, e a ideia do que poderia acontecer se eles comessem a beber era uma tortura.

Que diabo quereriam dele?

Esperava que o resto da tripulação não notasse o estado em que estava. Felizmente, concentravam-se todos nas suas próprias tarefas, e não se encontravam todos tão apertados como na maioria dos aviões. A cabina de pilotagem do *Boeing B-314* era muito grande, e o *cockpit* espaçoso constituía apenas uma parte. O comandante Baker e o copiloto Johnny Dott sentavam-se aos comandos, lado a lado, em lugares mais elevados. Existia um espaço entre ambos com um alçapão que dava acesso a um compartimento dianteiro, no focinho do avião. À noite, podiam correr-se cortinados pesados por trás dos pilotos para que a luz do resto da cabina não lhes afetasse a visão noturna.

Só essa secção era maior que a maioria, mas a restante cabina de pilotagem do *Clipper* era ainda mais generosa. A bombordo, à esquerda quando se está virado para a frente, o espaço era quase todo ocupado pela mesa de cartas, de sete pés de comprimento, junto da qual o navegador Jack Ashford se encontrava, curvado sobre os mapas. Um pouco atrás havia uma pequena mesa de conferências, à qual o comandante se podia sentar quando não estava a pilotar. Ao lado da mesa via-se uma escotilha oval que levava a um túnel baixo e estreito no interior da asa, uma característica especial do *Clipper*, por onde se tinha acesso aos motores durante o voo, de modo a Eddie poder executar a manutenção ou pequenas reparações, tais como reparar uma fuga de óleo, sem que o avião tivesse de aterrar.

A estibordo, do lado direito, logo atrás do assento do copiloto, encontrava-se a escada que levava aos compartimentos dos passageiros. Seguia-se o posto do operador de rádio, onde Ben Thompson se sentava, virado para a frente. Eddie sentava-se atrás de Ben, virado obliquamente para uma parede de mostradores e um quadro de alavancas. Um pouco à sua direita ficava a escotilha oval que levava ao túnel da asa de estibordo. Ao fundo da cabina, uma porta dava acesso ao porão de carga.

Tudo aquilo tinha vinte e um pés de comprimento por nove de largura, sempre com pé-direito. Atapetada, à prova de som, decorada com paredes forradas de um verde-pálido e assentos de pele castanha, era a cabina de pilotagem mais inacreditavelmente luxuosa jamais construída: quando Eddie a viu pela primeira vez, pensou que devia ser uma piada qualquer.

Naquele momento, porém, via apenas as costas curvadas e as expressões concentradas dos seus colegas e percebeu, aliviado, que eles não tinham reparado que o medo o deixara fora de si. Desesperado por compreender por que motivo aquele pesadelo lhe estava a acontecer, queria dar ao desconhecido Mr. Luther uma oportunidade precoce de se revelar. Depois de levantarem voo, procurou uma desculpa para passar pela cabina dos passageiros. Não conseguiu arranjar nenhuma e, assim, serviu-se de uma má. Levantou-se, murmurou para o navegador: — Vou só verificar os cabos de controlo do leme — E desceu rapidamente a escada. Se alguém lhe perguntasse porque metera na cabeça realizar aquela verificação naquele momento, diria apenas «Um palpite».

Avançou devagar pela cabina dos passageiros. Nicky e Davy serviam *cocktails* e entradas. Os passageiros descontraíam-se e conversavam em várias línguas. No salão principal havia já um jogo de cartas a decorrer. Eddie viu alguns rostos famosos, mas estava demasiado perturbado para perceber quem eram as pessoas famosas. Cruzou o olhar com vários passageiros, na esperança de que um deles revelasse ser Tom Luther, mas ninguém falou com ele.

Chegou ao fundo do avião e subiu uma escada montada na

parede, ao lado da porta da casa de banho das senhoras, que levava a uma escotilha no teto que, por sua vez, dava acesso a um espaço vazio na cauda do avião. Podia ter chegado ali, permanecendo na cabina superior e atravessando o porão das bagagens.

Verificou superficialmente os cabos, fechou a escotilha e desceu a escada. Encontrava-se ali um rapaz de catorze ou quinze anos a observá-lo cheio de curiosidade. Eddie fez um esforço para sorrir. Encorajado, o rapaz perguntou: — Posso ver a cabina de pilotagem?

— Claro que sim — respondeu Eddie automaticamente. Naquele momento, não queria que o incomodassem, mas, naquele avião em especial, a tripulação tinha de se mostrar agradável para com os passageiros e, de qualquer modo, aquela distração talvez lhe afastasse momentaneamente o pensamento de Carol-Ann.

— Ótimo, obrigado!

— Some-te para o teu lugar um bocadinho, e eu já vou chamar-te.

Uma expressão confusa passou pelo rosto do rapaz, mas depois assentiu e afastou-se. «Sumir-se» era uma expressão da Nova - Inglaterra, lembrou-se então Eddie. Não era familiar para os novaiorquinos, quanto mais para os europeus.

No regresso, caminhou ainda mais devagar ao longo da coxia, à espera de que alguém o abordasse, mas ninguém o fez, e teve de partir do princípio de que o homem esperaria por uma oportunidade mais discreta. Podia ter perguntado aos comissários qual o lugar de Mr. Luther, mas seria natural que eles se interrogassem porquê e sentiu-se relutante em atrair a curiosidade deles.

O rapaz estava no 2.º compartimento, perto da frente, com a família. Eddie disse-lhe: — OK, miúdo, vamos lá —, sorrindo para os pais. Estes assentiram friamente. Uma rapariga com cabelo ruivo comprido, talvez a irmã do rapaz, lançou-lhe um sorriso grato, e o coração dele fraquejou: quando sorria era linda.

— Como te chamas? — perguntou ao rapaz, enquanto subiam a escada em caracol.

— Percy Oxenford.

— Eu sou Eddie Deakin, o engenheiro de voo.

Chegaram ao topo das escadas. — A maior parte das cabinas de pilotagem não são tão agradáveis como esta — explicou Eddie, tentando mostrar-se alegre.

— Como é que costumam ser?

— Despidas, frias e barulhentas. E têm saliências aguçadas que nos espetam sempre que nos viramos.

— O que faz um engenheiro?

— Tomo conta dos motores. Mantenho-os a funcionar bem até à América.

— Para que servem todos aqueles mostradores e alavancas?

— Vejamos... Estas alavancas aqui controlam a velocidade do hélice, a temperatura do motor e a mistura do combustível. Há um conjunto completo para cada um dos quatro motores. — Percebeu que era tudo um pouco vago, mas o rapaz era muito inteligente. Esforçou-se por dar mais informações. — Olha, senta-te no meu lugar. — Percy assim fez, entusiasmado. — Olha para este mostrador. Mostra que a temperatura do motor número dois, na cabeça, é de duzentos e cinco graus centígrados. É um pouco próximo demais do máximo permitido, que é duzentos e trinta e dois graus em velocidade de cruzeiro. Portanto, vamos arrefecê-lo.

— Como é que faz isso?

— Segura na alavanca e puxa-a para baixo só um pouco... chega. Agora abriste a capota de refrigeração uma polegada para deixar entrar mais ar frio e daqui a momentos vais ver que a temperatura baixa. Estudaste muita física?

— Eu ando numa escola antiquada — disse Percy. — Estudamos muito latim e grego, mas eles não gostam lá muito de ciência.

A Eddie parecia-lhe que o latim e o grego não iam ajudar a Grã-Bretanha a ganhar a guerra, mas guardou para si aquela opinião.

Percy perguntou: — E o que fazem os outros?

— Bom, a pessoa mais importante é o navegador, o Jack Ashford, ali junto à mesa de cartas. — Jack, um homem de cabelo escuro, barba densa e feições regulares, ergueu o olhar e fez um sorriso simpático. Eddie prosseguiu: — Tem de saber onde estamos, o que

pode ser difícil no meio do Atlântico. Tem uma cúpula de observação, entre os porões de carga, e faz medições das estrelas com um sextante.

— Na verdade, é um octante de bolha — corrigiu Jack.

— O que é isso?

Jack mostrou o instrumento a Percy. — A bolha serve para nos dizer quando o octante está na horizontal. Identificamos uma estrela, depois observamo-la através deste espelho aqui e procuramo-la no livro de cartas. Isso dá-nos a nossa posição na superfície da Terra.

— Parece fácil — disse Percy.

— Em teoria, é — riu-se Jack. — Um dos problemas nesta rota é que podemos voar por entre nuvens durante toda a viagem e não vejo nem sequer uma estrela.

— Mas com certeza que, se souber onde começou e seguir sempre nessa direção, não se pode enganar.

— A isso chama-se navegação estimada. Mas podemos enganar-nos, porque o vento nos empurra para o lado.

— Não pode adivinhar quanto?

— Podemos fazer melhor do que adivinhar. Há um pequeno alçapão na asa, e eu deixo cair na água um foguete de sinalização e observo-o cuidadosamente enquanto nos afastamos. Se se mantiver alinhado com a cauda do avião, não estamos a desviar-nos, mas se parece que se move para um ou para o outro lado, isso mostra-me a deriva.

— Parece um bocado improvisado.

Jack voltou a rir-se. — E é. Se não tiver sorte e não conseguir ver as estrelas durante toda a travessia e se fizer uma estimativa errada da nossa deriva, podemos dar por nós a cem milhas ou mais desviados da rota.

— E depois o que é que acontece?

— Ficamos a saber assim que estivermos ao alcance de um farol ou de uma estação de rádio e então corrigimos a nossa rota.

Eddie observava o rapaz à medida que a curiosidade e a compreensão se espelhavam no rosto juvenil e inteligente. *Um dia,*

pensou, *vou explicar as coisas ao meu próprio filho*. Aquilo fê-lo pensar em Carol-Ann, e a lembrança doeu-lhe como um aperto no coração. Se, ao menos, o anónimo Mr. Luther se apresentasse, Eddie sentir-se-ia melhor. Quando soubesse o que queriam dele, poderia, pelo menos, perceber o motivo de aquela coisa horrível estar a acontecer.

— Posso olhar para dentro da asa? — perguntou Percy.

— Claro. — Eddie abriu a escotilha da asa de estibordo. O ronco dos enormes motores soou de imediato mais forte e sentiu-se o cheiro a óleo quente. Dentro da asa havia uma passagem baixa da largura de uma tábua, uma conduta onde era necessário quase rastejar. Por trás dos dois motores ficava um posto de mecânica com espaço para um homem se endireitar à justa. Os decoradores de interiores da Pan American não tinham tido acesso àquela área, um mundo utilitário de escoras e rebites, cabos e canos. — Na maior parte das cabinas de pilotagem é assim — gritou Eddie.

— Posso entrar?

Eddie abanou a cabeça e fechou a porta. — Lamento, os passageiros não podem passar deste ponto.

— Mostro-te a minha cúpula de observação — ofereceu-se Jack. Levou Percy pela porta ao fundo da cabina, e Eddie verificou os mostradores que ignorara nos últimos minutos. Estava tudo bem.

O operador de rádio entoou as condições em Foynes: — Vento de oeste, vinte e dois nós, mar encrespado.

Passado um momento, no painel de Eddie apagou-se a luz sobre a palavra «Cruzeiro» e acendeu-se por cima de «Amaragem». Verificou os mostradores da temperatura e informou: — Motores OK para amaragem. — Era um procedimento necessário porque os motores de alta compressão podiam danificar-se com uma redução da velocidade demasiado abrupta.

Eddie abriu a porta para a retaguarda do avião. Havia uma passagem estreita com porões de bagagem de ambos os lados e uma cúpula por cima, à qual se chegava por uma escada. Percy encontrava-se de pé na escada a olhar pelo octante. Para lá dos

porões ficava um espaço que fora destinado a camas para a tripulação, mas que nunca fora mobilado: a tripulação fora de serviço usava o 1.º compartimento. Ao fundo daquela área havia uma escotilha que levava ao espaço da cauda, onde corriam os cabos de controlo. Eddie bradou: — Amaragem, Jack.

— São horas de voltares ao teu lugar, meu jovem — disse Jack.

Eddie tinha a sensação de que Percy era demasiado bom para ser verdade. Embora o rapaz fizesse o que lhe mandavam, o seu olhar tinha um brilho travesso. Contudo, de momento estava a portar-se muito bem e seguiu obedientemente para a escada, descendo para a cabina dos passageiros.

O som dos motores mudou, e o avião começou a perder altitude. A tripulação adotou automaticamente a rotina de amaragem com uma coordenação tranquila. Eddie desejava poder dizer aos outros o que lhe estava a acontecer, pois sentia uma solidão desesperada. Aqueles homens eram seus colegas e seus amigos, confiavam uns nos outros. Tinham sobrevoado o Atlântico juntos, e ele queria explicar-lhes o aperto em que se encontrava, mas era demasiado arriscado.

Ficou um momento a olhar pela janela. Avistou uma pequena cidade que calculou ser Limerick. Nos arrabaldes, na margem norte do estuário do Shannon, estava a ser construído um novo aeroporto para aviões terrestres e hidroaviões. Até estar terminado, os hidroaviões desciam no lado sul do estuário, a sotavento de uma pequena ilha perto da aldeia de Foynes.

A rota era de noroeste, portanto o comandante Baker tinha de virar o avião quarenta e cinco graus para amarrar contra o vento de oeste. Uma lancha da aldeia estaria a patrulhar a zona de amaragem em busca de destroços flutuantes que pudessem danificar o avião. O barco de reabastecimento deveria estar a postos, carregado com bidões de duzentos e vinte e cinco litros, e haveria uma multidão de espectadores na costa que vinha ver o milagre de um navio que podia voar.

Ben Thompson falava ao microfone do rádio. A qualquer distância

maior que umas quantas milhas tinha de usar código Morse, mas naquele momento estava suficientemente perto para rádio-voz. Eddie não percebia as palavras mas, pelo tom de voz calmo e descontraído, via que estava tudo bem.

Perderam altitude regularmente. Eddie observava os mostradores com toda a atenção, fazendo ajustamentos ocasionais. Uma das suas tarefas mais importantes era a sincronização das velocidades dos motores, algo que se tornava mais exigente sempre que o piloto fazia alterações frequentes nas válvulas.

Amarar em águas calmas podia ser quase impercetível. Em condições ideais, o casco do *Clipper* entrava na água como uma colher numa taça de natas. Concentrado no painel de instrumentos, era frequente Eddie só se aperceber de que o avião já amarara alguns segundos depois de o aparelho ter tocado na água. Contudo, naquele dia o mar estava encrespado, o que era o pior que podia acontecer nos locais onde o *Clipper* amarava naquela rota.

O ponto mais baixo do casco, a que se chamava «degrau», tocava na água primeiro e ouviam-se leves baques à medida que golpeava a crista das ondas. Isso durava apenas um ou dois segundos; em seguida, a enorme aeronave baixava lentamente mais um pouco e furava a superfície das águas. Eddie achava que era muito mais suave do que aterrar numa pista, onde se notava sempre uma pancada seca, por vezes várias. Às janelas da cabina de pilotagem, no deque superior, chegava muito pouca espuma. O piloto reduziu a fundo, e o avião abrandou de imediato. Transformara-se de novo num barco.

Eddie voltou a olhar pela janela enquanto rolavam até ao embarcadouro. De um lado ficava a ilha, baixa e sem vegetação. Viu uma casinha branca e algumas ovelhas. Do outro ficava a Irlanda. Avistou um cais de cimento bastante grande, com um barco de pesca amarrado de lado, vários tanques grandes de combustível e um aglomerado de casas acinzentadas. Era Foynes.

Ao invés de Southampton, a aldeia não possuía um cais construído especificamente para hidroaviões; assim, o *Clipper* seria fundeado no

estuário e as pessoas transportadas para terra numa lancha. Fundear era da responsabilidade do engenheiro.

Eddie dirigiu-se à dianteira, ajoelhou-se entre os assentos dos pilotos e abriu a escotilha que levava ao compartimento da proa. Desceu a escada para o compartimento vazio. Avançando para o focinho do avião, abriu outra escotilha e pôs a cabeça de fora. O ar era fresco e salgado, e ele inspirou fundo.

Aproximou-se uma lancha, e um dos tripulantes acenou-lhe. O homem segurava um cabo atado a uma boia. Atirou o cabo para a água.

Havia um cabrestante desdobrável no focinho do hidroavião. Eddie ergueu-o e trancou-o; depois tirou um croque do interior e usou-o para apanhar o cabo que flutuava na água. Atou o cabo ao cabrestante, e a aeronave ficou fundeada. Erguendo o olhar para o para-brisas atrás de si, fez o sinal de OK ao comandante Baker.

Uma outra lancha aproximava-se já para retirar os passageiros e a tripulação do avião.

Eddie fechou a escotilha e regressou à cabina de pilotagem. O comandante Baker e Ben, o operador de rádio, encontravam-se ainda nos seus postos, mas o copiloto Johnny inclinava-se sobre a mesa de cartas e conversava com Jack. Eddie sentou-se no seu posto e desligou os motores. Quando tudo estava em ordem, vestiu o casaco preto do uniforme e pôs o chapéu branco. A tripulação desceu as escadas, passou pelo 2.º compartimento dos passageiros, entrou no salão e saiu para a asa de flutuação. Daí entraram na lancha. O adjunto de Eddie, Mickey Finn, ficou para trás para supervisionar o reabastecimento.

O sol brilhava mas havia uma brisa fresca e salgada. Eddie observou os passageiros da lancha, perguntando-se mais uma vez qual seria Luther. Reconheceu o rosto de uma mulher e apercebeu-se com um leve choque de que a vira a fazer amor com um conde francês num filme chamado *A Spy in Paris*. Tratava-se da estrela de cinema Lulu Bell. Conversava animadamente com um tipo de *blazer*. Seria Tom Luther? Acompanhava-os uma mulher linda num vestido

às bolas que parecia muito infeliz. Havia vários outros rostos familiares, mas a maioria dos passageiros era constituída por homens anônimos de fato e chapéu e mulheres ricas com casacos de pele.

Se Luther não avançasse em breve, Eddie decidiu que iria procurá-lo, e a discrição que fosse para o diabo. Não aguentava mais aquela espera.

A lancha afastou-se ruidosamente do *Clipper* na direção de terra. Eddie olhou através da água, pensando na mulher. Não parava de imaginar a cena quando os homens irromperam pela casa. Carol-Ann podia ter estado a comer ovos ou a fazer café ou a vestir-se para ir trabalhar. E se estava na banheira? Eddie adorava olhar para ela a tomar banho. Prendia o cabelo ao alto, revelando o pescoço comprido, e ficava dentro de água, lânguida, a passar a esponja pelas pernas bronzeadas. Gostava que ele se sentasse na borda e conversasse com ela. Até a conhecer, Eddie pensava que aquele tipo de coisas só acontecia em fantasias eróticas, mas agora a imagem estava manchada por três homens rudes de chapéu borsalino que entravam de rompante e a agarravam...

A ideia do medo e do choque que ela devia ter sentido quando a agarraram enlouquecia-o de uma forma quase insuportável. Sentiu a cabeça a girar e teve de se concentrar para se manter de pé na lancha. Era a sua impotência absoluta que tornava aquele apuro tão doloroso. A mulher vivia uma situação desesperada e não havia nada que ele pudesse fazer, absolutamente nada. Apercebeu-se de que abria e cerrava os punhos sem cessar e obrigou-se a parar.

A lancha chegou a terra e foi amarrada a um pontão flutuante, ligado por uma prancha de embarque à doca. A tripulação ajudou os passageiros a desembarcar e seguiu-os. Indicaram-lhes que se deviam dirigir ao barracão da alfândega.

As formalidades foram breves e os passageiros foram passeando pela aldeia. Do outro lado do porto existia uma antiga pousada que fora quase totalmente ocupada pelo pessoal da companhia aérea. A tripulação dirigiu-se para lá.

Eddie foi o último a despachar-se e, ao sair da alfândega, foi

abordado por um passageiro que perguntou: — Você é que é o engenheiro?

Eddie ficou tenso. O passageiro era um homem com cerca de trinta e cinco anos, mais baixo que ele mas robusto e musculado. Usava um fato cinzento-pálido, uma gravata com alfinete e um chapéu de feltro cinzento. Respondeu: — Sim, sou o Eddie Deakin.

— Chamo-me Tom Luther.

Uma névoa vermelha manchou a visão de Eddie e a sua raiva ferveu num instante. Agarrou Luther pelas lapelas, fê-lo dar meia-volta e atirou com ele contra a parede do barracão. — O que é que fizeste à Carol-Ann? — cuspiu. Luther foi apanhado totalmente de surpresa; contara com uma vítima assustada e complacente. Eddie abanou-o até os dentes lhe chocalharem. — Seu filho da puta, onde está a minha mulher?

Luther recuperou depressa do choque e a expressão espantada abandonou-lhe o rosto. Soltou-se de Eddie com um movimento rápido e forte e deu-lhe um murro. Eddie esquivou-se e socou-o duas vezes no estômago. Luther expeliu ar como um balão e dobrou-se em dois. Era forte mas não estava em forma. Eddie agarrou-o pela garganta e começou a apertá-la.

Luther fitava-o, o olhar aterrorizado.

Passado um momento, Eddie percebeu que o estava a matar.

Abrandou a força e largou-o completamente. Luther deixou-se cair contra a parede, arfando e levando a mão ao pescoço magoado.

O funcionário irlandês da alfândega espreitou para fora do barracão. Devia ter ouvido o baque quando Eddie atirara Luther contra a parede. — Que aconteceu aqui?

Luther endireitou-se com esforço. — Tropecei, mas estou bem — conseguiu dizer.

O funcionário curvou-se e apanhou o chapéu de Luther. Lançou-lhe um olhar curioso ao entregar-lho, mas nada mais disse e voltou para dentro.

Eddie olhou em redor. Mais ninguém testemunhara a luta. Os passageiros e a tripulação tinham desaparecido pelo outro lado da

pequena estação de comboios.

Luther pôs o chapéu. Numa voz rouca, declarou: — Se causares sarilhos, somos ambos mortos, para além da tua mulher, seu imbecil.

A referência a Carol-Ann voltou a enfurecer Eddie e levou o punho atrás para atingir Luther, mas este ergueu uma mão num gesto protetor e disse: — Acalma-te, está bem? Não é assim que a vais recuperar. Não percebes que precisas de mim?

Eddie compreendia isso perfeitamente, mas perdera simplesmente a razão por momentos. Deu um passo atrás e estudou o homem. Luther falava com correção e estava bem vestido. Tinha um bigode louro hirsuto e olhos pálidos cheios de ódio. Eddie não lamentava ter-lhe batido. Precisara de bater em qualquer coisa, e Luther parecera-lhe o alvo apropriado. Perguntou: — O que é que queres de mim, seu monte de merda?

Luther enfiou a mão no casaco. Passou pela cabeça de Eddie que ele podia guardar ali uma arma, mas Luther tirou um postal e entregou-lho.

Eddie olhou para ele. Era uma imagem de Bangor, no Maine. — Que diabo significa isto?

— Vira-o — disse Luther.

No outro lado estava escrito: «44.70N, 67.00W.»

— O que são estes números? Coordenadas de mapas? — perguntou.

— Sim. É onde tens de fazer amarar o avião.

Eddie ficou a olhar para ele. — Fazer amarar o avião? — repetiu estupidamente.

— Sim.

— É isso que querem de mim? É disso que se trata?

— Faz amarar o avião exatamente aí.

— Mas porquê?

— Porque queres a tua linda mulherzinha de volta.

— Onde é esta localização?

— Ao largo da costa do Maine.

As pessoas partiam do princípio de que um hidroavião podia

pousar na água em qualquer sítio, mas na verdade precisava de águas muito calmas. Por segurança, a Pan American não permitia a amaragem com ondas com mais de um metro. Se o avião amarasse num mar revolto podia partir-se. Eddie respondeu: — Não se pode fazer amarar um hidroavião no mar alto.

— Nós sabemos isso. Este lugar é resguardado.

— Isso não quer dizer...

— Vai verificar. Ali podes amarar, eu certifiquei-me.

Parecia tão confiante que Eddie acreditou que o homem tinha mesmo verificado. Havia, porém, outros obstáculos. — Como é que eu vou fazer para amarar o avião? Não sou o comandante.

— Analisei isto muito cuidadosamente. Em teoria, o comandante pode fazer amarar o avião, mas que desculpa arranjaria? Tu és o engenheiro, podes fazer com que algo corra mal.

— Queres que faça cair o avião?

— É melhor não, eu vou estar a bordo. Trata de arranjar uma avaria para que o comandante seja forçado a fazer uma amaragem não planeada. — Tocou no postal com um dedo bem tratado. — Exatamente ali.

O engenheiro *podia* criar um problema que obrigasse o avião a amarar, disso não havia dúvida. Contudo, uma emergência era difícil de controlar, e, para já, Eddie não via como causar uma amaragem imprevista num local tão exato. — Não é assim tão fácil...

— Bem sei que não é fácil, Deakin, mas sei que pode ser feito. Verifiquei.

Com quem teria feito isso? Quem era ele? — Quem diabo és tu?

— Não perguntes.

Eddie começara por ameaçar aquele homem, mas a situação invertera-se e agora sentia-se intimidado. Luther fazia parte de um grupo impiedoso que planeava aquilo cuidadosamente. E tinham escolhido Eddie como instrumento. Haviãr raptado Carol-Ann e tinham-no nas mãos.

Guardou o postal no bolso do casaco do uniforme e virou-se.

— Portanto, vais fazê-lo? — perguntou Luther, ansioso.

Eddie voltou-se para trás e lançou-lhe um olhar frio. Aguentou o olhar do outro por um longo momento e depois afastou-se sem falar.

Estava a fazer-se de duro, mas na verdade sentia-se derrotado. Por que motivo estavam a fazer aquilo? A certa altura, especulava que os alemães queriam roubar o *Boeing B-314* para o copiar, mas essa teoria rebuscada estava agora completamente posta de parte, pois os alemães haveriam de querer roubar o avião na Europa, não no Maine.

O facto de serem tão exatos quanto à localização em que queriam que o *Clipper* amarasse era uma pista. Dava a entender que lá estaria um barco à espera. Mas para quê? Queria Luther fazer entrar nos Estados Unidos alguma coisa ou alguém clandestinamente? Uma mala cheia de ópio, uma bazuca, um agitador comunista ou um espião nazi? A pessoa ou a coisa teria de ser terrivelmente importante para valer todo aquele esforço.

Pelo menos, sabia porque o haviam escolhido. Se se quisesse forçar o *Clipper* a amarar, o engenheiro era o homem-chave. O navegador não o podia fazer, nem o operador de rádio, e um piloto precisaria da cooperação do copiloto. Um engenheiro, porém, podia por si só fazer parar os motores.

Luther devia ter conseguido da Pan American uma lista dos engenheiros do *Clipper*. Não devia ter sido difícil: alguém podia ter entrado nos escritórios uma noite ou limitar-se a subornar uma secretária. Porquê Eddie? Por alguma razão, Luther decidira que aquele voo é que era e conseguira obter a escala de serviço. Depois perguntara a si próprio como fazer para obter a cooperação de Eddie Deakin e descobrira a resposta: raptar-lhe a mulher.

Ajudar aqueles gângsteres iria despedaçar-lhe o coração. Odiava vigaristas. Demasiado gananciosos para viverem como as pessoas normais e demasiado preguiçosos para ganharem o seu sustento, enganavam e roubavam os cidadãos trabalhadores, vivendo na maior. Enquanto os outros se esfalfavam a lavrar e a colher, ou trabalhavam dezoito horas por dia para montar um negócio, ou escavavam carvão debaixo do chão, ou suavam todo o dia numa

metalurgia, os gângsteres pavoneavam-se bem vestidos e em grandes carros e não faziam mais nada a não ser perseguir pessoas, bater-lhes e assustá-las de morte. A cadeira elétrica era demasiado boa para eles.

O seu pai pensara da mesma forma. Lembrou-se do que ele lhe dissera sobre os rufias da escola: «Sim, esses tipos são maus, mas não são espertos.» Tom Luther era mau, mas seria esperto? «É duro lutar contra esses tipos, mas não é assim tão difícil enganá-los», dissera-lhe o pai. Contudo, não devia ser fácil enganar Tom Luther. Ele organizara um plano complexo e até então parecia estar a funcionar na perfeição.

Eddie teria dado quase tudo por uma oportunidade de enganar Tom Luther, mas ele tinha a sua mulher. Tudo o que fizesse para burlar o esquema de Luther podia levá-los a magoá-la. Não podia lutar contra eles nem os podia enganar: só tinha de tentar fazer o que eles queriam. A ferver de frustração, deixou o porto e atravessou a estrada que percorria a aldeia de Foynes.

O terminal aéreo era uma antiga pousada com um pátio central. Desde que a aldeia se tornara um importante aeroporto para - hidroaviões, o edifício fora quase todo ocupado pela Pan American, embora ainda existisse um bar, chamado o *pub* de Mrs. Walsh, numa pequena sala com uma porta para a rua. Eddie subiu as escadas para a Sala de Operações, onde o comandante Marvin Baker e o primeiro-oficial Johnny Dott conferenciavam com o chefe de estação da Pan American. Ali, entre as chávenas de café, os cinzeiros e as pilhas de mensagens de rádio e relatórios meteorológicos, tomariam a decisão final sobre se fariam a longa travessia transatlântica.

O fator crucial era a força do vento. A viagem para oeste era uma batalha constante contra o vento predominante. Os pilotos mudavam de altitude constantemente, em busca das condições mais favoráveis, um jogo conhecido por «à caça do vento». Os ventos mais leves encontravam-se geralmente a altitudes inferiores, mas, abaixo de um certo ponto, o avião correria o risco de colidir com um navio ou, mais provavelmente, um icebergue. Ventos fortes exigiam mais

combustível e por vezes os ventos previstos eram tão fortes que o *Clipper* não podia armazenar combustível suficiente para as duas mil milhas até à Terra Nova. Então, o voo teria de ser adiado e os passageiros levados para um hotel a fim de se esperar pela melhoria do tempo.

Se, porém, isso acontecesse naquele dia, que sucederia a Carol-Ann?

Eddie deitou um olhar rápido aos boletins meteorológicos. Os ventos eram fortes, e havia uma tempestade a meio do Atlântico. Sabia que o avião ia cheio. Por isso, teria de haver um cálculo cuidadoso antes de o voo receber permissão de prosseguir. Essa ideia aumentava-lhe a ansiedade: não aguentava estar retido na Irlanda com Carol-Ann nas mãos daqueles sacanas do outro lado do oceano. Dar-lhe-iam de comer? Teria um sítio onde se pudesse deitar? Estaria bem agasalhada no sítio em que a mantinham presa?

Foi até à carta do Atlântico na parede e procurou a referência que Luther lhe dera. O local fora bem escolhido. Ficava perto da fronteira canadiana, uma ou duas milhas ao largo, num canal entre a costa e uma ilha grande, na baía de Fundy. Alguém que soubesse um pouco de hidroaviões considerá-lo-ia ideal para amarar. Não era ideal — os portos utilizados pelo *Clipper* eram ainda mais abrigados —, mas seria mais calmo que o mar alto e era provável que o *Clipper* conseguisse amarar ali sem grande risco. Eddie ficou um pouco aliviado: pelo menos talvez aquela parte do esquema funcionasse. Apercebeu-se de que o seu papel no êxito do plano de Luther era importante, o que lhe deixou um sabor amargo na boca.

Continuava preocupado com a forma de fazer amarar o avião. Podia fingir problemas nos motores, mas o *Clipper* conseguia voar com três motores e havia um engenheiro-adjunto, Mickey Finn, que não conseguiria enganar durante muito tempo. Puxou pela cabeça, mas não encontrou solução.

Conspirar contra o comandante Baker e os outros fê-lo sentir-se o verme mais desprezível. Estava a trair pessoas que confiavam nele, mas não tinha alternativa.

Então ocorreu-lhe um risco ainda maior. Tom Luther podia não cumprir a sua promessa. Porque haveria de o fazer? Era um vigarista! Eddie poderia fazer amarrar o avião e continuar sem recuperar a mulher.

Jack, o navegador, entrou com mais boletins meteorológicos e lançou a Eddie um olhar estranho. Percebeu então que ninguém falara com ele desde que ali entrara. Parecia que andavam em volta dele em bicos de pés. Teriam notado como andava preocupado? Tinha de fazer um esforço para se comportar normalmente. — Tenta não te perderes nesta viagem, Jack — disse ele, repetindo uma velha piada. Não era grande ator e, vinda da sua boca, a piada pareceu-lhe forçada, mas eles riram-se e a atmosfera desanuviou-se.

O comandante olhou para os boletins mais recentes e comentou: — Esta tempestade está a piorar.

Jack assentiu. — Vai ser aquilo a que o Eddie chamaria uma procela.

Gozavam sempre com ele por causa do dialeto da Nova Inglaterra. Conseguiu sorrir e dizer: — Ou talvez uma borrasca.

Baker declarou: — Vou contorná-la.

Juntos, Baker e Johnny Dott elaboraram um plano de voo para - Botwood, na Terra Nova, circundando a berma da tempestade e evitando o pior dos ventos frontais. Quando acabaram, Eddie sentou-se com os boletins meteorológicos e começou a fazer os seus cálculos.

Para cada etapa da viagem tinha previsões da direção e da força do vento até mil, quatro mil, oito mil e doze mil pés. Sabendo a velocidade de cruzeiro do avião e a força do vento, podia calcular a velocidade a nível do solo, o que lhe dava o tempo de voo para cada etapa à altitude mais favorável. Depois, usaria tabelas impressas para calcular o consumo de combustível durante esse tempo, tendo em conta a carga útil atual do *Clipper*. Iria calcular a necessidade de combustível secção a secção, num gráfico a que a tripulação chamava a Curva de Howgozit, determinar o total e acrescentar uma margem de segurança.

Ao completar os cálculos, viu, consternado, que o combustível necessário para os levar até à Terra Nova era mais do que o que o *Clipper* podia transportar.

Por um momento, nada fez.

O déficit era muitíssimo pequeno: apenas uns quantos quilos de carga a mais, uns quantos litros de combustível a menos. E Carol-Ann estava algures à espera, aterrorizada.

Teria de dizer agora ao comandante Baker que a descolagem teria de ser adiada até o tempo melhorar, a não ser que quisesse atravessar o centro da tempestade.

Mas a discrepância era tão pequena.

Seria capaz de mentir?

De qualquer modo, havia uma margem de segurança. Se as coisas corressem mal, o avião podia atravessar a tempestade em vez de a rodear.

Odiava a ideia de enganar o comandante. Sempre tivera consciência de que as vidas dos passageiros dependiam dele e tinha orgulho na sua exatidão meticulosa.

Por outro lado, a sua decisão não era irrevocável. Durante a viagem, tinha de comparar hora a hora o consumo de combustível real com a projeção da Curva de Howgozit. Se queimassem mais do que o estimado, teriam simplesmente de voltar para trás.

Podia ser descoberto, o que significaria o fim da sua carreira, mas que importância tinha isso quando as vidas da mulher e do filho ainda por nascer corriam perigo?

Refez os cálculos, mas desta vez, ao verificar as tabelas, cometeu dois erros deliberados, calculando o consumo de combustível pela carga mais baixa na coluna de dados seguinte. Agora o resultado ficava dentro da margem de segurança.

Mesmo assim, hesitou. Não lhe era fácil mentir, mesmo naquele apuro terrível.

O comandante Baker mostrou-se por fim impaciente e olhou por cima do ombro de Eddie, dizendo com rispidez: — Despacha-te, Eddie. Vamos ou ficamos?

Eddie mostrou-lhe o resultado falsificado no seu bloco e manteve o olhar baixo, não querendo olhar o comandante de frente. Clareou a garganta, nervoso, e fez os possíveis para falar numa voz firme e confiante.

— É à justa, comandante... mas vamos.

PARTE TRÊS

De Foynes a meio do Atlântico

CAPÍTULO ONZE

Foi com patética gratidão que Diana Lovesey pisou a doca em Foynes e sentiu o solo firme debaixo dos pés.

Estava triste, mas calma. Havia tomado uma decisão: não regressaria ao *Clipper*, não voaria para a América e não se iria casar com Mark Alder.

Tremeram-lhe os joelhos e, por instantes, teve receio de cair, mas a sensação passou e encaminhou-se para o barracão da alfândega.

Deu o braço a Mark. Dir-lhe-ia assim que estivessem a sós. Ia ficar arrasado, ocorreu-lhe com uma pontada de pesar: ele amava-a muito. Porém, agora era demasiado tarde para pensar nisso.

A maioria dos passageiros havia desembarcado, com exceção do par estranho sentado perto de Diana, o atraente Frank Gordon e o calvo Ollis Field, que tinham ficado no avião. Lulu Bell ainda continuava a tagarelar com Mark. Diana ignorou-a. A atriz deixara de a irritar. Era uma mulher metediza e prepotente, mas permitira-lhe aperceber-se da sua verdadeira situação.

Passaram pela alfândega e deixaram o cais. Encontravam-se na extremidade oeste de uma aldeia de uma única rua. Uma manada de vacas estava a ser conduzida ao longo do caminho, e tiveram de aguardar até que passasse.

Diana ouviu a princesa Lavinia exclamar: — Por que motivo é que me trouxeram a esta *quinta*?

Davy, o pequeno comissário, retorquiu em tom apaziguador: — Eu levo-a até ao edifício do terminal, Vossa Alteza. — Apontou para um edifício grande que ficava do outro lado da rua e se assemelhava a uma estalagem antiga com hera a trepar pelas paredes. — Tem um bar muito confortável, o *pub* de Mrs. Walsh, onde servem um excelente uísque irlandês.

Depois de as vacas se afastarem, vários passageiros seguiram Davy até ao *pub*. Diana sugeriu a Mark: — Vamos dar um passeio pela aldeia. — Queria ficar a sós com ele o mais rapidamente

possível. Ele sorriu e concordou. Todavia, alguns dos outros passageiros, entre os quais Lulu, tiveram a mesma ideia, e foi uma pequena multidão que percorreu lentamente a rua principal de Foynes.

Havia uma estação de comboios, um posto dos correios e uma igreja, seguidos de duas filas de casas de pedra cinzenta com telhados de ardósia, algumas delas com lojas. Viam-se diversas carroças puxadas por póneis estacionadas ao longo da rua, mas apenas uma camioneta. Os aldeões, com roupas de *tweed* feitas em casa, miravam os visitantes vestidos de seda e de peles, e Diana sentiu-se num cortejo. Foynes ainda não se habituara a ser ponto de paragem para a elite abastada e privilegiada do mundo.

Tinha esperança de que o grupo se separasse, mas permaneceram todos juntos, como exploradores com receio de se perderem. Começou a sentir-se encurralada. O tempo urgia. Quando passaram por um outro bar, disse a Mark: — Vamos entrar neste.

Lulu apressou-se a dizer: — Que bela ideia, Foynes não tem nada para ver.

Diana já estava farta dela. — Eu queria mesmo conversar a sós com o Mark — objetou, irritada.

Mark ficou embaraçado. — Oh, querida! — protestou.

— Não te preocupes! — retorquiu Lulu de imediato. — Nós continuamos e deixamos os namorados em paz. Já encontramos outro bar, se bem conheço a Irlanda! — O tom era jovial, mas o olhar foi gelado.

Mark disse: — Desculpa, Lulu...

— Não tem importância — replicou ela alegremente.

Diana não gostou que Mark tivesse pedido desculpas por ela. Virou as costas e entrou. Ele que a seguisse quando lhe apetecesse.

Era um local pouco iluminado e fresco. Tinha garrafas e barris dispostos nas prateleiras por trás de um balcão alto. À frente, sobre o chão de soalho, viam-se algumas mesas e cadeiras de madeira. Dois velhos sentados a um canto olharam para ela. Diana, que envergava um casaco de seda laranja-avermelhado sobre o vestido às bolas,

sentiu-se como uma princesa numa loja de penhores.

Uma mulher baixa de avental apareceu atrás do bar. Diana disse: — Pode arranjar-me um brande, por favor? — Precisava de álcool para lhe dar coragem. Sentou-se numa mesa pequena.

Mark entrou — depois de provavelmente se ter desculpado mais umas vezes a Lulu, pensou Diana com amargura. Sentou-se a seu lado e quis saber: — Que diabo foi aquilo?

— Estou farta da Lulu — respondeu ela.

— Mas tinhas de ser assim tão mal-educada?

— Não fui mal-educada. Simplesmente disse que queria falar contigo a sós.

— E não podias ter arranjado uma maneira mais diplomática de o dizer?

— Ela não é muito perspicaz a perceber insinuações.

Aborrecido, Mark parecia estar na defensiva. — Acontece que estás enganada. Na verdade, é uma pessoa muito sensível, embora pareça atrevida.

— De qualquer modo, isso não interessa.

— Como é que não interessa? Ofendeste uma das minhas amigas mais antigas!

A empregada trouxe o brande a Diana, que se apressou a dar um gole para acalmar os nervos. Mark pediu uma *Guinness*. Diana prosseguiu: — Não interessa, porque mudei de ideias e não vou contigo para a América.

Ele empalideceu. — Não podes estar a falar a sério.

— Tenho estado a pensar. Não quero ir. Vou voltar para o Mervyn... se ele me quiser de volta. — Mas ela tinha a certeza de que o marido a receberia.

— Tu não o amas realmente. Tu mesma o disseste. E eu sei que é verdade.

— O que é que tu sabes? Nunca foste casado. — Mark pareceu magoado, e ela amenizou, pousando-lhe a mão no joelho. — Tens toda a razão, não gosto do Mervyn da mesma maneira que te amo a ti. — Envergonhada de si mesma, retirou a mão. — Mas não vale a

pena.

— Tenho dado demasiada atenção à Lulu — constatou ele, arrependido. — Desculpa, querida. Peço imensa desculpa. Acho que me deixei enredar porque fazia tanto tempo que não a via. Tenho-te ignorado. Esta é a nossa grande aventura, e esqueci-me disso durante uma hora. Por favor, perdoa-me.

Era adorável quando se apercebia de que tinha agido mal: a expressão compungida dava-lhe um ar de garoto. Diana teve de se esforçar por se lembrar como se sentira uma hora antes. — Não é só a Lulu — proferiu. — Acho que fui insensata.

A empregada trouxe a cerveja de Mark, mas ele não lhe tocou.

Diana prosseguiu: — Abandonei tudo o que conhecia, a casa, o marido, os amigos, o país. Estou num voo sobre o Atlântico, o que já de si é perigoso. E vou para um país desconhecido onde não tenho amigos, dinheiro, nada.

Mark ficou consternado. — Oh, meu Deus, já percebi o que fiz. Abandonei-te no momento em que te sentias vulnerável. Minha querida, sinto-me tão estúpido. Juro que nunca mais vai acontecer.

Talvez ele mantivesse a promessa ou talvez não. Era amoroso, mas era igualmente despreocupado. Não estava na sua natureza cumprir planos. Estava a ser sincero naquele momento, mas lembrar-se-ia da sua jura da próxima vez em que encontrasse um velho amigo? Fora a sua atitude ligeira perante a vida que a atraía e agora, por ironia, era essa mesma atitude que o tornava pouco fiável. Uma coisa que se podia dizer em relação a Mervyn era que se podia confiar nele: bons ou maus, os seus hábitos nunca mudavam.

— Acho que não posso confiar em ti — declarou ela.

Pareceu zangado. — Quando é que eu te desiludi?

Ela não conseguiu recordar-se de uma única ocasião. — Mas hás de fazê-lo — asseverou.

— De qualquer maneira, tu queres deixar todas essas coisas. És infeliz com o teu marido, estás descontente com o teu país em guerra e aborrecida dos teus amigos; tu mesma mo disseste.

— Aborrecida, mas não assustada.

— Não há nenhuma razão para estares assustada. A América é como a Inglaterra. Fala-se a mesma língua, veem-se os mesmos filmes, ouvem-se as mesmas bandas de *jazz*. Vais adorar. Eu tomo conta de ti, juro.

Quem lhe dera poder acreditar nele.

— E ainda há outra coisa — acrescentou. — Filhos.

Foi um tiro certo. Queria tanto um filho, e Mervyn recusava-se terminantemente. Mark seria tão bom pai, amoroso, feliz, terno. Sentiu-se confusa, e a sua determinação enfraqueceu. No fim de contas, talvez *devesse* abandonar tudo. O que representava um lar e segurança se não podia ter uma família?

Por outro lado, e se Mark a abandonasse a meio caminho, antes de chegarem à Califórnia? E se encontrassem uma outra Lulu em Reno, logo depois do divórcio, e Mark fugisse com ela? Diana ficaria sem marido, sem filhos, sem dinheiro e sem casa.

Quem lhe dera ter demorado mais tempo a dar-lhe o sim. Em vez de se lhe atirar para os braços e de concordar com tudo imediatamente, devia ter discutido o futuro com cuidado e pensado em todos os imprevistos. Devia ter pedido algo que lhe desse alguma segurança, nem que fosse apenas o bilhete de regresso a casa, para o caso de as coisas não correrem bem. Contudo, isso poderia tê-lo ofendido, e de qualquer forma seria necessário mais do que um bilhete de regresso para atravessar o Atlântico uma vez deflagrada a guerra.

Não sei o que deveria ter feito, pensou, infeliz, mas agora é demasiado tarde para arrependimentos. Tomei uma decisão e ninguém me vai dissuadir.

Mark tomou-lhe as mãos nas dele, e ela estava demasiado triste para as retirar. — Mudaste de opinião uma vez, agora muda de novo — instigou ele, persuasivo. — Vem comigo, sê minha mulher, e juntos teremos filhos. Vivemos numa casa na praia e levamos os pequenos a chapinhar nas ondas. Vão ser louros, bronzeados, e crescem a jogar ténis e a surfar e a andar de bicicleta. Quantos filhos gostavas de ter? Dois? Três? Seis?

Porém, o momento de fraqueza passara. — Não vale a pena, Mark — afirmou, melancólica. — Vou voltar para casa.

Leu-lhe nos olhos que agora já acreditava nela. Fitaram-se tristemente. E por algum tempo nenhum proferiu palavra.

Nesse instante entrou Mervyn.

Diana nem acreditava no que estava a ver. Ficou a mirá-lo como se fosse um fantasma. Não podia estar ali, era impossível!

— Então, aqui estás tu — proferiu ele na sua voz de barítono.

Diana foi invadida por emoções díspares. Sentiu-se chocada, exaltada, assustada, aliviada, embaraçada, envergonhada. Apercebeu-se de que o marido a observava de mãos dadas com outro homem. Retirou bruscamente as mãos.

— O que foi? Que se passa? — admirou-se Mark.

Mervyn aproximou-se da mesa e ali ficou, de mãos nas ancas, a olhar para eles.

Mark perguntou: — Quem diabo é este palerma?

— O Mervyn — respondeu Diana debilmente.

— Jesus Maria!

Diana inquiriu: — Mervyn... como é que vieste?

— De avião — retorquiu ele, lacónico como de costume.

Ela reparou que trazia um casaco de cabedal vestido e um capacete na mão. — Mas... como é que sabias onde encontrar-nos?

— Na tua carta dizias que ias de avião para a América, e só existe uma maneira — afirmou com uma nota de triunfo na voz.

Ela percebeu que estava satisfeito consigo mesmo por ter descoberto onde ela estava e ter conseguido interetá-la contra todas as probabilidades. Diana nunca imaginara que ele conseguisse apanhá-los no seu avião: simplesmente nunca lhe ocorrera. Deu-se conta do sentimento de gratidão por se preocupar com ela ao ponto de lhe ir no encalço.

Ele sentou-se em frente deles. — Traga-me um uísque irlandês duplo — disse para a empregada.

Mark ergueu o copo de cerveja e, nervoso, deu pequenos goles. Diana olhou para ele. A princípio, parecera intimidado pela presença

de Mervyn, mas agora que tinha percebido que não ia iniciar uma cena de pugilato, parecia simplesmente incomodado. Afastou a cadeira um tudo-nada da mesa como se para se distanciar de Diana. Talvez também ele se sentisse envergonhado de ter sido apanhado de mãos dadas.

Diana bebeu um pouco de brande para ganhar ânimo. Mervyn mirava-a, ansioso. A expressão de aturdimento e de mágoa do marido fazia-a desejar atirar-se para os seus braços. Fizera toda aquela viagem sem saber que espécie de receção o aguardava. Ela estendeu a mão e tocou-lhe no braço, reconfortante.

Para sua surpresa, ele pareceu constrangido e deitou um olhar preocupado a Mark, como se fosse estranho a sua mulher tocar-lhe na presença do amante. O uísque chegou, e bebeu-o num ápice. Mark pareceu magoado e puxou de novo a cadeira para a frente.

Diana estava perturbada. Nunca se encontrara numa situação daquelas. Ambos a amavam. Ela tinha estado na cama com os dois — e ambos o sabiam. Era um embaraço intolerável. Apetecia-lhe confortá-los, mas tinha medo. Na defensiva, encostou-se para trás, aumentando o espaço entre si e os dois homens. — Mervyn — começou ela —, eu não queria magoar-te.

Ele deitou-lhe um olhar duro. — Eu acredito — afirmou ele sem emoção na voz.

— Consegues... consegues perceber o que aconteceu?

— Consigo perceber as linhas gerais apesar de ser um simplório — respondeu, sarcástico. — Fugiste com um tipo todo catita. — Olhou para Mark e inclinou-se na sua direção agressivamente. — Um americano, segundo creio, um fracote que te há de deixar fazer tudo o que tu queres.

Mark encostou-se para trás e não disse nada, mas fixou o olhar em Mervyn. Não era homem de confrontos. Não parecia ofendido, apenas intrigado. Mervyn fora uma figura importante na sua vida, embora nunca se tivessem conhecido. Durante todos aqueles meses tinha-se consumido de curiosidade em relação ao homem com quem Diana dormia todas as noites. Agora estava a descobri-lo e sentia-se

fascinado. Mervyn, pelo contrário, não tinha o mínimo interesse em Mark.

Diana observava os dois homens. Seria difícil serem mais diferentes. Mervyn era alto, agressivo, amargo, irritável; Mark era baixo, apumado, vivo, de espírito aberto. Ocorreu-lhe a ideia de que um dia poderia vir a utilizar aquela cena para o guião de uma comédia.

Os olhos marejavam-se-lhe de lágrimas. Tirou um lenço e assoou-se. — Eu sei que fui imprudente.

— Imprudente! — atirou Mervyn, fazendo troça da inadequação da palavra. — Foste é completamente estúpida.

Diana crispou-se. O desdém do marido sempre a atingira no mais fundo de si, mas naquele caso merecia-o.

A empregada e os dois homens do canto seguiam a conversa com interesse óbvio. Mervyn acenou à criada e pediu: — Menina, pode trazer um prato de sanduíches de presunto?

— Sim, senhor, com todo o gosto — aquiesceu cortesmente. As empregadas de bar gostavam sempre de Mervyn.

Diana disse: — É que... tenho andado tão infeliz ultimamente. Só andava à procura de um pouco de felicidade.

— À procura de felicidade! Na América, onde não tens amigos, nem pessoas conhecidas, nem casa... Onde é que tens o juízo?

Estava-lhe grata por ter vindo, mas gostaria que fosse mais benevolente. Sentiu a mão de Mark pousar-lhe no ombro. — Não lhe lighes — proferiu ele em voz baixa. — Por que razão não hás de ser feliz? Isso não tem nada de mal.

Receosa, olhou para Mervyn, com medo de o ofender ainda mais. Ainda poderia rejeitá-la. Que humilhação se ele a rejeitasse na presença de Mark (e, no fundo, tudo isto enquanto a terrível Lulu continuava em cena). Ele era bem capaz disso: era o tipo de coisas que fazia. Naquele instante desejou que ele não a tivesse seguido. Isso significava que teria de tomar uma decisão rápida. Tendo mais tempo, ela poderia ter-lhe acalmado o orgulho ferido. Assim era tudo a correr. Pegou no copo e levou-o aos lábios, após o que o pousou,

intacto. — Já não me apetece — declarou.

Mark sugeriu: — E que tal uma chávena de chá?

Era isso que lhe apetecia. — Sim, adorava.

Ele foi ao balcão e fez o pedido.

Mervyn nunca teria feito uma coisa daquelas: segundo os seus padrões, eram as mulheres que iam buscar chá. Deitou um olhar de desprezo a Mark. — É esse o meu erro? — perguntou-lhe, irado. — Não te vou buscar o chá, é isso? Queres que seja criada, além de ganha-pão? — As sanduíches chegaram, mas ele não tocou nelas.

Diana não soube o que dizer. — Não vale a pena discutir — proferiu suavemente.

— Não vale a pena discutir? Quando é que vale a pena, senão agora? Tu foges com este badameco, sem te despedires, deixas-me uma merda de uma nota... — Tirou um pedaço de papel do bolso do casaco, e Diana reconheceu a sua própria letra. Corou, humilhada. Derramara lágrimas por causa daquela mensagem: como é que ele tinha a ousadia de a brandir num bar? Afastou-se dele, ressentida.

O chá foi trazido, e Mark pegou no bule. Olhou para Mervyn e inquiriu: — Quer uma chávena de chá servida aqui pelo badameco? — Os dois irlandeses do canto desataram a rir-se, mas Mervyn olhou, impassível, e nada disse.

Diana começou a sentir-se irritada com ele. — Eu posso ser completamente estúpida, Mervyn, mas tenho direito a ser feliz.

Ele apontou-lhe um dedo acusador. — Fizeste uma jura quando te casaste comigo e não tens o direito de me abandonar.

Ela sentiu-se terrivelmente frustrada: o marido era tão obstinado, era como falar com uma parede. Por que motivo não podia ser razoável? Por que diabo tinha de ter tantas certezas de que tinha sempre razão e de que os outros estavam errados?

De súbito, identificou aquela sensação. Experimentara-a cerca de uma vez por semana em cinco anos. Nas últimas horas, com o pânico de voar, esquecera-se de como ele podia ser medonho e de como podia fazê-la infeliz. Naquele instante voltou-lhe tudo à memória, o horror de um pesadelo que se relembra.

Mark declarou: — A Diana pode fazer o que quiser, Mervyn. Não pode obrigá-la a fazer seja o que for. É uma mulher adulta. Se quiser ir consigo para casa, vai. E se quiser ir comigo para a América e casar-se comigo, assim fará.

Mervyn deu um murro na mesa. — Ela não pode casar-se consigo, já é casada comigo!

— Pode divorciar-se.

— Com que fundamento?

— No Nevada, não são precisas justificações.

Mervyn mirou Diana, furioso. — Não vais para o Nevada. Vais voltar comigo para Manchester.

Ela virou o olhar para Mark, que lhe sorriu calmamente. — Não tens de obedecer a quem quer que seja — disse ele. — Faz o que queres.

Mervyn ordenou: — Veste o casaco.

Com a sua atitude inconsiderada, o marido devolvera-lhe o sentido de equilíbrio. Via agora que o seu receio de voar e a ansiedade por ir viver na América não passavam de preocupações menores, quando comparadas com a pergunta mais importante: com quem é que ela queria viver? Amava Mark, e Mark amava-a, e tudo o resto eram questões secundárias. Ao tomar a decisão, invadiu-a uma enorme sensação de alívio e anunciou-a aos dois homens que a amavam. Respirou fundo. — Desculpa, Mervyn — declarou. — Eu vou com o Mark.

CAPÍTULO DOZE

Nancy Lenehan gozou um minuto de júbilo ao olhar do *Tiger Moth* e avistar o *Clipper* da Pan American a flutuar, imponente, nas águas calmas do estuário do Shannon.

As hipóteses tinham estado contra ela, mas apanhara o irmão e frustrara pelo menos parte do plano. *Tens de te levantar muito cedo de manhã para seres mais esperto que a Nancy Lenehan*, pensou num raro momento de congratulação.

Quando a visse, Peter ia apanhar um susto inacreditável.

Enquanto o pequeno avião amarelo dava voltas e Mervyn procurava um local para aterrar, Nancy começou a sentir-se tensa em relação ao confronto iminente com o irmão. Continuava a achar incrível que ele a tivesse enganado e traído com uma crueldade tão absoluta. Como fora capaz? Em crianças, tomavam banho juntos; ela pusera-lhe pensos nos joelhos, explicara-lhe como se faziam os bebés e deixava-o sempre mastigar um pouco a sua pastilha elástica; guardara os segredos dele e contara-lhe os seus. Depois de crescerem, alimentara-lhe o ego, nunca o deixando ser envergonhado por ela ser muito mais esperta, apesar de rapariga.

Tomara conta dele durante toda a vida. E, quando o pai morreu, permitira que Peter fosse presidente da empresa, o que lhe saíra muito caro. Não se limitara a suprimir a sua própria ambição para lhe deixar o caminho livre; abafara um romance que despertava, pois Nat Ridgeway, o adjunto do pai, demitira-se quando Peter assumira o controlo. Nunca saberia se algo teria nascido daquele romance, pois, desde então, Ridgeway tinha-se casado.

O seu amigo e advogado, «Mac» McBride, aconselhara-a a não permitir que Peter fosse presidente, mas ela ignorara o seu conselho e os seus melhores interesses, porque sabia como Peter ficaria ferido se as pessoas soubessem que não estava à altura do pai. Ao lembrar-se de tudo o que fizera por ele e ao pensar como ele tentara enganá-la e mentir-lhe, tinha vontade de chorar de ressentimento e

de fúria.

Sentia uma impaciência quase desesperada de o encontrar, de se pôr na frente dele e olhá-lo nos olhos. Queria saber como agiria ele e o que lhe diria.

Estava também ansiosa por entrar na refrega. O facto de ter apanhado Peter era só o primeiro passo. Tinha de conseguir um lugar no avião. Poderia ser simples, mas, se estivesse cheio, teria de tentar comprar o lugar de alguém ou usar o seu charme junto do comandante ou até subornar a sua entrada a bordo. Depois, quando chegasse a Boston, teria de persuadir os acionistas minoritários, a tia Tilly e o velho advogado do pai, Danny Riley, a não venderem as suas ações a Nat Ridgeway. Achava que conseguiria, mas Peter não iria desistir sem luta e Nat Ridgeway era um adversário tremendo.

Mervyn aterrou numa estrada rural nos limites da pequena aldeia. Numa manifestação de boas maneiras nada habitual, ajudou Nancy a descer. Ao pisar o solo irlandês pela segunda vez, pensou no pai, que, embora falasse constantemente da pátria, nunca lá fora na verdade. Achou que era uma tristeza. Teria ficado satisfeito por saber que os filhos o tinham feito, mas ter-lhe-ia despedaçado o coração descobrir que a empresa que fora toda a sua vida havia sido arruinada pelo filho. Era melhor não estar vivo para assistir a tal.

Mervyn amarrou o avião, e Nancy ficou aliviada por o deixar para trás. Embora fosse uma beleza, quase a matara. Ainda tremia sempre que se lembrava de voar em direção àquela falésia. Não tencionava voltar a entrar num avião pequeno para o resto da vida.

Caminharam rapidamente em direção à aldeia, seguindo uma carroça carregada de batatas, puxada por um cavalo. Nancy via que também Mervyn sentia um misto de triunfo e de apreensão. Tal como ela, fora enganado e traído e recusara-se a aceitá-lo sem reagir; e, tal como ela, sentia uma grande satisfação por desafiar as expectativas dos que haviam conspirado contra ele. Todavia, o verdadeiro desafio ainda não chegara.

Uma única rua atravessava Foynes. A meio, encontraram um grupo de pessoas bem vestidas que só podiam ser passageiros do *Clipper*. -

Pareciam ter-se perdido no cenário errado de um filme. Mervyn abordou-os e disse: — Estou à procura de Mrs. Diana Lovesey, creio que é passageira do *Clipper*.

— Sem dúvida! — exclamou uma das mulheres, e Nancy reconheceu a estrela de cinema Lulu Bell. Havia um tom na sua voz que sugeria que não gostava de Mrs. Lovesey. Mais uma vez, perguntou-se como seria ela. Lulu Bell prosseguiu: — Mrs. Lovesey e o seu... companheiro... entraram num bar mesmo ao fundo desta rua.

Nancy perguntou: — Pode dizer-me onde fica a bilheteira?

— Se alguma vez me derem o papel de guia turística, não vou precisar de ensaiar — comentou Lulu, e os passageiros que a acompanhavam riram-se. — O edifício da companhia situa-se ao fundo da rua, depois da estação de comboios, em frente ao porto.

Nancy agradeceu-lhe e prosseguiu. Mervyn já se afastara, e teve de correr para o apanhar. Ele, porém, estacou de repente ao avistar dois homens a caminhar pela rua, embrenhados em conversa. Nancy olhou, curiosa, para os dois homens, perguntando-se o que fizera Mervyn parar subitamente. Um era um cavalheiro de cabelo grisalho e fato preto, obviamente passageiro do *Clipper*. O outro parecia um espantalho, alto e esquelético, com o cabelo tão curto que quase parecia calvo e a expressão de alguém que acabara de despertar de um pesadelo. Mervyn dirigiu-se ao espantalho e perguntou: — O senhor é o professor Hartmann, não é?

A reação do homem foi bastante chocante. Deu um salto atrás e ergueu as mãos num gesto defensivo, como se pensasse que estava prestes a ser atacado.

O companheiro disse: — Está tudo bem, Carl.

Mervyn afirmou: — Seria uma honra apertar-lhe a mão.

Hartmann baixou os braços, embora continuasse desconfiado. - Apertaram a mão.

Nancy ficou surpreendida com o comportamento de Mervyn. Teria dito que Mervyn Lovesey pensava que ninguém no mundo lhe era superior e, no entanto, ali estava ele a agir como um rapazinho da escola a pedir um autógrafo a uma estrela de basebol.

Mervyn prosseguiu: — Estou contente por ver que escapou. Sabe, receávamos o pior quando desapareceu. A propósito, chamo-me Mervyn Lovesey.

— Este é o meu amigo, o barão Gabon, que me ajudou a fugir — adiantou Hartmann.

Mervyn apertou a mão de Gabon e depois disse: — Não vos incomodo mais. *Bon voyage*, cavalheiros.

O Hartmann deve ser muito especial, pensou Nancy, para ter afastado o Mervyn, mesmo por poucos momentos, da perseguição obstinada da mulher. Enquanto caminhavam pela aldeia, ela perguntou: — Bem, quem é ele?

— É o professor Carl Hartmann, o maior físico do mundo — retorquiu Mervyn. — Tem estado a trabalhar na fusão do átomo. Teve problemas com os nazis devido às suas opiniões políticas e toda a gente pensou que estava morto.

— Onde é que o conhece?

— Cursei Física na universidade. Pensei em ser cientista de investigação, mas não tenho paciência para isso. Mas continuo a acompanhar os desenvolvimentos. Acontece que neste campo se realizaram descobertas espantosas nos últimos dez anos.

— Tais como?

— Há uma mulher austríaca, a propósito, também refugiada dos nazis, chamada Lise Meitner, que trabalha em Copenhaga e conseguiu dividir o átomo do urânio em átomos mais pequenos, bário e cripton.

— Pensei que os átomos fossem indivisíveis.

— Toda a gente pensou até há pouco tempo. É isso que é fantástico. Quando isso acontece, causa um impacto enorme, razão pela qual os militares estão tão interessados. Se conseguirem controlar o processo, serão capazes de construir a bomba mais destruidora de sempre.

Nancy olhou por cima do ombro para o homem assustado e pobremente vestido de olhar ardente. A bomba mais destruidora de sempre, disse para si própria e estremeceu. — Espanta-me que o

deixem andar por aí sem guarda — comentou.

— Não sei bem se não terá guarda — disse Mervyn. — Olhe para aquele tipo.

Seguindo a direção do gesto de Mervyn, Nancy olhou para o outro lado da rua. Um outro passageiro do *Clipper* vagueava sozinho: um homem alto e robusto, de chapéu de coco, fato cinzento e colete cor de vinho. — Acha que é o guarda-costas dele? — perguntou ela.

Mervyn encolheu os ombros. — O homem parece-me um chui. - Talvez o Hartmann não o saiba, mas eu diria que tem um anjo da guarda com botas número quarenta e seis.

Nancy não pensara que Mervyn fosse tão observador.

— Penso que é este bar aqui — disse ele, mudando do cósmico para o terrestre sem parar para respirar. Parou à porta.

— Boa sorte — desejou-lhe Nancy. Falava a sério. De certa forma, acabara por gostar dele, apesar dos seus modos irritantes.

Ele sorriu: — Obrigado. Boa sorte para si também.

Mervyn entrou, e Nancy continuou ao longo da rua.

Ao fundo, do outro lado da rua do porto, ficava um edifício coberto de hera, maior que qualquer outro na aldeia. No interior, Nancy depa-rou-se com um escritório improvisado e um jovem atraente com o uniforme da Pan American. Ele olhou para ela com um brilhozinho nos olhos, embora tivesse certamente menos quinze anos que ela.

— Quero comprar um bilhete para Nova Iorque — disse-lhe Nancy.

Ele mostrou-se surpreendido e intrigado. — A sério? Normalmente não vendemos bilhetes aqui... na verdade, não temos nenhum.

Aquilo não lhe pareceu um problema sério. Sorriu-lhe. Um sorriso ajudava sempre a ultrapassar meros obstáculos burocráticos. — Bem, um bilhete é apenas um pedaço de papel — afirmou Nancy. — Se lhe der a importância, acho que me deixa entrar no avião, não é?

Ele sorriu, e ela calculou que o jovem lhe faria a vontade se pudesse. — Acho que sim — disse ele. — Mas o avião está cheio.

— C'os diabos! — resmungou ela, sentindo-se aniquilada. Teria passado por tudo aquilo para nada? Contudo, ainda não estava pronta para desistir, muito longe disso. — Tem de haver *alguma coisa*

— declarou. — Não preciso de cama, durmo no lugar. Até mesmo um lugar da tripulação serve.

— Não pode ocupar um lugar da tripulação. A única vaga é a suíte nupcial.

— E posso ficar com ela? — perguntou Nancy, esperançosa.

— Bem, nem sei que preço pedir...

— Mas pode descobrir, não pode?

— Calculo que deve custar pelo menos tanto quanto dois lugares normais, o que daria setecentos e cinquenta dólares só ida, mas pode ser mais.

Ela não queria saber, nem que custasse sete mil dólares. — Eu passo-lhe um cheque em branco.

— Caramba, quer mesmo ir neste avião, não quer?

— Tenho de estar em Nova Iorque amanhã. É... muito importante. — Não tinha palavras para exprimir como era importante.

— Vamos perguntar ao comandante — disse o rapaz. — Por aqui, minha senhora, por favor.

Nancy seguiu-o, a pensar se estivera a desperdiçar o seu esforço em alguém que não tinha autoridade para tomar uma decisão.

Ele levou-a até um escritório no andar de cima. Encontravam-se lá seis ou sete membros da tripulação, em mangas de camisa, a fumar e a beber café, enquanto estudavam cartas e boletins meteorológicos. O jovem apresentou-a ao comandante Marvin Baker. Quando o atraente oficial lhe apertou a mão, Nancy teve a estranha sensação de que ele lhe ia medir a pulsação, tendo depois percebido que ele tinha os modos de um médico a observar um doente.

O rapaz explicou: — Mrs. Lenehan precisa de chegar a Nova - Iorque com muita urgência, comandante, e está disposta a pagar a suíte nupcial. Podemos levá-la?

Nancy esperou, ansiosa, pela resposta, mas o comandante fez-lhe outra pergunta. — O seu marido acompanha-a, Mrs. Lenehan?

Ela pestanejou, um trejeito sempre útil quando se queria convencer um homem a fazer algo. — Sou viúva, comandante.

— Lamento. Tem bagagem?

— Só esta maleta.

— Teremos todo o gosto em levá-la para Nova Iorque, Mrs. - Lenehan — respondeu ele.

— Graças a Deus — exclamou Nancy com fervor. — Nem faz ideia de como é importante para mim. — Por momentos, os joelhos fraquejaram-lhe, e sentou-se na cadeira mais próxima. Tinha vergonha de se mostrar tão emocionada. Para disfarçar, procurou na mala de mão e tirou de lá o livro de cheques. Com a mão a tremer, assinou um cheque em branco e entregou-o ao rapaz.

Chegara a altura de confrontar Peter.

— Vi alguns passageiros na aldeia — disse. — Onde estarão os restantes?

— A maior parte está no *pub* de Mrs. Walsh — afirmou o jovem. — É um bar neste edifício. A entrada fica na parte lateral.

Nancy levantou-se. A tremura já passara. — Estou-vos muito agradecida — declarou.

— Ainda bem que pudemos ajudar.

Saiu.

Ao fechar a porta, ouviu espalhar-se um murmúrio de comentários e sabia que estavam a fazer observações grosseiras sobre uma viúva atraente que se podia dar ao luxo de assinar cheques em branco.

Saiu para a rua. A tarde estava agradável, o sol fraco e o ar agradavelmente húmido com o sabor salgado do mar. Agora tinha de ir procurar o traíçoeiro do irmão.

Deu a volta ao edifício e entrou no bar.

Era o tipo de lugar onde normalmente nunca iria: pequeno, escuro, com mobília tosca, muito masculino. Era óbvio que fora inicialmente destinado a servir cerveja aos pescadores e aos lavradores, mas agora estava cheio de milionários a beber *cocktails*. A atmosfera era abafada e o nível de ruído alto, distinguindo-se diversas línguas. Sentia-se uma certa atmosfera de festa entre os passageiros. Era imaginação sua ou havia um leve tom de histeria nas gargalhadas? Estaria a alegria a disfarçar a ansiedade causada pelo longo voo sobre o oceano?

Observou os rostos e avistou Peter.

Ele não deu por ela.

Ficou a olhar para ele um momento, a raiva a ferver-lhe no íntimo. Tinha a face avermelhada de fúria e sentiu um impulso forte de o esbofetear. Todavia, controlou a raiva, não lhe querendo mostrar como estava irritada. Era sempre mais inteligente agir friamente.

O irmão estava sentado a um canto, acompanhado por Nat Ridgeway. Foi outro choque. Sabia que Nat estivera em Paris a ver as coleções, mas não lhe ocorrera que poderia regressar com Peter. Desejou que ele não estivesse ali. A presença de um antigo namorado só complicava a questão. Só tinha de esquecer que, em tempos, o beijara. Afastou a ideia da cabeça.

Abriu caminho por entre a multidão e aproximou-se da mesa deles. Nat foi o primeiro a olhar, e no seu rosto espelhou-se o choque e a culpa, o que lhe deu uma certa satisfação. Reparando na expressão dele, Peter ergueu o olhar.

Nancy não desviou o seu.

O irmão empalideceu e começou a levantar-se. — Santíssimo Deus! — exclamou. Estava aterrorizado.

— Porque estás tão assustado, Peter? — perguntou Nancy, - desdenhosa.

Ele engoliu em seco e deixou-se cair no assento.

Nancy prosseguiu: — Chegaste mesmo a pagar um bilhete no SS *Oriana*, sabendo que não ias usá-lo. Foste para Liverpool comigo e registaste-te no Hotel Adelphi, embora não fosses lá ficar. E tudo isto porque tinhas medo de me dizer que ias no *Clipper*!

Ele continuava a fitá-la, o rosto lívido, sem falar.

Ela não planeara fazer um discurso, mas as palavras saíram-lhe. — Fugiste do hotel ontem e apressaste-te a chegar a Southampton, na esperança de que eu não descobrisse! — Inclinou-se sobre a mesa e ele encolheu-se. — De que é que tens tanto medo? Não te vou *morder*! — Ao ouvir a palavra «morder», ele retraiu-se, como se a irmã o fosse realmente fazer.

Nancy não se incomodara a baixar a voz, e as pessoas em redor

havam-se calado. Peter olhou à sua volta com uma expressão envergonhada. A irmã prosseguiu: — Não me surpreende que te sintas um idiota. Depois de tudo o que fiz por ti! Tantos anos a proteger-te, a encobrir os teus erros estúpidos e a deixar-te continuares a ser presidente da empresa, apesar de não seres capaz de organizar uma quermesse de igreja! Depois disso tudo, tentaste roubar-me o negócio! Como foste capaz? Não te sentes um autêntico *verme*?

Ele corou até à raiz dos cabelos. — Tu nunca me protegeste, sempre cuidaste de ti própria — protestou. — Sempre quiseste ser a patroa, mas não ficaste com o lugar, eu é que fiquei! Desde aí, tens andado a conspirar para mo tirar.

Aquilo era tão injusto que Nancy não sabia se havia de rir, de chorar ou de lhe cuspir na cara. — Grande idiota, eu conspirei sempre para te *manter* na presidência.

Com um gesto teatral, Peter tirou do bolso uns papéis. — Assim?

Nancy reconheceu o seu relatório. — Podes crer! — declarou. — Esse plano é a única forma de manteres o emprego.

— Enquanto tu assumes o controlo! Percebi tudo muito bem. — O seu rosto exibía uma expressão de desafio. — Foi por isso que montei o meu próprio plano.

— Que não funcionou — disse Nancy, exultante. — Tenho um lugar no avião e vou lá estar para a reunião da administração. — Virou-se pela primeira vez para Nat Ridgeway e disse: — Imagino que ainda não é desta que ficas a controlar a Black's Boots, Nat.

— Não estejas assim tão certa — afirmou Peter.

Ela olhou para ele. O irmão mostrava uma agressividade insolente. Não poderia certamente ter algo na manga, não era assim tão esperto. — Eu e tu possuímos quarenta por cento cada um, Peter. A tia Tilly e o Danny Riley estabelecem o equilíbrio e sempre seguiram as minhas diretrizes. Conhecem-me e também te conhecem a ti. Eu faço dinheiro e tu perde-lo, e eles sabem-no, apesar de serem educados contigo em nome do nosso pai. Vão votar da forma que eu lhes pedir.

— O Riley vai votar a meu favor — afirmou Peter teimosamente.

Havia algo na sua obstinação que a preocupava. — Por que razão votaria a teu lado se tu quase levaste a empresa à falência? — perguntou com desprezo, mas não se sentia tão confiante como aparentava.

O irmão percebeu a ansiedade dela. — Agora assustei-te, não foi? — perguntou com um riso de escárnio.

Infelizmente tinha razão, e ela começava a preocupar-se. Peter não parecia tão derrotado como seria de esperar, e ela tinha de descobrir se havia alguma coisa por trás daquela ameaça. — Acho que estás só a dizer disparates — troçou ela.

— Não, não estou.

Sabia que, se continuasse a zombar dele, o irmão se sentiria forçado a provar que ela estava errada. — Finges sempre que tens alguma coisa na manga, mas normalmente não dá em nada.

— O Riley prometeu.

— E pode confiar-se tanto nele como numa cascavel — adiantou ela desdenhosamente.

Peter ficou picado. — Não, se receber... um incentivo.

Então era isso, Danny Riley fora subornado. Nancy ficou incomodada, pois o advogado era, sem dúvida, um homem corruptível. Que lhe teria Peter oferecido? Tinha de saber, para poder invalidar o suborno ou oferecer mais. — Bem, se o teu plano depende da credibilidade do Danny Riley, acho que não tenho nada com que me preocupar! — E riu-se com ironia.

— Depende da *ganância* do Riley — adiantou Peter.

Ela virou-se para Nat. — No teu lugar, eu teria muitas dúvidas sobre tudo isto.

— O Nat sabe que é verdade. — Peter mostrou-se presunçoso.

Era óbvio que Nat teria preferido ficar calado, mas, quando ambos o fitaram, fez um gesto de assentimento relutante.

Peter informou: — Ele vai dar ao Riley uma boa fatia do trabalho da General Textiles.

Aquilo era um golpe duro, e Nancy quase ficou sem ar. Não havia

nada que Riley gostasse mais do que pôr um pé dentro de uma grande sociedade como aquela. Para uma pequena firma de advogados em Nova Iorque, era uma oportunidade única. Por um suborno daqueles, Riley até venderia a mãe.

As ações de Peter em conjunto com as de Riley perfaziam cinquenta por cento. As de Nancy juntamente com as da tia Tilly perfaziam o mesmo. Com a votação dividida ao meio, a questão seria decidida pelo voto de desempate do presidente — Peter.

O irmão via que triunfara e permitiu-se um sorriso vitorioso.

Nancy ainda não estava pronta a admitir a derrota. Puxou uma cadeira, sentou-se e virou a sua atenção para Nat Ridgeway. Sentira a desaprovação dele durante toda a discussão e perguntou-se se ele saberia que Peter andara a trabalhar nas costas dela. Decidiu pôr-lhe a questão claramente. — Calculo que sabias que o Peter me andava a mentir?

Ele fitou-a de lábios cerrados, mas ela podia fazer o mesmo, e Nancy limitou-se a esperar com um ar expectante. Por fim levou a melhor, e ele disse: — Não perguntei. As vossas disputas familiares não me dizem respeito. Não sou assistente social, sou um homem de negócios.

Mas houve uma altura, pensou ela, em que me seguravas na mão nos restaurantes e me davas um beijo de boa-noite. E uma vez acariciaste-me os seios. Perguntou-lhe: — E és um homem de negócios honesto?

— Sabes bem que sim — respondeu rigidamente.

— Nesse caso, não aprovas que se usem métodos desonestos em teu proveito.

Ele pensou um pouco e respondeu: — Trata-se da aquisição de uma empresa, não de um chá de caridade.

Nat ia a continuar, mas ela interrompeu-o. — Se estás disposto a lucrar com a desonestidade do meu irmão, tu próprio és desonesto. Mudaste desde que trabalhaste com o meu pai. — Virou-se de novo para Peter antes que o outro pudesse responder. — Não percebes que podes obter o dobro pelas tuas ações se me deixares

implementar o meu plano por uns dois anos?

— Não gosto do teu plano.

— Mesmo sem reestruturação, a empresa vai valer mais por causa da guerra. Sempre fornecemos botas para soldados... pensa nas encomendas extras se os Estados Unidos entrarem na guerra!

— Não vamos entrar.

— Mesmo assim, a guerra na Europa vai ser boa para o negócio.

— Olhou para Nat. — Tu sabes isso, não sabes? É por isso que nos queres comprar.

O outro não respondeu.

Voltou-se de novo para Peter. — Faremos muito melhor se esperarmos. Escuta-me. Alguma vez me enganei sobre este tipo de coisa? Alguma vez perdeste dinheiro seguindo os meus conselhos? Alguma vez fizeste dinheiro ignorando-os?

— Não consegues perceber, pois não? — questionou Peter.

Ela não fazia ideia do que vinha a seguir. — O que é que eu não percebo?

— A razão pela qual vou fundir a empresa, a razão por que estou a fazer isto?

— Muito bem, porquê?

Ele fitou-a em silêncio, e ela viu a resposta no seu olhar.

O irmão odiava-a.

Ficou petrificada. Parecia-lhe que chocara de frente contra um muro de tijolo invisível. Desejava não ter de acreditar, mas a expressão grotesca de malevolência no rosto distorcido de Peter não se podia ignorar. Houvera sempre tensão entre ambos, rivalidade natural entre irmãos, mas aquilo, aquilo era horrível, bizarro, patológico. Nunca suspeitara de uma coisa daquelas. O seu irmãozinho odiava-a.

Isto deve ser como quando o homem com quem estamos casadas há vinte anos nos diz que tem um caso com a secretária e já não nos ama, pensou.

Sentiu-se tonta, como se tivesse batido com a cabeça. Iria precisar de um tempo para se adaptar àquela ideia.

Peter não estava apenas a ser idiota ou mau ou vingativo. Estava, de facto, a prejudicar-se a fim de arruinar a irmã. Tratava-se de ódio puro.

Tinha de haver ali uma certa loucura.

Precisava de pensar. Decidiu sair daquele bar abafado e fumarento e apanhar ar. Levantou-se e deixou-os sem se despedir.

Assim que chegou à rua, sentiu-se melhor. Uma brisa fresca soprava do estuário, e Nancy atravessou a rua e caminhou ao longo da doca, escutando os gritos das gaivotas.

O *Clipper* estava fundeado a meio do canal. Era maior do que ela imaginara: os homens que faziam o abastecimento pareciam minúsculos. Achou os enormes motores e os hélices gigantes tranquilizadores e pensou que não se iria sentir nervosa naquele avião, especialmente depois da viagem através do mar da Irlanda num monomotor chamado *Tiger Moth*.

Contudo, que faria quando chegasse a casa? Seria impossível convencer Peter a desistir do plano. Existiam demasiados anos de raiva reprimida por trás do seu comportamento. De certa forma, teve pena dele. Fora tão infeliz durante todo aquele tempo, mas ela não iria ceder. Talvez ainda houvesse forma de salvar o seu património.

Danny Riley era o elo mais fraco. Um homem que aceitava um suborno de um dos lados aceitaria outro do lado oposto. Talvez Nancy conseguisse ainda pensar em algo para lhe oferecer, algo que o tentasse a mudar de lado. Todavia, isso não seria suficiente. O suborno de Peter, uma fatia do contencioso da General Textiles, era difícil de suplantar.

Talvez o pudesse ameaçar. E também seria mais barato. Mas como? Poderia retirar ao escritório dele algumas representações pessoais e familiares, mas não seria muito significativo, nada que se comparasse aos novos negócios que iria receber da General Textiles. É claro que o que Danny preferiria era dinheiro vivo, mas a fortuna de Nancy estava maioritariamente empatada na Black's Boots. Conseguia arranjar alguns milhares de dólares sem problemas, mas Danny haveria de querer mais, talvez cem mil. Ela não seria capaz de

juntar esse dinheiro todo a tempo.

Enquanto estava mergulhada em pensamentos, ouviu chamar o seu nome. Deu meia-volta e viu o jovem funcionário da Pan American a acenar-lhe. — Tem uma chamada telefónica — gritou. — Um Mr. McBride de Boston.

Subitamente sentiu-se esperançosa. Talvez Mac conseguisse pensar numa forma de sair daquela situação. Conhecia Danny Riley. Eram ambos como o pai, irlandeses de segunda geração que passavam todo o seu tempo na companhia de outros irlandeses e suspeitavam dos protestantes, mesmo que fossem seus compatriotas. Mac era honesto e Danny não, mas noutras coisas eram iguais. O pai fora honesto, mas não se importara de fingir que não vira um pequeno esquema desonesto, em especial se isso ajudasse um companheiro da velha Irlanda.

O pai salvara Danny da ruína uma vez, lembrou-se Nancy, enquanto se apressava ao longo da doca. Tinham passado apenas alguns anos, não muito tempo antes de o pai morrer. Danny estava a perder um grande caso importante e, desesperado, falara com o juiz no clube de golfe e tentara suborná-lo. O juiz não era subornável e dissera-lhe que se retirasse ou seria erradicado da Ordem. O pai intervieria junto do juiz e convenceria-o de que fora um lapso momentâneo. Nancy conhecia bem a história: o pai fizera-lhe muitas confidências no final da vida.

Danny era assim: manhoso, indigno de confiança, bastante insensato e facilmente manobrável. Certamente que conseguiria trazê-lo de novo para o seu lado.

Porém, tinha apenas dois dias.

Entrou no edifício, e o jovem indicou-lhe o telefone. Levou o auscultador ao ouvido e pegou no bocal. Foi bom ouvir a voz afetuosa e familiar de Mac. — Portanto, apanhaste o *Clipper* — disse, contente. — Grande mulher!

— Estarei na reunião da direção, mas a má notícia é que o Peter diz que tem o voto do Danny no bolso.

— Acreditas nele?

— Sim. A General Textiles vai dar ao Danny uma boa fatia do contencioso da empresa.

A voz de Mac soou desmoralizada. — Tens a certeza de que é - verdade?

— O Nat Ridgeway está aqui com ele.

— Essa víbora!

Mac nunca gostara de Nat e passou a odiá-lo quando ele começou a sair com Nancy. Apesar de o seu casamento ser feliz, tinha ciúmes de quem se mostrasse romanticamente interessado em Nancy.

— Tenho pena da General Textiles por ficarem com o Danny a tratar dos seus assuntos legais — acrescentou Mac.

— Calculo que lhe deem as coisas sem importância. Mac, é legal eles darem-lhe este incentivo?

— Provavelmente não, mas seria difícil provar a violação da lei.

— Então, estou tramada.

— Acho que sim. Lamento, Nancy.

— Obrigada, velho amigo. Avisaste-me para não deixar o Peter ser o patrão.

— Pois avisei.

Nancy decidiu que bastava de chorar sobre leite derramado. Adotou um tom mais enérgico. — Escuta, se dependêssemos do Danny, seria motivo para nos preocuparmos, certo?

— Podes crer que sim...

— Teríamos medo de que ele mudasse de lado ou que a oposição lhe fizesse uma proposta melhor. Portanto, quanto achas que é o preço dele?

— Humm. — Por momentos fez-se silêncio na linha, e depois Mac disse: — Não me vem nada à ideia.

Nancy estava a pensar quando Danny tentara subornar um juiz. — Lembras-te daquela altura em que o meu pai tirou o Danny de um aperto? Foi o caso Jersey Rubber.

— Claro que sim. Nada de pormenores ao telefone, OK?

— Sim. Será que podemos usar isso?

— Não vejo como.

— Para o ameaçar?

— Queres dizer, denunciá-lo?

— Sim.

— Tens provas?

— Não, a não ser que haja alguma coisa na papelada do meu pai.

— Tu é que tens isso tudo, Nancy.

Havia várias caixas com os documentos pessoais do pai na cave da sua casa em Boston. — Nunca os examinei.

— E agora não há tempo para isso.

— Mas podíamos fingir — lembrou ela, pensativa.

— Não te estou a compreender.

— Estou só a pensar em voz alta. Tem um bocadinho de paciência. Podíamos fingir que há algo ou poderá haver nos papéis antigos do meu pai, algo que traria essa história a lume.

— Não vejo como isso...

— Não, escuta-me, Mac, isto é só uma ideia. — A voz de Nancy subiu de tom, entusiasmada à medida que via as possibilidades. — Imagina que a Ordem dos Advogados, ou lá quem é, decidia abrir um inquérito ao caso Jersey Rubber.

— E fariam isso porquê?

— Alguém podia dizer-lhes que havia suspeitas.

— Muito bem, e depois?

Nancy começou a sentir que talvez tivesse algo que lhe permitisse construir um plano exequível. — Imagina que eles ouviam que há provas cruciais entre os papéis do meu pai?

— Perguntavam-te se podiam examiná-los.

— E a decisão de deixar seria minha?

— Num inquérito simples da Ordem, sim. Se houvesse um inquérito judicial, podias ser intimada e então é claro que não tinhas escolha.

Na mente de Nancy tomava forma um esquema tão rapidamente que ela não tinha palavras para o exprimir em voz alta. Mal se atrevia a ter esperança de que talvez desse resultado. — Escuta, quero que telefones ao Danny — disse com insistência. — Faz-lhe a seguinte

pergunta...

— Deixa-me procurar um lápis. OK, podes dizer.

— Pergunta-lhe o seguinte: se houvesse um inquérito ao caso Jersey Rubber, será que ele queria que eu entregasse os papéis do meu pai?

Mac ficou confuso. — É de pensar que diria que não.

— Eu acho que entrava em pânico, Mac! Ficava aterrorizado. Não sabe o que os papéis contêm... apontamentos, diários, cartas, pode ser qualquer coisa.

— Começo a ver como isso pode dar resultado — disse Mac, e Nancy notou na voz dele o regresso da esperança. — O Danny iria pensar que tu tens alguma coisa que ele quer...

— Vai pedir-me que o proteja, como fez o meu pai. Vai pedir-me que recuse dar autorização à Ordem para examinar os papéis. E eu aceito... na condição de votar comigo contra a fusão com a General Textiles.

— Espera aí. Não abras ainda o champanhe. O Danny pode ser corrupto mas não é estúpido. Não irá pensar que cozinhámos esta história toda para o pressionar?

— É claro que sim — respondeu Nancy. — Mas não terá a certeza. E não vai ter muito tempo para pensar na coisa.

— Pois. E a nossa única hipótese é agora mesmo.

— Queres arriscar?

— OK.

Nancy sentia-se muito melhor, cheia de esperança e vontade de ganhar. — Telefona-me na nossa próxima escala.

— E onde é?

— Botwood, na Terra Nova. Devemos lá chegar daqui a dezassete horas.

— E têm lá telefones?

— Têm de ter, se há um aeroporto. É melhor marcares a chamada com antecedência.

— OK, bom voo.

— Adeus, Mac.

Pousou o auscultador no gancho, sentindo-se muito animada. Não havia maneira de saber se Danny iria cair na tramoia, mas só o facto de ter um estratagema deixava-a cheia de ânimo.

Passavam vinte minutos das quatro, horas de embarcar. Saiu da sala e passou por outro escritório no qual Mervyn Lovesey falava noutro telefone. Ele estendeu a mão para a fazer parar quando passou. Pela janela, via os passageiros na doca a entrar na lancha, mas deteve-se por um momento. Ele disse para o telefone: — Agora não posso preocupar-me com isso. Dá aos sacanas o valor que eles estão a pedir e continuem a trabalhar.

Nancy ficou surpreendida. Recordou-se de que havia uma disputa de trabalho qualquer na fábrica dele. Parecia que estava a ceder, o que não se coadunava com ele.

A pessoa com quem falava também pareceu surpreendida, pois, passado um momento, Mervyn disse: — Sim, estou mesmo a falar a sério, estou demasiado ocupado para discutir com operários. Adeus! — Pousou o auscultador. — Tenho andado à sua procura — disse para Nancy.

— Teve êxito? — perguntou-lhe ela. — Conseguiu convencer a sua mulher a regressar?

— Não, mas não lhe pus a questão da melhor forma.

— É pena. Ela está lá fora agora?

Ele olhou pela janela. — É aquela, de casaco vermelho.

Nancy viu uma mulher loura com trinta e poucos anos. — Mervyn, é linda. — Sem saber bem porquê, imaginara a mulher dele como uma pessoa mais dura, menos engraçada, uma Bette Davis em vez de uma Lana Turner. — Percebo por que razão não a quer perder. — A mulher dava o braço a um homem de *blazer* azul, certamente o namorado. Não era de modo algum tão atraente como Mervyn, um pouco abaixo da média em altura e o cabelo a começar a rarear. - Contudo, tinha um aspeto agradável e despreocupado, e Nancy viu imediatamente que a mulher escolhera o oposto do marido. — Lamento, Mervyn — declarou.

— Ainda não desisti — afirmou ele. — Vou para Nova Iorque.

Nancy sorriu. Aquilo era mais próprio dele. — Porque não? — perguntou. — Ela parece o tipo de mulher que um homem persegue através do Atlântico.

— Acontece que depende de si — adiantou ele. — O avião está cheio.

— Pois está. Portanto, como é que pode ir? Depende de mim - porquê?

— Você comprou o último lugar que restava, ficou com a suíte nupcial. Tem dois lugares. Estou a pedir-lhe que me venda o lugar vazio.

Ela riu-se. — Mervyn, não posso partilhar a suíte com um homem. Sou uma viúva respeitável, não uma corista!

— Deve-me um favor — lembrou-lhe ele, insistente.

— Devo-lhe um favor, não a minha reputação!

O rosto atraente exibiu uma expressão obstinada. — Não pensou na sua reputação quando quis viajar através do mar da Irlanda comigo.

— Isso não envolvia passarmos a noite juntos! — Gostava de o ajudar, havia algo de tocante na sua determinação em recuperar a mulher. — Lamento, a sério — repetiu. — Mas, na minha idade, não me posso envolver num escândalo público.

— Ouça. Fiz perguntas sobre esta tal suíte e não é assim tão diferente do resto do avião. Há dois beliches separados. Se deixarmos a porta aberta à noite, estaremos exatamente na mesma situação de dois estranhos a quem instalaram em beliches contíguos.

— Mas pense no que as pessoas diriam!

— Está preocupada com quem? Não tem marido que fique ofendido e os seus pais já não são vivos. Quem quer saber o que faz?

Nancy pensou que ele conseguia ser extremamente brusco quando queria alguma coisa. — Tenho dois filhos com vinte e poucos anos — protestou ela.

— Aposto que vão pensar que é uma brincadeira.

Era provável que sim, pensou ela, pesarosa. — Também estou

preocupada com a sociedade de Boston inteira. Uma coisa destas seria certamente falada.

— Olhe, quando veio ter comigo naquele aeródromo, estava desesperada. Tinha um problema, e eu salvei-lhe o coiro. Agora sou eu que estou desesperado... percebe isso, não percebe?

— Sim, claro.

— Tenho um problema e estou a suplicar-lhe. É a última oportunidade de salvar o meu casamento. Você pode consegui-lo. Eu salvei-a, e você pode salvar-me. Tudo o que lhe poderá custar é um cheirinho a escândalo, o que nunca matou ninguém. Por favor, Nancy.

Ela pensou no que ele dissera. Teria de facto alguma importância uma viúva ser levemente indiscreta no seu quadragésimo aniversário? Não a iria matar, como ele dissera, e era provável que nem sequer manchasse a sua reputação. As matronas de Beacon Hill iriam considerá-la «atrevida», mas provavelmente as pessoas da sua idade admirá-la-iam pela sua coragem. *Não é bem como se eu fosse virgem*, pensou.

Fitou o rosto de Mervyn, magoado e teimoso, e o seu coração condoeu-se. *A sociedade de Boston que vá para o diabo*, pensou. *Este homem está a sofrer e ajudou-me quando eu precisei. Sem ele, não estaria aqui. Ele tem razão, estou em dívida para com ele.*

— Vai ajudar-me, Nancy? — implorou ele. — Por favor?

Nancy inspirou fundo. — Que diabo, vou.

CAPÍTULO TREZE

A última visão que Harry Marks teve da Europa foi um farol branco que se erguia, orgulhoso, na margem norte do estuário do Shannon, enquanto o oceano Atlântico zurzia a base dos penhascos violentamente. Uns minutos mais tarde, deixou de avistar terra: para onde quer que olhasse, apenas via o mar sem fim.

Quando chegar à América, vou ser rico, pensou ele.

Estar tão próximo do conjunto Delhi era tão tentador que quase chegava a ser sensual. Algures naquele avião, a não mais de alguns metros do seu lugar, havia uma fortuna em joias. Os seus dedos ansiavam, impacientes, por lhes tocar.

Um milhão de dólares em pedras preciosas valeria pelo menos cem mil num recetador. Poderia comprar um bom apartamento e um automóvel, ponderou, ou talvez uma casa de campo com um campo de ténis. Ou talvez devesse investir e viver dos juros. *Passava a ser um figurão a viver dos rendimentos!*

Mas, primeiro, teria de se apossar das joias.

Lady Oxenford não estava a usar o conjunto, portanto tinha de estar num de dois sítios: ou na bagagem de cabina, ali mesmo no compartimento, ou nas malas no porão. *Se fosse eu, mantinha-as bem perto de mim*, pensou. *Tinha-as na mala de cabina. Seria um terror tê-las longe da vista.* Contudo, era impossível saber a sua forma de raciocinar.

Em primeiro lugar, verificaria a bagagem de cabina. Conseguia vê-la, debaixo do assento, uma dispendiosa mala de pele cor de vinho com os cantos em metal. Interrogou-se como poderia examiná-la. Talvez surgisse uma oportunidade durante a noite, enquanto todos estivessem a dormir.

Arranjaria forma de o fazer. Seria arriscado, pois roubar era um jogo perigoso. Contudo, ele conseguia escapar sempre, mesmo quando as coisas não corriam bem. *Olhem para mim*, disse para si, *ainda ontem fui apanhado com a boca na botija, com botões de*

punho roubados no bolso das calças; passei a noite na cadeia e agora cá estou a caminho de Nova Iorque no Clipper da Pan American. Sorte? Não será a palavra certa!

Uma vez ouvira uma anedota sobre um homem que tinha saltado da janela de um décimo andar e que, ao passar pela janela do quinto piso durante a queda, dissera: «Até aqui, tudo bem.» Mas esse não seria o seu caso.

O comissário, Nicky, trouxe-lhe o menu do jantar, inquirindo se queria um *cocktail*. Não precisava de uma bebida, pediu uma taça de champanhe apenas porque lhe pareceu ser o mais indicado. *Assim é que é viver, menino*, disse para si. A euforia de estar no avião mais luxuoso do mundo rivalizava com a ansiedade do voo sobre o Atlântico, mas, assim que o champanhe fez efeito, foi a euforia que saiu vitoriosa.

Ficou surpreendido por ver que o menu estava em inglês. Os americanos não saberiam que as ementas finas deviam ser em francês? Talvez fossem demasiado sensatos para os imprimir numa língua estrangeira. Harry teve a sensação de que iria gostar da América.

O comissário explicou que a refeição seria servida em três grupos dado que a sala de jantar só dispunha de catorze lugares. — O senhor deseja jantar às seis, às sete e meia ou às nove horas, Mr. Vandenpost?

Percebeu que ali poderia estar a sua oportunidade. Se os Oxenford comessem mais cedo ou mais tarde, teria hipótese de ficar sozinho no compartimento. Que horário escolheriam eles, questionou-se. No seu íntimo, amaldiçoou o comissário por ter começado por ele. Um criado britânico ter-se-ia automaticamente dirigido aos aristocratas em primeiro lugar, mas aquele americano democrata devia seguir o número dos lugares. Teria de adivinhar a escolha dos Oxenford. — Deixe-me ver — proferiu a fim de ganhar tempo. Pela sua experiência, os ricos jantavam tarde. Um trabalhador podia tomar o pequeno-almoço às sete, almoçar ao meio-dia e terminar com o chá pelas cinco da tarde. Os Oxenford, porém, comeriam tarde, e Harry escolheu o primeiro serviço. — Acho que estou com fome —

declarou. — Vou jantar às seis.

O comissário virou-se para os Oxenford, e Harry susteve a -
respiração.

Lord Oxenford disse: — Às nove, segundo creio.

Harry suprimiu um sorriso de satisfação.

Contudo, Lady Oxenford interveio, dizendo: — Isso é demasiado tarde para o Percy, vamos jantar mais cedo.

Está bem, pensou Harry, apreensivo, *mas não demasiado cedo, por amor de Deus.*

Lord Oxenford anuiu: — Nesse caso, às sete e meia.

Harry ficou contente, aliviado. Estava um pouco mais próximo das joias Delhi.

Em seguida, o comissário voltou-se para o passageiro em frente de Harry, o sujeito do colete cor de vinho que parecia ser polícia. Apresentara-se-lhes como Clive Membury. *Escolhe as sete e meia*, pensou Harry, *e deixa-me sozinho no compartimento.* Foi com desilusão que ouviu o homem dizer que não estava com apetite e escolher as nove horas.

Que maçada, comentou para si. Nesse caso, Membury ficaria ali enquanto os Oxenford estivessem a jantar. Talvez saísse por uns minutos: era do tipo agitado, sempre a levantar-se e a sentar-se. Se não saísse por sua própria iniciativa, teria de ser Harry a encontrar uma maneira de se ver livre dele. Seria muito fácil se não estivessem num avião: Harry dir-lhe-ia que a sua presença era requisitada noutra sala, ou que tinha uma chamada telefónica, ou que havia uma mulher nua lá fora na rua. Ali, seria mais difícil.

O comissário declarou: — Mr. Vandenpost, se não se importa, o engenheiro e o navegador sentar-se-ão à sua mesa.

— Claro que não — concordou ele. Seria agradável conversar com alguém da tripulação.

Lord Oxenford pediu mais um uísque. Ali estava um homem - sempre com sede, como diziam os irlandeses. A mulher, pálida e calada, tinha um livro no colo, mas sem folhear uma única página. Parecia deprimida.

O jovem Percy afastou-se para conversar com a tripulação que não estava de serviço, e Margaret veio sentar-se ao lado de Harry. Ele inspirou um pouco do perfume que ela usava e identificou-o como Tosca. Despira o casaco, e assim ele pôde ver que tinha a figura da mãe: era bastante alta, os ombros largos, seios generosos e pernas longas. As roupas que usava, de boa qualidade mas simples, não lhe faziam justiça. Harry imaginou-a num vestido de noite comprido com um decote profundo, o cabelo ruivo apanhado e o longo pescoço pálido adornado por uns brincos compridos de esmeraldas de Louis Cartier, do período de influência indiana... Ficaria deslumbrante. Claro que não era assim que ela se via. Envergonhada por pertencer à aristocracia abastada, vestia-se como a mulher de um vigário.

Era uma rapariga impressionante, e Harry sentia-se um pouco intimidado, mas também via o seu lado vulnerável, e isso enternecia-o. *Deixa lá a ternura, Harry*, refletiu ele, *lembra-te apenas de que ela representa um perigo para ti e que tens de a tratar bem.*

Perguntou-lhe se já andara de avião. — Só a Paris com a mãe — retorquiu ela.

Só a Paris com a mãe, interrogou-se, pensativo. A mãe dele nunca visitaria Paris nem andaria de avião. — E como foi a viagem? — quis ele saber. — Como é ter um privilégio desses?

— Eu odiava aquelas viagens a Paris — comentou ela. — Tinha de ir aos chás com ingleses aborrecidos, quando o que me apetecia era estar num restaurante cheio de fumo com uma banda de músicos negros.

— A minha mãe costumava levar-me até Margate — disse ele. — Eu passeava de barco no mar, e comíamos gelados e peixe com batatas fritas.

Assim que as palavras lhe saíram, lembrou-se de que deveria mentir e ficou em pânico. Deveria ter murmurado entredentes algo vago sobre o colégio interno e uma casa de campo remota, tal como costumava fazer quando se via obrigado a falar da sua infância com raparigas das classes altas. Margaret, porém, sabia o seu segredo, e ninguém conseguia ouvir a conversa com o zumbido dos motores do

Clipper. Apesar disso, assim que deu consigo a dizer a verdade, sentiu-se como se tivesse saltado do avião e estivesse à espera de que o paraquedas abrisse.

— Nós nunca fomos à beira-mar — comentou ela, melancólica. — Só as pessoas vulgares é que vão para o mar remar. Eu e a minha irmã costumávamos ter inveja das crianças pobres, que podiam fazer o que lhes apetecesse.

Aquilo divertiu-o. Ali estava mais uma prova de quão afortunado ele nascera: os meninos ricos, nos grandes automóveis pretos, que usavam casacos compridos com golas de veludo e comiam carne todos os dias, invejavam-lhe a liberdade, os pés descalços, o peixe com batatas fritas.

— Lembro-me dos cheiros — prosseguiu ela. — O cheiro à porta de uma loja de empadas à hora do almoço, o cheiro das máquinas oleadas quando se passava por uma feira, o cheiro aconchegante a cerveja e a tabaco quando se abria a porta de um *pub* à noite no inverno. As pessoas nesses lugares pareciam sempre tão divertidas. Eu nunca entrei num *pub*.

— Não perdeu muito — retorquiu Harry, a quem os *pubs* não agradavam. — A comida do Ritz é bem melhor.

— Ambos preferimos o estilo de vida do outro — disse ela, pensativa.

— Só que eu conheço ambos — salientou ele — e *sei* qual é o melhor.

Margaret meditou por uns momentos, inquirindo de seguida: — O que vai fazer da sua vida?

Era uma pergunta peculiar. — Divertir-me — respondeu.

— Não, a sério.

— O que quer dizer com isso, «a sério»?

— Toda a gente gosta de se divertir. O que é que vai *fazer*?

— Aquilo que faço agora. — Num impulso, decidiu contar-lhe algo que nunca revelara antes. — Já leu *The Amateur Cracksman*, de Hornung? — Ela abanou a cabeça. — É a história de um cavalheiro e ladrão chamado Raffles, que fuma cigarros turcos, usa belas roupas,

é convidado para casa de pessoas e rouba-lhes as joias. Quero ser como ele.

— Oh, vá lá, deixe-se de parvoíces — retorquiu ela bruscamente.

Ficou algo magoado. Ela conseguia ser tão brutalmente direta quando achava que o seu interlocutor dizia tolices. Contudo, aquilo não era uma tontaria, era o seu sonho. Agora que lhe abrira o coração, sentiu necessidade de a convencer de que estava a dizer a verdade. — Não são parvoíces — contestou, ríspido.

— Mas não vai poder ser ladrão a vida toda — argumentou ela. — Acaba por envelhecer na prisão. Até o Robin Hood acabou por se casar e por assentar. O que gostaria *realmente* de fazer?

A essa pergunta, costumava responder com uma lista de compras: um apartamento, um automóvel, raparigas, festas, fatos das alfaia-tarias de Savile Row e belas joias. Sabia, contudo, que isso seria objeto do desdém dela. Sentia-se magoado, mas, de todas as formas, era verdade que as suas ambições não eram tão materialistas, e queria muito que ela acreditasse nos seus sonhos. — Gostava de viver numa grande casa de campo coberta de hera — declarou.

Interrompeu-se. De súbito, emocionou-se. Sentiu-se embaraçado, mas, não sabendo bem porquê, apetecia-lhe muito dizer aquilo. — Uma casa de campo com um campo de ténis e estábulos e rododendros a ladear o caminho — prosseguiu. Via-a claramente, e parecia-lhe o sítio mais seguro e mais confortável do mundo. — E eu havia de passear pelas minhas terras, de fato de *tweed* e botas castanhas, e falar com os jardineiros e os moços de cavalaria, e todos pensariam que era um verdadeiro cavalheiro. E havia de ter todo o dinheiro aplicado em investimentos seguros e nunca gastaria mais de metade do rendimento. E dava festas no jardim no verão e servia morangos com *chantilly*. E tinha cinco filhas, todas tão bonitas como a mãe.

— Cinco! — exclamou ela com uma gargalhada. — O melhor será casar-se com uma mulher forte! — Em seguida, ficou séria. — É um sonho adorável. Espero que se torne realidade.

Harry sentiu-se muito próximo dela, como se lhe pudesse perguntar

o que quer que fosse. — E a Margaret? — quis saber. — Tem um sonho?

— Quero participar na guerra — confessou. — Vou alistar-me no SAT.

Parecia ainda estranho falar de mulheres alistadas no Exército, mas naquele momento já era comum. — E o que fazia?

— Conduzia. Eles precisam de mulheres para estafetas e motoristas de ambulâncias.

— É um trabalho perigoso.

— Eu sei. Não importa. Apenas quero participar na luta. É a nossa última hipótese de parar o fascismo. — O queixo era firme e o olhar temerário, e Harry pensou que ela era extraordinariamente corajosa.

E disse: — Parece muito resoluta.

— Tive um... amigo que foi morto pelos fascistas em Espanha e quero terminar aquilo que ele começou — declarou tristemente.

Num impulso repentino, Harry inquiriu: — Amava-o?

Ela assentiu.

Percebeu que estava à beira das lágrimas. Tocou-lhe no braço, compadecido. — Continua a amá-lo?

— E continuarei sempre, um bocadinho. — A voz sumiu-se num murmúrio. — Chamava-se Ian.

Harry sentiu um nó na garganta. Apeteceu-lhe tomá-la nos braços e consolá-la. Tê-lo-ia feito, não fora o pai dela, de rosto ruborizado, a beber uísque e a ler o *The Times* na outra extremidade do compartimento. Teve de contentar-se em apertar-lhe a mão rápida e discretamente. Ela sorriu-lhe, agradecida, parecendo compreender.

O comissário anunciou: — O jantar está servido, Mr. Vandenpost.

Ele surpreendeu-se por serem seis horas. Lamentava ter de interromper a conversa com Margaret.

Ela leu-lhe o pensamento. — Temos imenso tempo para conversar — disse. — Vamos estar juntos nas próximas vinte e quatro horas.

— Certo. — Sorriu-lhe e tocou-lhe na mão de novo. — Até mais logo — murmurou.

Começara por fazer amizade com ela a fim de a manipular,

ocorreu-lhe. Acabara por lhe contar todos os seus segredos. Margaret tinha uma maneira de lhe alterar os planos que era preocupante. E o pior era que isso lhe agradava.

Passou ao compartimento seguinte. Ficou admirado ao vê-lo totalmente transformado, de sala de estar em sala de jantar. Viam-se três mesas para quatro pessoas e duas mesas de serviço mais pequenas. A disposição era a de um bom restaurante, com toalhas e guardanapos de linho, e um serviço de porcelana em branco e azul com o símbolo da Pan American. Reparou que as paredes daquela zona eram forradas a papel decorado com um mapa-mundo e o mesmo símbolo alado da companhia aérea.

O comissário conduziu-o a um lugar em frente a um homem baixo e atarracado num fato cinzento-claro, que Harry invejou. Um alfinete com uma grande pérola verdadeira prendia-lhe a gravata. Harry apresentou-se, e o homem estendeu a mão, dizendo: — Tom Luther. — Harry reparou que os botões de punho condiziam com o alfinete. Ali estava alguém que gastava dinheiro em joias.

Sentou-se e desdobrou o guardanapo. Luther tinha um sotaque americano com laivos de uma língua europeia qualquer. — De onde é, Tom? — sondou.

— De Providence, Rhode Island. E você?

— De Filadélfia. — Bem que gostaria de saber onde é que aquilo ficava. — Mas vivi em imensos sítios. O meu pai trabalhava em seguros.

Luther acenou cortesmente, não com muito interesse, o que convinha a Harry. Não queria ser interrogado sobre as suas origens: seria muito fácil equivocar-se.

Os dois tripulantes aproximaram-se e apresentaram-se. Eddie - Deakin, o engenheiro de voo, tinha ombros largos, cabelo louro e um rosto agradável: Harry teve a impressão de que gostaria de desatar o nó da gravata e despir o casaco do uniforme. Jack Ashford, o navegador, de cabelo escuro, barba densa e feições regulares, parecia ter nascido de uniforme.

Mal se sentaram, Harry sentiu uma certa hostilidade entre Eddie, o

engenheiro, e Luther, o passageiro, o que era interessante.

O jantar começou com *cocktail* de camarão. Os dois tripulantes bebiam coca-cola. Harry bebeu um copo de vinho branco do Reno, e Tom pediu um *martini*.

Harry continuava a pensar em Margaret Oxenford e no namorado morto em Espanha. Olhou pela janela, interrogando-se que sentimentos nutria ela por ele. Um ano era muito tempo, especialmente na idade dela.

Jack Ashford seguiu-lhe o olhar e comentou: — Até agora, temos tido sorte com o tempo.

Harry reparou que o céu estava limpo e que o sol brilhava nas asas. — Como é que costuma ser o tempo? — inquiriu.

— Às vezes chove todo o caminho desde a Irlanda à Terra Nova — declarou Jack. — Apanhamos granizo, neve, gelo, trovões e - relâmpagos.

Harry recordou-se de algo que lera. — E o gelo, não é perigoso?

— Fazemos o plano de voo de modo a evitar temperaturas negativas. Em todo o caso, o avião está equipado com botas de borracha anticongelantes.

— Botas?

— São apenas coberturas de borracha que se adaptam às asas e à cauda, os locais onde o gelo tende a aglomerar-se.

— Então, qual é a previsão meteorológica para o resto da viagem?

Jack hesitou por momentos, e Harry percebeu que ele preferia não falar do tempo. — Há uma tempestade sobre o Atlântico — proferiu.

— E é forte?

— No centro, é, mas, segundo espero, passamos-lhe ao lado — retorquiu, não parecendo totalmente convencido.

Tom Luther inquiriu: — Como é que é estar no meio de uma tempestade? — Sorria, deixando os dentes à mostra, mas Harry viu-lhe o medo nos olhos azul-pálidos.

— Há alguns solavancos — proferiu.

Não aprofundou a questão, mas o engenheiro, Eddie, interveio. Fixando Tom Luther diretamente, explicou: — É como tentar montar

um cavalo selvagem.

Luther empalideceu. Jack franziu o sobrolho a Eddie, mostrando a sua desaprovação perante a sua falta de tato.

O prato seguinte era sopa de tartaruga. Agora ambos os comissários, Nicky e Davy, estavam a servir. Nicky era gordo e Davy de estatura pequena. Harry, que apreciava a eficiência informal do seu serviço, achava que eram homossexuais — ou «musicais», como diria o grupo de amigos de Noël Coward.

O engenheiro parecia preocupado. Harry estudou-o discretamente. Não parecia ser do tipo taciturno: tinha um rosto afável e recetivo. Numa tentativa de puxar conversa, perguntou: — Quem é que está a pilotar o avião enquanto estão aqui a jantar, Eddie?

— O engenheiro-adjunto, Mickey Finn, está a substituir-me — explicou ele, sem sorrir, mas de maneira cordial. — Temos uma tripulação de nove pessoas, sem contar com os dois comissários. Todos nós, exceto o comandante, trabalhamos em turnos alternados de quatro horas. Eu e o Jack estamos de serviço desde que descolámos em Southampton às duas horas, portanto saímos às seis, há uns minutos.

— E o comandante? — quis saber Tom Luther, com um ar preocupado. — Toma medicamentos para ficar acordado?

— Faz umas sesta quando pode — esclareceu Eddie. — É provável que faça um intervalo maior quando ultrapassarmos o ponto de não retorno.

— Então vamos estar a voar com o comandante a dormir? — disse Luther num tom de voz algo elevado.

— Isso mesmo — confirmou Eddie com um sorriso.

Luther parecia aterrado. Harry tentou conduzir a conversa para águas mais calmas. — O que é o ponto de não retorno?

— Estamos sempre a monitorizar as reservas de combustível. Quando não tivermos o suficiente para regressar a Foynes, quer dizer que passámos o ponto de não retorno. — O tom foi brusco, e Harry teve a certeza de que o engenheiro estava a tentar assustar Tom Luther.

O navegador interveio, apaziguador. — Neste momento dispomos de combustível suficiente para chegar ao destino ou para regressar ao ponto de partida.

Luther insistiu: — Mas se não tivermos o suficiente nem para chegar lá nem para voltar?

Eddie inclinou-se sobre a mesa e dirigiu-lhe um sorriso sem humor. — Confie em mim, Mr. Luther — disse.

— Isso nunca aconteceria — apressou-se a contrapor o navegador. — Voltaríamos para trás, para Foynes, antes de termos chegado a esse ponto. E, como medida de segurança extra, fazemos os cálculos com base em três motores em vez de quatro, só para o caso de alguma avaria com um deles.

Jack tentava restaurar a confiança de Luther, mas a menção de uma avaria nos motores só serviu para assustar o homem ainda mais. Tentou ingerir alguma sopa, mas a mão tremia-lhe, e pingou a gravata.

Eddie recostou-se em silêncio, aparentemente satisfeito. Jack tentou conversar sobre trivialidades, e Harry fez o melhor que pôde para ajudar, mas o clima era de constrangimento. Harry interrogou-se sobre que diabo se passaria entre Eddie e Luther.

A sala encheu-se rapidamente. A mulher bonita com o vestido às bolas sentou-se na mesa ao lado com o seu acompanhante de *blazer* azul. Harry descobrira que eram Diana Lovesey e Mark Alder. A - *Margaret devia vestir-se como Mrs. Lovesey, ocorreu-lhe, ficaria ainda melhor.* Contudo, Mrs. Lovesey não parecia feliz; ao invés, tinha um ar infelicíssimo.

O serviço foi rápido, e a comida era excelente. O prato principal era *filet mignon*, espargos com molho holandês e esmagada de batata. O bife tinha o dobro do tamanho dos que eram servidos nos restaurantes ingleses. Harry não o terminou e recusou outro copo de vinho. Pretendia manter-se alerta. Ia roubar as joias Delhi. Era uma ideia emocionante, mas sentia-se apreensivo. Seria o maior golpe da sua carreira e poderia ser o último, se assim o decidisse. Poderia comprar a casa de campo coberta de hera e um campo de ténis.

Depois do bife, serviram salada, o que o deixou surpreendido. Não era frequente servir-se salada nos restaurantes caros de Londres e muito menos como um prato separado depois do principal.

Seguiram-se pêssegos *melba*, café e *petits-fours*. Eddie, o engenheiro de voo, pareceu aperceber-se de que não estava a ser sociável e fez um esforço por estabelecer conversa. — Não se importa se lhe perguntar qual o objetivo da sua viagem, Mr. Vandenpost?

— Afastar-me do Hitler, creio — confessou. — Pelo menos até a América entrar na guerra.

— Acha que é isso que vai suceder? — inquiriu o outro num tom de ceticismo.

— Foi o que aconteceu da última vez.

Tom Luther interveio: — Não temos divergências com os nazis. São contra o comunismo e nós também.

Jack anuiu com a cabeça.

Harry ficou atónito. Em Inglaterra todos pensavam que a América entraria na guerra. Contudo, isso não se passava naquela mesa. - Talvez os britânicos estivessem iludidos, refletiu, pessimista. Talvez não se pudesse esperar ajuda da América. Isso seria péssimo para a mãe, que permanecia em Londres.

Eddie declarou: — Acho que teremos de lutar contra os nazis. — Percebia-se um tom irritado na voz. — São como criminosos — prosseguiu, olhando diretamente para Luther. — E pessoas dessas têm de ser exterminadas, como se fossem ratazanas.

Jack ergueu-se abruptamente, parecendo inquieto. — Como já terminámos, Eddie, era melhor irmos descansar um pouco — declarou com firmeza.

Eddie pareceu surpreendido com aquela imposição súbita, mas, passado um momento, acenou em concordância, e os dois tripulantes retiraram-se.

Harry comentou: — O engenheiro é um tanto mal-educado.

— Pareceu-lhe? — admirou-se Luther. — Não reparei.

Grande mentiroso, pensou Harry. Praticamente chamou-te

gângster!

Luther pediu um brande, e Harry interrogou-se se o outro seria ou não gângster. Aqueles que conhecia em Londres davam mais nas vistas, com múltiplos anéis, casacos de peles e sapatos de duas cores. Luther parecia ter mais ar de homem de negócios tornado milionário por esforço próprio, um industrial de carne ou um armador, algo relacionado com a indústria. Num impulso, Harry quis saber: — O que faz o Tom para ganhar a vida?

— Tenho negócios em Rhode Island.

Não era uma resposta encorajadora, e, passados uns momentos, Harry levantou-se, fez um aceno de cabeça cortês e saiu.

Ao reentrar no seu compartimento, Lord Oxenford perguntou-lhe, abrupto: — O jantar presta para alguma coisa?

Agradara-lhe muitíssimo, mas as classes altas nunca demonstravam grande entusiasmo por comida. — Não é mau — retorquiu num tom neutro. — E há um vinho branco do Reno razoável.

Oxenford grunhiu e voltou à leitura do jornal. *Não há ninguém mais mal-educado que um lorde*, pensou Harry.

Margaret sorriu-lhe, parecendo agradada de o ver. — Como é que foi, a sério? — quis saber num murmúrio cúmplice.

— Delicioso — respondeu ele, e riram-se ambos.

Ficava diferente quando se ria. Normalmente era pálida e passava despercebida. Contudo, naquele instante, tinha a face rosada e a boca entreaberta, deixando entrever duas fiadas de dentes perfeitos; sacudiu o cabelo; e deixou escapar uma risada rouca e abafada, que Harry achou muito sensual. Apeteceu-lhe estender a mão através da coxia e tocar-lhe. Estava prestes a fazê-lo quando viu o olhar de Clive Membury, sentado à sua frente, e algo fê-lo refrear-se.

— Há uma tempestade sobre o Atlântico — disse-lhe.

— Quer dizer que vamos ter uma viagem com muitos solavancos?

— Sim, vão tentar rodeá-la, mas ainda assim vai ser turbulento.

Era-lhe difícil conversar com ela porque os comissários passavam constantemente pelo corredor, levando comida para a sala de jantar e regressando com tabuleiros de pratos sujos. Impressionava-o que

apenas dois homens conseguissem cozinhar e servir tantas refeições.

Pegou num exemplar da revista *Life* que Margaret deixara de ler e começou a folheá-la enquanto aguardava com impaciência que os Oxenford fossem jantar. Não tinha trazido livros nem revistas: não costumava ler muito. Gostava de saber o que traziam os jornais, mas preferia divertir-se a ouvir telefonia ou a ver cinema.

Por fim, eles foram chamados para o jantar, e Harry ficou sozinho com Clive Membury. Durante o primeiro trecho da viagem, o homem tinha ficado sentado no salão a jogar cartas, mas, agora que este se convertera em sala de jantar, instalara-se no seu lugar. *Talvez vá ao urinol*, pensou Harry. *E talvez fosse aconselhável começar a dizer «john» antes que alguém me apanhe.*

Mais uma vez se perguntou se o homem seria polícia e, se assim fosse, o que estaria a fazer a bordo do *Clipper* da Pan American. Se estivesse a perseguir um suspeito, o crime teria de ser de monta para a polícia britânica desembolsar o suficiente para uma passagem no *Clipper*. Por outro lado, poderia ser daquele tipo de pessoas que poupam anos a fio para fazer uma viagem de sonho, um cruzeiro pelo Nilo ou um trajeto no Expresso Oriente. Talvez fosse um apaixonado pela aeronáutica, querendo fazer um grande voo transatlântico. *Se assim for, espero que esteja a gostar*, pensou. *Noventa paus é muito dinheiro para um chui.*

A paciência não era um dos fortes de Harry e, passada meia hora em que Membury não fez menção de se levantar, decidiu tratar ele próprio do assunto. — Já viu a cabina de pilotagem, Mr. Membury? — inquiriu.

— Não...

— Dizem que vale a pena, que é tão grande como o interior de um *Douglas DC-3*, que é um avião bastante grande.

— Não me diga. — O seu interesse era meramente cortês. - Portanto, não seria um entusiasta da aviação.

— Devíamos ir visitá-la. — Harry deteve Nicky, que ia a passar com uma terrina de sopa de tartaruga. — Os passageiros estão autorizados a visitar a cabina de pilotagem?

— Claro que sim! E são muito bem-vindos!

— Agora será uma boa altura?

— Excelente, Mr. Vandenpost. Não estamos a descer nem a levantar, a tripulação não está a mudar de turno, e o tempo está bom. Não poderia ter escolhido melhor ocasião.

Harry tinha esperanças de que ele dissesse isso mesmo. Levantou-se e olhou para Membury, expectante. — Vamos?

O homem pareceu prestes a recusar. Não era do tipo de ser facilmente pressionado. Por outro lado, seria uma grosseria recusar-se a acompanhá-lo; e talvez Membury não quisesse parecer indelicado. Depois de uns momentos de indecisão, ergueu-se, dizendo: — Claro que sim.

Harry abriu caminho, conduziu-o através da copa, passou pelos lavabos dos homens e virou à direita, subindo a escada em caracol. Chegou ao convés de voo com Membury atrás de si.

Olhou em redor. Não tinha nada que se parecesse com a imagem que fazia da cabina de pilotagem de um avião. Limpa, sossegada e confortável, mais parecia o escritório de um edifício moderno. Os companheiros de mesa de Harry, o navegador e o engenheiro, não se encontravam a trabalhar, pois haviam sido rendidos; não estava na hora do seu turno. O comandante, porém, sentava-se a uma pequena mesa ao fundo da cabina. Ergueu os olhos, esboçou um sorriso agradável e cumprimentou: — Boa noite, cavalheiros. Desejam dar uma vista de olhos pela cabina?

— Gostávamos muito — retorquiu Harry, acrescentando: — Mas tenho de ir buscar a minha máquina fotográfica. Posso tirar fotos?

— Claro que sim.

— Eu já volto.

Desceu a escada a correr, muito satisfeito, mas tenso ao mesmo tempo. Afastara Membury por um bocado, mas a busca teria de ser muito rápida.

Regressou ao compartimento. Um dos comissários estava na copa, o outro na sala de jantar. Gostaria de esperar até estarem ambos ocupados a servir às mesas; sentir-se-ia mais à vontade com a

certeza de que não iam passar pelo compartimento durante alguns minutos, mas não tinha tempo. Tinha de arriscar ser interrompido.

Tirou a maleta de debaixo do lugar de Lady Oxenford. Era demasiado volumosa e pesada para ser bagagem de mão, mas não era ela que a carregava decerto. Pousou-a em cima do assento e abriu-a. Não estava fechada à chave, o que era mau sinal — nem ela devia ser tão ingénua a ponto de abandonar joias preciosas numa mala destrancada.

Ainda assim, vasculhou-a rapidamente, sempre de vigia pelo canto do olho, para o caso de alguém entrar. Continha perfume, maquilhagem, um conjunto de escova e pente de prata, um robe cor de avelã, uma camisa de noite, uns chinelos de quarto graciosos, roupa interior num tom de pêssego, meias altas, um estojo com os artigos de *toilette* habituais e um livro de poesia de Blake... mas nada de joias.

Harry praguejou em silêncio. Julgava que aquele seria o local mais provável. Naquele instante, começou a duvidar de toda a sua teoria.

A busca levava-lhe uns vinte segundos.

Fechou a maleta com rapidez e repô-la no seu lugar.

Interrogou-se se ela não teria pedido ao marido para levar as joias.

Olhou para o saco sob o lugar de Lord Oxenford. Os comissários continuavam ocupados. Decidiu arriscar.

Retirou o saco. Tinha o formato de um típico saco de tapeçaria, mas era de couro. Tinha um fecho com um cadeado pequeno. Harry trazia sempre consigo um canivete para situações daquelas. Usou-o para rebentar o cadeado e abriu o saco.

Enquanto revolia o seu interior, passou Davy, o comissário mais baixo, vindo da copa com um tabuleiro de bebidas. Harry ergueu o olhar e sorriu-lhe; Davy mirou o saco. Harry susteve a respiração e manteve o sorriso. O homem seguiu caminho para a sala de jantar, obviamente partindo do princípio de que o saco pertencia a Harry.

Deu um suspiro. Era um génio a eliminar eventuais desconfianças, mas ficava apavorado de cada vez que tinha de o fazer.

O conteúdo do saco de Oxenford era o equivalente do da mulher:

utensílios da barba, brilhantina, um pijama às riscas, roupa interior de flanela e uma biografia de Napoleão. Harry fechou-o e tornou a pôr o cadeado. Oxenford iria dar-se conta de que estava partido e interrogar-se-ia sobre o que teria acontecido. Se ficasse desconfiado, verificaria se faltava algo. Ao confirmar que nada faltava, decerto imaginava que o cadeado era defeituoso.

Harry guardou o saco no seu lugar.

Conseguira efetuar a busca, mas continuava longe de descobrir as joias Delhi.

Não era provável que fossem os filhos a transportar as joias, mas, de qualquer forma, decidiu examinar a bagagem deles.

Se Lord Oxenford quisesse ser matreiro e tivesse guardado as joias da mulher na bagagem dos filhos, era mais plausível ter escolhido Percy, que ficaria encantado com a ideia, em vez de Margaret, que estava disposta a desafiar o pai.

Harry pegou no saco de tela do rapaz e pousou-o no assento em que acabara de pôr o do pai dele, na esperança de que, se Davy passasse de novo, pensasse que era o mesmo.

Os pertences de Percy estavam tão bem arrumados que ele teve a certeza de que a mala havia sido feita por um criado. Nenhum rapaz de catorze anos dobraria o pijama, embrulhando-o em papel de seda. No estojo de *toilette* havia uma escova e uma pasta de dentes, ambas novas. Havia ainda um jogo de xadrez de bolso, um maço de histórias aos quadradinhos e uma embalagem de bolachas de chocolate — guardadas, ocorreu a Harry, por uma cozinheira ou uma criada afeiçoada. Harry procurou dentro do xadrez, folheou as revistas e abriu o embrulho das bolachas, mas não encontrou as joias.

Quando estava a guardar o saco, passou um passageiro a caminho da casa de banho. Harry ignorou-o.

Não acreditava que Lady Oxenford tivesse deixado o conjunto Delhi em Inglaterra, um país que poderia vir a ser invadido e conquistado dentro de algumas semanas. Todavia, não estava a usá-lo, nem o trazia consigo, tanto quanto lhe parecia. Se não estivesse na maleta de Margaret, teria de encontrar-se na bagagem de porão. E

aí seria difícil chegar. Seria possível entrar no porão enquanto o avião estivesse no ar? A alternativa seria talvez seguir os Oxenford até ao hotel em Nova Iorque...

Naquele momento o comandante e Clive Membury deveriam estar a interrogar-se como poderia levar tanto tempo a ir buscar a máquina fotográfica.

Pegou na maleta de Margaret. Parecia ser um presente de aniversário: era pequena, de pele macia em cor bege, com os cantos arredondados e belas ferragens. Quando a abriu, veio-lhe o aroma do perfume que ela usava, *Tosca*. Viu uma camisa de noite de algodão às florinhas e tentou imaginar a jovem com ela vestida. Era demasiado juvenil. A roupa interior era de algodão branco liso. Perguntou a si mesmo se ela seria virgem. Havia uma pequena moldura com uma fotografia de um jovem de cerca de vinte e um anos, um rapaz bonito, de longo cabelo escuro e sobrancelhas pretas, envergando o traje universitário de beca e capelo: tratar-se-ia do rapaz que morrera em Espanha. Teria Margaret dormido com ele? Harry achava que talvez sim, apesar das cuequinhas de menina da escola. Andava a ler um romance de D. H. Lawrence. *Aposto que a mãe não sabe*, pensou. Havia um montinho de lencinhos de linho, bordados com as iniciais «M. O.», que rescendiam a *Tosca*.

As joias também não estavam ali. Com os diabos.

Harry decidiu ficar com um dos lencinhos perfumados como recordação e, no momento exato em que pegava nele, passou Davy carregado com um tabuleiro cheio de tigelas de sopa.

Olhou de relance para Harry e deteve-se, franzindo o sobrolho. A maleta de Margaret era obviamente muito diferente do saco de Lord Oxenford. Era evidente que Harry não era o proprietário de ambos; assim sendo, estava decerto a mexer na bagagem de outras pessoas.

Davy fitou-o por instantes, desconfiado mas igualmente receoso de acusar um passageiro. Acabou por tartamudear: — Essa maleta é propriedade sua, Mr. Vandenpost?

Harry exibiu o pequeno lenço de linho. — Acha que eu me assoava a isto? — fechou a maleta e pô-la no lugar.

O comissário manteve o ar preocupado. Harry esclareceu: — Ela pediu-me para o vir buscar. As coisas que nós fazemos...

Davy mudou de expressão, parecendo embaraçado. — Peço desculpa, mas espero que o senhor compreenda...

— Agrada-me muito que esteja atento — retorquiu Harry. — Continue, que está a fazer um belo trabalho. — Deu-lhe uma pancadinha no ombro. Agora teria de ir entregar o maldito lenço de assoar a Margaret para tornar a história credível. Entrou na sala de jantar.

Ela sentava-se a uma mesa com os pais e o irmão. Estendeu-lhe o lenço, dizendo: — Deixou cair isto.

Margaret pareceu surpreendida. — Ai deixei? Muito obrigada!

— De nada. — Apressou-se a sair. Perguntou-se se Davy iria verificar a história e perguntar se ela lhe pedira para ir buscar um lenço. Duvidava.

Atravessou o seu compartimento, passou pela copa onde Davy empilhava pratos vazios e subiu pela escada em caracol. Como diabo é que ia entrar no porão? Nem sequer sabia onde ficava: não tinha visto as bagagens a serem guardadas no avião. Mas tinha de arranjar uma maneira.

O comandante Baker estava a explicar a Clive Membury como navegavam através do oceano, uma paisagem sem pontos de referência. — Na maior parte do tempo, voamos fora do alcance dos radiofaróis, portanto são as estrelas que nos guiam... quando as conseguimos ver.

Membury olhou para Harry. — E a máquina? — inquiriu, bruscamente.

— Esqueci-me de pôr um rolo — justificou-se. — Uma estupidez, hã? — Olhou em redor. — Como é que se veem as estrelas daqui?

— Ah, o navegador vai lá fora num instante — respondeu o comandante, muito sério. Em seguida, sorriu. — Estava a brincar. Temos uma cúpula de observação, eu mostro-vos. — Abriu uma porta ao fundo da cabina e entrou. Harry seguiu-o e viu-se dentro de uma passagem estreita. O comandante apontou para cima. — Ali é a cúpula. — Harry olhou para cima sem grande interesse: continuava a

pensar nas joias de Lady Oxenford. Havia uma espécie de bolha em vidro no teto e uma escada de mão pendurada num gancho de um dos lados. — Ele vai lá acima com o octante sempre que há uma aberta. Ali também fica a escotilha por onde são carregadas as bagagens.

Aquelas palavras fizeram-no prestar atenção. — A bagagem entra pelo teto? — inquiriu.

— Sim, senhor. Ali mesmo.

— E depois onde é que é armazenada?

O comandante apontou para as duas portas de cada lado da passagem. — Nos porões de bagagem.

Harry mal conseguia acreditar na sua sorte. — Então, todas as bagagens estão ali, por trás daquelas portas?

— Sim, senhor.

Harry experimentou uma delas. Não estava trancada. Espreitou lá para dentro. Lá estavam as malas e os baús dos passageiros, cuidadosamente empilhados e amarrados aos suportes, para não se moverem durante o voo.

Alguns, ali mesmo, estavam as joias Delhi, e uma vida de luxo para Harry Marks.

Clive Membury espreitava por cima do ombro de Harry. — Fascinante — murmurou.

— Bem pode dizê-lo — concordou Harry.

CAPÍTULO CATORZE

Margaret estava muito bem-disposta. Esquecia-se constantemente de que não queria ir para a América. Mal podia acreditar que fizera amizade com um ladrão verdadeiro! Normalmente, se alguém lhe tivesse dito: «Sou ladrão!», não teria acreditado. Todavia, no caso de Harry sabia que era verdade, porque o conhecera numa esquadra da polícia e vira-o ser acusado.

Sempre se sentira fascinada pelas pessoas que viviam à margem da ordem social: criminosos, boémios, anarquistas, prostitutas e vagabundos. Pareciam-lhe tão livres. É claro que poderiam não ter a liberdade de encomendar champanhe nem de voar para Nova Iorque ou de mandar os filhos para a universidade; não era ingénua a ponto de ignorar as restrições que advinham de se ser um excluído. Contudo, as pessoas como Harry nunca tinham tido de fazer uma coisa porque lhes ordenaram, o que lhe parecia maravilhoso. Sonhava ser guerrilheira, a viver nos montes, a vestir calças e a carregar uma espingarda, roubando comida e dormindo sob as estrelas e nunca ter de mandar engomar a roupa.

Nunca conhecera pessoas assim; ou, se isso tivesse sucedido, não as reconheceria por aquilo que eram — ela própria não se havia sentado na soleira de uma porta «na rua mais mal-afamada de Londres» sem se aperceber de que seria tomada por prostituta? Parecia ter passado tanto tempo, embora tivesse acontecido apenas na noite anterior.

Travar conhecimento com Harry fora a coisa mais interessante que lhe sucedera havia anos. Ele representava tudo o que sempre desejara. Naquela manhã decidira ir para Nova Iorque e aí estava ele a caminho. Se quisesse dançar toda a noite e dormir todo o dia, limitava-se a fazê-lo. Comia e bebia o que queria, quando queria, no Ritz ou num *pub* ou a bordo do *Clipper* da Pan American. Podia inscrever-se no Partido Comunista e depois sair sem ter de dar explicações a ninguém. Quando precisava de dinheiro bastava tirar

algun às pessoas que tinham mais do que mereciam. Era um espírito completamente livre!

Desejava saber mais sobre ele e lamentava o tempo que perdia a jantar sem a sua companhia.

Na sala de jantar havia três mesas de quatro lugares. O barão Gabon e Carl Hartmann sentavam-se na mesa mais próxima dos Oxenford, e o pai atirara-lhes um olhar de desprezo quando entraram, certamente por serem judeus. Na mesa deles encontravam-se também Ollis Field e Frank Gordon. Este último era um rapaz um pouco mais velho que Harry, malicioso e atraente, embora a boca exibisse uma expressão cruel; Ollis Field era mais velho, com um aspeto pálido e cansado, totalmente calvo. Ambos tinham causado alguns comentários por terem ficado a bordo quando todos os demais haviam desembarcado em Foynes.

Na terceira mesa encontravam-se Lulu Bell e a princesa Lavinia, que se queixava em voz alta pelo facto de o molho do *cocktail* de camarão estar demasiado salgado. Com elas, sentavam-se duas pessoas que tinham embarcado em Foynes, Mr. Lovesey e Mrs. Lenehan. Percy informou que os novos passageiros partilhavam a suíte nupcial, embora não fossem casados. Margaret ficou surpreendida por a Pan American permitir tal coisa. Talvez facilitassem um pouco por haver tanta gente desesperada por ir para a América.

Percy sentou-se à mesa com um quipá preto, e Margaret riu-se. Onde diabo o teria arranjado? O pai tirou-lho bruscamente da cabeça, resmungando, furioso: — Que idiota!

O rosto da mãe tinha a mesma expressão atordoada que exibia desde que deixara de chorar por Elizabeth. Disse num tom vago: — Parece tremendamente cedo para estarmos a jantar.

— São sete e meia — informou o pai.

— E não fica escuro porquê?

Foi Percy quem respondeu: — Em Inglaterra está escuro, mas nós estamos a trezentas e cinquenta milhas da costa da Irlanda. Vamos atrás do sol.

— Mas vai acabar por escurecer?

— Por volta das nove horas, calculo — respondeu o rapaz.

— Ótimo — disse a mãe.

— A mãe percebe que, se voássemos suficientemente depressa, acompanhávamos o Sol e nunca ficava escuro? — perguntou Percy.

O pai comentou com condescendência: — Acho que não há hipótese nenhuma de o homem vir a construir aviões assim tão rápidos.

O comissário, Nicky, trouxe o primeiro prato. — Para mim, não, obrigado — disse Percy. — Os camarões não são *kosher*⁴.

O comissário lançou-lhe um olhar espantado, e o pai ficou vermelho.

Margaret mudou de assunto rapidamente. — Quando chegamos à próxima escala, Percy? — O irmão sabia sempre essas coisas.

— O tempo de viagem até Botwood é de dezasseis horas e meia — declarou. — Devemos chegar às nove horas da manhã, no horário de verão britânico.

— Mas que horas serão lá?

— O tempo padrão da Terra Nova é três horas e meia menos que o tempo médio de Greenwich.

— Três e *meia*? — Margaret ficou surpreendida. — Não sabia que havia lugares que usavam meias horas.

Percy prosseguiu: — E Botwood segue o horário de verão, como a Grã-Bretanha, por isso a hora local quando amarmos será cinco e meia da manhã.

— Não vou ser capaz de acordar — disse a mãe num tom exausto.

— Vai, sim — contrapôs Percy, impaciente. — Vai *sentir* que são nove horas.

— Os rapazes são tão bons nestas coisas técnicas.

Margaret ficava irritada quando a mãe fingia que era estúpida. Acreditava que não era feminino compreender pormenores técnicos. «Os homens não gostam que as raparigas sejam demasiado espertas, querida», dissera a Margaret mais que uma vez. A jovem já não discutia com ela, mas não acreditava naquilo. Na sua opinião, só

os homens estúpidos pensavam assim. Homens espertos gostavam de raparigas espertas.

Apercebeu-se de vozes levemente alteradas na mesa do lado. O barão Gabon e Carl Hartmann discutiam, enquanto os companheiros de jantar os observavam num silêncio espantado. Margaret reparara que, sempre que olhava para eles, Gabon e Hartmann estavam embrenhados em conversa. Talvez não fosse surpreendente: se falávamos com um dos maiores cérebros do mundo, conversa de circunstância não servia. Ouviu a palavra «Palestina». Deviam estar a discutir o sionismo. Lançou um olhar nervoso ao pai; também ele ouvira e parecia irritado. Antes de ele poder falar, Margaret anunciou: — Vamos voar através de uma grande tempestade. Pode haver solavancos.

— Como é que sabes? — admirou-se Percy, num tom de voz ciumento. Ele é que era o especialista dos pormenores do voo, não a irmã.

— O Harry contou-me.

— E como é que *ele* soube?

— Jantou com o engenheiro e com o navegador.

— Não tenho medo — declarou Percy num tom que sugeria o contrário.

Não ocorrera a Margaret preocupar-se com a tempestade. Talvez fosse incomodativa, mas certamente não haveria verdadeiro perigo.

O pai esvaziou o copo e, num tom irritado, pediu mais vinho ao comissário. Estaria assustado devido à tempestade? A filha reparara que bebia ainda mais do que o costume. Tinha o rosto corado e os olhos pálidos pareciam parados. Estaria nervoso? Talvez ainda se sentisse nervoso por causa de Elizabeth.

— Margaret, devias conversar mais com aquele Mr. Membury. Está sempre calado — disse-lhe a mãe.

Ela ficou admirada. — Porquê? Parece que quer que o deixem em paz.

— Calculo que seja apenas tímido.

A mãe não costumava apiedar-se de pessoas tímidas, em especial

se pertencessem, como Mr. Membury, evidentemente à classe média. — Diga lá, mãe — pediu Margaret. — O que quer dizer?

— Só não quero que passe o voo todo a conversar com Mr. -Vandenpost.

Era isso exatamente que Margaret ia fazer. — E porquê? — questionou ela.

— Bem, sabe, ele é da sua idade, e a menina não quer dar-lhe ideias.

— Talvez gostasse de lhas dar. É terrivelmente bonito.

— Não, querida — respondeu a mãe com firmeza. — Há qualquer coisa nele que não bate exatamente certo. — A mãe queria dizer que ele não pertencia às classes altas. Como muitos estrangeiros que casavam com aristocratas, a mãe ainda era mais snobe que os ingleses.

Portanto, não se deixara enganar pela representação de Harry no papel de um jovem americano abastado. As suas antenas sociais eram infalíveis. — Mas a mãe disse que conhecia os Vandenpost de Filadélfia — admirou-se ela.

— E conheço, mas, agora que penso nisso, tenho a certeza de que ele não pertence a essa família.

— Talvez me faça amiga dele só para a castigar por ser tão snobe, mãe.

— Não é snobismo, querida, é pergaminhos. O snobismo é ordinário.

Margaret desistiu. A armadura da superioridade da mãe era impenetrável, e não valia a pena discutir com ela. Contudo, não tinha qualquer intenção de lhe obedecer. Harry era demasiado interessante.

— Pergunto-me o que fará Mr. Membury. Gosto do colete vermelho. Não me parece um viajante que atravessasse habitualmente o Atlântico — comentou Percy.

A mãe afirmou: — Calculo que seja um funcionário qualquer.

Era exatamente isso que parecia, pensou Margaret. A mãe tinha um olho incrível para aquele tipo de coisa.

— Provavelmente trabalha para a companhia — disse o pai.

— Diria que é mais um funcionário público — contrapôs a mãe.

Os comissários trouxeram o prato principal. A mãe recusou o *filet mignon*. — Nunca como alimentos cozinhados — explicou a Nicky. — Traga-me só um pouco de aipo e caviar.

Na mesa ao lado, Margaret ouviu o barão Gabon dizer: — Temos de ter a nossa terra... não há outra solução!

Carl Hartmann retorquiu: — Mas já admitiu que terá de ser um estado militarizado...

— Como defesa contra os vizinhos hostis!

— E aceita que terá de discriminar os árabes em favor dos judeus, mas o militarismo e o racismo combinados transformam-se em fascismo, que é aquilo contra o qual está supostamente a lutar!

— Chiu, não fale tão alto — advertiu Gabon, e ambos baixaram as vozes.

Em circunstâncias normais, Margaret ter-se-ia interessado pela polémica, discutira o assunto com Ian. Os socialistas estavam divididos em relação à Palestina: alguns diziam que era a oportunidade de criar o estado ideal; e outros que pertencia a quem lá vivia e não poderia ser «dada» aos judeus, tal como não se faria o mesmo à Irlanda, a Hong Kong ou ao Texas. O facto de tantos socialistas serem judeus só complicava a questão.

Naquele momento, porém, desejava apenas que Gabon e Hartmann se acalmassem para que o pai não ouvisse.

Infelizmente, tal não aconteceria. Discutiam algo que lhes dizia muito. Hartmann voltou a erguer a voz e disse: — Não quero viver num estado racista!

O pai comentou alto: — Não sabia que viajávamos com uma matilha de judeus.

— Oy vey⁵ — disse Percy.

Margaret fitou o pai, consternada. Houvera um tempo em que a sua filosofia política fizera algum sentido. Quando milhões de homens capazes se encontravam desempregados, parecera corajoso afirmar que tanto o capitalismo como o socialismo tinham falhado e que a

democracia não fazia nada pelo homem comum. A ideia de um Estado todo-poderoso tinha algo de apelativo, um Estado que superintendesse a indústria sob a liderança de um ditador benévolo. Porém, esses grandes ideais e essas políticas ousadas haviam degenerado numa intolerância irracional. Pensara no pai ao encontrar um exemplar de *Hamlet* na biblioteca lá de casa e ao ler o verso «Que nobre inteligência assim perdida!».

Achava que os dois homens, embrenhados no debate, não tinham ouvido o comentário grosseiro do pai, pois este estava de costas para eles. Para o afastar do tema, perguntou em tom vivo: — A que horas é que nos vamos deitar?

Foi Percy quem respondeu: — Eu gostava de ir cedo. — Aquilo era invulgar, mas era claro que estava ansioso pela novidade de dormir num avião.

— Vamos à hora habitual — alvitrou a mãe.

— Mas em que fuso horário? — questionou Percy. — Devo ir às dez e meia do horário de verão britânico ou às dez e meia do horário de verão da Terra Nova?

— A América é racista! — bradou o barão Gabon. — E a França também, e a Inglaterra, e a União Soviética... são todos estados racistas!

— Por amor de Deus! — exclamou o pai.

— Nove e meia parece-me boa ideia — disse Margaret.

Percy reparou na rima. — Estarei acabado às dez e um bocado — retorquiu.

Tratava-se de um jogo a que brincavam em crianças, e a mãe juntou-se-lhes. — Vou-me embora antes da meia hora.

— Serei a seguinte antes das vinte.

— E eu a derradeira antes de apitar a chaleira.

— É a sua vez, pai — disse Percy.

Fez-se um momento de silêncio. O pai jogara com eles nos velhos tempos, antes de se tornar amargo e desiludido. Por um instante, a expressão suavizou-se-lhe, e Margaret pensou que ia participar.

Então, Carl Hartmann declarou: — Portanto, por que motivo criar

ainda mais um estado racista?

Foi a gota de água. O pai virou-se, o rosto vermelho, a deitar perdigotos. Antes de alguém poder fazer algo para o impedir, bradou: — Seus judeuzecos, é melhor falarem mais baixo.

Hartmann e Gabon ficaram a olhar para ele, espantados.

Margaret sentiu-se corar violentamente. O pai falara suficientemente alto para todos ouvirem, e a sala caíra num silêncio absoluto. Desejou que o chão se abrisse e a engolissem. Era uma humilhação o facto de as pessoas olharem para ela e saberem que era filha do idiota grosseiro e bêbedo sentado na sua frente. Cruzou o olhar com Nicky e viu-lhe no rosto que ele tinha pena dela, o que ainda a fez sentir-se pior.

O barão Gabon empalideceu. Por momentos, parecia que ia responder, mas mudou de ideias e desviou o olhar. Hartmann fez um sorriso torcido, e passou pela ideia de Margaret que para ele, vindo da Alemanha nazi, aquele tipo de coisa era uma brincadeira.

O pai ainda não terminara. — Este compartimento é de primeira classe — acrescentou.

Margaret observava o barão Gabon. Na tentativa de ignorar o pai, pegou na colher, mas a mão tremia-lhe e entornou sopa no colete cinzento-rola. Desistiu e pousou a colher.

Aquele óbvio sinal de angústia comoveu-a. Sentia-se terrivelmente zangada com o pai. Virou-se para ele e, por uma vez, teve coragem de lhe dizer o que pensava. Declarou, furiosa: — O pai acabou de insultar gravemente dois dos mais distintos homens da Europa!

Ele retorquiu: — Dois dos mais distintos *judeus* da Europa.

Percy interveio: — Lembre-se da avó Fishbein.

O pai deu meia-volta e enfrentou-o. Agitando um dedo, bradou: — Esse disparate é para acabar, está a ouvir?

— Tenho de ir à casa de banho — disse Percy, levantando-se. — Estou agoniado. — E saiu da sala.

Margaret apercebeu-se de que tanto ela quanto Percy haviam enfrentado o pai, e ele nada pudera fazer. Era certamente uma espécie de acontecimento histórico.

O pai baixou a voz e dirigiu-se a Margaret. — Lembre-se de que foram estas pessoas que nos expulsaram da nossa pátria! — sibilou. Depois ergueu-a de novo. — Se querem viajar connosco, deviam aprender a ter maneiras.

— Basta! — bradou uma nova voz.

Margaret olhou para o outro lado da sala. O homem que falara chamava-se Mervyn Lovesey, o que entrara em Foynes. Pusera-se de pé. Os comissários, Nicky e Davy, pareciam petrificados e cheios de medo. Lovesey atravessou a sala e apoiou-se na mesa dos Oxenford com um ar perigoso. Era um homem alto e autoritário com quarenta e poucos anos, cabelo espesso a ficar grisalho, sobrancelhas pretas e feições vincadas. Trajava um fato caro, mas falava com sotaque do Lancashire. — Agradecia-lhe que guardasse essas opiniões para si — pediu num tom calmo mas ameaçador.

— Não tem nada a ver com isso... — disse o pai.

— Tenho, tenho — contrapôs Lovesey.

Margaret viu Nicky sair apressadamente e calculou que ia pedir ajuda à cabina de voo.

Lovesey prosseguiu: — Você não há de saber nada do assunto, mas o professor Hartmann é o físico mais importante do mundo.

— Quero lá saber o que ele é...

— Claro que não, mas eu quero. E considero as suas opiniões tão ofensivas como uma bufa malcheirosa.

— Digo o que me apetecer — afirmou o pai, fazendo menção de se levantar.

Lovesey impediu-o, pressionando-lhe o ombro com uma mão pesada. — Estamos em guerra com pessoas como o senhor.

O pai disse em voz fraca: — Desapareça, está bem?

— Sim, se calar a boca.

— Mando chamar o comandante...

— Não é preciso — disse uma voz nova, e apareceu o comandante Baker, com um ar calmo e a quem o chapéu do uniforme conferia autoridade. — Já aqui estou, Mr. Lovesey. Posso pedir-lhe que regresse ao seu lugar? Ficar-lhe-ia muito agradecido.

— Certo, eu sento-me — acedeu Lovesey —, mas não fico em silêncio enquanto o imbecil deste bêbedo manda baixar a voz e chama judeuzeco ao cientista mais famoso da Europa.

— Por favor, Mr. Lovesey.

Este regressou ao lugar.

O comandante virou-se para o pai. — Lord Oxenford, talvez as pessoas tivessem ouvido mal. Tenho a certeza de que não chamaria a outro passageiro a palavra mencionada por Mr. Lovesey.

Margaret rezava para que o pai aceitasse aquela saída airosa, mas, para sua consternação, ele ficou ainda mais agressivo. — Chamei-lhe judeuzeco porque é isso que ele é! — vociferou.

— Pai, pare com isso — gritou ela.

O comandante disse ao pai: — Tenho de lhe pedir que não utilize esses termos a bordo da minha aeronave.

O pai mostrou o seu desprezo. — Ele tem vergonha de ser um judeuzeco?

Margaret via que o comandante Baker estava a ficar furioso. — Este é um avião americano, caro senhor, e nós seguimos os padrões de comportamento americanos. Insisto em que deixe de insultar os outros passageiros e aviso-o de que tenho poder para o prender e de o mandar levar para a prisão pela polícia local na nossa próxima escala. Deve ficar ciente de que nestes casos, embora raros, a companhia apresenta sempre queixa.

A ameaça de prisão deixou o pai abalado, e manteve-se em silêncio. Margaret sentia-se profundamente humilhada. Embora tivesse tentado impedi-lo de falar e houvesse protestado contra o seu comportamento, mesmo assim tinha vergonha. Enterrou o rosto nas mãos. Já não aguentava mais.

Ouviu o pai dizer: — Irei regressar ao meu compartimento. — Ergueu o olhar e viu que se levantava. Ele virou-se para a mãe: — Querida?

A mãe levantou-se, enquanto o pai lhe segurava a cadeira. Margaret sabia que todos os olhares estavam postos nela.

De súbito, Harry apareceu, vindo do nada, e apoiou as mãos ao de

leve nas costas da cadeira dela. — Lady Margaret — disse com uma ligeira vénia. A jovem levantou-se, e ele afastou a cadeira. Sentia-se profundamente grata pelo seu gesto de apoio.

A mãe afastou-se da mesa, o rosto sem expressão e a cabeça erguida. O pai seguiu-a.

Harry ofereceu o braço a Margaret. Era um pequeno gesto, mas que para ela significou muito. Embora estivesse ainda muito corada, foi capaz de sair da sala com dignidade.

Um burburinho de vozes fez-se ouvir atrás dela ao passar para o seu compartimento.

Harry acompanhou-a ao lugar.

— Foi tão amável da sua parte — disse emotivamente. — Não sei como lhe agradecer.

— Ouvi a discussão mesmo daqui — explicou baixinho. — Sabia que devia estar a sentir-se mal.

— Nunca me senti tão humilhada na vida — confessou ela, infeliz.

O pai, porém, ainda não terminara. — Vão arrepender-se um dia, aqueles imbecis! — declarou. A mãe sentara-se no seu canto e olhava para ele sem expressão. — Escreva o que eu digo, vão perder esta guerra.

Margaret interveio: — Mais não, pai, por favor. — Felizmente o único presente era Harry. Mr. Membury desaparecera.

O pai ignorou-a. — O Exército alemão vai varrer a Inglaterra como uma onda gigantesca! E depois o que acha que vai acontecer? Hitler instala um governo fascista, claro. — De súbito, uma luz estranha brilhou-lhe no olhar. *Meu Deus*, pensou Margaret; *o meu pai está a enlouquecer*. Ele baixou a voz, e o rosto foi invadido por uma expressão manhosa. — Um governo fascista *inglês*, claro. E vai precisar de um fascista inglês para o liderar!

— Oh, meu Deus — disse ela. Percebeu o que ele estava a pensar, o que a deixou desesperada.

O pai acreditava que Hitler o ia fazer ditador da Grã-Bretanha.

Pensava que a Grã-Bretanha seria conquistada e que Hitler o iria fazer regressar do exílio para ser o chefe de um governo fantoche.

— E, quando houver um primeiro-ministro fascista em Londres, então a música será outra! — disse num tom triunfante, como se tivesse vencido uma discussão.

Harry fitava o pai de Margaret, atônito. — Pensa que... conta que Hitler *lhe* peça...

— Quem sabe? — respondeu o pai. — Teria de ser alguém sem mácula, sem ligações ao governo derrotado. Se me chamassem... o meu dever para com o meu país... um começo novo, sem recriminações...

Harry parecia demasiado chocado para *lhe* responder.

Margaret sentia-se desesperada. Tinha de se afastar do pai, já não aguentava mais. Estremeceu ao recordar-se do vergonhoso desfecho da sua última tentativa de fuga, mas não devia permitir que um fracasso a desencorajasse. Tinha de tentar de novo.

Dessa vez seria diferente. Aprenderia com o exemplo de Elizabeth. Pensaria com todo o cuidado e planearia com antecedência. Certificar-se-ia de que tinha dinheiro, amigos e um lugar para dormir. Da próxima vez faria com que resultasse.

Percy saiu da casa de banho dos homens, tendo perdido quase toda a cena dramática. Contudo, parecia ter vivido o seu próprio drama: tinha o rosto corado e um ar empolgado. — Não imaginam! — disse para o compartimento em geral. — Acabei de ver Mr. Membury nos lavabos... tinha o casaco desabotoado e estava a enfiar a fralda da camisa nas calças... e, debaixo do casaco, tem um coldre... com uma arma!

Alimentos permitidos pela lei judaica. (NT)

Expressão em iídiche que exprime consternação ou repugnância. (NT)

CAPÍTULO QUINZE

O *Clipper* aproximava-se do ponto de não retorno.

Eddie Deakin, distraído, nervoso, inquieto, voltou ao serviço às dez da noite da hora britânica. Nessa ocasião o Sol já se adiantara, deixando a aeronave na escuridão. O tempo também tinha mudado. A chuva zurzia as janelas, as nuvens escondiam as estrelas, e os ventos inconstantes sacudiam o grande avião sem dó nem piedade, chocalhando os passageiros.

Geralmente o tempo ficava pior a uma altitude inferior, mas, apesar disso, o comandante Baker voava próximo do nível do mar. Andava «à caça do vento», à procura da altitude em que os ventos de oeste eram menos fortes.

Eddie estava preocupado pois sabia que o avião não dispunha de muito combustível. Sentado no seu posto, começou a calcular a distância que o avião conseguiria percorrer com o existente nos tanques. O tempo estava um tudo-nada pior do que o previsto, o que significava que os motores queimavam mais combustível que o calculado. Se não fosse o suficiente para os levar até à Terra Nova, teriam de voltar para trás antes de chegarem ao ponto de não retorno.

Nesse caso, que sucederia a Carol-Ann?

Tom Luther era muito cuidadoso e devia ter posto a hipótese de o *Clipper* poder sofrer um atraso. Teria alguma forma de contactar os cúmplices a fim de confirmar ou alterar a hora do encontro?

Todavia, se o avião voltasse para trás, Carol-Ann ficaria nas mãos dos seus raptos durante pelo menos mais vinte e quatro horas.

Eddie tinha permanecido sentado no compartimento da frente durante a maior parte do seu período de descanso, irrequieto, enquanto olhava pelas janelas, a contemplar o vazio. Nem sequer tentara dormir, sabendo de antemão que não valia a pena tentar. Diversas imagens de Carol-Ann atormentavam-no constantemente: via a mulher em lágrimas, amarrada ou ferida; assustada, suplicante, histérica ou desesperada. De cinco em cinco minutos, apetecia-lhe

socar a fuselagem, e teve de controlar o impulso de subir a escada a correr e perguntar ao seu substituto, Mickey Finn, qual o consumo do combustível.

A angústia que sentia levava-o a picar Tom Luther na sala de jantar. Fora um comportamento muito estúpido. Por um acaso desafortunado, haviam sido sentados à mesma mesa. Depois da refeição, o navegador, Jack Ashford, tinha-o repreendido, e ele viu como fora estúpido. Agora, Jack sabia que algo se passava entre ele e Luther. Eddie recusara-se a esclarecê-lo, e, de momento, o outro tinha aceitado. Eddie jurara a si mesmo ser mais cuidadoso dali em diante. Se o comandante Baker suspeitasse que o seu engenheiro de voo estava a ser chantageado, cancelaria o voo, e isso deixá-lo-ia impotente para ajudar Carol-Ann. Mais uma coisa que tinha com que se preocupar.

Durante o segundo turno do jantar, a atitude de Eddie para com Tom Luther fora esquecida devido ao desentendimento entre Mervyn Lovesey e Lord Oxenford. Eddie não tinha presenciado a cena — estando sentado no compartimento da frente a afligir-se —, mas os comissários tinham-lhe contado pouco depois. Eddie achava que Lord Oxenford era um bruto que devia ser posto na ordem e que o comandante Baker fizera bem. Eddie teve pena do rapaz, Percy, por ser criado por um pai daqueles.

O terceiro turno do jantar estava prestes a terminar, e então as coisas começariam a sossegar no convés dos passageiros. Os mais velhos iriam para a cama. A maioria ficaria sentada por mais umas horas, a sentir os solavancos, demasiado excitada ou nervosa para ter sono; depois, um a um, sucumbiriam ao relógio da natureza e retirar-se-iam. Alguns indefetíveis dariam início a uma partida de cartas na sala e continuariam a beber, mas seria o tipo de consumo calmo e prolongado que se estenderia noite fora, mas que raramente trazia problemas.

Com ansiedade, Eddie marcou o consumo de combustível na Curva de Howgozit. A linha vermelha que mostrava o consumo real estava consistentemente acima da linha a lápis da estimativa que ele

fizera, o que era quase inevitável, dado que ele alterara a sua previsão. Contudo, a diferença era maior do que esperara por causa do mau tempo.

Ficou ainda mais preocupado quando calculou o alcance efetivo do combustível remanescente. Quando fez o cálculo na base de três motores — algo que tinha de fazer segundo as normas de segurança —, descobriu que não havia combustível suficiente para os levar até à Terra Nova.

Deveria avisar o comandante de imediato, mas não o fez.

A diferença era muito pequena: com quatro motores, haveria combustível suficiente. Além do mais, a situação poderia mudar nas horas seguintes: com ventos mais ligeiros que o previsto, o avião gastaria menos combustível, e a quantidade remanescente seria maior. E, se acontecesse o pior, poderiam mudar de rota e voar pelo centro da tempestade e assim encurtar a distância. Os passageiros teriam de aguentar mais solavancos.

À sua esquerda, o operador de rádio, Ben Thompson, transcrevia uma mensagem em código Morse, a calva inclinada sobre a consola. Esperançado de que fosse uma previsão meteorológica mais favorável, Eddie postou-se atrás dele e leu a mensagem por cima do ombro.

A mensagem deixou-o perplexo.

Era do FBI e vinha dirigida a alguém de nome Ollis Field. Dizia:

A AGÊNCIA RECEBEU INFORMAÇÕES DE QUE CÚMPLICES DE CRIMINOSOS CONHECIDOS PODERÃO ENCONTRAR-SE A BORDO. TOME PRECAUÇÕES EXTRA COM O PRISIONEIRO.

Que significaria aquilo? Teria algo a ver com o rapto de Carol-Ann? Por momentos, a mente de Eddie fervilhou com inúmeras possibilidades.

Ben rasgou a folha do bloco e disse: — Comandante! É melhor ver isto.

Jack Ashford levantou os olhos da mesa de cartas, alertado pelo tom premente da voz do operador de rádio. Eddie pegou na

mensagem, mostrou-a por instantes a Jack e depois passou-a ao comandante Baker, que estava a comer bife com esmagada de batata num tabuleiro na mesa de conferências, ao fundo da cabina de voo.

O rosto do comandante ensombrou-se enquanto lia. — Isto não me agrada — disse. — O Ollis Field deve ser um agente do FBI.

— É um dos passageiros? — perguntou Eddie.

— É. Achei que havia algo de estranho nele. Um tipo apagado, nada o tipo de passageiro do *Clipper*. Ficou a bordo na escala em Foynes.

Eddie não reparara nele, mas o navegador reparara. — Acho que percebo o que está a dizer — disse Jack, coçando a barba cerrada do queixo. — Um sujeito careca. E há um tipo novo com ele, com um fato um bocado espalhafatoso. Parecem um par estranho.

O comandante proferiu: — O mais novo deve ser o prisioneiro. Acho que se chama Frank Gordon.

Eddie raciocinou: — É por isso que ficaram a bordo quando pousámos em Foynes. O homem do FBI não lhe quer dar qualquer hipótese de fuga.

O comandante acenou, sisudo. — O Gordon deve ter sido extraditado da Grã-Bretanha... e os ladrões comuns não são extraditados. O tipo deve ser criminoso e perigoso. E puseram-no no meu avião sem eu saber!

O operador de rádio interrogou-se: — Que terá ele feito...

— Frank Gordon — refletiu Jack. — Isso diz-me qualquer coisa. Esperem lá... aposto que é o Frankie Gordino!

Eddie lembrava-se de ter lido sobre Gordino nos jornais. Tratava-se de um assassino a soldo de um gangue da Nova Inglaterra, que era procurado por um crime que envolvia o proprietário de um clube de Boston que se recusara a pagar a chamada «taxa de proteção». Gordino irrompera pelo clube, atingira o proprietário a tiro no estômago, violara a namorada do homem e lançara fogo ao clube. O tipo morrera, mas a rapariga escapara com vida e identificara Gordino por uma fotografia.

— Já vamos saber se é ele ou não — disse Baker. — Eddie, faz-

me um favor, vai dizer a este Ollis Field que venha cá.

— É para já. — Eddie pôs o chapéu, vestiu o casaco do uniforme e desceu a escada, enquanto analisava aquele desenvolvimento. Tinha a certeza de que haveria alguma ligação entre Frankie Gordino e as pessoas que haviam raptado Carol-Ann, e tentou freneticamente imaginar qual seria, mas sem sucesso.

Espreitou para a copa, onde um comissário estava a encher um jarro com café de uma cafeteira enorme de cinco galões. — Davy — inquiriu —, onde é que está Mr. Ollis Field?

— No quarto compartimento, a bombordo, de frente para a cauda — respondeu o comissário.

Eddie percorreu a coxia, equilibrando-se no piso trepidante com o seu passo experiente. Reparou na família Oxenford, com um ar desanimado, no 2.º compartimento. Na sala de jantar, o terceiro turno estava a terminar a refeição, com o café a derramar pelos pires à medida que a tempestade ganhava força e fustigava o avião. Atravessou o 3.º e subiu o degrau para o 4.º.

No assento do fundo virado para a traseira, a bombordo, sentava-se um homem calvo, de cerca de quarenta anos, que parecia ensonado, a fumar e a mirar a escuridão exterior pela janela. Não era aquela a imagem que Eddie tinha de um agente do FBI: não conseguia imaginar aquele homem de arma na mão a irromper por uma sala cheia de contrabandistas.

De frente para Field, via-se um jovem, muito mais bem vestido, com o físico de um atleta reformado que está a ganhar peso. Devia ser Gordino. Apresentava o rosto pedante e amuado de um miúdo mimado. Eddie interrogou-se se seria o tipo de homem capaz de atingir alguém com um tiro no estômago. *Sim, acho que sim.*

Eddie dirigiu-se ao mais velho. — Mr. Field?

— Sim.

— O comandante gostaria de lhe dar uma palavrinha, se fosse - possível.

O rosto franziu-se ligeiramente em desagrado, após o que se seguiu uma expressão resignada. Estava irritado, imaginando que o

seu segredo fora descoberto, mas o ar implicava que no fundo lhe era indiferente. — Claro que sim — anuiu. Esmagou o cigarro no cinzeiro da parede, desapertou o cinto de segurança e ergueu-se.

— Se não se importa de me acompanhar — disse Eddie.

No caminho de regresso, ao passar pelo 3.º compartimento, Eddie viu Tom Luther, e os dois homens entreolharam-se. Nesse instante, Eddie teve um rasgo de inspiração.

A missão de Luther era resgatar Frankie Gordin.

A ideia espantou-o tanto que estacou, e Ollis Field embateu nele.

Luther fitou-o, em pânico, visivelmente receoso de que Eddie fizesse algo que o denunciasse.

— Desculpe — disse Eddie, dirigindo-se a Field e retomando o passo.

Agora tudo se tornava claro. Frankie Gordin fora forçado a fugir do país, mas o FBI havia-o localizado na Grã-Bretanha e conseguira a sua extradição. Tinham decidido levá-lo de avião no regresso, e os seus cúmplices haviam descoberto. E iam tentar resgatá-lo antes que chegasse aos Estados Unidos.

Era aí que Eddie entrava no plano. Faria o avião amarrar na costa do Maine, onde um barco rápido os esperaria. Gordin seria retirado da aeronave e escaparia na lancha. Poucos minutos depois, desembarcaria nalguma enseada protegida, talvez do outro lado da fronteira com o Canadá, onde um automóvel o levaria para um esconderijo. Teria escapado à justiça... graças a Eddie Deakin.

Enquanto conduzia Field pela escada em caracol, sentiu-se aliviado por ter compreendido por fim o que se passava e igualmente horrorizado por ter de ajudar um criminoso a fim de salvar a mulher.

— Comandante, aqui está Mr. Field — disse.

O comandante Baker vestira o casaco do uniforme e sentava-se à mesa de conferências, com a mensagem de rádio nas mãos. O tabuleiro do jantar já fora levado. O chapéu cobria-lhe o cabelo louro e dava-lhe um ar de autoridade. Ergueu o olhar para Field, mas não o convidou a sentar-se. — Recebi uma mensagem que lhe é endereçada... do FBI — proferiu.

Field estendeu a mão para pegar no papel, mas Baker não lho entregou.

— O senhor é agente do FBI? — quis saber o comandante.

— Sou.

— E encontra-se no momento ao serviço da agência?

— Estou, sim.

— E qual é a sua missão?

— Creio que o comandante não precisa de saber. Por favor, dê-me a mensagem. Acabou de dizer que me é dirigida a mim, não a si.

— Eu sou o comandante deste avião e, a meu ver, preciso de saber o que se passa. Não discuta comigo, Mr. Field, faça apenas o que lhe digo.

Eddie examinou o agente. Era um homem calvo, pálido e cansado, com uns olhos azuis lacrimejantes. Era alto e via-se que fora vigoroso outrora, mas agora os ombros curvavam-se-lhe e parecia enfraquecido. Aparentava ser mais arrogante que corajoso, pensou Eddie, o que se confirmou quando Field cedeu de imediato à pressão.

— Escolto um prisioneiro extraditado para os Estados Unidos a fim de ser presente a julgamento — declarou. — Chama-se Frank Gordon.

— Também conhecido por Frankie Gordino?

— Exatamente.

— Tenho de lhe dizer que me oponho veementemente ao facto de ter trazido um criminoso perigoso para bordo do meu avião sem o meu conhecimento.

— Se o senhor sabe o nome, também há de saber o que é que ele faz na vida. Trabalha para o Raymond Patriarca, que é responsável por assaltos à mão armada, extorsão, jogo ilegal e prostituição, de Rhode Island ao Maine. O Ray Patriarca foi declarado inimigo público número um pelo Gabinete de Segurança Pública de Providence. O Gordino é o que costumamos chamar de assassino a soldo. Aterroriza, tortura e assassina sob as ordens do Patriarca. Não poderíamos avisá-lo por motivos de segurança.

— A sua segurança é uma merda. — Baker estava furioso. Eddie

nunca o vira dirigir palavras a um passageiro. — O gangue do Patriarca sabe tudo. — E entregou-lhe a mensagem de rádio.

Field leu-a e empalideceu. — Como diabo é que eles descobriram? — murmurou.

— Tenho de perguntar-lhe quem são os passageiros «cúmplices de criminosos conhecidos» — disse o comandante. — Reconhece alguém que esteja a bordo?

— Claro que não — retorquiu Field, irritado. — Se assim fosse, já tinha avisado a agência.

— Se conseguirmos identificar quem são, ponho-os fora do avião na próxima escala.

Eu sei quem são, pensou Eddie, eu e o Tom Luther.

Field sugeriu: — Envie a lista completa de passageiros e tripulação ao FBI. Eles investigam os nomes todos.

Eddie foi invadido por um calafrio de ansiedade. Haveria algum risco de Tom Luther ser desmascarado? Isso seria o fim. Seria um criminoso conhecido das autoridades? Seria esse o seu nome verdadeiro? Se estivesse a usar uma identidade falsa, precisaria de um passaporte falso. Não que isso fosse um problema, estando envolvido com mafiosos importantes. Decerto teria tomado precauções. Em tudo o resto revelara grande organização.

O comandante ripostou, irritado: — Acho que não precisamos de nos preocupar com a tripulação.

Field encolheu os ombros. — Faça como entender. A agência obtém a lista da Pan American num instante.

O homem não era diplomático, refletiu Eddie. *Será que os agentes do FBI recebem aulas de antipatia do próprio J. Edgar Hoover?*

O comandante pegou no manifesto de passageiros e na lista de tripulação e entregou-os ao operador de rádio. — Envie isto imediatamente, Ben — disse. Fez uma pausa, acrescentando: — Inclua a tripulação.

Ben Thompson sentou-se no seu posto e começou a transmitir a mensagem em código Morse.

— Só mais uma coisa — acrescentou o comandante para Field. —

Tenho de confiscar a sua arma.

Baker era esperto, pensou Eddie. Não lhe ocorrera que o agente estivesse armado, mas tinha de estar, pois escoltava um criminoso perigoso.

Field protestou: — Oponho-me terminantemente...

— Os passageiros não estão autorizados a ser portadores de armas de fogo. Não há exceções à regra. Entregue-me a arma.

— E se eu recusar?

— Mr. Deakin e Mr. Ashford tirar-lha-ão de qualquer forma.

Eddie ficou surpreso com tal afirmação, mas fez o seu papel e aproximou-se de Field, ameaçador. Jack fez o mesmo.

Baker prosseguiu: — Se me obrigar a usar da força, terei de o pôr fora do avião na próxima escala e não permitirei a sua entrada.

Eddie sentiu-se impressionado pela forma como o comandante mantinha a sua superioridade apesar de o seu antagonista estar armado. Não era isso que sucedia nos filmes, em que o homem de pistola dava ordens a toda a gente.

Que faria Field? O FBI não aprovaria decerto que entregasse a sua arma, mas, por outro lado, seria bem pior se fosse expulso do avião.

O agente argumentou: — Mas estou a escoltar um prisioneiro perigoso, preciso da arma.

Eddie viu algo pelo canto do olho. A porta do fundo da cabina que levava à cúpula de observação e aos porões de carga estava entreaberta. Viu que algo se mexera atrás dela.

O comandante disse: — Tire-lhe a arma, Eddie.

Eddie enfiou a mão no casaco de Field. O homem não fez qualquer gesto. Eddie encontrou o coldre de tórax, desapertou-o e tirou a arma. Field olhava em frente, impassível.

De seguida, Eddie dirigiu-se para o fundo da cabina e escancarou a porta.

Deparou-se com o jovem Percy Oxenford.

Eddie ficou aliviado. Quase esperara dar de caras com bandidos do gangue de Gordino, armados de metralhadoras.

O comandante Baker mirou Percy e inquiriu: — De onde é que

veio?

— Há uma escada ao lado da casa de banho das senhoras — explicou Percy —, que vai dar à cauda do avião. — Fora o local onde Eddie tinha ido inspecionar os cabos do leme. — Pode-se vir a rastejar de lá. E vem-se ter aos porões da bagagem.

Eddie continuava a empunhar a arma de Ollis Field. Foi guardá-la na gaveta da mesa de cartas do navegador.

O comandante Baker disse a Percy: — Faça favor de voltar para o seu lugar, meu jovem, e não saia da cabina de passageiros durante o resto do voo. — Percy virou as costas para regressar pelo caminho de que viera. — Por aí, não — bradou Baker. — Pelas escadas.

Um tanto atemorizado, Percy apressou-se a atravessar a cabina e a descer a escada de caracol.

— Há quanto tempo é que ele estava ali, Eddie? — quis saber.

— Não sei. Acho que deve ter ouvido a conversa toda.

— Lá se vai a nossa esperança de ocultar isto dos passageiros. — Por instantes, Baker pareceu esgotado, e ocorreu a Eddie o peso da responsabilidade do comandante. Em seguida, animou-se de novo. — Pode regressar ao seu lugar, Mr. Field. Muito obrigado pela sua cooperação. — Ollis Field virou as costas e saiu sem dizer palavra. — Regressemos ao trabalho — rematou o comandante.

Os homens voltaram aos seus postos. Eddie verificou os mostradores automaticamente, embora a mente lhe fervesse em turbilhão. Constatou que o combustível dos tanques das asas, que alimentavam os motores, estava a ficar baixo, e deu início à transferência de combustível dos tanques centrais, que ficavam nos hidroestabilizadores. Os seus pensamentos, contudo, não se afastavam de Frankie Gordino. Tinha atingido um homem a tiro, violado uma mulher e deitado fogo a um clube noturno, mas fora apanhado e seria punido pelos seus crimes hediondos — só que Eddie Deakin ia salvá-lo. Graças a ele, a rapariga ia ver o seu violador ficar impune.

E o pior era que Gordino voltaria a matar. Era provável que não prestasse para mais nada. Chegaria o dia em que Eddie havia de

saber de um crime tenebroso pelos jornais: talvez um homicídio por vingança, em que a vítima fosse torturada e mutilada antes de morrer; ou quiçá um edifício incendiado com mulheres e crianças dentro; ou uma rapariga subjugada e violada por três homens. E então a polícia associá-lo-ia ao gangue de Ray Patriarca, e Eddie interrogar-se-ia: «Foi o Gordino? Serei eu o responsável? Estas pessoas sofreram e morreram porque ajudei o Gordino a escapar à justiça?»

Quantos mais assassínios teria ele na consciência se fosse para a frente com aquilo?

Porém, não tinha alternativa. Carol-Ann estava nas mãos de Ray Patriarca. Cada vez que pensava nisso, um suor frio cobria-lhe as fontes. Tinha de a proteger, e a única forma era cooperar com Tom Luther.

Olhou para o relógio: era meia-noite.

Jack deu-lhe a posição atual do avião, tanto quanto podia determinar, pois ainda não conseguira observar uma estrela. Ben Thompson apresentou as últimas previsões meteorológicas: a tempestade era das fortes. Eddie fez mais uma leitura dos níveis dos tanques e começou a refazer os cálculos. Talvez aquilo solucionasse o seu dilema: se não dispusessem de combustível suficiente para chegar à Terra Nova, teriam de voltar, e isso seria o fim. Não era fatalista: tinha de fazer qualquer coisa.

O comandante Baker inquiriu em voz alta: — Como é que isso vai, Eddie?

— Ainda não acabei — retorquiu.

— Despacha-te, que devemos estar próximos do ponto de não retorno.

Eddie sentiu uma gota de suor escorrer-lhe pela face. Limpou-a rapidamente num movimento sub-reptício.

Terminou as contas.

O combustível remanescente não chegava.

Por instantes, nada disse.

Curvou-se sobre o bloco de notas e fingiu não ter terminado ainda. A situação era pior do que no início do seu turno. No momento, não

tinham combustível para terminar o voo pela rota escolhida pelo comandante, mesmo com os quatro motores: a margem de segurança desaparecera. A única forma de o fazer era encurtar a viagem e atravessar a tempestade, ao invés de a contornar; e mesmo assim, se perdessem um dos motores, não teriam qualquer hipótese.

Morriam todos os passageiros, e eu também; e o que aconteceria à Carol-Ann?

Cerrou os dentes. Não suportava a ideia de a mulher ficar mais um dia com os raptos. Preferia arriscar tudo.

— Está preparado para alterar a rota e atravessar a tempestade? — inquiriu.

— É mesmo necessário?

— Ou isso ou regressamos. — Eddie susteve a respiração.

— Que raio! — soltou o comandante. Todos detestavam voltar para trás a meio do Atlântico, era uma frustração tão grande.

Eddie aguardou pela decisão do comandante.

— Que se lixe! — exclamou Baker. — Vamos atravessar a tempestade.

PARTE QUATRO

De meio do Atlântico a Botwood

CAPÍTULO DEZASSEIS

Diana Lovesey estava furiosa com o marido, Mervyn, por ter embarcado no *Clipper* em Foynes. Em primeiro lugar, sentia-se muitíssimo envergonhada com a perseguição dele e receava que as pessoas considerassem toda aquela situação altamente cómica. Era, porém, mais importante o facto de ela não querer a oportunidade que ele lhe estava a dar de mudar de ideias. Tomara a sua decisão, mas Mervyn recusara-se a aceitá-la como definitiva, o que, de certa forma, lançava dúvidas sobre a sua determinação. Agora, teria de reiterar a decisão vezes sem conta, pois ele continuaria a pedir-lhe que reconsiderasse. Por fim, ele arruinara-lhe completamente o prazer do voo. Devia ser a viagem de uma vida, uma viagem romântica na companhia do amante, mas a estimulante sensação de liberdade que sentira ao levantar voo de Southampton desaparecera para sempre. O voo, o luxuoso avião, a companhia elegante ou a comida *gourmet* não lhe davam qualquer prazer. Receava tocar em Mark, dar-lhe um beijo, fazer-lhe uma festa no braço ou dar-lhe a mão, caso Mervyn passasse pelo compartimento nesse momento e visse o gesto dela. Não sabia bem qual o lugar dele, mas contava vê-lo a qualquer momento.

Mark estava completamente arrasado pelo desenlace da história. Depois de Diana ter recusado Mervyn em Foynes, sentira-se exultante, afetuoso e otimista, falando da Califórnia, dizendo piadas e beijando-a sempre que podia, como era seu hábito. Depois, vira, horrorizado, o rival embarcar no avião, e agora sentia-se como um balão furado. Sentava-se ao lado dela em silêncio, folheando revistas, desconsolado, sem ler uma única palavra. Diana compreendia que se sentisse deprimido. Já uma vez mudara de opinião sobre fugir com ele e, com Mervyn a bordo, como poderia ele ter a certeza de que tal não aconteceria de novo?

Para piorar a situação, o tempo apresentava-se tempestuoso, e o avião avançava aos solavancos, como um carro a atravessar um

campo lavrado. De vez em quando, um passageiro passava pelo compartimento a caminho da casa de banho com um ar agoniado. Dizia-se que estava previsto piorar. Diana estava contente por não ter comido muito ao jantar, pois sentia-se demasiado perturbada.

Gostava de saber qual o lugar de Mervyn. Talvez que, se o soubesse, deixasse de esperar vê-lo aparecer a qualquer momento. Decidiu ir à casa de banho e procurá-lo pelo caminho.

O seu era o 4.º compartimento. Deitou uma vista de olhos rápida ao 3.º, o que se seguia para a frente, mas Mervyn não estava lá.

Virou para trás e caminhou em direção à popa, agarrando-se a tudo o que conseguia, enquanto o avião balançava e dava solavancos. Atravessou o 5.º e ficou a saber que ele também não estava ali. Era o último dos grandes compartimentos; a maior parte do 6.º era ocupada pela casa de banho das senhoras, a estibordo, deixando espaço para apenas duas pessoas a bombordo. Esses lugares, que não eram muito apetecíveis, estavam ocupados por dois homens de negócios. *Imagine-se pagar tanto dinheiro e ficar sentado junto à casa de banho das senhoras durante todo o voo*, pensou ela. Para lá do 6.º compartimento havia apenas a suíte nupcial. Portanto, o lugar de Mervyn devia ser mais para a frente, no 1.º ou no 2.º, a não ser que estivesse no salão a jogar às cartas.

Entrou na casa de banho. Havia dois bancos em frente ao espelho, um deles ocupado por uma mulher com quem Diana ainda não falara. Ao fechar a porta, o avião voltou a inclinar-se e ela quase se desequilibrou. Entrou a cambalear e deixou-se cair no lugar livre.

— A senhora está bem? — perguntou a outra mulher.

— Sim, obrigada. Detesto quando o avião faz isto.

— Eu também, mas alguém disse que vai piorar. Vem aí uma grande tempestade.

A turbulência acalmou, e Diana abriu a mala e começou a escovar o cabelo.

— O seu nome é Mrs. Lovesey, não é? — perguntou a outra.

— Sim, trate-me por Diana.

— Sou Nancy Lenehan. — A mulher hesitou com uma expressão

embaraçada e depois prosseguiu: — Eu embarquei em Foynes. Vim de Liverpool com o seu... com Mr. Lovesey.

— Oh! — Diana sentiu-se corar. — Não sabia que ele tinha uma companheira.

— Ele ajudou-me a sair de um sarilho. Eu precisava de apanhar o avião, mas estava presa em Liverpool sem forma de chegar a Southampton a tempo, por isso fui até ao aeródromo e pedi uma boleia.

— Ainda bem para si — disse Diana. — Mas para mim é muito embaraçoso.

— Não vejo por que razão se deva sentir assim. Deve ser bom ter dois homens desesperadamente apaixonados por si. Eu nem sequer tenho um.

Diana fitou-a através do espelho. Não era propriamente bonita, mas emanava uma certa atração, com feições regulares e cabelo escuro. Vestia um elegante fato vermelho com uma blusa de seda cinzenta. Tinha um ar vivo e confiante. *Não é para admirar que o Mervyn te tivesse dado boleia*, pensou Diana. *És mesmo o tipo dele*. — Ele foi educado consigo? — perguntou.

— Não muito — confessou Nancy com um sorriso pesaroso.

— Lamento. As boas maneiras não são o seu forte. — Diana tirou da mala o batom.

— Eu fiquei-lhe muito grata pela boleia. — Nancy assoou-se delicadamente num lenço de papel, e Diana reparou que usava aliança. — É um pouco abrupto — continuou ela —, mas acho que é boa pessoa. E também jantei com ele. Faz-me rir e é incrivelmente bonito.

— É um bom homem. — Diana deu consigo a dizer aquilo. — Mas é tão arrogante como uma duquesa e não tem paciência nenhuma. Eu faço-o subir às paredes porque hesito, mudo de opinião e nem sempre digo aquilo que queria dizer.

Nancy passou um pente pelo cabelo, espesso e escuro, e Diana perguntou-se se o pintaria para esconder os cabelos grisalhos. Nancy comentou: — Ele parece disposto a muito para a recuperar.

— Isso é só orgulho — respondeu Diana. — É porque outro homem me levou. O Mervyn é competitivo. Se eu o tivesse deixado e tivesse ido viver para casa da minha irmã, não teria ligado nenhuma.

Nancy riu-se. — Parece que não tem qualquer hipótese de ficar consigo.

— Absolutamente nenhuma. — De súbito, Diana deixou de ter vontade de falar com Nancy Lenehan. Sem qualquer motivo, começou a sentir-se hostil. Guardou a maquilhagem e o pente e levantou-se. Sorriu para esconder o inesperado desagrado e disse: — Vamos lá ver se consigo dançar de volta ao meu lugar.

— Boa sorte!

Ao sair da casa de banho, entraram Lulu Bell e a princesa Lavinia, trazendo as malas de fim de semana. Quando regressou ao compartimento, Davy convertia os lugares delas em dois beliches. Diana ficou intrigada por ver como um divã vulgar se podia transformar em duas camas. Sentou-se e ficou a observar.

Em primeiro lugar, o comissário tirou todos os coxins e puxou os braços do divã para fora do encaixe. Inclinando-se sobre o assento, baixou duas abas na parede ao nível do peito, deixando à vista ganchos. Mantendo-se inclinado, desapertou uma correia e puxou por uma estrutura plana. Pendurou-a nos ganchos da parede para formar a base do beliche superior. O lado exterior encaixou num buraco na parede lateral. Diana estava a pensar que não parecia muito forte, quando Davy pegou em dois suportes com aspeto resistente e os prendeu a ambas as estruturas planas, formando os postes das camas. Agora a estrutura parecia muito mais sólida.

Voltou a colocar os coxins na cama inferior e usou os das costas para formar o colchão da cama superior. Tirou lençóis azul-claros e cobertores de debaixo do assento e fez as camas com movimentos rápidos e experientes.

Os beliches pareciam confortáveis, mas sem privacidade. Davy, porém, fez surgir uma cortina azul-escura com ganchos e pendurou-a de uma sanca no teto, que Diana pensara ser apenas decorativa. Prendeu a cortina à estrutura dos beliches com molas de pressão,

que ficou à medida. Deixou uma abertura triangular, como a entrada de uma tenda, para o ocupante entrar. Por fim, desdobrou uma pequena escada de mão e colocou-a no lugar de acesso ao beliche superior.

Virou-se para Mark e Diana com um olhar levemente satisfeito, como se tivesse realizado um truque de magia. — Digam-me quando estiverem prontos e eu preparo o vosso lado.

— Não fica muito abafado ali dentro? — perguntou-lhe Diana.

— Cada beliche tem um ventilador — retorquiu ele. — Se olhar para cima, pode ver o seu. — Diana assim fez e viu uma grelha com uma manivela de abrir e fechar. — Tem também uma janela, luz elétrica, cabide e uma prateleira. E se precisar de mais alguma coisa, prima este botão para me chamar.

Enquanto Davy estivera a trabalhar, os dois passageiros de bombordo, o atraente Frank Gordon e Ollis Field, com a sua calva, tinham pegado nos seus sacos, dirigindo-se à casa de banho dos homens. Então, Davy começou a montar o beliche do outro lado. O sistema era ligeiramente diferente. A coxia não ficava ao meio do avião, mas sim mais para bombordo, havendo aí apenas um par de beliches, colocados no sentido do comprimento em vez de na largura do avião.

A princesa Lavinia regressou com um *peignoir* azul-marinho até aos pés, adornado de rendas azuis, e um turbante a condizer. O seu rosto era uma máscara rígida de dignidade: era claro que aparecer em público em roupa de dormir lhe era profundamente incómodo. Olhou para o beliche, horrorizada: — Vou *morrer* de claustrofobia — gemeu, mas ninguém lhe ligou. Descalçou uns chinelinhos de seda e instalou-se no beliche inferior. Sem dizer boa noite, puxou a cortina e fechou-a bem.

Passado um momento, apareceu Lulu Bell num conjunto de *chiffon* cor-de-rosa muito leve que pouco escondia os seus encantos. Desde Foyes que fora de uma educação formal para com Diana e Mark, mas, naquele momento, parecia ter esquecido de súbito o seu ressentimento. Sentou-se ao lado deles no divã e anunciou: — Nem

fazem ideia do que acabei de ouvir sobre os nossos companheiros! — E indicou com um gesto do polegar os assentos deixados livres por Field e Gordon.

Nervoso, Mark olhou para Diana e perguntou: — Que ouviste tu, Lulu?

— Mr. Field é agente do FBI!

Não era de surpreender, pensou Diana. Um agente do FBI não passava de um polícia.

Lulu prosseguiu: — E há mais, Frank Gordon é seu prisioneiro!

Duvidoso, Mark perguntou: — Quem te disse isso?

— Toda a gente fala disto na casa de banho.

— O que não quer dizer que seja verdade, Lulu.

— Já sabia que não ias acreditar em mim! — exclamou ela. — Aquele miúdo ouviu uma discussão entre o Field e o comandante do avião. O comandante estava completamente furioso porque o FBI não avisou a Pan American de que ia um prisioneiro perigoso a bordo. Houve uma briga, e a tripulação acabou por tirar a arma a Mr. Field!

Diana lembrou-se de ter pensado que Field parecia uma espécie de guarda de Gordon. — O que é que dizem que o Gordon fez?

— É um mafioso. Abateu um tipo e violou uma rapariga e incendiou um clube noturno.

Diana achou aquilo difícil de acreditar. Ela própria falara com o homem! Era verdade que não era muito refinado, mas era atraente e bem vestido e namoriscara com ela educadamente. Digamos que conseguia imaginá-lo como um vigarista ou alguém que fugia aos impostos e até que se envolvia em jogo ilegal, mas não parecia possível que tivesse matado pessoas deliberadamente. Lulu era uma pessoa emotiva, capaz de acreditar em tudo.

— É um pouco difícil dar crédito a essa história — comentou Mark.

— Desisto — disse Lulu com um gesto depreciativo da mão. — Vocês não têm espírito de aventura. — Levantou-se. — Vou deitar-me. Se ele começar a violar pessoas, acordem-me. — Subiu a pequena escada de mão e gatinhou para o beliche superior. Fechou as cortinas, mas depois espreitou e dirigiu-se a Diana. — Querida,

compreendo porque ficaste chateada comigo lá na Irlanda. Tenho pensado na coisa e acho que foi bem merecido. Sei bem que não largava o Mark. Estou pronta a esquecer, se tu também estiveres. Boa noite.

Era o mais parecido com uma desculpa, e Diana não teve coragem de a rejeitar. — Boa noite, Lulu — disse.

A atriz fechou as cortinas.

Mark afirmou: — A culpa foi tanto minha como dela. Desculpa, querida.

Como resposta, Diana beijou-o.

De súbito, sentiu-se de novo melhor e mais à vontade com ele. O corpo descontraiu-se-lhe e recostou-se no assento, ainda a beijá-lo. Estava ciente de que o seu seio direito lhe pressionava o peito. Era bom sentir de novo prazer físico com Mark. A ponta da língua dele tocou-lhe nos lábios, e ela abriu-os um pouco para a deixar entrar. Ele começou a arfar. *Isto está a ir um pouco longe demais*, pensou ela. Abriu os olhos... e viu Mervyn.

Ele passava pelo compartimento, a caminho da parte dianteira do avião, e talvez não tivesse reparado nela, mas virou-se, olhou por cima do ombro e imobilizou-se a meio de uma passada. O seu rosto empalideceu de choque.

Diana conhecia-o tão bem que quase lhe leu o pensamento. Embora lhe tivessem dito que ela estava apaixonada por Mark, era demasiado teimoso para o aceitar e, assim, foi um autêntico golpe vê-la beijar outra pessoa, quase tão mau como se não tivesse sido avisado.

A expressão escureceu-se-lhe, e as sobrancelhas escuras franziram-se, mostrando a sua raiva. Por uma fração de segundo, Diana pensou que ele ia começar uma briga, mas ele voltou-se e afastou-se.

— Que se passa? — perguntou Mark. Não vira Mervyn, pois estava demasiado ocupado a beijar Diana.

Ela decidiu não lhe contar. — Alguém pode ver — murmurou.

Ele afastou-se com relutância.

Ficou aliviada por momentos, mas depois começou a irritar-se. Mervyn não tinha o direito de a seguir pelo mundo fora e olhá-la com desaprovação sempre que beijava Mark. O casamento não era uma escravatura; ela deixara-o e ele tinha de aceitar esse facto. Mark acendeu um cigarro, mas Diana sentia necessidade de confrontar Mervyn. Queria dizer-lhe que desaparecesse da sua vida.

Levantou-se. — Vou ver o que se passa no salão — informou-o. — Fica aqui e fuma o teu cigarro. — E saiu sem esperar por resposta.

Já concluía que Mervyn não estava sentado à retaguarda, por isso dirigiu-se para a frente. A turbulência diminuía um pouco e já não precisava de se agarrar. Mervyn não se encontrava no 3.º compartimento. No salão, os jogadores de cartas instalavam-se para um longo jogo, os cintos postos, rodeados de nuvens de fumo e garrafas de uísque sobre a mesa. Passou ao 2.º. A família Oxenford ocupava um dos lados. Toda a gente no avião sabia que Lord Oxenford insultara Carl Hartmann, o cientista, e que Mervyn Lovesey saltara em defesa dele. Mervyn tinha os seus aspetos positivos, isso ela nunca negara.

Em seguida, entrou na copa. Nicky, o comissário mais gordo, lavava pratos a um ritmo inacreditável, enquanto o colega preparava as camas mais ao fundo. A porta da casa de banho dos homens situava-se frente à copa e depois ficava a escada que levava à cabina de voo e, ainda mais além, no nariz do avião, o 1.º compartimento. Partiu do princípio de que Mervyn teria de se encontrar lá, mas, na verdade, estava ocupado pela tripulação fora de serviço.

Subiu as escadas até à cabina de voo e reparou que era tão luxuosa como o deque dos passageiros. Contudo, os homens pareciam todos incrivelmente ocupados, e um deles disse-lhe: — Gostaríamos de a acompanhar numa visita noutra altura, minha senhora, mas, enquanto estivermos a atravessar este mau tempo, temos de lhe pedir que permaneça sentada e aperte o cinto de segurança.

Portanto, Mervyn tinha de estar na casa de banho, pensou enquanto descia as escadas. Continuava sem saber qual o lugar dele.

Ao chegar ao fundo das escadas, deu de caras com Mark e teve um sobressalto de culpa. — Que estás aqui a fazer? — perguntou-lhe.

— Estava a pensar o mesmo de ti — retorquiu ele, e o seu tom de voz deixou transparecer algo de desagradável.

— Andava apenas a dar uma volta.

— À procura do Mervyn? — perguntou ele, acusador.

— Mark, porque estás zangado comigo?

— Porque te andas a escapar para o ver.

Nicky interrompeu-os. — Meus amigos, importam-se de regressar aos vossos lugares? De momento, o voo está tranquilo, mas isso não vai durar.

Regressaram ao compartimento. Diana sentiu-se tola. Ela fora atrás de Mervyn, e Mark seguira-a. Parecia uma tolice.

Sentaram-se. Antes de poderem prosseguir a conversa, Ollis Field e Frank Gordon entraram. Frank usava um roupão de seda amarela com um dragão nas costas e Field um velho roupão de lã encardido. Frank despiu o roupão, revelando um pijama vermelho debruado a branco. Descalçou os chinelos de lã e subiu a escadinha para o beliche superior.

Então, para horror de Diana, Field tirou um par de algemas reluzentes do bolso do roupão castanho e disse algo a Frank em voz baixa. Diana não conseguiu ouvir a resposta, mas percebeu que Frank protestava. Field, porém, insistiu, e Frank acabou por lhe estender o pulso. Field prendeu uma das algemas no rapaz e a outra na estrutura do beliche. Depois, fechou a cortina e pressionou as molas.

Então, era verdade: Frank era mesmo um prisioneiro.

Mark soltou: — Bom, mas que merda.

Diana segredou: — Ainda não acredito que seja um *assassino*.

— Espero que não! — confessou Mark. — Teríamos ficado mais seguros pagando cinquenta dólares e viajado em terceira num navio de carga!

— Quem me dera que não lhe tivesse posto as algemas. Não sei

como é que aquele rapaz vai conseguir dormir preso à cama. Nem sequer pode virar-se.

— Tens bom coração — disse Mark, abraçando-a. — Provavelmente o tipo é um violador, e tu estás com pena dele porque talvez não durma bem.

Diana pousou-lhe a cabeça no ombro, e ele afagou-lhe o cabelo. Estivera furioso com ela uns minutos antes, mas parecia que já passara. — Mark — disse ela —, achas que duas pessoas se conseguem enfiar num destes beliches?

— Estás com medo, querida?

— Não.

Ele lançou-lhe um olhar perplexo, depois compreendeu e sorriu. — Acho que sim, mas não lado a lado...

— Não lado a lado?

— Parece demasiado estreito.

— Bem... — Diana baixou a voz. — Um de nós teria de ficar por cima.

Ele sussurrou-lhe ao ouvido: — Gostavas de ficar por cima?

Ela soltou uma risadinha. — Se calhar.

— Tenho de pensar — respondeu ele num tom íntimo. — Quanto pesas?

— Cinquenta quilos e duas maminhas.

— Vamos mudar de roupa?

Ela tirou o chapéu e pousou-o no assento a seu lado, enquanto Mark puxava as malas que estavam por baixo. A dele era uma *Gladstone* de pele bem usada, a dela uma pequena mala dura de couro acastanhado com as suas iniciais a ouro.

Diana ergueu-se.

— Não te demores — pediu Mark, beijando-a.

Ela deu-lhe um abraço rápido e, ao encostar-se a ele, sentiu a sua ereção. — Meu Deus! — exclamou, acrescentando num sussurro: — Podes ficar assim até eu voltar?

— Não creio. A não ser que faça chichi pela janela. — Ela riu-se, e ele acrescentou: — Mas eu mostro-te um modo rápido de o pôr outra

vez rijo.

— Estou ansiosa — murmurou ela.

Mark pegou na mala e saiu, dirigindo-se à casa de banho dos homens, na dianteira do avião. Ao deixar o compartimento, passou por Mervyn, que regressava. Olharam-se como gatos assanhados, mas não trocaram palavra.

Diana ficou espantada ao ver Mervyn vestido com uma camisa de noite de homem de flanela grosseira, com riscas largas castanhas. — Que diabo trazes vestido? — perguntou-lhe, incrédula.

— Vá, ri-te — retorquiu ele. — Não encontrei mais nada em - Foynes. A loja nunca ouviu falar de pijamas de seda. Ficaram na dúvida se eu seria maricas ou apenas maluco.

— Bem, a tua amiga Mrs. Lenehan não vai gostar de ti nesses preparos. — *Porque terei dito isto?*, admirou-se ela.

— Creio que não ia gostar de mim fosse como fosse — disse Mervyn, irritado, saindo do compartimento.

O comissário entrou e Diana pediu-lhe: — Oh, Davy, importa-se de preparar agora as nossas camas, por favor?

— Imediatamente, minha senhora.

— Obrigada. — Pegou na mala e saiu.

Ao passar pelo 5.º compartimento, ocorreu-lhe pensar onde estaria Mervyn a dormir. Ali, nenhum dos beliches estava ainda pronto, assim como no 6.º, mas ele desaparecera. Apercebeu-se de súbito de que só podia estar na suíte nupcial. Passado um instante, concluiu que não vira Mrs. Lenehan sentada em qualquer lugar quando percorrera todo o avião havia pouco. Parou à porta da casa de banho com a mala na mão, imóvel de tão surpreendida. Era escandaloso! Mervyn e Mrs. Lenehan deviam partilhar a suíte nupcial!

Certamente que a companhia não o permitiria. Talvez Mrs. Lenehan já se tivesse deitado e estivesse oculta atrás das cortinas de um beliche num compartimento dianteiro.

Diana tinha de saber.

Avançou para a porta da suíte e hesitou.

Depois, girou a maçaneta e abriu-a.

Tinha mais ou menos o tamanho dos compartimentos, com um tapete castanho-avermelhado, paredes beges e os estofos azuis com estrelas que havia também no salão. Ao fundo, viam-se dois beliches. De um lado havia um sofá e uma mesinha de café, e do outro um banco, um toucador e um espelho. Havia duas janelas de cada lado.

Mervyn encontrava-se no meio da sala, espantado pelo súbito aparecimento da mulher. Mrs. Lenehan não estava presente, mas via-se o casaco de caxemira cinzento dobrado sobre o sofá.

Diana bateu com a porta e disse: — Como é que pudeste fazer-me uma coisa destas?

— Fazer o quê?

Era uma boa pergunta, pensou vagamente. Porque estaria tão furiosa? — Toda a gente vai ficar a saber que passaste a noite com ela!

— Não tive outra hipótese — protestou ele. — Não havia mais lugares.

— Não vês como as pessoas se vão rir de nós? Já é suficientemente mau andares a seguir-me!

— E que importância tem isso? Toda a gente se ri de um tipo cuja mulher fugiu com outro homem.

— Mas isto ainda piora mais as coisas. Devias ter aceitado a situação e tirar o melhor partido dela.

— Devias conhecer-me melhor.

— E conheço... foi por isso que tentei impedir-te de me seguires.

Ele encolheu os ombros. — Bem, não conseguiste. Não és suficientemente esperta para me lebares a melhor.

— E tu não és suficientemente esperto para saber quando ceder com elegância.

— Nunca fingi ser elegante.

— E que tipo de vadia é ela? É casada, eu vi-lhe a aliança!

— É viúva. De qualquer modo, que direito tens de te sentires tão superior? És casada e vais passar a noite com o teu namoradinho.

— Pelo menos, dormimos em beliches separados num compartimento público e não escondidos no conforto de uma suíte

nupcial — atirou-lhe ela, reprimindo o sentimento de culpa ao lembrar-se de como planeara partilhar um beliche com Mark.

— Mas eu não tenho nenhum caso com Mrs. Lenehan — declarou ele, exasperado. — Ao passo que tu tens andado a tirar as cuecas para aquele *playboy* durante todo o verão, não tens?

— Não sejas ordinário — sibilou ela, mas sabia que ele tinha razão. Fora exatamente isso que ela fizera, despia as cuecas tão depressa quanto podia sempre que chegava perto de Mark. O marido tinha razão.

— Se é uma ordinarice dizê-lo, deve ser pior fazê-lo — rematou Mervyn.

— Pelo menos eu fui discreta... Não alardeei a coisa, humilhando-te.

— Não tenho assim tanta certeza disso. Provavelmente vou descobrir que era a única pessoa em Manchester que não sabia no que andavas metida. Os adúlteros nunca são tão discretos como imaginam.

— Não me chames isso! — protestou ela. Fazia-a sentir-se envergonhada.

— E porque não? É isso que tu és.

— Parece uma infâmia — disse ela, desviando o olhar.

— E dá graças por não apedrejarmos as adúlteras como faziam na Bíblia.

— É uma palavra horrível.

— Devias ter vergonha do ato, não da palavra.

— És tão moralista — disse ela, cansada. — Nunca fizeste nada de errado, pois não?

— Sempre agi corretamente contigo! — exclamou ele, irritado.

Diana ficou completamente exasperada. — Já te deixaram duas mulheres, mas tu foste sempre o inocente. Será que alguma vez te vai ocorrer pensar em que é que poderás estar errado?

Aquilo atingiu-o. Agarrou-a, segurando-lhe os braços acima do cotovelo e abanando-a. — Dei-te tudo o que querias!

— Mas não queres saber o que eu sinto — bradou ela. — Nunca

quiseste. Foi por isso que te deixei. — Apoiou-lhe as mãos no peito para o empurrar... e, nesse momento, a porta abriu-se e Mark entrou.

Ficou ali, de pijama, a olhar para os dois e perguntou: — Que diabo se passa, Diana? Estás a planear passar a noite na suíte nupcial?

Empurrou Mervyn, e ele largou-a. — Não, não estou — disse-lhe. — Este compartimento é de Mrs. Lenehan... e o Mervyn partilha-o com ela.

Mark riu-se com desprezo. — Isso é o máximo! — exclamou. — Tenho de me lembrar de incluir isto num argumento um dia destes.

— Não tem piada — protestou Diana.

— Tem, tem — contrapôs ele. — Este tipo vem atrás da mulher como um louco e depois que faz ele? Embrulha-se com uma tipa que conhece no caminho.

Diana levou a mal a atitude dele e deu consigo a defender Mervyn contra a vontade. — Eles não se embrulharam — disse, impaciente. — Estes eram os únicos lugares que restavam.

— Devias estar contente — disse Mark. — Se ele ficar caído por ela, talvez deixe de te perseguir.

— Não consegues ver que estou perturbada?

— Claro que sim, mas não compreendo porquê — respondeu ele. — Já não amas o Mervyn. Por vezes falas como se o odiasses. Deixaste-o. Portanto, que te interessa saber com quem é que ele dorme?

— Não sei, mas importo-me. Sinto-me humilhada!

Mark estava demasiado zangado para mostrar compreensão. — Há umas horas, decidiste voltar para o Mervyn. Depois ele chateou-te, e mudaste de ideias. Agora estás furiosa com ele por dormir com outra pessoa.

— Eu não ando a dormir com ela — interrompeu Mervyn.

Mark ignorou-o. — Tens a certeza de que não estás ainda apaixonada por ele? — perguntou, irritado, a Diana.

— É horrível dizeres-me uma coisa dessas!

— Bem sei, mas é verdade?

— Não, não é verdade, e odeio-te por pensares isso. — E Diana

chorava.

— Então, prova-mo. Esquece-o e esquece também onde ele dorme.

— Nunca fui boa em testes! — bradou ela. — Deixa de ser tão lógico. Isto não é a Sociedade de Debates!

— Pois não — disse uma voz diferente. Os três viraram-se e viram Nancy Lenahan à porta, muito atraente num roupão de seda azul-vivo. — Na verdade — disse ela —, creio que esta é a minha suíte. Que diabo se passa aqui?

CAPÍTULO DEZASSETTE

Margaret Oxenford sentia-se furiosa e envergonhada. Tinha a certeza de que os outros passageiros a olhavam, enquanto pensavam na cena horrível da sala de jantar e partiam do princípio de que ela partilhava as opiniões do pai. Receava trocar um olhar com quem quer que fosse.

Harry Marks resgatara alguns resquícios da sua dignidade. Fora inteligente e tão amável da sua parte intervir e segurar-lhe na cadeira, e depois oferecer-lhe o braço enquanto ela saía da sala: um pequeno gesto, quase insignificante mas que para ela fizera toda a diferença.

Ainda assim, restava-lhe apenas um vestígio de amor-próprio, e fervia de ressentimento por o pai a ter posto numa situação tão embaraçosa.

Duas horas após o jantar continuava a reinar um silêncio de gelo no compartimento. Quando o tempo piorou, os pais retiraram-se para mudarem para a roupa de dormir. Foi nesse momento que Percy surpreendeu a irmã ao sugerir: — Vamos pedir desculpa.

O primeiro pensamento foi que isso envolveria mais embaraço e mais humilhação. — Acho que não tenho coragem — confessou.

— Vamos só junto do barão Gabon e do professor Hartmann e dizemos que lamentamos a grosseria do pai.

A ideia de mitigar de alguma forma a afronta do pai era muito tentadora. Fá-la-ia sentir-se muito melhor. — O pai ficaria furioso, está bem de ver — afirmou.

— Ele não tem de saber. Mas não me importo se ele ficar zangado. Está a ficar louco. Já nem sequer me faz medo.

Será verdade?, interrogou-se Margaret. Quando era pequeno, foram muitas as vezes que Percy afiançara não ter medo, quando, de facto, estava aterrado. Contudo, agora já não era um rapazinho.

Na realidade, assustava-a um pouco que Percy já não se sentisse subjugado ao pai. Só ele conseguia fazê-lo conter-se. De rédeas soltas, que diabruras poderia ele fazer?

— Anda lá — insistiu Percy. — Vamos agora. Eles estão no terceiro compartimento, eu verifiquei.

Margaret continuava hesitante. Encolhia-se só de pensar em chegar perto dos homens que o pai tinha insultado com tanta grosseria. Isso poderia ser-lhes penoso. Eram capazes de preferir esquecer o episódio o mais depressa possível. Ou estariam talvez a perguntar a si mesmos quantos mais passageiros estariam secretamente de acordo com Lord Oxenford. Seria, decerto, mais importante tomar uma posição clara contra o preconceito racial.

Decidiu-se a fazê-lo. Tinham sido muitas as vezes em que se acobardara e normalmente arrependera-se. Ergueu-se, agarrada ao braço do assento, pois o avião trepidava continuamente. — Está bem — disse. — Vamos pedir desculpa.

Tremia um pouco, apreensiva, mas a tremura era disfarçada pela instabilidade do avião. Foi à frente ao longo do salão e entrou no 3.º compartimento.

Gabon e Hartmann estavam sentados a bombordo, um de frente para o outro. Hartmann embrenhava-se na leitura, o corpo esguio numa longa curva, a cabeça de cabelo bem curto inclinada, o nariz arqueado apontado para uma página de cálculos matemáticos. - Gabon, aparentemente enfadado, não estava a fazer nada e foi o primeiro a vê-los. Quando Margaret parou a seu lado e se segurou às costas do seu assento, empertigou-se com um ar hostil.

Margaret apressou-se a dizer: — Viemos pedir desculpas.

— Admira-me a sua audácia — retorquiu ele. Falava um inglês perfeito, em que se notava apenas um ligeiro sotaque francês.

Não era essa a reação que Margaret desejara, mas ainda assim ela continuou. — Eu lamento muitíssimo o que sucedeu, e o meu irmão tem a mesma opinião. Admiro tanto o professor Hartmann, já lho tinha dito antes.

Hartmann, que levantara o olhar do livro, acenou em concordância. Gabon, porém, continuava zangado. — Para pessoas como a menina, é demasiado fácil pedir desculpa — disse. Margaret fitou a parede, desejando não ter vindo. — A Alemanha está repleta de

gente rica e bem-educada que «lamenta muitíssimo» o que está a acontecer — prosseguiu Gabon. — E que fazem eles? O que faz a menina?

Margaret sentiu-se corar. Não sabia o que fazer ou dizer.

— Chiu, Philippe — disse Hartmann em voz baixa. — Não vê que são tão jovens? — Olhou para Margaret. — Aceito as suas desculpas, agradeço muito.

— Oh, meu Deus — exclamou ela. — Acha que ainda piorei as coisas?

— Não, de todo — respondeu Hartmann. — Tornou-as um pouco melhores, e estou-lhe grato por isso. O meu amigo está muito perturbado, mas acabará por compreender a minha posição, creio.

— O melhor será irmo-nos embora — declarou Margaret penosamente.

Hartmann assentiu.

A jovem afastou-se.

Percy disse: — Lamento muito. — E seguiu no encalço da irmã.

Regressaram ao compartimento aos tropeções. Davy montava os beliches. Harry desaparecera, teria provavelmente ido aos lavabos dos homens. Margaret decidiu preparar-se para a noite. Pegou na maleta e dirigiu-se aos lavabos para mudar de roupa. A mãe saía nesse momento, deslumbrante no seu robe cor de avelã. — Boa noite, querida — desejou. Margaret passou por ela sem responder.

Nos lavabos apinhados, mudou-se rapidamente, vestindo a camisa de noite de algodão e o roupão turco. Entre as sedas e as caxemiras de cores vivas das outras mulheres, a sua roupa pareceu-lhe sem graça, mas não se importou. O pedido de desculpas acabara por não lhe dar qualquer alívio, pois as observações de Gabon pareceram-lhe verdadeiras. Era demasiado fácil pedir desculpa e nada fazer para resolver o problema.

Quando regressou ao compartimento, o pai e a mãe estavam deitados, de cortinas fechadas, e ouvia-se um ressonar abafado do beliche de Lord Oxenford. A cama dela ainda não estava pronta e teve de se sentar no salão.

Sabia bem que havia uma única saída para a situação difícil em que se encontrava. Tinha de abandonar os pais e de ir viver sozinha. A sua determinação era mais forte que nunca. Contudo, os problemas práticos do dinheiro, de um trabalho e de alojamento, esses continuavam longe de ser resolvidos.

Mrs. Lenehan, a mulher atraente que entrara a bordo em Foynes, entrou e sentou-se a seu lado, envergando um robe azul-vivo por cima de um *négligé* preto. — Vim pedir um brande, mas os comissários parecem tão assoberbados — proferiu ela, sem parecer muito desapontada. Fez um gesto com a mão, indicando todos os passageiros. — Isto parece uma festa de pijama ou daquelas num dormitório, com toda a gente a deambular *en déshabillé*, não acha?

Margaret, que nunca estivera numa festa dessas nem nunca pernovernara num dormitório, disse apenas: — É muito estranho. Parecemos uma família.

Mrs. Lenehan apertou o cinto de segurança. Parecia ter vontade de conversar. — Suponho que é impossível ser-se formal quando se está com roupa de dormir. Até o Frankie Gordino parecia querido no seu pijama vermelho, não parecia?

A princípio, Margaret não percebeu a quem se referia, mas depois recordou-se de Percy ter ouvido uma troca de palavras exaltada entre o comandante e um agente do FBI. — É o prisioneiro?

— Sim.

— Não tem medo dele?

— Acho que não. Não me fará mal.

— Mas as pessoas dizem que é um assassino e ainda pior que isso.

— Haverá sempre crime nos bairros pobres. Prende-se o Gordino, e outro o substituirá. Há jogo e prostituição desde que Deus era menino, e, se tem de haver crime, então mais vale que seja organizado.

Era uma declaração chocante. Talvez fosse algo na atmosfera do avião que levava as pessoas a serem invulgarmente sinceras. Também pareceu a Margaret que Mrs. Lenehan não teria falado

daquela maneira na presença de homens: as mulheres eram sempre mais realistas e diretas quando não havia homens por perto. Fosse por que fosse, Margaret estava fascinada. — Não é melhor que o crime seja desorganizado? — inquiriu.

— Claro que não. Sendo organizado, é contido. Os gangues têm o seu próprio território e lá permanecem. Não andam a assaltar pessoas na Quinta Avenida nem a exigir taxas de proteção ao Harvard Club, portanto porque não deixá-los em paz?

Margaret não deixou aquilo passar em branco. — E os pobres que desperdiçam dinheiro no jogo? E as desgraçadas que arruinam a saúde?

— Não é que não me preocupe com eles — retorquiu Mrs. Lenahan. Margaret examinou-lhe o rosto, perguntando-se se estaria a ser honesta. — Ouça — prosseguiu —, eu fabrico sapatos. — Margaret devia ter parecido surpreendida, pois a mulher acrescentou: — É o meu ganha-pão, tenho uma fábrica de calçado. Os meus sapatos de homem são baratos e duram cinco ou dez anos. Se se quiser, ainda se podem comprar mais baratos, mas não prestam, têm solas de cartão que duram uns dez dias. E, acredite ou não, há pessoas que os comprem! Agora, eu cumpri a missão ao fabricar calçado de qualidade. Se as pessoas são estúpidas a ponto de comprarem sapatos maus, não há nada que eu possa fazer. E se as pessoas são estúpidas a ponto de gastarem dinheiro a jogar quando não têm o suficiente para comprar um bife para o jantar, isso não é problema meu.

— E a senhora, já foi pobre? — quis saber Margaret.

Mrs. Lenahan soltou uma gargalhada. — Boa pergunta. Não, nunca fui, portanto talvez não devesse estar aqui a falar de coisas de que não percebo. O meu avô fazia botas à mão, e o meu pai fundou a fábrica que agora dirijo. Não sei nada da vida nos bairros pobres. E a menina?

— Não sei muito, mas suponho que existem razões que levam as pessoas a jogar, a roubar e a vender o corpo. Não se trata apenas de gente estúpida. São vítimas de um sistema cruel.

— Então deve ser uma espécie de comunista. — As palavras foram proferidas sem qualquer hostilidade.

— Sou socialista — declarou Margaret.

— Isso é excelente — retorquiu ela, de forma surpreendente. — Mais tarde, pode vir a mudar de opinião, mudamos sempre com a idade... mas, se não se tem ideais à partida, o que haverá para melhorar? Não sou cínica. Acho que temos de aprender com a experiência, mas mantermo-nos fiéis aos nossos ideais. Mas por que razão é que estou aqui a pregar? Talvez porque é o meu aniversário, hoje faço quarenta anos.

— Muitos parabéns. — Por norma, Margaret ficava ressentida quando lhe diziam que haveria de mudar de opinião quando fosse mais velha: era algo que as pessoas diziam quando sabiam que tinham perdido, mas não queriam admitir a derrota. Com Mrs. Lenehan, porém, era diferente. — Quais são os seus ideais? — perguntou-lhe.

— Eu só quero fabricar bom calçado. — Esboçou um sorriso de autocrítica. — Não que seja um grande ideal, mas para mim é importante. Tenho uma vida boa. Vivo numa bela casa, os meus filhos têm tudo o que precisam, e gasto uma fortuna em roupa. E por que motivo é que tenho tudo isto? Porque faço sapatos de boa qualidade. Se fabricasse botas com sola de cartão, sentir-me-ia uma ladra. Seria igual ao Frankie.

— Um ponto de vista bastante socialista — comentou Margaret com um sorriso.

— Na verdade, apenas adotei os ideais do meu pai — refletiu Mrs. Lenehan. — De onde vêm os seus? Não do seu pai, isso sei eu.

Margaret corou. — Contaram-lhe a cena ao jantar.

— Presenciei tudo.

— Eu tenho de largar os meus pais.

— E o que a impede?

— Só tenho dezanove anos.

Mrs. Lenehan pareceu um tanto desdenhosa. — E então? Há pessoas que fogem de casa aos dez!

— Eu tentei — confessou Margaret. — Meti-me num sarilho, e a polícia apanhou-me.

— Desiste com muita facilidade.

Margaret queria fazer ver a Mrs. Lenehan que não fora por falta de coragem que tinha falhado. — Não tenho dinheiro nem estudos. Nunca tive uma educação propriamente dita. Não sei como hei de ganhar a vida.

— Querida, está a caminho da América. A maior parte das pessoas chegou lá com muito menos que a menina, e agora alguns são milionários. Sabe ler e escrever inglês, é apresentável, inteligente, bonita... Arranja trabalho num instante. Eu contratava-a.

O coração deu-lhe um salto. Margaret começava a ressentir-se da atitude pouco compreensiva de Mrs. Lenehan. Naquele instante, percebeu que lhe estavam a dar uma oportunidade. — Contratava-me? — perguntou. — Contratava-me a mim?

— Claro.

— A fazer o quê?

Mrs. Lenehan pensou por momentos. — Colocava-a no departamento de vendas, a pôr selos na correspondência, a ir buscar café, a atender o telefone, a ser simpática com os clientes. E, se se revelasse útil, em breve seria promovida a adjunta do gerente de vendas.

— O que se tem de fazer?

— As mesmas coisas mas por mais dinheiro.

Aquilo pareceu-lhe um sonho impossível de concretizar. — Oh, Deus meu, trabalho a sério, num escritório a sério — afirmou, - sonhadora.

Mrs. Lenehan riu-se. — À maior parte das pessoas, pareceria um trabalho enfadonho!

— Para mim, seria uma grande aventura.

— A princípio, talvez.

— Está a falar a sério? — inquiriu Margaret com solenidade. — Se eu aparecer no seu escritório daqui a uma semana, a senhora dá-me emprego?

Mrs. Lenehan pareceu surpreendida. — Meu Deus, está a falar a sério, não está? — disse. — Eu pensei que estava a pôr uma hipótese teórica.

O coração de Margaret apertou-se. — Nesse caso, não me dará emprego? — quis saber, tristonha. — Tudo isto não passa de conversa?

— Eu contratava-a, mas há um problema. Dentro de uma semana, eu própria posso não ter trabalho.

Margaret teve vontade de chorar. — O que quer dizer?

— O meu irmão está a tentar roubar-me a empresa.

— Como é que ele pode fazer uma coisa dessas?

— É complicado, e pode ser que não seja bem-sucedido. Estou a tentar derrotá-lo, mas não sei ao certo como é que vai acabar.

Margaret mal podia crer que aquela hipótese lhe era tirada passados apenas uns momentos. — Tem de ganhar! — disse, veemente.

Antes de Mrs. Lenehan ter oportunidade de responder, apareceu Harry, maravilhoso no pijama vermelho e roupão azul-céu. Ao vê-lo, Margaret acalmou-se. Ele sentou-se, e ela apresentou-o. — Mrs. Lenehan veio pedir um brande, mas os comissários estão ocupados — acrescentou.

Harry pareceu admirado. — Podem estar cheios de trabalho, mas podem servir bebidas. — Levantou-se e espreitou para o compartimento seguinte. — Davy, podia trazer imediatamente um brande a Mrs. Lenehan, por favor?

Margaret ouviu o comissário retorquir: — Com certeza, Mr. -Vandenpost! — Harry tinha o condão de fazer com que as pessoas fizessem o que ele queria.

Sentou-se de novo. — Não pude deixar de reparar nos seus brincos, Mrs. Lenehan — proferiu. — São absolutamente maravilhosos.

— Obrigada — disse ela com um sorriso no rosto. Parecia agradada com o elogio.

Margaret examinou-os atentamente. Cada brinco era uma grande

pérola encrustada num entrelaçado de fio de ouro e lascas de diamantes. Eram discretamente elegantes. Quem lhe dera ter joias requintadas que despertassem o interesse de Harry.

— Comprou-os nos Estados Unidos? — perguntou ele.

— Sim, são de Paul Flato.

Harry concordou com um aceno. — Mas creio que foram desenhados por Fulco di Verdura.

— Não sei — retorquiu ela, acrescentando com perspicácia: — Joalharia é um interesse deveras invulgar para um jovem.

Margaret teve vontade de dizer: «O interesse dele é roubá-los, portanto tenha cuidado!», mas ficou impressionada com os seus conhecimentos. Harry reparava sempre nas melhores peças e muitas vezes sabia quem as havia desenhado.

Davy chegou com o brande de Mrs. Lenehan. O comissário parecia conseguir andar sem se desequilibrar, apesar dos safanões do avião.

Ela pegou na bebida e ergueu-se. — Vou ver se durmo alguma coisa.

— Boa sorte — desejou-lhe Margaret, pensando na batalha que travava com o irmão. Mrs. Lenehan prometera-lhe dar-lhe emprego, se ganhasse.

— Obrigada. Boa noite.

Enquanto ela cambaleava em direção à cauda do avião, Harry inquiriu, um tudo-nada ciumento: — De que falavam as duas?

Margaret hesitou em contar-lhe a proposta de trabalho de Nancy. Estava encantada com a perspectiva, mas não era nada certo, portanto não queria que Harry se regozijasse por ela. Decidiu guardar segredo por mais um tempo. — Começámos por falar sobre o Frankie Gordino — disse. — A Nancy acha que pessoas como ele deviam ser deixadas em paz. Organizam jogo e... prostituição, o que não prejudica ninguém, exceto quem decide envolver-se. — Sentiu-se ruborizar um pouco: era a primeira vez que proferia o termo «prostituição».

Harry pareceu pensativo. — Nem todas as prostitutas o são por vontade própria. Algumas são forçadas. Já ouviu falar de escravatura

branca?

— É o que isso significa? — Margaret já lera a expressão nos jornais, mas tinha vagamente imaginado que as jovens seriam raptadas e enviadas para Istambul, onde seriam criadas de servir. Que tolíce a sua.

Harry continuou: — Não há tanto disso como os jornais querem fazer crer. Em Londres só existe um traficante de escravas, Benny, o *Maltês*, que é originário de Malta.

Margaret estava atenta. Pensar que tudo aquilo se passava debaixo do seu nariz! — Podia ter-me acontecido a mim!

— Podia, na noite em que fugiu de casa — disse Harry. — É exatamente o tipo de situação em que o Benny atua. Uma jovem, sozinha, sem dinheiro e sem lugar onde ficar de noite. Ter-lhe-ia oferecido um belo jantar e um emprego numa trupe de dança que partia para Paris no dia seguinte de manhã, e a Margaret havia de pensar que ele era a sua salvação. O grupo acabava por ser um espetáculo de *strip*, mas só ia descobrir quando já estivesse em Paris, sem dinheiro e sem forma de voltar para casa. Portanto, acabava por ficar na última fila e menear-se o melhor que podia. — Margaret imaginou-se naquela situação e percebeu que o mais provável seria fazer exatamente isso. — Depois, uma noite, pediam-lhe para «ser simpática» com um corretor embriagado da assistência e, se recusasse, agarravam-na para ele se servir. — Margaret fechou os olhos, revoltada e horrorizada com o que lhe poderia ter acontecido. — No dia seguinte, poderia fugir, mas para onde? Teria talvez alguns francos, mas não o suficiente para chegar a casa. E depois começaria a pensar no que diria à família quando chegasse. A verdade? Nunca. Portanto acabaria por regressar ao alojamento com as outras raparigas, que pelo menos eram amigáveis e compreensivas. E depois começaria a pensar que, quem faz uma vez também é capaz de fazer outra, e com o homem que se seguisse seria um pouco mais fácil. Antes que se tivesse apercebido, estaria à espera das gorjetas que os clientes deixavam na mesa de cabeceira.

Margaret estremeceu. — É a coisa mais horrível que já ouvi.

— É por isso que acho que o Frankie Gordinio não pode ser deixado em paz.

Ficaram ambos em silêncio por um ou dois minutos, após o que Harry declarou, pensativo: — Pergunto a mim mesmo qual será a relação entre o Frankie Gordinio e o Clive Membury.

— Mas haverá alguma?

— Bom, o Percy diz que o Membury está armado. Eu já tinha pensado que devia ser polícia.

— Deveras? Porquê?

— Por causa do colete vermelho. É exatamente a peça de roupa que um polícia escolheria para parecer um *playboy*.

— Talvez esteja a ajudar a vigiar o Gordinio.

Harry pareceu duvidoso. — Porquê? O Gordinio é um criminoso americano a caminho de uma prisão americana. Encontra-se fora do território britânico, sob custódia do FBI. Não consigo imaginar por que razão a Scotland Yard mandaria alguém ajudar a guardá-lo, especialmente dado o custo das passagens no *Clipper*.

Margaret baixou a voz. — Poderia estar a segui-lo a si?

— Até à América? — disse ele com ceticismo. — No *Clipper*? Armado? Por causa de uns botões de punho?

— Não consegue achar outra explicação?

— Não.

— De qualquer modo, talvez todo o rebuliço por causa do Gordinio distraia as pessoas do comportamento pavoroso do meu pai ao jantar.

— O que o levou a explodir daquela maneira, sabe? — inquiriu Harry com curiosidade.

— Não sei. Não foi sempre assim. Lembro-me de ele ser bastante razoável quando eu era pequena.

— Conheço alguns fascistas — afirmou Harry. — Quase sempre são pessoas assustadas.

— Acha que sim? — Margaret achou a ideia surpreendente e pouco plausível. — Parecem ser tão agressivos.

— Bem sei, mas lá no fundo estão aterrorizados. É por isso que

gostam de desfilar de uniforme, sentem-se a salvo em grandes grupos. É por isso que a democracia lhes desagrada, é demasiado incerta. Sentem-se mais felizes numa ditadura, onde se sabe o que vem a seguir e onde o governo não pode ser derrubado de um momento para o outro.

Aquilo pareceu-lhe fazer todo o sentido, e Margaret assentiu, pensativa. — Lembro-me de, ainda antes de se tornar tão amargo, ele ficar de cabeça perdida com os comunistas ou os sionistas ou os sindicatos ou os fenianos⁶ ou os da quinta-coluna. Havia sempre alguém prestes a subjugar o país. Agora que penso no assunto, nunca houve grande probabilidade de os sionistas dominarem a Inglaterra, pois não?

Harry sorriu. — É que os fascistas estão sempre furiosos. Muitas vezes são pessoas desiludidas com a vida.

— Isso também se aplica ao meu pai. Quando o meu avô morreu e o pai recebeu a herança, descobriu que estavam na bancarrota. Ficou falido até casar com a mãe. Depois candidatou-se ao Parlamento e nunca entrou. Agora foi expulso do país. — De súbito, sentiu que compreendia melhor o pai. Harry era muito arguto. — Onde é que aprendeu tudo isto? — inquiriu. — Não é muito mais velho que eu.

Ele encolheu os ombros. — Battersea é um sítio muito politizado. Tem a maior secção do Partido Comunista de Londres, segundo creio.

Ao entender melhor as emoções do pai, sentiu-se um pouco menos envergonhada pelo que sucedera. Claro que o pai não tinha desculpa, mas era mais reconfortante sabê-lo desiludido e temeroso do que demente e vingativo. *Que esperto que o Harry é!* Quem lhe dera ter tido ajuda dele para fugir à família. Interrogou-se se ele queria voltar a vê-la quando chegassem a Nova Iorque. — Sabe onde é que irá viver? — perguntou-lhe.

— Devo arranjar alojamento em Nova Iorque — disse. — Tenho algum dinheiro e em breve arranjarei mais.

Parecia tão fácil, da maneira como falava. Era provável que fosse mais fácil para um homem. As mulheres precisavam de proteção. —

A Nancy Lenehan ofereceu-me emprego — saiu-lhe num impulso. — Mas pode não conseguir cumprir a promessa porque o irmão anda a tentar tirar-lhe a empresa.

Harry observou-a, após o que desviou o olhar com uma expressão tímida que lhe era invulgar, como se, pela primeira vez, não estivesse completamente seguro de si. — Sabe que, se quiser, não me importo... quero dizer, de a ajudar.

Era isso que esperava ouvir. — Era capaz disso, de verdade? — retorquiu.

Harry achava que não havia muito que pudesse fazer por ela. — Podia ajudá-la a encontrar um quarto.

Ficou imensamente aliviada. — Isso seria maravilhoso — disse. — Nunca andei à procura de alojamento, não sei por onde começar.

— Procura-se no jornal — explicou ele.

— Qual jornal?

— Num jornal.

— Os jornais falam sobre quartos?

— Trazem anúncios.

— Não há anúncios de quartos no *The Times*. — Aquele era o único jornal que o pai recebia.

— Os vespertinos são os melhores.

Ela sentiu-se ridícula por não saber uma coisa tão simples. — Preciso mesmo de um amigo para me ajudar.

— Acho que, pelo menos, a posso proteger do equivalente americano do *Maltês*.

— Estou tão contente — confessou ela. — Primeiro Mrs. Lenehan, agora o Harry. Sei que consigo construir uma vida se tiver amigos. Estou-lhe tão grata, nem sei o que dizer.

Davy entrou na sala. Margaret apercebeu-se de que o avião voava com suavidade havia uns cinco ou dez minutos. O comissário sugeriu: — Olhem pelas janelas a bombordo. Vão ver algo dentro de alguns segundos.

Margaret assim fez. Harry desapertou o cinto de segurança e aproximou-se para olhar por cima do ombro dela. A aeronave inclinou-se

para a esquerda, e passado um momento ela viu que estavam a baixa altitude e sobrevoavam um transatlântico, tão iluminado como - Piccadilly Circus. Alguém disse: — Devem ter acendido as luzes todas por nossa causa. Normalmente navegam sem elas, desde que a guerra foi declarada. Têm medo dos submarinos. — Margaret teve consciência da proximidade de Harry, mas não se importou nada. A tripulação do *Clipper* devia ter falado por rádio com a tripulação do navio, pois os seus passageiros tinham vindo para o convés e estavam todos a acenar. Tão perto que Margaret distinguia as roupas: os homens de *smoking* e as mulheres de vestido comprido. O navio navegava, célere, a proa pontiaguda a cortar sem esforço as vagas, e o avião passou por ele bastante devagar. Foi um momento especial, e Margaret ficou encantada. Olhou de relance para Harry, e ambos trocaram um sorriso, partilhando a magia daquele instante. Ele pousou-lhe a mão direita na cintura, do lado protegido pelo seu corpo, que ninguém conseguia ver. Foi um toque levíssimo, mas atingiu-a como uma brasa. Invadiu-a uma onda de calor e de aturdimento, mas não desejou que ele retirasse a mão de imediato. Então, o navio afastou-se, as luzes diminuíram e apagaram-se por completo. Os passageiros do *Clipper* regressaram aos seus lugares, e Harry recuou.

As pessoas foram-se retirando e agora na sala apenas restavam os jogadores e Margaret e Harry. Margaret sentia-se acanhada, sem saber o que fazer. Estava tão embaraçada que deu por si a dizer: — Está a ficar tarde. Devíamos ir dormir. — *Mas porque é que me saiu isto?*, interrogou-se. *Não quero ir para a cama.*

Harry pareceu desapontado. — Acho que irei dentro em pouco.

Margaret ergueu-se. — Muito obrigada pela sua oferta de ajuda — agradeceu.

— De nada — retorquiu ele.

Por que motivo estariam a ser tão formais, interrogou-se ela. *Não quero despedir-me desta maneira.* — Durma bem — desejou.

— Igualmente para si.

Margaret ia afastar-se, mas depois virou-se de novo. — Estava

realmente a falar a sério quando disse que me ajudava, não estava? Não me vai desapontar?

A expressão suavizou-se e Harry lançou-lhe um olhar quase apaixonado. — Não vou dececioná-la, Margaret, juro.

De súbito, invadiu-a uma onda de afeto. Num impulso, sem pensar, curvou-se e beijou-o. Foi apenas um roçar fugidio, mas o desejo atravessou-a como um choque elétrico quando os lábios de ambos se tocaram. Endireitou-se imediatamente, atónita com o que acabara de fazer e de sentir. Por instantes, cravaram os olhos um no outro, após o que ela abandonou o compartimento.

Sentiu-se sem forças. Olhando em redor, viu que Mr. Membury havia subido para o beliche de cima, deixando o de baixo vago para Harry. Percy havia igualmente escolhido o beliche superior. Entrou no que ficava por baixo e fechou a cortina.

Beijei-o e foi bom, pensou ela.

Enfiou-se debaixo dos lençóis e apagou a luz. Era como se estivesse numa tenda, e sentiu-se confortável. Conseguia ver pela janela, mas nada havia para contemplar: apenas nuvens e chuva. Apesar disso, era excitante. Lembrava-lhe as ocasiões em que ela e Elizabeth haviam sido autorizadas a montar uma tenda no jardim e a ficar fora de casa quando eram meninas. Parecia-lhe sempre que não ia adormecer, era tão empolgante; mas mal dava conta já o dia clareara, e a cozinheira estava a bater na lona e a entregar um tabuleiro de chá e torradas.

Perguntou a si mesma onde estaria a irmã.

Nesse instante, ouviu bater ligeiramente na cortina.

A princípio, julgou ser imaginação sua, pois estava a pensar na cozinheira. Depois o som ouviu-se de novo, como uma unha a tamborilar. Hesitou, depois soergueu-se, apoiada num cotovelo, e puxou os lençóis até ao pescoço.

Abriu uma nesga da cortina e viu Harry.

— O que foi? — ciciou, embora soubesse o que ele queria.

— Quero beijá-la de novo — respondeu ele num murmúrio.

Agradada e horrorizada, disse: — Não seja tolo!

- Por favor.
- Vá-se embora.
- Ninguém vai ver.

Era um pedido escandaloso, mas sentiu-se profundamente tentada. Recordava o arrepio elétrico do primeiro beijo e queria outro. Quase involuntariamente, abriu a cortina um pouco mais. Ele enfiou a cabeça pela abertura e deitou-lhe um olhar suplicante. Margaret não resistiu. Beijou-lhe a boca. Cheirava a pasta de dentes. A intenção fora um beijo rápido como o anterior, mas as ideias de Harry eram outras. Mordiscou-lhe o lábio inferior. Foi excitante. Instintivamente entreabriu a boca e sentiu a língua dele roçar-lhe os lábios. Ian nunca fizera aquilo. Foi estranho, mas agradável. Sentindo-se devassa, esticou a sua própria língua na direção da dele. A respiração de Harry tornou-se ofegante. De súbito, Percy mexeu-se no beliche de cima, recordando-lhe onde estava. Ficou em pânico: como é que podia estar a fazer algo assim, pensou. A beijar em público um homem que mal conhecia! Se o pai a visse, seria o fim! Afastou-se, arquejante. Harry esticou o pescoço, a querer beijá-la de novo, mas ela afugentou-o.

- Deixe-me entrar — pediu ele.
- Não seja ridículo! — ciciou.
- Por favor.

Era impossível. Nem sequer se sentiu tentada, estava demasiado assustada. — Não, não, não — protestou.

Ele pareceu desanimado.

Ela suavizou o tom e disse: — Você é o homem mais simpático que já conheci há muito tempo, talvez desde sempre, mas não é assim tão simpático. Vá para a cama.

Harry percebeu que estava a falar a sério. Esboçou um meio-sorriso pesaroso. Pareceu que ia dizer algo, mas Margaret fechou a cortina antes que tivesse tempo.

Ficou à escuta e pareceu-lhe ouvir os passos enquanto se afastava.

Apagou a luz e deitou-se, a respiração ainda ofegante. *Oh, meu*

Deus, foi como um sonho, pensou. Sorriu na escuridão, ao reviver o beijo. Quisera mesmo ir mais longe. Acariciou-se suavemente, enquanto recordava.

Lembrou-se da sua primeira relação amorosa, aos treze anos: Monica, uma prima que fora passar o verão com a família. De dezasseis anos, loura e bonita, parecia saber tudo, e Margaret adorou-a desde o início.

Vivia em França, e, talvez por isso ou por os pais serem mais despreocupados que os de Margaret, costumava andar nua pelos quartos e pela casa de banho da ala das crianças. Margaret nunca vira um adulto despido e ficara fascinada com os seios grandes e o tufo de pelos cor de mel entre as pernas: o seu próprio busto era diminuto e, naquela idade, tinha apenas uma penugem.

Monica, porém, começara por seduzir Elizabeth, que era feia, mandona e tinha borbulhas no queixo! Ouvira-as aos sussurros e aos beijos durante a noite e sentira-se sucessivamente confusa, zangada, ciumenta e, por fim, invejosa. Apercebeu-se do grande afeto que Monica tinha por Elizabeth. Sentiu-se magoada e excluída dos olhares rápidos que trocavam e das mãos que se tocavam como por acaso, enquanto passeavam no bosque ou se sentavam ao chá.

Então, um dia, Elizabeth foi a Londres com a mãe, e Margaret deu com Monica no banho. Deitada na água quente, de olhos fechados, tocava-se entre as pernas. Deu-se conta da presença dela e piscou-lhe o olho, mas não se interrompeu, e Margaret observou-a, perturbada e fascinada, enquanto se masturbava e atingia o clímax.

Nessa noite, ao contrário do habitual, Monica enfiou-se na cama de Margaret, mas Elizabeth fez uma cena e ameaçou contar a toda a gente. Assim, acabaram as duas por partilhar a jovem, como a mulher e a amante num triângulo de ciúme. Margaret sentiu-se culpada e desonesta todo o verão, mas o afeto intenso e o recém-descoberto - prazer físico eram demasiado maravilhosos para serem recusados, e aquilo só terminou com o regresso da jovem a França em setembro.

Depois da experiência com Monica, ir para a cama com Ian fora um enorme choque. Era desajeitado e inábil, e Margaret descobriu que

um jovem como ele não sabia quase nada sobre o corpo das mulheres e nunca poderia dar-lhe prazer como Monica. Em breve, porém, ultrapassou a desilusão inicial, e Ian amava-a tão desesperadamente que a sua paixão compensava a inexperiência.

Como sempre, apeteceu-lhe chorar ao pensar em Ian. Quem lhe dera ter feito amor com ele mais vezes e com mais entusiasmo. Havia-lhe resistido a princípio, embora o desejasse tanto quanto ele, e Ian tivera de suplicar durante meses antes de ela ceder. Depois da primeira vez e apesar de querer fazê-lo de novo, Margaret tinha posto objeções. Não quisera fazê-lo no quarto, não fosse alguém descobrir a porta trancada e perguntar-se porquê; tivera receio de fazê-lo ao ar livre, embora conhecesse inúmeros esconderijos no bosque em redor de casa; e não se sentira à vontade para usar os apartamentos dos amigos dele com receio de ficar com má reputação. Por trás, estivera sempre o terror do que o pai faria se alguma vez descobrisse.

Dividida entre o desejo e o medo, sempre fizera amor às escondidas, à pressa, roída de culpa, e só tinham conseguido fazer três vezes antes de Ian ter ido para Espanha. Claro que sempre imaginara despreocupadamente que tinham todo o tempo do mundo à sua frente. E depois ele morrera e, com essa notícia, a percepção atroz de que nunca mais havia de tocar no corpo dele; e chorara tanto que o coração parecera rebentar. Imaginara que passariam o resto da vida a aprender a fazer-se felizes, mas ela nunca mais o tornaria a ver.

Agora desejava ter-se dado livremente desde o início e ter feito amor plenamente em todas as oportunidades. Os seus receios pareciam-lhe tão triviais, agora que estava enterrado numa encosta poeirenta da Catalunha.

De súbito, ocorreu-lhe que poderia estar a incorrer no mesmo erro, naquele mesmo instante.

Desejava Harry Marks. O seu corpo ansiava por ele. Era o único homem que a fizera sentir-se assim desde a morte de Ian. Porém, recusara-o. Porquê? Porque tinha medo. Porque estava num avião, e os beliches eram pequenos, e alguém podia ouvir, e o pai estava

próximo, e tinha pavor de ser apanhada.

Estaria de novo a ser cobarde e tola?

E se o avião se despenhasse? Era um dos primeiros voos transatlânticos. Naquele instante, estavam a meio caminho entre a Europa e a América, a centenas de milhas de terra em qualquer direção: se acontecesse algo, morreriam todos numa questão de minutos. E o seu derradeiro pensamento seria lamentar nunca ter feito amor com Harry Marks.

O avião não ia despenhar-se, mas, ainda assim, aquela poderia ser a sua última oportunidade. Não fazia ideia do que sucederia quando chegassem à América. Ela tencionava alistar-se nas forças armadas assim que lhe fosse possível, e Harry falara em tornar-se piloto da Força Aérea do Canadá. Poderia morrer em combate, tal como Ian. Que interessava a sua reputação, quem podia preocupar-se com a ira paterna quando a vida poderia ser tão curta? Quase desejava ter deixado Harry entrar.

Iria ele tentar de novo, interrogou-se. Não lhe parecia. Ela recusara com muita firmeza. Só uma verdadeira peste é que ignoraria aquele tipo de rejeição. Harry insistira de forma lisonjeira, mas não era teimoso. Não lhe pediria outra vez naquela noite.

Que tola que sou, pensou. Ele podia estar aqui agora, eu só tinha de dizer que sim. Abraçou-se a si mesma, imaginando que era Harry que a abraçava e que ela estendia uma mão vacilante e lhe acariciava a coxa nua. Ele deveria ter pelos louros encaracolados, ocorreu-lhe.

Decidiu levantar-se e ir à casa de banho. Com sorte, talvez Harry se levantasse ao mesmo tempo ou chamasse o comissário para pedir uma bebida ou uma coisa assim. Enfiou as mangas do roupão, abriu as cortinas e sentou-se direita. O beliche de Harry estava completamente fechado. Enfiou os chinelos de quarto e levantou-se.

Naquele momento, já quase toda a gente fora dormir. Espreitou pela coxia: estava deserta. Os comissários também precisavam de descansar, claro. Deviam estar a dormir no 1.º compartimento, junto da tripulação fora de serviço. Tomando a direção oposta, passou pela

sala e viu os jogadores, todos homens, ainda a jogar póquer. Serviam-se eles mesmos de uma garrafa de uísque pousada na mesa. Prosseguiu em direção à cauda, aos ziguezagues, por causa dos balanços do avião. O nível do piso subia na parte traseira, e havia degraus entre os compartimentos. Viam-se duas ou três pessoas, sentadas nos beliches a ler, com as cortinas abertas, mas a maioria dos beliches estava fechada e silenciosa.

Os lavabos estavam desertos. Margaret sentou-se em frente ao toucador e olhou-se ao espelho. Parecia-lhe estranho que um homem achasse aquela mulher desejável. O rosto era bastante vulgar, a pele pálida, os olhos de um tom de verde estranho. Às vezes pensava que o cabelo era a sua única característica favorável: era comprido e liso, e a cor de um bronze brilhante. Era frequente os homens repararem no seu cabelo.

Que teria Harry achado do seu corpo se ela o tivesse deixado entrar? Os seios grandes poderiam desagradar-lhe: talvez lhe fizessem lembrar a maternidade ou tetas de vaca ou algo do género. Ouvira dizer que os homens gostavam de pequenos seios compactos, da mesma forma das taças em que se servia o champanhe nas festas. *Um dos meus não cabia numa taça*, pensou tristemente.

Gostaria de ser franzina, como as modelos da *Vogue*, mas, ao invés, mais parecia uma dançarina espanhola. Quando usava um vestido de baile, tinha de pôr um corpete por baixo, ou o busto oscilava, descontrolado. Contudo, Ian adorava o corpo dela. Dizia que as modelos pareciam bonecas. «E tu és uma mulher verdadeira», dissera-lhe uma tarde, num momento furtivo na antiga ala dos quartos das crianças, em que lhe beijara o pescoço e acariciara ambos os seios ao mesmo tempo, as mãos debaixo da camisola de caxemira. Nessa altura, ela gostara dos seus seios.

O avião entrou numa zona de grande turbulência, e teve de se agarrar ao toucador para não cair do banco. *Antes de morrer*, pensou, mórbida, *gostava que me apalpassem os seios outra vez*.

Quando o avião estabilizou, regressou ao compartimento. Todos os beliches estavam completamente fechados. Ficou ali um momento,

na ânsia de que Harry abrisse a sua cortina, o que não aconteceu. Olhou pela coxia, para um lado e para o outro. Não se via ninguém.

Toda a vida fora medrosa.

Mas nunca quisera tanto uma coisa como naquele momento.

Abanou a cortina do beliche de Harry.

Por instantes nada aconteceu. Não tinha qualquer plano: não sabia o que fazer ou dizer.

Do interior não se ouvia nada. Abanou a cortina outra vez.

Uns segundos depois, Harry espreitou.

Ficaram a olhar um para o outro: ele surpreendido, ela sem poder falar.

Então Margaret ouviu um som atrás de si.

Olhando por cima do ombro, viu que a cortina do beliche do pai se movia. No interior, uma mão agarrou-a. Ele ia levantar-se e dirigir-se à casa de banho.

Sem pensar duas vezes, Margaret empurrou Harry para dentro e trepou para junto dele.

Enquanto fechava a cortina, viu o pai assomar do beliche. Foi por milagre que ele não a viu, graças a Deus!

Ajoelhou-se aos pés do beliche e fitou Harry. Sentado do outro lado, com o queixo nos joelhos, ele mirava-a à luz fraca, filtrada pela cortina. Parecia uma criança que acabara de ver o Pai Natal descer da chaminé: mal conseguia acreditar na sua sorte. Abriu a boca para falar, e Margaret calou-o, levando um dedo aos lábios.

De súbito, apercebeu-se de que tinha deixado os chinelos de quarto de fora.

Tinham as suas iniciais bordadas, portanto qualquer pessoa saberia a quem pertenciam; e estavam no chão ao lado dos de Harry, como os sapatos à porta de um quarto de hotel, portanto toda a gente ficaria a saber que estava a dormir com ele.

Só tinham passado uns segundos. Espreitou. O pai descia a escada do beliche, de costas viradas para ela. Estendeu a mão por entre as cortinas. Se ele se virasse naquele instante, seria o fim. Tenteou e encontrou os chinelos. Apanhou-os quando o pai pousava

os pés descalços no piso atapetado. Retirou-os e fechou a cortina um milésimo de segundo antes de ele voltar a cabeça.

Devia sentir-se aterrada, mas a verdade é que estava empolgada.

Não tinha uma ideia clara do que desejava que acontecesse em seguida. Sabia apenas que queria estar com Harry. A perspectiva de passar a noite no seu próprio beliche, a desejar que ele lá estivesse, - tornara-se insuportável. Mas não ia entregar-se-lhe. Gostaria — e muito — de o fazer, mas havia toda uma série de problemas práticos, inclusive o facto de Mr. Membury estar a dormir uns centímetros acima deles.

Em breve percebia que, ao contrário dela, Harry sabia exatamente o que queria.

Inclinou-se para a frente, agarrou-a pela nuca, puxou-a para si e beijou-lhe os lábios.

Depois de um momento de hesitação, ela abandonou qualquer ideia de resistir e deixou-se levar pelas sensações.

Pensara tanto naquilo que foi como se estivesse a fazer amor com ele havia horas. Aquilo, contudo, era bem real: havia uma mão forte no seu pescoço, uma boca verdadeira que beijava a dela, uma pessoa de carne e osso cuja respiração se juntava à dela. Foi um beijo longo e terno, suave e vacilante, e ela teve consciência dos mais pequenos detalhes: os dedos que lhe corriam pelo cabelo, a aspereza do queixo barbeado, o sopro quente na face macia, a boca que se movia, os dentes a mordiscarem-lhe os lábios, e finalmente a língua que explorava, entreabrindo-lhe os lábios à procura da dela. Cedendo a um impulso irresistível, Margaret abriu a boca.

Passados momentos, separaram-se, ofegantes. O olhar de Harry desceu até aos seios. Olhando para baixo, ela viu que o roupão se abria e que os mamilos se entreviam através do algodão da camisa de noite. Harry mirava como se hipnotizado. Num movimento lento, estendeu a mão e apalpou ligeiramente o seio esquerdo com os dedos, acariciando o mamilo através do tecido fino, e ela gemeu de prazer.

Nesse instante, a roupa pareceu-lhe intolerável. Despiu o roupão

rapidamente. Pegou na orla da camisa de noite e hesitou. Uma vizinha vinda do fundo de si avisava-a: «Depois disto, já não poderás voltar atrás.» *Ótimo*, pensou. Despiu a camisa pela cabeça e ajoelhou-se em frente dele, completamente nua.

Sentiu-se vulnerável e tímida, mas por algum motivo a ansiedade aumentou-lhe a excitação. Os olhos de Harry percorreram-lhe o corpo, e ela viu-lhe no rosto um misto de adoração e desejo. Contorcendo-se no espaço apertado, pôs-se de joelhos, inclinou-se para a frente e baixou a cabeça até aos seios dela. Margaret teve um momento de incerteza: que iria ele fazer? Os lábios roçaram o topo dos seios, primeiro um, depois o outro. Ela sentiu-lhe a mão sob o seio esquerdo, primeiro numa carícia, depois tomando-lhe o peso e apertando-o suavemente. Os lábios desceram até ao mamilo. Mordiscou-o com suavidade. Sentia-o túmido como se fosse explodir. De seguida, começou a chupar, e ela gemeu de prazer.

Apetecia-lhe que ele fizesse o mesmo ao outro, mas teve vergonha de pedir. Contudo, talvez ele sentisse o seu desejo, pois fez o que ela desejava pouco depois. Ela acariciou-lhe o cabelo eriçado da nuca e, cedendo a um impulso, premiu a cabeça dele contra o seio. Em resposta, ele sugou mais vigorosamente.

Ela ansiava por lhe explorar o corpo. Quando ele se deteve, afastou-o de si e desapertou-lhe os botões do casaco do pijama. Ambos ofegavam como corredores, mas nenhum se atrevia a falar com medo de ser ouvido. Ele despiu o casaco do pijama. Não tinha pelos no peito. Ela queria-o completamente nu, como ela própria. Descobriu o cordão das calças do pijama e, sentindo-se descarada, desapertou-o.

Harry pareceu hesitante, um pouco surpreso, e Margaret teve a sensação inquietante de que fora demasiado audaciosa, mais atrevida que as outras raparigas que ele conhecera anteriormente. Ainda assim, decidiu que tinha de terminar aquilo a que dera início. Empurrou-o para trás até ficar deitado com a cabeça na almofada, agarrou a cintura das calças e puxou-as para baixo. Ele soergueu as ancas.

Ao fundo do ventre, via-se um tufo de pelos louro-escuros. Continuou a puxar pelo algodão vermelho e ofegou quando o pênis se libertou, empinado como um mastro. Ficou a olhar, fascinada: a pele esticada sobre as veias, a ponta inchada como uma tulipa azul. Ele permaneceu imóvel, pressentindo que era isso que ela queria. O olhar dela, contudo, parecia excitá-lo mais, e ouviu-lhe a respiração mais ofegante. Sentiu-se impelida, fosse por curiosidade ou por uma outra emoção, a tocar-lhe. A mão era irresistivelmente atraída para a frente. No último instante hesitou. A mão pálida vacilou-lhe ao chegar próximo do pênis escuro. Ele emitiu um som, como uma lamúria. Então, com um suspiro, ela pegou-lhe, os dedos esguios a fecharem-se em volta do membro intumescido. A pele era quente e suave, mas, quando o apertou ligeiramente — fazendo-o arfar —, viu que era duro como se tivesse um osso no interior. Mirou-lhe o rosto de relance. Ofegava, enrubescido de desejo. Ela ansiava por lhe dar prazer. Mudou a mão de posição e começou a massajar o pênis num movimento que aprendera com Ian: apertando com firmeza para baixo e soltando um pouco ao subir.

A reação surpreendeu-a. Ele gemeu, de olhos bem fechados, premindo os joelhos com força. E quando ela fez o segundo movimento descendente, foi sacudido violentamente, o rosto contraído num esgar, e o sémen branco esguichou da extremidade do pênis. Atónita e fascinada, Margaret prosseguiu, e, a cada movimento para baixo, mais jorrava. Ela própria se sentia possuída pelo desejo: os seios pesavam-lhe, sentia a garganta ressequida, e algo húmido escorria-lhe entre as pernas. Por fim, ao quinto ou sexto movimento, tudo terminou. As coxas de Harry relaxaram, o rosto suavizou-se, e deixou cair a cabeça na almofada.

Margaret estendeu-se a seu lado.

Parecia envergonhado. — Desculpa — murmurou.

— Porquê? — retorquiu ela. — Foi espantoso. Nunca tinha feito isto. Sinto-me maravilhosamente.

— Gostaste? — surpreendeu-se ele.

Demasiado embaraçada para o confessar, limitou-se a acenar com

a cabeça.

— Mas eu não... quero dizer, tu não... — disse.

Ela nada disse. Havia algo que ele podia fazer por ela, mas teve receio de pedir.

Ele virou-se de lado, e ficaram de frente um para o outro no beliche estreito. — Daqui a uns minutos, talvez... — proferiu ele.

Não consigo esperar uns minutos, pensou Margaret. Por que razão não hei de eu pedir que me faça o que eu lhe fiz? Pegou na mão dele e apertou-lha, mas não conseguiu dizer-lhe o que queria. Fechou os olhos e levou-lhe a mão até à virilha. Com a boca encostada ao ouvido dele, sussurrou: — Sê meigo.

Harry entendeu. Começou a explorar com a mão. Ela estava húmida, molhada. Os dedos deslizaram com facilidade entre os lábios. Ela pôs-lhe os braços ao pescoço e abraçou-o com força. Um dedo entrou dentro dela. Apeteceu-lhe dizer: «Aí não, mais acima!», e, como se lhe lesse os pensamentos, ele retirou o dedo e fê-lo deslizar até ao ponto mais sensível. Foi o êxtase imediato. Sacudiam-na espasmos de prazer. Contorcia-se convulsivamente e, para não gritar, enterrou os dentes no braço de Harry e mordeu. Ele imobilizou-se, mas ela esfregou-se contra a mão dele, e as sensações continuaram com a mesma intensidade.

Quando finalmente o prazer diminuiu, Harry moveu o dedo de novo, e ela foi sacudida por outro clímax, tão intenso quanto o primeiro.

Por fim, quando começou a ficar demasiado sensível, ela afastou-lhe a mão.

Passado um momento, Harry distanciou-se e esfregou o braço que ela lhe mordera.

Ofegante, quis saber: — Desculpa, doeu-te?

— Doeu, sim, c'os diabos — murmurou ele, e ambos começaram com vontade de rir. Tentaram não se rir alto, o que ainda foi pior. E durante um ou dois minutos quase sufocaram com o riso reprimido.

Quando se acalmaram, ele disse: — O teu corpo é maravilhoso, simplesmente maravilhoso.

— Também o teu — retorquiu ela, veemente.

Harry não acreditou. — Não, estou a falar a sério — insistiu ele.

— Também eu! — Nunca esqueceria o pénis inchado erguendo-se do tufo dourado. Correu a mão sobre a barriga dele à procura e encontrou-o, como uma mangueira, nem duro nem murcho. A pele era sedosa. Sentiu que gostaria de o beijar e ficou chocada com a sua própria depravação.

Ao invés, beijou o braço que tinha mordido. Até na quase escuridão se viam as marcas dos dentes. Ia ficar com uma equimose feia. — Desculpa — murmurou, demasiado baixo para ele ouvir. Sentiu-se triste por ter danificado a pele perfeita depois de o seu corpo lhe ter dado tanta alegria. Deu mais um beijo na marca.

Inertes de fadiga e prazer, acabaram por deslizar para um sono leve. Pareceu a Margaret ouvir o som dos motores enquanto dormitava, como se estivesse a sonhar com aviões. Uma ocasião ouviu passos a afastarem-se ao longo da coxa e a regressarem uns minutos depois, mas sentia-se demasiado satisfeita para indagar o que quereriam dizer.

Durante certo tempo, o avião seguiu suavemente, e adormeceu profundamente.

Acordou num sobressalto. Seria de dia? Já todos se teriam levantado? Iriam vê-la sair do beliche de Harry? O coração acelerou.

— O que foi? — murmurou Harry.

— Que horas são?

— Estamos a meio da noite.

Ele tinha razão. Não se ouvia movimento no exterior, as luzes da cabina continuavam ténues, e da janela não entrava qualquer sinal de luz do dia. Podia esgueirar-se em segurança. — Tenho de voltar para o meu beliche, imediatamente, antes que sejamos descobertos — disse em pânico. Começou à procura dos chinelos e não os encontrou.

Harry pôs-lhe uma mão no ombro. — Acalma-te — disse num murmúrio. — Temos tempo.

— Mas estou preocupada, o meu pai pode... — Deteve-se. Por que

razão estava tão apreensiva? Inspirou profundamente e olhou para Harry. Quando os olhos de ambos se encontraram na penumbra, veio-lhe ao pensamento o que tinha acontecido antes de terem adormecido e percebeu que ele também pensava o mesmo. Sorriram um ao outro, um sorriso íntimo e cúmplice, um sorriso de amantes.

De súbito, deixou de estar tão preocupada. Não precisava de sair ainda. Queria ficar ali, portanto ia ficar. Ainda tinha muito tempo.

Harry mexeu-se a seu lado, e ela sentiu o pénis endurecer. — Não vás ainda — pediu ele.

Ela deu um suspiro de contentamento. — Está bem, ainda não — proferiu e começou a beijá-lo.

Membros de um movimento que lutava pela independência da Irlanda. (NT)

CAPÍTULO DEZOITO

Eddie Deakin mantinha um controlo rígido sobre si, mas era como uma chaleira a ferver com a tampa encravada, um vulcão à espera de explodir. Suava constantemente, doía-lhe a barriga e mal conseguia manter-se sentado e quieto. Fazia o seu trabalho a custo.

Estava previsto sair de serviço às duas da manhã, hora britânica. À medida que se aproximava o fim do seu turno, falsificou mais um conjunto de dados do combustível. Antes tinha subestimado o consumo do avião para dar a impressão de que havia apenas o necessário para completar a viagem. Agora sobrestimou-o para que, quando o seu colega Mickey Finn entrasse ao serviço e lesse os manómetros de combustível, não houvesse discrepância. A Curva de Howgozit iria mostrar que o consumo flutuava descontroladamente, e Mickey perguntaria porquê, mas Eddie explicar-lhe-ia que isso se devia às condições climatéricas. De qualquer modo, Mickey era a menor das suas preocupações. A profunda ansiedade, a que lhe mantinha o coração apertado de medo, era que o avião esgotasse o combustível antes de chegar à Terra Nova.

A aeronave não tinha o mínimo regulamentar, que obviamente compreendia uma margem de segurança; mas estas existiam por uma razão, e aquele voo deixara de ter uma reserva extra de combustível para emergências, tais como a falha de um motor. Se alguma coisa corresse mal, mergulharia no revolto oceano Atlântico. Seria impossível amarrar com segurança em alto-mar, pois afundar-se-ia em poucos minutos e não haveria sobreviventes.

Mickey chegou à cabina de voo uns minutos antes das duas, com um ar fresco, jovem e entusiasta. — Estamos com pouco combustível — informou-o Eddie de imediato. — Já disse ao comandante.

Mickey assentiu evasivamente e pegou na lanterna. O seu primeiro dever ao entrar ao serviço era levar a cabo uma inspeção visual dos quatro motores.

Eddie afastou-se e desceu para o deque dos passageiros. O

primeiro-oficial, Johnny Dott, o navegador, Jack Ashford, e o operador de rádio, Ben Thompson, seguiram-no quando os substitutos chegaram. Jack foi à copa fazer uma sanduíche. Pensar em comida deixava Eddie agoniado; serviu-se de café e sentou-se no 1.º compartimento.

Quando não estava a trabalhar, não tinha nada que o impedisse de pensar em Carol-Ann nas mãos dos raptos.

No Maine passava pouco das nove da noite e estaria escuro. Na melhor das hipóteses, a mulher estaria cansada e abatida. Desde que engravidara, passara a adormecer muito mais cedo. Dar-lhe-iam onde se deitar? Naquela noite não iria dormir, mas talvez conseguisse descansar o corpo. Eddie tinha esperança de que o facto de serem horas de dormir não desse ideias aos rufias que a guardavam...

Ainda o café não arrefecera quando a tempestade se abateu em força sobre eles.

O voo fora acidentado havia várias horas, mas naquele momento ficou mesmo agitado. Era como estar a bordo de um navio durante uma tempestade. A enorme aeronave parecia um barco no meio das vagas, subindo lentamente para logo descer, batendo na cava da onda com um baque e voltando a subir, rolando e sendo arremessada ao sabor do vento. Eddie sentou-se num beliche, fazendo pressão com os pés no poste do canto para se segurar. Os passageiros começaram a acordar, a chamar os comissários com a campainha e a correr para a casa de banho. Nicky e Davy, que tinham estado a dormir no 1.º compartimento, junto da tripulação fora de serviço, abotoaram o colarinho e vestiram o casaco, apressando-se a responder às campainhas.

Passado um tempo, Eddie foi à copa buscar mais café. Ao chegar lá, a porta da casa de banho dos homens abriu-se, e Tom Luther saiu com um ar pálido e suado. Eddie fitou-o com desprezo. Sentiu ânsias de agarrar o homem pelo pescoço, mas controlou-se.

— Isto é normal? — perguntou Luther em voz assustada.

Eddie não sentiu nem ponta de piedade. — Não, isto não é normal — retorquiu. — Devíamos contornar a tempestade, mas não temos

combustível suficiente.

— E porque não?

— Está a chegar ao fim.

Luther ficou aterrado. — Mas tu disseste que se voltaria para trás antes de chegar ao ponto de não retorno.

Eddie estava mais preocupado que Luther, mas a angústia do outro não lhe dava grande satisfação. — Devíamos ter voltado, mas eu falsifiquei os dados. Tenho uma razão especial para querer completar este voo no horário previsto, lembra-te?

— Seu louco! — exclamou, desesperado. — Estás a tentar matar-nos a todos?

— Preferia correr o risco de te matar a deixar a minha mulher com os teus compinchas.

— Mas, se morrermos todos, isso não irá ajudar a tua mulher!

— Bem sei. — Eddie estava a correr um risco terrível, mas não suportava a ideia de deixar Carol-Ann com os raptos por mais um dia. — Talvez eu seja doido — alvitrou.

Luther parecia doente. — Mas este avião consegue pousar no mar, certo?

— Errado. Só podemos amarrar em águas calmas. Se o fizéssemos a meio do Atlântico numa tempestade destas, o avião partia-se em segundos.

— Oh, meu Deus — gemeu Luther. — Nunca devia ter embarcado.

— Nunca te devias ter metido com a minha mulher, seu grande sacana — disse Eddie de dentes cerrados.

O avião deu um solavanco enorme, e Luther virou-se e cambaleou de novo para a casa de banho.

Eddie passou pelo 2.º compartimento e entrou no salão. Os jogadores de cartas estavam nos seus lugares com o cinto apertado. Copos, cartas e uma garrafa rolavam pelo tapete, enquanto a aeronave oscilava e tremia. Eddie olhou ao longo da coxia. Após o pânico inicial, os passageiros acalmavam-se. A maioria regressara aos beliches e pusera o cinto de segurança, percebendo que era a melhor forma de aguentar os saltos. Estavam deitados com as

cortinas abertas, alguns resignados com o desconforto, mas bem-dispostos, outros claramente mortos de medo. Tudo o que não estava preso caíra ao chão, e o tapete era um amontoado de livros, óculos, roupões, dentaduras postiças, trocos, botões de punho e todas as outras coisas que as pessoas guardavam ao pé da cama à noite. De súbito, os ricos e famosos do mundo pareciam muito humanos, e Eddie teve um terrível rebate de consciência. Iriam todas aquelas pessoas morrer por causa dele?

Regressou ao seu lugar e apertou o cinto de segurança. Agora nada havia que pudesse fazer em relação ao consumo de combustível, e a única forma de ajudar Carol-Ann era certificar-se de que a amaramagem de emergência se faria segundo o plano.

Enquanto o avião avançava às sacudidelas pela noite fora, tentou reprimir a raiva fervente que sentia e rever a trama que montara.

Quando levantassem voo de Shediack, o último porto antes de Nova Iorque, Eddie estaria ao serviço. Começaria imediatamente a largar combustível. Claro que os manómetros iriam mostrá-lo, e Mickey Finn talvez notasse a perda, se subisse à cabina de voo por alguma razão; todavia, nessa altura, vinte e quatro horas depois de deixarem Southampton, a tripulação fora de serviço estava apenas interessada em dormir. Também não era provável que qualquer outro colega olhasse para os manómetros, em especial na curta etapa do voo, quando o consumo de combustível já não era crucial. Odiava a ideia de enganar os colegas e, por momentos, a sua raiva voltou a ferver. Cerrou os punhos, mas não tinha em que bater. Tentou concentrar-se no seu plano.

À medida que o avião se aproximasse do lugar onde Luther queria amarrar, Eddie largaria mais combustível, calculando com precisão para que estivessem quase sem nenhum ao chegarem à zona certa. Nessa altura, informaria o comandante de que estavam sem combustível e tinham de amarrar.

Teria de monitorizar a rota com todo o cuidado. Nem sempre seguiam o mesmo percurso: a navegação não era assim tão exata. Todavia, Luther escolhera o ponto de encontro com inteligência. Era

obviamente o melhor local dentro de um raio amplo onde um hidroavião podia amarrar, de modo a que, mesmo se estivessem algumas milhas fora de curso, era certo o comandante dirigir-se para lá numa emergência.

Se houvesse tempo, o comandante perguntar-lhe-ia, furioso, como é que Eddie não notara a perda tremenda de combustível, antes de se tornar crítica. Ele teria de responder que todos os manómetros deviam ter ficado emperrados, uma ideia totalmente improvável. Rangeu os dentes ao pensar naquilo. Os colegas confiavam nele para levar a cabo a tarefa crucial de monitorizar o consumo de combustível do avião. Confiavam-lhe as suas vidas e saberiam que ele os deixara mal.

Uma lancha rápida estaria à espera naquela área e aproximar-se-ia do *Clipper*. O comandante haveria de pensar que tinham vindo ajudar e talvez os convidasse a ir a bordo, mas, se tal não sucedesse, seria Eddie a abrir-lhes a porta. Em seguida, os gângsteres dominariam o homem do FBI, Ollis Field, e salvariam Frankie Gordin.

Teriam de ser rápidos. O operador de rádio já teria enviado um pedido de socorro antes de o avião tocar na água, e o *Clipper* era suficientemente grande para ser visto ao longe. Assim, outras embarcações não demorariam muito a aproximar-se. Havia até a hipótese de a Guarda Costeira ser suficientemente rápida e interferir no salvamento. Isso poderia deitar por terra o gangue de Luther, pensou Eddie e, por um instante, sentiu-se esperançado. Depois recordou-se de que queria que Luther tivesse êxito, não que falhasse.

Só não conseguia aceitar que tinha de desejar que os criminosos iriam ter o que desejavam. Puxava constantemente pelos miolos a tentar encontrar forma de frustrar o plano de Luther, mas tudo o que lhe ocorria tinha o mesmo obstáculo: Carol-Ann. Se Luther não salvasse Gordin, Eddie não salvaria a mulher.

Tentara pensar numa forma de se certificar de que Gordin seria apanhado vinte e quatro horas depois, quando Carol-Ann estivesse em segurança, mas era impossível. Nessa altura já o tipo estaria muito longe. A única alternativa era convencer Luther a entregar a

mulher mais cedo, e o homem não iria concordar com isso. O problema era que Eddie não tinha nada com que ameaçar Luther. Este tinha Carol-Ann, e Eddie tinha...

Bem, pensou de súbito, eu tenho o Gordino.

Espera aí.

Eles têm a Carol-Ann, e eu não a posso salvar sem cooperar com eles. Mas o Gordino está neste avião, e eles não podem ficar com ele a não ser que cooperem comigo. Talvez não possuam os trunfos todos.

Ficou a pensar se teria forma de ficar no controlo, de agarrar a iniciativa.

Olhou sem ver para a parede em frente, agarrando-se com força, perdido em pensamentos.

Havia uma forma.

Por que motivo haveriam eles de receber Gordino primeiro? Uma troca de reféns devia ser simultânea.

Lutou contra aquela nova esperança e obrigou-se a pensar friamente.

Como se faria a troca? Teriam de trazer Carol-Ann para o *Clipper* na lancha que levaria Gordino.

Porque não? Por que diabo não?

Ansioso, perguntou-se se poderia ser combinado a tempo. Calculara que ela estava presa a não mais de sessenta ou setenta milhas da casa deles, que, por sua vez, ficava a cerca de setenta milhas do local da amaragem de emergência. Então, na pior das hipóteses, estaria a quatro horas de viagem. Seria demasiado?

Supondo que Tom Luther concordava, a primeira hipótese de telefonar aos seus homens sucederia na próxima escala, em Botwood, onde estava previsto que o *Clipper* chegasse às nove da manhã, hora britânica. Em seguida, o avião seguia para Shediac. A amaragem imprevista teria lugar uma hora após saírem de Shediac, cerca das quatro da tarde, hora de Inglaterra, sete horas mais tarde. O gangue conseguiria levar Carol-Ann para lá com duas horas de sobra.

Eddie mal controlava o nervosismo ao pensar na hipótese de recuperar Carol-Ann mais cedo. Também lhe ocorreu que isso talvez lhe desse uma oportunidade, por mais débil que fosse, de arruinar a operação de Luther. E isso talvez o redimisse aos olhos do resto da tripulação. Poderiam perdoar-lhe a traição, se o vissem apanhar um bando de criminosos.

Disse mais uma vez a si próprio que não devia alimentar demasiadas esperanças. Aquilo era só uma ideia. Era provável que Luther não aceitasse o acordo. Eddie podia ameaçá-lo, recusando-se a fazer amarar o avião a não ser que ele aceitasse as suas condições, todavia, eles podiam ver isso como uma falsa ameaça. Calculavam que Eddie tudo faria para salvar a mulher e tinham razão. Estavam apenas a tentar salvar um compincha. Eddie estava mais desesperado, o que o enfraquecia, pensou. Mergulhou de novo no desespero.

Contudo, a nova ideia iria sempre ser um problema para Luther, criando dúvidas e problemas no espírito do homem. Podia não acreditar na ameaça de Eddie, mas como poderia ter a certeza? Seria preciso coragem para desmascarar o *bluff*, e Luther não era corajoso, pelo menos naquele momento.

De qualquer forma, pensou, que tenho eu a perder?

Iria tentar.

Saiu do beliche.

Pensou que talvez devesse planejar a conversa cuidadosamente e preparar as respostas às objeções de Luther, mas ele já estava de cabeça perdida e não conseguia ficar sentado a pensar durante mais tempo. Tinha de o fazer ou enlouquecia.

Agarrando-se a tudo o que podia, foi andando ao longo do avião que oscilava até ao salão.

Luther era um dos passageiros que não se deitara. Encontrava-se a um canto, a beber uísque, mas sem se juntar ao jogo de cartas. Recuperara a cor do rosto e parecia estar menos nauseado. Lia uma revista inglesa, a *Illustrated London News*. Eddie tocou-lhe no ombro. Ele ergueu o olhar, admirado e um pouco receoso. Ao ver Eddie, a

expressão tornou-se hostil. — O comandante gostaria de lhe dar uma palavra, Mr. Luther — afirmou Eddie.

O homem pareceu ansioso e ficou sentado um momento. Eddie chamou-o com um gesto de cabeça autoritário, e Luther pousou a revista, desapertou o cinto de segurança e levantou-se.

Saíram do salão, atravessaram o 2.º compartimento, mas em vez de subirem à cabina de pilotagem, Eddie abriu a porta da casa de banho dos homens e segurou-a para ele entrar.

Havia um leve cheiro a vômito. Infelizmente não estavam sozinhos: um passageiro de pijama lavava as mãos. Eddie apontou para o lavabo, e Luther entrou, enquanto Eddie se penteava e aguardava. Após uns momentos, o passageiro saiu, e Eddie bateu na porta do lavabo. Luther saiu. — Que diabo se passa? — perguntou.

— Cala a boca e ouve — ordenou-lhe Eddie. Não planeara ser agressivo, mas o homem deixava-o louco. — Sei por que razão estás aqui, adivinhei o teu plano e vou fazer umas alterações. Quando eu fizer amarar este avião, a Carol-Ann tem de estar na lancha, à espera.

Luther mostrou o seu desprezo. — Tu não podes ter exigências.

Eddie não esperara que ele cedesse de imediato e agora tinha de fazer *bluff*. — OK — disse com toda a convicção que conseguiu. — Não há acordo.

Luther pareceu um pouco preocupado, mas respondeu: — És um aldrabão. Queres a tua mulherzinha outra vez e vais fazer amarar este avião.

Era verdade, mas Eddie abanou a cabeça. — Não confio em ti — declarou. — Porque haveria de o fazer? Posso fazer tudo o que tu exigis, e tu traíres-me. Não vou arriscar. Quero um novo acordo.

A confiança de Luther ainda não fora abalada. — Não há nenhum acordo novo.

— OK. — Chegara a altura de Eddie jogar o seu trunfo. — OK, portanto vais preso.

Luther riu-se, nervoso. — O que é que estás para aí a dizer?

Eddie sentiu-se um pouco mais confiante; o outro começava a

ceder. — Vou contar tudo ao comandante, e tu és tirado do avião na próxima escala. A polícia vai estar à tua espera. Vais para a prisão, no Canadá, de onde os rufias dos teus amiguinhos não conseguem tirar-te. Vais ser acusado de rapto, pirataria... caramba, Luther, pode ser que nunca mais saias.

Luther mostrou-se finalmente abalado. — Está tudo montado — protestou. — É demasiado tarde para mudar o plano.

— Não, não é — contrapôs Eddie. — Podes telefonar à tua malta da próxima escala e dizer-lhes o que fazer. Têm sete horas para enfiar a Carol-Ann naquela lancha. Há tempo.

De súbito, Luther cedeu. — OK, eu faço isso.

Eddie não acreditou nele. A mudança fora demasiado rápida, e o seu instinto disse-lhe que Luther decidira atraí-lo. — Diz-lhes que têm de me telefonar na última escala, Shediak, e confirmar que trataram de tudo.

Uma expressão de raiva passou ao de leve pelo rosto do outro, e Eddie percebeu que as suas suspeitas estavam certas.

Prosseguiu: — E, quando a lancha vier ao encontro do *Clipper*, eu tenho de ver a Carol-Ann, no convés do barco, antes de abrir as portas, compreendes? Se não a vir, dou o alarme. O Ollis Field agarra-te antes de poderes abrir a porta, e a Guarda Costeira estará aqui antes de os teus compinchas conseguirem arrombá-la. Portanto, vê lá se a coisa é feita mesmo bem ou morrem todos.

De súbito, Luther recuperou a coragem. — Tu não vais fazer nada disso — zombou. — Não ias arriscar a vida da tua mulher.

Eddie tentou criar-lhe dúvidas. — Tens a certeza, Luther?

Não era o suficiente. Luther abanou a cabeça decididamente. — Não és assim tão louco.

Eddie sabia que tinha de convencer Luther de imediato. Aquele era o momento crítico. A palavra «louco» deu-lhe a inspiração de que precisava. — Vou-te mostrar se sou louco ou não — declarou. Empurrou o homem contra a parede, ao lado da grande janela quadrada. Por um momento, Luther ficou demasiado surpreso e não reagiu. — Vou-te mostrar até que ponto sou louco. — Com um

movimento súbito, passou-lhe uma rasteira, e o homem caiu pesadamente no chão. Naquele momento, sentia-se mesmo louco. — Estás a ver esta janela, meu merdoso? — Eddie agarrou a persiana e arrancou-a dos suportes. — Sou suficientemente louco para te atirar pela porcaria da janela, sou louco a esse ponto. — Saltou para cima do lavatório e pontapeou o vidro. Calçava botas grossas, mas a janela era feita de acrílico, com uma espessura de um quarto de polegada. Deu novo pontapé com mais força, e dessa vez o vidro rachou. Mais um pontapé e partiu-se. Pedacos de vidro voaram para dentro da casa de banho. A velocidade do avião era de 125 milhas por hora, e o vento e a chuva gelados entraram como um furacão.

Luther punha-se lentamente de pé, aterrorizado. Eddie saltou para o chão e impediu-o de fugir. Apanhou-o em desequilíbrio e empurrou-o contra a parede. A raiva deu-lhe força para o dominar, embora fossem da mesma altura. Segurou-o pelas lapelas e enfiou-lhe a cabeça fora da janela.

Luther gritou.

O ruído do vento era tão alto que o grito foi quase inaudível.

Eddie puxou-o para dentro e berrou-lhe ao ouvido: — Atiro-te lá para fora, juro por Deus! — Soergueu-o e enfiou-lhe a cabeça de novo lá fora.

Se Luther não tivesse entrado em pânico, talvez tivesse conseguido libertar-se, mas perdera o controlo e estava impotente. Gritou de novo, e Eddie percebeu a custo as palavras: — Eu faço, eu faço, larga-me, larga-me!

Eddie sentiu um desejo muito forte de o empurrar de vez, mas logo compreendeu que corria o perigo de se descontrolar. Recordou a si próprio que não queria matar Luther, apenas pregar-lhe um susto de morte, e isso já conseguira. Era suficiente.

Pousou-o no chão e soltou-o.

Luther correu para a porta, e Eddie deixou-o ir.

Faço muito bem de louco, pensou, mas sabia que não fora a fingir.

Apoiou-se no lavatório, a recuperar o fôlego. A raiva louca desapareceu tão depressa como surgira. Sentiu-se calmo, mas

chocado com a sua própria violência, quase como se tivesse sido outro a fazer aquilo.

Passado um momento, entrou um passageiro.

Tratava-se do homem que embarcara em Foynes, Mervyn Lovesey, um tipo alto com uma camisa de noite às riscas que parecia muito esquisita. Era um inglês pragmático com cerca de quarenta anos. Olhou para os estragos e perguntou: — Caramba, o que aconteceu aqui?

Eddie engoliu em seco. — Uma janela partida — declarou.

Lovesey lançou-lhe um olhar trocista. — Isso já eu percebi.

— Por vezes acontece durante as tempestades — explicou ele. — Estes ventos violentos trazem pedaços de gelo e até pedras.

Lovesey mostrou-se cético. — Bem! Há dez anos que piloto o meu próprio avião e nunca ouvi dizer isso.

Obviamente que Eddie tinha razão. As janelas podiam, de facto, partir-se numa viagem, mas isso acontecia normalmente quando o avião estava no porto e não a meio do Atlântico. Para eventualidades daquelas, possuíam placas de alumínio para as janelas, que, por acaso, estavam guardadas ali mesmo na casa de banho. Eddie abriu o cacifo e tirou uma. — É por isso que trazemos estas placas — rematou.

Lovesey ficou por fim convencido. — Imaginem só — comentou e entrou no lavabo.

Guardada junto das placas estava uma chave de parafusos, a única ferramenta necessária para as instalar. Eddie decidiu que, se fizesse ele próprio o serviço, haveria menos confusão. Em poucos segundos, tirou a moldura da janela, desaparafusou o resto do vidro partido, montou a placa e voltou a colocar a moldura.

— Muito impressionante — comentou Mervyn Lovesey ao sair do lavabo. Eddie teve a sensação de que, mesmo assim, o homem não ficara totalmente convencido. Contudo, era improvável que fizesse alguma coisa.

Eddie saiu e encontrou Davy a preparar um batido de leite na copa. — A janela da casinha partiu-se — disse-lhe.

- Arranjo-a assim que der o cacau à princesa.
- Já instalei a placa.
- Ena, obrigado, Eddie.
- Mas tens de varrer os vidros assim que puderes.
- Está bem.

Gostaria de se oferecer para varrer, uma vez que fora ele a causar a situação. Fora assim que a mãe o educara. Contudo, corria o risco de parecer demasiado prestável, o que levantaria suspeitas e revelaria o peso que tinha na consciência. Assim, sentindo-se mal, deixou o serviço para Davy.

De qualquer forma, conseguira alguma coisa. Pregara um grande susto a Luther e achava agora que o outro cumpriria o novo plano e faria com que trouxessem Carol-Ann na lancha. Pelo menos, tinha motivos para ter esperança.

Voltou a pensar na sua outra preocupação: a reserva de combustível do avião. Embora ainda não fosse tempo de voltar ao serviço, subiu à cabina de pilotagem para falar com Mickey Finn.

— A curva está maluca — exclamou Mickey, nervoso, assim que Eddie entrou.

Mas teremos o suficiente?, perguntou-se ele. Contudo, manteve uma calma aparente. — Mostra lá.

— Olha... o consumo de combustível está incrivelmente alto durante a primeira hora do meu turno, depois volta ao normal na segunda hora.

— No meu turno foi a mesma coisa — respondeu Eddie, tentando mostrar-se apenas preocupado em vez do medo terrível que sentia. — Acho que a tempestade torna tudo imprevisível. — Depois fez a pergunta que o atormentava: — Mas temos combustível suficiente para chegar a casa? — E susteve a respiração.

— Sim, temos — retorquiu Mickey.

Os seus ombros descontraíram-se de alívio. Graças a Deus! Pelo menos, aquela preocupação resolvera-se.

— Mas não temos nada na reserva — acrescentou Mickey. — Espero que não fiquemos sem um motor.

Eddie não podia preocupar-se com uma possibilidade tão remota, tinha demasiado em que pensar. — Qual é a previsão meteorológica? Talvez já tenhamos quase ultrapassado a tempestade.

Mickey abanou a cabeça. — Não — disse num tom funesto. — Está prestes a piorar muitíssimo.

CAPÍTULO DEZANOVE

Estar na cama num quarto partilhado com um desconhecido deixava Nancy muito pouco à vontade.

Tal como Mervyn Lovesey lhe assegurara, e apesar do nome, a «suíte nupcial» tinha beliches. No entanto, ele não conseguira manter a porta aberta por causa da tempestade. Tentasse ele da forma que fosse, a porta persistia em fechar-se ruidosamente, até ambos acharem que era menos embaraçoso deixá-la fechada do que continuarem ambos numa azáfama a tentar mantê-la aberta.

Deitara-se o mais tarde possível. Estivera tentada a passar a noite inteira sentada na sala principal, mas o salão havia-se transformado num local desagradavelmente masculino, cheio de fumo de cigarros e de vapores de uísque, dos risos abafados e das pragas dos jogadores. Acabou por sentir que dava muito nas vistas. Não tinha alternativa, teve de ir para a cama.

Apagaram as luzes e subiram para os beliches, e Nancy estendeu-se de olhos fechados, mas sem sono. O copo de brande que o jovem Harry lhe arranjava não a ajudara em nada: sentia-se tão acordada como se fossem nove da manhã.

Percebeu que Mervyn também não dormia. Ao contrário dos restantes beliches, os da suíte nupcial não tinham cortinas, portanto era apenas a escuridão que lhe dava alguma privacidade.

Ali ficou acordada. Pensou em Margaret Oxenford, tão jovem e ingénua, tão cheia de incertezas e de idealismo. Sentira que, sob a aparência hesitante da rapariga, jazia uma grande paixão, e fora isso que a fizera identificar-se com ela. Também ela havia travado batalhas com os pais; ou, pelo menos, com a mãe, que queria que ela se casasse com um rapaz de uma família tradicional de Boston. Todavia, aos dezasseis anos, Nancy apaixonara-se por Sean Lenehan, um estudante de Medicina, cujo pai — horror dos horrores — era nada menos que o capataz da fábrica do pai. Durante meses, a mãe fizera uma campanha cerrada contra Sean: espalhava mexericos sobre ele

e outras raparigas; desprezava os pais dele cruelmente; dizia-se doente e retirava-se para o quarto, para em seguida se levantar e dar sermões sobre o egoísmo e a ingratidão da filha. Nancy sofrera todas as arremetidas, mas mantivera-se firme e acabara por se casar com Sean e amá-lo apaixonadamente até ao dia da sua morte.

Talvez Margaret não possuísse a mesma força. Sou capaz de ter sido um pouco dura com ela, refletiu, ao dizer que, se não gosta do pai, devia sair de casa; mas ela precisava que alguém lhe dissesse para parar de se lamentar e crescer. Com a idade dela, já eu tinha dois filhos!

Nancy havia-lhe dado ajuda prática, bem como conselhos rigorosos. Esperava conseguir manter a promessa feita e dar emprego a Margaret.

Tudo dependia de Danny Riley, o velho malvado que detinha a balança do poder na sua disputa com o irmão. Nancy regressou às suas preocupações. Interrogou-se se Mac, o seu advogado, teria conseguido falar com Danny; e, se assim fosse, como teria reagido à história de um inquérito a um dos seus erros passados; talvez suspeitasse que tudo fora inventado para o pressionar; ou talvez estivesse completamente apavorado. Desconfortável, Nancy dava voltas no beliche sem conseguir adormecer, enquanto revia todas as perguntas sem resposta. Tinha esperança de poder falar ao telefone com Mac na próxima escala, em Botwood, na Terra Nova. Nessa altura talvez ele já pudesse aliviar-lhe a expectativa.

Havia já algum tempo que o *Clipper* balançava e abanava, deixando-a ainda mais inquieta e nervosa. Passadas uma ou duas horas, os solavancos pioraram muito. Nunca tivera receio de andar de avião, mas também nunca passara por uma tempestade daquelas, e sentiu medo. Agarrou-se ao rebordo do beliche enquanto o grande aeroplano era sacudido pelos ventos fortíssimos. Desde a morte do marido, já enfrentara muito sozinha e disse a si mesma para ter coragem e aguentar. Todavia, não pôde deixar de imaginar que as asas se partiam ou que os motores se destruíam e que acabavam por precipitar-se no oceano; e nesse momento ficou apavorada. Fechou

os olhos com força e mordeu a almofada. De súbito, o avião pareceu descer em queda livre. Esperou que estabilizasse, mas aquilo não parava, e não conseguiu suprimir um gemido de terror. Por fim, sentiu um solavanco, e a aeronave pareceu endireitar-se.

Um momento depois, sentiu a mão de Mervyn no seu ombro. — É apenas uma tempestade — disse ele no seu sotaque britânico. — Já vi pior. Não há que ter medo.

Nancy procurou-lhe a mão e apertou-lha com força. Ele ficou sentado na borda do beliche e passou-lhe a mão pelo cabelo nos instantes em que o avião ficava mais estável. Continuava assustada, mas apertar-lhe a mão nos momentos piores ajudou-a e sentiu-se um pouco melhor.

Não soube quanto tempo assim ficaram. A tempestade acabou por diminuir. Ela começou a ficar constrangida e largou-lhe a mão, sem saber o que dizer. Afortunadamente, ele ergueu-se e saiu do quarto.

Nancy acendeu a luz e levantou-se. Pôs-se em pé, vacilante, envergou o robe de seda azul e sentou-se ao toucador. Escovou o cabelo, o que sempre a acalmava. Estava embaraçada por lhe ter pegado na mão. Esquecera a noção de decoro e sentira-se apenas agradecida por alguém a confortar, mas agora estava constrangida. Ainda bem que ele lhe adivinhara o embaraço e a deixara a sós por alguns minutos para se recompor.

Mervyn regressou com uma garrafa de brande e dois copos. Serviu as bebidas e deu uma a Nancy. Ela pegou no copo com uma mão e agarrou-se à borda do toucador com a outra: o avião continuava a oscilar.

Ter-se-ia sentido pior se ele não estivesse a usar aquela camisa de noite caricata. Parecia ridículo, mas comportava-se com tanta dignidade como se se passeasse no seu jaquetão, o que fazia tudo ainda mais engraçado. Era claro que não era homem com medo de parecer tolo. Agradou-lhe pela maneira como usava a camisa de noite.

Bebericou um pouco de brande. A bebida aqueceu-a, e de imediato se sentiu melhor. Deu mais um gole.

— Aconteceu uma coisa estranha — comentou ele em tom coloquial. — Quando ia a entrar na casa de banho, vinha outro passageiro a sair com um ar aterrado. Quando entrei, a janela estava partida e estava lá o engenheiro, com ar de culpado. Contou-me uma história mirabolante de o vidro ter sido quebrado por um pedaço de gelo durante a tempestade, mas pareceu-me que deviam ter estado a lutar.

Nancy ficou-lhe grata por ele estar a conversar, assim não teriam de ficar sentados e pensar que tinham estado de mão dada. — Qual era o engenheiro? — inquiriu.

— Um rapaz bem-parecido, de cerca da minha altura, cabelo louro.

— Sei quem é. E o passageiro?

— Não sei o nome dele. Um empresário, que viaja sozinho, num fato cinzento-claro. — Mervyn ergueu-se e serviu-a de mais brande.

Infelizmente, o robe de Nancy só lhe chegava um pouco abaixo dos joelhos, o que a fazia sentir-se bastante despida, com a barriga das pernas e os pés descalços à vista; teve de se recordar de que Mervyn andava em perseguição frenética da sua mulher adorada e que não tinha olhos para mais ninguém. Na verdade, mal repararia se ela estivesse completamente nua. Pegar-lhe na mão não havia passado de um gesto amigo de um ser humano para outro, puro e simples. Uma voz lá do fundo dizia-lhe que estar de mãos dadas com o marido de alguém raramente é simples e nunca é puro, mas ela ignorou-a.

Em busca de algo para conversar, perguntou: — A sua mulher continua zangada consigo?

— Está furiosa — respondeu ele.

Ela sorriu ao recordar a cena que havia presenciado na suíte ao regressar dos lavabos, já de camisa e robe: a mulher de Mervyn a gritar com ele, e o namorado a gritar com ela, enquanto Nancy assistia da porta. Diana e Mark tinham-se calado de imediato e saído, ambos embaraçados, para continuar a discussão noutro local. Na altura, abstera-se de fazer comentários porque não queria que Mervyn pensasse que fazia pouco da situação dele. Porém, naquele momento sentiu-se à vontade para fazer perguntas mais pessoais,

uma vez que as circunstâncias os haviam forçado a alguma intimidade. — Ela vai voltar para si?

— Não há como saber — retorquiu. — O tipo com quem ela está... acho que não presta, mas talvez seja o que ela quer.

Nancy assentiu. Era difícil encontrar dois homens mais diferentes. Mervyn era alto e imperioso, um moreno atraente, de modos diretos e bruscos. Mark era um homem muito mais brando, de olhar cor de avelã e um rosto redondo e sardento com uma expressão quase sempre divertida. — Os homens com ar de miúdo não são muito o meu tipo, mas dentro do género é atraente — declarou, ao mesmo tempo que pensava: *Se o Mervyn fosse meu marido, não o trocava pelo Mark, mas gostos não se discutem.*

— Sim. Ao início, pensei que a Diana estava só deslumbrada, mas agora que o vi, não tenho tanta certeza. — Pareceu pensativo por momentos e mudou de assunto. — E a Nancy? Consegue ganhar ao seu irmão?

— Acho que encontrei um ponto fraco — declarou com uma satisfação triste, ao pensar em Danny Riley. — Estou a tratar do assunto.

Ele sorriu abertamente. — Quando fica com essa expressão, preferia tê-la como amiga do que como inimiga.

— Estou a fazer isto pelo meu pai — prosseguiu ela. — Amava-o muito, e a empresa é tudo quanto me resta dele. É como um memorial em sua honra, porque tem em si a marca do que ele era.

— Como é que ele era?

— Era um daqueles homens de que ninguém se esquece. Alto, cabelo preto e de voz forte, sabíamos que era um homem de força mal o víamos. Mas sabia de cor o nome de todos os operários que trabalhavam para ele, se tinham as mulheres doentes e como iam os filhos deles na escola. Pagou a educação dos filhos de inúmeros trabalhadores, que agora são advogados e contabilistas. Sabia como conquistar a lealdade das pessoas. De certa forma, era antiquado, paternalista. Mas tinha uma cabeça para os negócios como nunca vi. Nos piores momentos da Depressão, quando fechavam fábricas em

toda a Nova Inglaterra, continuámos a contratar pessoal porque as nossas vendas estavam a subir! Entendeu o poder da publicidade antes de todos os outros na indústria do calçado e usou-a como ninguém. Interessava-se por psicologia, por aquilo que motiva as pessoas. Tinha a capacidade de trazer uma visão nova a qualquer problema que lhe pusessem. Tenho saudades dele todos os dias. Sinto-lhe quase tanto a falta como ao meu marido. — De súbito, pareceu furiosa. — E não vou permitir que todo o seu trabalho se perca por causa do inútil do meu irmão. — Remexeu-se inquieta no assento ao lembrar-se das suas preocupações. — Vou tentar pressionar um acionista-chave, mas não hei de saber se tive êxito até...

Nunca terminou a frase. O avião entrou numa zona de turbulência violenta e pareceu dar um coice, como um cavalo selvagem. Nancy deixou cair o copo e agarrou-se ao rebordo do toucador com ambas as mãos. De pé, Mervyn tentou equilibrar-se, mas não conseguiu e, quando a aeronave se inclinou para o lado, rolou pelo chão, deitando abaixo a mesinha de café.

O *Clipper* estabilizou. Nancy estendeu uma mão para o ajudar, ao mesmo tempo que lhe perguntava se estava bem. Nesse instante, o avião foi mais uma vez sacudido. Ela escorregou, perdeu o apoio e tombou no chão em cima de Mervyn.

Um instante depois, ele soltou uma gargalhada.

Nancy receava tê-lo magoado, mas ela era leve e ele era um homem grande. Ficara atravessada em cima dele, ambos fazendo o desenho de um X na carpete cor de terracota. O avião estabilizou, e ela rolou e sentou-se, a olhar para ele. Estaria histérico ou apenas divertido?

— Devemos parecer uns idiotas — proferiu ele e riu-se de novo.

O riso dele era contagiante. Por momentos, esqueceu-se de todas as tensões acumuladas nas últimas vinte e quatro horas: a traição do irmão, a queda iminente do pequeno biplano de Mervyn, a situação embaraçosa na suíte nupcial, a discussão terrível por causa dos judeus na sala de jantar, o incómodo da ira da mulher de Mervyn, o

seu medo da tempestade. E percebeu de súbito quão cómico era estar sentada no chão, de camisa de noite, com um desconhecido, dentro de um avião que parecia escoicear violentamente. E também ela se pôs a rir.

O abanão seguinte atirou-os um contra o outro. Deu por si nos braços de Mervyn, ainda a rir-se. Olharam-se.

E subitamente ela beijou-o.

Foi uma surpresa total para ela. Era uma ideia que nunca lhe passara pela cabeça. Nem sequer tinha a certeza se gostava dele. Pareceu-lhe um impulso surgido do nada.

Ele ficou aturdido, mas logo correspondeu com entusiasmo. Não houve nada de hesitante no seu beijo, nada de fogo lento: Mervyn ficou instantaneamente em brasa.

Um minuto depois, ela afastou-se, ofegante. — O que aconteceu? — disse tolamente.

— Você beijou-me — respondeu ele, parecendo satisfeito.

— Não era a minha intenção.

— Mas ainda bem que o fez — declarou ele e beijou-a de novo.

Nancy pretendeu afastar-se, mas ele segurava-a com firmeza e a vontade dela era fraca. Sentiu-lhe a mão dentro do robe e ficou tensa: os seus seios eram tão pequenos que a embaraçavam, e teve receio de que ficasse desiludido. Uma mão grande fechou-se sobre o seio redondo e pequeno, e ele soltou um gemido fundo. As pontas dos dedos encontraram o mamilo, e mais uma vez ela ficou embaraçada: tinha mamilos enormes desde que amamentara os filhos. Seios pequenos e grandes mamilos faziam-na sentir-se diferente, quase disforme. Contudo, Mervyn não parecia desagradado, pelo contrário. Acariciou-a com uma delicadeza surpreendente, e ela deixou-se levar pela deliciosa sensação. Havia muito tempo que não se sentia daquela maneira.

Que é que estou a fazer?, ocorreu-lhe de súbito. *Sou viúva, respeitável, e estou aqui a rebolar pelo chão de um avião com um homem que conheci ontem! O que é que me deu?*

— Pare! — exclamou com um ar decidido. Afastou-se e sentou-se.

O *négligé* havia-lhe subido acima dos joelhos. Mervyn acariciou-lhe a coxa nua. — Pare — repetiu, afastando-lhe a mão.

— Como queira — retorquiu ele, obviamente relutante. — Mas, se mudar de opinião, estou à disposição.

Olhou de relance para o colo dele e viu a saliência da camisa de noite, provocada pela ereção. Desviou rapidamente o olhar. — A culpa é minha — disse, ainda ofegante do beijo. — Mas foi um erro. Eu é que o provoquei, bem sei. Desculpe.

— Não peça desculpa — replicou ele. — Foi a melhor coisa que me aconteceu em anos.

— Mas você gosta da sua mulher, não gosta? — inquiriu, sem rodeios.

Mervyn contraiu-se. — Achava que sim. Agora, para lhe dizer a verdade, estou um pouco confuso.

Era exatamente como ela se sentia: confusa. Depois de dez anos de celibato, dava consigo a ansiar por abraçar um homem que mal conhecia.

Mas eu conheço-o, refletiu; conheço-o bastante bem. Viajámos juntos e partilhámos os nossos problemas. Sei que é áspero, arrogante e orgulhoso, mas igualmente apaixonado e leal e forte. Gosto dele apesar dos seus defeitos. E tenho respeito por ele. É muitíssimo atraente, mesmo numa camisa de noite às riscas castanhas. E segurou-me na mão quando estava com medo. Que bom seria ter alguém que me pegasse na mão quando eu tivesse medo.

Como se lhe tivesse lido o pensamento, Mervyn pegou-lhe na mão uma vez mais. Daquela feita, virou a palma da mão para cima e beijou-lha. Ela arrepiou-se. E uns segundos depois atraiu-a a si e beijou-lhe a boca de novo.

— Não faça isso — pediu ela, num sopro. — Se recomeçarmos, não seremos capazes de parar.

— Só receio que, se pararmos agora, possamos nunca mais vir a recomeçar — murmurou, a voz rouca de desejo.

Ela sentiu nele uma paixão enorme, apenas controlada a custo, e

isso excitou-a mais. Tivera demasiados encontros com homens fracos, homens serviçais que dela apenas pretendiam consolo e segurança; homens que desistiam depressa demais quando ela se opunha às suas exigências. Mervyn ia persistir obstinadamente. Queria-a e queria-a naquele momento. Ela, por seu lado, desejava render-se-lhe.

Sentiu a mão dele sobre a perna debaixo do *négligé*, as pontas dos dedos acariciando a pele suave do interior da coxa. Fechou os olhos e, quase involuntariamente, abriu um tudo-nada as pernas. Era o convite de que ele precisava. Pouco depois, a mão chegou-lhe ao sexo, e ela gemeu. Ninguém lhe fizera aquilo depois do marido, Sean. O pensamento encheu-a de tristeza. *Ó Sean, tenho tantas saudades*, pensou. *Nunca admiti a falta que me fazes*. A dor foi a mais forte desde o funeral dele. As lágrimas brotaram das pálpebras fechadas e escorreram-lhe pela face. Mervyn beijou-a e sentiu-lhes o sal. — O que foi? — murmurou.

Ela abriu os olhos. Através das lágrimas, viu-lhe o rosto, bonito, perturbado; e, mais além, o *négligé* subido até à cintura e a mão entre as pernas. Pegou-lhe pelo pulso e afastou-a, gentil mas firmemente. — Por favor, não fique zangado — pediu.

— Não fico — retorquiu ele com suavidade. — Diga-me.

— Ninguém me tocou aí desde que o Sean morreu, e lembrei-me dele.

— O seu marido.

Ela assentiu.

— Há quanto tempo?

— Há dez anos.

— Faz muito tempo.

— Eu sou fiel. — Sorriu entre as lágrimas. — Como você.

Ele suspirou. — Tem razão. Fui casado duas vezes e é a primeira vez que estive perto de ser infiel. Estava a pensar na Diana e naquele tipo.

— Somos doidos? — inquiriu ela.

— Talvez. Devíamos deixar de pensar no passado, aproveitar o

momento, viver o presente.

— Talvez devêssemos — concordou ela e beijou-o de novo.

O avião deu um solavanco como se tivesse colidido em algo. Os rostos de ambos embateram, e as luzes tremeluziram. O *Clipper* estremeceu violentamente. Nancy esqueceu os beijos e agarrou-se a Mervyn para ficar estável.

Quando a turbulência abrandou um pouco, ela apercebeu-se de que ele sangrava de um lábio. — Você mordeu-me — disse com um sorriso sentido.

— Desculpe.

— Ainda bem. Espero que fique com uma cicatriz.

Ela abraçou-o com força, sentindo uma onda de afeto.

Permaneceram ambos no chão enquanto a tempestade rugia. Na pausa seguinte, Mervyn sugeriu: — Vamos tentar chegar ao beliche. Ficamos mais confortáveis do que em cima do tapete.

Nancy anuiu. Pôs-se de gatas e subiu para o beliche, aos tropeções. Mervyn seguiu-a e deitou-se a seu lado. Pôs-lhe os braços em redor, e ela aninhou-se, encostada à camisa de noite.

Sempre que a turbulência piorava, agarrava-se a ele com força, como um marinheiro a segurar-se ao mastro. Quando diminuía, descontrai-a-se, e ele acariciava-a, tranquilizador.

A certa altura, Nancy adormeceu.

Foi acordada por alguém que batia à porta e uma voz que dizia: — Comissário!

Abriu os olhos e percebeu que estava deitada nos braços de Mervyn. — Oh, meu Deus! — exclamou em pânico. Sentou-se e olhou em redor num frenesim.

Mervyn pousou-lhe a mão no ombro em sinal de contenção e bradou num tom autoritário: — Um momento, comissário.

Uma voz um tanto assustada retorquiu: — Sim, senhor, não há pressa.

Mervyn saiu do beliche, levantou-se e puxou a roupa da cama por cima de Nancy. Ela lançou-lhe um sorriso de gratidão e em seguida

virou-se para o outro lado, fingindo estar a dormir, para não ter de olhar para o comissário.

Ouviu Mervyn abrir a porta e o comissário entrar. — Bom dia! — exclamou jovialmente. O aroma do café acabado de fazer encheu-lhe as narinas. — São nove e meia na hora britânica, quatro e meia da madrugada em Nova Iorque e seis da manhã na Terra Nova.

Mervyn inquiriu: — Você disse que são nove e meia na Grã-Bretanha e seis na Terra Nova?

— Sim, senhor. Na Terra Nova são três horas e meia mais tarde que o tempo médio de Greenwich.

— Não sabia que havia meias horas de diferença. Deve complicar a vida a quem faz os horários da companhia aérea. Quanto tempo até amararmos?

— Descemos dentro de trinta minutos, apenas uma hora depois do previsto. O atraso deve-se à tempestade. — O comissário saiu em silêncio e fechou a porta.

Nancy virou-se, e Mervyn abriu as persianas. Era dia. Contemplou-o enquanto servia o café, e a noite anterior veio-lhe à memória numa série de imagens nítidas: Mervyn a segurar-lhe a mão durante a tempestade, os dois a caírem no chão, a mão dele no seu seio, ela a agarrar-se a ele enquanto o avião era abruptamente sacudido, a maneira como ele a acariciara até adormecer. *Deus meu*, pensou, *gosto mesmo deste homem*.

— Como é que gosta do café? — perguntou ele.

— Só café, sem açúcar.

— Tal como eu. — Deu-lhe uma chávena.

Nancy começou a bebericá-lo, agradecida. De súbito, sentia-se curiosa sobre tudo o que dizia respeito àquele homem. Jogaria ténis, iria à ópera, gostaria de compras? Leria muito? Como é que fazia o nó da gravata? Seria ele mesmo a engraxar os sapatos? Enquanto o observava a beber café, chegou à conclusão de que havia muito que conseguia adivinhar. Era provável que jogasse ténis, mas não devia ler muitos romances e de certeza que ir às compras não lhe agradaria. Jogaria bem póquer, mas seria mau dançarino.

— Em que é que está a pensar? — inquiriu ele. — Está a examinar-me como se se estivesse a avaliar se sou um risco aceitável para um seguro de vida.

Ela riu-se. — De que tipo de música é que gosta?

— Não tenho ouvido para a música — respondeu. — Quando era rapaz, antes da guerra, estava na moda o *ragtime* nos salões de baile. Gostava do ritmo, mas nunca fui bom dançarino. E a Nancy?

— Oh, eu dancei... fui obrigada. Ao sábado de manhã, lá ia eu para a escola de dança, num vestidinho aos folhos e de luvas, tudo branco, para aprender as danças de salão com rapazinhos de doze anos de fato completo. A minha mãe pensava que isso me daria *entrée* na melhor sociedade de Boston. Não deu, como é óbvio, mas felizmente não me importei com isso. Gostava mais da fábrica do meu pai, para grande desgosto dela. Combateu na Grande Guerra?

— Lutei, sim. — Uma sombra atravessou-lhe o rosto. — Estive em Ypres — disse, pronunciando a palavra à inglesa. — E jurei que nunca iria ficar de braços cruzados a ver outra geração de rapazes a ser enviada para morrer daquela maneira. Mas não estava à espera do Hitler.

Ela mirou-o, enternecida. Ele ergueu o olhar. Fitaram-se, e Nancy soube que estavam ambos a pensar em como se haviam beijado e acariciado durante a noite e mais uma vez se sentiu embaraçada. Desviou o olhar para a janela e avistou terra. Lembrou-se de que, ao chegarem a Botwood, ficaria à espera da chamada que lhe mudaria a vida, de uma forma ou de outra. — Estamos quase a chegar! — exclamou, dando um salto da cama. — Tenho de me vestir.

— Deixe-me ir primeiro — retorquiu ele. — É melhor para a sua imagem.

— OK. — Não sabia bem se ainda lhe restava alguma reputação, mas não lho quis dizer. Ficou a vê-lo ir buscar o fato ao cabide e o saco de papel com a roupa que comprara em Foynes juntamente com a camisa de dormir: uma camisa branca, peúgas de lã pretas e roupa interior cinzenta. Ao chegar à porta, ele hesitou, e percebeu que se interrogava se voltaria a beijá-la mais alguma vez. Foi até ele e

ergueu a face. — Obrigada por me abraçar a noite toda — disse.

Ele curvou-se e beijou-a. Foi um beijo suave, os lábios fechados nos dela. Ficaram assim uns momentos, após o que se separaram.

Nancy abriu-lhe a porta, e ele saiu.

Deu um suspiro quando fechou a porta atrás dele. *Acho que me podia apaixonar por ele*, pensou.

Perguntou a si mesma se alguma vez voltaria a ver a camisa de dormir às riscas castanhas.

Olhou pela janela. O *Clipper* ia gradualmente perdendo altitude. Tinha de se apressar.

Escovou o cabelo depressa ao toucador e levou o *nécessaire* para a casa de banho das mulheres, que ficava ao lado da suíte. Estavam lá Lulu Bell e outra mulher, mas não a mulher de Mervyn, felizmente. Teria preferido tomar um banho, mas teve de contentar-se com o lavatório. Tinha roupa interior lavada e uma blusa azul-escura, em vez da cinzenta, que ficava bem debaixo do saia-casaco vermelho. Enquanto se vestia, recordou a conversa daquela manhã com Mervyn. Ficava feliz ao pensar nele, mas, por baixo dessa alegria, sentia alguma inquietação. Interrogou-se sobre qual seria o motivo. A resposta tornou-se óbvia. Ele não fizera qualquer menção à mulher. Durante a noite confessara-se «confuso». Desde aí, fora o silêncio. Queria Diana de volta? Continuaría a amá-la? Mervyn tivera-a nos braços toda a noite, mas isso não apagava necessariamente todo um casamento.

E agora que é que faço?, interrogou-se. *Claro que gostava de estar com o Mervyn outra vez, de sair com ele, talvez até de ter um romance com ele... mas quero que ele abandone a mulher por minha causa? Como é que posso saber, depois de uma noite de paixão não consumada?*

Enquanto punha batom, deteve-se e mirou-se ao espelho. *Deixa-te de tretas, Nancy*, disse para si. *Sabes bem que queres este homem. Em dez anos é o primeiro de quem gostas a sério. Tens quarenta anos e um dia e acabaste de conhecer o teu príncipe encantado. Deixa-te de brincadeiras e trata de o caçar.*

Perfumou-se com *Pink Clover* e saiu. Deu com Nat Ridgeway e Peter, o irmão, cujos lugares eram ao lado dos lavabos das senhoras. — Bom dia, Nancy — cumprimentou Nat. Nesse instante, recordou-se do que sentira por aquele homem cinco anos antes. *Sim*, refletiu, *podia ter-me apaixonado por ele, mas não tive tempo. E talvez fosse a minha sorte. Era capaz de querer mais à Black's Boots do que a mim. No fim de contas, continua a querer apanhar a empresa, mas não a apanhar-me a mim.* Fez um aceno de cabeça seco e entrou na suíte.

Os beliches já tinham sido desmontados e rearranjados como divãs, e Mervyn lá estava sentado, de barba feita, envergando o fato cinzento-escuro e a camisa branca. — Olhe pela janela — disse. — Estamos quase a chegar.

Nancy olhou pela janela e viu terra. Sobrevoavam densos pinhais raiados de rios prateados. Enquanto contemplava a paisagem, a floresta deu lugar à água, não as águas negras e profundas do Atlântico, mas sim a um estuário cinzento e calmo. Ao fundo, via-se um porto e um aglomerado de casas de madeira, coroado por uma igreja.

O avião descia rapidamente. Nancy e Mervyn, de cinto de segurança apertado, sentavam-se de mão dada. Nancy mal sentiu o impacto quando o casco cortou a superfície do rio e soube que tinham amarrado apenas quando as janelas se cobriram de espuma.

— Bem — declarou —, já posso dizer que sobrevoei o Atlântico.

— É verdade. Não há muita gente que se possa orgulhar disso.

Não se sentia particularmente corajosa. Passara metade da viagem preocupada com a empresa e a outra metade de mão dada com o marido de outra mulher. Pensara no voo em si apenas quando o tempo piorara e tinha ficado apavorada. O que diria aos filhos? Haviam de querer pormenores. Nem sequer sabia qual a velocidade da aeronave. Decidiu descobrir tudo isso antes de chegarem a Nova Iorque.

Quando o avião se imobilizou, aproximou-se uma lancha. Nancy vestiu o casaco comprido, e Mervyn pôs o casaco de cabedal. Cerca

de metade dos passageiros havia decidido sair para esticar as pernas. Os restantes continuavam deitados, atrás das cortinas azuis bem fechadas dos beliches.

Passaram pelo salão principal, desceram para a asa de flutuação e entraram na lancha. Cheirava a mar e a madeira nova: devia haver uma serração nas proximidades. Perto da amarração do *Clipper* estava uma enorme barcaça com combustível da SHELL AVIATION SERVICE, com homens de fatos-macaco brancos à espera de reabastecer o avião. Viam-se ainda dois cargueiros bastante grandes ancorados: devia ser um porto de águas profundas.

A mulher de Mervyn e o amante estavam entre os passageiros que haviam decidido desembarcar, e Diana fulminou Nancy com o olhar enquanto a lancha se dirigia para terra. Esta sentiu-se constrangida e não susteve o olhar, embora tivesse menos razões para se sentir culpada que a própria Diana. No fim de contas, era ela quem havia cometido adultério.

Para chegar a terra firme tiveram de atravessar uma doca flutuante e um passadiço e por fim o cais. Apesar da hora matinal, uma pequena multidão juntara-se para assistir à amarração. Na extremidade do cais erguiam-se os edifícios da Pan American, um maior e dois mais pequenos, todos de madeira pintada de verde com um remate castanho-avermelhado. Ao lado, estendia-se uma pastagem com vacas.

Os passageiros entraram no edifício principal e mostraram os passaportes a um homem sonolento dos serviços alfandegários. Nancy reparou que os terra-novenses falavam depressa com um sotaque mais semelhante ao irlandês do que ao canadiano. Havia uma sala de espera que não cativou ninguém, e decidiram todos explorar a povoação.

Nancy estava impaciente para falar com Patrick McBride, em Boston. Quando se preparava para perguntar onde era o telefone, chamaram pelo seu nome: o edifício dispunha de um sistema de altifalantes, semelhante ao dos navios. Identificou-se a um jovem de uniforme da Pan American.

— Temos uma chamada para a senhora — informou ele.

O coração sobressaltou-se-lhe. — Onde é o telefone? — quis saber, olhando em redor.

— No posto de télégrafo, na Wireless Road. A menos de uma milha.

Uma milha! Mal conteve a impaciência. — Então, apressemo-nos, antes que a ligação caia! Tem carro?

O rapaz olhou-a tão surpreso como se ela lhe tivesse pedido um foguetão. — Não, minha senhora.

— Então vamos a pé. Indique-me o caminho.

Saíram do edifício, com Nancy e Mervyn na peugada do funcionário. Subiram a encosta, seguindo uma estrada de terra sem passeios. Ovelhas soltas pastavam pela beira do caminho. Nancy apreciou os sapatos confortáveis que trazia calçados, fabricados pela Black's, claro. Continuará a empresa a ser sua no dia seguinte? Patrick McBride ia dizer-lho em breve. A demora era insuportável.

Cerca de dez minutos mais tarde chegaram a um outro edifício de madeira e entraram. Nancy foi conduzida a uma cadeira diante de um telefone. Sentou-se e, trémula, pegou no aparelho. — Aqui é Nancy Lenahan.

A telefonista disse: — Aguarde a ligação de Boston.

Após uma pausa longa, ouviu: — Nancy? Estás a ouvir?

Ao contrário do que estava à espera, não era Mac, e levou-lhe uns instantes a reconhecer a voz. — Danny Riley! — exclamou.

— Nancy, tens de me ajudar, estou metido num sarilho!

Agarrou o telefone com mais força. Parecia que o plano resultara. — Que espécie de sarilho, Danny? — inquiriu calmamente, como se o telefonema fosse uma maçada.

— As pessoas estão-me a telefonar por causa daquela história antiga!

Que bela notícia! Mac tinha-o assustado. Ouvia-se-lhe o pânico na voz. Era isso mesmo que ela pretendia. Todavia, fingiu não saber do que ele falava. — Que história? De que está a falar?

— Tu sabes. Não posso falar do assunto ao telefone.

— Se não pode, então por que motivo é que me ligou?

— Nancy! Para de me tratar assim! Preciso da tua ajuda!

— OK, acalme-se. — O homem estava apavorado. Agora tinha de usar esse medo para o manipular. — Conte-me exatamente o que aconteceu, mas sem mencionar nomes nem moradas. Acho que sei do que está a falar.

— Tens os documentos todos do teu pai, não tens?

— Claro que sim, estão em casa, no cofre.

— Há pessoas que podem querer vê-los.

Danny estava a contar-lhe a história que ela própria havia forjado. O estratagema dera resultado até ao momento. — Acho que não tem nada que se preocupar... — comentou em tom despreocupado.

— Como é que podes ter a certeza? — interrompeu ele em frenesim.

— Não sei...

— Examinaste-os todos?

— Não, são imensos, mas...

— Ninguém sabe o que lá está. Devias tê-los queimado há anos.

— É capaz de ter razão, mas nunca pensei... mas quem é que quer ver aquilo?

— É um inquérito da Ordem dos Advogados.

— E eles têm direito a isso?

— Não, mas parece mal se eu recusar.

— E parece bem se eu recusar?

— Tu não és advogada. Não te podem pressionar.

Ela fez uma pausa, fingindo hesitar, mantendo-o na expectativa mais um pouco. Por fim, declarou: — Então, não há problema.

— Vais rejeitar o pedido?

— Faço mais que isso. Queimo tudo amanhã.

— Nancy... — Parecia prestes a choramingar. — És uma grande amiga.

Sentiu-se hipócrita ao retorquir: — Que mais poderia fazer?

— Oh, meu Deus, fico-te tão reconhecido. Nem sei como agradecer.

— Bom, já que fala nisso, há uma coisa que podia fazer por mim.
— Mordeu o lábio. Aquela era a parte mais delicada. — Sabe o motivo de eu estar a regressar com tanta pressa?

— Não sei, não. Tenho andado tão preocupado com este outro assunto...

— O Peter está a tentar vender a empresa contra a minha vontade. Seguiu-se um silêncio do outro lado da linha.

— Danny, está a ouvir?

— Claro que sim. Não queres vender a empresa?

— Não! O valor é demasiado baixo, e não existe lugar para mim na nova estrutura, claro que não quero vender. O Peter sabe que é um mau negócio, mas isso não lhe interessa desde que me prejudique.

— É um mau negócio? Mas a empresa não tem andado muito bem nos últimos tempos.

— E sabe porquê, não sabe?

— Creio que...

— Vá lá, diga. O Peter é um péssimo gerente.

— OK...

— Em vez de o deixar vender a empresa ao desbarato, porque não despedi-lo? Deixe-me assumir o comando. Posso reverter a situação, e você sabe disso. Depois, quando estivermos a fazer dinheiro, podemos pensar de novo em vender... mas a um preço muito superior.

— Não sei...

— Danny, começou uma guerra na Europa, e isso significa que o negócio vai crescer imenso. Vamos vender calçado mais depressa do que produzimos. Se esperarmos uns dois ou três anos, poderemos duplicar ou triplicar o preço de venda.

— Mas a associação com o Nat Ridgeway era tão útil para o meu escritório de advogados.

— Esqueça o que é útil... Estou a pedir-lhe ajuda.

— Realmente não sei se é do teu interesse...

Apeteceu-lhe dizer: «Seu mentiroso dos diabos, tu só pensas nos teus interesses.» Porém, conteve-se e proferiu: — Eu sei que é o

melhor para todos nós.

— Está bem, vou pensar no assunto.

Não era suficiente. Tinha de pôr as cartas na mesa. — Não se esqueceu dos papéis do meu pai, pois não? — disse e susteve a respiração.

Ele baixou a voz e falou mais lentamente. — O que me estás a dizer?

— Estou a pedir-lhe ajuda, porque também o estou a ajudar. Sei que o Danny está a entender.

— Acho que sim. A isso chama-se chantagem.

Nancy contraiu-se, mas depois lembrou-se com quem estava a falar. — Seu velho hipócrita, foi isso que você fez a vida toda.

Ele deu uma gargalhada. — Nisso acertaste em cheio. — Aquilo deu-lhe uma ideia. — Por acaso, não terás sido tu própria a despoletar o inquérito, só para me poderes pressionar?

Aproximava-se perigosamente da verdade. — É o que o senhor teria feito, bem sei. Mas não vou responder a mais nada. Só precisa de saber uma coisa, se votar comigo amanhã, fica safo. Se não votar, fica metido num sarilho. — Estava a intimidá-lo, o tipo de coisa que ele compreendia. Mas como reagiria ele, cederia ou desafiá-la-ia?

— Não podes falar comigo dessa maneira. Conheço-te desde que usavas cueiros.

Nancy abrandou o tom. — E essa não será uma boa razão para ajudar-me?

Seguiu-se uma longa pausa. Depois disse: — De facto, não tenho alternativa, pois não?

— Acho que não.

— OK — retorquiu com relutância. — Eu apoio-te amanhã se me resolveres o outro assunto.

Nancy quase chorou de alívio. Conseguira. Havia dado a volta a Danny. Ia ganhar. A Black's Boots ainda lhe pertencia. — Fico muito feliz — disse com voz débil.

— O teu pai dizia que ia ser assim.

Foi uma observação inesperada que Nancy não compreendeu. —

Que quer dizer com isso?

— O teu pai queria que tu e o Peter se defrontassem.

Sentiu-lhe uma nota maliciosa na voz que a fez desconfiar. Estava ressentido por ter de ceder e queria ter a última palavra. Nancy não desejava dar-lhe essa satisfação, mas a curiosidade sobrepôs-se à prudência. — De que diabo é que está a falar?

— Ele sempre disse que os filhos dos homens ricos costumam ser maus empresários porque lhes falta ambição. E isso preocupava-o muito, pensava que vocês podiam vir a perder tudo o que ele conquistara.

— Nunca me disse tal coisa — retorquiu ela, desconfiada.

— Foi por isso que dispôs as coisas de forma a vocês terem de brigar. Educou-te para seres tu a tomar as rédeas, mas nunca te deu o lugar. E disse ao Peter que seria *e/le* a gerir a empresa. Assim teriam de disputar o poder, e seria o mais forte a ganhá-lo.

— Não acredito — ripostou ela, mas sem tantas certezas como queria fazer crer. Danny estava furioso porque ela havia levado a melhor e dizia aquelas coisas para descarregar o seu ressentimento. Contudo, isso não provava que estava a mentir. Sentiu-se gelar.

— Acredita no que quiseres — insistiu ele. — Só te estou a contar aquilo que o teu pai me disse.

— O pai disse ao Peter que queria que fosse *e/le* o presidente?

— Claro que sim. Se não acreditas, pergunta ao teu irmão.

— Se não acredito em si, muito menos acreditaria no Peter.

— Nancy, a primeira vez que te vi tinhas dois dias — prosseguiu ele com laivos de cansaço na voz. — Conheci-te toda a tua vida e grande parte da minha. És uma pessoa boa e forte como o teu pai. Não quero discutir contigo por causa de negócios ou por causa de outra coisa qualquer. Desculpa ter tocado neste assunto.

Ela acreditou nele. Pareceu-lhe genuinamente arrependido, e isso levou-a a crer que era sincero. As palavras dele tinham-na chocado, e sentiu-se fraca, um pouco tonta. Silenciou-se uns instantes enquanto tentava recuperar a presença de espírito.

— Suponho que nos veremos na reunião da administração —

adiantou Danny.

— OK — disse.

— Adeus, Nancy.

— Adeus, Danny. — E desligou.

Mervyn interveio: — Meu Deus, você foi fantástica!

Ela sorriu debilmente. — Obrigada.

Ele soltou uma gargalhada. — Quero dizer, a maneira como lhe deu a volta, ele nem teve hipóteses! O pobre diabo nem teve tempo...

— Oh, cale-se — interrompeu ela.

A expressão de Mervyn foi como se ela o tivesse esbofeteado. — Como queira — apressou-se a dizer, com ar sério.

Nancy arrependeu-se de imediato. — Desculpe — disse, tocando-lhe no braço. — No final, o Danny disse uma coisa que me chocou.

— Quer contar-me? — perguntou ele, cauteloso.

— Diz que o meu pai fez de maneira a que eu e o Peter brigássemos, para que fosse o mais forte a dirigir a empresa.

— E acredita nele?

— Acredito, e isso é que é terrível. Parece verdadeiro. Nunca tinha pensado nisso antes, mas explica muito do que tem sucedido entre mim e o Peter.

Ele pegou-lhe na mão. — Ficou aborrecida.

— Fiquei — concordou ela, afagando-lhe os escassos pelos negros dos dedos. — Sinto-me como a personagem de um filme, desempenhando um papel escrito por outrem. Fui manipulada durante anos, e isso incomoda-me. Nem sequer tenho a certeza de querer ganhar ao meu irmão, agora que sei que cáí numa armadilha.

Ele assentiu, compreendendo perfeitamente. — O que gostaria de fazer?

A resposta veio-lhe, célere, mal ele fez a pergunta. — Gostaria de escrever o meu próprio guião, é isso que gostaria de fazer.

CAPÍTULO VINTE

Harry Marks sentia-se tão feliz que se deixou ficar na cama, imóvel.

Estava deitado a recordar cada momento daquela noite: o súbito tremor de prazer quando Margaret o beijara; a ansiedade enquanto arranjava coragem para a tentar conquistar; a desilusão quando ela o rejeitou; e o espanto e a alegria quando ela saltara para dentro do seu beliche, qual coelho a esconder-se na toca.

Encolheu-se ao lembrar-se de que se viera assim que ela lhe tocara. Acontecia-lhe sempre aquilo da primeira vez que estava com uma rapariga, mas não o conseguia ainda admitir por ser tão humilhante. Uma das raparigas reagira com desprezo e zombara dele. Felizmente, Margaret não ficara desapontada nem frustrada. Estranhamente aquilo excitara-a. De qualquer forma, no final, ela ficara feliz, e ele também.

Mal podia acreditar na sua sorte. Não era inteligente, não tinha dinheiro e não nascera na classe social certa. Era uma fraude completa, e ela sabia-o. Que vira Margaret nele? Não havia mistério no que o atraía: ela era linda, adorável, afetuosa e vulnerável; e, como se isso não fosse suficiente, tinha um corpo de deusa. Qualquer um se teria apaixonado por ela. Mas e ele? Não era malparecido, claro, e sabia vestir-se, mas tinha a sensação de que esse tipo de coisa não contava muito para Margaret. Todavia, ele intrigava-a. Achava o seu estilo de vida fascinante, e ele sabia uma série de coisas que lhe eram desconhecidas sobre a classe trabalhadora em geral e o submundo do crime em particular. Calculava que ela o via como uma figura romântica, como Pimpinela Escarlata, ou um fora da lei, Robin Hood ou Billy the Kid, ou um pirata. Sentira-se incrivelmente grata por lhe ter afastado a cadeira na sala de jantar, algo trivial que ele fizera sem sequer pensar, mas que teve grande significado para ela. Na verdade, Harry tinha quase a certeza de que fora nesse momento que ela ficara caída por ele. *As raparigas são estranhas*, concluiu com uma certa indiferença. De qualquer forma, já não

importava qual fora o motivo da atração: assim que se despiram fora química pura. Nunca esqueceria a visão daqueles seios brancos à luz fraca e filtrada, os mamilos tão pequenos e pálidos que mal se viam, a profusão de pelos arruivados entre as pernas, a mancha de sardas no pescoço...

E agora ia arriscar-se a perder tudo isso.

la roubar as joias da mãe dela.

Era algo que uma rapariga não podia ignorar. Os pais eram horríveis com ela, e provavelmente Margaret acreditava que a fortuna deles devia ser redistribuída, mas, mesmo assim, ficaria chocada. Roubar alguém era como uma bofetada: poderia não causar grandes danos, mas deixava as pessoas extremamente furiosas. Podia ser o fim do seu romance com ela.

Contudo, o conjunto Delhi estava ali, naquele avião, no porão das bagagens, a apenas uns passos de onde se encontrava: as joias mais belas do mundo e que valiam uma fortuna, o suficiente para ele viver bem para o resto da vida.

Ansiava por ter nas mãos aquele colar, regalar o olhar no vermelho insondável dos rubis da Birmânia e passar a ponta dos dedos pelos diamantes facetados.

Claro que os engastes teriam de ser destruídos e o conjunto separado, assim que fosse recetado. Era uma tragédia inevitável. As pedras sobreviveriam e acabariam noutro conjunto de joalharia sobre a pele da mulher de um qualquer milionário. E Harry Marks compraria uma casa.

Sim, era isso que faria com o dinheiro. Compraria uma casa de campo, algures na América, talvez na área a que chamavam Nova Inglaterra, fosse lá isso onde fosse. Já a conseguia ver, com relvados e árvores, os convidados de fim de semana de calças brancas e chapéus de palha, e a sua mulher a descer a escadaria de carvalho em fato e botas de montar...

A mulher tinha o rosto de Margaret.

Ela deixara-o de madrugada, escapulindo-se pelas cortinas quando ainda não havia ninguém a ver. Harry ficara a olhar pela janela, a

pensar nela, enquanto o avião sobrevoava as florestas de abetos da Terra Nova e amarava em Botwood. Ela dissera que iria ficar a bordo durante a escala e aproveitar uma hora de sono, e Harry dissera-lhe que faria o mesmo, embora não tencionasse dormir.

Naquele momento, via pela janela um grupo disperso de pessoas com sobretudos a entrar na lancha: cerca de metade dos passageiros e a maior parte da tripulação. Enquanto grande parte das pessoas no avião ainda dormia seria a sua hipótese de entrar no porão. Os cadeados das bagagens não lhe tirariam muito tempo. Em pouco tempo podia ter o conjunto Delhi nas mãos.

Todavia, perguntava-se se os seios de Margaret não seriam as joias mais preciosas que jamais possuiria.

Disse a si próprio para descer à terra. Ela passara uma noite com ele, mas iria voltar a vê-la assim que abandonassem o avião? Ouvira pessoas falarem de «romances a bordo» como sendo reconhecidamente efêmeros: os casos em hidroaviões tinham de ser ainda mais transitórios. Margaret estava desesperada por deixar os pais e viver independente, mas iria isso acontecer? Muitas raparigas ricas gostavam dessa ideia, mas, na prática, era muito difícil abdicar de uma vida luxuosa. Harry sabia que ela era cem por cento sincera, mas não fazia ideia de como viviam as pessoas comuns e, quando o experimentasse, não iria gostar.

Não, não tinha ideia do que ela faria. Ao contrário, as joias eram muito mais dignas de confiança.

Teria sido muito mais fácil se tivesse tido de fazer uma escolha clara. Se o Demónio viesse ter com ele e dissesse: «Podes ficar com a Margaret ou roubar as joias, mas não podes ter as duas coisas», escolheria Margaret. Contudo, a realidade era mais complexa. Poderia esquecer as joias e perdê-la na mesma ou poderia ficar com ambas.

Toda a vida fora um oportunista.

Decidiu tentar ambas.

Levantou-se.

Enfiou os chinelos, vestiu o roupão e olhou em redor. Nos beliches

de Margaret e da mãe, as cortinas ainda estavam corridas. Os outros três estavam vazios: o de Percy, o de Lord Oxenford e o de Mr. Membury. Ao lado, o salão encontrava-se igualmente vazio, à exceção de uma mulher da limpeza de lenço na cabeça que devia ter vindo de Botwood e que esvaziava os cinzeiros sonolentemente. A porta para o exterior estava aberta, e o ar frio soprou-lhe em volta dos tornozelos nus. No 3.º compartimento, Clive Membury conversava com o barão Gabon, e Harry perguntou-se qual o assunto da conversa: coletes, talvez. Mais atrás, os comissários reconvertiam os beliches em divãs. Em todo o avião, havia um ambiente desleixado típico das manhãs que se seguiam às festas.

Harry avançou e subiu as escadas. Como sempre, não tinha qualquer plano, quaisquer desculpas preparadas, nem a mínima ideia do que faria se fosse apanhado. Achava que planejar e calcular como as coisas podiam correr mal o deixava tão ansioso que ficava incapaz de prosseguir. Mesmo arriscar assim deixava-o de súbito sem fôlego devido à tensão. *Acalma-te*, disse para si próprio. *Já fizeste isto centenas de vezes. Se correr mal, inventas qualquer coisa como é costume.*

Chegou à cabina de pilotagem e olhou em volta.

Estava com sorte, não havia ninguém. Respirou com mais calma. Que oportunidade!

Olhou para a frente e viu um alçapão aberto por baixo do parabrisas, entre os assentos dos pilotos. Espreitou e deparou-se com um grande espaço vazio na proa da aeronave. Havia uma porta aberta na fuselagem e um dos membros mais novos da tripulação fazia qualquer coisa com uma corda. Não servia. Harry retirou a cabeça antes de ser avistado.

Atravessou rapidamente a cabina de voo e entrou na porta da parede de trás. Encontrava-se agora entre os dois porões de carga, por baixo da escotilha de carga, de que também fazia parte a cúpula do navegador. Escolheu o porão da esquerda, entrou e fechou a porta. Estava fora de vista e calculou que a tripulação não teria motivos para ir ao porão.

Examinou o que o rodeava. Era como estar numa luxuosa loja de malas de viagem. Malas de couro caras empilhavam-se em volta, - presas com cordas. Harry tinha de encontrar rapidamente a bagagem dos Oxenford. Deitou mãos à tarefa.

Não era fácil. Algumas malas estavam arrumadas com a etiqueta de identificação por baixo, algumas cobertas por outras difíceis de desalojar. No porão, não havia aquecimento, e, apenas de roupão, tinha frio. Tremiam-lhe as mãos e doíam-lhe os dedos à medida que desatava as cordas que impediam que as malas saíssem do lugar durante o voo. Trabalhou sistematicamente a fim de não falhar nenhuma ou verificar a mesma duas vezes. Voltou a atar as cordas o melhor que sabia. Os nomes eram internacionais: Ridgeway, d'Annunzio, Lo, Hartmann, Bazarov — mas nada dos Oxenford. Passados vinte minutos, verificara cada peça de bagagem, tremia de frio e concluía que as malas que procurava deviam estar no outro porão. Praguejou baixinho.

Atou a última corda e olhou em volta com atenção: não deixara provas da sua visita.

Agora teria de seguir o mesmo procedimento no outro porão. Abriu a porta, saiu e ouviu uma voz espantada bradar: — Merda, quem é você? — Era o oficial que vira no compartimento da proa, um jovem alegre e sardento com uma camisa de manga curta.

Harry ficou igualmente chocado, mas ocultou o facto rapidamente. Sorriu, fechou a porta e disse com toda a calma: — Harry Vandenpost. Quem é você?

— Mickey Finn, o engenheiro-adjunto. Caro senhor, não devia estar aqui. Pregou-me um susto e peço desculpa pela linguagem. Mas que está aqui a fazer?

— À procura da minha mala — explicou Harry. — Esqueci-me da lâmina de barbear.

— Caro senhor, não é permitido o acesso à bagagem despachada durante a viagem, seja em que circunstâncias for.

— Pensei que não fazia mal.

— Bem, lamento, mas não é permitido. Posso emprestar-lhe a

minha.

— Agradeço, mas sabe, gosto muito daquela. Se pudesse só encontrar a minha mala...

— Caramba, gostava de lhe fazer a vontade, mas não posso mesmo. Quando o comandante regressar, pode pedir-lhe, mas sei que vai dizer o mesmo que eu.

Com um peso no coração, Harry percebeu que teria de aceitar a derrota, pelo menos de momento. Com uma expressão animada, sorriu e disse com a amabilidade possível: — Nesse caso, acho que lhe peço a sua emprestada e agradeço-lhe muito.

Mickey Finn segurou na porta e Harry entrou na cabina de pilotagem, descendo depois as escadas. *Que sorte dos diabos*, pensou, zangado. *Mais uns segundos e teria lá chegado. Só Deus sabe quando terei outra oportunidade.*

Mickey entrou no 1.º compartimento e regressou de seguida com uma gilete, uma lâmina nova ainda embrulhada e creme de barbear numa caneca. Harry pegou neles e agradeceu-lhe. Não tinha agora outra hipótese senão barbear-se.

Levou a maleta para a casa de banho, ainda a pensar nos rubis da Birmânia. Encontrava-se lá Carl Hartmann, o cientista, de camisola interior, a lavar-se energicamente. Harry deixou o seu estojo de barbear, que estava em perfeitas condições, na maleta e barbeou-se depressa com a gilete de Mickey. — Uma noite difícil — comentou em tom de conversa.

Hartmann encolheu os ombros. — Já tive mais difíceis.

Harry olhou-lhe os ombros ossudos. O homem parecia um esqueleto andante. — Aposto que sim — respondeu.

Não falaram mais. Hartmann não era conversador, e Harry estava abstraído.

Depois de se barbear, tirou uma camisa azul nova. Desembrulhar uma camisa nova era um dos pequenos mas intensos prazeres da vida. Adorava o ruje-ruje do papel e a sensação fresca do algodão puro. Enfiou-a com deleite e fez um nó perfeito na gravata de seda cor de vinho.

Ao regressar ao seu compartimento, viu que as cortinas de Margaret continuavam corridas. Imaginou-a profundamente adormecida, o belo cabelo espalhado na almofada branca, e sorriu de si para si. Deu uma vista de olhos e viu que os comissários aprontavam um pequeno-almoço de *buffet* que lhe fez crescer água na boca: taças de morangos, leiteiras com natas, sumo de laranja e champanhe frio em baldes de gelo embaciados. *Devem ser morangos de estufa*, pensou, *nesta época do ano*.

Guardou a maleta e depois, com o conjunto de barbear de Mickey Finn na mão, subiu à cabina de pilotagem para tentar de novo.

Mickey não se encontrava lá, mas, para sua consternação, um outro membro da tripulação estava sentado à mesa de cartas a fazer cálculos num bloco. O homem olhou para ele, sorriu e disse: — Olá. Em que posso ajudá-lo?

— Estou à procura do Mickey para lhe devolver a gilete.

— Encontra-o no primeiro compartimento, o que fica mais à frente.

— Obrigado. — Harry hesitou. Tinha de passar por aquele tipo. Mas como?

— Mais alguma coisa? — perguntou o homem, amável.

— Esta cabina de pilotagem é incrível — apreciou Harry. — Parece um escritório.

— É mesmo incrível, não é?

— Gosta de voar nestes aviões?

— Adoro. Hã, olhe, gostava de ter tempo para conversar, mas tenho de acabar estes cálculos, o que me vai demorar quase até à hora de descolarmos.

Harry gemeu em silêncio. Aquilo significava que o acesso ao porão estaria interdito até ser demasiado tarde. Não conseguiu pensar numa desculpa para entrar no porão. Uma vez mais, esforçou-se por esconder o desapontamento. — Desculpe — disse. — Vou pôr-me a andar.

— Normalmente gostamos de conversar com os passageiros, conhecemos pessoas tão interessantes. Mas neste momento...

— A culpa é minha. — Espremeu os miolos mais um momento e

depois desistiu. Virou-se e desceu as escadas, praguejando para si próprio.

Parecia que a sorte lhe estava a falhar.

Foi até à parte dianteira do avião, devolveu o conjunto de barbear a Mickey e voltou para o seu compartimento. Margaret continuava sem se mexer. Atravessou o salão e desceu para a asa de flutuação. Inspirou fundo várias vezes o ar frio e húmido. *Estou a falhar a oportunidade de uma vida*, pensou, agastado. Sentia comichão nas palmas das mãos ao imaginar as fabulosas joias, a tão curta distância acima da sua cabeça. Todavia, ainda não desistira. Havia mais uma escala, em Shediak. Seria a sua última chance de roubar uma fortuna.

PARTE CINCO

De Botwood a Shediach

CAPÍTULO VINTE E UM

Eddie Deakin sentiu a hostilidade dos colegas enquanto seguiam na lancha para terra firme. Nenhum deles o olhava diretamente. Todos sabiam quão próximos haviam estado de ficar sem combustível e de se despenharem no oceano revolto. Tinham corrido perigo de vida. Ainda ninguém sabia por que motivo acontecera, mas o combustível era da responsabilidade do engenheiro de voo, portanto era Eddie o culpado.

Deviam ter reparado que andava a comportar-se de uma maneira estranha. Estivera apreensivo toda a viagem, ao jantar falara agrestemente a Tom Luther, e fora inexplicável a forma como se quebrara uma janela da casa de banho masculina enquanto ele lá estava. Não era de admirar que pensassem que já não podiam confiar nele a cem por cento. E esse tipo de sentimento disseminava-se depressa entre os membros de uma tripulação unida, cujas vidas dependiam uns dos outros.

Saber que os seus companheiros haviam deixado de confiar nele era-lhe muito difícil de aceitar. Orgulhava-se de ser considerado um dos mais íntegros do grupo. Para tornar as coisas ainda piores, ele próprio tinha dificuldade em esquecer os erros dos outros e, por vezes, havia desdenhado daqueles cujo desempenho fora prejudicado por problemas pessoais. Costumava dizer: «Não são as desculpas que fazem o avião voar», uma piada que agora o fazia encolher-se cada vez que pensava nela.

Tentara convencer-se de que não se importava. Tinha de salvar a mulher e tinha de fazê-lo sozinho: não podia pedir a ajuda de ninguém, nem podia preocupar-se com o que os outros pensavam. Pusera as suas vidas em risco, mas tinha compensado e não se falava mais no assunto. Era perfeitamente lógico e não fazia qualquer diferença: o engenheiro Deakin em quem se confiava plenamente tornara-se no Eddie indigno, um tipo que se tinha de manter debaixo de olho para o caso de fazer uma asneira. Ele odiava pessoas assim,

odiava pessoas como ele.

Como sempre em Botwood, muitos passageiros tinham permanecido a bordo: agradava-lhes pôr o sono em dia enquanto o avião estava imóvel. Ollis Field, o agente do FBI, e o seu prisioneiro, Frankie Gordin, também tinham ficado: haviam feito o mesmo em Foynes. Tom Luther ia na lancha, de sobretudo e um chapéu cinzento-rola. Quando se aproximavam do cais, Eddie chegou-se perto de Luther e murmurou: — Espere por mim no edifício da companhia. Eu levo-o ao telefone.

Botwood era um aglomerado de casas de madeira que rodeava o porto de águas profundas no estuário do rio Exploits. Até os milionários a bordo do *Clipper* não tinham nada que comprar. A aldeia só dispunha de serviço telefónico desde junho. Os poucos automóveis existentes rodavam pela esquerda, dado que a Terra Nova ainda era um território sob administração da Grã-Bretanha.

Entraram todos no edifício da Pan American e a tripulação dirigiu-se para a Sala de Operações. De imediato, Eddie foi ler as previsões meteorológicas enviadas por rádio do grande aeroporto novo que ficava a trinta e oito milhas, em Gander Lake. Em seguida calculou as necessidades de combustível para a etapa que se seguia. Dado que o percurso era curto, a estimativa não era tão crucial, mas, ainda assim, o hidroavião nunca levava um grande excesso, pois a carga paga era muito dispendiosa. Sentia um sabor amargo na boca enquanto fazia as contas. Seria capaz de fazer aquilo tudo de novo sem pensar naquele dia horrível? A pergunta era retórica: depois do que estava prestes a fazer, nunca mais seria engenheiro de voo num *Clipper*.

O comandante talvez já se interrogasse se devia ou não confiar nos seus cálculos. Eddie precisava de algo que restaurasse a confiança de Baker. Decidiu exhibir algumas dúvidas veladas sobre o seu próprio trabalho. Verificou as contas duas vezes, após o que lhe passou as folhas, dizendo num tom de voz ambíguo: — Gostaria que alguém conferisse as contas.

— Mal não faz — retorquiu o comandante evasivamente,

parecendo aliviado, como se ele próprio o quisesse propor, mas se sentisse relutante.

— Vou apanhar ar — declarou Eddie e abandonou a sala.

Encontrou Tom Luther no exterior do edifício da Pan American, de mãos nos bolsos e mal-humorado, a olhar as vacas a pastar. — Eu levo-te até ao posto do telégrafo — propôs Eddie. Começou a subir a encosta em passo apressado, e Luther ficou para trás. — Despachate — disse —, que tenho de regressar. — Luther estugou o passo. Parecia não querer irritar Eddie, o que não seria muito surpreendente, depois de este quase o ter atirado do avião.

Cumprimentaram dois passageiros que pareciam estar de regresso do posto: Mr. Lovesey e Mrs. Lenehan, o casal que havia entrado em Foynes. O homem envergava um blusão de aviador. Apesar de distraído pelos seus problemas, Eddie reparou que ambos pareciam felizes juntos. Veio-lhe à memória que as pessoas costumavam dizer que ele e Carol-Ann pareciam felizes e sentiu uma pontada de angústia.

Quando chegaram ao posto, Luther pediu a chamada. Escreveu o número de telefone num papel: não queria que Eddie o ouvisse. Entraram numa pequena divisão privada, que tinha uma mesa com um telefone e duas cadeiras, e aguardaram pela ligação impacientemente. Àquela hora matinal, as linhas não estariam muito ocupadas, mas era provável que houvesse muitas chamadas entre Botwood e o Maine.

Eddie estava confiante em que Luther dissesse aos cúmplices para levarem Carol-Ann para o local do encontro. Esse era um grande passo em frente: significava que ele ficava livre para agir assim que o resgate se consumasse, em vez de continuar preocupado com o destino da mulher. Mas que poderia ele fazer exatamente? O óbvio seria chamar logo a polícia pelo rádio, mas decerto Luther pensaria nisso e talvez destruísse o aparelho. Ninguém poderia fazer nada até que chegasse ajuda. E nesse momento já Gordino e Luther estariam em terra, num automóvel em fuga, e ninguém saberia onde, se no Canadá ou nos Estados Unidos. Eddie matutava, tentando pensar

numa maneira de facilitar a localização de Gordino pela polícia, mas não lhe ocorria nada. E, se ele avisasse com antecedência, havia o perigo de a polícia cometer o erro de chegar demasiado cedo e pôr a vida de Carol-Ann em perigo. Esse era um risco que Eddie não estava disposto a correr. Começou a duvidar de ter obtido qualquer vantagem.

Passado algum tempo, o telefone tocou, e Luther pegou no auscultador. — Sou eu — disse. — Há uma mudança de planos. Têm de trazer a mulher na lancha. — Seguiu-se uma pausa, após o que continuou: — É assim que o engenheiro quer, diz que de outra forma não alinha, e eu acredito, portanto tragam a mulher, OK? — Após outra pausa, olhou para Eddie. — Querem falar contigo.

O coração vacilou-lhe. Até então Luther agira como se fosse o responsável pela operação. Agora parecia não ter o poder de ordenar a vinda de Carol-Ann. Eddie inquiriu num tom crispado: — Estás a dizer-me para falar com o teu patrão?

— Eu é que sou o chefe — respondeu o outro, nervoso. — Mas tenho sócios.

Era evidente que os sócios não gostavam da ideia de levar Carol-Ann ao local do encontro. Eddie praguejou. Devia dar-lhes a hipótese de o convencerem do contrário? Ganharia alguma coisa em falar com eles? Eram capazes de pôr Carol-Ann ao telefone e fazê-la gritar e assim enfraquecer a sua determinação... — Que vão à merda — bradou. O telefone estava ali em cima da mesa, e disse-o em voz bem alta na esperança de que o pudessem ouvir do outro lado da linha.

Luther pareceu ficar em pânico. — Não podes falar dessa maneira a esta gente! — soltou numa voz aguda.

Eddie perguntou-se se também deveria ficar com medo. Talvez tivesse julgado mal a situação. Se Luther era um dos gângsteres, de que teria ele medo? Contudo, não tinha tempo para reavaliar as circunstâncias. Tinha de manter o plano. — Só quero um sim ou um não — proferiu. — Não preciso de falar com esse merdoso.

— Oh, meu Deus. — Luther pegou no auscultador e disse: — Ele

não quer vir ao telefone. Eu disse que o homem não era nada fácil. — Seguiu-se uma pausa. — Sim, boa ideia. Eu digo-lhe. — Virou-se para Eddie, estendendo-lhe o auscultador. — A tua mulher está em linha.

Eddie fez menção de pegar no auscultador, mas logo afastou a mão. Se falasse com ela, estaria a pôr-se à mercê deles. Porém, ansiava por ouvir a voz dela. Reuniu todas as suas forças, enfiou as mãos nos bolsos e abanou a cabeça em silêncio.

Luther ficou a olhá-lo por momentos e voltou a falar ao telefone. — Ainda assim não fala! Ele... sai da linha, sua puta. Eu quero falar com...

De súbito, Eddie agarrara-o pela garganta. O telefone caiu ao chão com estrondo. Eddie enterrou os polegares no pescoço grosso de Luther. O homem ofegou: — Para! Larga-me! Deixa-me... — A voz sumiu-se-lhe.

A raiva que o cegava abrandou, e Eddie aliviou a pressão, mas continuou a agarrar-lhe o pescoço. Encostou o rosto ao de Luther, tão próximo que o homem pestanejou. — Ouve-me bem — disparou. — Mrs. Deakin, é assim que tratas a minha mulher.

— OK, OK! — disse Luther, a voz enrouquecida. — Mas larga-me, por amor de Deus!

Eddie soltou-o.

Luther esfregou o pescoço, ofegante, e agarrou no telefone. — Vincini? Ele atacou-me porque chamei à mulher... um nome feio. Diz que tenho de lhe chamar Mrs. Deakin. Está a entender agora ou tenho de lhe fazer um desenho? O homem é capaz de tudo! — Seguiu-se uma pausa. — Acho que podia tratar dele, mas, se as pessoas nos veem a lutar, o que é que vão pensar? Podia dar cabo de tudo! — Ficou em silêncio durante um tempo. — Está bem, eu digo-lhe. Ouça, estamos a tomar a decisão certa, eu sei. Espere. — Virou-se para Eddie. — Eles aceitam. Ela há de vir na lancha.

Eddie escondeu o alívio sob uma máscara de indiferença.

Luther prosseguiu, nervoso: — Mas o Vincini disse para te dizer que, se houver outros problemas, ele te dá um tiro.

Eddie arrancou-lhe o telefone da mão. — Ouça bem, Vincini. Primeiro, tenho de a ver na lancha antes de abrir a porta do avião. Segundo, ela tem de vir a bordo consigo. Terceiro, seja qual for o problema que possa acontecer, se ela for ferida, eu mato-o com as minhas próprias mãos. Lembre-se disso, Vincini. — Em seguida desligou antes de o homem ter tempo de responder.

Luther pareceu consternado. — Para que é que fizeste isso? — Pegou no auscultador e chocalhou o interruptor do descanso. — Está? Está lá? — Abanou a cabeça e pousou-o. — Demasiado tarde. — Olhou para Eddie com um misto de ira e de respeito. — Gostas mesmo de arriscar, não gostas?

— Vai pagar a chamada — ripostou Eddie.

Luther enfiou a mão no bolso e tirou um rolo de notas. — Ouve — disse —, enfureceres-te não ajuda nada. Dei-te o que tu querias, agora temos de colaborar para que a operação seja bem-sucedida para bem de nós os dois. Seria bom tentarmos dar-mo-nos bem. Agora somos parceiros.

— Vai à merda — respondeu Eddie e saiu.

No caminho de regresso ao porto, sentiu-se mais furioso que nunca. A observação de Luther sobre serem parceiros atingira-o num ponto sensível. Fizera tudo o que podia para proteger Carol-Ann, mas continuava a ver-se forçado a ajudar Frankie Gordino, um assassino e um violador, a escapar. O facto de estar a ser obrigado a isso seria uma desculpa — talvez fosse aos olhos dos outros —, mas para ele não fazia qualquer diferença: sabia que, se o fizesse, nunca mais caminharía de cabeça erguida.

Enquanto descia a encosta, olhou para a baía. O hidroavião flutuava, majestoso, nas águas calmas. Sabia que a sua carreira nos *Clippers* estava a chegar ao fim. Também isso o enfurecia. Viam-se ainda ancorados dois grandes cargueiros e alguns pequenos pesqueiros; para sua surpresa, havia também uma embarcação da patrulha da Marinha norte-americana fundeada no porto. Interrogou-se o que estaria a fazer ali na Terra Nova. Seria algo relacionado com a guerra? Vieram-lhe à memória os seus dias na Marinha. Em

retrospectiva, pareciam-lhe ter sido os seus tempos áureos, quando a vida era simples. Contudo, talvez o passado parecesse sempre fascinante nos momentos de apuro.

Entrou no edifício da Pan American. No átrio pintado de verde e branco, estava um homem com o uniforme de primeiro-tenente, que ele presumiu pertencer ao barco-patrulha. Enquanto entrava, o primeiro-tenente voltou-se. Era um homem grande e feio, com os olhos pequenos demasiado juntos e uma verruga no nariz. Eddie ficou a olhar para ele, espantado e contentíssimo. Nem queria crer. — Steve? — disse. — És mesmo tu?

— Olá, Eddie.

— Como é que...? — Era Steve Appleby, a quem ele tinha tentado telefonar de Inglaterra: o seu melhor amigo, o homem que mais desejava ter a seu lado numa situação complicada. Mal acreditava.

Steve aproximou-se, e abraçaram-se, com grandes palmadas nas costas.

Eddie disse: — Devias estar no New Hampshire, que diabo estás aqui a fazer?

— A Nella disse-me que parecias de cabeça perdida quando telefonaste.

Steve tinha um ar sério. — Ó Eddie, nunca te vi tão abalado. És sempre tão forte. Percebi logo que devias estar num *grande* aperto.

— E estou. Estou... — De súbito, Eddie emocionou-se. Havia vinte horas que mantinha as suas emoções escondidas de todos, mas agora estava prestes a extravasar o que sentia. O facto de o seu melhor amigo ter movido o céu e a terra para vir ajudá-lo tocava-o muito. — Estou metido num grande sarilho — confessou. Nesse instante encheram-se os olhos de lágrimas e embargou-se-lhe a voz. Virou as costas e saiu.

Steve seguiu-o. Eddie levou-o em redor do edifício, e entraram no portão aberto da casa dos barcos, agora vazia, onde era guardada a lancha. Ali não seriam vistos.

Para disfarçar o seu embaraço, Steve disse: — Nem sei quantos favores é que cobre para cá chegar. Estou na Marinha há oito anos,

muita gente me devia favores, mas hoje pagaram-me a dobrar, e agora sou eu que estou em dívida. Vou levar outros oito anos para pagar!

Eddie acenou com a cabeça. O amigo tinha um jeito natural para negociar. Quis agradecer, mas o choro impediu-o.

Mudando de tom, Steve quis saber: — Mas que diabo é que se passa, Eddie?

— Eles apanharam a Carol-Ann — conseguiu articular.

— Eles quem, Eddie?

— O gangue do Patriarca.

Steve pareceu incrédulo. — O Ray Patriarca? O gângster?

— Raptaram-na.

— Oh, Deus do céu, mas porquê?

— Querem que eu faça o *Clipper* descer antes do previsto.

— Para quê?

Eddie enxugou as lágrimas com a manga e controlou-se. — A bordo vem um agente do FBI com um prisioneiro, um tipo chamado Frankie Gordino. Imagino que o Patriarca deve querer resgatá-lo. De qualquer maneira, um passageiro que dá pelo nome de Tom Luther mandou-me fazer descer o avião ao largo da costa do Maine. Têm uma lancha rápida à espera e vão trazer a Carol-Ann. Trocamo-la pelo Gordino, e o tipo desaparece.

Steve assentiu. — E o Luther foi suficientemente esperto para perceber que a única maneira de obrigar o Eddie Deakin a colaborar era raptar-lhe a mulher.

— Isso mesmo.

— Sacanas.

— Quero apanhar estes tipos, Steve. Quero crucificá-los. Juro que dou cabo dos gajos.

Steve abanou a cabeça. — Mas o que podes fazer?

— Não sei. Foi por isso que te telefonei.

Steve franziu o sobrolho. — O período de maior perigo para eles é entre subirem a bordo e regressarem ao automóvel. Talvez a polícia pudesse descobrir o carro e fazer-lhes uma emboscada.

Eddie mostrou-se duvidoso. — Como é que a polícia o identificava? Vai ser apenas um carro perto duma praia.

— Talvez valesse a pena experimentar.

— Não é seguro, Steve. Há muitas coisas que podem correr mal. E não quero chamar a polícia, não sabemos o que poderiam fazer, pondo a Carol-Ann em perigo.

Steve concordou com um aceno. — E o carro poderia estar de qualquer dos lados da fronteira, portanto também teríamos de dizer à polícia canadiana. Caramba, lá se ia o segredo num abrir e fechar de olhos. Não, a polícia não serve. Resta a Marinha ou a Guarda Costeira.

Eddie sentia-se melhor só por poder discutir o problema com alguém. — Falemos da Marinha.

— Muito bem. Suponhamos que consigo que um barco-patrolha como este intercete a lancha depois da troca, antes de o Gordino e o Luther chegarem a terra.

— Poderia resultar — disse Eddie, começando a sentir-se esperançado. — Mas como é que conseguias? — Era praticamente impossível fazer com que embarcações militares interviessem fora da cadeia de comando.

— Acho que consigo. De todas as formas, andam em manobras todos entusiasmados, para o caso de os nazis decidirem invadir a Nova Inglaterra a seguir à Polónia. É só uma questão de fazer desviar uma delas. O tipo que é capaz de fazer isso é o pai do Simon Greenbourne. Lembras-te do Simon?

— Claro que sim. — Eddie recordava-se de um rapaz tresloucado com um sentido de humor incrível e uma sede infinita de cerveja. Andava sempre metido em sarilhos, mas quase sempre saía impune porque o pai era almirante.

Steve prosseguiu: — Uma vez o Simon foi demasiado longe e pôs fogo a um bar em Pearl City, e ardeu metade de um quarteirão. É uma longa história, mas consegui evitar que o miúdo fosse para a prisão e o pai ficou eternamente grato. Acho que fazia isso por mim.

Eddie contemplou a embarcação em que Steve chegara. Tratava-

se de um caça-submarinos da classe SC, de casco de madeira, com vinte anos, mas equipado com uma metralhadora de três polegadas, calibre 23, e uma bomba de profundidade. Aterrorizaria um bando de mafiosos de cidade numa lancha. Todavia, dava muito nas vistas. — Eles podem ver a embarcação antes e farejar a marosca — observou, preocupado.

Steve abanou a cabeça. — Escondem-se até num ribeiro. Com carga completa, têm um calado com menos de seis pés.

— É arriscado, Steve.

— Bom, eles avistam um barco-patrolha da Marinha. E o barco segue em frente. O que fazem? Vão cancelar a operação?

— Podem fazer qualquer coisa à Carol-Ann.

Steve pareceu prestes a contrapor, mas mudou de opinião. — É verdade — disse. — Tudo pode acontecer. E só tu é que tens direito a dizer que riscos podemos correr.

Eddie sabia que Steve não estava a dizer o que sentia na realidade. — Achas que estou a ficar apavorado, não é? — disse, irritado.

— Acho, mas tens direito a isso.

Eddie olhou para o relógio. — Deus do céu, tenho de voltar para a Sala de Operações. — Tinha de tomar uma decisão. Steve arranjava o melhor plano possível, e agora cabia-lhe a ele aceitá-lo ou rejeitá-lo.

Steve adiantou: — Uma coisa em que podes não ter pensado. Eles podem continuar a pensar em ludibriar-te.

— Como?

Encolheu os ombros. — Não sei como, mas, uma vez chegados a bordo do *Clipper*, vai ser difícil discutir com eles. Podem decidir levar consigo o Gordino e a Carol-Ann.

— Por que raio haviam de fazer isso?

— Para terem a certeza de que não vais empenhar-te demasiado em colaborar com a polícia.

— Merda. — Eddie percebeu que havia ainda uma outra razão. Ele próprio gritara com eles, insultara-os. Podiam muito bem estar a planear dar-lhe uma lição.

Sentiu-se encurralado.

Tinha de aceitar o plano de Steve. Era demasiado tarde para arranjar outra solução.

Que Deus me perdoe se estiver enganado, pensou.

— Está bem — concordou. — Vamos a isso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Margaret acordou a pensar: *Hoje tenho de contar ao pai.*

Precisou de um momento para se lembrar do que tinha para lhe dizer: que não ia viver com eles no Connecticut, que ia deixar a família, procurar um alojamento e arranjar emprego.

Ele iria certamente fazer uma fita.

Foi invadida por uma sensação nauseante de medo e vergonha. Era-lhe familiar, sentia-a sempre que tencionava desafiar o pai. *Tenho dezanove anos, pensou. Sou uma mulher. Ontem à noite fiz amor apaixonadamente com um homem maravilhoso. Porque continuo a ter medo do meu pai?*

Fora assim desde que se lembrava. Nunca compreendera por que motivo ele insistia em mantê-la numa jaula. Fora a mesma coisa com Elizabeth, mas não com Percy. Parecia desejar que as suas filhas fossem objetos de decoração inúteis e era sempre pior quando elas queriam fazer algo prático, como aprender a nadar, construir uma casa numa árvore ou andar de bicicleta. Não queria saber quanto gastavam em vestidos, mas não lhes permitia que tivessem conta aberta numa livraria.

Não era apenas a possibilidade de ser derrotada que a deixava agoniada. Era a forma como ele recusava, a raiva e o desprezo, as piadas trocistas e o rosto vermelho de fúria.

Tentara muitas vezes levar-lhe a melhor enganando-o, mas era raro isso funcionar: ficava tão apavorada que ele pudesse ouvir as arranhadelas do gatinho que salvara e escondera no sótão, ou fosse dar com ela a brincar com as crianças «inadequadas» da aldeia, ou revistasse o seu quarto e encontrasse o exemplar de *As Aventuras de Evangelina*, de Elinor Glyn, que os prazeres proibidos perdiam o encanto.

Só conseguira ir contra a vontade dele com a ajuda de outras pessoas. Monica dera-lhe a conhecer o prazer sexual, algo que o pai nunca lhe conseguira tirar. Percy mostrara-lhe como disparar; Digby,

o motorista, ensinara-a a conduzir. Talvez agora Harry Marks e Nancy Lenehan a ajudassem a ser independente.

Já se *sentia* diferente. Havia uma dor agradável nos seus músculos, como se tivesse passado um dia numa atividade física árdua ao ar livre. Deixou-se ficar deitada no beliche e passou as mãos pelo corpo. Nos últimos seis anos considerara-se uma criatura com uns altos deselegantes no peito e uns pelos feios, mas agora passara subitamente a gostar do seu corpo. Harry parecia achá-lo maravilhoso.

Do outro lado das cortinas corridas chegavam-lhe ruídos leves. - Calculou que as pessoas estivessem a acordar. Espreitou. Nicky, o comissário anafado, desmanchava os beliches do lado oposto, em que a mãe e o pai tinham dormido, e refazia os divãs. Os de Harry e de Mr. Membury já tinham sido aprontados. Harry estava sentado e vestido, a olhar pela janela com um ar meditativo.

Margaret sentiu-se de súbito envergonhada e fechou a cortina rapidamente, antes que ele a visse. Era esquisito: umas horas antes tinham partilhado uma intimidade total, mas agora sentia-se embaraçada.

Perguntou-se onde estariam os outros. Percy devia ter ido a terra, e o pai fizera provavelmente o mesmo: costumava acordar cedo. A mãe nunca se mostrava muito enérgica de manhã, e era provável que tivesse ido à casa de banho. Mr. Membury não estava à vista.

Margaret olhou pela janela. Já era de dia. O avião ancorara junto de uma pequena povoação numa floresta de pinheiros. A cena era muito calma.

Recostou-se a desfrutar a privacidade e a saborear as lembranças da noite, recordando os pormenores e guardando-os como fotografias num álbum. Sentia-se como se tivesse, de facto, perdido a virgindade na noite anterior. Antes, com Ian, as relações sexuais haviam sido apressadas, difíceis e rápidas, e ela sentira-se como uma criança culpada a imitar, desobediente, um jogo dos adultos. Na noite anterior, ela e Harry tinham sido adultos, gozando o prazer dos seus corpos. Tinham sido discretos, mas não furtivos, tímidos mas não

envergonhados, hesitantes mas não desajeitados. Sentira-se uma verdadeira mulher. *Quero mais disto*, pensou; *muito mais*. E abraçou-se, sentindo-se indecente.

Imaginou Harry como acabara de o ver, sentado à janela numa camisa azul-céu e uma expressão pensativa no rosto bonito. De súbito, teve vontade de o beijar. Sentou-se, envolveu-se no roupão, abriu as cortinas e disse: — Bom dia, Harry.

Ele virou a cabeça com uma expressão de quem fora apanhado a fazer algo de errado. *Em que estavas tu a pensar?*, perguntou-se. Ele olhou para ela e sorriu. Margaret devolveu-lhe o sorriso e sentiu que não conseguia parar. Sorriam estupidamente um para o outro por um longo minuto. Por fim, ela desviou o olhar e pôs-se de pé.

O comissário virou-se, tendo terminado de aprontar o lugar da mãe, e disse: — Bom dia, Lady Margaret. Gostaria de uma chávena de café?

— Não, obrigada, Nicky. — Estava provavelmente um susto e ansiosa por se ver ao espelho e escovar o cabelo. Sentia-se nua. Ainda não se vestira, ao passo que Harry se barbeara e vestira uma camisa lavada, parecendo fresco que nem uma alface.

Continuava, porém, a ter vontade de o beijar.

Calçou os chinelos, recordando-se de como os deixara indiscretamente junto ao beliche de Harry e os apanhara uma fração de segundo antes de o pai os ver. Enfiou os braços nas mangas do roupão e viu o olhar de Harry descer para os seus seios. Não se importou: *gostava* que ele os admirasse. Apertou o cinto e passou os dedos pelo cabelo.

Nicky terminou o que estava a fazer, e ela esperou que ele deixasse o compartimento para poder beijar Harry, mas ele perguntou-lhe: — Posso tratar agora do seu beliche?

— Claro — respondeu, sentindo-se desapontada. Pensou quanto tempo teria de esperar por outra oportunidade de beijar Harry. Pegou na bolsa, lançou-lhe um olhar pesaroso e saiu.

O outro comissário, Davy, preparava um pequeno-almoço de *buffet* na sala de jantar. Ela roubou um morango, sentindo-se uma

pecadora. Atravessou o avião e constatou que quase todos os beliches tinham sido reconvertidos em assentos e que algumas pessoas se sentavam, sonolentas, a beber café. Viu Mr. Membury, absorvido numa conversa com o barão Gabon, e interrogou-se sobre o que teria aquele par tão díspar para conversar com tanta seriedade. Faltava alguma coisa e, passado um momento, percebeu o que era: não havia jornais matutinos.

Foi à casa de banho. A mãe estava sentada ao toucador, e, de súbito, Margaret sentiu uma culpa enorme. *Como posso ter feito aquelas coisas*, pensou, desvairada, *com a mãe a uns passos de distância?* Sentiu-se corar e obrigou-se a dizer: — Bom dia, mãe. — Para surpresa sua, a voz soou-lhe bastante normal.

— Bom dia, querida. Parece um pouco afogueada. Dormiu alguma coisa?

— Dormi muito bem — respondeu ela, corando ainda mais. Depois, inspirada, continuou: — Estou a sentir-me culpada porque roubei um morango do *buffet* do pequeno-almoço. — E enfiou-se no lavabo para fugir à mãe. Quando saiu, encheu o lavatório de água e lavou o rosto com energia.

Tinha pena de ter de usar o vestido da véspera. Gostaria de ter algo novo, e perfumou-se um pouco demais com *eau de toilette*. Harry dissera-lhe que gostava e até sabia que se chamava *Tosca*. Era o primeiro homem que conhecia capaz de identificar perfumes.

Levou o seu tempo a escovar o cabelo. Era a sua particularidade mais bonita e precisava de a realçar. *Tenho de tomar mais atenção ao meu aspeto*, pensou. Até então não se importara muito com isso, mas de súbito passou a ter importância. *Devia ter vestidos que exibissem o meu corpo e sapatos elegantes que chamassem a atenção para as minhas pernas altas, e usar cores que ficassem bem com cabelo ruivo e olhos verdes*. O vestido que envergara, em tom de tijolo, estava bem, mas era bastante largo e sem forma e, naquele momento, ao olhar-se ao espelho, desejou que tivesse os ombros mais largos e um cinto. Claro que a mãe nunca a deixaria usar maquilhagem, por isso tinha de se contentar com a sua pele pálida.

Pelo menos tinha dentes bonitos.

— Estou pronta — declarou, animada.

A mãe continuava na mesma posição. — Calculo que vá conversar com Mr. Vandenpost.

— Suponho que sim, uma vez que não está lá mais ninguém e a mãe ainda está a arranjar a cara.

— Não seja atrevida. Ele tem um certo ar de judeu.

Bem, pelo menos não é circuncidado, pensou Margaret, e quase o disse em voz alta por pura diabrura; em vez disso, soltou uma risada.

A mãe ofendeu-se. — Não há razão para rir. Quero que saiba que não vou permitir que veja de novo esse jovem depois de sairmos deste avião.

— Ficaré contente por saber que isso não me interessa nada. — Era verdade: ia deixar os pais e, logo, já não tinha importância o que eles permitiriam ou não.

A mãe lançou-lhe um olhar desconfiado. — Por que razão hei de pensar que não está a ser muito sincera?

— Porque os tiranos nunca podem confiar em ninguém — respondeu-lhe a filha.

Era uma boa despedida, pensou, e dirigiu-se à porta, mas a mãe chamou-a.

— Não se vá embora, querida — pediu a mãe, os olhos cheios de lágrimas.

Queria ela dizer «não saia daqui» ou «não abandone a família»? Poderia ter adivinhado o que Margaret planeava? Sempre tivera uma boa intuição. Margaret não respondeu.

— Já perdi a Elizabeth, não suportava perdê-la também a si.

— Mas a culpa é do pai! — bradou ela e, de súbito, teve vontade de chorar. — Não pode impedi-lo de ser tão horroroso?

— E acha que não tento?

Margaret ficou chocada. Nunca anteriormente a mãe admitira que a culpa podia ser do pai. — Mas nada posso fazer, o feitio dele é assim — retorquiu, infeliz.

— A menina podia tentar não o provocar — disse a mãe.

— Quer dizer, ceder constantemente.

— E porque não? É só até se casar.

— Se a mãe lhe fizesse frente, talvez ele não fosse assim.

A mãe abanou a cabeça tristemente. — Não posso tomar o seu partido contra ele, querida. É meu marido.

— Mas ele está tão errado!

— Não faz diferença. Vai ficar a saber isso quando estiver casada.

Margaret sentiu-se encurralada. — Não é justo.

— Não é por muito tempo. Só lhe peço que o tolere um pouco mais. Assim que tiver vinte e um anos, ele vai mostrar-se diferente, garanto-lhe, mesmo que não se tenha casado. Sei que é difícil, mas não quero que seja banida como a pobre Elizabeth...

Margaret percebeu que, se deixassem de se falar, ficaria tão infeliz como a mãe. — Eu também não quero isso, mãe — afiançou-lhe, aproximando-se do banco. A mãe abriu os braços, e abraçaram-se desajeitadamente, ela de pé e a mãe sentada.

— Prometa-me que não vai discutir com ele — pediu-lhe a mãe.

Parecia tão triste que Margaret desejou do fundo do coração fazer a promessa, mas algo a impediu e só foi capaz de dizer: — Vou tentar, mãe, vou mesmo tentar.

A mãe soltou-a e ficou a olhar para ela, e ela viu no seu rosto uma resignação desolada. — Obrigada, de qualquer modo — agradeceu-lhe.

Nada mais havia a dizer, e Margaret saiu.

Harry levantou-se quando ela entrou no compartimento. Sentia-se tão transtornada que perdeu todo o decoro e lançou-lhe os braços ao pescoço. Após um momento de hesitação e de espanto, ele abraçou-a e deu-lhe um beijo no alto da cabeça. Ela começou logo a sentir-se melhor.

Abrindo os olhos, viu a expressão espantada de Mr. Membury, que regressara ao seu lugar. Pouco lhe importava, mas afastou-se de Harry, e sentaram-se ambos do outro lado do compartimento.

— Temos de fazer planos — disse Harry. — Esta pode ser a nossa última oportunidade de falar em privado.

Margaret sabia que a mãe devia estar a regressar e que o pai e Percy iriam voltar com os outros passageiros; após isso, ela e Harry poderiam não ficar de novo sozinhos. Invadiu-a uma visão que quase a deixou em pânico: viu-os a ambos a despedirem-se em Port Washington e nunca mais serem capazes de se encontrarem. — Onde é que te posso contactar, diz-me depressa! — pediu ela.

— Não sei, não tenho nenhum sítio. Mas não te preocupes, eu contacto-te. Em que hotel vais ficar?

— No Waldorf. Telefonas-me esta noite? Tens de telefonar.

— Acalma-te, claro que telefono. Serei Mr. Marks.

O tom descontraído de Harry fez-lhe ver que estava a ser tola... e também um pouco egoísta. Devia pensar nele para além de si própria. — Onde é que vais passar a noite?

— Vou arranjar um hotel barato.

Invadiu-a uma ideia. — Gostavas de entrar às escondidas no meu quarto do Waldorf?

Ele sorriu. — Estás a falar a sério? Bem sabes que eu o faria!

Ela ficou contente por lhe ter agradado. — Normalmente, partilho o quarto com a minha irmã, mas agora vou estar sozinha.

— Caramba, mal posso esperar.

Margaret sabia como ele gostava da vida dos ricos e queria tanto fazê-lo feliz. De que mais gostaria ele? — Mandamos vir ovos mexidos e champanhe do serviço de quartos.

— Vou querer ficar lá para sempre.

Aquilo fê-la voltar à realidade. — Os meus pais vão mudar-se para casa do meu avô, no Connecticut, passados uns dias. Depois vou ter de arranjar onde viver.

— Procuramos juntos — disse ele. — Talvez possamos arranjar um quarto no mesmo prédio ou coisa assim.

— A sério? — Estava encantada. Iam ter quartos no mesmo prédio! Era exatamente o que queria. Receara um pouco que ele perdesse a cabeça e lhe pedisse que se casasse com ele e também que ele não quisesse voltar a vê-la, mas aquela solução era a ideal: podia ficar perto dele e conhecê-lo melhor sem assumir um compromisso idiota e

apressado. E poderia dormir com ele. Havia, porém, um obstáculo. — Se eu for trabalhar para a Nancy Lenehan, viverei em Boston.

— Talvez eu vá para lá também.

— A sério? — Mal podia acreditar no que ouvia.

— É um lugar tão bom como qualquer outro. Onde é que fica, afinal?

— Na Nova Inglaterra.

— É como a velha Inglaterra?

— Bem, ouvi dizer que as pessoas são snobes.

— É tal e qual como em casa.

— Que tipo de alojamento vamos arranjar? — perguntou, empolgada. — Quero dizer, quantos quartos e por aí fora?

Ele sorriu. — Terás apenas um quarto e, mesmo assim, vai ser uma luta para o pagares. Se for parecido com os ingleses, terá mobília barata e uma janela. Com sorte, talvez haja um bico a gás ou elétrico para poderes fazer café. E partilhas a casa de banho com o resto dos moradores.

— E a cozinha?

Harry abanou a cabeça. — Não te podes dar ao luxo de uma cozinha. O almoço será a única refeição quente do dia. Quando chegares a casa podes tomar uma chávena de chá e uma fatia de bolo ou podes fazer uma tosta, se tiveres um bico elétrico.

Margaret sabia que ele tentava prepará-la para aquilo que considerava uma realidade desagradável, mas ela achava aquilo tudo terrivelmente romântico. Pensar que poderia fazer chá e uma tosta para si própria a qualquer hora, num quartinho só dela, sem pais com que se preocupar e criados que resmungavam... Parecia maravilhoso. — Os donos desses quartos costumam lá viver?

— Às vezes. Se viverem, é bom, porque mantêm o sítio limpo... embora também metam o nariz na nossa vida privada. Mas se o dono viver noutro sítio, as condições do prédio podem degradar-se, com canos entupidos, tinta a cair, infiltrações nos telhados, esse tipo de coisas.

Ela apercebeu-se de que tinha muito que aprender, mas nada do

que Harry dissesse a fazia desanimar: era tudo demasiado empolgante. Antes de poder fazer mais perguntas, os passageiros e a tripulação que tinham desembarcado regressaram e, no mesmo momento, a mãe voltou da casa de banho, com um ar pálido mas ainda assim linda. A sua exaltação foi abalada. Ao recordar-se da conversa de ambas, percebeu que a angústia acompanharia a excitação de fugir com Harry.

Normalmente não comia muito de manhã, mas naquele dia estava esfomeada. — Gostava de *bacon* com ovos — disse. — Na verdade, uma boa dose. — Cruzou o olhar com Harry e apercebeu-se de que tinha fome porque passara a noite a fazer amor com ele. Abafou um sorriso. Ele leu-lhe o pensamento e desviou apressadamente o olhar.

O avião levantou voo alguns minutos depois. Apesar de ser a terceira descolagem, Margaret achou-a igualmente empolgante e já não teve medo.

Meditou sobre a conversa que tivera com Harry. Ele queria ir para Boston com ela! Embora fosse tão bonito e encantador, tendo certamente tido imensas oportunidades com raparigas da sua classe, parecia ter-se encantado com ela de forma especial. Aquilo fora tremendamente repentino, mas ele estava a mostrar-se muito sensato: não fizera promessas extravagantes, mas mostrava-se pronto a fazer tudo o que fosse preciso para ficar com ela.

Tal compromisso apagou-lhe da mente todas as dúvidas. Até então, não se permitira pensar num futuro com ele, mas de súbito sentiu uma confiança total. Ia ter tudo quanto queria: liberdade, independência e amor.

Assim que o avião estabilizou, foram convidados a servirem-se do *buffet* do pequeno-almoço, e Margaret fê-lo com vivacidade. Escolheram todos morangos com natas, exceto Percy, que preferia *cornflakes*. O pai bebeu champanhe com os morangos, e Margaret serviu-se também de pãozinhos quentes com manteiga.

Quando ia a regressar ao seu compartimento, cruzou o olhar com Nancy Lenehan, que hesitava junto das papas de aveia quentes. Mostrava-se tão bem arranjada e elegante como sempre, com uma

blusa de seda azul-ultramarino a substituir a cinzenta que usara na véspera. Fez sinal a Margaret e disse-lhe em voz baixa: — Recebi uma chamada muito importante em Botwood. Hoje vou ganhar. Pode contar com um emprego.

A jovem sorriu de prazer. — Oh, muito obrigada.

Nancy pousou um pequeno cartão de visita branco no prato do pão. — Telefone-me quando estiver pronta.

— Telefone, sim. Daqui a uns dias. Obrigada!

Nancy levou um dedo aos lábios e piscou-lhe o olho.

Margaret voltou ao seu compartimento num estado de exaltação. Esperava que o pai não tivesse visto o cartão, não queria que lhe fizesse perguntas. Felizmente ele estava demasiado interessado na comida para dar conta do que o rodeava.

Contudo, enquanto comia, percebeu que tinha de lhe contar mais tarde ou mais cedo. A mãe implorara-lhe que evitasse uma confrontação, mas era impossível. Da última vez tentara escapulir-se e não dera resultado. Desta vez, teria de anunciar abertamente que ia deixá-los para que o mundo o soubesse. Não podia haver qualquer segredo, qualquer desculpa para chamar a polícia. Tinha de deixar bem claro que tinha onde ficar e amigos que a apoiariam.

O avião era certamente o local certo para o confrontar. Elizabeth fizera-o num comboio e dera resultado, porque o pai vira-se obrigado a comportar-se. Mais tarde, nos aposentos do hotel, poderia fazer o que lhe apetecesse.

Quando lhe deveria contar? Quanto mais cedo melhor. A seguir ao pequeno-almoço, cheio de champanhe e comida, estaria bem-disposto. Mais tarde, à medida que o dia passava e ele tomasse um ou dois *cocktails* e algum vinho, ficaria mais irascível.

Percy levantou-se e disse: — Vou buscar mais *cornflakes*.

— Sente-se — ordenou-lhe o pai. — Vai ser servido *bacon*, e já comeu o suficiente dessa porcaria. — Por alguma razão, era contra os cereais de pequeno-almoço.

— Ainda tenho fome — disse Percy e, para espanto de Margaret, saiu.

O pai ficou pasmado. Percy nunca o tinha desafiado abertamente. A mãe limitou-se a olhar. Ficaram todos à espera do regresso de Percy, que trouxe uma taça cheia de *cornflakes*. Todos o observavam. Ele sentou-se e começou a comer.

— Disse-lhe para não comer mais disso — lembrou-lhe o pai.

— O estômago não é seu — retorquiu o filho, continuando a comer.

Parecia que o pai estava prestes a levantar-se, mas nesse momento entrou Nicky vindo da copa e apresentou-lhe um prato de salsichas, *bacon* e ovos escalfados. Por um segundo, Margaret pensou que o pai ia atirar o prato a Percy, mas tinha demasiada fome. Pegou na faca e no garfo e disse: — Traga-me mostarda inglesa.

— Lamento, mas não temos.

— Não há mostarda? — espantou-se o pai, furioso. — Como posso comer salsichas sem mostarda?

Nicky parecia assustado. — Lamento, senhor... ninguém pediu anteriormente. Certificar-me-ei de que teremos mostarda no próximo voo.

— A mim não me serve de muito, pois não?

— Calculo que não. Lamento.

O pai resmungou e começou a comer. Despejara a raiva no comissário, e Percy saíra-se bem. Margaret ficou espantada, pois nunca antes acontecera tal coisa.

Nicky trouxe-lhe *bacon* e ovos, e ela atacou-os vigorosamente. Poderia ser verdade que o pai começava por fim a amolecer? O fim das suas esperanças políticas, o início da guerra, o exílio e a revolta da filha mais velha talvez se tivessem combinado para lhe esmagar o ego e lhe enfraquecer a força de vontade.

Nunca haveria um momento melhor para lhe contar.

Terminou o pequeno-almoço e esperou que os outros também o fizessem. Depois, esperou que o comissário levasse os pratos; esperou ainda que o pai se servisse de mais café. Por fim, nada mais havia por que esperar.

Passou para o assento do meio, ao lado da mãe e quase em frente do pai. Inspirou fundo e começou: — Tenho uma coisa para lhe dizer,

pai, e espero que não se zangue.

A mãe murmurou: — Oh, não...

— Que foi agora? — quis saber o pai.

— Tenho dezanove anos e nunca fiz nada na vida. É altura de -
começar.

— Por amor de Deus, porquê? — inquiriu a mãe.

— Gostava de ser independente.

A mãe retorquiu: — Há milhões de raparigas a trabalhar em fábricas e em escritórios que dariam tudo para estar na sua situação.

— Bem sei, mãe. — Margaret também sabia que a mãe entrara na discussão para impedir o pai de participar. Contudo, isso não duraria muito tempo.

A mãe surpreendeu-a por capitular quase de imediato. — Bem, suponho que, se estiver decidida, o seu avô poderá arranjar-lhe um lugar com alguém que conheça...

— Já tenho emprego.

Aquilo surpreendeu-a. — Na América? Como é possível?

Margaret decidiu não lhes contar de Nancy Lenahan, pois poderiam falar com ela e tentar estragar tudo. — Está tudo combinado — declarou com suavidade.

— Que tipo de emprego?

— Assistente de vendas de uma fábrica de sapatos.

— Oh, por amor de Deus, não seja ridícula.

Margaret mordeu o lábio. Porque havia a mãe de ser tão desdenhosa? — Não é ridículo, e estou muito orgulhosa. Arranjei emprego sozinha, sem a sua ajuda ou a do pai ou do avô. Foi por mérito meu. — Talvez não tivesse acontecido exatamente assim, mas estava a ficar na defensiva.

— Onde fica essa fábrica? — perguntou a mãe.

O pai falou pela primeira vez. — Ela não pode trabalhar numa fábrica e está tudo dito.

— Vou trabalhar no departamento de vendas, não na fábrica, que fica em Boston.

— Então, isso resolve tudo — disse a mãe. — A menina vai viver

em Stamford, não em Boston.

— Não, mãe, não vou. Vou viver em Boston.

A mãe abriu a boca para falar, depois fechou-a, compreendendo que estava a ser confrontada com algo que não podia descartar facilmente.

Ficou um pouco em silêncio e depois perguntou: — Que nos está a dizer?

— Só que vos vou deixar e vou para Boston. Vou viver num quarto e vou trabalhar.

— Oh, isto é uma estupidez!

Margaret encolerizou-se. — Não seja tão desdenhosa, mãe. — A mãe encolheu-se perante o tom irado da voz dela, e Margaret arrependeu-se de imediato. Continuou com mais calma: — Só vou fazer o que faz a maioria das raparigas.

— Raparigas da sua idade, talvez, mas não da sua classe.

— E por que razão isso haveria de fazer diferença?

— Porque não vale a pena trabalhar num emprego idiota por cinco dólares por semana e viver num apartamento que custa ao seu pai cem dólares por mês.

— Não quero que o pai pague o meu apartamento.

— Então, onde vai viver?

— Já lhe disse, num quarto.

— Na miséria! Mas qual é o objetivo?

— Vou poupar algum dinheiro até ter o suficiente para um bilhete para Inglaterra e depois volto e alisto-me no STA.

O pai voltou a falar. — Não faz ideia do que está a dizer.

Margaret ficou irritada. — E não faço porquê, pai?

A mãe, tentando interromper, disse: — Não, não sabe...

Ela ignorou-a. — Sei bem que terei de fazer recados e café e atender o telefone no escritório. Sei que vou viver num quarto com um bico de gás e partilhar a casa de banho com os outros inquilinos. Sei que não vou gostar de ser pobre... mas vou adorar ser livre.

— A menina não sabe nada — afirmou o pai com desdém. — Livre? A menina? Será como um coelho de estimação à solta num

canil. Vou dizer-lhe o que não sabe, minha querida: não sabe que foi apapricada e mimada toda a vida. Nem sequer foi à escola...

A injustiça daquilo encheu-lhe os olhos de lágrimas e deu-lhe força para retorquir. — Eu queria ir para a escola — protestou. — O pai é que não me deixou!

Ele ignorou a interrupção. — Lavaram-lhe a roupa e prepararam-lhe a comida, o motorista levou-a a todo o lado que desejava, vinham crianças a casa brincar consigo e nunca pensou sequer como tudo isso se obtinha...

— Pensei, sim senhor!

— E agora quer viver sozinha! Não sabe o preço de um pão, pois não?

— Em breve vou descobrir...

— Não sabe lavar a sua roupa interior. Nunca andou de autocarro. Nunca dormiu sozinha numa casa. Não sabe pôr o despertador, armadilhar uma ratoeira, lavar os pratos, cozer um ovo... é capaz de cozer um ovo? Sabe como se faz?

— E de quem é a culpa? — perguntou Margaret, lacrimosa.

O pai prosseguiu cruelmente, o rosto uma máscara de desprezo e raiva. — Vai servir para quê num escritório? Não pode fazer o chá, não sabe. Nunca viu um arquivador. Nunca teve de ficar no mesmo lugar das nove da manhã às cinco da tarde. Vai aborrecer-se e desorientar-se. Não dura uma semana.

Expressava as preocupações secretas da própria Margaret, razão pela qual ela estava a ficar tão abalada. No fundo do coração, a possibilidade de ele ter razão apavorava-a. Não seria *capaz* de viver sozinha, *seria* despedida do emprego. A voz do pai, de uma ironia cruel, a antever, cheio de presunção, que os seus piores medos se concretizariam, estava a destruir-lhe o sonho, como uma onda a arrasar um castelo de areia. Chorava agora abertamente, as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara abaixo.

Ouviu Harry dizer: — Isto é demais...

— Deixa-o continuar — disse ela. Era uma batalha que Harry não podia travar em seu lugar. Seria entre Margaret e o pai.

De rosto vermelho, um dedo em riste, a falar cada vez mais alto, o pai prosseguia a sua inventiva. — Sabe, Boston não é como a aldeia de Oxenford. Lá, as pessoas não se ajudam mutuamente. Vai adoecer e ser envenenada por médicos mestiços. Será roubada por senhorios judeus e violada por pretos na rua. E quanto a alistar-se no Exército...!

— Milhares de raparigas alistaram-se no STA — afirmou Margaret, mas a sua voz não passou de um sussurro fraco.

— Não raparigas como a menina — contrapôs o pai. — Raparigas duras, talvez, habituadas a levantarem-se cedo e a esfregarem soalhos, não debutantes mimadas. E Deus não permita que desse consigo numa situação perigosa... ficaria toda a tremer.

Ela lembrou-se de como se sentira desesperada no *blackout* — assustada, impotente e em pânico — e corou de vergonha. Ele tinha razão, ficara toda a tremer. Contudo, não haveria de se assustar e sentir-se impotente para sempre. O pai fizera o possível e o impossível para fazer dela uma rapariga fraca e dependente, mas ela estava ferozmente determinada a comandar a sua vida e mantinha essa chama de esperança acesa, mesmo quando se encolhia perante a investida do pai.

Ele apontou-lhe o dedo, os olhos tão esbugalhados que pareciam prestes a rebentar. — Não dura uma semana num escritório e não aguentava um dia no STA — garantiu-lhe ele, malévolo. — É demasiado mole. — E recostou-se com um ar satisfeito.

Harry foi sentar-se ao lado dela. Tirando um lenço de linho engomado, limpou-lhe suavemente as faces molhadas.

O pai declarou: — E quanto a si, meu juvenzinho...

Harry levantou-se num ápice e virou-se contra ele. Margaret soltou uma exclamação abafada, pensando que ia ter lugar uma briga. Harry avisou: — Não se atreva a falar assim comigo. Não sou uma rapariga, sou um homem adulto, e, se me insultar, dou-lhe um murro na cabeça, seu cretino.

O pai remeteu-se ao silêncio.

Harry voltou-lhe as costas e sentou-se de novo ao lado de

Margaret.

A jovem estava perturbada, mas, no fundo do coração, tinha uma sensação de triunfo. Dissera-lhe que se ia embora. Ele enfurecera-se e zombara dela e levava-a até às lágrimas, mas não a fizera mudar de opinião: ir-se-ia embora na mesma.

Apesar de tudo, o pai conseguira plantar uma dúvida. Já se sentia preocupada com o facto de que talvez não tivesse coragem de ir para a frente com os seus planos, de que ficasse paralisada de ansiedade no último minuto. Com o seu escárnio e zombaria, ele alimentara essa dúvida. Margaret nunca fizera nada de corajoso na sua vida; seria agora capaz? *Sim, serei*, pensou. *Não sou demasiado mole e vou prová-lo.*

Ele desencorajara-a, mas falhara no objetivo de a fazer mudar de rumo. Contudo, talvez ainda não tivesse desistido. Olhou por cima do ombro de Harry e viu o pai a olhar pela janela com uma expressão de maldade. Elizabeth desafiara-o, e ele expulsara-a, e talvez a irmã não voltasse a ver a família.

Que vingança terrível estaria a planear para Margaret?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O amor verdadeiro não durava muito, pensava Diana Lovesey melancolicamente.

Ao início, quando se apaixonara por ela, Mervyn adorava satisfazer-lhe todos os desejos, quanto mais caprichosos melhor. Estava sempre pronto para guiar até Blackpool e comprar guloseimas, tirar uma tarde para ir ao cinema ou largar tudo para voarem até Paris. Não se importava de correr todas as lojas de Manchester à procura de uma echarpe de caxemira do tom exato de verde-azulado, de abandonar um concerto a meio porque ela se aborrecia ou de se levantar às cinco da madrugada para tomar o pequeno-almoço num café frequentado por operários. Todavia, esse comportamento não durara muito após o casamento. Era raro negar-lhe o que quer que fosse, mas em breve deixou de lhe dar prazer aceder aos seus caprichos. O deleite transformou-se em tolerância, depois em impaciência e, por vezes, perto do final, em puro desprezo.

Interrogava-se se a relação com Mark não tomaria o mesmo rumo.

Ele fora seu escravo todo o verão, mas agora, pouco depois de terem fugido juntos, já haviam brigado. Na segunda noite, tinham-se zangado de tal forma que haviam dormido separados! A meio da noite, quando a tempestade rebentou e sacudiu violentamente o avião, qual cavalo selvagem, Diana ficara tão aterrorizada que estivera prestes a engolir o orgulho e ir para o beliche de Mark. Contudo, isso teria sido humilhante, e assim ficara muito quieta, a pensar que ia morrer. Tinha desejado que ele tivesse ido ter consigo, mas ele fora igualmente orgulhoso e isso ainda a enfurecera mais.

Naquela manhã, mal tinham trocado palavra. Ela despertara quando o avião estava a descer em Botwood. Quando se levantou, já Mark saíra para ir a terra. Naquele instante, sentavam-se nos lugares da coxia do 4.º compartimento um em frente ao outro, a fingir que tomavam o pequeno-almoço. Diana remexia uns morangos, distraída, e Mark partia um pãozinho mas não lhe tocava.

Já nem sabia ao certo por que razão a enfurecera tanto saber que Mervyn partilhava a suíte nupcial com Nancy Lenehan. Parecia-lhe que Mark deveria ter entendido e ter apoiado o seu desagrado. Ao invés, tinha-a questionado, de certa maneira implicando que ela ainda devia continuar apaixonada pelo marido. Como é que podia ter dito uma coisa daquelas quando ela abandonara tudo para fugir com ele?

Olhou em volta. À sua direita, a princesa Lavinia e Lulu Bell mantinham uma conversa casual. Não tinham dormido bem por causa da tempestade e pareciam ambas exaustas. À esquerda, do outro lado da coxia, o homem do FBI, Ollis Field, e o seu prisioneiro, Frankie Gordino, comiam em silêncio. O pé de Gordino estava algemado ao assento. Todos aparentavam cansaço e mau humor. Fora uma longa noite.

O comissário Davy entrou e levantou os pratos. A princesa Lavinia queixou-se de que os ovos escalfados estavam demasiado moles e o *bacon* demasiado passado. Davy serviu café. Diana não aceitou.

Viu Mark a olhar para ela e tentou sorrir. Ele mirou-a, furioso. Ela disse: — Não me falaste toda a manhã.

— Porque pareces mais interessada no Mervyn do que em mim!

De súbito, sentiu-se arrependida. Talvez ele tivesse razão em sentir ciúmes. — Desculpa, Mark — disse, num impulso. — És o único homem que amo, a sério.

Ele estendeu a mão e pegou na dela. — Estás a falar mesmo a sério?

— Claro que sim. Sou tão idiota. Portei-me tão mal.

Ele acariciou-lhe as costas da mão. — Sabes... — Olhou-a nos olhos e, para sua surpresa, percebeu que ele estava à beira das lágrimas. — Sabes, tenho pavor que me abandones.

Não esperava palavras daquelas. Ficou em choque. Nunca lhe ocorrera que tivesse medo de a perder.

Mark continuou: — És tão bonita, tão sedutora, que podias ter qualquer homem, e é difícil acreditar que me queres a mim. Tenho medo de que chegues à conclusão de que te enganaste e que mudes de opinião.

Aquilo tocou-a. — És o homem mais adorável do mundo, e é por isso que me apaixonei por ti.

— Não queres mesmo saber do Mervyn?

Diana hesitou por um instante apenas, mas foi o suficiente.

Ele mudou de expressão e disse com amargura: — Gostas dele.

Como é que poderia explicar? Não amava o marido, mas ele ainda tinha sobre ela alguma influência. — Não é o que estás a pensar — argumentou, desesperada.

Mark retirou a mão. — Nesse caso, esclarece-me. Diz-me o que é.

Nesse momento, Mervyn entrou no compartimento.

Olhou em redor, viu-a e disse: — Ah, estás aqui.

Ela ficou nervosa. O que queria ele? Estaria zangado? Quem lhe dera que não fizesse uma cena.

Diana olhou para Mark, que tinha o rosto pálido e tenso. Inspirou fundo e disse: — Ouça lá, Lovesey, não queremos outra discussão, portanto o melhor será ir-se embora.

Mervyn ignorou-o e dirigiu-se a ela: — Temos de conversar.

Ela examinou-o, cautelosa. A sua ideia poderia ser a de uma «conversa de sentido único»: tornar-se-ia provavelmente uma descompostura. Em todo o caso, não parecia agressivo. Embora tentasse manter um rosto inexpressivo, ela teve a sensação de que se sentia algo embaraçado. Com prudência, ela proferiu: — Não quero confusões.

— Sem confusões, prometo.

— Então, está bem.

Mervyn sentou-se ao lado dela. Virando-se para Mark, perguntou: — Não se importava de nos deixar a sós por uns minutos?

— Claro que me importo! — vociferou ele.

Ambos a fitaram. Seria ela a decidir. Gostaria de ficar a sós com o marido, mas sabia que Mark ficaria magoado. Hesitou, receosa de tomar partido por um ou por outro. Por fim, pensou: *Deixei o Mervyn e estou com o Mark. Tenho de ficar do seu lado.* Com o coração a bater, disse: — Diz o que tens a dizer, Mervyn. Se não podes falar em frente ao Mark, então não quero ouvir.

Ele pareceu chocado. — Está bem, está bem — proferiu, irritado. Em seguida, controlou-se e suavizou a voz. — Tenho estado a pensar em algumas das coisas que disseste. Acerca de mim. Como me tornei frio contigo. Como tens sido infeliz.

Interrompeu-se. Diana nada disse. Aquilo não parecia o marido. O que viria em seguida?

— Quero dizer que lamento muito.

Ela ficou atónita, percebendo que Mervyn estava a falar a sério. O que teria provocado uma tal mudança?

Ele prosseguiu: — Queria fazer-te feliz. No princípio, era só isso que queria. Nunca quis que fosses infeliz. Não está certo seres infeliz. Mereces ser feliz, porque tu trazes felicidade aos outros. Basta-te entrar numa sala para fazeres sorrir as pessoas.

Os olhos de Diana marejaram-se de lágrimas. Sabia que era verdade, as pessoas gostavam de olhar para ela.

— É um pecado fazer-te sofrer — continuou Mervyn. — Não volto a fazê-lo.

Com uma pontada de medo, ocorreu-lhe se iria prometer ser bom para ela. Iria pedir-lhe para voltar? Ela não queria que fizesse a pergunta sequer. — Não vou voltar para ti — proferiu, inquieta.

Ele pareceu não ouvir. — O Mark faz-te feliz? — inquiriu.

Ela assentiu.

— E vai ser bom para ti?

— Vai, eu sei que sim.

Mark interveio: — Não falem de mim como se não estivesse aqui!

Diana pegou na mão de Mark e disse: — Nós amamo-nos.

— Sim. — Pela primeira vez, uma ponta de desdém pareceu assomar-lhe ao rosto, mas desapareceu imediatamente. — Sim, acho que sim.

Estaria a ficar mais brando? Aquilo não parecia dele. Até que ponto aquela transformação teria a ver com a viúva? — Mrs. Lenehan disse-te para vires falar comigo? — inquiriu, desconfiada.

— Não... mas ela sabe o que vou dizer em seguida.

Mark proferiu: — O melhor será despachar-se e dizer.

Mervyn comentou, desdenhoso: — Nada de exageros, meu rapaz... A Diana ainda é minha mulher.

Mark insistiu. — Esqueça — afirmou —, não tem qualquer direito sobre ela, portanto não invente. E não me chame isso, seu velho.

Diana interveio. — Vá, deixem-se disso. Mervyn, se tens algo a dizer, diz e deixa-te de arrogâncias.

— Está bem, está bem. Apenas isto... — Inspirou fundo. — Não vou meter-me. Pedi para voltares para mim, e recusaste. Se pensas que este sujeito pode ter êxito naquilo em que eu falhei e que pode fazer-te feliz, então boa sorte aos dois. Desejo-vos todas as felicidades. — Fez uma pausa e olhou para um e para o outro. — É isso.

Seguiu-se um momento de silêncio. Mark parecia prestes a dizer algo, mas Diana adiantou-se. — Seu hipócrita do diabo! — soltou. Acabara de ver o que se passava realmente na cabeça de Mervyn, e a ira da sua reação surpreendeu-a. — Como é que te atreves? — vociferou.

Ele ficou siderado. — O quê? Porque...?

— Que disparate, dizer que não te vais meter entre nós, como se estivesses a fazer algum sacrifício. Eu conheço-te demasiado bem, Mervyn Lovesey. Tu só desistes de alguma coisa quando já não a queres! — Percebeu que todos os passageiros do compartimento estavam a escutar avidamente, mas sentia-se demasiado irritada para se importar. — Eu bem sei o que tu queres. Passaste a noite com aquela viúva, não foi?

— Não!

— Não? — Examinou-o atentamente. Pensou que era capaz de estar a dizer a verdade. — Mas esteve quase, não esteve? — insistiu. E pela expressão dele percebeu que tinha adivinhado. — Estás caidinho, e ela gosta de ti, e agora não me queres, essa é que é a verdade, não é? Admite!

— Não admito nada...

— Porque não tens a coragem de ser franco. Mas eu sei a verdade, e todas as pessoas no avião também desconfiam. Que

desilusão, Mervyn, achava que tinha mais coragem.

— Coragem? — Aquilo picou-o.

— Exato. Mas, em vez disso, tiveste de inventar uma história patética sobre não te meteres no nosso caminho. Estás a ficar fraco, é o que é, fraco de espírito. Não nasci ontem e não consegues enganar-me assim tão facilmente!

— Está bem, está bem — admitiu ele, erguendo as mãos num gesto defensivo. — Eu trouxe uma oferenda de paz, e tu rejeitaste-a. Como queiras. — Levantou-se. — Pela maneira como falas, qualquer um pensaria que fui eu que fugi com uma amante. — Dirigiu-se para a porta. — Avisa-me quando te casares. Mando-te uma espátula de servir o peixe. — Saiu.

— Bom! — Diana ainda estava a ferver. — Que descaramento! — Olhou em redor para os outros passageiros. A princesa Lavinia desviou o olhar, altaneira, Lulu Bell sorriu abertamente, Ollis Field franziu a testa, desaprovador, e Frankie Gordino exclamou: — Assim é que é!

Por fim, fitou Mark, interrogando-se o que teria pensado da atuação de Mervyn e da sua própria explosão. Para surpresa sua, ele exibia um sorriso de orelha a orelha. Era contagiante, e ela deu por si a sorrir-lhe também. — O que foi tão divertido? — perguntou ela com um risinho.

— Foste esplêndida — retorquiu. — Estou muito orgulhoso. E satisfeito.

— Satisfeito porquê?

— Enfrentaste o Mervyn pela primeira vez na vida.

Seria verdade, perguntou a si mesma. Também lhe pareceu. — Acho que sim.

— Já não tens medo dele, pois não?

Refletiu. — Tens razão, já não tenho.

— Sabes o que significa isso?

— Quer dizer que não tenho medo dele.

— Quer dizer mais do que isso. Quer dizer que já não gostas dele.

— Será mesmo? — interrogou-se, pensativa. Havia muito tempo

que andava a dizer a si mesma que deixara de gostar de Mervyn, mas agora, examinando os seus sentimentos, via que não era assim. Todo o verão, até mesmo enquanto o traía, permanecera subjugada. Ele conservara algum tipo de poder sobre ela, mesmo depois de o ter deixado, e no avião ficara cheia de remorsos e até pensara em voltar para ele. Mas agora já não.

Mark inquiriu: — O que sentirias se ele fugisse com a viúva?

Sem pensar, respondeu: — E por que motivo me havia de importar?

— Estás a ver?

Ela soltou uma gargalhada. — Tens razão — proferiu. — Finalmente acabou.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

À medida que o *Clipper* iniciava a descida para a baía de Shediack, no golfo de São Lourenço, Harry começou a ter dúvidas sobre se devia roubar as joias de Lady Oxenford.

Margaret enfraquecera-lhe a determinação. Só a ideia de dormir com ela numa cama do Hotel Waldorf, acordar e mandar vir o pequeno-almoço pelo serviço de quartos valia mais que as joias. Estava também ansioso por ir com ela para Boston e viverem os dois em quartos alugados, ajudá-la a tornar-se independente e passar a conhecê-la a sério. O entusiasmo dela era contagioso, e ele partilhava a expectativa emocionante da vida simples que levariam os dois.

Tudo isso, porém, mudaria se roubasse a mãe dela.

Shediack era a última escala antes de Nova Iorque, e ele tinha de se decidir rapidamente. Seria a sua última oportunidade de entrar no porão.

Perguntou-se de novo se poderia ficar com ambas, as joias e Margaret. Em primeiro lugar, viria ela a saber que ele as roubara? Lady Oxenford descobriria o golpe quando abrisse o baú de viagem, presumia que no Waldorf, mas ninguém saberia dizer se as joias tinham sido levadas no avião, anteriormente ou desde então. Margaret sabia que Harry era ladrão e certamente suspeitaria dele, mas, se ele negasse, acreditaria? Talvez.

E depois? Viveriam pobremente em Boston, enquanto ele guardava no banco cem mil dólares! Isso, porém, não duraria muito. Ela arran-jaria forma de regressar a Inglaterra para se alistar no exército feminino, e ele iria para o Canadá e seria piloto de caças. A guerra devia durar um ou dois anos, talvez mais. Quando terminasse, tiraria o dinheiro do banco e compraria a tal casa de campo. E talvez Margaret fosse viver com ele... e, então, haveria de querer saber de onde viera o dinheiro.

De uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde teria de lhe

contar.

Preferia que fosse mais tarde.

Teria de lhe dar uma desculpa para permanecer a bordo em - Shediak. Não lhe podia dizer que se sentia mal, pois ela haveria de querer ficar com ele, o que estragaria tudo. Tinha de ter a certeza de que ela desembarcava e o deixava sozinho.

Olhou para ela, sentada do outro lado da coxia. Naquele momento, apertava o cinto de segurança, encolhendo o estômago. Numa visão imaginária, viu-a ali sentada, nua, na mesma posição, os seios delineados pela luz das janelas baixas, um tufo de pelos arruivados a espreitar-lhe por entre as coxas e as pernas compridas esticadas à sua frente. Não seria uma loucura, pensou, arriscar-se a perdê-la em nome de uma mão-cheia de rubis?

Contudo, não se tratava exatamente disso, era o conjunto Delhi, que valia cem mil dólares, o suficiente para fazer de Harry o que sempre almejara ser, um cavalheiro ocioso.

Apesar de tudo, ponderou a ideia de lhe contar agora. «Vou roubar as joias da tua mãe, espero que não te importes.» Ela talvez respondesse: «Boa ideia, a velha cabra nunca fez nada para as merecer.» Não, não seria essa a reação de Margaret. Considerava-se radical e acreditava na redistribuição da riqueza, mas isso era tudo em teoria: ficaria profundamente chocada se ele espoliasse, de facto, a sua família de parte da sua riqueza. Seria um rude golpe e mudaria os seus sentimentos por ele.

Ela olhou-o e sorriu.

Ele devolveu-lhe o sorriso com uma sensação de culpa e depois olhou pela janela.

O avião amarava numa baía em forma de ferradura, com aldeias dispersas na berma. Para trás ficava terra de cultivo. Ao - aproximarem-se, Harry avistou uma linha de comboio que serpenteava por entre as quintas até um cais comprido. Junto deste, estavam ancorados barcos de tamanhos diferentes e um pequeno hidroavião. A leste do cais estendiam-se milhas de praias de areia, com umas quantas cabanas grandes para férias de verão espalhadas

por entre as dunas. Harry pensou como seria bom ter uma casa à beira da praia num lugar como aquele. *Bem, se é isso que quero, é isso que terei*, disse a si próprio. *Vou ser rico!*

O avião amarou suavemente. Harry sentia-se agora menos tenso, já era um viajante experiente.

— Que horas são, Percy? — perguntou.

— Onze, hora local. Estamos atrasados uma hora.

— E quanto tempo ficamos aqui?

— Uma hora.

Em Shediak, o método de atracagem era diferente. Os passageiros não eram levados numa lancha. Ao invés, uma embarcação que parecia um barco de pesca de lagosta avançou e rebocou o avião. Ataram cabos a ambas as extremidades do avião, que foi puxado por um guincho até uma doca flutuante, ligada ao cais por um passadiço.

Aquele sistema resolveu um dos problemas de Harry. Nas escalas anteriores, onde os passageiros tinham sido levados numa lancha, houvera apenas uma hipótese de ir a terra. Assim, ele estivera a tentar pensar numa desculpa para ficar a bordo durante aquela escala, sem deixar que Margaret ficasse com ele. Agora, porém, podia deixá-la sair e dizer-lhe que a seguiria daí a uns minutos; era menos provável que ela insistisse em ficar com ele.

Um comissário abriu a porta, e os passageiros começaram a vestir os casacos e a pôr os chapéus. Todos os Oxenford se levantaram, para além de Clive Membury, que mal pronunciara uma palavra durante todo o longo voo, exceto, recordou-se Harry, de uma conversa bastante viva com o barão Gabon. Voltou a interrogar-se sobre que teriam falado. Impaciente, afastou o pensamento e concentrou-se nos seus próprios problemas. Quando os Oxenford iam a sair, Harry murmurou a Margaret: «Já te apanho.» Em seguida, foi à casa de banho.

Penteou-se e lavou as mãos, só para fazer alguma coisa. A janela partira-se durante a noite, e havia agora um painel opaco preso à moldura. Ouviu a tripulação descer as escadas da cabina de pilotagem e passar pela porta. Olhou para o relógio e decidiu esperar

mais dois minutos.

Calculou que quase toda a gente deveria sair. Em Botwood, muitos passageiros estavam demasiado ensonados, mas agora queriam esticar as pernas e apanhar ar fresco. Ollis Field e o seu prisioneiro ficariam a bordo, como sempre. Todavia, era estranho Membury ter desembarcado, se é que devia manter Frankie debaixo de olho. O homem do colete cor de vinho continuava a intrigá-lo.

O pessoal da limpeza viria quase de imediato. Escutou com atenção, mas não ouviu qualquer som do outro lado da porta. Abriu-a uma nesga e espreitou. Ninguém à vista. Cheio de cautela, saiu.

Em frente, a copa estava vazia. Olhou de relance para o 2.º compartimento: vazio. No salão, avistou uma mulher de costas com uma vassoura. Sem hesitar mais, subiu a escada.

Avançou com passos leves, pois não queria denunciar a sua presença. Na curva da escada, parou e escrutinou o chão da cabina até onde a vista alcançava. Não havia ninguém. Estava prestes a prosseguir quando surgiu um par de calças de uniforme, atravessando a cabina para o lado oposto. Baixou-se e escondeu-se para lá da curva e depois espreitou. Era o engenheiro-adjunto, Mickey Finn, o que o apanhara da última vez. O homem deteve-se no posto de engenharia e virou-se. Harry recuou a cabeça, perguntando-se qual o destino dele. Iria descer as escadas? Escutou atentamente. Os passos atravessaram a cabina e deixaram de se ouvir. Da última vez, recordou-se Harry, vira Mickey no compartimento da proa a fazer qualquer coisa com a âncora. Estaria a suceder o mesmo agora? Tinha de arriscar.

Subiu em silêncio.

Assim que ficou suficientemente alto, olhou para a frente. Calculara bem: a vigia estava aberta e Mickey desaparecera. Não parou para ver melhor. Apressou-se a atravessar a cabina de pilotagem e passou depressa pela porta do fundo, entrando no porão. Fechou-a suavemente e voltou a respirar.

Anteriormente revistara o porão de estibordo. Desta vez dirigiu-se ao de bombordo.

Percebeu imediatamente que a sorte estava com ele. A meio do porão via-se um enorme baú de viagem de couro verde e dourado com tachas de latão luzidias. Teve a certeza de que pertencia a Lady Oxenford. Verificou a etiqueta; não havia nome, mas a morada era The Manor, Oxenford, Berkshire.

— Bingo! — disse baixinho.

Estava trancado com um fecho simples, que ele abriu com a lâmina do canivete.

Para além do fecho, havia seis ferragens de latão, trancadas sem chave. Soltou-as todas. O baú fora concebido para ser usado como guarda-fatos numa cabina privada a bordo de um transatlântico. Harry pô-lo ao alto e abriu-o. Estava dividido em dois espaçosos armários. De um lado, havia um varão com vestidos e casacos pendurados e um pequeno espaço para sapatos ao fundo. O outro continha seis gavetas.

Harry revistou primeiro as gavetas. Eram feitas de madeira leve coberta de couro e forradas com veludo. Lady Oxenford levava blusas de seda, camisolas de caxemira, roupa interior de renda e cintos de pele de crocodilo.

Do lado oposto, a parte de cima do baú erguia-se como uma tampa, e o varão deslizava para fora para facilitar o acesso aos vestidos. Harry passou as mãos para cima e para baixo em todas as peças de vestuário e apalpou os lados do baú.

Por fim abriu a caixa do calçado. Continha apenas sapatos.

Ficou desanimado. Tivera tanta certeza de que ela trouxera as joias consigo, mas talvez o seu raciocínio tivesse uma falha.

Era demasiado cedo para desistir.

A primeira ideia foi procurar o resto da bagagem da família - Oxenford, mas repensou essa hipótese. *Se eu fosse transportar joias sem preço em bagagem de porão*, pensou, *tentaria escondê-las de alguma forma*. E seria mais fácil criar um esconderijo num grande baú do que numa mala normal.

Decidiu procurar de novo.

Começou pelo lado do guarda-fatos. Enfiou um braço por dentro do

baú e outro por fora e tentou avaliar a espessura dos lados: se parecesse anômala, talvez houvesse um compartimento secreto. Contudo, não encontrou nada de invulgar. Virando-se para o outro lado, puxou completamente para fora todas as gavetas.

E descobriu o esconderijo.

O coração bateu-lhe mais depressa.

Um grande envelope castanho e uma carteira de pele haviam sido colados com fita ao fundo do baú.

— Amadores — comentou, abanando a cabeça.

Cada vez mais empolgado, começou a arrancar a fita, e o primeiro objeto a soltar-se foi o envelope. Ao apalpá-lo, sentiu que continha apenas um maço de papéis, mas Harry rasgou-o na mesma. Lá dentro havia cerca de cinquenta folhas de papel grosso com letras impressas elaboradas. Precisou de um momento para perceber o que era, mas acabou por decidir que eram títulos financeiros ao portador, cada um com o valor de cem mil dólares.

Cinquenta perfaziam cinco milhões de dólares, ou seja, um milhão de libras.

Harry sentou-se no chão a olhar para os títulos. O governo britânico emitira regras de controlo sobre os câmbios de emergência para impedir o dinheiro de sair do país. Oxenford estava a traficar os seus títulos, o que era evidentemente crime.

É tão vigarista quanto eu, pensou ele ironicamente.

Nunca roubara títulos. Conseguiria levantá-los? Eram pagáveis ao portador, como se encontrava claramente expresso na frente de cada certificado, mas estavam também numerados, a fim de poderem ser identificados. Iria Oxenford declarar o roubo? Isso significaria que os traficava para fora de Inglaterra. Todavia, seria provavelmente capaz de pensar numa mentira para camuflar esse facto.

Era demasiado perigoso. Harry não tinha experiência naquele campo e, se tentasse levantar os títulos, seria apanhado. Pô-los de lado com relutância.

O outro item escondido era uma espécie de pasta de pele castanha semelhante a uma carteira de homem, mas um pouco maior. Harry

soltou-a.

Parecia um estojo de joias.

Um fecho-ecler fechava a pasta de pele macia, e Harry abriu-o.

Ali, sobre o forro de veludo preto, estava o conjunto Delhi.

Na semiescuridão do porão parecia brilhar como um vitral numa catedral. O vermelho intenso dos rubis alternava com o arco-íris cintilante dos diamantes. As pedras eram enormes, perfeitamente iguais e lapidadas com apuro, cada uma encastrada numa base de ouro, rodeada por delicadas pétalas de ouro. Harry ficou siderado.

Pegou no colar com toda a solenidade e deixou que as pedras lhe corressem entre os dedos como água colorida. Que estranho, pensou, absorto, que algo pareça tão quente e se revele tão frio. Era a peça de joalheria mais bela em que já tocara, talvez a mais bela jamais criada.

E iria mudar a sua vida.

Passado um ou dois minutos, pousou o colar e examinou o resto do conjunto. A pulseira era como o colar, com rubis e diamantes alternados, embora as pedras fossem proporcionalmente mais pequenas. Os brincos eram de uma delicadeza refinada: cada um tinha um rubi com um pingente de diamantes e rubis alternados num fio de ouro, cada uma das pedras uma versão minúscula do engaste das pétalas de ouro.

Harry imaginou as joias em Margaret. O vermelho e o ouro teriam um efeito maravilhoso na sua tez pálida. *Gostava de a ver apenas com isto*, pensou, e a visão provocou-lhe uma ereção.

Não tinha bem a certeza de quanto tempo estivera sentado no chão, a admirar as pedras preciosas, quando ouviu alguém aproximar-se.

A primeira ideia que lhe passou pela cabeça era que se tratava de novo do engenheiro-adjunto, mas os passos soavam diferentes: intrometidos, agressivos, autoritários... oficiais.

De súbito, sentiu-se tenso de medo, o estômago contraído, os dentes apertados, os punhos cerrados.

Os passos aproximaram-se rapidamente. Num ataque súbito de

atividade, Harry voltou a colocar as gavetas, atirou lá para dentro o envelope com os títulos e fechou o baú. Estava a enfiar o conjunto Delhi no bolso quando a porta do porão se abriu.

Escondeu-se atrás do baú.

Fez-se um longo momento de silêncio. Tinha a horrível sensação de não se ter baixado com suficiente rapidez e de o tipo o ter visto. Ouviu uma respiração um tanto pesada, como a de um homem gordo que tivesse subido as escadas a correr. Iria o tipo entrar e revistar o porão? Harry susteve a respiração. A porta fechou-se.

O homem ter-se-ia ido embora? Escutou atentamente, mas já não ouvia qualquer respiração. Levantou-se devagar e espreitou. O homem desaparecera.

Suspirou de alívio.

Mas que se estaria a passar?

Tinha a sensação de que os passos fortes e a respiração pesada pertenciam a um polícia. Ou talvez a um agente alfandegário. Talvez tivesse sido apenas uma verificação de rotina.

Foi até à porta e abriu-a uma nesga. Ouviu vozes abafadas vindas da cabina de pilotagem, mas não parecia haver alguém mesmo ali. Saiu e ficou junto à porta que dava para a cabina, que estava entreaberta. Ouviam-se duas vozes masculinas.

— O tipo não está no avião.

— Tem de estar. Não saiu.

Falava num sotaque americano suave, que Harry reconheceu como canadiano. Estariam a falar de quem?

— Talvez tenha escapado depois de todos os outros.

— E para onde foi? Não está em lado nenhum.

Teria Frankie Gordino fugido, perguntou-se Harry.

— Mas afinal quem é ele?

— Dizem que é um «associado» do bandido que têm no avião.

Portanto, Gordino não fugira, mas um do seu gangue estivera a bordo, fora descoberto e fugira. Qual dos respeitáveis passageiros seria?

— Ser associado não é crime, pois não?

— Não, mas ele viaja com um passaporte falso.

Harry ficou gelado. Ele próprio viajava com um passaporte falso. Certamente que não podiam andar à procura dele.

— Bem, que fazemos agora? — ouviu um dos homens perguntar.

— Informamos o sargento Morris.

Passado um momento, ocorreu-lhe uma ideia assustadora: talvez o procurassem a ele. Se a polícia tivesse sabido ou adivinhado que alguém a bordo ia tentar salvar Gordino, seria natural que verificassem a lista dos passageiros, e em breve descobririam que Harry Vandenpost comunicara o roubo do seu passaporte havia dois anos; depois, bastava-lhes telefonarem-lhe para ficarem a saber que não se encontrava no *Clipper* da Pan American, mas sim sentado na cozinha a comer *cornflakes* e a ler o jornal matutino ou algo parecido. Sabendo que Harry era um impostor, partiriam do princípio de que era ele quem ia tentar salvar Gordino.

Não, disse a si próprio, não tires conclusões precipitadas. Pode haver outra explicação.

Uma terceira voz juntou-se à conversa. — De quem andam à procura? — Parecia ser o engenheiro-adjunto, Mickey Finn.

— Um tipo que usa o nome de Harry Vandenpost, mas que não é ele.

Aquilo clarificava tudo. O choque deixou-o aturdido. Fora descoberto. A visão da casa de campo com o campo de ténis esbateu-se como uma fotografia antiga, e no seu lugar viu Londres no *blackout*, um tribunal, uma cela de prisão, seguida mais tarde ou mais cedo de um quartel da tropa. Era a maior falta de sorte de que já ouvira falar.

O engenheiro dizia: — Sabem, encontrei-o aqui a bisbilhotar enquanto estávamos em Botwood.

— Bem, agora não está cá.

— Têm a certeza?

Cala-te, Mickey, pensou ele.

— Procurámos em todo o lado.

— Viram nos postos dos mecânicos?

— Onde são?

— Nas asas.

— Sim, vimos nas asas.

— Mas rastejaram até ao fundo? Há lá sítios onde nos escondermos que não se veem daqui da cabina.

— É melhor verificarmos de novo.

Aqueles dois polícias pareciam um tanto burros, pensou Harry. Duvidava de que o sargento confiasse muito neles. Se tivesse bom senso, ordenaria mais uma revista ao avião, e da próxima vez iriam certamente espreitar por trás do baú de viagem. Onde poderia ele esconder-se?

Existiam vários esconderijos pequenos, mas a tripulação devia conhecê-los todos. Uma busca meticulosa iria com certeza englobar o compartimento da proa, as casas de banho, as asas e o espaço estreito e vazio da cauda. Qualquer outro lugar que Harry descobrisse seria, sem dúvida, do conhecimento da tripulação.

Estava encurralado.

Conseguiria sair? Talvez pudesse deixar o avião furtivamente e escapar ao longo da praia. Era uma hipótese vaga, mas melhor que entregar-se. Contudo, mesmo que deixasse a aldeia sem ser detetado, para onde iria? Numa cidade, era capaz de se livrar de uma situação qualquer sem problemas, mas tinha a sensação de que se encontrava muito longe de qualquer cidade. No campo, era um caso perdido. Precisava de multidões, vielas, estações de caminho de ferro e lojas. Tinha a ideia de que o Canadá era um país bastante grande, na maioria coberto de florestas.

Ficaria a salvo se, ao menos, conseguisse chegar a Nova Iorque.

Onde, porém, se poderia esconder entretanto?

Ouviu os polícias saírem das asas. Por segurança, escondeu-se de novo no porão... e deu consigo a olhar de frente para a resposta ao seu problema.

Podia esconder-se no baú de Lady Oxenford.

Conseguiria entrar? Pensava que sim. Tinha cerca de cinco pés de altura e dois pés quadrados de área: se estivesse vazio, cabiam duas

peessoas lá dentro. É claro que não estava, e teria de arranjar espaço, tirando algumas peças de roupa. E que faria com elas? Não as podia deixar espalhadas por ali, mas talvez pudesse enfiá-las na sua mala, meio vazia.

Tinha de se apressar.

Rastejou por cima da bagagem empilhada e agarrou na sua mala. Trabalhando febrilmente, abriu-a e enfiou os casacos e os vestidos de Lady Oxenford lá dentro. Teve de se sentar na tampa para a fechar de novo.

Agora podia entrar no baú e descobriu que era fácil fechá-lo por dentro. Seria capaz de respirar, uma vez fechado? Não ficaria lá muito tempo; talvez se tornasse abafado, mas sobreviveria.

Iriam os chuis notar que os ferrolhos estavam destrancados? Talvez. Seria possível fechá-los por dentro? Parecia difícil. Estudou o problema durante um longo momento. Se abrisse orifícios no baú junto dos ferrolhos, talvez conseguisse enfiar lá o canivete e manipular os ferrolhos pelos orifícios, os quais também deixariam entrar ar.

Tirou o canivete. O baú era feito de madeira coberta de pele verde-acastanhada com um padrão de flores douradas. Como todos os canivetes, o seu tinha uma ferramenta aguçada para tirar pedras dos cascos dos cavalos. Espetou a ponta no meio de uma das flores e fez força. Penetrou facilmente na pele, mas a madeira era mais difícil. Furou para dentro e para fora. Calculou que a madeira tinha cerca de um quarto de polegada de espessura. Levou-lhe um ou dois minutos, mas conseguiu.

Puxou o furador. Devido ao padrão florido, mal se via o orifício.

Entrou no baú e, aliviado, confirmou que conseguia fechar e abrir as fechaduras por dentro.

Havia duas em cima e três de lado. Trabalhou primeiro as de cima por serem as mais visíveis. Terminara quando ouviu de novo passos.

Entrou no baú e fechou-o.

Daquela vez, não foi tão fácil fechá-lo. De pé, com as pernas dobradas, foi-lhe difícil manobrá-las, mas acabou por conseguir.

Após uns minutos, a posição tornou-se desconfortável e dolorosa. Torceu-se e virou-se, mas não sentiu qualquer alívio. Teria de aguentar.

A sua respiração soava-lhe muito alta, e os ruídos do exterior chegavam-lhe abafados. Contudo, ouvia os passos no exterior do porão, talvez por não haver carpete e as vibrações serem transmitidas através da cabina. Calculou que seriam pelo menos três pessoas. Não ouvia portas a abrirem-se e a fecharem-se, mas sentiu de súbito um passo muito mais perto e percebeu que alguém entrara no porão.

A voz soou mesmo ao seu lado. — Não percebo como é que o sacana nos escapou.

Não olhes para as fechaduras laterais, por favor, pensou Harry.

Ouviu um baque no topo do baú e susteve a respiração. Talvez o tipo tivesse apenas apoiado lá o cotovelo, pensou.

Alguém falou um pouco mais ao longe.

— Não, não está neste avião — retorquiu o homem. — Procurámos em todo o lado.

O outro falou de novo. Os joelhos doíam-lhe imenso. *Por amor de Deus,* pensou, *vão conversar para outro sítio!*

— Oh, vamos acabar por o apanhar. Não vai andar cento e cinquenta milhas até à fronteira sem que ninguém o veja.

Cento e cinquenta milhas! Precisaria de uma semana para percorrer tal distância. Talvez apanhasse uma boleia, mas naquela vastidão lembrar-se-iam certamente dele.

Durante uns segundos, ninguém falou, e, por fim, Harry ouviu os passos a afastarem-se.

Esperou um tempo sem ouvir nada.

Tirou o canivete e enfiou o furador por um dos orifícios para abrir o ferrolho.

Daquela vez foi ainda mais difícil. Doíam-lhe tanto os joelhos que mal conseguia manter-se de pé e teria caído se houvesse espaço. Ficou impaciente, enfiando o canivete no orifício vezes sem conta. Foi invadido por uma sensação claustrofóbica que o deixou em pânico e

pensou: *Vou sufocar aqui dentro!* Tentou acalmar-se e, passado um momento, conseguiu esquecer a dor, enquanto manejava cuidadosamente a lâmina através do orifício para que encaixasse na fechadura. Empurrou a lâmina, que levantou o aro de latão mas que depois escorregou. Rangeu os dentes e tentou de novo.

Dessa vez conseguiu abri-la.

Lenta e dolorosamente, repetiu o processo com a outra fechadura.

Por fim pôde afastar as duas metades do baú e endireitar-se. À medida que esticava as pernas, a dor nos joelhos tornou-se agonizante e quase gritou, mas depois diminuiu.

Que ia ele fazer?

Não podia sair do avião ali. Estaria possivelmente a salvo até chegarem a Nova Iorque, mas e então?

Teria de se manter escondido e escapar-se à noite.

Talvez resultasse. De qualquer modo, não tinha alternativa. O mundo ficaria a saber que roubara as joias de Lady Oxenford. Ainda mais importante, Margaret saberia, e ele não estaria presente para lhe explicar.

Quanto mais considerava essa possibilidade, mais lhe desagradava.

Sempre soubera que roubar o conjunto Delhi punha em risco a sua relação com Margaret, mas imaginara que estaria presente quando ela descobrisse o que ele fizera, de modo a poder compor as coisas. Mesmo assim, sentira-se incomodado. Agora, porém, podiam passar dias antes de conseguir contactá-la e, se as coisas corressem mal e ele fosse preso, seriam anos.

Calculava o que ela pensaria dele. Travara amizade com ela, haviam feito amor, ele prometera ajudá-la a arranjar uma casa nova; tudo, porém, não passara de um esquema, pois roubara as joias da mãe e abandonara-a. Margaret iria pensar que, desde o início, só estivera interessado nas joias e ficaria destroçada, acabando por o odiar e desprezar.

Essa ideia deixou-o infelicíssimo.

Até àquele momento, não se apercebera bem da diferença que ela

representava na sua vida. O amor dela era verdadeiro, ao passo que tudo o mais na sua vida fora falso: o sotaque, as maneiras, as roupas — toda a sua forma de vida constituía um disfarce. Margaret, porém, apaixonara-se pelo ladrão, o rapaz da classe trabalhadora sem pai, o verdadeiro Harry. Fora a melhor coisa que já lhe acontecera e, se a desperdiçasse, a sua vida continuaria a ser o que era agora, uma história de fingimento e de desonestidade. Ela fizera-o desejar algo mais. Ele continuava a sonhar com a casa de campo e o campo de ténis, mas não lhe traria qualquer prazer se ela não estivesse presente.

Suspirou. O rapaz deixara de ser rapaz. Talvez estivesse a fazer-se homem.

Abriu o baú de Lady Oxenford e tirou do bolso o estojo de pele castanha com o conjunto Delhi.

Abriu-o e, mais uma vez, tirou de lá as joias. Os rubis cintilavam como brasas. *Provavelmente nunca mais verei uma coisa assim*, pensou.

Voltou a guardá-las e depois, com o coração pesado, colocou de novo o estojo no baú.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Nancy Lenehan estava sentada no longo cais de madeira de Shediac, no exterior do terminal aéreo, de frente para a água. O edifício parecia uma cabana de praia, com flores nos canteiros das janelas e toldos nas janelas. Contudo, uma antena de rádio lateral e uma torre de observação no telhado denunciavam a sua verdadeira função.

Mervyn Lovesey instalara-se a seu lado, numa cadeira de lona às riscas. As águas calmas murmuravam suavemente de encontro ao cais, e Nancy fechou os olhos. Não dormira muito. Um sorriso breve levantou-lhe os cantos dos lábios ao recordar como ela e Mervyn se haviam comportado durante a noite. Estava satisfeita por não ter ido até ao fim. Teria sido demasiado repentino. E assim teria algo por que ansiar.

Shediac era uma vila piscatória e uma estância de veraneio. Para oeste do cais, via-se uma baía iluminada pelo sol, na qual vogavam alguns barcos de pesca da lagosta, uns barcos a motor e duas aeronaves, o *Clipper* e um pequeno hidroavião. Para leste, havia uma larga praia de areia que parecia estender-se ao longo de quilómetros, e a maioria dos passageiros sentava-se nas dunas ou passeava à beira-mar.

A paz do quadro foi perturbada por dois automóveis que guincharam ao longo do cais. De lá saíram sete ou oito polícias, que entraram apressados no terminal aéreo. Nancy murmurou para Mervyn: — Parecia que queriam prender alguém.

Ele assentiu, dizendo: — Quem poderá ser?

— Talvez o Frankie Gordino, não?

— Não pode ser, esse já está preso.

Alguns momentos mais tarde, os homens saíram do edifício. Três deles entraram no *Clipper*, dois caminharam ao longo da praia e dois seguiram pela estrada. Pareciam estar à procura de alguém. Quando um dos membros da tripulação assomou à porta, Nancy quis saber:

— De quem é que eles andam à procura?

Primeiro, o homem hesitou, como se não soubesse se podia revelar alguma coisa, mas de seguida encolheu os ombros e disse: — Do tipo que diz ser o Harry Vandenpost. Não é o seu nome verdadeiro.

Nancy franziu o sobrolho. — Esse é o rapaz que estava sentado com a família Oxenford. — Ela tinha a impressão de que Margaret Oxenford estava a ficar com uma paixoneta por ele.

Mervyn confirmou: — Pois é. Saiu do avião? Eu não vi.

— Não tenho a certeza.

— Pareceu-me ser do tipo espertalhão.

— Deveras? — Nancy tomara-o por um rapaz de boas famílias. — Tem muito boas maneiras.

— Exatamente!

Nancy reprimiu um sorriso: seria muito típico de Mervyn o facto de detestar homens com modos excelentes. — A Margaret pareceu-me bastante interessada nele. Espero que não se desiluda.

— Os pais dela hão de ficar agradecidos por ter escapado de boa.

Nancy não conseguia simpatizar com os pais. Ela e Mervyn haviam assistido à grosseria de Lord Oxenford na sala de jantar do *Clipper*. - Pessoas daquelas mereciam tudo. Contudo, Nancy teria pena de - Margaret se ela se tivesse apaixonado por um vigarista.

Mervyn afirmou: — Eu não sou do tipo impulsivo, Nancy.

De súbito, ela ficou atenta.

Ele prosseguiu: — Só nos conhecemos há umas horas, mas tenho a certeza absoluta de que quero ficar consigo o resto da vida.

Nancy pensou: *Não podes ter a certeza absoluta, idiota!* Ainda assim, ficou satisfeita. E não disse nada.

— Tenho estado a pensar, tenho de deixá-la em Nova Iorque e voltar para Manchester, e não quero.

Nancy sorriu. Era exactamente aquilo que queria ouvi-lo dizer. Estendeu a mão e tocou na dele. — Fico tão contente — disse.

— Fica? — Ele inclinou-se para a frente. — O problema é que em breve vai ser praticamente impossível atravessar o Atlântico, a não

ser para os militares.

Ela assentiu com um aceno de cabeça. Isso também lhe ocorrera. Não se detivera no assunto, mas tinha a certeza de que encontrariam uma solução se estivessem ambos decididos.

Mervyn continuou: — Se nos separarmos agora, podem passar anos, literalmente, até nos podermos ver de novo. E isso não posso aceitar.

— Eu sinto o mesmo.

Mervyn inquiriu: — Nesse caso, volta comigo para Inglaterra?

O sorriso desapareceu-lhe do rosto. — O quê?

— Volte comigo. Vai para um hotel, se quiser, ou compra uma casa ou um apartamento, o que quiser.

A indignação crescia dentro dela. Nancy cerrou os dentes e tentou acalmar-se. — Você está doido — disse com desdém e desviou o olhar, sentindo-se amargamente desiludida.

Ele pareceu magoado e confuso com a reação dela. — O que se passa?

— Eu tenho um lar, dois filhos e uma empresa de milhões de dólares — declarou —, e você pede-me para deixar tudo para me mudar para um hotel em Manchester?

— Não se você não quiser! — exclamou indignado. — Venha viver comigo, se é isso que quer.

— Eu sou uma viúva respeitável com um lugar na sociedade, não vou viver como uma manteúda de casa posta.

— Ouça, acho que nos havemos de casar, tenho a certeza disso, mas não creio que esteja preparada para assumir um tal compromisso, pois não? Depois de apenas algumas horas...

— Não é essa a questão, Mervyn — retorquiu ela, embora fosse de certa maneira. — Não importa que tipo de planos você tem em mente, mas ofende-me que parta do princípio de que vou deixar tudo para o seguir até Inglaterra.

— Mas de que outra forma é que poderíamos estar juntos?

— Por que razão é que não fez essa pergunta em vez de presumir a resposta?

— Porque a resposta é apenas uma.

— Não, são três. Eu podia mudar-me para Inglaterra, você podia mudar-se para a América ou podíamos ir viver juntos para outro sítio, as Bermudas por exemplo.

Mervyn ficou desconcertado. — Mas o meu país está em guerra. Tenho de participar. Posso estar muito velho para o serviço ativo, mas a Força Aérea vai precisar de milhares de hélices, e eu sei mais do assunto do que qualquer outro. Vou ser necessário.

Tudo o que ele dizia parecia piorar as coisas. — Por que motivo é que está a partir do princípio de que o meu país não precisa de mim? — contrapôs ela. — Eu fabrico botas para os soldados e, quando os Estados Unidos entrarem na guerra, haverá muito mais soldados a precisarem de botas de qualidade.

— Mas eu tenho uma fábrica em Manchester.

— E eu tenho uma em Boston, e muito maior, aliás.

— Para uma mulher, não é a mesma coisa!

— Claro que é, seu *idiota*! — gritou ela.

Logo se arrependeu de ter usado a palavra «idiota». Uma fúria gelada tomou-lhe conta do rosto: ofendera-o e muito. Ele ergueu-se da cadeira. Nancy quis dizer algo que o impedisse de se afastar de mau humor, mas não lhe ocorreram as palavras certas, e, passados momentos, Mervyn fora-se embora.

— Diabo — exclamou amargamente. Estava zangada com ele e furiosa consigo mesma. Não queria afastá-lo, gostava dele! Anos antes, aprendera que os confrontos diretos não eram a melhor maneira de lidar com homens: aceitavam-nos vindos de outros homens, mas não de mulheres. Nos negócios sempre mitigara o seu espírito combativo, suavizara o tom e conseguira o que pretendia, influenciando as pessoas e não discutindo com elas. Agora, por um instante, esquecera-se de tudo isso estupidamente e acabara por brigar com o homem mais atraente que encontrara nos últimos dez anos.

Sou tão idiota, pensou; sei que é orgulhoso, é uma das coisas que me agradam nele, faz parte da sua força. É um tipo duro, mas não

suprimiu as emoções como a maioria o faz tantas vezes. Vê a forma como atravessou meio mundo atrás da mulher. Vê como defendeu os judeus quando o lorde explodiu ao jantar. Lembra-te de como te beijou...

A ironia era que se sentia muito disposta a pensar numa mudança de vida.

A história que Danny Riley lhe contara sobre o pai havia-lhe dado uma perspetiva nova sobre toda a sua vida. Sempre partira do princípio de que ela e o irmão discutiam porque Peter se ressentia do facto de ela ser mais capaz. Todavia, esse tipo de rivalidade entre irmãos costumava dissipar-se durante a adolescência: os próprios filhos, que se tinham dado como cão e gato durante quase vinte anos, eram agora grandes amigos e ferozmente leais um ao outro. Ao invés, a hostilidade entre ela e Peter perdurara até à meia-idade, e só agora se apercebera de que fora o pai o responsável.

Ele dissera-lhe que seria ela a sua sucessora e que o irmão trabalharia sob as suas ordens; todavia, a Peter dissera exatamente o oposto. Assim, ambos julgavam estarem destinados a gerir a empresa. Porém, tudo começara bem mais cedo. Apercebia-se agora de que o pai sempre recusara estabelecer regras claras ou definir áreas de responsabilidade. Comprava brinquedos que ambos tinham de partilhar e recusava-se a mediar as inevitáveis disputas. Quando chegaram à idade de conduzir, tinha comprado um carro para os dois, e eles tinham-se guerreado por causa disso durante anos.

A estratégia do pai dera bons resultados com Nancy, tornando-a determinada e competente. Contudo, Peter acabara fraco, dissimulado e rancoroso. E agora o mais forte estava prestes a ganhar o controlo da empresa, conforme os planos paternos.

E era isso que perturbava Nancy: tudo ser conforme os planos do pai. Saber que tudo o que fizera fora previamente determinado por outrem arruinava o sabor da vitória. A vida inteira parecia-lhe agora não passar de um trabalho escolar estabelecido pelo pai: conseguira a melhor nota, mas, aos quarenta anos, já não tinha idade para andar na escola. Desejava furiosamente ser ela mesma a estabelecer os

seus objetivos e a levar a vida.

Na verdade, o seu estado de espírito era o certo para ter uma troca de ideias franca com Mervyn sobre o futuro de ambos. Contudo, ele ofendera-a ao partir do princípio de que abandonaria tudo e atravessaria meio mundo atrás dele, e ela, em vez de o convencer, dera-lhe uma descompostura.

Claro que não estava à espera de que se ajoelhasse e a pedisse em casamento, mas ainda assim...

Percebeu que, no fundo, achava que ele *devia* tê-la pedido em casamento. Afinal, ela não era uma estouvada qualquer; era uma americana nascida numa família católica, e, se um homem quisesse um compromisso, não aceitaria nada que não fosse pedir-lhe a mão. Se não pudesse fazer isso, não deveria pedir mais nada.

Suspirou. Bem que podia sentir-se indignada, mas fora ela quem o afastara. Talvez a desavença não perdurasse. Era o que desejava de todo o coração. Agora que estava em perigo de perder Mervyn, percebia quanto o desejava.

Os pensamentos foram interrompidos pela chegada de outro homem que havia afastado: Nat Ridgeway.

Ficou de pé em frente dela, tirou o chapéu com cortesia e disse: — Parece que mais uma vez me venceste.

Examinou-o por momentos. Nunca teria fundado e desenvolvido uma empresa como o pai dela fizera com a Black's Boots: não possuía nem a visão nem a vontade para tal. No entanto, era competente a gerir uma organização grande: era esperto, trabalhador e firme. — Se é que te serve de consolação, Nat — adiantou —, reconheço que cometi um erro há cinco anos.

— Um erro a nível profissional ou pessoal? — perguntou ele, num tom de voz que traía um ressentimento velado.

— Um erro nos negócios — retorquiu ela jovialmente. A partida de Nat pusera fim a um romance que mal começara, e ela não queria falar nisso. — Os meus parabéns pelo casamento — acrescentou. — Vi uma fotografia da tua mulher, é muito bonita. — Era mentira: seria atraente quanto muito.

— Obrigado — agradeceu. — Mas, voltando aos negócios, estou bastante surpreendido por teres recorrido a chantagem para obteres o que queres.

— Trata-se da aquisição de uma empresa, não de um chá de caridade. Foi o que me disseste ontem.

— *Touché*. — Hesitou por momentos. — Posso sentar-me?

De súbito, toda aquela formalidade impacientou-a. — Claro que sim, que diabo — exclamou. — Trabalhámos juntos anos a fio e andámos juntos umas semanas. Não precisas de autorização para te sentares, Nat.

Ele sorriu. — Obrigado. — Sentou-se na cadeira de lona de Mervyn e virou-a para poder olhar para ela. — Tentei adquirir a Black's sem a tua ajuda. Foi uma estupidez, e não consegui. E eu devia saber isso.

— Isso é indiscutível. — Apercebeu-se do tom hostil e acrescentou: — Mas também não guardo rancor.

— Ainda bem que dizes isso porque... continuo a querer comprar a empresa.

Aquilo apanhou-a de surpresa. Percebeu que estivera em risco de o subestimar. *Não baixes a guarda!*, disse para si. — O que tinhas em mente?

— Vou tentar de novo — afirmou. — Claro que, da próxima vez, vou fazer uma proposta mais favorável. Mas mais importante ainda é que quero que estejas ao meu lado, antes e depois da aquisição. Quero negociar contigo e depois pretendo que sejas diretora da General Textiles com contrato assinado por cinco anos.

Não estava à espera daquilo e não soube o que pensar. Fez uma pergunta para ganhar tempo: — Um contrato? Para fazer o quê?

— Para gerir a Black's Boots como um dos departamentos da General Textiles.

— Deixaria de ser independente. Passaria a ser empregada.

— Dependendo da forma como estruturarmos o acordo, podias ser acionista. E terás toda a independência que queres ao mesmo tempo que vais ganhando dinheiro. Eu nunca interfiro com os departamentos que dão lucro. Mas, se perderes dinheiro, aí sim, perdes

independência. Eu despeço quem fracassa. — Abanou a cabeça e continuou: — Mas tu não falhas.

O instinto dizia-lhe para recusar. Por muito que dourasse a pílula, Nat continuava a pretender tirar-lhe a empresa. Contudo, uma recusa imediata seria aquilo que o pai queria, e Nancy resolvera deixar de viver a vida conforme os planos paternos. Porém, tinha de dizer alguma coisa e, assim, decidiu mostrar-se evasiva. — Poderia estar interessada.

— Isso basta-me — declarou ele, erguendo-se. — Pensa no assunto, pensa num acordo com o qual concordasses. Não estou a oferecer-te um cheque em branco, mas quero que percebas que estou pronto a ir muito longe para te deixar satisfeita. — Nancy estava algo perplexa: a técnica dele era persuasiva. Aprendera muito nos últimos anos. Ele olhou além dela na direção de terra. — Creio que o teu irmão quer falar contigo.

Ela olhou para trás e viu Peter aproximar-se. Nat pôs o chapéu e afastou-se. Aquilo mais parecia uma ofensiva militar sincronizada. Fitou o irmão com ressentimento. Enganara-a, traíra-a, e era-lhe difícil falar com ele. Teria gostado de meditar na surpreendente proposta de Nat Ridgeway e de pensar como é que se enquadrava nos sentimentos novos que tinha sobre a vida, mas Peter não lhe deu tempo para isso. Em frente dela, inclinou ligeiramente a cabeça para o lado num gesto que a fez lembrar-se de quando era rapaz e inquiriu: — Podemos conversar?

— Duvido — ripostou ela.

— Quero pedir desculpa.

— Lamentas a traição, agora que fracassou.

— Queria fazer as pazes.

Hoje toda a gente quer chegar a um acordo comigo, pensou com amargura. — Como é que poderás compensar-me por aquilo que me fizeste?

— Não posso — respondeu ele de imediato. — Nunca. — Sentou-se na cadeira que Nat acabara de deixar vaga. — Quando li o teu relatório, senti-me tão idiota. O que dizias era que não sou capaz de

gerir o negócio, que não tenho o calibre do pai e que a minha irmã é melhor que eu, e fiquei tão envergonhado, porque no fundo sabia que era verdade.

Bem, pensou ela, que progresso.

— Fiquei furioso, Nan, essa é que é a verdade. — Quando eram crianças, sempre se haviam chamado Nan e Petey, e aquilo deu-lhe um nó na garganta. — Acho que não sabia o que estava a fazer.

Ela abanou a cabeça. Era a desculpa típica de Peter. — Sabias muito bem o que estavas a fazer. — Contudo, naquele momento sentiu-se mais triste do que irada.

Um grupo de pessoas parou perto da porta do edifício da companhia, a tagarelar. Peter olhou-as, irritado, e propôs: — Vamos passear um pouco?

Ela suspirou. No fim de contas, era o seu irmão mais novo. Ergueu-se.

Ele lançou-lhe um sorriso radiante.

Foram até ao fundo do cais, atravessaram a linha férrea e desceram até à praia. Nancy descalçou os sapatos de salto alto e caminhou pela praia de meias altas. A brisa levantou o cabelo louro de Peter, e ela ficou um pouco chocada ao aperceber-se de que já começava a rarear-lhe nas têmporas. Perguntou-se por que motivo nunca teria reparado e viu que ele se penteava cuidadosamente de forma a esconder a falha. Aquilo fê-la sentir-se velha.

Não havia ninguém em redor, mas Peter manteve-se em silêncio e foi Nancy quem acabou por falar. — O Danny Riley disse-me uma coisa esquisita, que o pai fez as coisas de modo a que nós os dois brigássemos.

Peter franziu o sobrolho. — Mas por que razão faria isso?

— Para nos tornar mais fortes.

Ele soltou uma gargalhada áspera. — E tu acreditas?

— Acredito.

— Eu também.

— Decidi que não vou viver o resto da vida sob o controlo do pai.

Ele assentiu com um aceno, após o que inquiriu: — E isso quer

dizer o quê?

— Ainda não sei. Talvez aceite a oferta do Nat e funda a nossa empresa com a dele.

— Já não é a nossa empresa, Nan. É a tua.

Ela examinou-o. Seria genuíno? Sentiu-se maldosa por ser tão desconfiada. Decidiu dar-lhe o benefício da dúvida.

Peter pareceu honesto ao prosseguir: — Eu não tenho jeito para o negócio, portanto vou deixá-lo para vocês, que são bons.

— E o que farás?

— Pensei em comprar aquela casa. — Estavam a passar por uma bela casa de madeira pintada de branco com portadas verdes. — Vou ter imenso tempo de férias.

Ela sentiu pena dele. — É uma casa bonita — comentou. — Mas está à venda?

— Tem um anúncio do outro lado. Já cá estive a bisbilhotar. Anda ver.

Contornaram a casa. Encontrava-se fechada, de portadas corridas, pelo que não puderam ver as divisões, mas do exterior era encantadora. No alpendre espaçoso via-se uma cama de rede pendurada e havia um campo de ténis no jardim. Na extremidade oposta, erguia-se um edifício mais pequeno, sem janelas, que Nancy imaginou tratar-se da casa onde se guardavam barcos. — Podias ter um barco — sugeriu ela. Peter sempre gostara de velejar.

A construção tinha uma porta lateral que estava aberta. Peter entrou. Nancy ouviu-o exclamar: — Deus do céu!

Seguiu-o e espreitou pela escuridão. — O que foi? — inquiriu, preocupada. — Petey, estás bem?

Peter apareceu a seu lado e pegou-lhe no braço. Por uma fração de segundo viu-lhe o sorriso malévolo e triunfante no rosto e percebeu que tinha cometido um erro terrível. Nesse instante ele puxou-lhe pelo braço com violência, forçando-a a entrar. Nancy tropeçou, deu um grito, largou os sapatos e a mala de mão e caiu no chão poeirento.

— Peter! — bradou furiosa. Ouviu três passos apressados, a porta

bateu com violência, e achou-se na escuridão. — Peter? — chamou, receosa. Levantou-se. Ouviu algo a ser arrastado e depois um estrondo como se pusessem algo de encontro à porta para a trancar. Gritou: — Peter! Diz qualquer coisa!

Não houve resposta.

Um medo histérico subia-lhe pela garganta, e apeteceu-lhe gritar. Levou a mão à boca e mordeu o nó do polegar. Passado um momento, o pânico começou a diminuir.

Ali no escuro, sem conseguir ver e desorientada, apercebeu-se de que tudo aquilo fora planeado: o irmão descobrira a casa vazia com aquele armazém tão conveniente, atraíra-a para lá e fechara-a para que perdesse o avião e não pudesse votar na reunião. Os remorsos, as desculpas, a conversa sobre desistir da empresa e a franqueza dorida não haviam passado de um embuste. Fora cínico a ponto de evocar a infância de ambos para a amolecer. Mais uma vez, acreditara nele, e, mais uma vez, ele a traíra. Era o suficiente para a fazer chorar.

Mordeu o lábio e analisou a situação. À medida que os olhos se habituavam à escuridão, conseguiu vislumbrar uma linha de luz por baixo da porta. Encaminhou-se para ela, de mãos estendidas. Quando chegou à porta, tateou a parede de ambos os lados e descobriu um interruptor. Acendeu-o, e o espaço inundou-se de luz. Viu a maçaneta da porta e, sem muita esperança, tentou abri-la. Não se moveu: ele tinha-a trancado bem. Encostou o ombro e usou toda a sua força, mas, ainda assim, não se moveu.

Doíam-lhe os cotovelos e os joelhos da queda, e as meias estavam rotas. — Seu porco — vociferou para o irmão ausente.

Calçou os sapatos, pegou na mala e olhou em redor. A maior parte do espaço era ocupada por um grande veleiro pousado sobre uma carreta com rodas. O mastro estava pendurado do teto, e as velas haviam sido cuidadosamente dobradas no convés. Na frente via-se uma porta larga. Nancy examinou-a e, como esperara, viu que estava bem trancada.

A casa situava-se um pouco recuada em relação à praia, mas

havia a hipótese de alguns passageiros do *Clipper* ou até qualquer outra pessoa passarem pelo local. Nancy inspirou com força e gritou o mais alto que conseguiu: — Socorro! Socorro! Socorro! — Decidiu gritar a intervalos de um minuto para não ficar rouca. Tanto a porta da frente como a lateral eram resistentes e feitas à medida, mas talvez conseguisse arrombá-las com um pé de cabra. Olhou em volta. O proprietário era arrumado: não guardava os utensílios de jardinagem na casa do barco. Não se via qualquer pá ou ancinho.

Mais uma vez gritou por socorro, e depois subiu ao convés do barco, ainda à procura de uma ferramenta. Havia diversos compartimentos, mas todos tinham sido fechados à chave pelo metódico proprietário. Desde o alto do convés, uma vez mais percorreu todo o espaço com o olhar, mas não viu nada de novo. — C'os diabos! — bradou em voz alta.

Sentou-se no patilhão retrátil e pôs-se a pensar, desalentada. Estava bastante frio, e ficou contente por ter o seu casaco de caxemira. Continuou a gritar por socorro a espaços, mas, à medida que o tempo passava, as esperanças diminuía. Àquela hora, os passageiros do *Clipper* já teriam regressado a bordo e em breve o avião partiria, deixando-a em terra.

Ocorreu-lhe que perder a empresa poderia ser o menor dos seus problemas. E se ninguém fosse à casa do barco no espaço de uma semana? Podia morrer ali. Em pânico, começou a gritar bem alto, sem parar. Sentia uma ponta de histeria na voz, e isso ainda a assustava mais.

Passado tempo, acabou por se cansar, e isso acalmou-a. Peter podia ser mau, mas não era um assassino e não a deixaria morrer. Era provável que tencionasse fazer uma chamada anónima à polícia de Shediak e dizer-lhes para a libertarem. Ainda assim, nunca antes da reunião do conselho de administração. Dizia a si mesma que não havia perigo, mas continuava profundamente inquieta. E se o irmão fosse pior do que ela pensava? E se se esquecesse? E se ficasse doente ou sofresse um acidente? Nesse caso, quem é que a salvaria?

Ouviu o ronco dos motores potentes do *Clipper* através da baía. O pânico deu lugar ao desespero total. Fora traída e derrotada e até perdera Mervyn, que por aquela altura já estaria a bordo, enquanto aguardava que o avião descolasse. Poderia estar a interrogar-se absortamente sobre o que lhe teria acontecido, mas, dado que as últimas palavras que ela lhe dissera haviam sido «seu idiota», era provável que imaginasse que ela tinha rompido com ele.

Mervyn fora tão arrogante ao presumir que ela o seguiria até Inglaterra. Contudo, para ser realista, qualquer homem teria partido do mesmo princípio, e fora uma tolice ter-se irritado por isso. Agora, tinham-se separado zangados, e nunca mais o veria. Na verdade, ela até poderia morrer.

O ronco dos motores distantes cresceu. O *Clipper* estava a levantar voo. O ruído manteve-se por um ou dois minutos, após o que começou a desvanecer à medida que o aparelho subia para o céu distante. *É isso, pensou, perdi a empresa e perdi o Mervyn, e o mais provável é morrer à fome aqui.* Não, não morreria à fome, morreria de sede, delirando e agonizando aos gritos...

Sentiu uma lágrima escorrer pela face e limpou-a com o punho do casaco. Tinha de se recompor. *Tem de haver uma saída daqui.* Olhou em redor mais uma vez. Perguntou-se se poderia utilizar o mastro como se fosse um aríete. Estendeu a mão para a eslinga. Não, o mastro era demasiado pesado para ser manipulado por uma pessoa só. Conseguiria perfurar a porta? Lembrava-se de histórias de prisioneiros em masmorras medievais que arranhavam as pedras com as unhas, anos a fio, numa tentativa vã de escavar uma saída. Ela não tinha anos e precisaria de algo mais forte que as unhas. Procurou na mala de mão. Tinha um pequeno pente de marfim, um batom vermelho-vivo quase no fim, um pó de arroz compacto barato que os filhos lhe haviam oferecido quando fizera trinta anos, um lençinho de assoar bordado, o livro de cheques, uma nota de cinco libras, diversas notas de cinquenta dólares e uma caneta pequena de ouro: nada que pudesse utilizar. Pensou nas roupas que usava. Tinha um cinto de crocodilo com uma fivela dourada. Lembrou-se de que

podia usar o espigão para escavar a madeira da porta em redor da fechadura. Seria uma longa tarefa, mas tinha todo o tempo do mundo. Desceu do barco e localizou a fechadura da grande porta da frente. A madeira era bastante sólida, mas talvez não tivesse de a perfurar completamente: quando tivesse feito um sulco profundo, talvez se partisse. Gritou por socorro mais uma vez. Ninguém respondeu.

Tirou o cinto. A saia não se segurava sem ele, portanto despiu-a, dobrou-a com cuidado e colocou-a sobre a amurada do veleiro. Embora ninguém a estivesse a ver, agradava-lhe o facto de ter vestidas umas cuequinhas bonitas orladas de renda e um cinto de ligas a condizer.

Raspou um quadrado em redor da fechadura e começou a escavar. O metal da fivela não era muito resistente e dobrou-se passado algum tempo. Ainda assim, prosseguiu, fazendo uma pausa de minuto a minuto para pedir socorro. Lentamente a marca transformou-se num entalhe, e a serradura soltava-se e caía no chão.

A madeira da porta era macia, talvez por causa do ar húmido. O trabalho continuou a bom ritmo, e começou a pensar que seria capaz de sair em breve.

No instante em que se sentia mais esperançosa, o espigão da fivela soltou-se.

Apanhou-o do chão e tentou continuar, mas, sem estar unido à fivela, era difícil trabalhar com ele. Se escavasse com força, saltava-lhe dos dedos, e, se assim não fizesse, não havia quaisquer progressos. Depois de o deixar cair umas cinco ou seis vezes, praguejou em voz alta, chorou lágrimas de raiva e socou a porta em vão com os punhos.

Uma voz perguntou: — Quem está aí?

Ela calou-se e imobilizou-se. Teria realmente ouvido alguém? - Gritou: — Socorro! Socorro!

— É você, Nancy?

O coração sobressaltou-se-lhe. O sotaque era britânico, e reconheceu a voz. — Mervyn! Graças a Deus!

— Tenho andado à sua procura. Que diabo é que lhe aconteceu?

— Tire-me daqui, está bem?

A porta abanou. — Está fechada à chave.

— Dê a volta de lado.

Nancy atravessou a construção, rodeando o veleiro, e chegou à porta lateral. Ouviu-o dizer: — Tem um calço... espere um pouco. — Nesse instante, apercebeu-se de que estava de roupa interior e meias altas, portanto puxou o casaco em sua volta para proteger a seminudez.

Uns momentos depois, a porta abriu-se com violência e ela atirou-se para os braços de Mervyn. — Pensei que ia morrer aqui! — exclamou e, para seu embaraço, rebentou em pranto.

Ele abraçou-a e acariciou-lhe o cabelo, enquanto a sossegava: — Pronto, pronto.

— O Peter fechou-me aqui — explicou por entre as lágrimas.

— Achei que ele devia ter aprontado alguma. Esse seu irmão é um belo sacana, se quer saber a minha opinião.

Nancy não queria saber de Peter, estava demasiado feliz por ver Mervyn. Olhou-o nos olhos por entre o nevoeiro das lágrimas e deu-lhe beijos por todo o rosto: nos olhos, nas faces, no nariz e, por fim, nos lábios. De súbito, percebeu que estava muitíssimo excitada e abriu a boca e beijou-o apaixonadamente. Ele abraçou-a e apertou-a com força. Ela encostou-se a ele, ávida do seu corpo. Ele correu-lhe as mãos pelas costas, por debaixo do casaco, e imobilizou-se, surpreendido, ao tocar nas cuequinhas. Afastou-se e mirou-a. O casaco abriu-se. — O que te aconteceu à saia?

Ela soltou uma gargalhada. — Estava a tentar furar a porta com a fivela do cinto, e a saia não se aguentava sem o cinto, portanto tirei-a...

— Mas que bela surpresa — disse ele em voz rouca, afagando-lhe as nádegas e a anca. Nancy sentiu o pénis ereto contra o ventre. Estendeu a mão e acariciou-o.

Num instante ficaram ambos loucos de desejo. Ela queria fazer amor ali mesmo, naquele momento, e sabia que ele sentia o mesmo. Cobriu-lhe os seios pequenos com as mãos grandes, e ela ofegou.

Desapertou-lhe os botões da braguilha e enfiou a mão lá dentro. E durante todo o tempo, uma vozinha soprava-lhe lá do fundo que podia ter morrido, ela podia ter morrido, e essa ideia dava-lhe ganas de se satisfazer. Encontrou o pénis, apertou-o e tirou-o para fora. Agora ambos ofegavam como corredores. Ela afastou-se um pouco e mirou o membro enorme na sua pequena mão branca. Cedendo a um desejo súbito e irresistível, curvou-se e tomou-o na boca.

Parecia encher-lha. Veio-lhe um cheiro musgoso às narinas e um sabor salgado à boca. Gemeu: esquecera-se de quanto gostava de fazer aquilo. Podia ter continuado sem parar, mas ele acabou por afastar-se com um gemido: — Para, antes que eu me venha.

Ele curvou-se em frente dela e baixou-lhe as cuequinhas lentamente. Nancy sentiu-se intimidada e ardente ao mesmo tempo. Ele beijou-lhe a púbis. Puxou-lhe as cuecas até aos tornozelos, e ela tirou-as.

Mervyn endireitou-se e abraçou-a de novo, e por fim a mão fechou-se-lhe sobre o sexo. Um momento depois sentiu um dedo entrar nela com facilidade. Continuavam a beijar-se, os lábios e as línguas num emaranhado frenético, apenas interrompido para respirar. Pouco depois, ela recuou, olhou em redor e perguntou: — Onde?

— Põe os braços à minha volta — disse ele.

Ela estendeu os braços e abraçou-se-lhe ao pescoço. Ele pôs-lhe as mãos debaixo das coxas e içou-a sem esforço. O casaco dela balouçava atrás de si. Enquanto ele a baixava, ela guiou-o para dentro de si, após o que lhe rodeou a cintura com as pernas traçadas.

Por momentos, ficaram imóveis, e ela saboreou a sensação - perdida havia muito, o sentimento de proximidade que advinha de ter um homem dentro de si, ambos os corpos tão intimamente juntos. Lembrava-se agora de que era a melhor sensação do mundo, e pensou que devia ter sido louca por ter vivido sem ela durante dez anos.

Então ela começou a mover-se, aproximando-se e afastando-se dele. Ouviu-o gemer roucamente, e o pensamento do prazer que ela lhe dava empolgou-a ainda mais. Sentiu-se desavergonhada, a fazer

amor naquela posição bizarra com um homem que mal conhecia. A princípio, questionou-se se ele iria aguentar o seu peso, mas ela era pequena e ele um homem corpulento. Ele agarrava-lhe as nádegas e impulsionava-a em movimentos para cima e para baixo. Ela fechou os olhos e saboreou a sensação do pénis a entrar e a sair e do clítoris premido contra o ventre dele. Esqueceu-se de se preocupar com a força de Mervyn e concentrou-se nas sensações que experimentava.

Passado algum tempo, abriu os olhos e olhou para ele. Queria dizer-lhe que o amava. No seu âmagô, algo lhe dizia que era demasiado cedo, mas sentia-o apesar de tudo. — És muito querido — murmurou.

O olhar dele disse-lhe que percebera. Sussurrou a nome dela e começou a mover-se mais depressa.

Ela fechou os olhos e concentrou-se nas ondas de prazer que emanavam de onde os dois corpos se juntavam. Ouviu-se, como se à distância, a dar pequenos gritos de prazer de cada vez que se afundava nele. Mervyn ofegava, mas aguentava o peso dela sem sinal de esforço. Percebeu que se continha, enquanto esperava por ela. Pensou na pressão que crescia dentro dele a cada movimento das suas ancas, e essa imagem excitou-a ainda mais. O corpo fremia-lhe de prazer, e gritou. Sentiu-o explodir e montou-o como um cavalo que escouceia enquanto o clímax tomava conta de ambos. Por fim, o prazer decresceu, Mervyn ficou imóvel, e ela abateu-se sobre o peito dele.

Ele abraçou-a com força e quis saber: — C'os diabos, para ti é sempre assim?

Ela riu-se, ofegante. Adorava um homem que a fizesse rir.

Por fim, ele pousou-a. Ficou em pé, trémula, e encostou-se a ele por mais alguns minutos. Em seguida, foi com relutância que se vestiu.

Sorriram um para o outro, sem falar, enquanto saíam para o sol brando e caminhavam lentamente pela praia até ao cais.

Nancy interrogava-se se o seu destino não seria ir viver para Inglaterra e casar-se com Mervyn. Perdera o combate pelo controlo

da empresa: seria impossível chegar a Boston a tempo da reunião, portanto Peter derrotaria Danny Riley e a tia Tilly na votação e levaria a melhor. Pensou nos filhos, agora já independentes: não precisava de viver a vida em função deles. E acabara de descobrir que, como amante, Mervyn era tudo o que desejava. Ainda estava atordoada e um tudo-nada fraca depois de fazer amor. *Mas que farei eu em Inglaterra?*, questionou-se. *Não posso ser dona de casa.*

Chegaram ao cais e ficaram a olhar a baía. Nancy interrogou-se sobre a frequência dos comboios a partir daquele sítio. Ia propor que procurassem saber quando percebeu que Mervyn olhava fixamente para algo à distância. — Para onde é que estás a olhar? — disse.

— Para um *Ganso* de Grumman — retorquiu, pensativo.

— Não estou a ver nenhuns gansos.

Ele apontou. — Aquele hidroavião pequeno chama-se *Ganso* de Grumman. Bastante recente, o modelo só saiu há poucos anos. É muitíssimo rápido, mais rápido que o *Clipper*...

Ela observou a aeronave. Era um monoplane bimotor de ar moderno com cabina fechada. Percebeu o que Mervyn estava a pensar. Num hidroavião, poderia chegar a Boston a tempo da reunião. — Será que o podíamos fretar? — perguntou, hesitante, mal ousando ter esperanças.

— Era nisso que estava a pensar.

— Vamos perguntar! — Apressou-se pelo cais até ao edifício da companhia aérea, e Mervyn seguiu-a, acompanhando-a sem dificuldade com a sua passada longa. O coração martelava-lhe no peito. Talvez ainda conseguisse salvar a sua empresa. Contudo, reprimiu a euforia, pois poderia haver alguma dificuldade.

Entraram, e um jovem com o uniforme da Pan American disse-lhes: — Ah! Perderam o avião!

Sem mais preâmbulos, Nancy perguntou: — Sabe a quem pertence aquele hidroavião pequeno?

— O *Ganso*? Claro que sei. Ao proprietário de uma fábrica, um homem chamado Alfred Southborne.

— Sabe se costuma alugá-lo?

— Sim, sempre que pode. Quer fretá-lo?

O coração de Nancy deu um salto. — Sim!

— Um dos pilotos está mesmo aqui, veio ver o *Clipper*. — O jovem recuou e falou para uma sala contígua. — Ned, estão aqui umas pessoas que querem fretar o teu *Ganso*.

Ned apareceu. Era um homem jovial de cerca de trinta anos que envergava uma camisa com galões. Fez um aceno cortês e disse: — Gostaria muito de os ajudar, mas o meu copiloto não está aqui e o *Ganso* precisa de uma tripulação de dois.

O coração de Nancy esmoreceu de novo.

Mervyn apresentou-se: — Sou piloto.

Ned pareceu cético. — E já pilotou um hidroavião?

Nancy susteve a respiração.

Mervyn respondeu: — Já, um *Supermarine*.

Nancy nunca ouvira tal nome, mas devia ser um avião de competição, pois Ned mostrou-se impressionado. — Participa em corridas? — inquiriu.

— Corri quando era novo. Agora só voo por prazer. Tenho um *Tiger Moth*.

— Bem, se pilotou um *Supermarine*, não terá nenhum problema em ser copiloto de um *Ganso*. E Mr. Southborne está fora até amanhã. Para onde pretendem ir?

— Para Boston.

— Fica-lhes em mil dólares.

— Sem problema! — afirmou Nancy, entusiasmada. — Mas precisamos de sair imediatamente.

O homem olhou-a algo surpreendido: tinha partido do princípio de que era o homem que liderava. — Podemos partir dentro de poucos minutos, minha senhora. Como é que deseja pagar?

— Passo-lhe um cheque pessoal ou pode mandar a fatura para a minha empresa em Boston, a Black's Boots.

— Trabalha na Black's Boots?

— Sou a proprietária.

— Eh, eu trago uns sapatos seus!

Ela olhou para baixo. O piloto calçava uns Oxford de biqueira, em preto, de seis dólares e noventa e cinco, número quarenta e três. — E como é que se sente com eles? — inquiriu mecanicamente.

— Excelente. São bons sapatos. Mas claro que a senhora sabe isso.

Ela sorriu. — Sei, sim — confirmou. — São bons sapatos.

PARTE SEIS

De Shediac à baía de Fundy

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Margaret estava louca de preocupação, enquanto o *Clipper* sobrevoava New Brunswick e se dirigia a Nova Iorque. Onde estaria Harry?

A polícia descobrira que ele viajava com um passaporte falso, facto que passou a ser do conhecimento dos passageiros. Não fazia ideia de como o tinham descoberto, mas isso não passava de uma pergunta académica. O mais importante era o que lhe fariam se o apanhassem. Provavelmente seria enviado de novo para Inglaterra, onde iria para a prisão por ter roubado os malditos botões de punho ou seria recrutado para o serviço militar. E depois como haveria ela de o encontrar?

Tanto quanto sabia, ainda não o tinham apanhado. A última vez que o vira, Harry tinha ido à casa de banho quando ela desembarcara em Shediac. Seria o início de um plano de fuga qualquer? Já saberia que estava metido em sarilhos?

A polícia revistara o avião e não o encontrara, portanto devia ter saído a um dado momento. Mas para onde fora? Estaria naquele momento a caminhar por uma estrada de campo, tentando que lhe dessem boleia? Ou talvez tivesse convencido o dono de um barco de pesca e saído por mar? O que quer que tivesse feito, a mesma pergunta não parava de a torturar: voltaria alguma vez a vê-lo?

Disse a si própria vezes sem conta que não podia desanimar. Perder Harry era doloroso, mas ainda tinha Nancy para a ajudar.

Agora o pai não a podia impedir de concretizar o seu plano. Era um falhado, estava exilado e perdera o poder de a coagir. Todavia, ainda receava que ele retaliasse, qual animal ferido encurralado, e fizesse algo destruidor e terrível.

Assim que o avião alcançou a velocidade de cruzeiro, desapertou o cinto de segurança e foi até à popa para falar com Mrs. Lenehan.

Os comissários preparavam a sala de jantar para o almoço quando ela passou. Mais atrás, no 4.º compartimento, Ollis Field e Frankie

Gordino sentavam-se lado a lado, algemados um ao outro. Margaret percorreu todo o avião até à parte traseira e bateu à porta da suíte nupcial. Não obteve resposta. Voltou a bater e depois abriu-a. Estava vazia.

Um medo frio envolveu-lhe o coração.

Talvez Nancy estivesse na casa de banho; mas, então, onde se encontrava Mr. Lovesey? Se tivesse ido à cabina de pilotagem ou à casa de banho, Margaret tê-lo-ia visto passar pelo 2.º compartimento. Ficou parada à porta, a testa franzida, a olhar em volta da suíte, como se eles pudessem estar escondidos algures. Mas não havia onde uma pessoa se esconder.

O irmão de Nancy, Peter, e o companheiro estavam sentados mesmo ao lado da suíte nupcial, do outro lado da coxia da casa de banho. Perguntou-lhes: — Onde está Mrs. Lenehan?

— Decidiu deixar o avião em Shediak.

Margaret soltou uma exclamação abafada. — O quê? — admirou-se. — Como é que sabe?

— Ela disse-me.

— Mas porquê? — insistiu ela num lamento. — O que é que a levou a ficar para trás?

Ele pareceu-lhe ofendido. — Não faço ideia — respondeu com frieza. — Ela não me explicou. Apenas me pediu que informasse o comandante de que não retomaria o seu lugar na última etapa da viagem.

Margaret sabia que era má educação interrogá-lo, mas insistiu. — Para onde foi ela?

Peter pegou num jornal do assento a seu lado. — Não faço ideia — disse e começou a ler.

A jovem ficou desolada. Como podia Nancy ter feito uma coisa daquelas? Sabia o quanto Margaret dependia da ajuda dela. Certamente não teria deixado o voo sem lhe dizer nada ou pelo menos deixado uma mensagem.

Fitou Peter com dureza. Achava que ele tinha ar de velhaco e que se mostrara demasiado incomodado com as suas perguntas. Num

impulso, afirmou: — Não acredito que me esteja a dizer a verdade. — Afirmar aquilo era um insulto e susteve a respiração enquanto esperava pela reação dele.

Ele ergueu o olhar, corando. — Herdou as maneiras rudes do seu pai, minha menina — declarou. — Por favor, vá-se embora.

Ela ficou arrasada. Não havia nada mais odioso do que dizerem-lhe que era como o pai. Afastou-se sem mais palavras, prestes a chorar.

Passando pelo 4.º compartimento, reparou em Diana Lovesey, a linda mulher de Mervyn. Todos tinham ficado fascinados com o drama da esposa em fuga, perseguida pelo marido, para além de se divertirem quando Nancy e Mervyn se tinham visto obrigados a partilhar a suíte nupcial. Perguntou-se, então, se Diana saberia o que acontecera ao marido. A pergunta seria embaraçosa, claro, mas ela estava demasiado desesperada para se preocupar com isso. Sentou-se ao lado de Diana e disse: — Desculpe, mas sabe o que aconteceu a Mr. Lovesey e a Mrs. Lenehan?

Diana mostrou-se surpreendida. — O que aconteceu? Não estão na suíte nupcial?

— Não, não estão a bordo.

— A sério? — Estava obviamente chocada e confusa. — Como assim? Perderam o avião?

— O irmão da Nancy diz que decidiram não terminar o voo, mas acho que não acredito nele.

Diana pareceu zangada. — Nenhum deles me disse o que quer que fosse.

Margaret olhou para Mark, o aprazível companheiro de Diana, com uma expressão interrogativa. — Eles certamente que não me contaram nada — respondeu ele.

Num tom de voz diferente, Diana comentou: — Espero que estejam bem.

— Que queres dizer, querida? — admirou-se Mark.

— Não sei, só espero que estejam bem.

Margaret concordou com um gesto de cabeça. — Não confio no irmão dela. Acho que é desonesto.

Mark afirmou: — Talvez tenha razão, mas acho que não há nada que possamos fazer a meio da viagem. Além disso...

— Sim, eu sei, já não tenho de me preocupar com ele — interrompeu Diana, irritada. — Mas foi meu marido durante cinco anos e preocupo-me.

— Quando chegarmos a Port Washington, haverá decerto uma mensagem dele — disse Mark calmamente.

— Espero que sim — respondeu Diana.

Davy, o comissário, tocou no braço de Margaret. — O almoço vai ser servido, Lady Margaret, e a sua família já está à mesa.

— Obrigada. — Não tinha vontade de comer, mas aqueles dois não tinham mais nada para lhe dizer.

Quando se levantou, Diana perguntou: — É amiga de Mrs. Lenehan?

— Ela ia dar-me um emprego — disse Margaret com amargura. E afastou-se a morder o lábio.

Os pais e Percy estavam já sentados na sala de jantar, e servia-se o primeiro prato: *cocktail* de lagosta, preparado com lagosta fresca de Shediak. Margaret sentou-se e disse automaticamente: — Peço desculpa por me atrasar. — O pai limitou-se a fitá-la, furioso.

Fez de conta que comia. Apetecia-lhe apoiar a cabeça na mesa e rebentar a chorar. Harry e Nancy haviam-na ambos abandonado sem avisar. Voltara à estaca zero, sem meios de ganhar a vida e sem amigos que a ajudassem. Era tão injusto: tentara ser como Elizabeth e planear tudo, mas o seu cuidadoso esquema ruíra.

Retiraram a lagosta e serviram sopa de rim. Margaret provou e pousou a colher. Sentia-se cansada e irritada. Doía-lhe a cabeça e estava sem apetite. O superluxuoso *Clipper* começava a parecer-lhe uma prisão. Viajavam havia quase vinte e sete horas, e estava farta. Queria deitar-se numa cama a sério, com um colchão confortável e muitas almofadas, e dormir durante uma semana.

Os outros sentiam igualmente a tensão. A mãe estava pálida e cansada. O pai sofria de ressaca, os olhos vermelhos e inflamados e mau hálito. Percy mostrava-se inquieto e agitado, como alguém que

tivesse bebido demasiado café forte, e não parava de lançar ao pai olhares hostis. Margaret teve a sensação de que em breve iria fazer algo de chocante.

Havia escolha para o prato principal: linguado frito com molho cardeal ou bife do lombo. Não lhe apetecia qualquer deles, mas escolheu o peixe, servido com batata e couves-de-bruxelas. Pediu a Nicky um copo de vinho branco.

Pensou nos dias deprimentes que a esperavam. Ficaria com a mãe e o pai no Waldorf, mas Harry não se esgueiraria para o seu quarto: ficaria deitada sozinha a suspirar por ele. Teria de acompanhar a mãe nas idas às compras. Depois, iriam todos para o Connecticut. Sem lhe perguntarem, inscrevê-la-iam num clube de equitação e noutro de ténis, e ela seria convidada para festas. A mãe criaria rapidamente um círculo social para a família, e em breve haveria rapazes «adequados» que a visitariam para o chá ou para *cocktails* ou a convidariam para passeios de bicicleta. Como poderia participar nisso tudo quando a Inglaterra estava em guerra? Quanto mais pensava no assunto, mais deprimida ficava.

Para sobremesa havia tarte de maçã com natas ou gelado com molho de chocolate. Pediu gelado e comeu-o todo.

O pai pediu brande com o café e depois clareou a garganta. Ia fazer um discurso. Seria possível que fosse pedir desculpa pela cena horrível durante o jantar da véspera? Impossível.

— Eu e a sua mãe temos andado a conversar sobre si — principiou.

— Como se eu fosse uma criada desobediente — atirou-lhe Margaret.

A mãe interveio: — É uma menina desobediente.

— Tenho dezanove anos e sou menstruada há seis... como posso ser tratada como uma criança?

— Chiu! — A mãe ficou chocada. — O simples facto de usar tais palavras em frente do seu pai mostra que ainda não é adulta.

— Desisto — suspirou ela. — É impossível ganhar.

O pai declarou: — A sua atitude idiota serve apenas para confirmar

tudo o que temos dito. Ainda não se pode esperar que leve uma vida social normal entre as pessoas da sua classe.

— Graças a Deus!

Percy riu-se alto, e o pai olhou-o, furioso, mas dirigiu-se a - Margaret: — Temos andado a pensar num local para onde a mandar, um sítio onde as oportunidades de arranjar sarilhos sejam mínimas.

— Tiveram em conta um convento?

Ele não estava habituado a que a filha fosse insolente, mas controlou a raiva com esforço. — Esse tipo de conversa não vai melhorar nada as coisas para si.

— Melhorar? Como é que as coisas podem ser melhores para mim? Os meus extremosos pais planeiam o meu futuro, tendo em conta os meus melhores interesses. Que mais poderia eu querer?

Para sua surpresa, a mãe deixou cair uma lágrima. — Está a ser muito cruel, Margaret — disse ela, limpando-a.

Ela ficou comovida. Ver a mãe a chorar destruiu-lhe a resistência e voltou a mostrar-se dócil. — O que é que quer que eu faça, mãe?

Foi o pai quem respondeu. — Vai viver com a sua tia Clare, que tem uma casa em Vermont. É nas montanhas, bastante isolada. Não haverá ninguém nas imediações para a menina envergonhar.

A mãe acrescentou: — A minha irmã Clare é uma mulher - maravilhosa. Nunca se casou. É o esteio da Igreja Episcopal em - Brattleboro.

Uma raiva fria apoderou-se de Margaret, mas controlou-se. — Que idade tem a tia Clare? — quis saber.

— Anda na casa dos cinquenta.

— E vive sozinha?

— À exceção dos criados, sim.

Margaret tremia de fúria. — Portanto, este é o meu castigo por tentar viver a minha própria vida — concluiu em voz trémula. — Sou exilada para as montanhas para viver sozinha com uma tia solteirona e louca. Quanto tempo esperam que eu lá fique?

— Até se acalmar — disse o pai. — Um ano, talvez.

— Um ano! — Parecia-lhe uma eternidade. Contudo, eles não

podiam obrigá-la a ficar lá. — Não sejam tão estúpidos. Eu enlouqueço, mato-me ou fujo.

— Não pode partir sem o nosso consentimento — afirmou o pai. — E, se o fizer... — Hesitou e interrompeu-se.

Margaret observou-lhe o rosto. *Meu Deus*, pensou, *até ele tem vergonha do que vai dizer. Que diabo pode ser?*

Ele comprimiu os lábios numa linha determinada e depois disse: — Se fugir, faremos com que seja declarada louca e internada num manicómio.

Margaret soltou uma exclamação abafada, e o horror que sentiu tirou-lhe as palavras. Não o imaginava capaz de tamanha crueldade. Olhou para a mãe, mas ela desviou o olhar.

Percy levantou-se e atirou com o guardanapo. — Seu velho idiota, passou-se de vez dos carretos — bradou e saiu da sala.

Se Percy tivesse falado assim uma semana antes, teria sido castigado, mas agora foi simplesmente ignorado.

Margaret olhou de novo para o pai, em cujo rosto se via um misto de culpa, desafio e obstinação. Sabia que estava a agir mal, mas não mudaria de ideias.

Por fim, ela encontrou as palavras para exprimir o que lhe ia no coração.

— O senhor condenou-me à morte.

A mãe começou a chorar baixinho.

De súbito, o ruído dos motores alterou-se. Todos ouviram, e as conversas cessaram. Sentiu-se um solavanco, e o avião começou a perder altitude.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Quando ambos os motores de bombordo deixaram de funcionar ao mesmo tempo, o destino de Eddie ficou traçado.

Até àquele momento, podia ter mudado de ideias. O avião teria seguido viagem, sem ninguém saber o que ele planeava. Nesse instante, porém, acontecesse o que acontecesse, tudo seria revelado. Nunca voltaria a voar, exceto talvez como passageiro: a sua carreira terminara. Lutou contra a raiva que ameaçava possuí-lo. Tinha de permanecer calmo e levar aquilo avante. Mais tarde pensaria nos sacanas que lhe haviam arruinado a vida.

O hidroavião tinha de fazer uma amargem de emergência. Os raptos entrariam a bordo e resgatariam Frankie Gordino. Depois disso tudo poderia acontecer. Carol-Ann ficaria a salvo? A Marinha apanharia os gângsteres numa emboscada quando fossem para terra? Seria ele próprio detido pelo papel que havia desempenhado em tudo aquilo? Eddie era prisioneiro do destino. Todavia, se conseguisse abraçar a mulher, sã e salva, nada mais teria importância.

Uns instantes após os motores deixarem de funcionar, chegou-lhe a voz do comandante Baker nos seus auscultadores. — Que diabo é que se passa?

Com a boca seca do nervosismo, Eddie teve de engolir duas vezes antes de conseguir falar. — Ainda não sei — afirmou. Mas sabia: os motores haviam parado porque não estavam a receber combustível; fora ele próprio a cortá-lo.

O *Clipper* dispunha de seis tanques. Os motores eram abastecidos por dois depósitos mais pequenos nas asas. A maior parte do combustível era armazenado em quatro grandes tanques de reserva, situados nas asas de flutuação que os passageiros utilizavam ao entrar e sair da aeronave.

O combustível podia ser bombeado dos tanques de reserva, mas não por Eddie, pois o controlo era feito pelo copiloto. No entanto,

Eddie podia bombear combustível dos depósitos de reserva para os das asas e vice-versa. Essas transferências eram controladas por dois grandes manípulos à direita do painel de instrumentos do engenheiro de voo. O avião voava naquele momento sobre a baía de Fundy, a cerca de cinco milhas do local de encontro, e Eddie passara os últimos minutos a secar os tanques das asas. O depósito a estibordo tinha combustível para mais algumas milhas; o de bombordo esgotara-se, fazendo parar os motores desse lado.

Bastaria simplesmente voltar a bombear combustível das reservas. Contudo, enquanto o avião fazia escala em Shediac, Eddie havia subido a bordo sozinho e manipulara os mostradores de modo a que, quando dissessem «Bombear», estavam de facto desligados e continuavam a bombear na posição de «Desligado». Naquele momento, os mostradores indicavam que ele estava a tentar encher os depósitos das asas, quando de facto nada se passava.

Eddie já usara as bombas com as configurações erradas na primeira parte daquele voo; outro engenheiro poderia ter reparado e ter-se interrogado que diabo estava a suceder. Eddie estivera sempre nervoso, pois Mickey Finn, o engenheiro-adjunto, podia subir lá acima. Contudo, o jovem continuava a bom dormir no 1.º compartimento, tal como ele esperara. Por norma, naquele ponto de uma viagem de longo curso, a tripulação fora de serviço costumava aproveitar para descansar.

Houvera dois momentos desagradáveis em Shediac. O primeiro fora quando a polícia tinha anunciado que um cúmplice de Frankie - Gordino se encontrava a bordo. Eddie partira do princípio de que estariam a referir-se a Tom Luther e de que o plano havia sido descoberto, e dera voltas à cabeça a tentar descobrir outra forma de resgatar Carol-Ann. Em seguida, tinham mencionado Harry Vandenpost, e Eddie quase pulara de satisfação. Não fazia ideia por que razão Vandenpost, que aparentava ser um simpático jovem americano de boas famílias, havia de viajar com um passaporte falso. Ainda assim, ficou-lhe grato por ter desviado as atenções de Luther. A polícia não investigou mais, Luther passou despercebido, e o plano

podia ser levado avante.

Contudo, aquilo fora demasiado para o comandante Baker. Eddie ainda recuperava do susto quando Baker deixou cair uma bomba. O facto de que houvera um cúmplice a bordo significava que alguém estava muito empenhado em resgatar Gordino, declarou, acrescentando que queria o homem fora do avião. Isso daria igualmente cabo de todo o plano.

Tivera lugar uma grande altercação entre Baker e Ollis Field, com o agente do FBI a ameaçar acusar o comandante de obstrução à justiça. No fim, Baker acabara por telefonar para a Pan American em Nova Iorque e delegara na empresa a resolução do problema. E a companhia aérea decidira autorizar que Gordino ficasse a bordo. Mais uma vez, Eddie ficara aliviado.

Também recebera boas notícias em Shediak. Uma mensagem incompreensível, mas inequivocamente enviada por Steve Appleby, confirmara que um cúter da Marinha dos Estados Unidos estaria a patrulhar a costa onde o *Clipper* ia amarar. Permaneceria longe da vista até à amarração propriamente dita, após o que intercetaria qualquer embarcação que entrasse em contacto com o hidroavião.

Fora uma excelente notícia para Eddie. Sabendo que os gângsteres seriam apanhados, ele poderia assegurar-se, de consciência tranquila, de que o plano decorreria sem problemas.

Naquele instante, o esquema estava quase consumado. O avião estava muito próximo do local de encontro e voava com apenas dois motores.

Num segundo, o comandante Baker apareceu ao lado de Eddie. O engenheiro de voo nada disse a princípio. De mão trémula, ligou o interruptor para o tanque de combustível de estibordo alimentar todos os motores e reiniciou os motores a bombordo. Em seguida, declarou: — O depósito da asa a bombordo secou, e não consigo enchê-lo.

— Porquê? — ripostou o comandante.

Eddie apontou para os manípulos. Sentindo-se traidor, disse: — Liguei as bombas, mas não estão a funcionar.

Os instrumentos de Eddie não mostravam nem o fluxo nem a

pressão de combustível, mas, ao fundo da cabina de voo, existiam quatro indicadores de nível para verificação visual do combustível nos tubos. O comandante olhou para cada um deles. — Nada! — exclamou. — Que combustível é que resta no tanque da asa a estibordo?

— Está quase seco... dá para algumas milhas.

— Como é que só deste por isso agora? — inquiriu, irritado.

— Pensei que estávamos a bombear — respondeu ele debilmente.

A resposta não convencia e o comandante estava furibundo. — Como é que duas bombas podem avariar ao mesmo tempo?

— Não sei... mas graças a Deus temos uma bomba manual.

Eddie pegou na alavanca ao lado da sua mesa e começou a acionar a bomba manual, que costumava ser usada apenas quando o engenheiro de voo drenava água dos depósitos de combustível em voo. Eddie havia-o feito imediatamente após a descolagem de Shediak, tendo-se esquecido de propósito de repor a válvula F, que permitia que a água fosse descartada. Assim, as suas bombas vigorosas não estavam a encher os depósitos de combustível, mas antes a vertê-lo para o mar.

Obviamente o comandante não sabia isso, e não seria provável que reparasse na posição da válvula F. Percebia, porém, que não se via combustível a passar nos indicadores de nível. — Não está a funcionar! — exclamou. — Não percebo como é que podem falhar as três bombas ao mesmo tempo!

Eddie verificou os manómetros. — O tanque da asa a estibordo está quase seco — disse. — Se não amarmos em breve, vamos despenhar-nos.

— Preparar para amaram de emergência — avisou Baker. Apontou para Eddie. — Não gosto do teu papel nisto, Deakin — disse com uma ira gelada. — Não confio em ti.

Eddie sentiu-se mal. Se bem que tivesse boas razões para mentir a Baker, odiava o seu papel. Toda a vida havia lidado com as pessoas de boa-fé e desdenhado de quem usava o embuste e a velhacaria. E naquele momento estava a agir de uma maneira desprezível. *Há de*

acabar por entender, comandante, pensou, embora desejasse poder dizê-lo em voz alta.

O comandante virou-se para o posto do navegador e curvou-se sobre as cartas. Jack Ashford, o navegador, lançou um olhar perplexo a Eddie, após o que apontou para um ponto da carta e disse a Baker: — Estamos aqui.

O plano assentava numa amaragem no canal entre a costa e a ilha de Grand Manan. Era a jogada dos gângsteres e também a de Eddie. Contudo, em situações de emergência, as pessoas faziam coisas estranhas. Eddie decidiu que, se porventura Baker se decidisse por uma localização diferente, ele interviria, salientando as vantagens do canal. Baker ficaria desconfiado, mas acabaria por ver lógica nas suas palavras; além do mais, se amarassem noutro local, seria *e/e* a comportar-se de uma maneira estranha.

Contudo, não foi necessário intervir. Passados momentos, Baker disse: — Aqui. Neste canal. É aqui que vamos descer.

Eddie virou as costas para que ninguém visse a sua expressão de triunfo. Estava um passo mais próximo de Carol-Ann.

Enquanto se desenrolavam os procedimentos necessários a uma descida de emergência, Eddie olhou pela janela e tentou avaliar o estado do mar. Avistou uma pequena embarcação branca, parecida com um barco de pesca desportiva, que subia e descia ao ritmo da ondulação. O mar estava revolto. A amaragem seria agitada.

Ouviu uma voz que o deixou gelado. — Qual é a emergência? — Era Mickey Finn que subia a escada para investigar o que se passava.

Eddie fitou-o, horrorizado. Mickey depressa iria descobrir que a válvula F da bomba manual não fora reiniciada. Tinha de se livrar dele e depressa.

Contudo, o comandante foi ainda mais rápido. — Fora daqui, - Mickey! — ordenou. — A tripulação que não está de serviço tem de ficar sentada e de cinto apertado numa amaragem de emergência e não a vaguear pelo avião a fazer perguntas estúpidas!

Mickey desapareceu num segundo, e Eddie respirou de alívio.

O hidroavião perdia altitude rapidamente: Baker queria ficar próximo da água para o caso de ficarem sem combustível mais cedo que o previsto.

Viraram para oeste para não sobrevoarem a ilha: se o combustível se esgotasse por cima de terra, seria a morte de toda a gente. Uns momentos mais tarde, estavam por cima do canal.

A ondulação era forte, Eddie calculou que fosse de mais de um metro. A altura crítica de uma vaga era abaixo de um metro; acima disso, era perigoso fazer amarrar o *Clipper*. Cerrou os dentes. Baker era um bom piloto, mas ia ser arriscado.

O avião desceu rapidamente. Eddie sentiu o casco tocar na crista de uma onda alta. Voaram mais uns instantes e depois tocou de novo. Da segunda vez, o impacto foi mais forte, e embrulhou-se-lhe o estômago enquanto a enorme aeronave ressaltava no ar.

Eddie receou morrer: era assim que os hidroaviões se despenhavam.

Embora o *Clipper* estivesse no ar, o impacto reduzira a velocidade e a sustentação era muito menor. Assim, em vez de deslizar para a água num ângulo quase raso, desceria abruptamente. Era a diferença entre um suave mergulho de competição e um chapão doloroso. Só que a barriga do avião era feita de alumínio fino, que poderia rebentar como um saco de papel.

Eddie imobilizou-se, à espera do impacto. O avião atingiu a água com um estrondo terrível, que ele sentiu no mais fundo de si. A água cobriu as janelas. Estando sentado de lado, foi arremessado para a sua esquerda, mas conseguiu manter-se no assento. O operador de rádio, que estava virado para a frente, bateu com a cabeça no microfone. Eddie pensou que a aeronave estava a partir-se. Se uma das asas submergisse, seria o fim.

Passou um segundo, depois outro. Pela escada, chegavam os gritos dos passageiros em pânico. O avião ergueu-se mais uma vez, emergindo parcialmente e avançando devido à redução do atrito. Em seguida, afundou a traseira, e Eddie foi mais uma vez atirado de lado.

No entanto, o *Clipper* começou a estabilizar, e Eddie passou a

sentir-se esperançado de que iam conseguir. Pelas janelas já sem água, conseguiu vislumbrar o mar. Os motores ainda roncavam, não haviam sido submersos.

Lentamente a velocidade foi decrescendo. A cada segundo que passava, Eddie foi ficando mais confiante, até o avião se imobilizar, balançando ao sabor das ondas. Pelos auscultadores, ouviu o comandante dizer: — Santo Deus, foi pior do que estava à espera. — E o resto da tripulação riu-se, aliviada.

Eddie levantou-se e espreitou por todas as janelas, em busca de um barco. O sol brilhava, mas viam-se nuvens de chuva dispersas. A visibilidade era razoável, mas não avistou nenhuma embarcação. Talvez a lancha estivesse atrás do *Clipper*, onde não a poderia ver.

Voltou ao seu lugar e desligou os motores. O operador de rádio transmitiu um pedido de ajuda. O comandante proferiu: — O melhor será ir acalmar os passageiros. — Desceu a escada. O operador de rádio obteve resposta, e Eddie teve esperança de que fosse dos sujeitos que vinham resgatar Gordino.

Não conseguiu ficar à espera. Abriu o alçapão da cabina de voo e desceu a escada para o compartimento da proa. A escotilha abria para baixo, formando uma plataforma. Eddie saiu e ali ficou. Teve de se agarrar à ombreira para se equilibrar na ondulação. As ondas subiam pelos flutuadores, e algumas eram tão altas que lhe molhavam os sapatos. As nuvens escondiam o Sol a espaços, e soprava uma brisa forte. Examinou cuidadosamente o casco e as asas, mas não vislumbrou qualquer dano. A enorme aeronave parecia ter sobrevivido, intacta.

Lançou a âncora e ali ficou a perscrutar o mar em redor, à procura de uma embarcação. Onde estariam os cúmplices de Luther? Ter-se-ia passado alguma coisa? E se não aparecessem? Por fim, viu à distância uma lancha a motor. O coração sobressaltou-se-lhe. Seriam eles? E Carol-Ann, estaria a bordo? Preocupava-o que pudesse tratar-se de outra embarcação, aproximando-se para observar por curiosidade o avião acabado de descer; isso interferiria no plano.

A lancha aproximava-se, célere, cavalgando as ondas. Eddie

deveria regressar ao seu posto na cabina de voo, depois de ter lançado a âncora e verificado a existência de danos, mas não conseguia sair dali. Olhava hipnotizado para a lancha à medida que esta se aproximava. Era um barco grande e veloz com uma casa do leme coberta. Via-se um grupo de silhuetas no convés, e em breve conseguiu contá-las: eram quatro. Reparou que uma delas era muito mais pequena que as outras. O grupo começou a parecer-se com três homens de fatos escuros e uma mulher de casaco azul. Carol-Ann tinha um casaco azul.

Parecia ser ela, mas não tinha a certeza. A espera era insuportável. Tinha cabelo louro e era pequena, tal como a mulher, e estava afastada dos outros. Estavam os quatro encostados à amurada, a olhar para o *Clipper*. Nesse momento, o Sol apareceu por trás de uma nuvem, e a mulher ergueu a mão para proteger os olhos. Algo naquele gesto emocionou Eddie, e ele soube que se tratava da sua mulher.

— Carol-Ann — disse em voz alta.

Uma vaga de entusiasmo tomou conta dele, e esqueceu-se dos perigos que ainda tinham pela frente e rendeu-se à alegria de a tornar a ver. Ergueu os braços e acenou alegremente. — Carol-Ann! — gritou. — Carol-Ann!

Ela não podia ouvi-lo, bem certo, mas via-o. Pareceu surpresa, hesitante, como se não tivesse a certeza de ser ele, depois acenou também, tímida ao princípio, depois entusiasticamente.

Se acenava daquela maneira, devia estar bem. Eddie sentiu-se fraco de alívio e de gratidão.

Recordou-se de que aquilo ainda não terminara. Ainda tinha coisas a fazer. Acenou mais uma vez e depois voltou, relutante, para o avião.

Entrou na cabina no momento em que o comandante subia do convés dos passageiros. — Estragos? — perguntou Baker.

— Não, senhor. Nada, tanto quanto pude ver.

O comandante virou-se para o operador de rádio, que informou: — O nosso pedido de ajuda foi recebido por diversos navios, mas a

embarcação mais próxima é um barco de recreio que se aproxima de bombordo. É provável que o consiga ver.

Baker olhou pela janela e viu a lancha. Abanou a cabeça. — Não serve para nada. Temos de ser rebocados. Tenta a Guarda Costeira.

— As pessoas da lancha querem subir a bordo — comunicou o operador de rádio.

— Negativo — retorquiu o comandante. Eddie ficou desalentado. Tinham de vir a bordo! — É demasiado perigoso — prosseguiu Baker. — Não quero um barco amarrado ao avião, pode danificar o casco. E se tentarmos transferi-las com esta ondulação, alguém ainda há de cair ao charco. Diz-lhes que agradecemos, mas não nos podem ajudar.

Eddie não previra uma coisa daquelas. Fingiu um ar despreocupado, para esconder a sua súbita ansiedade. *Que vão para o diabo os estragos no avião, o gangue do Luther vai entrar a bordo!* Contudo, ser-lhes-ia difícil sem ajuda do interior.

Apercebeu-se de que, mesmo com essa ajuda, seria um pesadelo tentar fazê-los entrar pelas portas normais de acesso. As ondas submergiam as asas de flutuação e chegavam ao meio das portas: ninguém seria capaz de se manter em pé sem uma corda a que se pudesse agarrar, e, com as portas abertas, a água inundaria a sala de jantar. Aquela hipótese não lhe ocorrera, pois o *Clipper* costumava amarrar em águas calmas.

Nesse caso, como poderiam eles subir a bordo?

Teriam de entrar pela escotilha do compartimento da proa.

O operador de rádio informou: — Disse-lhes que não podem vir a bordo, comandante, mas parece que não ligaram nenhuma.

Eddie olhou para fora. A lancha andava em círculos à volta do avião.

— Ignora-os — retorquiu o comandante.

Eddie levantou-se e dirigiu-se ao alçapão. Quando começou a descer a escada para o compartimento da proa, Baker inquiriu, ríspido: — Onde é que vais?

— Preciso de ir verificar a âncora — respondeu Eddie vagamente,

continuando sem esperar resposta.

Ainda ouviu o comandante dizer: — Este tipo está acabado.

Isso já eu sabia, ocorreu-lhe, pesaroso.

Saiu para a plataforma. A lancha estava a uns trinta ou quarenta pés do nariz do *Clipper*. Viu Carol-Ann encostada à amurada. Envergava um vestido velho e sapatos rasos, o tipo de indumentária que devia estar a usar para as tarefas domésticas. Vestira o casaco melhor por cima da roupa de casa quando a tinham levado. Viu-lhe o rosto. Parecia pálida, esgotada. Eddie sentiu a ira a ferver dentro de si. *Hei de castigá-los só por isso*, pensou.

Levou o cabrestante desdobrável e acenou para a lancha, apontando para o cabrestante e fazendo o gesto de arremessar um cabo. Teve de repetir o gesto várias vezes até os homens entenderem. Supôs que não seriam marinheiros experientes. De facto, pareciam deslocados num barco, com os fatos assertoados, segurando nos chapéus de feltro por causa do vento. O sujeito da casa do leme, provavelmente o mestre da lancha, estava ocupado com os instrumentos, tentando manter a lancha firme relativamente ao avião. Por fim, um dos homens fez um aceno em sinal de ter compreendido e pegou num cabo.

Não sabia atirá-lo, e só depois de quatro tentativas é que Eddie conseguiu apanhá-lo.

Prendeu-o ao cabrestante. Os homens da lancha puxaram para se aproximarem do avião. A lancha, sendo muito mais leve, subia e descia mais com a ondulação. Amarrar a lancha ao *Clipper* ia ser difícil e perigoso.

De súbito, ouviu a voz de Mickey Finn a dizer, atrás de si: — Eddie, que diabo é que estás a fazer?

Virou-se. Do compartimento da proa, Mickey olhava-o com uma expressão de preocupação no rosto franco e sardento. Eddie gritou-lhe: — Não te metas, Mickey! Estou a avisar-te, se interferires, ainda se magoa alguém!

O jovem ficou assustado. — OK, OK, como queiras. — Recuou, subindo para a cabina de voo, com a expressão de quem pensa que

Eddie tinha enlouquecido.

Ele voltou-se de novo para a lancha, agora muito próxima. Observou os três homens. Um deles era muito jovem, não aparentando ter mais de dezoito anos. Um outro, mais velho, era baixo e magro, e do canto da boca pendia-lhe um cigarro. O terceiro envergava um fato preto risca de giz e parecia ser o chefe.

Iam precisar de dois cabos para segurar a lancha com firmeza. Pôs as mãos em concha como um megafone e gritou: — Atirem-me outro cabo!

O homem do fato risca de giz pegou num cabo da proa, preso ao lado daquele que já estavam a usar. Aquilo não dava: do que precisavam era de um da outra extremidade da lancha, para fazerem um triângulo. — Não, esse não — gritou Eddie. — Atire-me um da popa.

O homem percebeu.

Daquela feita, Eddie apanhou o cabo à primeira vez e amarrou-o a um esteio no interior do avião.

Com dois homens, cada um a puxar o seu cabo, a lancha aproximou-se rapidamente. Os motores foram desligados, e da casa do leme saiu um homem num fato-macaco, que começou a tratar dos cabos. Esse sim, era óbvio que era marinheiro.

Atrás de si, Eddie ouviu uma outra voz que lhe chegava do compartimento da proa. Tratava-se do comandante Baker, que dizia: — Deakin, estás a desobedecer a uma ordem explícita!

Eddie ignorou-o e rezou para que se mantivesse afastado por mais alguns momentos. A lancha chegou o mais próximo que era possível. O mestre amarrou os cabos aos espeques do convés, deixando apenas a folga necessária para a lancha poder subir e descer com as ondas. Para entrar a bordo, os homens teriam de esperar até a ondulação nivelar o convés da lancha com a plataforma do hidroavião e depois saltar de um para o outro. Para se equilibrarem, podiam agarrar-se ao cabo que corria da popa da lancha ao interior do compartimento da proa.

Baker vociferou: — Deakin! Volta para dentro!

O mestre abriu uma portinhola na amurada e o gângster do fato risca de giz preparou-se para saltar. Eddie sentiu a mão do comandante agarrar-lhe o casaco por trás. O homem viu o gesto e enfiou a mão dentro do casaco.

Para Eddie, o pior pesadelo seria que algum dos seus camaradas decidisse armar-se em herói e acabasse por ser morto. Desejava poder-lhes contar do cúter da Marinha que Steve Appleby mandara vir, mas receava que, se o fizesse, qualquer deles pudesse inadvertidamente falar no assunto e pôr os bandidos de sobreaviso. Assim sendo, tinha de limitar-se a tentar controlar a situação.

Voltou-se para trás e gritou: — Comandante, saia da frente! Estes tipos estão armados!

Baker ficou em choque. Fitou o gângster e desapareceu. Eddie virou-se a tempo de ver o homem do fato risca de giz a guardar uma pistola no bolso do casaco. *Deus meu, espero conseguir evitar que estes tipos atirem sobre alguém*, pensou cheio de medo. *Se morrer alguém, a culpa é minha*.

A lancha estava na crista de uma onda, o convés um pouco acima da plataforma. O gângster agarrou no cabo, hesitou e deu um salto para a plataforma. Eddie agarrou-o e equilibrou-o.

— Você é que é o Eddie? — perguntou.

Reconheceu-lhe a voz: ouvira-a ao telefone. E lembrou-se do nome: Vincini. E lembrou-se de que o tinha insultado. Agora lamentava-o, pois precisava da sua cooperação. — Quero colaborar consigo, Vincini — disse. — Se pretende que as coisas corram bem, sem obstáculos, deixe-me ajudá-lo.

Vincini deitou-lhe um olhar duro. — OK — acedeu passado um instante. — Mas um passo em falso e és um homem morto. — O tom era brusco, pragmático. Não mostrava sinais de ressentimento. Teria sem dúvida demasiado em que pensar para se deter em desconsiderações passadas.

— Entre e espere aí enquanto trago os outros.

— OK. — Vincini virou-se para a lancha. — Joe, vens tu a seguir. Depois o *Miúdo*. A rapariga é a última. — Entrou no compartimento da

proa.

Olhando lá para dentro, Eddie viu o comandante Baker subir a escada para a cabina de voo. Vincini sacou da pistola e disse: — Você aí, fique onde está.

Eddie interveio: — Faça o que ele lhe diz, comandante, por amor de Deus, estes tipos não brincam em serviço.

Baker afastou-se da escada e ergueu as mãos no ar.

Eddie virou-se para a lancha. O homem enfezado a quem chamavam Joe estava junto à amurada com um ar apavorado. — Eu não sei nadar! — exclamou em voz áspera.

— Também não vai precisar — disse Eddie, estendendo-lhe a mão.

Joe saltou, agarrou-lhe a mão e meio entrou, meio caiu para dentro do compartimento.

O rapaz foi o último. Tendo visto os outros a passar com facilidade, estava demasiado confiante. — Eu também não sei nadar — disse com um sorriso. Saltou cedo demais, aterrou na beira da plataforma e desequilibrou-se para trás. Segurando o cabo com a mão esquerda, Eddie inclinou-se para a frente, agarrou-o pela cintura das calças e puxou-o para a plataforma.

— Ena, obrigado! — exclamou ele, como se Eddie se tivesse limitado a estender a mão e não tivesse acabado de lhe salvar a vida.

Agora faltava Carol-Ann, que, do convés da lancha, olhava, com o medo estampado no rosto. Por norma, não era temerosa, mas Eddie percebeu que o quase acidente do *Miúdo* a tinha enervado. Ele sorriu-lhe, dizendo: — Só tens de fazer como eles, querida. Tu consegues.

Ela assentiu e segurou-se ao cabo.

Eddie aguardou, expectante. A ondulação nivelou a lancha com a plataforma. Carol-Ann hesitou, perdeu a oportunidade e pareceu ainda mais assustada. — Não tenhas pressa — disse Eddie em voz alta, num tom calmo de quem tenta esconder o medo. — Quando estiveres pronta.

A lancha desceu e subiu de novo. O rosto dela tinha uma expressão de determinação contrafeita, de lábios cerrados e testa

franzida. A lancha afastou-se um meio metro da plataforma, um intervalo demasiado grande. Eddie disse: — Agora talvez não... — Mas foi demasiado tarde. De tão decidida que estava, já tinha saltado.

E Carol-Ann falhou a plataforma.

Deixou escapar um grito de terror e ficou pendurada do cabo, os pés no ar. Eddie nada pôde fazer enquanto a lancha descia à cava da onda e ela se afastava da plataforma. — Agarra-te com força! — gritou ele, frenético. — Vais subir outra vez! — Preparou-se para saltar para a salvar caso ela se largasse.

Todavia, Carol-Ann agarrou-se ferozmente ao cabo enquanto a ondulação a fazia descer e de seguida a trazia para cima. Ao ficar ao nível da plataforma, ela esticou uma perna mas não a conseguiu alcançar. Eddie pôs um joelho no chão e tentou agarrá-la. Quase se desequilibrou e caiu ao mar, mas não chegou a agarrar-lhe a perna. A ondulação fê-la descer mais uma vez, e ela deu um grito de desespero.

— Balança! — gritou ele. — Balança para um lado e para o outro quando vieres a subir!

Ela ouviu-o. Eddie via-a cerrar os dentes com a dor nos braços, mas conseguiu balançar-se quando uma onda içou a lancha de novo. Eddie ajoelhou-se para conseguir alcançá-la. Ao chegar ao nível da plataforma, baloiçou-se com toda a força, e Eddie conseguiu agarrá-la por um tornozelo. Não tinha meias altas calçadas. Ele puxou-a para si e agarrou o outro tornozelo, mas, ainda assim, os pés não alcançaram a plataforma. A lancha passou a crista da onda e começou a baixar. Carol-Ann gritou ao sentir-se descer. Eddie continuava a segurá-la pelos tornozelos. Nesse momento, ela largou o cabo.

Ele segurou-a com unhas e dentes. Quando ela caiu, ele foi puxado para a frente com o peso e quase mergulhou no mar. Contudo, conseguiu ficar de barriga para baixo e manter-se na plataforma, enquanto Carol-Ann oscilava de cabeça para baixo, suspensa das mãos dele. Naquela posição, Eddie não conseguiria içá-la, mas o mar ajudou-os. A onda seguinte submergiu a cabeça

dela, mas também a ergueu um pouco. Eddie largou um dos tornozelos, libertando a mão direita, e rodeou-lhe a cintura com o braço.

Estava a salvo. Enquanto ela balbuciava, engasgada, descansou por instantes, dizendo: — Está tudo bem, querida, estás segura. — Em seguida, içou-a para a plataforma.

Segurou-lhe na mão, enquanto ela se virava e se erguia. Depois ajudou-a a entrar no *Clipper*.

Ela caiu-lhe nos braços, aos soluços, e ele premiu-lhe a cabeça encharcada contra o peito. Reprimiu as lágrimas que lhe chegavam aos olhos. Os três gângsteres e o comandante olhavam-no, expectantes, mas Eddie ignorou-os por mais alguns instantes, segurando Carol-Ann nos braços enquanto ela tremia descontroladamente.

Por fim, quis saber: — Estás bem, querida? Fizeram-te mal?

Ela abanou a cabeça. — Acho que estou bem — disse, a bater os dentes.

Eddie olhou para cima e viu que Baker os observava, mirando ora um ora o outro, até que disse: — Deus meu, agora já estou a perceber...

Vincini interrompeu: — Chega de conversa, temos muito que fazer.

Eddie largou Carol-Ann. — OK, acho que primeiro temos de acalmar a tripulação para que não intervenha. Depois levo-o até ao homem que você quer. Está bem assim?

— Está, mas toca a despachar.

— Siga-me. — Eddie foi até à escada e começou a subir. Foi o primeiro a chegar e começou a falar de imediato. Nos escassos segundos até à chegada de Vincini, disse: — Ouçam lá, nada de heroísmos, por favor. *Não vai ser necessário*. Espero que me entendam. — Não podia arriscar-se a dizer mais nada. Momentos mais tarde, Carol-Ann, o comandante Baker e os três gângsteres entravam pelo alçapão. Eddie prosseguiu: — Temos de nos manter calmos e de obedecer. Não quero tiroteio, não quero que ninguém se magoe. O comandante vai dizer-vos a mesma coisa. — Olhou para

Baker.

— É isso mesmo — confirmou o comandante. — Não lhes deem qualquer pretexto para usarem as armas.

Eddie olhou para Vincini. — OK, vamos. Por favor, comandante, venha connosco para acalmar os passageiros. Depois o Joe e o *Miúdo* levam a tripulação para o primeiro compartimento.

Vincini assentiu.

— Carol-Ann, não te importas de ir com a tripulação, querida?

— Está bem.

Eddie ficou aliviado. Assim, a mulher não só ficaria longe das armas como também poderia explicar aos camaradas por que motivo estava ele a ajudar os gângsteres.

Olhou para Vincini. — E se guardasse a arma? Assim assusta os passageiros...

— Vai à merda — retorquiu ele. — Vamos lá.

Eddie encolheu os ombros. Não custava nada tentar.

Foi à frente, descendo a escada até ao convés dos passageiros. Ouvia-se um sururu de conversas em voz alta, alguns risos semi-históricos e o choro de uma mulher. Os passageiros estavam todos sentados nos seus lugares, e os dois comissários esforçavam-se heroicamente por aparentar calma e normalidade.

Eddie caminhou ao longo do avião. A sala de jantar estava numa confusão, com loiça e vidros partidos pelo chão. Ainda assim, felizmente a refeição já tinha quase terminado, e estavam todos a beber café quando o *Clipper* fizera a amaragem. As pessoas calaram-se quando viram a pistola de Vincini. Atrás do homem, o comandante ia dizendo: — As minhas desculpas, minhas senhoras e meus senhores, mas peço-vos que permaneçam sentados e tentem manter a calma, e tudo terminará em breve. — O tom era tão suave e tranquilizador que o próprio Eddie se sentiu melhor.

Ele atravessou o 3.º compartimento e entrou no 4.º, onde Ollis Field e Frankie Gordino se sentavam um ao lado do outro. *É agora*, pensou; *é agora que liberto um assassino*. Afastou o pensamento, apontou para Gordino e disse a Vincini: — Aqui está o vosso homem.

Ollis Field levantou-se. — Este é o agente do FBI Tommy McArdle — declarou. — O Frankie Gordinó atravessou o Atlântico num navio que chegou a Nova Iorque ontem e está preso em Providence, Rhode Island.

— Meu Deus! — explodiu Eddie. — Um chamariz! Passei por tudo isto por causa de um chamariz! — Afinal não iria libertar um assassino, mas não se sentia alegre por isso: estava demasiado assustado pelo que os gângsteres pudessem fazer. Lançou um olhar amedrontado a Vincini.

Vincini afirmou: — Que diabo, não andamos atrás do Frankie. Onde é que está o boche?

Eddie mirou-o, atónito. Não andavam atrás de Gordinó? Que significaria aquilo? Quem seria o boche?

Do 3.º compartimento chegou a voz de Tom Luther. — Está aqui, Vincini. Eu apanhei-o. — Na ombreira da porta, Luther empunhava uma arma à cabeça de Carl Hartmann.

Eddie sentiu-se perplexo. Para que diabo havia o gangue do Patriarca de querer raptar Carl Hartmann? — Para que é que vocês querem um cientista? — perguntou.

Luther disse: — Não é só um cientista. É um físico nuclear.

— Vocês são nazis?

Vincini interveio: — Oh, não. Só estamos a fazer um servicinho para eles. De facto, até somos democratas. — E deu uma risada grosseira.

Luther interveio com frieza: — Eu não sou democrata. Sou membro da Deutsch-Amerikaner Bund, com muito orgulho. — Eddie já ouvira falar da organização: deveria ser uma inofensiva associação de amizade germano-americana, mas era financiada pelos nazis. Luther prosseguiu: — Estes homens não passam de pessoal contratado. Recebi uma mensagem pessoal do próprio Führer, pedindo a minha ajuda para deter um cientista em fuga e o devolver à Alemanha. — Eddie apercebeu-se de que o homem se sentia orgulhoso daquela honra, seria a melhor coisa que já lhe acontecera. — Eu paguei a esta gente para me ajudar. Agora vou levar o Herr Doktor Professor

Hartmann de regresso à Alemanha, onde a sua presença é necessária ao Terceiro Reich.

Eddie olhou para Hartmann. O homem estava apavorado. Eddie ficou atormentado pelo sentimento de culpa. Hartmann ia ser levado para a Alemanha nazi, e a culpa era sua. Eddie disse-lhe: — Eles tinham a minha mulher... que é que eu podia fazer?

A expressão do cientista mudou imediatamente. — Eu percebo — disse. — Estamos habituados a este tipo de coisas na Alemanha. Fazem-nos trair um princípio a que somos fiéis em nome de outro. Não teve escolha. Não se recrimine.

Espantou-o que o homem conseguisse consolá-lo a ele num momento daqueles.

Eddie dirigiu-se a Ollis Field. — Mas por que razão é que o senhor trouxe um chamariz a bordo do *Clipper*? — quis saber. — Queria que o bando do Patriarca sequestrasse o avião?

— Não, nem pensar — respondeu Field. — Recebemos informações de que o gangue queria matar o Gordino para evitar que desse com a língua nos dentes. Iam fazê-lo mal chegasse à América. Portanto, decidimos espalhar que ele viajava no *Clipper*, mas mandámo-lo de navio. Por esta hora, a rádio há de estar a passar a notícia de que está preso, e o gangue perceberá que foi enganado.

— E por que motivo não está a escoltar o Carl Hartmann?

— Nós não fazíamos ideia de que vinha neste voo... ninguém nos disse!

Eddie interrogou-se se Hartmann não teria qualquer proteção. Ou teria um guarda-costas que ainda não se dera a conhecer?

Joe, o pequeno gângster, entrou no compartimento de arma na mão direita e uma garrafa de champanhe aberta na outra. — Estão todos sossegadinhos como cordeiros, Vinnie — disse para Vincini. — E o *Miúdo* está lá atrás na sala de jantar, de onde pode cobrir toda a parte da frente do avião.

Vincini voltou-se para Luther e perguntou: — Então, onde é que está o diabo do submarino?

— Há de estar a chegar a qualquer momento, tenho a certeza —

respondeu Luther.

Um submarino! Luther tinha encontro marcado com um submarino ali mesmo, ao largo da costa do Maine! Eddie olhou pelas janelas à espera de o ver a emergir da água, qual baleia de aço, mas apenas avistou as ondas.

Vincini disse: — Bom, nós fizemos a nossa parte, agora dê-me o dinheiro.

Sem perder Hartmann de vista, Luther retrocedeu até ao seu lugar, pegou numa maleta e entregou-a a Vincini, que a abriu de imediato. Estava cheia de maços de notas.

Luther acrescentou: — Cem mil dólares, tudo em notas de vinte.

Vincini proferiu: — O melhor é contá-las. — Guardou a arma e sentou-se com a maleta nos joelhos.

Luther advertiu: — Vai levar imenso tempo...

— Acha-me com cara de maçarico? — retorquiu Vincini num tom paciente. — Verifico dois maços e depois conto quantos maços são. Não é a primeira vez que faço isto.

Toda a gente olhava o homem a contar o dinheiro. Os passageiros daquele compartimento — a princesa Lavinia, Lulu Bell, Mark Alder, Diana Lovesey, Ollis Field e o suposto Frankie Gordino — miravam a cena. Joe reconheceu Lulu Bell. — É lá, você não é dos filmes? — perguntou. Lulu desviou o olhar, ignorando-o. Joe continuou a beber da garrafa e depois ofereceu-a a Diana Lovesey. Ela empalideceu e encolheu-se. — Concordo, isto não vale tanto quanto dizem — comentou e, estendendo o braço, verteu champanhe sobre o vestido às bolinhas.

Diana soltou um grito de aflição e afastou-lhe a mão. O vestido molhado colava-se-lhe ao corpo, deixando adivinhar o peito.

Eddie ficou atónito. Aquilo era o tipo de coisa que podia levar à violência. — Você, pare com isso! — disse.

O homem não prestou atenção. — Grandes marmelos — comentou, deitando um olhar lascivo. Pousou a garrafa e apalpou-lhe um dos seios, apertando com força.

Ela gritou.

O namorado, Mark, tentava desapertar o cinto de segurança, enquanto dizia: — Não lhe toque, seu miserável...

Com um movimento surpreendentemente rápido, o gângster atingiu-o na boca com a pistola. O sangue jorrou, abundante, dos lábios de Mark.

Eddie interveio: — Por amor de Deus, Vincini, ponha fim a isto!

— Uma rapariga daquelas, c'os diabos, se nunca lhe apalpam as mamas com aquela idade, então estava na altura — contrapôs Vincini.

Joe enfiou a mão pela frente do vestido de Diana, que tentou em vão evitar que ele a apalpassem, mas estava presa ao assento pelo cinto de segurança.

Por fim, Mark conseguiu desapertar o seu cinto, mas, ao erguer-se do lugar, foi atingido de novo. Daquela vez, a coronha da arma atingiu-o no canto do olho. Com o punho esquerdo, Joe socou Mark no estômago e depois uma terceira vez no rosto com a arma. O sangue que brotava dos ferimentos entrava-lhe nos olhos e cegava-o. Várias mulheres gritaram.

Eddie estava horrorizado. Tentara evitar o derramamento de sangue, mas Joe preparava-se para atingir Mark de novo, e não conseguiu segurar-se mais. Arriscando a própria vida, agarrou o pequeno gângster por trás e prendeu-lhe os braços.

Joe debateu-se, tentando apontar-lhe a arma, mas Eddie segurou-o com firmeza. Joe puxou o gatilho. O estrondo foi ensurdecedor no espaço confinado, mas a pistola estava apontada para baixo, e a bala furou o piso do avião.

Acabara de ser disparado o primeiro tiro. Eddie teve a sensação terrível de que estava a perder o controlo da situação. E, se isso acontecesse, poderia haver um banho de sangue.

Vincini interveio por fim. — Acaba com isso, Joe! — gritou.

O homem imobilizou-se.

Eddie largou-o.

Joe deitou-lhe um olhar venenoso, mas nada disse.

Vincini declarou: — Já podemos ir. O dinheiro está todo aqui.

Eddie viu um raio de esperança. Se se fossem embora naquele instante, pelo menos o derramamento de sangue fora limitado. *Vão, pensou, por amor de Deus, vão!*

Vincini acrescentou: — E traz essa gaja contigo, se queres, Joe. Era capaz de a comer, gosto mais dela do que a mulher do engenheiro, que é magricelas. — Dizendo isto, ergueu-se.

Diana começou aos gritos: — Não, não!

Joe desapertou-lhe o cinto de segurança e agarrou-a pelo cabelo. Ela debateu-se. Mark levantou-se, tentando limpar o sangue dos olhos. Eddie agarrou Mark, detendo-o. — Não se mate! — disse-lhe. Baixando a voz, prosseguiu: — Vai ficar tudo bem, prometo-lhe! — Queria contar-lhe que a lancha ia ser mandada parar por um cúter da Marinha antes que eles tivessem tempo de fazer mal a Diana, mas teve receio de ser ouvido por Vincini.

Joe apontou a arma a Mark e disse a Diana: — Tu vens connosco ou o teu namorado apanha um balázio entre os olhos.

Diana ficou imóvel e começou a soluçar.

Luther interveio: — Eu vou consigo, Vincini. O meu submarino não chegou.

— Eu sabia que não havia de chegar — retorquiu o outro. — Eles não conseguem chegar assim tão perto dos Estados Unidos.

Vincini não percebia nada de submarinos. Eddie conseguia adivinhar o verdadeiro motivo pelo qual o submarino alemão não aparecera: o seu comandante teria avistado o cúter da Marinha de Steve Appleby a patrulhar as águas do canal e provavelmente aguardaria nas vizinhanças, a escutar as conversas-rádio da embarcação, na esperança de que fosse patrulhar outra zona.

A decisão de Luther de fugir com os gângsteres em vez de ficar à espera do submarino animou Eddie. A lancha rumava à armadilha de Steve Appleby, e, se Luther e Hartmann estivessem a bordo, o cientista seria salvo. Se tudo aquilo terminasse sem nada de mais grave do que alguns pontos no rosto de Mark Alder, dar-se-ia por satisfeito.

— Vamos — disse Vincini. — Primeiro o Luther, em seguida o

boche, depois o *Miúdo* e eu, depois o engenheiro, sim, que quero-o ao pé de mim até sair desta geringonça, e, por fim, o Joe com a loura. Toca a andar!

Mark Alder começou a estrebuchar nos braços de Eddie. Vincini disse a Ollis Field e ao outro agente: — Vocês querem segurar neste tipo ou querem que o Joe lhe dê um tiro? — Agarraram-no ambos, mantendo-o quieto.

Eddie seguiu atrás de Vincini. Os passageiros olharam-nos - boquiabertos enquanto passavam pelo 3.º compartimento e pela sala de jantar.

Quando Vincini entrava no 2.º compartimento, Mr. Membury empunhou uma arma e disse: — Parem! — ordenou, apontando diretamente para Vincini. — Toda a gente quieta ou eu disparo sobre o vosso chefe!

Eddie recuou um passo para sair do caminho.

Vincini empalideceu e disse: — Tudo bem, rapazes, ninguém se mexe.

Aquele a quem chamavam o *Miúdo* virou-se e disparou duas vezes.

Membury tombou.

Vincini gritou para o rapaz, furioso: — Idiota, o tipo podia ter-me matado!

— Não ouviu a voz dele? — retorquiu o *Miúdo*. — Era inglês.

— Então, e depois? — gritou Vincini.

— Eu cá vi todos os filmes que há, e nunca ninguém levou com um tiro dum inglês.

Eddie ajoelhou-se ao lado de Membury. As balas haviam-lhe atingido o peito, e o sangue era da mesma cor que o colete. — Quem é o senhor? — perguntou Eddie.

— Brigada Especial da Scotland Yard — murmurou. — Com a missão de proteger o Hartmann — acrescentou. Então, o cientista não estivera completamente indefeso, pensou Eddie. — Falhei! — Os olhos fecharam-se-lhe, e deixou de respirar.

Eddie praguejou. Tinha jurado tirar os gângsteres do avião sem

ninguém ser morto e estivera tão próximo de o conseguir! Agora aquele polícia corajoso morrera. — Tão desnecessário — disse em voz alta.

Ouviu Vincini dizer: — Como é que tem assim tanta certeza de que ninguém precisa de ser herói? — Eddie ergueu os olhos. Vincini fitava-o com uma expressão de desconfiança e de hostilidade. *Deus meu*, pensou, *acho que gostava de me matar*. O gângster acrescentou: — Sabe de alguma coisa que nós desconhecemos?

Eddie não tinha resposta, mas nesse momento o mestre da lancha desceu a escada a correr e entrou no compartimento. — Ó Vinnie, o Willard disse-me agora que...

— Eu disse-lhe para ele não usar o rádio a não ser que fosse numa emergência!

— Mas é uma emergência. Há um barco da Marinha a subir e a descer a costa, como se andasse à procura de alguém.

O coração de Eddie parou por instantes. Aquela possibilidade não lhe ocorrera. O gangue tinha uma sentinela na costa, a vigiar, com um rádio de ondas curtas, para poder comunicar com a lancha. Agora Vincini já tinha conhecimento da armadilha.

Era o fim, e Eddie perdera.

— Você traiu-me — disse-lhe Vincini. — Sacana, dou cabo de ti.

Eddie viu o olhar de compreensão e de respeito surpreendido que o comandante lhe lançava.

Vincini apontou a pistola a Eddie.

Fiz o melhor que podia, e toda a gente sabe, pensou Eddie; *se morrer agora, não me importo*.

Nesse momento, Luther disse: — Vincini, escute! Não está a ouvir?

Quedaram-se todos em silêncio. Eddie ouviu o som de outro avião.

Luther espreitou pela janela. — É um hidroavião e vem a descer mesmo aqui perto!

Vincini baixou a arma. Eddie sentiu os joelhos fraquejarem-lhe.

O gângster olhou para fora, e Eddie seguiu-lhe o olhar. Viu o *Ganso* de Grumman que tinha estado fundeado em Shediack. O avião amarou e imobilizou-se.

Vincini disse: — E então? Se se intrometerem, matamo-los.

— Não está a ver? — retorquiu Luther com entusiasmo. — É a nossa saída! Podemos sobrevoar o maldito barco da Marinha e fugir!

Vincini assentiu lentamente. — Bem pensado. É isso mesmo que vamos fazer.

Eddie apercebeu-se de que iam conseguir fugir. Não morreria, mas acabara por falhar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Nancy Lenehan encontrou a resposta para o seu problema enquanto sobrevoava a costa canadiana no hidroavião alugado.

Queria derrotar o irmão, mas queria também descobrir forma de escapar aos princípios que o pai delineara para a sua vida. Desejava estar com Mervyn, mas receava que, se deixasse a Black's Boots e fosse para Inglaterra, se viesse a transformar numa dona de casa entediada como Diana.

Nat Ridgeway dissera que estava disposto a fazer uma oferta mais alta pela empresa e dar um emprego a Nancy na General Textiles. Ao pensar nisso, recordou-se de que a empresa possuía várias fábricas na Europa, sobretudo em Inglaterra, e que Ridgeway não poderia visitá-las até a guerra acabar, o que poderia levar anos. Assim, ia propor ser ela a gerente da General Textiles na Europa. Desse modo, poderia estar com Mervyn e continuar a tratar dos negócios.

Aquela solução parecia-lhe notavelmente apropriada. O único senão era a Europa estar em guerra e ela poder morrer.

Refletia nessa possibilidade remota mas aterradora quando Mervyn se virou no assento e apontou para baixo pela janela; Nancy viu o *Clipper* a flutuar no mar.

Mervyn tentou contactar o avião via rádio, mas não obteve resposta. Nancy esqueceu os seus problemas, enquanto o *Ganso* voava em círculos sobre o avião pousado na água. Que acontecera? As pessoas a bordo estariam bem? Parecia não haver danos, mas também não se via sinal de vida.

Mervyn virou-se para ela e gritou sobre o rugido dos motores: — Temos de descer e ver se eles precisam de ajuda.

Nancy concordou, assentindo energicamente.

— Põe o cinto e segura-te. A amaragem pode ser agitada devido à ondulação.

Ela apertou o cinto de segurança e olhou para fora. O mar estava encrespado e havia ondas grandes. O piloto, Ned, fez amarar o avião

numa linha paralela à crista da rebentação, e o hidroavião cavalgou a onda como um surfista havaiano. Não foi tão violento como Nancy esperara.

Via-se uma lancha a motor amarrada ao nariz do *Clipper*. Um homem de fato-macaco e boné surgiu na coberta e fez-lhes sinal, e Nancy calculou que ele queria que o *Ganso* atracasse ao lado da lancha. A porta da proa do *Clipper* estava aberta, sendo provável entrarem a bordo por aí. Nancy percebia a razão: as ondas lambiam as asas de flutuação, dificultando a entrada pela porta normal.

Ned acercou-se lentamente da lancha, e Nancy percebeu que, naquele mar, a manobra era complicada. Contudo, as asas do *Ganso* estavam instaladas mais alto, bem acima da estrutura da lancha; assim, conseguiram posicionar-se ao lado, o casco do avião a bater contra a fileira de pneus no costado do barco. O homem da coberta amarrou o avião à lancha à proa e à popa.

Enquanto Ned desligava os motores, Mervyn foi até à popa, abriu a porta e saltou para a prancha de desembarque.— Eu devia ficar com o meu avião — disse-lhe Ned. — É melhor você ir ver o que se passa. — Eu também vou — declarou Nancy.

Uma vez que o hidroavião estava amarrado à lancha, as duas embarcações erguiam-se e baixavam nas ondas ao mesmo tempo, e a prancha oscilava pouco. Mervyn desembarcou primeiro e estendeu uma mão a Nancy.

Quando se encontravam ambos no convés, Mervyn perguntou ao homem da lancha: — Que aconteceu?

— Tiveram problemas de combustível e foi preciso amarrar — retorquiu o outro.

— Não consegui contactá-los por rádio.

O homem encolheu os ombros. — É melhor ir a bordo.

Passar da lancha para o *Clipper* envolvia um pequeno salto da coberta da lancha para a plataforma criada pela porta da proa aberta. Mais uma vez, Mervyn saltou primeiro. Nancy descalçou os sapatos, enfiou-os dentro do casaco e seguiu-o. Estava um pouco nervosa, mas acabou por não ter dificuldade.

No compartimento da proa encontrou um jovem que não reconheceu.

Mervyn perguntou: — O que aconteceu aqui?

— Amaragem de emergência — respondeu ele. — Estávamos a pescar e assistimos a tudo.

— Que se passa com o rádio?

— Não sei.

Nancy concluiu que o jovem não era muito esperto, e Mervyn deve ter pensado o mesmo, pois disse-lhe, impaciente: — É melhor eu falar com o comandante.

— Vá por aí... estão todos na sala de jantar.

Nancy pensou, divertida, que o rapaz, com os seus sapatos de duas cores e gravata amarela, não estava apropriadamente vestido para a pesca. Seguiu Mervyn pela escada acima até à cabina de pilotagem, que se encontrava deserta, o que explicava por que motivo Mervyn não conseguira contactar o *Clipper* por rádio. Mas *por que motivo* se encontravam todos na sala de jantar? Era estranho a tripulação inteira ter abandonado a cabina de pilotagem.

Começou a sentir-se inquieta enquanto descia as escadas para a cabina dos passageiros. Mervyn seguiu à frente até ao 2.º compartimento e estancou de súbito.

Olhando para além dele, Nancy viu Mr. Membury no chão numa poça de sangue. Levou uma mão à boca para abafar um grito de horror. — Santo Deus, o que é que aconteceu? — admirou-se Mervyn.

Por trás deles, o jovem da gravata amarela disse-lhes: — Continuem a andar. — A voz dele soava agora mais dura.

Nancy virou-se para ele e viu que tinha uma arma na mão. — Foi você quem fez isto? — perguntou-lhe, furiosa.

— Cale a merda da boca e continue a andar!

Entraram na sala de jantar.

Havia lá mais três homens armados. Um homem alto de fato risca de giz parecia ser quem mandava. Um homenzinho com uma expressão maldosa encontrava-se ao lado da mulher de Mervyn,

afagando-lhe os seios descontraidamente. Ao ver aquilo, Mervyn soltou uma praga. O terceiro era um dos passageiros, Mr. Luther. Apontava a arma a outro passageiro, o professor Hartmann. O comandante e o engenheiro também estavam presentes, parecendo impotentes. Viam-se vários passageiros sentados às mesas, mas a maioria dos pratos e dos copos havia caído ao chão, partindo-se. Nancy avistou Margaret Oxenford, pálida e assustada, e, de súbito, recordou-se da conversa em que lhe dissera com todo o à-vontade que as pessoas normais não precisavam de se preocupar com gângsteres, pois eles só atuavam nos bairros pobres. Que estúpida!

Mr. Luther falava. — Os deuses estão do meu lado, Lovesey. Você chegou num hidroavião exatamente quando precisávamos de um. Pode levar-nos, a mim, a Mr. Vincini e aos nossos sócios, sobrevoando o navio da Marinha que o traíçoeiro Eddie Deakin chamou para nos apanhar.

Mervyn fitou-o com dureza e não respondeu.

O homem do fato às riscas interveio: — Vamos pôr-nos a andar, antes de a Marinha ficar impaciente e vir investigar. *Miúdo*, tu levas o Lovesey. A namorada dele pode ficar aqui.— OK, Vinnie.

Nancy não sabia bem o que se passava, mas tinha a certeza de que não queria ficar para trás: se Mervyn estava metido num sarilho, preferia manter-se ao seu lado. Todavia, ninguém lhe perguntara o que queria.

O homem de nome Vincini continuou a dar instruções: — Luther, tu levas o boche.

Nancy perguntou-se por que razão levavam Carl Hartmann. Partira do princípio de que tudo aquilo tinha algo a ver com Frankie Gordino, mas este não se avistava.

Vincini continuou: — Joe, traz a loura.

O homenzinho apontou a arma ao peito de Diana Lovesey. — Vamos — ordenou. Ela não se mexeu.

Nancy estava horrorizada. Por que razão estavam a raptar Diana? Teve a sensação horrível de que sabia a resposta.

Joe empurrou o cano da arma contra os seios macios de Diana,

carregando com força, e ela soltou uma exclamação de dor.

— Espere aí — disse Mervyn.

Olharam todos para ele.

— Muito bem, eu levo-vos para fora daqui, mas tenho uma - condição.

— Cale-se e mexa-se. Você não pode impor condições nenhuma.

Mervyn abriu os braços. — Então, mate-me — desafiou.

Nancy soltou um grito de medo. Aquela gente era do género de disparar sobre quem os desafiasse. Mervyn não saberia isso?

Fez-se um momento de silêncio e depois Luther perguntou: — Que condição?

Mervyn apontou para Diana. — Ela fica.

Joe lançou-lhe um olhar capaz de o matar.

Vincini disse: — Não precisamos de ti, merdoso. Há um monte de pilotos da Pan American além e qualquer deles sabe pilotar o hidroavião tão bem como tu.

— E todos eles exigirão a mesma condição — respondeu Mervyn. — Pergunte-lhes... se tiver tempo.

Nancy percebeu que os gângsteres não sabiam que havia outro piloto no *Ganso*, não que isso fizesse muita diferença.

Luther disse a Joe: — Deixa-a ficar.

O homenzinho corou de raiva. — Diacho, por...

— Deixa-a ficar! — gritou Luther. — Paguei-te para raptar o - Hartmann, não para violares mulheres!

Vincini interveio: — Ele tem razão, Joe. Podes arranjar outra rata mais tarde.

— OK, OK — acedeu Joe.

Diana começou a chorar de alívio.

— Estamos a ficar atrasados, vamos pôr-nos a andar daqui — disse Vincini.

Nancy pensou se voltaria a ver Mervyn.

Do exterior chegou-lhes o som de uma buzina. O capitão da lancha estava a tentar chamar-lhes a atenção.

Aquele a quem chamavam *Miúdo* disse da outra sala: — Granda

porra, chefe, olhe lá pela merda da janela!

Harry Marks perdeu os sentidos quando o *Clipper* amarou. Ao primeiro solavanco, estatelou-se por cima da bagagem empilhada; depois, quando já se punha de gatas, o avião deu novo baque no mar e ele foi atirado contra a parede em frente. Bateu com a cabeça e desmaiou.

Quando recuperou a consciência, perguntou-se que diabo se passava.

Sabia que não tinham chegado a Port Washington, pois haviam passado apenas duas horas num voo de cinco. Tratava-se, então, de uma paragem imprevista e pareceu-lhe que a amargura fora de emergência.

Endireitou-se e analisou os ferimentos. Agora sabia por que motivo os aviões tinham cintos de segurança. Sangrava do nariz, tinha uma dor de cabeça tremenda e doía-lhe o corpo quase todo, mas não partira nenhum osso. Limpou o nariz com o lenço e deu-se por feliz.

O porão das bagagens não tinha janelas, claro, não tendo assim forma de saber o que se passava. Ficou sentado em silêncio por um momento, à escuta de uma pista. Os motores tinham sido desligados e houve um longo período de calma.

Depois ouviu um tiro.

Armas de fogo significavam gângsteres e, se os havia a bordo, andavam provavelmente atrás de Frankie Gordino. Ainda mais importante, uma troca de tiros implicava confusão e pânico e, nessas circunstâncias, talvez ele conseguisse escapar.

Tinha de dar uma vista de olhos lá fora.

Abriu a porta uma nesga. Não viu ninguém.

Avançou para o corredor e foi até à porta que dava para a cabina de pilotagem. Parou atrás dela, escutando com atenção. Não ouviu nada.

Devagar e silenciosamente, abriu-a e espreitou.

A cabina encontrava-se vazia.

Passou por cima da soleira saliente com passos leves e

aproximou-se do cimo da escada. Ouviu vozes masculinas a discutir em tom alterado, mas não conseguiu perceber as palavras.

A vigia do *cockpit* estava aberta. Olhando por ela, viu a luz do dia vinda do compartimento da proa. Aproximou-se mais e percebeu que a porta da proa se encontrava aberta.

Endireitou-se, olhou pela janela e viu uma lancha a motor amarrada ao nariz do avião. Havia um homem no convés, de galochas e boné.

Harry apercebeu-se de que podia estar a um passo de escapar.

Ali estava um barco rápido que o podia levar até um ponto solitário da costa. Parecia haver apenas um homem a bordo. Tinha de haver forma de se livrar dele e levar o barco.

Ouviu um passo atrás de si.

Deu meia-volta, o coração a bater descompassadamente.

Era Percy Oxenford.

O rapaz estava parado na porta traseira, tão chocado quanto Harry.

Passado um momento, Percy perguntou: — Onde é que tem estado escondido?

— Isso não interessa — respondeu Harry. — Que se passa lá em baixo?

— Mr. Luther é um nazi que quer mandar o professor Hartmann de novo para a Alemanha. Contratou uns gângsteres para o ajudarem e deu-lhes cem mil dólares numa pasta!

— Caramba — disse Harry, esquecendo-se do sotaque americano.

— E mataram Mr. Membury. Era um guarda-costas da Scotland Yard.

Então, era isso que ele fazia. — A tua irmã está bem?

— Até agora, sim. Mas eles querem levar Mrs. Lovesey com eles por ela ser tão bonita. Espero que não reparem na Margaret...

— Meu Deus, que trapalhada — disse Harry.

— Consegui escapulir-me e subi pelo alçapão ao lado da casa de banho das senhoras.

— Para quê?

— Quero a arma do agente Field. Vi o comandante Baker confiscá-la. — Percy abriu a gaveta da mesa de cartas. Lá dentro havia um

revólver compacto de cano curto, exatamente o tipo de coisa que um homem do FBI poderia trazer debaixo do casaco. — Bem me parecia... é um *Colt .38 Detective Special* — disse Percy. Pegou nele, abriu-o como um especialista e fez girar o cilindro.

Harry abanou a cabeça. — Acho que isso não é lá grande ideia. Ainda te matam. — Agarrou o pulso do rapaz, tirou-lhe a arma, voltou a pô-la no sítio e fechou a gaveta.

Ouviu-se um ruído forte vindo do exterior. Harry e Percy olharam ambos pela janela e viram um hidroavião a descrever círculos em volta do *Clipper*. Quem diabo seria? Passado um momento, começou a descer. Amarou, aproveitando uma onda, e deslizou em direção ao *Clipper*.

— E agora? — perguntou Harry. Virou-se e percebeu que Percy desaparecera. A gaveta estava aberta.

E a arma desaparecera.

— Bolas — desabafou.

Saiu pela porta traseira. Atravessou rapidamente os porões, passou sob a cúpula do navegador, percorreu um compartimento baixo e espreitou por uma segunda porta.

Percy apressava-se ao longo de uma passagem que ia ficando mais baixa e mais estreita à medida que se aproximava da cauda do avião. Naquele espaço a estrutura não era revestida, com escoras e rebites à mostra e cabos estendidos pelo chão. O espaço era obviamente um vão não utilizado que ficava por cima da metade traseira do deque dos passageiros. Ao fundo havia luz, e Harry viu Percy desaparecer por uma abertura quadrada. Recordou-se de ter visto uma escada vertical na parede ao lado da casa de banho das senhoras, encimada por um alçapão.

Já não conseguiria alcançar Percy, era demasiado tarde.

Lembrou-se de Margaret comentar que todos eles sabiam disparar, que era uma obsessão familiar, mas o rapaz nada sabia sobre gângsteres. Se se atravessasse no caminho deles, abatiam-no como um cão. Harry gostava do rapaz, mas os sentimentos dele não lhe interessavam tanto como os de Margaret. Não queria que ela visse o

irmão a ser morto, mas que diabo podia fazer?

Regressou à cabina de pilotagem e olhou para fora. O hidroavião estava a ser amarrado à lancha. Ou as pessoas do avião iam entrar no *Clipper* ou vice-versa; fosse como fosse, alguém haveria de passar em breve pela cabina de pilotagem. Harry tinha de sair do caminho por uns momentos. Saiu pela porta traseira, deixando-a ligeiramente aberta para ouvir o que se passava.

Em breve alguém subiu as escadas, vindo da cabina dos passageiros, e desceu ao compartimento da proa. Uns minutos mais tarde, umas quantas pessoas, duas ou três, regressaram. Harry escutou os passos a descender as escadas e depois apareceu.

Teriam trazido ajuda ou reforços para os gângsteres? Não fazia ideia.

Foi até ao topo das escadas e hesitou. Decidiu arriscar-se um pouco para tentar ouvir alguma coisa. Desceu até à curva das escadas e espreitou. Avistou a pequena copa, que estava vazia. Que faria agora, se o marinheiro da lancha decidisse vir a bordo do *Clipper*? *Ouvia-o aproximar-se*, pensou, *e enfiava-me na casa de banho*. Continuou a descer, um degrau de cada vez, parando e escutando. Ao chegar ao fundo, ouviu uma voz. Reconheceu-a como sendo de Tom Luther, no seu sotaque americano instruído, mas com um traço qualquer de origem europeia. «Os deuses estão do meu lado, Lovesey — dizia ele. — Você chegou num hidroavião exatamente quando precisávamos de um. Pode levar-nos, a mim, a Mr. Vincini e aos nossos sócios, sobrevoando o navio da Marinha que o traiçoeiro Eddie Deakin chamou para nos apanhar.»

Aquilo respondia à sua dúvida. O hidroavião ia permitir a fuga de Luther e de Hartmann.

Harry voltou a subir as escadas silenciosamente. A ideia de o pobre Hartmann ser devolvido aos nazis era desoladora, mas talvez ele deixasse que acontecesse, não era nenhum herói. Contudo, o jovem Percy Oxenford iria fazer uma estupidez a qualquer momento, e Harry não podia ficar de lado e deixar que o irmão de Margaret fosse morto. Tinha de entrar primeiro, criar uma distração, estragar os

planos do gangue de alguma maneira, para bem dela.

Olhando para o compartimento da proa, viu uma corda amarrada a uma escora e sentiu-se inspirado.

Percebeu de súbito de que forma podia criar a tal distração e talvez livrar-se também de um dos gângsteres.

Primeiro tinha de desamarrar os cabos e deixar a lancha à deriva.

Passou pela escotilha e desceu a escada.

O coração batia-lhe mais depressa. Estava assustado.

Não pensou no que diria se alguém o apanhasse naquele momento. Inventaria algo, como de costume.

Atravessou o compartimento. Como calculara, o cabo vinha da lancha.

Estendeu a mão para a escora, desfez o nó e deixou cair o cabo no chão.

Olhou para fora e viu que havia um segundo cabo que ia da proa da lancha até ao nariz do *Clipper*. Bolas! Teria de sair para a plataforma para o alcançar, o que significava ser visto.

Porém, agora não podia desistir e tinha de se apressar. Percy estava lá dentro, como Daniel no covil dos leões.

Foi até à plataforma. O cabo estava amarrado a um cabrestante que se projetava do nariz da aeronave. Desatou-o rapidamente.

Ouviu um grito da lancha. — Ei, você aí, o que é que está a fazer?

Não olhou. Esperava que o tipo não estivesse armado.

Tirou o cabo do cabrestante e atirou-o para o mar. — Ei, você!

Harry deu meia-volta e viu o mestre da lancha de pé no convés a gritar. Felizmente, não estava armado. O homem pegou na ponta do outro cabo e puxou. O cabo deslizou para fora do compartimento da proa e caiu na água.

O homem entrou na casa do leme e pôs o motor a trabalhar.

A parte seguinte era mais perigosa.

Os gângsteres levariam apenas uns minutos a reparar que a lancha estava à deriva, o que os deixaria confusos e alarmados. Um deles viria investigar e amarrar de novo a lancha. E então...

Harry estava demasiado assustado para pensar no que faria então.

Correu escada acima, atravessou a cabina de pilotagem e escondeu-se de novo na zona de carga.

Sabia que era mortalmente perigoso brincar assim com gângsteres e sentia-se gelar ao pensar no que eles lhe fariam se o apanhassem.

Durante um longo minuto, nada aconteceu. *Vá lá, pensou ele, despachem-se e olhem pela janela! A vossa lancha está à deriva... Têm de reparar nisso antes que eu perca a coragem.*

Por fim ouviu passos pesados e rápidos a subir a escada e a atravessar a cabina. Para sua consternação, pareciam ser dois homens. Não contara ter de lidar com dois.

Quando calculou que já deviam ter descido para o compartimento da proa, espreitou. Ninguém. Atravessou a cabina e olhou pela escotilha. Dois homens de arma em punho olhavam pela porta da proa. Mesmo sem as armas, Harry teria adivinhado que eram vigaristas pelas suas roupas aparatosas. Um era um homenzinho feio com ar maldoso; o outro era muito novo, com cerca de dezoito anos.

Talvez seja melhor ir esconder-me, pensou Harry.

O mestre manobrava a lancha, ainda com o hidroavião amarrado. Os dois gângsteres teriam de amarrar de novo a lancha ao *Clipper*, o que não podiam fazer com as armas na mão. Harry esperou que as guardassem.

O mestre gritou qualquer coisa que Harry não percebeu e, momentos depois, os dois bandidos enfiaram-nas no bolso e passaram para a plataforma.

Com o coração na boca, Harry desceu a escada para o compartimento da proa.

Os homens tentavam apanhar um cabo que o mestre lhes lançava, totalmente concentrados no que faziam. Assim, ao princípio não o viram.

Atravessou o espaço furtivamente.

Ia a meio caminho quando o mais novo agarrou o cabo. O outro homem, o baixote, virou-se um pouco e viu Harry. Levou a mão ao bolso e tirou a arma no momento exato em que Harry o alcançava.

Teve a certeza de que estava prestes a morrer.

Desesperado, sem pensar, baixou-se, agarrou o tornozelo do homem e puxou.

Ouviu-se um tiro, mas Harry não sentiu nada.

O homem cambaleou, quase caiu, largou a arma e agarrou-se ao companheiro para se equilibrar.

O mais novo perdeu o equilíbrio e largou o cabo. Por um momento, vacilaram, agarrados um ao outro. Harry continuava a segurar o tornozelo do baixote e deu-lhe um novo puxão.

Ambos os homens caíram da plataforma e mergulharam no mar agitado.

Harry soltou um grito de triunfo.

Afundaram-se, voltaram à superfície e começaram a debater-se. Harry percebeu que nenhum sabia nadar.

— É pelo Clive Membury, seus canalhas! — gritou-lhes.

Não ficou à espera de ver o que lhes aconteceria. Tinha de saber o que se estava a passar no deque dos passageiros. Atravessou rapidamente o compartimento da proa, galgou a escada, entrou na cabina de pilotagem e, pé ante pé, desceu a escada.

No último degrau, parou e ficou à escuta.

Margaret conseguia ouvir o bater do seu próprio coração.

Soava-lhe nos ouvidos como um timbale, rítmico e insistente e tão alto que imaginou que as outras pessoas o ouvissem também.

Nunca estivera tão assustada na vida, e o medo que sentia envergonhava-a.

Assustara-se com a amargura de emergência, o aparecimento súbito das armas, a forma desconcertante como Frankie Gordino, Mr. Luther e o engenheiro trocavam de papéis constantemente e a brutalidade indiferente daqueles rufias nos seus fatos horríveis; mas o que a deixava mais assustada era o facto de Mr. Membury, sempre tão discreto, jazer morto no chão.

Sentia-se tão assustada que nem se mexia, o que a envergonhava.

Havia anos que falava de como queria combater o fascismo, e agora surgira a oportunidade. Ali mesmo, na sua frente, um fascista

raptava Carl Hartmann para o levar de novo para a Alemanha. E ela nada podia fazer porque o medo a paralisava.

Afinal, talvez não houvesse nada que pudesse fazer; talvez só conseguisse ser morta, mas tinha de tentar, e sempre dissera que estava disposta a arriscar a vida pela causa e pela memória de Ian.

Percebeu que o pai tivera razão em desdenhar das suas pretensões de bravura. O heroísmo existia apenas na sua imaginação. O sonho de ser estafeta de moto no campo de batalha não passava de uma fantasia: ao som dos primeiros tiros esconder-se-ia numa sebe. Quando havia um perigo real, era completamente inútil. Ficou sentada, imóvel, enquanto o coração lhe martelava os ouvidos.

Não pronunciara uma única palavra enquanto o *Clipper* amarava, os gângsteres entravam a bordo e Nancy e Mr. Lovesey chegavam no pequeno hidroavião. Continuou em silêncio quando o rufia de nome *Miúdo* avistou a lancha à deriva e o tal Vincini mandou Joe e o outro ajudar a amarrá-la de novo.

Contudo, ao ver o *Miúdo* e Joe a afogarem-se, gritou.

Estivera a olhar fixamente pela janela, olhando as ondas sem realmente as ver, quando os dois homens surgiram no seu campo de visão. O *Miúdo* tentava manter-se a flutuar, mas Joe agarrara-se-lhe às costas, empurrando o amigo para baixo ao tentar salvar-se. Era uma visão horrível.

Quando ela gritou, Luther correu à janela e olhou. — Eles estão dentro de água! — berrou, histérico.

Vincini perguntou: — Quem... o *Miúdo* e o Joe?

— Sim!

O mestre da lancha atirou-lhes uma corda mas os homens não a viram: Joe esbracejava, cego de pânico, e empurrava a cabeça do *Miúdo* para debaixo de água.

— Faz alguma coisa! — bradou Luther, ele próprio à beira do pânico.

— O quê? — perguntou Vincini. — Não podemos fazer nada. Os idiotas é que não têm esperteza para se salvarem!

Os dois homens foram levados para perto da asa de flutuação. Se tivessem mantido a calma, teriam subido para cima dela e salvavam-se, mas nem sequer a viram.

A cabeça do *Miúdo* submergiu e não voltou a aparecer.

Joe perdeu o contacto com ele e engoliu uma grande porção de água. Margaret ouviu um grito rouco, abafado pelas instalações à prova de som do *Clipper*. A cabeça de Joe submergiu, voltou à superfície e voltou a desaparecer pela última vez.

Margaret estremeceu. Estavam ambos mortos.

— Como é que aconteceu isto? — perguntou Luther. — Como é que eles caíram à água?

— Talvez tivessem sido empurrados — sugeriu Vincini.

— Por quem?

— Deve haver mais alguém neste maldito avião.

O Harry!, pensou Margaret.

Seria possível? Poderia Harry encontrar-se ainda a bordo? Ter-se-ia escondido algures enquanto a polícia o procurava e saído após a amargura de emergência? Teria sido ele a empurrar os dois gângsteres para o mar?

Depois pensou no irmão. Percy desaparecera depois de a lancha ser amarrada ao *Clipper*, e ela pensara que ele tinha ido à casa de banho e decidido manter-se afastado. Isso, porém, não era nada próprio dele. Tinha mais tendência para procurar sarilhos. Margaret sabia que ele descobrira uma forma alternativa de subir à cabina de pilotagem. Qual seria a sua ideia?

Luther disse: — Esta coisa está a descontrolar-se! Que vamos fazer?

— Vamos no hidroavião, tal como planeámos, tu, eu, o boche e o dinheiro — respondeu Vincini. — Se alguém se atravessar à nossa frente, espeta-lhe um tiro na barriga. Acalma-te e vamos.

Margaret teve a horrível premonição de que iriam cruzar-se com Percy nas escadas e que seria ele a levar a tal bala.

Então, quando os três homens iam a sair da sala de jantar, ouviu a voz de Percy, vinda da parte de trás do avião.

O rapaz gritou a plenos pulmões: — Parem imediatamente!

Para espanto da irmã, empunhava uma arma e apontava-a diretamente a Vincini.

Tratava-se de um revólver de cano curto, e Margaret adivinhou de imediato que devia ser o *Colt* que fora confiscado ao agente do FBI. Agora Percy segurava-o na sua frente, os braços esticados, como se fizesse pontaria a um alvo.

Vincini virou-se lentamente.

Margaret estava orgulhosa de Percy, embora receasse pela vida do irmão.

A sala de jantar estava cheia. Atrás de Vincini, ao lado do lugar de Margaret, encontravam-se Luther e Hartmann, o primeiro com a arma encostada à cabeça do segundo. Do outro lado do compartimento, estavam Nancy, Mervyn Lovesey, Diana Lovesey, o engenheiro e o comandante. A maioria dos lugares estava ocupada.

Vincini olhou para Percy por um longo momento e depois disse: — Põe-te a andar, miúdo.

— Largue a arma — insistiu Percy na sua voz instável de adolescente.

Vincini moveu-se com uma velocidade surpreendente. Baixou-se sobre um dos lados e ergueu a arma. Ouveu-se um tiro. O estouro ensurdeceu Margaret; ouviu um grito distante e percebeu que era a sua própria voz. Não sabia quem disparara sobre quem. Percy parecia estar bem. Então, Vincini cambaleou e caiu, o sangue a jorrar-lhe do peito. Deixou cair a mala, que se abriu. O sangue salpicou os maços de notas.

Percy largou a arma e ficou a olhar, horrorizado, para o homem que alvejara. Parecia prestes a rebentar em lágrimas.

Todos olharam para Luther, o último do gangue e o único que ainda estava armado.

Carl Hartmann fez um movimento súbito, soltando-se da mão do outro enquanto ele estava distraído, e atirou-se ao chão. Margaret tinha um medo terrível que fosse morto; depois pensou que Luther iria disparar sobre Percy, mas o que de facto aconteceu apanhou-a

completamente de surpresa.

Luther agarrou-a a ela.

Puxou-a do assento e segurou-a na sua frente com a arma encostada à cabeça dela, tal como fizera com Hartmann.

Todos se imobilizaram.

Ela estava demasiado aterrorizada para se mover, falar ou até gritar. O cano da arma enterrava-se-lhe dolorosamente na têmpora. Luther tremia, tão assustado como ela. No silêncio que se instalara, disse: — Hartmann, vá até à porta da proa e entre na lancha. Faça o que lhe mando ou quem paga é a rapariga.

De súbito, Margaret sentiu uma calma terrível descer sobre si. Via com uma clareza medonha que Luther fora de uma astúcia incrível. Se se tivesse limitado a apontar a arma a Hartmann, este poderia ter dito: «Atire, prefiro morrer a voltar para a Alemanha.» Agora, porém, era a vida dela que estava em jogo. Hartmann talvez estivesse preparado para sacrificar a própria vida, mas não faria isso a uma jovem.

Lentamente, o cientista levantou-se.

Tudo dependia dela, compreendeu Margaret com uma lógica fria e temerosa. Podia salvar Hartmann, sacrificando a sua própria vida. *Não é justo, pensou, não contava com isto, não estou pronta, não consigo.*

Cruzou o olhar com o do pai, que parecia horrorizado.

Naquele momento horrível, lembrou-se de como ele escarnecera dela, dizendo que era demasiado mole para lutar, que não duraria um dia no STA.

Teria razão?

Bastava-lhe mover-se. Talvez Luther a matasse, mas os outros homens saltariam em cima dele antes que pudesse fazer o que quer que fosse, e Hartmann ficaria a salvo.

O tempo passou tão lentamente como num pesadelo.

Eu consigo, pensou com a mesma serenidade gelada.

Inspirou fundo e pensou: *Adeus a todos.*

De súbito, ouviu a voz de Harry atrás de si. — Mr. Luther, penso

que chegou o seu submarino.

Todos olharam pelas janelas.

Margaret sentiu a pressão do cano da arma na têmpora aliviar um pouco; Luther distraíra-se por um momento.

Baixou a cabeça, torceu-se e libertou-se.

Ouviu-se um tiro, mas ela não sentiu nada.

Todos se moveram simultaneamente.

O engenheiro, Eddie, passou por ela em voo e caiu pesadamente em cima de Luther.

Margaret viu Harry agarrar a mão de Luther que empunhava a arma e arrancar-lha.

Luther estatelou-se no chão com Eddie e Harry em cima dele.

Margaret apercebeu-se de que continuava viva.

De súbito sentiu-se tão fraca como um bebé e deixou-se cair, desamparada, num assento.

Percy correu para ela, e abraçaram-se. O tempo parara. Ela ouviu a sua própria voz perguntar: — Estás bem?

— Acho que sim — retorquiu ele, abalado.

— És tão corajoso!

— E tu também!

Sim, pensou ela, *fui corajosa*.

Os passageiros começaram a gritar ao mesmo tempo até que o comandante Baker berrou: — Calados, todos, por favor!

Margaret olhou em redor.

Luther continuava no chão, de cara para baixo, bem seguro e inofensivo, com Eddie e Harry em cima dele. O perigo no interior do avião terminara. Olhou para fora. O submarino flutuava na água qual grande tubarão-cinzento, o casco de aço molhado a brilhar ao sol.

O comandante disse: — Há um navio da Marinha aqui perto e vamos contactá-lo por rádio imediatamente e informá-los da presença do submarino. — A tripulação viera do 1.º compartimento, e o comandante dirigiu-se ao operador de rádio: — Vai lá ligar, Ben.

— O comandante do submarino pode ouvir a nossa mensagem e fugir.

— Espero que sim — resmungou o comandante. — Os nossos passageiros já viram perigo suficiente.

O operador de rádio subiu as escadas para a cabina de pilotagem.

Continuavam todos a olhar para o submarino, cuja escotilha permanecia fechada. O comandante devia estar à espera para ver o que acontecia.

O comandante Baker prosseguiu: — Há um gângster que ainda não apanhámos, e gostava de o trazer para aqui, o mestre da lancha. Eddie, vai à porta da proa e engana-o para ele vir, diz-lhe que o Vincini precisa dele.

Eddie saiu de cima de Luther e foi-se embora.

O comandante falou com o navegador: — Junta todas estas malditas armas e tira-lhes as munições. — Ao aperceber-se de que praguejara, acrescentou: — Perdoem a minha linguagem, minhas senhoras.

Tinham ouvido tantos palavrões da boca dos gângsteres que Margaret se riu por ele pedir desculpa por ter dito «malditas»; os outros passageiros ali perto riram-se também. Primeiro Baker pareceu desconcertado, mas depois percebeu a piada e sorriu.

O riso era sinal de que estavam fora de perigo, e alguns passageiros começaram a descontrair-se. Margaret sentia-se ainda esquisita: tremia como se estivesse um frio de rachar.

O comandante empurrou Luther com a ponta do sapato e dirigiu-se a outro membro da tripulação: — Johnny, enfia este tipo no primeiro compartimento e vigia-o bem.

Harry soltou Luther, e um dos tripulantes levou-o.

Harry e Margaret olharam um para o outro.

Ela imaginara que ele a abandonara, pensara que nunca mais o veria e tivera a certeza de que ia morrer. De súbito, era insuportavelmente maravilhoso estarem ambos vivos e juntos. Ele sentou-se a seu lado, e ela atirou-se-lhe para os braços. Abraçaram-se com força.

Passado um pouco, ele sussurrou-lhe ao ouvido: — Olha lá para fora.

O submarino submergia lentamente.
Margaret sorriu para Harry e depois beijou-o.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Depois de tudo terminar, Carol-Ann não era capaz de tocar em Eddie.

Sentada na sala de jantar, bebericava café com leite quente que o comissário Davy lhe preparara. Pálida e trémula, continuava a dizer que estava bem. Todavia, contraía-se sempre que Eddie lhe agarrava a mão.

Sentado próximo dela, contemplava-a, mas ela não olhava para ele. Conversaram em voz baixa sobre o que tinha sucedido. Ela contou-lhe obsessivamente, vezes sem conta, como os homens lhe tinham irrompido em casa e a haviam arrastado para um automóvel. — E eu estava a pôr ameixas nos frascos! — insistia em dizer, como se esse fosse o aspeto mais ultrajante de todo o episódio.

— Agora já acabou — dizia ele de todas as vezes, e ela acenava com a cabeça vigorosamente, mas Eddie via que não acreditava.

Por fim, olhou para ele e perguntou: — Quando é que voas outra vez?

Foi nesse momento que percebeu. Assustava-a ficar sozinha em casa. Eddie sentiu-se aliviado: sobre isso podia tranquilizá-la sem dificuldade. — Nunca mais vou voar — disse-lhe. — Vou pedir a demissão de imediato. Se assim não fosse, ver-se-iam obrigados a despedir-me. Não podem dar emprego a um engenheiro que fez o avião amarrar de emergência deliberadamente, como eu fiz.

O comandante Baker ouviu parte da conversa e interrompeu-o: — Eddie, há uma coisa que tenho para te dizer. Compreendo o que fizeste. Foste posto numa posição impossível e lidaste com ela da melhor maneira. Mais do que isso, não conheço ninguém que o tivesse feito tão bem. Foste corajoso e inteligente, e sinto muito orgulho em voar contigo.

— Muito obrigado, comandante — agradeceu Eddie com um nó na garganta. — Nem sei explicar como isso me faz sentir bem. — Pelo canto do olho, avistou Percy Oxenford, que, sentado sozinho, exibia

um ar chocado. — Acho que devíamos todos agradecer ao jovem Percy. Foi ele o herói do dia!

Percy ouviu-o e ergueu o olhar.

— Bem dito — disse o comandante. Deu uma palmadinha no ombro de Eddie e foi apertar a mão do rapaz. — É um jovem muito corajoso, Percy.

Percy pareceu animar-se instantaneamente. — Muito obrigado! — agradeceu.

O comandante sentou-se a falar com ele, e Carol-Ann perguntou a Eddie: — Se não vais voar, que vamos nós fazer?

— Vou montar o negócio de que temos andado a falar.

Ele viu-lhe a esperança no rosto, mas ela continuava incrédula. — E podemos?

— Tenho dinheiro suficiente para comprar o campo, e peço emprestado o que for preciso para começar.

Carol-Ann parecia cada vez mais animada. — E podemos geri-lo juntos? — perguntou. — Eu podia fazer a contabilidade e atender o telefone quando estiveres a fazer reparações ou abastecimentos.

Ele sorriu e assentiu. — Claro que sim, pelo menos até o bebé nascer.

— Tal como um negócio de família.

Ele estendeu a mão e tomou a dela. Daquela vez, ela não se retraiu; ao invés, apertou-lha. — Sim, de família — concordou ele, e por fim ela sorriu.

Nancy abraçava Mervyn quando Diana se aproximou e deu uma pancadinha no ombro dele.

Nancy ficara contentíssima de alívio pelo prazer de estar viva e com o homem que amava. Agora interrogava-se se Diana viria ensombrar esse momento. Deixara o marido sem estar plenamente decidida e desde aí mostrara alguns sinais de arrependimento. Ele acabara de provar que ainda lhe tinha estima ao negociar com os gângsteres para a salvarem. Estaria prestes a pedir-lhe que a aceitasse de volta?

Mervyn virou-se e deitou um olhar cauteloso à mulher. — Sim, Diana...

As lágrimas molhavam-lhe a face, mas a expressão era resoluta. — Damos um aperto de mãos? — perguntou.

Nancy não sabia o que significaria aquilo, e o comportamento precavido de Mervyn dizia-lhe que também ele não tinha certezas. - Contudo, estendeu-lhe a mão, dizendo: — Claro que sim.

Diana tomou-lhe a mão nas suas. Mais lágrimas brotaram-lhe dos olhos, e Nancy teve a certeza de que estava prestes a dizer: «Vamos tentar de novo.» Ao invés, ela disse: — Boa sorte, Mervyn. Desejo que sejas muito feliz.

A expressão de Mervyn era solene. — Obrigado, Di. Também te desejo as maiores felicidades.

Então Nancy percebeu: estavam a perdoar-se mutuamente as mágoas que tinham infligido um ao outro. Levariam o divórcio para a frente, mas separar-se-iam como amigos.

Num impulso, Nancy perguntou: — E a mim, Diana, dá-me um aperto de mão?

A mulher hesitou apenas por uma fração de segundo. — Sim — acedeu, e apertaram as mãos. — Desejo que tudo lhe corra bem — disse Diana.

— Igualmente para si.

Diana virou costas sem dizer mais nada e dirigiu-se para o seu compartimento em direção à proa.

Mervyn inquiriu: — E nós? Que vamos nós fazer?

Ela reparou que ainda não tivera tempo de lhe contar os seus projetos. — Eu vou ser a gerente para a Europa do Nat Ridgeway.

Mervyn ficou surpreso. — Quando é que ele te ofereceu o emprego?

— Não ofereceu, mas vai oferecer — disse ela com uma risada de felicidade.

Nancy ouviu o som de um motor. Não se tratava de um dos poderosos motores do *Clipper*, mas sim um mais pequeno. Olhou pela janela, perguntando-se se a Marinha tinha chegado.

Para surpresa dela, viu que a lancha a motor dos bandidos havia sido desamarrada do *Clipper* e do pequeno hidroavião e se afastava rapidamente.

Mas quem estaria ao leme?

Margaret acelerou a fundo, afastando a lancha do *Clipper*.

O vento soprava-lhe no rosto, e soltou um hurra do mais puro júbilo. — Livre! — gritou. — Estou livre!

Ela e Harry tinham ficado na coxia do *Clipper*, a pensar no que fariam em seguida, quando Eddie, o engenheiro, levou o mestre da lancha pela escada e o pôs no 1.º compartimento, junto de Luther. Fora nesse instante que ambos tinham tido a mesma ideia.

Os passageiros e a tripulação estavam demasiado ocupados a congratularem-se uns aos outros para repararem em Margaret e em Harry, enquanto ambos se escapuliam pelo compartimento da proa e entravam a bordo da lancha. O motor estava a trabalhar. Harry desamarrara os cabos, enquanto Margaret estudava os comandos, que eram semelhantes ao barco do pai em Nice, e fugiram em segundos.

Ela achava que não seriam seguidos. O cúter da Marinha mandado chamar pelo engenheiro perseguia um submarino alemão e não era crível que se interessasse por um homem que roubara uns botões de punho em Londres. Quando a polícia chegasse, teria assassinio, rapto e sequestro para investigar. Levaria muito tempo até que se preocupasse com Harry.

Harry remexeu num compartimento e encontrou umas cartas náuticas. Depois de as estudar por um bocado, disse: — Há muitas cartas da área em volta de uma baía que se chama Black's Harbour, que se situa exatamente na fronteira dos Estados Unidos com o Canadá. Acho que devemos estar perto. Temos de rumar para o lado canadiano.

Um pouco depois disse: — Há um sítio grande a cerca de setenta e cinco milhas para norte, chamado St. John. Tem uma estação ferroviária. Estamos a ir para norte?

Ela verificou a bússola. — Sim, mais ou menos.

— Não percebo nada de navegação, mas, se continuarmos à vista da costa, acho que não nos podemos enganar. Devemos chegar lá ao anoitecer.

Margaret sorriu-lhe.

Ele pousou as cartas e ficou a seu lado, ao leme, olhando-a fixamente.

— O que foi? — quis ela saber. — O que é?

Ele abanou a cabeça como se incrédulo. — És tão bonita — afirmou. — E gostas de mim!

Ela riu-se. — Qualquer pessoa que te conheça gosta de ti.

Harry rodeou-lhe a cintura com um braço. — Isto é uma coisa do outro mundo, a navegar ao sol, com uma rapariga como tu. A minha mãe sempre me disse que eu era um tipo com sorte e tinha razão, não tinha?

— O que é que fazemos quando chegarmos a St. John? — perguntou.

— Deixamos a lancha numa praia, vamos até à cidade, arranjam um quarto para passar a noite e apanhamos o primeiro comboio da manhã.

— Não sei como vamos fazer em relação ao dinheiro — proferiu ela num tom preocupado.

— Sim, é um problema. Só tenho algumas libras, e temos de pagar os hotéis, os bilhetes de comboio, roupas novas...

— Quem me dera ter trazido a minha maleta, como tu.

— Não é a minha — disse com um olhar travesso. — É a de Mr. Luther.

Ela ficou intrigada. — E por que razão é que trouxeste a maleta de Mr. Luther?

— Porque tem lá dentro cem mil dólares — respondeu e desatou a rir-se às gargalhadas.

POSFÁCIO

A era de ouro dos hidroaviões foi efêmera.

Foram construídos apenas doze *Boeing B-314*, seis do modelo inicial e outros seis de uma versão ligeiramente modificada, a que chamaram *Boeing B-314A*. Nove foram entregues às Forças Armadas dos Estados Unidos nos primeiros tempos da guerra. Um deles, o *Dixie Clipper*, levou o presidente Roosevelt à conferência de Casablanca em janeiro de 1943. Um outro, o *Yankee Clipper*, despenhou-se em Lisboa em fevereiro de 1943, no único acidente na história desta aeronave, do qual resultaram vinte e nove vítimas mortais.

Os três aviões que a Pan American não entregou aos militares norte-americanos foram vendidos ao Reino Unido, tendo sido igualmente utilizados para transportar VIP na travessia do Atlântico: Churchill voou em dois deles, o *Bristol* e o *Berwick*.

A grande vantagem dos hidroaviões era não necessitarem de longas pistas de betão, que eram muito dispendiosas. Durante a guerra, porém, foram construídas extensas pistas em muitas partes do mundo para acomodarem bombardeiros pesados, e assim a vantagem destas aeronaves acabou por desaparecer.

Depois da guerra, o *B-314* deixou de ser rentável, e, um a um, todos eles foram para a sucata ou simplesmente afundados.

Hoje em dia não resta nenhum.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas e as organizações que me ajudaram nas pesquisas para este livro e a quem agradeço, nomeadamente:

Em Nova Iorque: Pan American Airlines, designadamente a sua bibliotecária, Liwa Chiu;

Em Londres: Lord Willis;

Em Manchester: Chris Makepeace;

Em Southampton: Ray Facey, da Associated British Ports, e Ian Sinclair, da base aérea RAF Hythe;

Em Foynes: Margaret O'Shaughnessy, do Flying Boat Museum;

Em Botwood: Tip Evans, do Botwood Heritage Museum, e o povo hospitaleiro de Botwood;

Em Shediac: Ned Belliveau e sua família, e Charles Allain e o Moncton Museum;

Antigas tripulações da Pan American e outros funcionários que voaram no Clipper: Madeline Cuniff, Bob Fordyce, Lew Lindsey, Jim McLeod, States Mead, Roger Wolin e Stan Zedalis;

Por terem descoberto a maioria dos acima mencionados: Dan Starer e Pam Mendez.